

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
DOUTORADO EM TEORIA LITERÁRIA**

DICIONÁRIO DE ESCRITORAS CATARINENSES

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Teoria Literária.

Prof^a Orientadora: Dra. Zahidé Lupinacci Muzart

CLÁUDIA REGINA SILVEIRA

**FLORIANÓPOLIS,
ABRIL DE 2011.**

DICIONÁRIO DE ESCRITORAS CATARINENSES**CLÁUDIA REGINA SILVEIRA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração Teoria Literária.

Florianópolis, 01 de abril de 2011.

Prof. Stélio Furlan – Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Zahidé Lupinacci Muzart - UFSC (orientadora)

Prof^a Dr^a. Constância Lima Duarte - UFMG

Prof^a Dr^a. Conceição Flores – Universidade Potiguar

Prof^a Dr^a. Zilma Gesser Nunes - UFSC

Prof Dr. Alckmar Luiz dos Santos - UFSC

Prof^a Dr^a. Simone Pereira Schmidt - UFSC

*Ao meu pai (in memoriam), exemplo de vida;
a minha mãe, a Fê e ao Adriano;
ao estimado professor Lauro Junkes (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela inspiração nas horas do desânimo.

Aos amigos invisíveis, pela ajuda concreta.

A minha querida mestra, Zahidé Muzart, pela confiança demonstrada e pelos valiosos ensinamentos.

Aos professores Alckmar e Zilma, pelas caras sugestões na época da qualificação.

Às professoras Simone Schimidt e Cláudia Costa, pela minha inserção no mundo da crítica feminista.

Aos professores e funcionários do Curso de Letras.

Ao Adriano, pela paciência de companheiro deixado de lado.

A Lelé e a Fê pelo apoio incondicional.

A Patrícia, pelas incansáveis horas dedicadas frente ao computador e sem a qual eu não teria alcançado o êxito da edição da tese.

À amiga Lênia, pelo apoio moral que me fez seguir em frente.

Ao grupo de Português do IF-SC, pelo apoio e ajuda no alívio da carga horária.

À amiga Regiane Régis, por ter me ciceroneado em Blumenau.

Às escritoras que colaboraram tão carinhosamente enviando-me e-mails e às que me ajudaram em suas cidades de origem, contribuindo com informações para formar esta tese.

A todos os que me ajudaram direta ou indiretamente durante o período de realização da pesquisa.

Enfim, às escritoras, em geral, que não se deixaram silenciar...

*Há uma escrita de mulheres. Confusa e
embaraçada como elas. [...] No mais das vezes, as
mulheres escrevem segundo o modelo dos homens.
Para eles, as mulheres têm de ser sensuais,
complicadas, motivo de reflexão, submetidas ao
obstáculo da reflexão. Mas não são assim. [...]
Agora começa a haver uma literatura feminina,
uma forma de a mulher se interrogar; mas ainda só
balbucia.*

(Agustina Bessa-Luís. 1985)

RESUMO

O ato de escrever foi, por muitos anos, considerado de domínio masculino. Aos poucos, as mulheres foram transgredindo normas e conquistando também esse espaço; contudo, a escrita de autoria feminina não esteve muito presente na formação da literatura brasileira e, consequentemente, no cânone literário. Em Santa Catarina (e na maior parte do país), o aparecimento efetivo da literatura escrita por mulheres se dá no século XIX. Diversas foram as escritoras que publicaram seus textos (basicamente poemas) em jornais; no entanto, suas publicações em livro eram muito limitadas. A partir do século XX, principalmente após os anos 1970, motivadas pelo feminismo e seus consequentes reflexos políticos e sociais, as mulheres intensificam sua vida intelectual e começam a ter maior acesso ao mundo das publicações. A fim de demonstrar essa tese, esta pesquisa teve como objetivo organizar um dicionário literário de mulheres catarinenses, contemplando os mais diversos gêneros, como: poesia, contos, crônicas, romances, memórias e literatura infanto-juvenil. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório envolvendo pesquisa de campo em diversas cidades catarinenses. Ao todo, foram organizados 401 verbetes que incluem a biografia e bibliografia das escritoras. Os resultados comprovaram que o gênero predominante na escrita das mulheres em Santa Catarina é a poesia e que as cidades catarinenses que mais publicam são Florianópolis, Blumenau, Joinville, Itajaí e Lages.

Palavras-chave: Escrita de mulheres; literatura catarinense; cânone literário; dicionário literário.

RESUMÉ

L'acte d'écrire a été, pendant longtemps, considéré comme un acte masculin. Peu à peu, les femmes ont essayé de changer les normes et ont commencé à conquérir le droit de participer à la littérature; par contre, l'écriture féminine n'a pas été trop présente à la formation de la littérature brésilienne et, par conséquent, au *canon* littéraire. À Santa Catarina (ainsi que dans la plus grande partie du pays), les premières manifestations de la littérature féminine sont du XIX siècle. Les femmes ont été nombreuses à publier leurs textes (surtout des poèmes) dans les journaux mais en livres cela a été bien limité. A partir du XXème siècle, surtout après les années 1970, motivées par le mouvement féministe et ses reflets politiques et sociaux, les femmes ont intensifié leur participation à la vie intellectuelle et ont commencé à publier beaucoup plus. Pour valider cette thèse, la recherche a eu como objectif celui d'organiser un dictionnaire littéraire des écrivains «catarinenses», qui a accepté plusieurs genres, comme, par exemple: poèmes, nouvelles, contes, romans, mémoires. Pour cela, une recherche qualitative exploratoire a été accomplie dans plusieurs villes de Santa Catarina. Nous avons organisé 401 entrées dans le dictionnaire qui comprennent la biographie et la bibliographie de l'oeuvre de chaque auteur. Les résultats montrent que le genre dominant dans l'écriture féminine à Santa Catarina est la poésie et que les villes avec le plus grand nombres d'auteurs sont: Florianópolis, Blumenau, Joinville, Itajaí e Lages.

Mots-clé: écriture féminine, littératura régionale , canon littéraire, dictionnaire littéraire.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	
1 INTRODUÇÃO	09
1.1 Justificativa	14
1.2 Objetivo Geral	16
1.3 Objetivos Específicos	17
CAPÍTULO II	
2 QUESTÕES DE GÊNERO	18
2.1 A teorização acerca do gênero	25
2.2 A crítica feminista e a escrita de mulheres	41
2.3 A presença/ausência das mulheres na história da literatura	46
2.4 A autoria feminina brasileira	49
2.5 A crítica feminista e o cânone literário	54
	62
	65
CAPÍTULO III	
3 A LITERATURA EM SANTA CATARINA	65
3.1 Presença da mulher em Santa Catarina	74
3.1.1 Vida social: a mulher catarinense aos olhos dos viajantes estrangeiros	81
3.1.2 Vida intelectual: presença da mulher nas letras catarinenses.	82
	83
CAPÍTULO IV	87
4 METODOLOGIA	88
4.1 Contexto da pesquisa	91
4.2 Coleta de dados	91
4.3 Critérios de seleção	94
4.4 Organização – estrutura e apresentação dos verbetes	96
	99
CAPÍTULO V	100
5 DICIONÁRIO LITERÁRIO DE ESCRITORAS	102
5.1 Dicionário, antologia, enciclopédia	103
5.2 Dicionário, o “pai dos burros”	
5.3 Dados históricos	106
5.4 A organização e estrutura de um dicionário	112
5.4.1 A macroestrutura	120
5.4.2 A microestrutura	133
5.4.3 O sistema de remissivas.....	134

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS
REFERÊNCIAS DOS CAPÍTULOS I A V.....
FONTES DE CONSULTA PARA O DICIONÁRIO
ANEXO
ANEXO A – Dicionário literário de escritoras catarinenses – do século XIX aos nossos dias

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO

A literatura escrita por homens tem predominado nos cânones da literatura universal. Paralelo a isso, o silêncio historiográfico que existia a respeito daquilo que diziam as mulheres tem sido uma marca evidente da discriminação a que foram submetidas a partir de uma realidade histórico-cultural promovida pelo julgamento estético da sociedade patriarcal.

Com o poder da pena, os homens delinearam teorias e conceitos sobre a mulher e seu lugar na sociedade. Não que elas não tivessem nada a dizer, mas porque não conseguiam mostrar suas vozes ante o véu da invisibilidade social que as recobria. E mesmo porque, às mulheres não era permitido o verbo “escrever”, pois a pena lhe traria o risco de sujar-se ante as impurezas da tinta; a elas, outros verbos muito mais “adequados” lhes eram destinados: obedecer, aceitar, calar, parir e submeter-se. Nesse contexto, é possível entender o motivo de tantas delas terem hesitado em entrar no mundo da escrita. Para essas mulheres singulares, escrever seria muito mais que preencher folhas de papel com sinais gráficos; escrever representava uma luta por algo que sempre lhes fora negado: o poder de conhecerem-se a si mesmas e de reconhecerem-se no Outro a partir da escrita.

Assim, escrever tornou-se, antes de mais nada, não só um exercício de descoberta e do *cuidado de si*¹, mas ainda um exercício de “navegar em mares nunca dantes navegados” senão pela nau masculina detentora de um mapa o qual se guiava por caminhos em que a mulher era uma mera coadjuvante nos textos escritos por homens e para homens.

O processo de se tornar visível nesse mundo perpassa pela transgressão, isto é, a mulher que escreve passa a ter uma relação direta com a sociedade e é a partir dessa relação que acontece uma série de mudanças sociais em que ela torna-se protagonista como “sujeito

¹ Ver: FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

histórico que legitima uma literatura que se sustenta nos critérios femininos de valorização da própria existência e da vida cotidiana que amordaçava as mulheres e tornava-as reféns da ordem e visão masculinas". (SHOWALTER², 1993 *apud* COSTA, 2007, p.26)

Essa descoberta de *si*, no presente estudo, está pautada em um levantamento bibliográfico acerca da crítica feminista e dos estudos de gênero que trabalham questões envolvendo a produção literária, a tradição literária e a ideologia patriarcal. Dentro dessa interação entre sociedade e literatura escrita por mulheres, não se poderia deixar de explicitar o processo de transgressão assimilado por elas, especialmente por aquelas que tiveram a coragem de "invadir" o *dominium* masculino, quando a prática era exercida somente por homens, e valerem-se do poder da pena para fazerem ouvidas suas vozes:

Desafiando o processo de socialização e transgredindo os padrões culturais, tais escritoras nos legaram uma tradição de cultura feminina que, muito embora desenvolvida dentro da cultura dominante, força a abertura de um espaço dialógico de tensões e contrastes que desequilibra as representações simbólicas congeladas pelo ponto de vista masculino. O feminino como passividade e conformidade dramatizado na 'estética da renúncia', na 'temática da invisibilidade e do silêncio' ou na 'poética do abandono' se desdobra na prática representacional de resistência do sujeito consciente que estilhaça o discurso das exclusões, para lançar a pergunta impensada: o que acontece quando o objeto começa a falar? (SCHMIDT, 1995, p.187)

As respostas a essa questão poderiam estar nos textos dos próprios objetos de estudo desta pesquisa, e é lá que se foi procurá-las. Em Santa Catarina, há centenas de escritoras como essas que resistiram à prática do conformismo e da passividade e procuraram se fazer ouvir a partir de seus escritos literários. No entanto, por uma série de convicções (éticas, religiosas, de caráter patriarcal), a invisibilidade perpetua sobre a maioria delas. Esse pensamento da cultura dominante

² SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

está atrelado ao que se chama de “canonização” da tradição literária. Por isso, é imprescindível dedicar um capítulo deste estudo às noções da canonização literária, sintonizando-o com toda uma estrutura ideológica patriarcal que serve de apoio à construção de uma política de gênero a qual sustenta a ideia da inferioridade natural da mulher seja como autora, escritora ou leitora.

Expressivas críticas e debates acerca do cânone e da canonização têm se realizado em todo o mundo. Em países industrializados, o tema já era amplamente discutido após a Segunda Guerra Mundial, e o movimento feminista teve presença notável na luta pela inserção das mulheres no cânone literário. Feministas como Elaine Showalter, Susan Gubar, Sandra Gilbert, Anette Kolodny e Myra Jehlen consideradas por Schmidt (2004, p.18), “matriarcas” da crítica e da teoria feminista, delimitam o espaço teórico de “auto-representação e busca de autonomia” reservados à mulher e permitem a realização de todo um fecundo trabalho de revisão do cânone, de releitura crítica da historiografia tradicional e de resgate de autoras e de obras. A partir daí, diversas e divergentes foram as ideias acerca do assunto, e trabalhar com “resgate” e revisão de escritoras que poderiam ter suas vozes desaparecidas da literatura brasileira tornou-se um desafio para muitas revisionistas. De acordo com Zahidé Muzart (1997, p.85), “[...] na questão do resgate, devemos ter em mente que não se trata de uma substituição: os consagrados pelos esquecidos. Isso seria muito tolo.” Na verdade, o assunto é muito mais abrangente, trata-se de mostrar que “elas [as autoras] existiram, que se rebelaram contra o papel ‘natural’ que lhes foi sempre assinalado – o do confinamento à vida doméstica – e desejaram ter suas vozes ouvidas.” (MUZART, 2000, p.19). E é esse o papel das revisionistas: trazer tal literatura a público e mostrar a “qualidade literária” daquelas autoras que foram marginalizadas por motivos não-literários e que, por isso, acabaram ficando fora do cânone literário (ou, ainda, isso pode ser associado a outro critério, o da vida intelectual; podem-se resgatar escritoras com menos qualidade literária, porém, chamando a atenção para os mecanismos e processos intelectuais desenvolvidos por elas).

A crítica feminista põe em discussão esses valores canônicos, observando que o cânone é uma representação de modelos da escrita definidos, durante séculos, por um grupo bem específico: masculino,

branco, classe média e ocidental, e tudo o que não estiver enquadrado nessa especificação acaba ficando à margem³.

A literatura ditada pela Academia Catarinense de Letras não é/foi diferente, mesmo porque a credibilidade atribuída à escrita realizada por mulheres é um fato recente e ainda suscita discussões que intrigam organizações e grupos feministas empenhados na desconstrução do discurso falocêntrico e as relações de poder na sociedade. Isso ocorre porque a literatura desenvolvida em Santa Catarina sempre foi muito tradicionalista e fechada, ou seja, trabalha(va) com paradigmas preestabelecidos, centrados no estético e no universal, valorizando muito mais o olhar masculino.

Com base nesse contexto, esta pesquisa desenvolve a seguinte tese: no século XIX, o número de mulheres catarinenses que tiveram suas obras publicadas em livro foi muito reduzido (e aqui poderiam ser citados poucos nomes, como os de Júlia da Costa, Delminda Silveira, Ana Luísa de Azevedo Castro, Castorina Lobo de S. Thiago, Edésia Aducci, Ibrantina Cardona e Raquel Liberato Meyer). Já a partir do século XX, e mais especificamente após a Segunda Guerra Mundial, motivadas pelo feminismo, e pelo maior acesso às universidades, as mulheres desenvolveram sua vida intelectual e passaram a ter mais acesso ao mundo das publicações⁴.

Em Santa Catarina, com o advento das ideias modernistas e do Grupo Sul, no final dos anos 1940, as mulheres começaram a se fazer

³ É certo que não há uma neutralidade ou homogeneidade em nenhum campo cultural. Sabe-se que a hegemonia sempre existirá; no entanto, o que não se pode admitir é que a hegemonia se perpetue sob o manto da lógica da exclusão.

⁴ A permissão para o ingresso das mulheres nas universidades não se deve somente a barreiras sociais, como preconceito, baixo nível de escolaridade, etc; apoiadas por essa mentalidade, havia leis que proibiam as mulheres de frequentarem um curso superior. No Brasil, as mulheres foram autorizadas a cursarem uma faculdade somente em 1879, pelo Decreto nº 7247, de 19 de abril de 1879 – Reforma Carlos Leônio de Carvalho. No entanto, a luta pelo acesso à educação já era um tema importante para as feministas no século XIX. Nísia Floresta, por exemplo, defendia esses direitos já na década de 1850 (e aqui não se pode esquecer que a mulher conquistou seu direito de estudar no ensino básico somente em 1827 e que teve uma longa batalha para chegar até o que chamamos hoje de ensino médio; isso sem contar que a educação era diferenciada para meninos e para meninas – a estas lhe eram apresentadas atividades voltadas para a função de mãe e de esposa, enquanto que os meninos eram educados para atuar na esfera pública). Assim, além das dificuldades com a legislação, a mulher ainda enfrentava muitos outros problemas se quisesse se aventurar ao ensino superior. Portanto, as portas das universidades foram abertas às mulheres em 1879, mas um número muito reduzido delas conseguiu entrar – para se ter uma ideia de tamanha dificuldade, somente em 1887 se formou a primeira mulher em um curso superior no Brasil; mas o grande salto das matrículas em nível superior ocorreu entre as décadas de 1950 e 1970.

presentes no espaço acadêmico; duas escritoras de Florianópolis, Maura de Senna Pereira⁵ e Delminda Silveira⁶ entram para a Academia Catarinense de Letras – e isso já era um grande avanço, pois poucas eram as mulheres que faziam parte de academias literárias; nomes como os de Castorina Lobo de S. Thiago, Júlia Maria da Costa e Antonieta de Barros começam a ser inseridos na história da Literatura Catarinense e no cânone literário a partir de estudos realizados por Arnaldo S. Thiago⁷, Celestino Sachet⁸ e Lauro Junkes⁹.

A partir daí, abre-se um pouco mais o espaço às catarinenses e, aos poucos, ilustres escritoras seguem por esse caminho, produzindo obras de qualidade; dentre essas escritoras, pode-se citar Lausimar Laus, Urda Alice Klueger, Eglê Malheiros, Edla Van Steen, Edith Korman, Ruth Laus, Anamaria Kovács, Inês Mafra, Eloí Elisabeth Bocheco, Leatrice Moelmann e tantas outras que serão mencionadas ao longo da pesquisa.

Mas, e as tantas outras vozes de escritoras catarinenses que permanecem caladas e fora do cânone literário? Será que a produção da literatura de escrita feminina em Santa Catarina é realmente tão mínima e tão pouco significativa que mereça permanecer no esquecimento? Com base nesses questionamentos e a fim de comprovar a tese desta pesquisa, foi organizado um dicionário contemplando um número significativo de poetas e escritoras de ficção catarinenses, nos mais variados gêneros literários, desde o século XIX até nossos dias, sem que se estabelecessem critérios de valores. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo em bibliotecas, academias, editoras, acervos públicos e particulares, consultas em catálogos, na rede mundial de computadores – internet, correios eletrônicos, bem como a partir de informações obtidas diretamente com as escritoras, no período de fevereiro de 2008 a fevereiro de 2011.

⁵ Maura de Senna Pereira ocupa a Cadeira nº10 e tomou posse em 1931.

⁶ Delminda Silveira entrou para a ACL em 1930, onde ocupa a Cadeira nº 38

⁷ S. THIAGO, Arnaldo de. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro: [s.n], 1957.

⁸ SACHET, Celestino. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979.

⁹ JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

1.1 Justificativa

Após um período de incursão nas bibliotecas, institutos, editoras e academias literárias de Santa Catarina, verificou-se que não há um só lugar em que seja registrado um número expressivo das obras produzidas por escritores ou escritoras de nosso Estado. Quando se pretende realizar alguma pesquisa que envolva a vida intelectual, biografia e bibliografia desses escritores(as), o resultado é a realização de uma verdadeira maratona em busca do material desejado. Assim, pensou-se em uma maneira de atenuar tal situação, expondo em uma só obra informações sobre a vida intelectual, os escritos literários e biografias de escritoras catarinenses (ou das que adotaram o estado de Santa Catarina para viver) do século XIX aos nossos dias.

A ideia de criar um dicionário de escritoras catarinenses surgiu após alguns estudos sobre a escrita das mulheres e, principalmente, após a tão bem sucedida obra “Escritoras Brasileiras do século XIX”, organizada pela professora Zahidé Lupinacci Muzart, no ano 2000; além de obras como “Dicionário de mulheres”, de Hilda Flores¹⁰ (1999); “Dicionário Mulheres do Brasil” (2000), organizado por Schuma Schumaher e Érico Vital Brazil¹¹, “Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras” (2002), por Nelly Novaes Coelho¹², “Dicionário de Escritoras Portuguesas”, de Constância Lima Duarte, Conceição Flores e Zenóbia Moreira¹³, e algumas poucas obras que dão visibilidade à condição de escrita da mulher. Tendo como inspiração esses escritos e a paixão que se tem pelo assunto, acredita-se que este trabalho será de muita valia e de grande utilidade para pesquisadores não só da área de Letras, mas também da História e da cultura em geral.

Reunir em um só lugar biografias de escritoras que contribuíram (e contribuem) para o cenário da Literatura Catarinense (e, portanto, da Literatura Brasileira) faz-se necessário. Mostrar o papel ativo da vida intelectual das mulheres desde o século XIX é importante para que se

¹⁰ FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de Mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

¹¹ SCHUMAHER, S; BRAZIL, E. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

¹² COELHO, Nelly N. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

¹³ DUARTE, Constância L. ; FLORES, Conceição. ; MOREIRA, Z. C. . *Dicionário de Escritoras Potuguesas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. v. 1. 350 p.

desfaça a ideia de que elas entraram para a literatura somente após a segunda metade do século XX. Na verdade, nessa época, a literatura feminina começa a surgir como elemento importante no cenário nacional, com muito mais intensidade; porém, torna-se necessário lembrar que, ainda no século XIX, a mulher já enveredava por estes caminhos “obscuros” e tão estranhos a elas, mesmo que publicando pouco.

A cultura de subordinação das mulheres vem desde épocas imemoriais e pode-se recuar, a título de exemplificação, à época da colonização; lá, a mulher já era submetida aos padrões rígidos de moral, inferioridade e submissão ao homem: a mulher indígena foi apropriada pelos portugueses juntamente com as terras e tornou-se concubina, além de mão-de-obra barata; a mulher negra servia como amante do senhor feudal, trabalhava na casa ou, ainda, servia como ama de leite; a mulher branca, por sua vez, era sempre vista como subordinada ao pai ou ao marido. Mas, é válido observar que nem por isso elas se calaram. Apesar da repressão, a história mostra casos de mulheres brancas, negras e índias que transgrediram seu tempo e tornaram-se elementos importantes de nossa história. E, se o processo editorial feminino demorou um pouco foi graças à política educacional, pois somente em 1827 admitiria mulheres nas escolas fundamentais.

Ao final do século XIX, a mulher já adquiria alguma visibilidade no espaço público. Porém, foi

[...] a partir de 1964 (e mais precisamente a partir de 68) [que] inicia-se no Brasil a expansão da prosa de ficção feminina. Conhecido como o ‘boom’ da literatura feminina, este fenômeno teve em seus bastidores as transformações sociais que toda aquela geração, inconformada com a rigidez das instituições, havia ajudado a desflagrar. (WANDERLEY, 2000, p.22)

A partir daí, o movimento feminista foi criando força e, nos anos 1980, a literatura passa a ser um dos espaços mais cortejados pelas mulheres, especialmente as intelectuais de classe média. O mercado editorial abriu espaço para essa nova realidade, e as mulheres passaram a disputar com os homens o *status* de escritoras.

Em Santa Catarina, não foi diferente. A partir da segunda metade do século XX, a produção literária feminina se intensificou e vários

nomes de escritoras catarinenses começaram a aparecer no cenário nacional.

Entretanto, não é somente das poucas escritoras “famosas” ou conhecidas de que é formada a literatura catarinense. Há um número muito grande de escritoras desconhecidas, habitando as bibliotecas e acervos do Estado que valem a pena ser “resgatadas” e postas em reflexão acerca de seu “preciosismo” literário. Para isso, a questão do cânone será um tópico importante a ser estudado nesta pesquisa, em vista da marginalização das mulheres e de sua ausência no cânone literário brasileiro.

Acredita-se, enfim, que esta pesquisa implica uma significativa contribuição à sociedade e, principalmente, considera-se uma merecida homenagem àquelas que, a partir das palavras, conseguiram (ou pelo menos tentaram) ganhar um espaço na República das Letras, outrora destinada tão somente ao universo masculino.

1.2 Objetivo geral

Esta pesquisa tem como objetivo principal demonstrar que a vida intelectual das mulheres catarinenses se intensificou no século XX, motivada pelo feminismo pós Segunda Guerra Mundial, a partir da publicação de um número significativo de obras literárias, principalmente após os anos 1970. Para isso, foi organizado um dicionário que registra, com a maior abrangência possível e sem critérios de valor, verbetes das mulheres que vêm publicando obras literárias em Santa Catarina nos mais diversos gêneros: poesia, contos, crônicas, romances, memórias e literatura infanto-juvenil, a partir do século XIX até os nossos dias.

1.3 Objetivos específicos

- Analisar teorias que envolvem questões de gênero aliadas à crítica cultural feminista e à constituição do cânone da literatura.
- Verificar a inserção da escrita de mulheres na História da Literatura Catarinense.

- Fazer uma abordagem sobre as teorias de dicionários.
- Realizar uma pesquisa de campo em Academias literárias, bibliotecas, acervos, editoras, internet e catálogos na busca de dados para a elaboração dos verbetes.
- Transformar as informações reunidas nesta pesquisa em um material de divulgação a fim de estimular pesquisas na área da Literatura Feminina Catarinense, bem como de dar visibilidade às escritoras catarinenses.



CAPÍTULO II

2 QUESTÕES DE GÊNERO

Os estudos sobre mulher como um campo de saber, graças às intervenções do movimento feminista, procuram dialogar de forma interdisciplinar com a academia, passando pelos campos das Ciências Sociais, Psicanálise, Antropologia, Linguística, Literatura e tantas outras formas de saber formal ou informal.

Tecnicamente a expressão “literatura feminista” não era dita, de forma efetiva, antes da década de 1960. Mesmo hoje, o próprio termo “feminista” possui um cunho político bem mais amplo do que vem sendo retratado no plano das ciências sociais. Em se tratando de literatura, esse termo deveria ser aplicado a uma perspectiva de mudança, de transformação. A acepção “literatura feminista” remete a conotações políticas e sociológicas, sendo associada a questões de lutas por direitos, conquistas, casamento, filhos, etc. Entretanto, segundo Lobo (1999, grifo da autora), “o texto literário feminista é o que apresenta um *ponto de vista* da narrativa, experiência de vida e, portanto, um *sujeito de enunciação consciente* de seu papel social.” Ou seja, é a representação do eu da autora a partir da voz dos personagens ou da própria narração que apresenta os conflitos que a impedem de exercer seus direitos de expressão (e aqui não se poderia deixar de citar exemplos de mulheres como Safo¹⁴, Sóror Juana Inés de La Cruz¹⁵,

¹⁴ Safo, poeta grega, nasceu na cidade de Lesbos por volta de 612 a.C. foi uma poeta muito respeitada durante a Antiguidade. Aos 19 anos já participava de atos políticos e, em virtude disso, foi exilada por cinco anos na cidade de Sicília. Após o exílio, retorna a Lesbos e torna-se a líder da sociedade local, no plano intelectual. Nesse lugar, funda um centro de formação intelectual para mulheres que eram contrárias às imposições que lhe eram atribuídas na Grécia, apropriando-se daquilo que era considerado uma atividade meramente masculina, como a poesia. Nesses termos, a cidade, Lesbos, é geradora do emprego atual da palavra “lésbica” e também se envolve com o nome Safo: a poesia seria sáfica e a prática da relação entre mulheres, chamada de *lesbiazein*, isto é, “fazer como as mulheres de Lesbos” (BREMMER, 1995, p.41). Ainda, sobre a poeta, pode-se dizer que Safo é a “mulher poeta que se impõe num universo masculino, modelo a ser imitado pela arte latina [...] a sociedade masculina de todos os tempos tentou apagá-la ou trai-la em seu gênero, mas ela sobrevive”. (NUNES, 2002, p.57)

¹⁵ Juana Inés de Asbaje y Ramírez de Santillana, denominada de “A Fênix da América” ou de a “Décima Musa”, nasceu no México por volta de 1648 e faleceu em 1695. Foi escritora, poeta e

Gertrudis Gómez de Avellaneda¹⁶, Maria Firmina dos Reis¹⁷ e tantas outras, que detinham uma consciência política e crítica de sua condição em face da história em seu tempo e que são identificadas com o “feminismo”).

Assim, percebe-se que é possível encontrar na historiografia autoras “feministas” que exerceram essas atividades dentro do contexto de sua época, aplicando temas voltados à denúncia da condição de opressão das mulheres, que tinham como fatores principais a superioridade e a dominação imposta pelos homens, porém, sem o rótulo ou o conceito do termo “feminismo”.

Estudiosos sobre o tema creditam ao contexto social e político da Revolução Francesa (1789) o início do feminismo moderno. É durante esse período que surge o primeiro exemplo de um movimento de mulheres que se encorajou a questionar o sistema político e social, então vigente na França (e em todo o Ocidente), denunciando a submissão a que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da existência: política, econômica, educacional, jurídica, etc¹⁸.

dramaturga da segunda metade do século XVII. Inteligente demais, como mulher, para sua época, foi obrigada por seu professor a desfazer-se de sua biblioteca e de sua coleção de instrumentos musicais e científicos antes de sua morte. Sua escrita literária era centrada na liberdade; alguns de seus textos, como *Hombres Necios* defendem o direito da mulher e critica o sexism da sociedade de seu tempo, falando sobre os homens que condenam a prostituição, mas que se aproveitam dela para seu prazer.

¹⁶ Gertrudis Gómez de Avellaneda nasceu em Cuba (1814-1873) e escreveu críticas sobre os excluídos, questionando relações entre raças e classes. Em seu romance *Sab* (publicado em Madrid, em 1841), época em que se acreditava que os escravos não tinham alma nem sentimentos, ela descreve a forma cruel como os escravos eram tratados nos engenhos de açúcar de Cuba, em um grau que foi considerada subversiva pelas autoridades coloniais e se transformou em um protesto anti-escravagista tão polêmico que só em 1914 foi publicado nesse país.

¹⁷ Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão (1825-1917). Como mulher e mulata, enfrentou diretamente problemas sociais e raciais e escreveu o primeiro romance abolicionista brasileiro, bem como um dos primeiros romances escritos por mulher, *Úrsula*, publicado em 1859 (aqui é válido observar que alguns críticos atribuem a Ana Luísa de Azevedo Castro a autoria do primeiro romance brasileiro, denominado *Dona Narcisa de Vilar*. Na verdade, as obras de Maria Firmina e de Ana Luísa foram publicadas em livro exatamente no mesmo ano, mas *Dona Narcisa de Vilar* foi publicada um ano antes em folhetim). Em 1871, escreve o conto “A Escrava”, sobre o mesmo tema. Maria Firmina colaborou em diversos jornais literários, foi professora do ensino fundamental e fundou uma escola gratuita mista, para meninos e meninas, que teve de ser fechada em virtude da não aceitação desse tipo de ensino pelo povo de Maçaricó, em 1880.

¹⁸ Em *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*, lançado pela Editora Mulheres, em 1998, a especialista na história da França no século XIX, Joan Scott, faz um estudo acerca das teorias do gênero e da história das mulheres e analisa a trajetória de quatro militantes feministas francesas que promoveram debates pela participação política das

Nos Estados Unidos e no Reino Unido também surgem alguns movimentos feministas: em 1792, no Reino Unido, Mary Wollstonecraft publica o livro *"A vindication of the rights of woman"* ("Uma defesa dos direitos da mulher"), onde defende a tese de que a inferioridade da mulher deve-se à educação por ela recebida e propõe a igualdade na formação intelectual entre os sexos. Nos Estados Unidos, em 1837, é fundada a universidade feminina de Holyoke; nesse mesmo ano, em Nova Iorque, ocorre uma convenção de mulheres que lutavam contra a escravidão.

Em 1848, durante a Convenção dos Direitos da Mulher, ocorrida nos Estados Unidos, tem início o movimento sufragista feminista. No entanto, esse movimento teve de esperar até o século XX para ver seus esforços coroados (as sufragistas americanas só tiveram seu direito a voto concedido 72 anos depois. No Brasil, esse movimento tem início em 1910; o Rio Grande do Norte é o primeiro estado que permite o voto feminino, em 1927, vindo logo em seguida outros estados a aderirem. Assim, em 1932, quando Getúlio Vargas institui o direito de voto às mulheres na constituição, cerca de 10 estados já exerciam essa prática).

Em termos de literatura, Duarte (2004) destaca que a história do feminismo brasileiro teve quatro momentos (ou quatro ondas) e ocorreram nos anos 1830, 1870, 1920 e 1970¹⁹. Esses momentos foram marcados por escritos de dramaturgas, jornalistas e escritoras de

mulheres na França: Olympe de Gouges ((1748-1793) autora de "Declaração dos Direitos das Mulheres e da Cidadã", publicado em 1791), Jeanne Deroin ((1805-1894) militante socialista que, de acordo com Scott assume posturas muito parecidas com as das feministas atuais: recusa-se a usar o sobrenome do marido após o casamento, possui ideias de mulher independente e vê a maternidade como um *trabalho social* e não como um destino biológico. Após o exílio, Deroin continua militando e possui projetos que se aproximam muito de algumas correntes feministas denominadas hoje de *feminismo new-age*), Hubertine Auclert ((1848-1914) outra militante que trabalhou mais de cinquenta anos advogando sobre os direitos das mulheres, pregando que elas deveriam ter trabalho renumerado, inclusive o de "doméstica") e Madeleine Pelletier ((1874-1939) uma das primeiras médicas-psiquiatras francesas; Pelletier vestia-se como os homens a fim de se livrar da subordinação dos trajes femininos; defendia o voto às mulheres e o direito ao aborto; é considerada por Scott como uma das principais precursoras da luta do feminismo no final do século XX).

¹⁹ É importante verificar que a crítica feminista brasileira já no século XIX, mesmo sem ser assim denominada de "feminista" deixava marcas de sua luta contra a intolerância: "[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão." (MUZART, 2003, p.267)

literatura em geral que trabalhavam temas referentes aos direitos das mulheres no âmbito civil e político.

O feminismo ressurge de forma intensa após a Segunda Guerra Mundial, sob influência de obras como *O segundo sexo* (*Le deuxième sexe*), 1949, de Simone de Beauvoir e de *A mística feminina* (*The feminine mystique*), 1963, de Betty Friedan. No Reino Unido, é lançado o manifesto do Movimento de Libertação da Mulher, mundialmente conhecido como *Women's lib*. A partir dessas manifestações, procura-se descrever a condição da mulher enquanto oprimida pela cultura masculina, de revelar os mecanismos psicossociais dessa marginalização e de projetar estratégias capazes de proporcionar às mulheres uma liberação integral, que incluisse também o corpo e os desejos. Além disso, não se poderia deixar de lembrar a luta pelo direito ao voto, à igualdade de salários e aos acessos a postos ocupados somente por homens.

Nos anos 1960, o feminismo acadêmico surge na Europa e nos Estados Unidos juntamente às lutas pelos direitos civis e políticos que se seguiram aos movimentos da contracultura. Essa geração de feministas, denominada de “primeira geração”, reproduzia o discurso e as práticas androcêntricas e patriarcas pelas próprias mulheres, que reivindicavam igualdade de direitos entre homens e mulheres, tendo como base o princípio da identificação com os valores da racionalidade dominante dos estados-nações. Suplicy²⁰ (1992) denomina esse pensamento de “ideologia patriarcal introjetada ou identificação com o opressor”, pois as mulheres eram contrárias ao “feminino sem valor” e enxergavam o masculino como o “ideal e superior” a ser copiado.

Quase uma década depois, o movimento feminista começa a perceber o grande equívoco teórico a que se submeteu: a prerrogativa de que o olhar masculino era o certo e verdadeiro e que isso resultava em uma mutilação da identidade feminina e de sua visão de mundo. Foi a partir dessa nova forma de pensar que surgiu, então, a chamada “segunda geração” feminista, nos idos de 1968. Essa nova geração propunha redefinir a diferença radical entre identidade masculina e feminina. É a partir daí que, sistematicamente, o feminismo começa a ser teorizado no meio acadêmico dando origem a muitas teorias. A segunda geração, demarcada pela ênfase na diferença, é influenciada pelo pensamento de Michel Foucault, na produção da subjetividade; inicia-se a distinção entre o movimento feminista americano e o francês,

²⁰ In: MASSI, M. Vida de mulheres: cotidiano e imaginário. Rio de Janeiro. Imago, 1992.

mas, ao mesmo tempo, esses movimentos se unem na incorporação da noção de gênero e na relação com o Estado, no que diz respeito às implementações de ações afirmativas.

A segunda fase do feminismo (segunda geração ou segunda onda) ressurge nas décadas de 60 e 70, em especial nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada. As feministas francesas foram influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista que predominava na França, especialmente pelo pensamento de Michel Foucault e Jacques Derrida. Nos anos 80, a crítica pós-modernista da ciência ocidental introduz o paradigma da incerteza no campo do conhecimento. Nesse contexto, o movimento feminista passa a enfatizar a questão da diferença, da subjetividade e da singularidade das experiências, concebendo que as subjetividades são construídas pelos discursos, em um campo que é sempre dialógico e intersubjetivo (NARVAZ, 2005, p. 59).

Após a década de 1970, o “pensamento feminista surge no campo acadêmico e impõe-se como uma tendência teórica inovadora e de forte potencial crítico” (HOLLANDA, 1994).

Em 1979, Julia Kristeva publica em Paris *“Les temps de femmes”*²¹, obra que apresenta a formação da “terceira geração de mulheres”. Essa geração possui como foco a análise das diferenças e da alteridade entre os sexos, buscando compreender a forma como se dá a produção cultural dos sistemas de gênero.

Surge, assim, a terceira fase do feminismo (terceira geração ou terceira onda) cuja proposta

²¹ KRISTEVA, Júlia. "Le temps des femmes". *Cahiers des Recherches en Sciences*, Paris, n. 5, p. 33-44, 1979.

concentra-se na análise das diferenças e da alteridade. Com isso, desloca-se o campo do estudo sobre as mulheres e sobre os sexos para o estudo das relações de gênero. O desafio nesta fase do feminismo é pensar, simultaneamente, a igualdade e a diferença. As propostas feministas que enfatizam a igualdade são conhecidas como ‘o feminismo da igualdade’, enquanto as propostas feministas que destacam as diferenças e a alteridade são conhecidas como ‘o feminismo da diferença’. Esta terceira fase do movimento feminista é fruto da intersecção entre o movimento político de luta das mulheres e a academia (NARVAZ, 2005, p. 59).

A terceira geração tratou de revisar algumas categorias de análise consideradas fundamentais para os estudos de gênero, que são: o próprio conceito de gênero; a política identitária das mulheres; o conceito de patriarcado e as formas da produção do conhecimento científico.

No Brasil, os estudos de gênero/mulher acompanharam as tendências dos movimentos feministas francês e anglo-saxônico. Se as três gerações do feminismo eram muito bem determinadas na França e nos Estados Unidos, em nosso país, houve uma mistura dessas tendências a partir das discussões promovidas pela academia. Segundo Machado (1992, p.24), as teóricas brasileiras têm acompanhado as “mudanças, flutuações e divergências temporais e espaciais dos movimentos feministas do mundo francês e anglo-saxônico, pelo acompanhamento da sinalização da introdução de novas temáticas, sem que as anteriores sejam deixadas de lado”.

A partir de 1987, no Brasil, tanto a academia das Ciências Sociais como da Literatura e da crítica literária propõem uma substituição nos estudos dos papéis sexuais pelos estudos de gênero. Entende-se que os papéis sexuais são superados pelo conceito de gênero, pelo fato de este trazer uma demarcação mais evidente contra o determinismo biológico, bem como por possuir um conceito muito mais relacional e não tão carregado de estereótipos.

A partir dos anos 1990, verificamos que as teorias da segunda onda feminista começam a ser questionadas por feministas pós-coloniais

como Spivak²², Trihn²³ e Mohanty²⁴, entre outras, e por teóricas feministas como Judith Butler e Donna Haraway que inauguraram a chamada desnaturalização do corpo pós-feminista (TRIHN, 1989; HARAWAY, 1991; MOHANTY, 1995; SPIVAK, 1999; BUTLER, 2003).

As noções de marginalidade, alteridade e diferença começam a entrar em cena como temas centrais do debate acadêmico, através dos trabalhos dos filósofos franceses pós-estruturalistas como Foucault, Deleuze, Derrida e Kristeva. Esses estudos explicitaram importantes alterações paradigmáticas nos sistemas de pensamento, e começam a revelar a tendência crítica da reflexão teórica contemporânea em relação aos aspectos etno e logocêntricos da episteme ocidental moderna. (HOLLANDA, 1992, p.55)

Começam a ocorrer, então, diversas mutações no campo do conhecimento; o que eram pontos centrais de interesse do feminismo outrora, como o patriarcado, a lei, o estado, passam a sofrer deslocamentos para espaços mais amplos e diversificados de instâncias

²² Gayatri Chakravorty Spivak (1942) nasceu em Calcutá, na Índia. Crítica e teórica, é autora do artigo "Can the Subaltern Speak?", texto considerado fundamental sobre o pós-colonialismo. Spivak é professora na Columbia University, na qual atingiu o mais alto nível do corpo docente em março de 2007. Erudita prolífica, ela viaja e ministra palestras por todo o mundo. Escreveu as seguintes obras: *In Other Worlds: Essays in Cultural Politics* (1987); *Selected Subaltern Studies* (editado com Ranajit Guha) (1988); *The Post-Colonial Critic* (1990); *Outside in the Teaching Machine* (1993); *The Spivak Reader* (1995); *A Critique of Postcolonial Reason: Towards a History of the Vanishing Present* (1999); *Death of a Discipline* (2003); *Other Asias* (2007).

²³ Trinh T. Minh-ha (1952) é uma cineasta, escritora e compositora vietnamita. Trabalha na área do feminismo pós-colonial e ministra cursos que versam sobre o trabalho das mulheres relacionados à política cultural, o pós-colonialismo, a teoria crítico-contemporânea e as artes. A crítica esteve em agosto de 2010 no Congresso “Fazendo Gênero 9”, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde proferiu a conferência de abertura do evento.

²⁴ Chandra Mohanty (1955) nasceu em Mumbai, na Índia. É PhD e leciona a disciplina Estudos de Mulheres, no Hamilton College de Clinton, de Nova York, e atualmente é Chefe de Departamento na Syracuse University. É autora das seguintes obras: *Feminismo e Guerra: Confrontando E.U. Imperialismo* (2008); *Feminismo Sem Fronteiras: Teoria Decolonizing, praticando a solidariedade* (2003); *Genealogia feminista, herança colonial, Futures Democrática* (1997); *Mulheres do terceiro mundo e a política do Feminismo* (1991).

de poder conceitualizadas, tais como, fluxos, convergências e consolidações específicas da fala e do discurso.

Com base nas ideias de Judith Butler, o corpo e o sujeito começam a se tornar um ponto central de interesse das feministas; a crítica à razão, ao sujeito e à lógica da identidade emergem de diversos pontos, seja da psicanálise, do “pensamento da diferença”, do novo historicismo ou de tantas outras correntes. “O deslocamento do sujeito, a dissolução e historicização das identidades, a desnaturalização de inúmeras dimensões da vida social, cultural e sexual, um novo olhar se construía.” (RAGO, 1998, p.92) A partir das ideias de Foucault, inicia-se um longo questionamento acerca da unidade do sujeito masculino visto como modelo – percebe-se aí um deslocamento em torno da subjetividade, tendo-se a consciência de que ela não é um processo natural, mas histórico. “A própria noção de identidade era historicizada e questionada juntamente com a ilusão da interioridade e da essência que a informava. A figura do sujeito era definitivamente destruída, porque puramente ficcional.” (RAGO, 1998, p.93)

No final dos anos 1990 e início do novo século, o feminismo é seguido ainda mais pela amplitude de discursos no tocante às relações de poder. Segundo Costa (1998, p.127), tais discursos, de uma forma ou de outra, acabam sendo produtos da “intersecção intrincada das diferenças de raça, gênero, classe, idade, etc.”, que resultam em uma variedade de “feminismos hifenizados”: feminismo cultural, marxista, psicanalítico, etc. E toda essa diversidade contribui para o fortalecimento político do movimento feminista enquanto movimento coletivo contra a dominação.

Na academia, porém, a ênfase nas questões de diferença e de identidade levaram algumas feministas à noção de que o gênero acabou se perdendo nessa “fratura” de classe, raça, etnia, etc. E, assim, diversas outras correntes dentro do feminismo formaram suas opiniões acerca do assunto. O fato é que, mesmo com todas essas tensões, não podemos deixar de reconhecer os ganhos obtidos pelo conceito de gênero, quando aliado às correntes estruturalistas e pós-estruturalistas, principalmente no que se refere à negação epistemológica do essencialismo. A partir da categoria do gênero, enfim, começamos a nos dar conta de que o universo feminino e o universo masculino são muito diferentes, não apenas por determinações biológicas, como se pensava no princípio, mas principalmente por causa das experiências históricas marcadas por valores, formas de pensar, crenças e também por simbolizações sexuais

diferenciadas. A leitura do gênero se fez fundamental, porque a partir dela pudemos perceber “a construção das diferenças sexuais histórica e culturalmente determinada, desnaturalizando, portanto, as representações no imaginário social.” (RAGO, 1998, p.98)

2.1 A teorização acerca do gênero

O uso da palavra gênero vem sendo adotado há cerca de três décadas e surgiu como forma de rejeição ao chamado *determinismo biológico* que trazia consigo “cargas pesadas” como “sexo” ou “diferenças sexuais”. E um dos maiores questionamentos, quando se fala no assunto, recai sobre a dificuldade de entender a relação entre gênero e sexo. Segundo Fausto-Sterling (2001, p.16), “as feministas colocaram os termos de tal maneira que *sexo* passou a representar a anatomia e funcionamento fisiológico do corpo e *gênero* passou a representar as forças sociais que moldam o comportamento.” As feministas da terceira geração se opuseram a essas proposições, desconstruindo e desnaturalizando a perspectiva de gênero trazida pelas gerações anteriores. Assim, o gênero se tornou uma categoria relacional e política (SCOTT, 1986), agora não mais baseado nas diferenças biológicas ou “naturais” – por isso, diz-se que ele foi (des)naturalizado. O gênero passou, então, a ser entendido como relação política a qual se realiza em um campo discursivo e histórico de relações de poder (SCOTT, 1986).

Dessa forma, muitos estudos procuram, a partir do gênero, buscar entender a condição da mulher nas relações sociais como as de classe, raça e etnia pelo fato de as relações de gênero não possuírem caráter fixo, podendo ser modificado através do tempo. Escritoras como Gayle Rubin, Nancy Chodorow, Teresa de Lauretis, Judith Butler, Joan Scott e tantas outras têm proporcionado reflexões fundamentais acerca do assunto. A fim de tornar essa questão mais visível, este estudo se propõe a uma investigação teórica sobre os conceitos de gêneros estipulados pela crítica feminista em geral.

Gayle Rubin²⁵, em seu artigo “The traffic in women”, considerado o trabalho pioneiro no que se refere aos estudos de gênero,

²⁵ Gayle S. Rubin (1949) é antropóloga cultural. Conhecida mundialmente como uma ativista e teórica influente do sexo e da política de gênero. Escreve sobre diversos assuntos, incluindo o

trata sexo e gênero como termos diferentes; segundo essa autora, o sexo, ou o biológico é a base sobre a qual o gênero é constituído. Para ela, “o sistema sexo/gênero é o conjunto de acordos sobre os quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas.” (RUBIN, 1975 apud NICHOLSON 2000, p.11). Com base nessa teoria, percebe-se que o sexo ainda possuía o importante papel de provedor do lugar onde o gênero seria supostamente construído.

Gayle Rubin também trabalha uma outra tendência das teorias feministas sobre sexo e gênero: a psicanálise e o estruturalismo francês a partir de ideias de Lacan, Freud e Lévi-Strauss. “Rubin via a divisão sexual do trabalho e a construção psicológica do desejo como fundamentos de um sistema de produção de seres humanos que atribuía aos homens direitos sobre as mulheres que elas próprias não tinham sobre si mesmas.” (HARAWAY, 2004, p.224).

Nancy Chodorow²⁶, no estudo desenvolvido sobre a teoria das relações objetais, em sua obra *The Reproduction of Mothering: psychoanalysis and the Sociology of Gender* (1978) analisa também ideias referentes ao gênero. Segundo Haraway (2004, p.234), Nancy indica que as mulheres são mais “capazes de relações não hostis do que os homens, mas também perpetua a posição subordinada das mulheres por meio de sua produção como pessoas estruturadas para a maternidade no patriarcado.” Essa psicanálise das relações objetais relaciona-se com conceitos como “identidade de gênero” e suas implicações na ciência social empírica. Haraway afirma que mesmo tendo sido criticada por muitos, a teoria de Chodorow foi muito utilizada para o estudo de vários fenômenos sociais.

As feministas Suzanne Kessler²⁷ e Wendy Mckenna²⁸ analisam o gênero como “uma construção social; um mundo de dois sexos é o

feminismo , sadomasoquismo , prostituição , pedofilia , pornografia e literatura lésbica , bem como estudos antropológicos e histórias de subculturas sexuais.

²⁶ Nancy Chodorow (1944), PhD, é humanista, socióloga, psicanalítica e feminista psicanalítica. Publicou as seguintes obras: *A reprodução da maternidade: psicanálise e sociologia do gênero* (1978); *Feminismo e teoria psicanalítica* (1989); *Feminilidades, masculinidades, sexualidades: Freud and Beyond* (1994); *O Poder dos Sentimentos: significado pessoal em Psicanálise, Gênero e Cultura* (1999).

²⁷ Suzanne Kessler J. é Ph.D. Atualmente é vice-reitora de Assuntos Acadêmicos da Faculdade de Artes Liberais e Ciências e professora de Psicologia da Educação no Purchase College,

resultado dos métodos compartilhados socialmente e dados por aquilo que as pessoas de um grupo social empregam para construir o mundo.” (KESSLER; MCKENNA, *apud* HAWKESWOTH, 1999, p.37). Essas teóricas trabalham com a ideia de que o gênero se baseia em “genitálias culturais” que não podem oferecer nenhuma certeza sobre quem poderia ser um inadequado aparelho reprodutor.

A teórica R.W. Connell²⁹, na obra *Gender and Power*, mistura tendências marxistas, existencialistas e pós-estuturalistas para expressar sua teoria do gênero. Para Connell (1987 *apud* HAWKESWOTH, 1999, p.29), gênero como uma prática social “é algo mais que uma simples marca do corpo humano, é o tecido de uma estrutura de símbolos que exageram e distorcem o potencial humano.” No desenrolar de sua análise, Connell descreve o gênero como um processo reducionista que associa campos sociais divergentes à reprodução sexual

Outra teórica que trabalhou o conceito da palavra gênero foi Teresa de Lauretis³⁰ (1994, p.206). Para essa feminista, “Nos escritos

State University of New York. Atua na área de Psicologia do gênero, influência social e mulheres e prisão. Tem diversas publicações na área.

²⁸ Wendy McKenna trabalha no Departamento de Ciências do Desenvolvimento Humano e da Família, na Oregon State University e, junto com Suzanne Kessler, possui diversas publicações acerca das questões de gênero.

²⁹ Raewyn Connell, BA (Melb), PhD é professora na Universidade de Sydney, onde trabalha com sociologia em geral, teoria social, sociologia da educação, relações de gênero, sexualidade e métodos de investigação. É membro da Academia das Ciências Sociais no Brasil, beneficiária de adjudicação da American Sociological Association para distinguir a contribuição para o estudo de sexo e gênero, e do prêmio da Austrália Sociological Association para atendimento diferenciado para a sociologia, na Austrália. É autora das seguintes obras: *Fazendo a Diferença* (1982); *Gênero e Poder* (1987); *Portaria Cultura* (1977); *Masculinidades*. (Vol. 1) (2005); *Handbook de Estudos sobre Homens e Masculinidades*. (Vol. 1) (2005); *Teoria do Sul* (2007); *Educação, Mudança & Sociedade* (2007); *Southern Theory: a dinâmica global do conhecimento em ciências sociais*. (2007).

³⁰ Teresa de Lauretis nasceu na Itália, recebeu seu título de Doutora em Línguas e Literaturas Modernas da Universidade Bocconi em Milão. Ela ensinou o Italiano e a literatura comparativa, a teoria filmica, os estudos do gênero e sobre as mulheres em várias universidades americanas. Atualmente, ela leciona a História da Consciência, um programa interdisciplinar de Doutorado, na Universidade da Califórnia em Santa Cruz. Ela foi convidada como Professora Visitante por universidades do Canadá, Alemanha, Itália, Holanda e Estados Unidos. Autora de mais de cem ensaios e inúmeros livros, de Lauretis escreveu sobre semiótica, psicanálise, filmes, literatura, ficção científica, e teorias feministas e culturais, tanto em Inglês como em Italiano. Vários de seus livros aparecem em numerosas antologias e foram traduzidos em treze idiomas. Seus livros em Inglês incluem : *Alice doesn't : Feminism, Semiotics, Cinema* (1984), *Technologies of Gender* (1987), *The Practice of Love : Lesbian*

feministas e nas práticas culturais dos anos 60 e 70, o conceito de gênero [era visto pela crítica] como diferença sexual”, ou seja, o gênero era visto como a criação de diferenças biológicas que opõem homens e mulheres. Porém, de acordo com a própria autora, esse conceito era limitado e se refletia como uma “deficiência do pensamento feminista”; pois ele confina o pensamento à velha teoria de diferença entre homem e mulher e porque o conceito tende a recair nos antigos pensamentos feministas radicais sem se dar conta da necessidade de ter um sujeito constituído no gênero (um sujeito “engendrado” nas relações de sexo, raça e classe). E, para criar este outro tipo de sujeito é preciso desfazer e desconstruir a imbricação entre gêneros e diferenças sexuais. Para isso, a autora sugere que se pense o gênero a partir da visão de Foucault que vê a sexualidade como uma “tecnologia sexual”; assim, seria o gênero um produto de diferentes tecnologias sociais.

O significado do termo ainda sugere muito mais. Se o dicionário indica que gênero é “a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria” (LAURETIS, 1994, p.210), a autora conclui que o sistema sexo-gênero pode se referir “tanto a uma construção sociocultural quanto a um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado a indivíduos dentro da sociedade.” (LAURETIS, 1994, p.212). O gênero, como representação é, portanto, essa matriz discursiva, heteronormativa que produz a verdade do sexo.

Para Donna Haraway (2004, p.233), De Lauretis analisava o gênero como a “trágica falha” das teorias modernas e pós-modernas da cultura cujo problema é o contrato heterossexual. “De Lauretis definiu gênero como a construção social de ‘mulher’ e de ‘homem’ e a produção semiótica da subjetividade; gênero tinha a ver com ‘os efeitos constitutivos mútuos na semióse do mundo exterior da realidade social com o mundo interior da subjetividade.’ Assim, os esforços desta autora serviram de grande ajuda para a inscrição do gênero no cinema, por

Sexuality and Perverse Desire (1994), e três volumes de ensaios, incluindo *Feminist Studies/Critical Studies* (1986). Também foi co-editora de dois números especiais de jornais, incluindo o sobre a “Queer Theory” das *diferenças : A Journal of Feminist Cultural Studies* (1990). Sua obra em Italiano compreende : *La sintassi del desiderio : struttura e forme Del romanzo sveviano* (Longo, Ravenna, 1976), *Umberto Eco* (La Nuova Italia, Florença, 1981), *Differenza e indifferenza sessuale* (Estro, Florença, 1989), *Sui generis. Scritti di teoria femminista* (Feltrinelli, Milão, 1997), *Pratica d'amore, Percorsi del desiderio perverso* (La Tartaruga, Milão, 1997) e *Soggetti eccentrici* (Feltrinelli, Milão, 1999).

exemplo. Ela identificou “uma posição de um sujeito feminista específico, marcado pelo gênero no sistema de sexo/gênero.”

Joan Scott³¹ vê o gênero como categoria analítica: “o gênero é uma categoria útil de análise porque proporciona uma maneira de decodificar o significado e de entender as conexões complexas entre várias formas de interação humana.” (SCOTT apud HAWKESWORTH, 1999, p.7) Assim, propõe a desconstrução do gênero e o fim da diferença sexual.

Outra importante feminista é Judith Butler³². Na obra *Problemas de gênero: feminino e subversão de identidade*, a autora foi realmente subversiva e desconstruiu o conceito de gênero utilizado até então pelas feministas. As teorias feministas, inicialmente, defendiam a ideia de que o gênero era culturalmente construído, diferente do sexo, que era naturalmente adquirido. Butler desconstrói esses conceitos e sugere que o sexo é também tido como cultural e, por isso, constituído discursivamente como o gênero. Nas palavras de Butler, “[...] talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma.” (BUTLER, 2003, p.25).

³¹ Joan Wallach Scott (1941) é professora da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Altos Estudos de Princeton, Nova Jersey. Especialista na história do movimento operário no século XIX e do feminismo na França, Scott é, sem dúvida, uma das mais importantes teóricas sobre o uso da categoria gênero em história. Dentre sua produção está *Gender: a useful category of historical analysis*, (*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*) em que a historiadora apresenta e discute diversas acepções do termo gênero à luz de diferentes correntes teóricas, elaborando uma definição para tal categoria e apontando a importância de seu uso para a renovação das pesquisas históricas. Em 2002, a Editora Mulheres publicou a obra da autora, intitulada “*A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*”, traduzida por Élvio A. Funck e apresentada por Miriam P. Grossi.

³² Judith Butler (1956) nasceu em Cleveland, Ohio. É uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, que contribuiu para os campos do feminismo, Teoria Queer, filosofia política e ética. Atualmente é professora da cátedra Maxine Elliot no Departamento de Retórica e Literatura Comparada da University of California em Berkeley. Butler obteve seu Ph.D. em filosofia da Yale University em 1984, e sua dissertação foi subsequentemente publicada como *Subjects of desire: hegelian reflections in twentieth-century France*. Em fins da década de 1980, entre diversas designações de ensino e pesquisa (tais como no Centro de Humanidades na Johns Hopkins University), ela envolveu-se nos esforços “pós-estruturalistas” da teoria feminista ocidental em questionar os “termos pressupostos” do feminismo. Suas obras mais importantes são: *Gender Trouble* (1990 – obra que vendeu mais de cem mil cópias no mundo inteiro), *Bodies that matter; Excitable Speech* (1997); *Undoing Gender* (2004); *Giving an Account of Oneself*.

Butler propõe pensar no gênero como uma *performance*; para ela, gênero é uma matriz discursiva que causa o sexo, ou seja, o sexo não é uma causa do gênero, como muitas feministas defendiam; pelo contrário, o gênero cria o sexo. E mais: a biologia constrói o corpo, esse corpo é o efeito da prática discursiva (o corpo é o objeto no qual melhor podemos visualizar esses efeitos na prática discursiva, o corpo é a inscrição de todas as práticas discursivas).

Outro caminho percorrido por Butler, em sua obra, a fim de trabalhar melhor as questões de gênero é a interação que ela faz com outros autores como, por exemplo, Simone de Beauvoir. Enquanto muitas escritoras seguiam uma teoria já determinada pelas feministas, Butler questiona a célebre frase “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”, desnaturalizando o gênero. Para Butler, “não há nada em sua explicação que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea.” (BUTLER, 2003, p.27). E Butler conclui: e se “o corpo é uma situação”, como consequência, o sexo não poderia ser qualificado como uma facticidade anatômica pré-discursiva.

A interação de Butler vai além; ela analisa os estudos da feminista Luce Irigaray³³ e faz um paralelo entre as duas escritoras. Irigaray diz que o sexo não é uno e que as mulheres, que são o sexo, constituem o “irrepresentável” (algo que não pode ser pensado linguisticamente). Contrária às ideias de Beauvoir, que atribui às mulheres a designação de “o Outro”, Irigaray afirma que “tanto o sujeito como o Outro são os esteios de uma economia significante falocêntrica e fechada, que atinge seu objetivo totalizante por via da completa exclusão do feminino.” (BUTLER, 2003, p.29). Dessa forma, conclui que o sexo proporciona um ponto de partida para a crítica das hegemonias e da metafísica da substância que estrutura a noção de sujeito.

Essa “metafísica da substância” é analisada por Butler como argumento para sua desnaturalização do gênero. De acordo com a

³³ Luce Irigaray (1932) nasceu em Blaton, na Bélgica. É filósofa e feminista. Destaca-se no estudo do feminismo francês contemporâneo e em filosofia europeia. É uma pensadora interdisciplinar cujos trabalhos se dividem entre filosofia, psicanálise e linguística. Sem se ligar a qualquer grupo feminista, envolveu-se na demonstração de medidas anticoncepcionais e na defesa dos direitos de aborto. Recebeu convites para ministrar seminários e falar em conferências por toda a Europa, muitas delas tendo sido publicadas. O trabalho de Irigaray influenciou o movimento feminista na França e na Itália por várias décadas. Desde a década de 1980 tem se manifestado a favor do movimento comunista italiano, por meio de visitas e aulas naquele país. Nessa década conduziu pesquisa no *Centre National de la Recherche Scientifique* acerca das diferenças de linguagem entre homens e mulheres, baseando-se em oradores de muitas línguas.

autora, em geral, as teorias feministas adotam o sexo como “substância”. E as feministas humanistas entendem o gênero como um “atributo” da pessoa, caracterizada como “uma substância ou um ‘núcleo’ de gênero pré-estabelecido, denominado pessoa. O que a pessoa é (e consequentemente o gênero é) refere-se às relações construídas em que ela é determinada.” (BUTLER, 2003, p.29). Butler argumenta, indicando que o gênero, por ser inconstante e contextual, não denota um ser substantivo, mas sim “um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes.” (BUTLER, 2003, p.29).

No artigo “Confundir el género”(1999), Mary Hawkesworth³⁴ faz um estudo acerca dos vários críticos e seus conceitos para o polêmico termo “gênero”. Segue uma série de conceitos resgatados pela autora:

[...] alguns empregam o gênero para analisar a organização social das relações entre homens e mulheres (Rubin, 1975; Barret, 1980; Mackinnon, 1987); para investigar a reificação das diferenças humanas (Vetterling-Braggin, 1982; Hawkesworth, 1990; Shanley y Pateman, 1991); para conceituar a semiótica do corpo, o sexo e a sexualidade (De Lauretis, 1984; Suleimn, 1985; Doane, 1987; Silverman, 1988); para explicar a distribuição de tarefas e benefícios na sociedade (Walby, 1986; Connell, 1987; Boneparth y Stopper, 1988); para ilustrar as microtécnicas do poder (De Lauretis, 1987; Sawicki, 1991); para iluminar a estrutura da psique (Chodorow, 1978); para explicar a identidade e a aspiração individuais (Epperson, 1988; Butler, 1990).

³⁴ Mary Hawkesworth é professora de Estudos da Mulher e Gênero no Centro de Mulheres Americanas e Política da Universidade Rutgers, onde trabalha com a teoria feminista, as mulheres e a política, a filosofia política contemporânea e filosofia da ciência, política e social. Escreveu as seguintes obras: *Globalização e ativismo feminista* (Rowman e Littlefield, 2006); *Feminista Inquérito: de convicção política de inovação metodológica* (Rutgers University Press, 2006), *Opressão: Teoria Feminista e Estratégia Política* (New York: Continuum Press, 1990) e *Questões Teórico de Análise Política* (Albany: State University of New York Press, 1988); co-autor de *Mulheres, Democracia e Globalização na América do Norte* (Palgrave, disponível em 2006), editora da *Encyclopédie de Governo and Politics* (London: Routledge, 1992, 2ª Edição Revisada, 2003), e *Feminismo e Políticas Públicas* (Política Ciências 27 (2-3), de 1994), e co-editora de *Gênero, globalização e democratização* (Rowman e Littlefield, 2001).

O gênero tem sido discutido como produto de atribuição (Kessler e McKenna, 1978); da socialização (Ruddick, 1980 Gilligan, 1982), de práticas disciplinares (Butler, 1990; Singer, 1993). [...] O gênero tem sido descrito como uma característica estrutural do trabalho, o poder a catársis (Connel, 1987) e um modo de percepção (Kessler e Mckenna, 1978; Bem, 1993). O gênero tem sido descrito em termos de uma oposição binária, de contínuas variáveis e variantes e em termos de capas da personalidade. Tem sido caracterizado como diferença (Irigaray, 1985) e como relações de poder manifestadas como dominação e subordinação (Mackinnon, 1987; Gordon, 1988). (HAWKESWORTH, 1999, p.4-5)

Para Sandra Harding³⁵, que segue a mesma linha de Joan Scott, o gênero deve ser visto como uma “categoria analítica com a qual os humanos pensam e organizam sua atividade social em vez de concebê-lo como uma consequência natural da diferença de sexo, ou sequer como uma variável social designada a pessoas individuais de diferentes maneiras de uma cultura ou outra.” (HAWKESWORTH, 1999, p.8) Portanto, as duas escritoras vinculam o gênero à psicologia, à organização social, aos papéis sociais, aos símbolos culturais, às crenças, à experiência do corpo e à sexualidade.

Na tentativa de melhor demonstrar/compreender o gênero como ferramenta teórica, Hawkesworth lança uma série de questionamentos acerca do gênero como categoria analítica envolvendo as relações sociais, aos processos de cultura, atitudes “naturais”, etc e propõe o estudo de alguns críticos para ainda melhor teorizar o gênero.

³⁵ Sandra Harding é filósofa e leciona na Universidade da Califórnia, Los Angeles, na Escola de Estudos Superiores em Educação e Informação. Ela é autora e editora de dez publicações sobre estudos feministas e pós-coloniais em filosofia da ciência e teoria do conhecimento, e co-editora do Journal of Women in Culture and Society. Alguns de seus livros são: *The Science Question in Feminism* (1986), *Feminism and Methodology* (1987), *Whose Science? Whose Knowledge? Thinking From Women's Lives* (1991), *The 'Racial' Economy of Science: Toward a Democratic Future* (1993), *Is Science Multicultural? Postcolonialisms, Feminisms, and Epistemologies* (1998); *The Feminist Standpoint Theory Reader: Intellectual and Political Controversies* (2003) e a edição comemorativa de vigésimo aniversário da publicação *Discovering Reality: Feminist Perspectives on Epistemology, Methodology, Metaphysics, and Philosophy of Science*.

Segundo Hawkesworth (1999, p.15-17), o filósofo Steven Smith³⁶, em seu livro denominado *Gender Thinking* (1992) define o gênero como “uma formação convencional de uma humanidade plástica” e descreve “gendering” como “um processo cultural”. Para ele (e aqui são lembradas também das ideias de Levi-Strauss) “cultura e gênero são organizações normativas de intenção que vinculam e unem o grupo.” E explica: o gênero, por ser construído culturalmente se faz necessário porque exerce muitas funções, dentre elas está o seu envolvimento na sobrevivência da espécie. O autor sugere que “a reprodução da espécie requer diferenciação sexual: a cultura cria essa diferenciação para assegurar a perpetuação da espécie, mas esconde seu papel, atribuindo a diferença original ao sexo.” (HAWKESWORTH, 1999, p.18). Por isso é que se diz que a união de machos e fêmeas (a heterossexualidade) é a premissa básica do sistema de gênero. Segundo Hawkesworth, a teoria de Smith mostra como o gênero, uma categoria que quer por fim ao determinismo biológico, invoca indiretamente o terreno biológico que pretende evitar. Isso porque ele opera dentro do modelo base da distinção de sexo/gênero.

Para concluir seu trabalho, Hawkesworth (1999, p.42) faz muitos questionamentos acerca dos teóricos por ela citados e acredita que trabalhar o gênero como categoria analítica tem sido um grande avanço para as feministas. Além disso, compreender a distinção entre sexo, sexualidade, identidade sexual, identidade de gênero, papel de gênero e identidade de papel de gênero pode permitir às feministas não ver o gênero só como um mecanismo analítico, mas “investigando questões que confrontam a atitude natural e por ela contribuem para uma política progressista.”

Na tentativa de explicar a função do gênero, essas feministas acabam caindo na questão de papel universal e invariável do gênero. Assim, raça, classe e etnicidade desaparecem quando a cultura produz a sobrevivência da espécie, a heterossexualidade obrigatória, o maior prazer sexual ou as categorias da mente.

Outras reflexões acerca do gênero também são realizadas por Jane Flax³⁷. Em seu ensaio “Pós-modernismo e relações de gênero na

³⁶ Steven G. Smith é Professor Associado de Filosofia e Religião no Millsaps College e autor de *O conceito do espiritual: um ensaio de filosofia primeira* (Templo).

³⁷ Jane Flax é professora de teoria política na Universidade de Howard e psicoterapeuta. Publicou artigos e ensaios em *Quest*, *Feminist Studies*, *Politics and Society*, *Journal of Politics* e *Journal of Philosophy*.

teoria feminista”, a crítica faz um apanhado geral acerca das teorias feministas e da problemática central: o gênero. Segundo ela, não há um consenso entre as próprias teóricas feministas sobre as diversas questões que envolvem o gênero. No entanto, afirma que:

As relações de gênero são uma categoria destinada a abranger um conjunto complexo de relações sociais, bem como a se referir a um conjunto mutante de processos sociais historicamente variáveis. O gênero, tanto como categoria analítica quanto como processo social é relacional. Ou seja, as relações de gênero são processos complexos e instáveis constituídos por e através de partes inter-relacionadas. (FLAX, 1991, p. 227)

Segundo a autora, as relações de gênero criam o homem e a mulher, que se apresentam como categorias excludentes, no sentido de que só se pode pertencer a um gênero e não a dois; ser homem e ser mulher depende de cada cultura e de cada época; entretanto, o que se pode afirmar é que as relações de gênero têm recaído nas relações de dominação – o homem é o dominador. Em várias culturas, o homem costuma ser visto como livre das relações de gênero ou como “não determinado por elas” e o próprio discurso feminista, ironicamente, privilegia essa posição. Porém, segundo a autora, “na perspectiva das relações sociais, homens e mulheres são ambos prisioneiros do gênero, embora de modos altamente diferenciados, mas inter-relacionados.” (FLAX, 1991, p.229).

Nesse contexto, Jane Flax tece algumas considerações sobre a teorização feminista, colocadas como explicação para os arranjos de gênero. Para ela, as teóricas feministas proporcionaram ideias muito importantes, porém, falhas e inadequadas em vários pontos; como exemplo, ela também cita Gayle Rubin no seu “Traffic in women”, em que problematiza a questão dita pela autora de que a origem do gênero estaria na “transformação de bruto sexo biológico em gênero”; para ela, a divisão entre cultura e sexualidade ‘natural’ estaria enraizada em “arranjos de gênero”. Outro ponto questionado pela autora se dá com relação às feministas socialistas, as quais indicam que a causa fundamental dos arranjos de gênero está na “organização da produção ou na divisão sexual do trabalho”. Segundo Flax, essas concepções

“deturpam a vida na sociedade capitalista” e “não são apropriadas a todas as outras culturas”. Também são questionadas, pela autora, as ideias das feministas francesas quanto à construção do gênero, pois os textos ou os signos “tendem a tratar de uma vida que pertence a eles mesmos ou a se transformarem no mundo, como na afirmação de que nada existe fora do texto” (FLAX, 1991, p.233). Dessa forma, ela conclui que todas essas práticas sociais que aparecem como explicações para as relações de gênero não são donas da Verdade, mas que tudo depende de sua época e do contexto em que estão inseridas.

Em sua luta incessante para buscar explicações sobre as relações de gênero, Jane Flax (1991, p.236-38) discorre acerca da dificuldade de relacionar e diferenciar “gênero” e “sexo”. A autora defende a ideia de que sexo estaria ligado às “diferenças anatômicas” entre machos e fêmeas. Já as relações de gênero estariam conceituadas “como se fossem constituídas por dois termos opostos ou dois tipos distintos de seres – homem e mulher.” Então, já que homem e mulher são seres distintos, a conclusão é que o gênero “não pode ser relacional”. Isso provocaria uma mudança no modo de ver das teóricas feministas que, apesar de falarem em “desnaturalização” do gênero, têm dificuldade de pensar sobre o significado de “natural”. E acabam omitindo que os conceitos de biologia/natureza estejam enraizados nas relações sociais. Assim, “para entender o gênero como relação social, as teóricas feministas precisam desconstruir, além disso, os significados que damos a biologia/sexo/gênero/natureza.”

O processo de desconstrução vai muito além. Flax lembra as teóricas que, erroneamente, viam sexo e gênero como termos distintos e se questiona sobre o porquê de se dar tanta importância às diferenças (entre homem e mulher) se há muito mais semelhanças a serem trabalhadas. E ela mesma arrisca respostas: isso poderia se dar em virtude da função de reprodução, ou de que para haver reprodução é preciso haver relação sexual e as diferenças anatômicas (que podem estar ligadas à sexualidade) se completam.

Jane Flax finaliza a questão, afirmando que:

[...] o gênero é uma relação social constituinte e também uma relação de dominação. Portanto, tanto o entendimento do homem quanto o da mulher de anatomia, biologia, corporificação, sexualidade e reprodução estão parcialmente enraizados em relações de gênero preexistentes, refletem-nas e devem justificá-las (ou contestá-las). Por outro lado, a

existência de relações de gênero nos ajuda a ordenar e entender os fatos da existência humana. (FLAX, 1991, p. 240-41)

Outra feminista que trabalhou na definição do termo gênero foi Marta Lamas³⁸, escritora que também segue a linha de Joan Scott. Em seu artigo intitulado: “Usos, dificultades y posibilidades de la categoría ‘género’” (1996), a autora discute os diversos usos do termo gênero através dos tempos e conclui que todos tendem a cair na sua “desnaturalização”. Lamas (1996, p.329-30) assinala que Scott associa gênero às ciências sociais e que este demarca a política do feminismo; além disso, emprega-se também o gênero para “designar as relações sociais entre os sexos”. Assim, Lamas descreve que o “gênero facilita um modo de decodificar o significado que as culturas outorgam à diferença de sexos e de compreender as complexas relações entre várias formas de interação humana”. Scott, enfim, conceitua o gênero como “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos e o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder”.

Marta Lamas faz, em seu estudo, duas alusões ao conceito de gênero: o primeiro relacionado às mulheres, e o outro, à construção cultural da diferença sexual, fazendo alusão às relações sociais do sexo. Para ela, a definição de gênero alude à ordem simbólica que uma certa cultura tem do que é diferença sexual, em um conjunto de ideias e discursos e até em fatores como religião. E como há muitos tipos de representações culturais e, por isso o grau de complexidade é muito grande, “a diferença sexual tem certa persistência fundamental: trata da fonte da imagem que temos do mundo em contraposição com o outro. O corpo é a primeira evidência incontestável da diferença humana.” (LAMAS, 1996, p.340). E é essa diferença sexual que designa, em uma sociedade, os papéis “naturais” dos homens e das mulheres. Essa

³⁸ Professora no Departamento de Ciéncia Política no Instituto Tecnológico Autônomo do México. Fundou o Instituto de Simone de Beauvoir Liderança, um instituto para treinar mulheres e jovens, homens e mulheres que acham que incorporam uma perspectiva de gênero e o desejo de equidade. Para além destas atividades, é dedicada ao jornalismo – foi fundadora da Revista *fem.* (1976) e do suplemento *doblejornada* (1987). Editorialista da revista *Proceso* e do jornal espanhol *El País*. É autora de obras como: *Política e reprodução. Aborto: a fronteira do direito de decidir* (2001); *Corpo: sexual e da diferença de gênero* (2002); *Feminismo: transmissões e retransmissões* (2006); *Perspectivas Feministas no México do século XX* (2007).

distinção contribui ideologicamente para a essencialização do feminino e do masculino. Segundo a autora, só o uso rigoroso da categoria gênero poderia conduzir à desessencialização da ideia de homem e de mulher. Seria necessário entender os processos psíquicos e sociais “mediante os quais as pessoas se convertem em homens e mulheres dentro de um esquema cultural de gênero, que postula a complementariedade dos sexos e a normatividade da heterossexualidade, facilita a aceitação da igualdade – psíquica e social – dos seres humanos e a rever o conceito de homossexualidade.” (LAMAS, 1996, p.361).

Em *Interpretando o gênero*, Linda Nicholson³⁹ afirma que a palavra “gênero” vem sendo aplicada de duas maneiras diferentes: primeiramente como opositor a “sexo”; em segundo lugar, “como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos ‘femininos’ de corpos ‘masculinos’” (NICHOLSON, 2000, p.9). No entanto, ela concorda que mesmo com a intensidade dessa segunda maneira, a primeira, ou seja, a ideia de gênero ligada a sexo, existe e ainda é muito forte. Por isso mesmo, ela trabalha a distinção entre o “determinismo biológico” e o “fundacionalismo biológico”. Nicholson, bem como a maioria das escritoras, critica o primeiro, e a autora afirma que este segundo “permite que os dados da biologia coexistam com os aspectos de personalidade e comportamento.” Isso deu margem às feministas para sustentarem a ideia de que as constantes da natureza são responsáveis por certas constantes sociais, ideias estas frequentemente associadas ao determinismo biológico. Outro fator significativo é que esse fundacionalismo “permite às feministas assumir tanto as diferenças entre as mulheres quanto o que elas têm em comum.” Porém, se tal fundacionalismo permite o reconhecimento de diferenças entre mulheres, é válido observar que ele o faz de maneira muito limitada. Nicholson observa nessa teoria obstáculos à verdadeira compreensão das diferenças, pois acaba vendo o gênero como representativo do que as mulheres têm em comum, e aspectos de raça e classe como indicativos do que elas têm de diferente. Por isso, sugere que o

³⁹ Linda Nicholson – nasceu nos Estados Unidos e é PhD em História das Ideias, na Universidade de Brandeis. Suas principais obras são: *Identidade, antes e depois de identidade política*, pela Cambridge University Press ; *A Play of Reason: do moderno ao pós-moderno* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1999, publicado no British Commonwealth, na Europa e no Médio Oriente pela Open University Press) e *Gênero e História: Os Limites da Teoria Social na Era da Família* (New York: Columbia University Press, 1986).

feminismo abandone tanto o fundacionalismo biológico quanto o determinismo biológico, já que é preciso “entender as variações sociais na distinção masculino/feminino como relacionadas a diferenças profundas”. Portanto, a noção de gênero estudada por Nicholson nos permite concluir que o gênero designa aquilo que é socialmente construído, e o sexo o que é biologicamente dado.

“Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta.” É esta a conclusão a que chega Donna Haraway⁴⁰ (2004, p.211), em seu artigo intitulado “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra” (2004). Neste estudo, a autora faz uma análise das diversas “voltas” que deu o uso da palavra “gênero” nas diversas línguas, já que em umas, o termo parece ter mais força que em outras: “As palavras modernas em inglês e alemão, ‘Gender’ e ‘Geschlecht’, referem diretamente a conceitos de sexo, sexualidade, diferença sexual, geração, engendramento e assim por diante, ao passo que em francês e em espanhol elas não parecem ter esses sentidos tão prontamente.” (HARAWAY, 2004, p.209). E explica que devido a essas dificuldades com as palavras, as teorias marxistas também encontraram dificuldades de inserir as opressões racial e sexual.

No início dos debates acerca do assunto, explica Haraway (2004, p.212), o conceito de gênero não estava nas teorias de Marx e Engels, mas se pode dizer que tais teorias deram suporte ao tema. O que temos sobre gênero hoje, certamente, teve como base as ideias de Simone de Beauvoir, de que “não se nasce mulher, mas torna-se mulher”, e nas condições sociais do pós-guerra que começaram a pensar o papel da mulher como “sujetos” da ação. Com base nisso, podemos dizer que as teorias feministas procuram explicar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos. Nesse contexto, percebe-se que o conceito de gênero está diretamente ligado à distinção entre natureza e sociedade e natureza e história; “a

⁴⁰ Donna Haraway (1944) nasceu em Denver, Colorado. É professora de História da Consciência na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Seus trabalhos influenciaram os chamados Estudos Culturais e Estudos de Mulheres, assim como a Primatologia, Teoria Literária e Filosofia. Criou a “Ciborgologia” e o “Manifesto para Ciborgues” - em que utiliza o ciborgue como uma imagem condensada das transformações sociais e políticas do Ocidente na virada do século - foi originalmente publicado na Socialist Review, em 1985, constituindo, mais tarde, um dos capítulos do livro *Simians, Cyborgs and Women - The Reinvention of Nature* (1991).

relação das teorias feministas de gênero com o marxismo está vinculada à sorte dos conceitos de natureza e trabalho no cânone marxista e na teoria ocidental de modo mais geral.”

Haraway trabalha, ainda, com as ideias de Adrienne Rich⁴¹, em seu ensaio intitulado “Compulsory heterosexuality and lesbian existence” e Monique Wittig⁴², em “One is not born a woman”, e analisa que ambas tinham na heterossexualidade a raiz da opressão das mulheres. Assim, eram contra o casamento que, para elas, representava a “relação antagônica dos dois grupos sociais coerentes, homens e mulheres”. (HARAWAY, 2004, p.226). Portanto, as seguidoras dessas teóricas, lutavam principalmente pela destruição do sistema social da heterossexualidade, uma vez que sexo representava a categoria política naturalizada que determinava a sociedade como heterosexual.

Por fim, Haraway conclui seu estudo, afirmando que:

[...] o poder político e explicativo da categoria ‘social’ de gênero depende da historicização das categorias de sexo, carne, corpo, biologia, raça e natureza, de tal maneira que as oposições binárias que geraram o conceito de sistema de sexo/gênero sejam implodidas em teorias da corporificação articuladas, diferenciadas, responsáveis, localizadas e com consequências, nas quais a natureza não mais seja imaginada e representada como recurso para a cultura ou o sexo para o gênero. (HARAWAY, 2004, p. 246)

Como se pode verificar, são várias as tentativas de explicações acerca do gênero apresentadas. Seja qual a forma adotada (por meio da linguística, da análise histórica, do estruturalismo, da desconstrução, da psicanálise freudiana e lacaniana, da fenomenologia, da psicologia existencial e cognitiva ou do materialismo dialético), o que importa é

⁴¹ Adrienne Rich (1929), nasceu em Baltimore, Estados Unidos. É feminista, poeta, professora e escritora. Filha de pai judeu e mãe cristã, a feminista apoia o ativismo de organizações como Jewish Voice for Peace (Vozes Judaicas a Favor da Paz) que nos Estados Unidos se opõem firmemente à ocupação dos territórios palestinianos. Assumidamente lésbica e profundamente crítica dos valores dominantes, Rich escolheu praticar a solidariedade humana com os marginalizados e os oprimidos do seu país e do mundo inteiro.

⁴² Monique Wittig (1935 - 2003), escritora e teórica do feminismo francês, particularmente interessada em superar a noção de gênero e o contrato heterossexual, considerava-se uma lésbica assumida. Publicou seu primeiro romance, *L'opponax*, em 1964 e seu segundo romance, *Les Guérillères* (1969), foi considerado um marco no feminismo lésbico.

que as feministas constantemente têm desafiado aquelas teorias que eram dadas como “certas” e estão cada vez mais ocupando seu espaço na sociedade.

2.2 A crítica feminista e a escrita de mulheres

O tema “mulher e literatura” tem sido muito debatido nos últimos tempos e tem ocupado um largo espaço dentro da academia; várias obras sobre o assunto são publicadas em países como a França, Inglaterra, Estados Unidos e até mesmo no Brasil e diversas teses, monografias e artigos têm suscitado debates, por se tratar de questões muito polêmicas em torno da escrita de mulheres. Daí a aparecerem termos como: escrita feminina, escrita feminista, escrita de mulheres. Mas, a grande questão que realmente inquieta (e muitas vezes insulta!) a crítica feminista é: “existe uma escrita feminina?”

A partir da década de 1970, começam a surgir os primeiros estudos feministas acerca do tema; neles, as discussões giram em torno da questão da “alteridade” em relação ao que é considerado o “centro”: no espaço social, os movimentos anticoloniais, étnicos, raciais, de homossexuais, de mulheres se encarregam dos debates; já no espaço acadêmico, filósofos pós-estruturalistas como Foucault, Derrida, Deleuze, Barthes e Kristeva intensificam o tema da crise e da questão do descentramento da noção de sujeito, introduzindo noções de marginalidade, alteridade e diferença (HOLLANDA, 1994).

Nesse ínterim, a mulher, até então vista como “o outro” em relação ao homem, que é o “centro”, o “exemplo”, a “norma”, começa a mostrar suas marcas de visibilidade, despertando para si o interesse de se tornar um sujeito ativo na sociedade e de se fazer representar pela crítica feminista seja no âmbito social, seja no âmbito literário.

Esse *exercício de si*⁴³ realizado pelas mulheres toma proporções maiores que envolvem questões referentes à autoria, escrita e leitura. A

⁴³ Michel Foucault, em “A Hermenêutica do Sujeito” (2004) propõe um novo enfoque para o estudo das relações entre o sujeito e a verdade: ele começa a estudar tal relação a partir da noção grega de *Epiméleia Heautoú – cuidado de si*. Nesse caso, ao resgatar a ideia de *cuidado de si*, o autor nos mostra que nessa busca da verdade, o sujeito não é objeto, e sim o agente que forma tal verdade. É importante também observar que, em certo momento, foi preciso separar essa noção de *Epiméleia Heautoú* de uma outra noção muito importante para o pensamento ocidental, que é a de *Gnôthi Seautón* – conhece-te a ti mesmo. Foucault indica que, na cultura

mulher, para se tornar o sujeito do *cuidar de si*, tem que passar pelo caminho da transgressão; ela precisa romper com o poder falogocêntrico⁴⁴ que procura afastá-la de sua subjetivação, do seu *cuidado de si*, e remetê-la à submissão.

Para isso, a crítica feminista tem procurado desvendar os fundamentos culturais da construção dos gêneros e trabalhado na desconstrução das identidades. Ela indica ser a “ordem patriarcal” a responsável pelas relações de opressão na tentativa de explicar a constituição dos gêneros.

Portanto, cabe à crítica o papel de questionar também a prática acadêmica patriarcal; o fato de já ter sido constatado que a experiência da mulher enquanto leitora é diferente da experiência masculina

grega, o princípio do conhece-te a ti mesmo estava subordinado ao do *cuidado de si*. E para o autor, *Gnôthi Seautón* é uma consequência quando se ocupa consigo mesmo, quando se cuida de si mesmo. Foucault defende, ainda, a ideia de que a *Epiméleia Heautoú* é uma ação para consigo, para com os outros, para com o mundo; é um conjunto de atitudes do ser para que ele próprio se modifique, se assuma, se purifique e se transforme. No estudo do conceito do *cuidado de si*, Foucault contrapõe dois sujeitos: o “sujeito-sujeitado” e aquele que faz parte da formação da “verdade”. Assim, o sujeito do *cuidado de si* é aquele que domina as técnicas para ser menos sujeitado ou para perceber melhor as verdades que estão em volta de si. O *cuidado de si* mesmo não admite qualquer outro tipo de sujeição, ele é “uma análise daquilo que aceitamos, rejeitamos, daquilo que queremos mudar em nós mesmos e em nossa atualidade”. (FOUCAULT, 2004, p.19), ou seja, o sujeito do *cuidado de si* é o agente da construção da verdade, é aquele que questiona, que não se deixa sujeitar-se (ou se sujeita menos!). É essa a relação que queremos fazer do sujeito do *cuidado de si* com a crítica feminista e os estudos de gênero, bem como com a escrita de mulheres.

⁴⁴ O falogocentrismo, isto é, a centralização do *logos* no poder simbólico do *phallus*, demonstra um sistema binário de imposição do masculino (considerado como matriz universal) sobre o feminino (considerado como uma derivação particular dessa matriz) (SHOWALTER, 1994, p.20). O termo “falogocêntrico” foi cunhado por Jacques Derrida, que juntou as palavras *falocentrismo* e *logocentrismo* a fim de fazer uma crítica às teses de Jacques Lacan no seminário sobre o conto de Edgar Allan Poe, “The purloined letter”, o qual Derrida considera pecar por falogocentrismo. De acordo com o *Dicionário Houaiss*, falocentrismo é a “doutrina ou crença centrada no falo, especialmente na convicção da superioridade do sexo masculino”; e logocentrismo, palavra que também ganhou uso com o filósofo Derrida (1930-2003), para designar a “centralidade do *logos* no pensamento ocidental, questionável em decorrência do seu caráter metafísico, fruto de uma consciência interiorizada que se expressa especialmente através da linguagem falada e empreende uma investigação ontológica da realidade”. Ainda sobre o falogocentrismo, o *E-Dicionário de Termos Literários* indica que é um termo usado na crítica feminista para denotar “a dominação masculina, evidente no facto de o falo ser sempre aceite como o único ponto de referência, o único modo de validação da realidade cultural [...] O discurso é falogocêntrico porque se organiza internamente à volta de todos os sinais e marcas do masculino, quer no que respeita ao vocabulário quer em relação à sintaxe, à gramática e às próprias regras da lógica discursiva.”

provocou a quebra de paradigmas e o surgimento de novas expectativas no campo intelectual.

A fim de estudar com mais intensidade esse aspecto, a crítica feminista julgou ser necessário considerar o contexto social em que está inserido seu objeto de estudo. Dessa forma, uma análise das circunstâncias sócio-históricas que envolvem a mulher tornou-se imprescindível para explicar sua representação no âmbito da produção literária. Na verdade, sabemos que não foi no século XX que a mulher começou a mostrar sua escrita; ela já escrevia muito antes, porém, era-lhe muito difícil dar à publicidade suas criações. “Por esse motivo, o discurso da mulher procurou seguir os códigos masculinos. Isso fez com que contemporaneamente, a literatura escrita por mulheres se tenha caracterizado por um desejo de transgressão a esses códigos.” (JOZEF, 1995, p.85)

Dessa forma, conscientes de que seu papel enquanto escritoras rumava pelo caminho das incertezas, da ansiedade e da insegurança que a cultura lhes apresentava, as mulheres desafiaram o processo de socialização e transgrediram os padrões culturais, deixando-nos, mesmo estando dentro da cultura dominante, uma tradição feminina que “força a abertura de um espaço dialógico de tensões e contrastes que desequilibra as representações simbólicas congeladas pelo ponto de vista masculino.” (SCHMIDT, 1995, p.187) É o feminino que começa a subverter suas marcas de “passividade e “conformismo” dentro de seu silêncio e de sua invisibilidade. É o “objeto que começa a falar”. É a mulher que passa a conquistar sua identidade e a sua escritura. Foi graças a toda essa conquista, que hoje a literatura escrita por mulheres luta por um processo de reconstrução da categoria “mulher”, trabalhando na recuperação de seu espaço e de suas experiências abafadas pela cultura patriarcal.

Assim, podemos dizer que esse fazer literário se inscreve como prática política pela crítica feminista.

A desarticulação do sistema binário de gênero e das relações de poder nele embutidas – a partir da reconstrução da noção de diferença e de sujeito, cujos efeitos ocorrem no nível da subjetividade e da auto-representação através das funções de significação e representação – por si só produz a ruptura definitiva da hegemonia do idêntico, redimensionando a noção de cultura em termos de

inclusão da multiplicidade, da heterogeneidade e legitimidade de outros sujeitos sociais e discursivos. (SCHMIDT, 1995, p.188)

Portanto, ler um texto literário tendo como instrumentos os conceitos fornecidos pela crítica literária feminista (mulher-sujeito/objeto, gênero, falocentrismo, logocentrismo, patriarcalismo, alteridade, desconstrução, etc.) significa refletir sobre a maneira como o texto está marcado por tais ideologias – e é isso que vai fazer com que surjam reflexões e mudanças de pensamentos, bem como posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais nas quais estavam historicamente presas as mulheres. Acredita-se que esse tem sido o objeto principal dos debates promovidos pela crítica feminista: a transformação da condição de subjugada da mulher. Para isso, tenta-se modificar os discursos tradicionalistas que deixam a mulher relegada a um segundo plano, em relação ao homem, e sua consequente exclusão do cânone literário (assunto a ser debatido em seguida). A crítica feminista insiste na questão da desconstrução do binarismo homem/mulher e das demais oposições que essa associação implica.

Mas, se em um primeiro momento a crítica feminista esteve preocupada com a negação da mulher no espaço do cânone, hoje, ao invés de se preocupar com os textos masculinos, ela passou a investigar a literatura produzida por mulheres a partir de quatro modelos de diferença principais: o biológico, o linguístico, o psicanalítico e o cultural. Dadas as diferenças, todos esses elementos possuem objetivos em comum: procurar acabar com as bases de dominação de um gênero sobre o outro e tornar mais visíveis os fundamentos culturais das construções de gênero (promovendo a oposição das perspectivas essencialistas e ontológicas dos estudos que abordam a questão da mulher).

A produção teórica feminista, atualmente, apresenta-se dividida em dois polos: o da crítica feminista francesa e o da anglo-americana. “O feminismo francês, mais vinculado à psicanálise, vai trabalhar no sentido da identificação de uma possível ‘subjetividade feminina.’ [...] Esta linha de análise trabalha basicamente com os conceitos de *diférence* (de Derridá) e com o conceito de *imaginário* (de Lacan) em busca da definição de uma *écriture féminine*.” (HOLLANDA, 1994, p.12)

A corrente anglo-saxônica, por sua vez, aborda uma série de questões, tais como: 1) noções de gênero, classe e raça, discutidas em confronto com a noção de essencialidade da mulher; 2) noção de experiência, que enfoca as práticas culturais da mulher relacionadas com sua produção literária, a fim de recuperar uma “identidade feminina” e rejeitar a repetição dos pressupostos da crítica literária tradicional; 3) noções de representação literária, de autoria e de leitor/leitora; 4) noção do cânone literário e crítico, discutindo a legitimidade do que é, ou não, considerado literário e denunciando a ideologia patriarcal que o permeia e determina sua constituição; 5) discute, por fim, a problematização do projeto crítico feminista, no que tange às possibilidades de intervenções nas relações sociais (QUEIROZ, 1995).

No Brasil, a crítica feminista, a partir da década de 1970, consegue um intento muito importante em toda a sua história: faz surgir uma tradição literária feminina até então ignorada tanto pela História como pela Literatura de uma forma geral. Segundo Schmidt (1995, p.182), se na década de 1970 os estudos eram escassos, na década seguinte houve uma “explosão” de pesquisas de vanguarda que “conquistaram expressiva legitimidade acadêmica no âmbito das instituições, desencadeando discussões que vão da construção cultural do sujeito de gênero (masculino/feminino) nos sistemas de representação simbólica ao questionamento dos aspectos logo e etnocêntrico da episteme ocidental moderna.” Assim, baseados em questões como a alteridade e a diferença, muitos historiadores literários passam a dar uma nova interpretação à produção literária de autoria feminina, revisando os conceitos ideológicos, históricos e, portanto, tradicionais sobre a literatura. O resultado é a inserção da mulher como sujeito não apenas da produção literária, mas também da produção crítica e teórica em um espaço outrora destinado somente ao universo masculino.

A crítica feminista resiste aos códigos ideológicos, linguísticos, teóricos ou à autoridade epistêmica do falocentrismo, para construir conhecimentos outros, relegados no quadro referencial da cultura dominante. O trabalho da crítica feminista volta-se fundamentalmente para a desconstrução do caráter gendrado dos discursos de e sobre a representação, no sentido de examinar os pressupostos que as alimentam e

expor a cumplicidade de juízos críticos com ideologias de gênero. (SCHMIDT, 1996, p.140-41)

Essa nova visão, da mulher como sujeito da leitura, até então completamente fora dos estudos literários, coloca, enfim, em evidência o olhar historicizado do sujeito enquanto categoria transitiva condicionada pelas variáveis sócio-históricas e estéticas de sua articulação. A escrita produzida por mulheres representa, portanto, o resultado de duas conquistas: a da identidade e a da escritura, pois sua gênese está no desejo de reparar diversas perdas criadas pela inserção da mulher em um território que não a convida a participar de sua organização.

2.3 A presença/ausência das mulheres na história da literatura

No Brasil, a literatura de autoria feminina, desde sua aparição, no século XIX, era praticamente inexistente até bem pouco tempo atrás.

Fazendo uma abordagem pelos compêndios da literatura brasileira, será realizada aqui uma rápida demonstração acerca da ausência de análises das obras de autoria feminina de ficção desde o século XIX até os anos 1920⁴⁵, até para que se entenda o papel importante desempenhado pela crítica feminista no resgate dessa questão fundamental da literatura de mulheres.

A primeira aparição de texto feminino em um compêndio de que se tem notícia, data de 1853, na obra *Florilégio da poesia brasileira*, de Francisco Varnhagem⁴⁶. Nela, o autor inclui dois poemas de Angela do Amaral Rangel, escritos em meados do século XVIII, com uma breve biografia da autora.

Mais tarde, em 1902, Silvio Romero⁴⁷ cita a mesma Angela Rangel junto a mais dois outros nomes: Beatriz Brandão e Delfina da

⁴⁵ Este estudo foi feito com base na pesquisa de Maria José Motta Viana: Por uma tradição do feminino na literatura brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 5, 1993, Natal. Natal: UFRN, Universitária, 1995.

⁴⁶ VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946.

⁴⁷ ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 2^a ed. v.2. Rio de Janeiro: H. Garnier livreiro e editor, 1902.

Cunha – mas, segundo o autor, sem comentários críticos, “por falta de merecimento”.

Nas obras de José Veríssimo⁴⁸ - *História da literatura brasileira*, de Afrânio Coutinho⁴⁹ - *Introdução à literatura do Brasil*, e de Ronald de Carvalho⁵⁰ - *Pequena História da Literatura Brasileira*, nenhuma autora é merecedora de que seu nome conste nesses estudos.

Em *Formação da literatura brasileira* (1981), Antônio Cândido⁵¹ menciona o nome de Narcisa Amália e, na *História da literatura brasileira* (1982), de Nelson Werneck Sodré⁵², aparecem os nomes de Auta de Sousa, Beatriz Assis Brandão, Nísia Floresta e Narcisa Amália – nos dois livros, tais autoras aparecem entre os autores “menores” do Romantismo brasileiro. Interessante observar que o nome de Ana Ribeiro de Góis Bittencourt, poeta, contista e romancista é mencionado na obra de Sodré como colaboradora do *Almanaque de lembranças luso-brasileiras*, “em artigo-advertência aos perigos dos novos costumes introduzidos pela literatura romântica.” (VIANA, 2002, p.132) O autor sequer faz menção aos oito romances escritos pela referida autora ou a seus contos e poemas.

A italiana Luciana Stegagno Picchio⁵³ dedica um capítulo à literatura de mulheres, intitulado, “A escrita das mulheres”, e outro, “Poetas mulheres”⁵⁴. Nessa obra, aparecem nomes como o de Júlia Lopes de Almeida (apenas uma referência, sem se reportar à vasta produção literária da autora); Narcisa Amália, a qual Picchio se refere como a “poetisa defensora da causa abolicionista”; Bárbara Heliodora, como primeira poetisa brasileira (apesar de Angela Rangel já ter escrito um pouco antes); Francisca Júlia é mencionada como poetisa entre os “menores” do Parnasianismo brasileiro; Auta de Sousa é apenas citada como sendo “neo-romântica mais do que simbolista”.

⁴⁸ VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

⁴⁹ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

⁵⁰ CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1919.

⁵¹ CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

⁵² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Difel, 1982.

⁵³ PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

⁵⁴ Segundo Zahidé Muzart, em seu *Escritoras brasileiras do século XIX* (2000, p.25), “não nos agradavê-las separadas num espaço exclusivo [...] Parece-nos que, embora fique evidente o esforço para incluí-las, para que sejam aceitos os seus nomes, há ao mesmo tempo uma divisão que as coloca no limbo.”

José Aderaldo Castelo⁵⁵, em *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*, comenta que a obra de Auta de Sousa é citada por Agripino Grieco como pertencente ao Parnasianismo e também ao Simbolismo brasileiro.

Lúcia Miguel Pereira em *História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)* cita somente Júlia Lopes de Almeida como única escritora do século XIX – mesmo tendo analisado um período em que as mulheres publicavam muito. Outras poucas escritoras do século XX são mencionadas, mas sem qualquer atribuição de valores às suas obras.

Ao final de seu estudo, Maria José Motta Viana (2002) chega à conclusão de que a invisibilidade dessas autoras na historiografia da literatura brasileira se dá não pela falta de qualidade das suas obras, uma vez que autores masculinos também sofrem do mesmo mal, mas

[...] a outros fatores, tais como, a tecnologia do gênero – masculino ou feminino – que envolve todo um complexo de estruturas ideológicas, a estrutura educacional inacessível à mulher nos períodos colonial e imperial, as condições sociais e políticas da produção literária-cultural vigentes, entre outros aspectos que podem ser revelados ao se pesquisarem as fontes, ao se analisarem as obras e a bibliografia selecionada para a execução deste estudo. (VIANA, 2002, p.134)

É essa lacuna que a crítica feminista pretende preencher, dando maior visibilidade à mulher. A partir de sua inserção, a mulher passa a ocupar um novo espaço: ora como crítica literária, universo antes masculino, ora como autora de obras literárias, sem o medo da rejeição.

2.4 A autoria feminina brasileira

Ao contrário do que muitos pensam, a literatura de autoria feminina vem sendo praticada há muito tempo. No entanto, as leis, a cultura, os costumes e a ideia da condição de inferioridade fez com que

⁵⁵ CASTELO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. v.1 e 2. São Paulo: Edusp, 1999.

a mulher tivesse vários momentos de silenciamento de sua escritura. Mas, de uma forma ou de outra, publicada ou nas gavetas, essa escrita existia e, hoje, podemos dizer que conseguimos grandes avanços na área.

A tradição da escrita feminina passou por diversas transformações através dos tempos. Elaine Showalter, ensaísta norte-americana, em *A literature of their own: british women novelists from bronte to lessing*⁵⁶ (1986), indica que o percurso literário das obras de autoria feminina no espaço de 1840 até 1960 perpassa por três etapas, a saber: a primeira, denominada pela autora de “feminine” (feminina) é caracterizada pela imitação; a segunda fase, que caracteriza um processo de ruptura da tradição e dos valores, é chamada de “feminist” (feminista); e a terceira, a fase do auto descobrimento, da procura da própria identidade, é denominada pela autora de “female” (fêmea/mulher)⁵⁷.

O silenciamento, a censura sempre são elementos presentes quando se fala de escrita de mulheres. Virgínia Woolf, em seu livro *Um teto todo seu*⁵⁸, afirma que a mulher, até os fins do século XIX não fora encorajada a mostrar a sua criatividade e capacidade de escrita, e as que tentaram fazer isso, foram repudiadas e até ridicularizadas. Isso porque “a atividade criativa da mulher era vista como resultado do seu deslocamento em relação às expectativas culturais de gênero, como, por exemplo, a sublimação do instinto e da função maternal.” (SCHMIDT, 1988, p.104)

O que ocorria é que ainda nesse mesmo século XIX, as mulheres ocidentais eram marcadas pelo patriarcado. Eram criadas para serem obedientes, e seu território de existência era o doméstico – daí subentende-se: cuidar dos filhos, da casa, saber coser e proporcionar

⁵⁶ SHOWALTER, Elaine. *A literature of their own: british women novelists from bronte to lessing*. In: EAGLETON, Mary (Ed.) *Feminist Literary Theory*. New York: Basil Blackwell Ltd, 1986.

⁵⁷ A pesquisadora Elôdia Xavier (2002), a partir do estudo de Showalter, indica que a tradição literária feminina brasileira segue o percurso seguinte: a fase feminina teria se iniciado a partir da publicação de um dos primeiros romances escritos por mulheres, *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, e se estendido até 1944, quando Clarice Lispector publica *Perto do coração selvagem*. Essa fase de ruptura se estende até os anos 1990, quando as escritoras começam a reivindicar e a mostrar em seus textos a representação de novas identidades femininas, livrando-se do peso da tradição patriarcal – tem-se início, então, a terceira e última fase, a fase fêmea, a fase mulher.

⁵⁸ WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

conforto ao marido. A partir do momento em que ultrapassam esse universo e invadem o mundo da literatura, o mundo masculino, portanto, desafiam os padrões culturais e políticos que as relegaram ao espaço do lar. Aos poucos, começam a promover a transgressão no que se refere ao seu papel e lugar na sociedade patriarcal.

Esse comportamento transgressor, porém, pôs em risco a sua identidade feminina sexual e a sua própria existência, uma vez que a sociedade patriarcal já havia fixado sua identificação como: dócil, servil, casta, sentimental e centrada no bem estar da família. A fim de tornar menos dolorosa essa pena e não abandonar a escrita, muitas mulheres utilizaram-se de estratégias diversas, como o uso de pseudônimos masculinos ou o fato de se transvestirem de roupas masculinas para frequentar lugares públicos considerados de uso exclusivo aos homens⁵⁹.

De acordo com Moreira (2005, p.234), ainda nessa época, a mulher possuía dificuldades para assumir uma autoria feminina, uma vez que temiam as críticas sociais e a perda da identidade feminina, insistindo “em afirmar que embora escrevessem não estavam nem se desviando dos papéis femininos, nem usurpando uma esfera que não era a sua”, uma vez que estavam, na verdade, estendendo suas experiências moralizantes do lar para fora deste. “Em suma, estas mulheres não se definiam como escritoras, mas como instrutoras morais e espirituais dos seus leitores.”⁶⁰ O resultado disso é o estereótipo criado na época para a escrita de autoria feminina: obras de segunda e de terceira categoria, sentimentalistas, bobas, desritoradoras de seu “cativeiro doméstico”, a partir da inscrição em seus diários íntimos, enfim, as mulheres eram consideradas escritoras de “obras menores”⁶¹. Tudo isso resultou no rótulo criado pela sociedade patriarcal: a mulher é impossibilitada de escrever textos significativos! E essa discriminação literária contribuiu para a invisibilidade da mulher dentro da história.

Schmidt (1988) assinala que “escrever romances no século XIX se tornou uma das poucas profissões em que a mulher conseguiu se

⁵⁹ Aqui é importante salientar que não eram somente as mulheres que se ocultavam sob pseudônimos (e utilizavam-nos para evitar o patrulhamento daqueles que consideravam que a literatura não era coisa de mulher) mas, em determinadas épocas, os homens também faziam uso desse recurso, uma vez que precisavam se esconder por algum motivo (aqui poderiam ser citados Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Olavo Bilac, Cruz e Sousa, Ernani Rosas e tantos outros).

⁶⁰ MOREIRA, 2005, p. 234.

⁶¹ É válido observar também o fato de que a autoria masculina já representava (e isso há muitos anos) a imagem da mulher de forma dicotômica, isto é, as personagens femininas apareciam como santas ou demônios, anjos ou bruxas – e isso não refletia a condição real da mulher.

equiparar ao homem, pelo menos financeiramente⁶². É a época em que, principalmente, inglesas e francesas começam a exercer essa profissão, produzindo uma literatura julgada “apropriada” para mulheres, explorando temas voltados à vida doméstica, bem como sua expectativa em relação a filhos e marido⁶³. E aí começam a surgir os conflitos entre o que as mulheres realmente queriam e o que elas representavam e as contradições entre valorizar a experiência feminina e desvalorizar o seu espaço literário.

Aqui poderia ser citada Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), escritora que expressa essa angústia ao declarar, em uma entrevista realizada entre 1904 e 1905, a João do Rio (1994, p.29): “Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias [aqui ela se refere ao ato de escrever], e ao mesmo tempo um vago desejo que meu pai sorrisse e achasse bom.”

Esse desabafo reflete bem o conflito existente entre a mulher literata e a mulher preterida pela sociedade patriarcal, a “rainha do lar”.

No século XX, uma nova fase da escrita feminina começa a despertar para a consciência crítica. As mulheres promovem algumas incursões em posicionamentos acerca da falácia dos modelos de comportamento herdados pela sociedade patriarcal e iniciam “experimentos” a partir da multiplicidade de formas de criação literária. A partir daí tem início o aparecimento de uma nova consciência feminina que procura romper com os limites do seu Eu para chegar até o Outro – por isso, nos identificamos cada vez mais com o eu que fala na literatura feminina; ou seja, nós, mulheres, conseguimos nos identificar com os personagens, pois agora eles se mostram mais “humanos”, mais reais (nem bruxa nem anjo; nem deusa, nem rainha do lar; mas tão somente mulher!).

Assim,

De uma literatura lírico-sentimental (gerada pela contemplação emotiva), cujo referencial de valores se pautava pelos padrões que a sociedade cristã/patriarcal defendia como únicos e absolutos

⁶² A estadunidense Harriet Beecher Stowe, por exemplo, quando escreveu *A cabana do pai Tomás*, em 1851, vendeu muito mais que muitos homens da época: cerca de 350 mil cópias em um ano!

⁶³ Nessa época, as escritoras francesas que publicavam os romances, usavam a expressão “ouvrières de lettres” (“operárias das letras”) quando se referiam a sua ocupação. É no final do século XIX, também, que está em voga o folhetim, espaço supostamente feminino, mas que atingia, de fato, grandes contingentes (homens e mulheres) de diversas classes sociais.

(castidade, submissão à autoridade do homem; discrição, ingenuidade, paciência, resignação, etc.) a mulher chegou a uma literatura ético-existencial (gerada pela ação ética/passional) que expressa claramente o rompimento da polaridade maniqueísta inerente à imagem padrão da mulher (anjo/demônio; esposa/cortesã; ânfora do prazer/porta do inferno etc.). Em lugar de optar por um desses comportamentos, a nova mulher assume ambos e revela a ambiguidade inerente ao ser humano. (COELHO, 1993, p.16)

A mulher, portanto, passa a transgredir o modelo patriarcal e parte em busca de uma nova identidade, ou do resgate de sua verdadeira identidade outrora escondida e censurada.

As escritoras do século XX promoveram aos poucos o processo de “ruptura” das normas que se diziam apropriadas para a escrita de mulheres. Os temas começam a versar para questões como identidade feminina – que sempre foi muito confundida com os papéis desempenhados pela mulher e com a própria sexualidade; também se iniciam discursos que trabalham experiências intra-subjetivas e corporais da mulher, bem como experiências que foram anuladas pela tradição cultural.

Nesse sentido, no Brasil, aparecem nomes como o de Gilka Machado (1893-1980), uma das primeiras vozes femininas a exaltar o amor sensual na poesia e da polêmica Patrícia Galvão (Pagu – 1910-1962), inserida no Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade. Mas, na poesia modernista, o grande destaque da voz feminina foi mesmo o de Cecília Meireles (1901-1964). A autora trabalha uma poesia voltada para o existencialismo, para a condição humana (não especificamente a mulher, mas o ser humano como um todo).

Outra modernista de grande destaque foi Raquel de Queiroz (1910-2003), escritora que mostra um novo espaço tomado pela mulher – um universo entre o arcaísmo e a civilização. Em seu clássico *Memorial de Maria Moura* (1992), surpreende com uma mulher forte e guerreira que também se mostra repleta de antagonismos: boa/má; corajosa/covarde; guerreira/carente; anjo/demônio...

É importante observar que se o processo editorial já era relativamente intenso no século XIX, época em que se dá a publicação de obras de várias escritoras, foi a partir dessas duas modernistas (Cecília Meireles e Raquel de Queiroz) que se abriram de vez as portas

das editoras a outras autoras. No entanto, é Clarice Lispector (1920-1977) quem “abre uma tradição para a literatura da mulher no Brasil, gerando um sistema de influências que se fará reconhecido na geração seguinte.” (Viana, 1995, p. 172)

Clarice Lispector inicia com a obra *Perto do coração selvagem* (1944), inserindo algo novo ao romance brasileiro: o Existencialismo de Sartre, o qual seguia a linha de Heidegger, que via na palavra o “lugar de iluminação do ser” – linha também seguida por Clarice na maior parte de suas obras, nessa busca constante pelo “lugar de iluminação do ser” que a palavra podia revelar.

Assim, as obras de Clarice Lispector representam, enfim, o maior exemplo de rompimento, de desconstrução do feminino, ou seja, de trazer à tona o que foi escondido, o que foi silenciado. Em *Laços de família* (1960), por exemplo, o próprio título já remete à repressão sofrida pelas mulheres na prática social do cotidiano. O feminismo começa a demonstrar um processo de conscientização, e as narrativas iniciam temas contidos em *O segundo sexo* (1949), de Simone de Beauvoir. Showalter (1986) chama essa fase de “feminista” porque Clarice traz nas entrelinhas de seu discurso uma forte crítica à sociedade patriarcal. As personagens de Clarice questionam, de forma irônica, o sistema de gêneros. A autora subverte a própria estrutura do romance com sua primeira obra *Perto do coração selvagem* (1944) e abandona as convenções narrativas para adotar a complexidade das múltiplas perspectivas.

Assim como Clarice Lispector, poderíamos citar tantas outras escritoras que nestes últimos anos vêm produzindo “obras maiores” que retratam a identidade feminina e que já entraram no circuito da mídia: Hilda Hilst, Nélida Piñon, Lya Luft, Heloísa Maranhão, Adélia Prado, Helena Parente Cunha, Márcia Denser, Sônia Coutinho, Neide Archanjo, etc. São mulheres que adentram ao espaço da literatura, outrora genuinamente masculino, com uma nova mentalidade, incentivadas pela crítica feminista, escrevendo narrativas cujas personagens femininas são conscientes de sua identidade e do estado de dependência e submissão a que foram relegadas pela ideologia patriarcal.

2.5 A crítica feminista e o cânone literário

A ideia do cânone está associada a um sistema de valores, um conjunto de regras (ou modelos) sobre determinado assunto; assim, as origens do termo estão fundamentadas em um processo de exclusões. Nesse contexto, citam-se as epopeias como grandes exemplos dessa questão canônica. Aristóteles e Horácio redefiniram algumas regras sobre o cânone em seus estudos e, posteriormente, no Renascimento, as poéticas desses autores foram retomadas e completadas de acordo com os valores de então.

Já no século XV, os teólogos utilizavam o cânone para selecionar os autores que mereciam ser preservados, excluindo, por outro lado, aqueles que não se preocupavam em transmitir as “verdades” que deveriam ser ensinadas. Tal seleção era resultado da exclusão dos textos considerados “sem autenticidade”.

Segundo Compagnon (2001, p.227), esse modelo teológico de cânone foi importado para a literatura a partir do século XIX, “época da ascensão dos nacionalismos, quando os grandes escritores se tornaram os heróis dos espíritos das nações.” Assim, eram consideradas “boas” as obras que melhor expressassem o sentimento de amor à pátria – parece claro que isso possui um fundo social que objetivava a construção de uma memória coletiva, uma espécie de domínio sobre o patrimônio cultural.

Para John Guillory (1995), nos últimos tempos, os críticos se convenceram de que a canonização de textos literários ocorreu de forma bem semelhante à formação do cânone bíblico, ou seja, tais críticos acreditam que muito além da relativa “objetividade” de julgamentos de valor há um fundo político envolvido que, por isso, exclui vários grupos na representação do cânone.

Perrone-Moisés (1998) indica que a questão do cânone é muito mais antiga, ela remonta à Antiguidade Clássica, e o conceito de “escritor-modelo” relacionava-se ao nível de erudição da linguagem, uma vez que era utilizado também nas escolas de gramática. Para a autora, o cânone moderno pode ser explicado a partir da teoria kantiana que trabalha com o juízo estético, ou seja, o valor estético como algo inerente à obra. Segundo essa teoria, o valor estético da obra seria a-histórico e universal; assim, por possuírem essas qualidades, uma lista de obras deveria ser redigida para serem “preservadas à humanidade”.

Afrânio Coutinho (1976, p.8) considera que o valor de uma obra reside “no seu aspecto estético-literário, que lhe é comunicado pelos elementos específicos, componentes de sua estrutura, e pela finalidade precisa de despertar no leitor o tipo especial de prazer, que é o sentimento estético”.

De acordo com o autor,

Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. Ela tem existência própria, é ela e nada mais, e seu campo de ação e seus meios são as palavras e os ritmos usados por si mesmos e não como veículos de valores extraliterários. (COUTINHO, 1976, p.10)

Já para Roberto Reis (1992, p.70), o cânone ultrapassa o valor estético, uma vez que nele estão contidas questões referentes à política, ideologias e fatores extraliterários. Segundo ele, o conceito de cânone “implica um princípio de seleção (e exclusão), e assim, não pode se desvincular da questão do poder; obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses.” O autor, ainda, insere provocações, questionando-se por que em nosso cânone “há poucas mulheres, quase nenhum não-branco e muito provavelmente escassos membros dos segmentos menos favorecidos da pirâmide social”. (REIS, 1992, p. 73) Nota-se, portanto, que o autor faz uma relação direta entre os modelos canônicos e a desigualdade social do país.

Harold Bloom, em sua obra *O cânone ocidental* (1991), defende a ideia do cânone relacionado ao valor estético. Segundo o autor, tudo o que não reproduzir a tradição da chamada “alta cultura” não possui um notável valor estético. E mais, para ele, qualquer tentativa de canonizar obras reproduzidas pelos excluídos socialmente, seria uma estratégia da “Escola do Ressentimento”, nome dado àqueles que procuram inserir no cânone outros modelos que não estejam na lista dos nomes tradicionais (modelos esses “sem valor literário”), dentre eles as revisionistas feministas.

Para esse autor, o valor estético é o único elemento a ser apreendido no momento da leitura, e isso deve ficar muito claro para os

leitores “desavisados”, “incapazes” de compreender a estética de uma obra.

No entanto, uma questão intrigou muitos pesquisadores: por que, mesmo entre os estudiosos do tradicional cânone literário, não há uma unanimidade em relação ao valor estético de uma obra literária, uma vez que ele deveria ser “universal e autotélico”? O que definiria uma obra literária como sendo realmente “boa”?

A fim de responder a essas perguntas, os críticos conservadores utilizam termos como profundidade, densidade e reflexividade, ou seja, uma obra, para ter seu “lugar ao sol” do cânone depende “da profundidade com que penetra no interior da condição humana e revela seus fundamentos essenciais.” (GINZBURG, 2008) Fica aqui a certeza de que o fato de o cânone ser julgado por um sujeito crítico e constituir-se como a base de um determinado conhecimento o torna muito subjetivo. Assim, pode-se entender que o cânone perpassa pela extensão do valor, do discurso dominante pelas práticas burguesas e isso só vem a comprovar que o cânone literário não se restringe apenas às questões estéticas, mas também a fatores extra-literários como fatores sociais e morais. “Se o conceito de cânone – um conjunto de obras consideradas clássicas, obras-primas e patrimônio das futuras gerações – já contém um princípio de seleção e de exclusão, este conceito não pode estar desvinculado da questão de poder.” (DUARTE, 1996, p.24) Ou seja, quem possui o poder de designar o que é um texto bom ou não está dotado de autoridade para isso e o fará de acordo com a sua classe, seu grupo e sua cultura.

Na mesma linha, segue Schmidt (1996, p.143); para ela, “o processo de constituição de um cânone está pautado na reprodução do mesmo, pois a força homogeneizadora do processo seletivo reafirma as identidades e exclui as diferenças.” Assim, tal processo possui um julgamento de valor em que algumas obras possuem valor estético e outras não.

O problema é que a questão de mérito é, na verdade, disputa sobre contextos de julgamento já que o estatuto de um julgamento de valor não tem base no objeto em si e nem tampouco expressa algo sobre o objeto, mas nasce, justamente, da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto. Assim, *todo julgamento de valor ocorre dentro de certas condições sócio-históricas e em*

função de referenciais teórico-estéticos variáveis no contexto daquelas condições. Podemos dizer, nesse contexto, que a formação do chamado cânone ocidental é uma decorrência do poder de discursos críticos e instituições que, numa determinada época e em nome de uma identidade cultural, sustenta o monopólio cultural dos valores simbólicos, através de mecanismos de exclusão. (SCHMIDT, 1996, p.143, grifo nosso)

Essas ideias ganham força ao comprovarmos que nas “listas” não estão incluídos os nomes de mulheres, negros e pessoas que não preenchem os critérios ideológicos estabelecidos pela crítica tradicional; em vista disso, automaticamente se excluía do cânone a produção literária desses grupos⁶⁴.

Nesse contexto, a crítica feminista trabalha na luta pelo reconhecimento do espaço e função social da mulher, na tentativa de desconstruir o discurso falocêntrico e as relações de poder na sociedade que desqualificam a mulher enquanto sujeito de suas ações e produtora de conhecimento significativo. Nessa luta contra o tradicionalismo do cânone, Pedreira (2006) afirma que:

[...] as mulheres sempre foram vistas como objetos e, desqualificados; portanto, sua maior luta seria mostrar-se como sujeito tão capaz quanto aquele que a objetivava e a inferiorizava através de um discurso considerado universal e

⁶⁴ Aqui não se poderia deixar de citar Michelle Perrot que, em sua obra intitulada “Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros” (1988) dá visibilidade aos excluídos ou aos “não-desejados”, tornando-os sujeitos da história. Nessa obra, a autora tece importantes considerações a respeito das práticas da memória desses grupos - e aqui vale destacar o tema de maior interesse desta pesquisa, as mulheres, abordando as dificuldades que se tem com as fontes escritas de próprio punho por elas. É válido lembrar que, por muitos anos, a escrita de mulheres foi circunstanciada aos diários íntimos, os quais relatavam suas vidas, ou os antigos livros de razão que ensinavam sobre as habilidades domésticas. Fora isso, a procura por fontes de autoria feminina se torna uma aventura intrigante – é mais fácil encontrar escritos sobre mulheres. Mas, paralelo a isso, a autora dá destaque também a grandes nomes de escritoras que fizeram da pena seu instrumento de valorização, como Madeleine de Scudéry, Mme de La Fayette, George Sand e tantas outras. A autora também escreveu “As mulheres ou os silêncios da história” em que trata do tema da condição e o lugar da mulher na história.

neutro, racional, filtrado pela ciência e instituído como verdade absoluta. (PEDREIRA, 2006, p.01)

No reforço dessa questão, Luiza Lobo, em “A literatura feminina na América Latina” (1999), observa que:

[...] o cânone da literatura de autoria feminina se modificará muito se a mulher retratar vivências resultantes não de reclusão ou repressão, mas sim a partir de uma vida de sua livre escolha, com uma temática, por exemplo, que se afaste das atividades tradicionalmente consideradas ‘domésticas’ e ‘femininas’ e ainda de outros estereótipos do ‘feminino’ herdados pela história, voltando-se para outros assuntos habitualmente não associados à mulher até hoje. (LOBO, 1999)

Ou seja, existe uma forte consciência de que a literatura produzida por mulheres precisa criar seu espaço próprio dentro do universo literário de uma forma geral.

Além dessa busca pela identidade da mulher na literatura e da denúncia da ideologia patriarcal que traz consigo as marcas tradicionais do cânone literário, a crítica feminista luta para o desenvolvimento de uma “arqueologia literária que resgate os trabalhos das mulheres, que de diversas formas foram silenciados ou excluídos da história da literatura” (HOLLANDA, 1994, p.12) e, consequentemente, do cânone literário. Assim, a crítica vem trabalhando na recuperação de uma “identidade feminina”, que enfatize as diversas formas de experiências da mulher e que elimine o (pre)conceito acerca da escrita de mulheres mostrado ao longo dos séculos: uma escrita dotada de sensibilidade, de imaginação, de pureza e voltada para o lar. Mesmo porque, em virtude de sua condição histórica, a mulher ainda escrevia com “ressentimento”, mas, a partir do início do século XX, trabalha no sentido de destruir essa simbologia de repressão masculina. Tem-se início, então, uma espécie de “conscientização”, uma busca pela recuperação de um passado que fora anulado pela tradição e, ainda, inicia-se um processo de amostragem da valorização das obras de autoria feminina.

No Brasil, esse trabalho de recuperação, reconhecimento e identificação da mulher na literatura tem repercutido em um forte movimento. “Estamos trabalhando na reconstrução e na crítica de modelos, de modo a tornar compreensível e instigadora a perspectiva

feminina. Estamos naturalmente contribuindo para a revisão dos valores normativos do cânone literário, ao apresentarmos a todo instante novas escritoras e novas obras, em tudo merecedoras de aí serem incluídas.” (DUARTE, 1996, p.31)

Esse trabalho de recuperação das revisionistas tem como objetivo “abrir o cânone”⁶⁵ para acrescentar o trabalho das minorias, de forma que elas possam ser reconhecidas por sua obra literária. Seria uma forma de dar voz àquelas que foram injustamente esquecidas pela sociedade. Esse trabalho tem sido centrado, principalmente, naquelas escritoras que viveram ou publicaram suas obras no século XIX. Isso porque, no Brasil, segundo Muzart (2000, p.18), “a literatura feminina somente começa a ser visível no primeiro quartel do século XX.”; antes disso era completamente excluída do cânone devido às condições impostas pela ideologia patriarcal que propunha o discurso masculino como o caráter dominante da literatura. Portanto, percebemos que o problema da exclusão (ou a inserção tardia) da escrita de mulheres da História da Literatura e do próprio cânone literário não está simplesmente na exclusão e seleção de autores e obras, isto é, na formação do cânone, mas sim no regimento social e moral, reflexos da desigualdade proposta pela sociedade falocêntrica.

O que revisionistas como Zahidé Muzart, Sylvia Paixão, Constância Lima Duarte, Rita Terezinha Schmidt, Vera Queiroz, Heloísa Buarque de Holanda e tantas outras querem mostrar é que existiram, sim, antes do século XX, mulheres possuidoras de verdadeiros talentos literários, mas que não estão presentes nas antologias nem nas histórias da literatura nacional. Isso, provavelmente, porque os “organizadores” do cânone nacional possuíam como base a cultura em que viviam que privilegiava homens, brancos, ocidentais, burgueses. Assim, deixavam de lado a literatura produzida por mulheres, com a crença de que era uma literatura menor, que a mulher não conseguia fazer uma literatura “de verdade” e que, portanto, estaria excluída dos cânones.

Logo, vê-se que as revisionistas são favoráveis ao cânone, mas a um cânone que inclua obras de mulheres. Essa atitude de inclusão representa também uma questão de “igualdade” da canonização entre homens e mulheres.

⁶⁵ Segundo Bloom (op. cit.), o cânone está sempre aberto para a entrada de “escritores fortes”, isto é, “aqueles escritores que têm débito com a tradição canônica ocidental”.

A mulher, no século XIX, só entrou para a História da Literatura como objeto. É importante, para reverter o cânone, mostrar o que aconteceu, quando o objeto começou a falar. Para isso, além do resgate, da publicação dos textos, é preciso fazer reviver essas mulheres trazendo seus textos de volta aos leitores, criticando-os, contextualizando-os, comparando-os, entre si ou com os escritores homens, contribuindo para recolocá-las no seu lugar na História. Porém, na questão do resgate, devemos ter em mente que não se trata de uma substituição: os consagrados pelos esquecidos. Isso seria muito tolo. (MUZART, 1997, p.90)

A crítica literária feminista promoveu, pois, um novo olhar sobre a escrita de mulheres que acabou refletindo em uma reavaliação da história literária. De acordo com Schmidt (1996), a crítica feminista funciona como mecanismo de resistência à autoridade do falogocentrismo, responsável pelo silenciamento das muitas vozes de mulheres. Para a autora, esse trabalho realizado pela crítica feminista está voltado para a “desconstrução do caráter gendrado dos discursos de e sobre a representação” (SCHMIDT, 1996, p.140), ou seja, “a mulher, como leitora gendrada, isto é, marcada por especificidades de gênero, experiência e interesse, fala e lê a partir de seus pertencimentos gênero, e também classe e raça.”⁶⁶ A leitora gendrada se reconhece na situação a qual é representada – e essa situação pouco comum da mulher como sujeito da leitura traz à tona questões de valor, como uma categoria “transitiva condicionada” pelas variáveis sócio-históricas e estéticas do contexto em que são articuladas.

Assim, Schmidt (1996) defende que esse resgate de obras de autoria feminina proposto pelas revisionistas implica definir os termos de uma outra lógica, outra narrativa cultural. E reforça que esse trabalho torna-se fundamental, pois expõe a polêmica discussão da literatura feita por mulheres que acabou ficando à margem da escrita realizada pelos homens, por uma questão de discriminação. Portanto, resgatar esses textos significa “reavivar” uma parcela importante da literatura brasileira que foi silenciada e excluída da história cultural e literária do país.

⁶⁶ SCHMIDT, 1996, p.142.



CAPÍTULO III

3 A LITERATURA EM SANTA CATARINA

Definir o que seja literatura catarinense nunca foi uma tarefa das mais fáceis. A própria nomenclatura “literatura catarinense” tem suscitado opiniões diversas entre os críticos, mas o que fica evidente é que não se pode atribuir a uma obra um adjetivo pátrio somente se levando em consideração aspectos meramente geográficos.

De acordo com Junkes (1979, p.20), não existe, por exemplo, uma “poesia catarinense”, uma vez que “toda expressão lírica é expressão individual que tende à universalidade.” Assim, também não existirá um conto ou um romance paulista, fluminense, goiano, mas sim um conjunto de obras que formam a Literatura Brasileira. E, dentro desse contexto, muitas vezes, é possível identificar traços que definem e identificam a literatura de uma certa região do país. No entanto, a literatura de Santa Catarina não possui esse perfil, uma vez que o estado possui habitantes oriundos de muitas partes do Brasil e foi colonizado por uma expressiva imigração estrangeira; consequentemente, há uma variedade muito grande de temas e características que formam a literatura aqui produzida.

Como identificar, então, uma obra da literatura de Santa Catarina? Quais os critérios que a definem? Essas perguntas não poderão ser respondidas senão por um viés historiográfico, sociológico, cultural, econômico ou político. O fato é que existe uma literatura escrita em Santa e existem, em Santa Catarina, escritores que produzem uma literatura, sejam eles nascidos no estado ou não.

A literatura de Santa Catarina não reside no valor isolado de um autor ou de uma obra, mas no conjunto de toda a produção/manifestação de uma forma de ser, de pensar e de agir [...] O que importa não é a escritura da Estética, mas a cultura da Vivência. (SACHET, 1985, p.8)

Dessa forma, percebe-se a necessidade de se levar em conta o conflito social e ideológico que a literatura de Santa Catarina carrega consigo. A falta de apoio tem sido, talvez, uma das maiores causas do silenciamento de muitos dos escritores catarinenses na atualidade. Contudo, as dificuldades nesse aspecto aparecem muito antes disso. As primeiras manifestações da literatura em Santa Catarina datam do século XIX, mas, com exceção de Cruz e Sousa, raros foram os escritores (e menos ainda as escritoras) reconhecidos fora do estado.

Nossos poetas, via de regra, permaneceram provincianos, embora nem sempre por ausência de méritos. A precariedade de contatos com centros culturais maiores, o restrito âmbito de nossos meios de comunicação social e o problema editorial constituíram, até bem recentemente, obstáculos quase insuperáveis para maior projeção dos poetas e, por que não, dos demais escritores catarinenses. (JUNKES, 1979, p.17)

Esses problemas constituem algumas das principais explicações para as características (ou ausência delas) da produção intelectual do estado. E isso fez com que a literatura de Santa Catarina sempre estivesse atrás da literatura produzida no resto do país – nossa primeira obra, *Assembleia das aves*, de Marcelino Antônio Dutra⁶⁷, escrita em 1847, época em que todo o país já estava vivendo o Romantismo, possui traços da literatura neoclássica. O próprio Cruz e Sousa, maior expoente do simbolismo brasileiro, e um dos únicos a comporem hoje o quadro tradicional da literatura brasileira feito pelos críticos, só começou a ser considerado aqui muito depois de todo o Brasil ter despertado para o seu valor. E assim, consequentemente, os outros períodos literários: o Modernismo chega a Santa Catarina somente na década de 1940, graças à atuação do Grupo Sul, enquanto os grandes centros do país já ouviam murmuríos da influência estrangeira desde o início do século XX. “Não se havia estruturado, até então, um substrato intelectual que possibilitasse uma atualização estética sincronizada com os centros irradiadores e polarizadores de mudanças.” (MACHADO, 1986, p. 24)

⁶⁷ DUTRA, M. A. ; JUNKES, L. (Org.) . *Assembléia das Aves e Outros Poemas*, de Marcelino Antônio Dutra. 1. ed. Florianópolis: Nova Letra/Academia Catarinense de Letras/Associação Catarinense de Imprensa, 2006. v. 1. 124 p.

Tudo isso é reflexo das condições a que, desde o início da povoação, os catarinenses foram submetidos⁶⁸. Mas, mesmo com essa condição de “ilha cultural”, pode-se dizer que, segundo Machado (1986, p.25), os escritores catarinenses mostraram “características de comprometimento com a época a que se refere, revelando, com fidelidade, nas tendências da arte, as condições intelectuais da sociedade, dos seus artistas e dos consumidores da arte.”, independente de serem criativos ou meros copiadores dos modelos consagrados, como julgam alguns críticos.

O outro agravante relacionado a essas questões é o processo editorial; e essa problemática justifica o fato de grande parte da produção literária catarinense (principalmente a poesia) ter permanecido inédita nos jornais ou outros periódicos ou até mesmo ter sido perdida por causa dessa transitoriedade. A sua transposição para o livro, veículo mais duradouro, era mais difícil de acontecer. Dessa forma, a literatura ficava reduzida a um público da elite, aos que tinham acesso aos periódicos. Esses fatores explicam a dificuldade que muitos organizadores e pesquisadores tiveram/têm para reunir o material que compõe as nossas primeiras manifestações literárias.

Na atualidade, a situação do incentivo cultural modificou-se um pouco, mas está bem longe daquilo a que chamamos de “ideal”. Existe, sim, muita produção intelectual em Santa Catarina, muitos livros prontos para serem publicados (conforme constatamos em nossa pesquisa e em conversas com escritoras), mas que esbarram na falta de apoio. E a literatura em Santa Catarina hoje parece ser produzida a partir de duas vertentes: ou pela sociedade burguesa, basicamente litorânea, aliada à política, ou por iniciativas particulares, espalhadas pelas diversas regiões do estado (raras são as exceções de editoras que apoiam a publicação da escrita de mulheres, por exemplo)⁶⁹. Nesta pesquisa, foram encontradas diversas obras de escritoras que financiaram seu próprio livro e, como não passaram pelo crivo editorial, muitas vezes,

⁶⁸ A situação cultural e literária era tão ruim que, em 1790, o governo vigente, com o objetivo de incentivar a intelectualização do povo, enviou para cá diversos livros; no entanto, o conteúdo dessas obras se referiam a manuais de agricultura, arquitetura e poemas árcades – esse era o incentivo cultural do governo. (SACHET, 1979)

⁶⁹ Essa questão, além de demonstrar o descaso do governo para com a edição de livros de escritores catarinenses, ainda fere a lei 8.759, de 1992, instituída pelo então deputado Sérgio Grando que obriga o estado de Santa Catarina a adquirir livros de autores catarinenses “com a finalidade de municiar as bibliotecas públicas municipais”. Pela lei, os autores nascidos em outros Estados, desde que residentes e domiciliados em Santa Catarina há pelo menos dez anos, também possuem esse direito.

não nos foi possível obter dados completos referentes à autoria e à obra em si; dados simples como ano ou local de publicação em muitas delas são inexistentes. Esses detalhes são importantíssimos para que se reflita sobre a escrita de mulheres em Santa Catarina, pois é analisando os grupos que compõem uma sociedade que se começa a entender sua literatura.

3.1 Presença da mulher em Santa Catarina

3.1.1 Vida social: a mulher catarinense aos olhos dos viajantes estrangeiros

A vida doméstica, social e afetiva das mulheres que habitavam a ilha de Santa Catarina, antiga Nossa Senhora do Desterro, desde sua fundação, por Francisco Dias Velho, em 23 de março de 1673, mereceu atenção dos viajantes estrangeiros que por ali passaram entre os séculos XVIII e XIX.

De acordo com a obra *Bibliografia anotada – mulher brasileira*, organizada pela Fundação Carlos Chagas⁷⁰:

As impressões de viajantes, muitos deles estrangeiros que passaram a visitar o país após a abertura dos portos, as memórias e os diários de estrangeiros que aqui se instalaram, e também de pessoas da terra constituem um abundante material de informação, livre da preocupação de transmitir uma visão oficial dos acontecimentos. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 1979, p.39
apud MUZART, 1989, p.227)

O fato é que os viajantes registram, em suas crônicas, elogios significativos às mulheres que, mesmo estando na “desterrada” Desterro, eram comparadas (de forma até superior) em sua delicadeza e simpatia àquelas que habitavam os outros centros do país.

Entre os séculos XVIII e XIX, a literatura destinada a mulheres era resumida a uma série de manuais que as orientavam quanto às regras

⁷⁰ FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Bibliografia anotada – mulher brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p.39

de etiquetas no meio social, urbano e afetivo. Certamente, aqui na Desterro havia a presença desses manuais, os quais possuíam diversas procedências, pois a elegância no vestir e no viver não escaparam às penas dos cronistas que relatavam as desenvolturas das moças também nos jogos de sedução.

Aliás, diversificada foi a forma desses senhores estrangeiros em relatar a presença da mulher em terras desterrenses. Os relatos eram escritos de acordo com os interesses de cada um. A presença da mulher no espaço público, por exemplo, foi relatada (com dose intensa de preconceito por parte de alguns) a partir de muitas visões, sem deixar de incluir aí ordens morais variadas.

O francês Louis Isidore Duperrey⁷¹, em 1822, ao falar sobre a questão de relacionamento social das mulheres, indica que elas “frequentemente fazem amizade com os marinheiros que aportam em suas portas.”⁷² (BERGER, 1984, p.249).

Saint-Hilaire⁷³, fazendo uma avaliação mais ampla, descreve que:

[As mulheres] não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os cumprimentos que lhes são dirigidos, contrapondo-se com os modos canhestros das mulheres do interior, que ao saírem à rua, caminham com passos lentos umas atrás das outras, sem virarem a cabeça nem para um lado nem para o outro, e sem fazerem o menor movimento. Não acontece o mesmo com as de Santa Catarina. Elas não demonstram o menor embaraço, e às vezes chegam mesmo a ter um certo encanto... [...] quando andam pelas ruas em grupo, colocam-se ao lado umas das outras, não receiam dar o braço aos homens e muitas vezes chegam a fazer passeios pelo campo. (SAINT-HILAIRE, 1979)

⁷¹ Duperrey nasceu em Paris (1786-1865). Foi um grande navegador, explorou a Oceania e, no Brasil, aportou em Santa Catarina onde permaneceu por 14 dias.

⁷² DUPERREY, Louis Isidore. *Voyage autor du monde...* Traduzido por Gilberto Gerlach e Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 249.

⁷³ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à Província de Santa Catarina*. Itatiaia: EDUSP, 1979.

De acordo com o olhar dos viajantes, as mulheres que habitavam Desterro eram bonitas, meigas e muito cordiais com os estrangeiros; gostavam de falar sobre o amor e adoravam receber presentes, por mais insignificantes que fossem. Também fazia parte de suas predileções a música, a moda, as reuniões sociais, os passeios, o teatro, os saraus literários e até mesmo as intrigas amorosas que aconteciam nos salões sociais.

O naturalista alemão Georg Heinrich von Langsdorff⁷⁴ comenta que os fuxicos sociais também se espalhavam por aqui, como se fazia na Europa: “Tão sem importância que possa parecer tal observação, não faltam pequenas intrigas de amor que se espalham aqui.” (LANGSDORFF *apud* BERGER, 1984, p.163). Sobre esse autor, interessante observar seu ponto de vista acerca dos agrados oferecidos às mulheres: “Presentes europeus, mesmo os mais insignificantes, como fitas, brincos, etc., são gratamente recebidos⁷⁵.” (LANGSDORFF *apud* BERGER, 1984, p.163). Percebe-se, na inscrição desse cronista, o julgamento que faz dessas mulheres, deixando transparecer sua “fragilidade” moral: os presentes são “gratamente recebidos” e mesmo aqueles “insignificantes” já deixam as mulheres felizes, ou seja, elas se deixam levar pela mínima gentileza dos estrangeiros.

Langsdorff também descreveu as catarinenses:

As representantes do sexo feminino não são feias e entre as mulheres de classe mais alta estão algumas que, mesmo na Europa, teriam motivos para se firmarem como beldades. Na maioria são de estatura média, bem constituídas, de cor castanha, se bem que algumas são muito claras, têm fortes cabelos pretos e olhos escuros e

⁷⁴ O Barão Georg Heinrich Von Langsdorff (1774-1852) era formado em medicina e foi para Portugal como médico do príncipe Christian de Waldeck quando este assumiu o comando da armada portuguesa. Após a morte do seu protetor, ainda em Portugal, ele passa a exercer sua profissão a serviço das tropas inglesas em guerra com os espanhóis. Introduziu a vacina em Lisboa e dedicou-se ao estudo da história natural. Voltou para a Alemanha em 1802 e navegou ao redor do mundo. Chegou a Santa Catarina a 20 de dezembro de 1803, onde permaneceu até o ano seguinte.

⁷⁵ LANGSDORFF, G. H. Von. *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1805 bis 1807*. Traduzido por Dolores R. Simões de Almeida. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p.163.

sensuais. (LANGSDORFF *apud* BERGER, 1984 p.163)

Outro ponto interessante na crônica de Langsdorff é a comparação que ele faz entre as mulheres portuguesas e as catarinenses, em relação à socialização:

[...] o belo sexo recebe com muita gentileza os hóspedes e, em geral, não vive retraído ou confinado como na própria terra natal, Portugal, onde as damas vivem, durante o ano inteiro, enclausuradas, ou se escondem por detrás das portas e espionam o visitante pelo buraco da fechadura ou pela fenda da porta. (LANGSDORFF *apud* BERGER, 1984 p.163)

O francês Dom Pernetty⁷⁶, em 1763, assinala que:

Qual não foi o espanto dos oficiais franceses ao verem chegar, ao salão de danças, várias senhoras. Maior ainda quando notaram quanto eram as damas catarinenses afáveis, desembaraçadas e os acolhiam com grande gentileza⁷⁷. (PERNETTY *apud* BERGER, 1984, p.83)

O abade beneditino não deixou de relatar o semblante das mulheres da ilha de Santa Catarina, que eram “muito brancas de pele, apesar do calor do clima. Elas possuem, em geral, olhos grandes e bem puxados, mas de rosto pouco embelezado.” (BERGER, 1984, p.83). A esse comentário, também nos remeteremos novamente a Saint-Hilaire, que parece concordar com Dom Pernetty sobre o que pensa a respeito da beleza feminina:

As mulheres são muito claras; de um modo geral têm olhos bonitos, os cabelos negros e muitas vezes uma pele rosada. Elas não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os

⁷⁶ Antoine Joseph Pernetty chegou a Santa Catarina, em 1763, na expedição de Louis Antoine de Bougainville, célebre navegador francês, que no tempo de Napoleão I foi Senador e Conde.

⁷⁷ DOM PERNETTY, Antoine. Historie d'un voyage aux Isles Malouines, fait en 1763-1764... Traduzido por Carmen Lucia Cruz. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 83.

cumprimentos que lhes são dirigidos. (SAINT-HILAIRE, 1979, p.173-4)

Uma observação bem curiosa a respeito dos relatos de Saint-Hillaire é a explicação que tece sobre a existência da prostituição na ilha de Santa Catarina. Segundo o cronista, o número de mulheres na ilha se tornou superior ao de homens, tendo em vista que eles optavam pela vida no mar, principalmente temendo o serviço militar obrigatório. Assim, o autor conclui que esse fato de haver mais mulheres que homens e o “exagerado amor das mulheres pelos atavios tornaram a prostituição extremamente comum.” (SAINT-HILAIRE, 1979, p. 175).

Morga (2010, p. 78) chama a atenção para a sequência da narrativa de Saint-Hilaire: de início, descreve “o desembaraço das mulheres e sua preocupação com a beleza, com o vestuário e o gosto pelos atavios” e, ao final, “sugere que a desproporção existente entre o número de homens em relação ao de mulheres e o gosto das mulheres por uma vida de luxo eram os responsáveis pela prática da prostituição em Nossa Senhora do Desterro.” Segundo o autor, mesmo que Saint-Hillaire mostre indícios e causas da prostituição, em momento algum explicita como chegou à conclusão de que a prostituição era comum nesse lugar.

Outro importante estrangeiro que abordou os costumes, a moradia, o jeito de ser e de viver dos catarinenses e das mulheres catarinenses foi Otto Von Kotzebue⁷⁸, em 1815. Segundo o viajante,

[...] os bem-humorados habitantes da ilha frequentemente reuniam-se ao redor de nossas tendas, e uma dupla de violino e flauta, o que aumentava a nossa alegria, convidava-os a dançar e cantar, e dando-nos a oportunidade de apreciar a graça com que as meninas dançavam o fandango. (KOTZEBUE *apud* BERGER, 1984, p.228).

⁷⁸ Kotzebue deixou a Rússia em janeiro de 1815, chegou a Santa Catarina, contornou o Cabo Horn, visitou a Ilha da Páscoa, depois foi ao arquipélago de Pomotú, onde ele descobriu muitas ilhas. A expedição de Kotzebue ajudou a conhecer melhor o Pacífico e contribuiu para o aperfeiçoamento dos mapas da costa oeste do Alaska.

Em 1825, chega a Santa Catarina o suíço-alemão Carl Seidler⁷⁹. A descrição que este navegador faz das mulheres catarinenses mostra-se com teor moralista muito grande e preconceituoso: “[...] foram elas as primeiras a nos saudar, contrariamente aos costumes brasileiros, e com uma amabilidade e olhares tais que bem se podia compreender que os oficiais estrangeiros lhes eram hóspedes bem apreciados.” (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p. 281).

A narrativa prossegue, e Seidler anuncia que, para sua infelicidade, seu batalhão fora transferido para o povoado de Armação das Baleias, situado na parte continental. O narrador atribui ao local adjetivos como “cova do inferno” e “desgraçada Armação”. Mas, o ponto máximo da narrativa está quando ele narra uma festa oferecida aos estrangeiros pelos pescadores:

A falar em voz alta, exultantes, os convivas se dispõem em duas fileiras e começa o baile mais indecente que jamais tive a honra de ver [...] As mais repugnantes contrações musculares, obscenidades murmuradas em voz baixa ou cantadas alto ao compasso da música, contatos cadenciados e nojentas concretizações de atitudes dos mais lubrícios desejos, caracterizavam todos os movimentos. (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p.286)

Seidler completa a descrição da cena, tecendo comentários moralistas acerca das atitudes das mulheres:

Uma europeia teria corado de vergonha à contemplação de tais cenas, mas as nossas belas, divertidas filhas de pescadores, parecem que não achavam, apenas sentiam extraordinária cócegas e grande prazer naquele folguedo reles. Naturalmente não tardou que nos sentíssemos em extremo entediados com a coisa, pois nenhum de nós se sentia tentado a tomar parte naquele divertimento imoral, naquele barbaresco dispêndio de esforços, além de que nos sentíamos

⁷⁹ Carl Friedrich Gustav Seidler foi contratado para o exército imperial destinado à campanha Cisplatina. Seidler esteve no Brasil por dez anos. No que se refere à narrativa de Santa Catarina, ele a inicia com uma viagem de Laguna a Desterro.

muito fatigados da penosa cavalgada. (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p.286)

No entanto, o navegador conta que, no dia seguinte, após o “horror” de ter começado novamente aquela orgia, ele e seus amigos, embriagados, foram “ostensivamente provocados pelas damas pescadoras, dentre elas algumas ondinhas bem tentadoras, e mais não pudemos resistir.” (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p.287)

A narrativa continua indicando que as mulheres “meio nuas” dançavam

[...] e por mais que fôssemos nos diversos jeitos e trejeitos do corpo, parece que as suarentas brasileiras muito se agradavam de nós [...] a terra tornou-se mar e no turbilhão da ebriedade produzida pela cachaça das sereias do meio dos caniços subiam ao carro de coral a puxar para o fundo, ao voluptuoso leito, o ansioso cavaleiro. (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p.287)

Terminada a festa, Seidler comenta com escárnio e descaso a boa recepção dos catarinenses que os haviam acompanhado até um trecho do caminho: “especialmente entre o pessoal feminino notamos muitas que à despedida tinham os olhos escuros rasos d’água. Pobres ondinhas!” O narrador ainda comenta que, no caminho, deram gargalhadas ao lembrar de suas conversas com as “damas pescadoras”.

O que percebemos nessa descrição feita por Carl Seidler, é que, a partir de sua narrativa moralista, certamente, seus leitores ficaram com uma impressão de que as mulheres catarinenses viviam seminuas e em estado de plena orgia – e que se assemelhavam às prostitutas europeias. O que faltou ao navegador foi informar em sua crônica que o contexto em que se deu a narrativa era bem diferente daquele a que estavam acostumados na Europa, daí a fazer uma descrição repleta de julgamento de valores preconceituosos.

Outro cronista que registrou com ênfase a situação da mulher catarinense na Desterro foi o francês René Primevère Lesson⁸⁰. A descrição que faz das mulheres é que “sem serem lindas, são muito agradáveis [...] as moças daqui, com a galanteria inerente a seu sexo,

⁸⁰ Lesson (1794 – 1849) foi o naturalista da expedição comandada por Duperrey que aportou em Santa Catarina em 1822.

sabem se pôr, mesmo as mais pobres, numa elegância admirável.”(LESSON *apud* BERGER, 1984, p. 267). O viajante indica que elas são muito graciosas e que seus esposos “desconfiados” as faziam cativas.

Também as festas são narradas por Lesson, que assinala questões relacionadas à sedução:

Núbeis desde muito cedo, as jovens estão com a idade de doze ou treze anos engajadas nos laços do himeneu. Elas revelam aos estrangeiros uma benevolência que se declarou desde o primeiro vislumbre. É verdade que estes possuem números meios de sedução, e que os presentes temperados com suas palavras apresentam-se de uma forma tão arrebatadora que é difícil resistir. (LESSON *apud* BERGER, 1984, p.268)

Além da questão social, Lesson descreve os costumes domésticos das mulheres catarinenses:

As mulheres de Santa Catarina branqueiam a roupa com a ajuda de um sabão negro fabricado por elas mesmas [...] Sua fecundidade é muito admirável, a julgar pelo número de crianças que se encontra em cada cabana. Os cuidados da maternidade se restringem ao aleitamento, e desde que seus nutridos possam andar, deixam-nos à vontade, rolar na areia, sem nenhum vestimento. (LESSON *apud* BERGER, 1984, p.268)

Em 1828, o suíço Heinrich Trachsler aportou em Santa Catarina. Em sete anos que ficou no Brasil, fez muitos relatos acerca dos habitantes e dá muito destaque às mulheres catarinenses, em vista de um acontecimento consigo e com um amigo.

Já ao chegar à Vila de São Francisco de Laguna, o viajante elogia a recepção dos homens e, inclusive, do “belo sexo” que se encantava com seus cabelos loiros e olhos azuis. Nesse contexto, “entre os homens do batalhão não havia vinte, talvez, que neste breve tempo não arranjassem namoradas entre estas amáveis beldades, e pouco importava aos soldados se eram brancas ou pretas.” (TRACHSLER *apud* BERGER, 1984, p. 324).

Enquanto caminhava com um amigo, viu uma moça na janela que lhe despertou a atenção:

Debruçada a meio corpo fora da janela, avistamos, tomados de encanto e dignos de inveja um opulento e ondeante colo, cuja brancura e volume harmonioso transpareciam velado, traiçoeiramente, por um simples e leve vestido de trabalho caseiro; por aí chegava-se à conclusão dos ricos e viçosos encantos desta Psique tropical. (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.324)

Fascinados com a beleza da moça, eles resolvem entrar e descobrem mais duas lindas moças na casa, que eram cuidadas pela mãe, uma bondosa viúva. A descrição que o narrador faz das moças é muito interessante, porque ao mesmo tempo que ele as eleva sob a condição de respeito, ele ressalta sua condição de mulher e, portanto, sua condição de sedutoras:

As doces pombinhas mostraram-se realmente afáveis e até confiadas para conosco, mas com muita decência, pois eram filhas de família. Uma vez que eram solteiras, debaixo da vista da mãe, nem por sombra pensar em excessos se podia; elas queriam satisfazer sua curiosidade feminina e introduzir a nós, forasteiros, com cordial liberdade, no santuário familiar. (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.326)

Outro ponto interessante na narrativa de Trachsler é o olhar europeu acerca dos costumes brasileiros. Após a janta, as moças tocaram violão aos estrangeiros e dançaram para eles: “[...] arranjaram um pequeno fandango (dança), onde se exibem a dança predileta das classes populares, o ‘sapateio’ [...] foi a primeira vez que ouvimos chamar de dança esta folia barulhenta [...]” (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.327)

O narrador não pôde deixar de destacar também a graciosidade dos contornos do corpo das moças: “era-nos dada ocasião de apreciarmos largamente as evoluções voluptuosas requeridas pela dança e contemplar demoradamente a perfeita formação de seus corpos,

verdadeiras obras magistrais da natureza.” (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.327)

Em oposição a essa atmosfera inebriada pelo vinho, pela sensação de “inocência” passada aos leitores, Trachsler (*apud* BERGER, 1984, p.329) contrapõe essas jovens donzelas com a descrição de “mulheres mundanas”, citadas ao final da narrativa, quando a expedição segue de cavalo a Torres: “As mulheres mundanas seguiram-nos até aqui e teriam acompanhado os soldados ainda mais longe, não fosse dada ordem pelo coronel de enxotá-las com varas de carregar fuzil.” (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.329).

A partir desse final, poderíamos interpretar que o narrador quer dar um fundo moralizante à obra, mostrando a seus leitores que ele e seu amigo trataram com respeito a quem merecia respeito (as “filhas de família”) e puniram aquelas que eram pecadoras (as “mulheres mundanas”), enxotando-as com varas de fuzis. Assim, a narrativa termina, com o narrador dizendo que a história foi muito benéfica a eles, uma vez que foram “introduzidos inesperadamente na intimidade de uma roda familiar”. (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.329).

Do que se observa a partir do relato dos viajantes estrangeiros sobre as práticas de sociabilidade, urbanidade e afetividade das mulheres que habitavam a ilha de Santa Catarina e o litoral continental, percebe-se que as desterradas eram realmente mulheres mais livres que as europeias e, até mesmo, que as mulheres de outros centros do Brasil. Como reforço a essa questão, Muzart (1989) cita palavras de uma “viajante-mulher”, a Baronesa de Langsdorff que, em 1842, no seu diário registra a seguinte opinião acerca das mulheres do Rio de Janeiro:

Muitas vezes, ao avistar mulheres, ainda jovens, numa imobilidade que me parece sobre-humana e num silêncio que me parece eterno, eu me pergunto se essas naturezas já estão mortas, ou se chegaram a viver, mas, para compreender, seria preciso interrogá-las e elas nunca estão dispostas a responder.⁸¹ (MUZART, 1989, p.228)

⁸¹ *Journal de La Baronne E. Langsdorff relatant son Voyage au Brésil a l'occasion du mariage de S.A.R. le Prince de Joinville 1842-1843.* Les amis de Musées de La Marine, 1954. *Apud* LEITE, Miriam L. Moreira. In: *Vivência – história, sexualidade e imagens femininas*. Fundação Carlos Chagas. Brasiliense, 1980, p.211-212. Esta obra já foi traduzida e publicada (BARONESA E. DE LANGSDORFF. *Diário de sua viagem ao Brasil, 1842-1843*. Trad. de

Essa maior liberdade das mulheres desterrenses, em detrimento das de outras partes do país, pode ser a razão de tantas delas terem (ousado e) se lançado no mundo das letras no século XIX, em um lugar ainda muito provinciano como era Santa Catarina, no entanto, em outras regiões, como no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, por exemplo, há um número muito maior de escritoras.

3.1.2 Vida intelectual: presença da mulher nas letras catarinenses

De acordo com Muzart (1988a), a mulher desterrense foi incentivada ao mundo das letras e de outras profissões, prova disso é a sua intensa participação nos jornais do século XIX. Em suas pesquisas por esses periódicos, Muzart afirma que “a desterrense teve acesso ao estudo e à cultura.” O jornal *Crespúsculo*, por exemplo, dirigido por Sabbas Costa apoiava abertamente a escrita de mulheres e as incentivava a participar, a escrever e a ler. Assim, não é raro encontrarmos crônicas e poesias dispersas assinadas por mulheres nesses jornais. E aqui se destacam nomes como Ibrantina de Oliveira, Júlia da Costa, Rosa Valente, Delminda Silveira e Ubaldina de Oliveira.

Contudo, apesar dessa participação relevante nos jornais, somente no século XX é que a mulher consegue dirigir o primeiro suplemento literário. Intitulado *Penna, agulha e colher*, com o subtítulo *Jornal de donas e donzelas*; o jornal era dirigido por Zenir Alcáea e trazia conteúdos de cunho católico, receitas de cozinha, poemas, etc, ou seja, temas voltados para as mulheres e escritos por elas mesmas, que assinavam somente o primeiro nome, sem sobrenome ou sob a forma de pseudônimo. (MUZART, 2003).

A essa época destacam-se nomes como o de Edésia Aducci, na dramaturgia, cujas personagens exercem profissões bem diversificadas: professoras, médicas, escritoras, donas de comércio, etc. Nascida no século XIX, em data não precisada, escreveu para o jornal *Penna, agulha e colher*, adaptou e traduziu peças do alemão e do espanhol as quais reuniu mais tarde em livro intitulado *Teatro colegial feminino* (Florianópolis, edição d’*O brasileiro*, 1930/1931, 1951).

Patrícia Chittoni Ramos e Marco Antônio Toledo Neder. Intr. por Míriam Lifschitz Moreira Leite. Co-edição Edunisc, 1999. 328 p.).

Ainda sob a égide do Romantismo, surge em 1858 o primeiro romance de autoria feminina: *D. Narcisa de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo e Castro (1823-1869), escrito aos 16 anos de idade. O romance, assinado com o pseudônimo de Indígena do Ipiranga, foi editado no Rio de Janeiro pela Tipografia de F. de Paula Brito, em 1859 e reeditado em 1990, pela Editora Mulheres, de Florianópolis, organizado por Zahidé L. Muzart com apoio de Fábio Bruggemann, dono da Editora Semprelo. Antes de ser editado em livro, foi publicado no jornal *A Marmota*, do Rio de Janeiro, em capítulos, de 13 de abril a 6 de julho de 1858. O romance, considerado indianista, tem no enredo uma história simples: uma moça de família nobre se apaixona por um índio. Os irmãos da moça não consentem o namoro e passam a perseguir o casal, que foge para a Ilha do Mel, no Paraná. Nesse lugar, após um conflito, o casal é morto em uma gruta pelos perseguidores, mas não sem antes saber que o índio era filho do irmão de Narcisa. Por trás dessa história, a autora ressalta temáticas muito interessantes: a falta de liberdade da mulher, o casamento arranjado, a crítica ao governo português pelo fato de distribuir terras a pessoas que não possuíam a menor vocação para cuidar delas, o preconceito com as camadas menos privilegiadas da população e, particularmente, com o índio.

Os ideais românticos também são encontrados na poesia religiosa de Delminda Silveira (1855-1932), ocupante da Cadeira número 10 da Academia Catarinense de Letras. Seus poemas foram publicados em três livros: *Lises e martírios* (1908); *Cancioneiro* (1914) e *Passos dolorosos* (1932). Nos dizeres de Lauro Junkes (1979, p.53), “Muito intimista, sentimental, às vezes melancólica, e de grande sensibilidade, cantou a natureza da sua terra natal, os apelos da alma religiosa e os anseios de amor e compreensão.”

Outra escritora de participação expressiva na literatura de Santa Catarina do século XIX é Júlia da Costa (1844-1911), a qual colaborouativamente, divulgando poesias e prosas lírico-sentimentais em jornais de Santa Catarina e do Paraná. Júlia da Costa publicou dois livros: *Flores dispersas*, 1^a série (Desterro, Tip. Desterrense, 1867); *Flores dispersas*, 2^a série (Desterro, Tip. de J.A. Livramento, 1868). Segundo a crítica Zahidé Muzart:

Lendo Júlia da Costa, poemas e cartas, meditando sobre sua vida na pequenina São Francisco do Sul, conclui-se que a mediocridade do meio deve ter abafado um espírito ansioso por maior liberdade, maiores realizações e ambições. Encontra-se na

sua poesia uma tentativa de liberação dos modelos e de rejeição dos valores impostos. E ela mesma era muito consciente da própria condição de mulher a escrever em um ambiente acanhado e sem ter tido todas as condições de desenvolvimento que seu espírito teria ansiado. [...] Há um motivo quase constante em seus poemas, o das sombras, que pode ser interpretado de muitas maneiras: ora é o amado perdido, ora é a morte à espreita ou outras tristezas da vida. Os temas da poesia de Júlia da Costa são sempre os da ausência e da perda, da dor de viver, da angústia ou do desejo da morte, da falta de esperança e da solidão. Na procura do cantante, do singelo, do cotidiano, foi dela a mais interessante poesia em Santa Catarina, no século XIX. Poesia que se lê até hoje com prazer. (MUZART, 2000, p. 406)

Dentre as escritoras do século XIX, aqui não poderia deixar de ser lembrado o nome da desterrada Maria Carolina Corcoroca de Sousa (1856-1910) que, apesar de não ter publicado livro, critério desta pesquisa, decidiu-se incluí-la por se tratar de escritora do século XIX, época muito mais difícil para a edição de livros. A poeta publicou sua obra sob o pseudônimo de Semíramis no jornal *Sul-Americano*. Seus poemas apresentavam tendências do Romantismo, mas, em alguns deles já se percebia a influência do Parnasianismo.

Pode-se ver que Maria Carolina refletiu sobre a questão dos direitos da mulher, a educação, a relação entre o sexo e o direito a escrever e publicar, porque tais preocupações, com certa frequência, transparecem nos poemas encontrados. (MUZART, 2000, p. 769).

Com o Realismo/Parnasianismo surgem novos nomes nas letras catarinenses, dentre eles o de Castorina Lobo de S. Thiago (1884-1974). Além de poesias esparsas nos principais jornais e revistas de Florianópolis, Joinville e São Francisco do Sul, publicou os livros de poesia: *Rimas de Outono* (Florianópolis: Imprensa Oficial, 1955); *Clarínadas* (Florianópolis, 1959) e *Aquarela da Ilha de Santa Catarina* (Florianópolis, 1962). Em 1958 foi convidada a ingressar na Academia

Catarinense de Letras, Cadeira número 10, como sucessora de Delminda Silveira. A poesia de Castorina Lobo de S. Thiago “pode ser considerada ainda ligada ao Parnasianismo, no seu culto à forma fechada do soneto, geralmente decassílabo e perfeitamente rimado, abordando a temática descritiva de quadros da natureza ou da alegoria humana.” (JUNKES, 1979, p.145).

Merece destaque, também, a poeta, cronista e dramaturga Donatila Teixeira Borba (1898-1987). Detentora de várias premiações, colaborou em diversos jornais do país e teve vida intensa no teatro, encenando peças em várias cidades de Santa Catarina. Publicou três obras entre crônicas e poesias: *Áureas Sertanejas* (1943), *Luz e Sonho* (1971) e *Coração* (1979).

Da vida intelectual catarinense, ressaltam-se também outras escritoras nascidas no século XIX, como Rachel Liberato Meyer (1895-1959); Ibrantina Cardona (1868-1956); escritoras pertencentes ao regionalismo alemão, Tereza Stutzer (1841-1916), Gertrud Gross-Hering (1879 – 1968) e Emma Deeke (1885-1950), todas assíduas colaboradoras de jornais e revistas em Santa Catarina, em outras cidades do país e, algumas das últimas com publicações na Alemanha.

Já no século XX, surge, em Santa Catarina, a Sociedade Catarinense de Letras (1921) que, mais tarde, viria a se tornar a Academia Catarinense de Letras (1924). Os idealizadores eram Altino Flores, Othon Gama d’Eça e, sobretudo, José Boiteux. Esse grupo fundou a revista *Terra*, que pretendia fazer uma avaliação da literatura dos catarinenses, levando algumas soluções as quais não chegaram a se concretizar na prática. Isso porque os escritores repudiavam as ideias modernistas negando, assim, a inovação, e continuavam a usar os preceitos estéticos do Realismo/Parnasianismo. Raras foram as exceções e, dentre elas, cita-se a catarinense Maura de Senna Pereira (1904 - 1992), eleita como membro da Academia Catarinense de Letras em 1930, onde ocupa a Cadeira número 38. Dedicada à poesia e ao jornalismo, a obra de Maura foi analisada e muito elogiada por vários críticos, como Olegário Mariano, Carlos Drummond de Andrade, Walmir Ayala, Álvaro Moreira e Tristão de Athayde. Nereu Côrrea (*O Estado*, 22 de outubro de 1976) a classificou como “uma das mais altas vozes da poesia feminina em nosso.”

Na década de 1940, segundo Sachet (1985, p.91), surgem três gerações de intelectuais em Santa Catarina: os “antigos”, os quais defendiam o fim do romance com Eça de Queirós e da poesia com

Olavo Bilac; os “atuais”, voltados para o magistério e para as atividades profissionais e os “novos”, a chamada Geração de 45.

Entre os “antigos”, a figura feminina que se destaca é a de Antonieta de Barros (1901-1952). Professora, escritora, jornalista e política, foi a única mulher da época a trabalhar com crônicas. Seu livro, *Farrapo de ideias*, escrito em 1937 e publicado com o pseudônimo de “Maria da Ilha”, é uma reunião de suas crônicas publicadas no jornal *República*, de Florianópolis. Antonieta foi a primeira deputada negra do Brasil.

A Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, em São Paulo, chega a Santa Catarina somente em 1946, com o chamado “Grupo Sul”, liderado por Salim Miguel e Aníbal Nunes Pires.

Com o advento do Grupo Sul, a partir de 1946, as mudanças há tanto desejadas, tematizadas e questionadas no plano da teoria somente, efetivam-se, operando alterações significativas e quantitativas nas letras do estado. (PEREIRA, 1986, p.32).

O Grupo Sul foi além do processo literário, abrangendo o teatro, as artes plásticas e o cinema. A princípio, suas ideias e obras eram lançadas no jornal *Cicuta*, com uma tiragem de apenas quatro números e, depois, fortaleceu-se com a revista *Sul*, revista de grande circulação nacional e internacional. Segundo Pereira (1986, p.32), “O Grupo Sul não se preocupou em escrever a história da literatura catarinense. Preocupou-se em fazer a História.” O destaque feminino dessa geração dos “novos” é Eglê Malheiros (1928), poeta, ensaísta, cronista, ficcionista, atriz de teatro, professora, autora de livros infantis e integrante do Grupo Sul, que escreveu, junto a Salim Miguel, o primeiro longa metragem rodado em Santa Catarina, *O preço da ilusão*; mais tarde, escreve o roteiro e adaptação de dois filmes: *A cartomante* (Machado de Assis) e *Fogo morto* (José Lins do Rego).

A chamada “Geração de 45” em todo o país possui um caráter bem diferente da Geração de 22: institui a volta ao soneto; determina o fim do poema-piada; e procura expressar emoção a partir de um intimismo lírico. Em Santa Catarina, segundo Sachet (1985, p.105), não houve essa consciência de Geração de 45, o que aconteceu por aqui foi “a presença de duas gerações pós-modernistas cronologicamente distanciadas no tempo e no espaço.” Assim, em um primeiro momento,

destacam-se entre as escritoras os nomes de Maura de Senna Pereira e Lucy Assumpção (1917).

Com a extinção do Grupo Sul, entra em cena um novo movimento literário denominado *Litoral*, na década de 1950. Tal grupo mostrava-se mais moderado, sem agredir os conservadores, mas mantendo os ideais modernistas. Nesse grupo, que foi extinto em 1964, não foi registrada a presença de nenhuma escritora catarinense.

De acordo com Sachet (1985), somente após o fim do Grupo Sul foi que a literatura em Santa Catarina se equiparou pela primeira vez à do resto do país. Isso porque os governantes do estado, que eram escritores, poetas e artistas, passaram a incentivar a cultura e a literatura desde os anos 1960. Surgem, então, movimentos como a Catequese Poética, liderada por Lindolf Bell, e o Varal Literário, por Alcides Buss.

A literatura da década de 1970 até a atualidade demonstra uma intensa variedade de tendências temático-formalistas em todos os gêneros. Assim, destacam-se escritoras como Urda Alice Klueger, Lausimar Laus, Apolônia Gastaldi e Edla Van Steen no conto e no romance; Zoraida Guimarães, Vera da Costa Vianna, Eulália Maria Radtke, Beatriz Niemeyer, Rosemary Fabrin, Inês Mafra, Chandal Meireles Nasser, Mila Ramos, Miriam Portela, Liane dos Santos, Edith Kormann, Nini, Ruth Laus, Sylvia Amélia, Leatrice Moelmann na poesia (e algumas no conto); Anamaria Kovács e Amaline Issa no conto; Annair Weirich na crônica; Maria de Lourdes Krieger, Eloí Bocheco, Cristina Marques, Cristina Klein, Rosana Bond, Else Sant'anna Brum e Stela Naspolini na literatura infantil.

Após essa breve abordagem sobre a escrita feminina na poesia e na ficção catarinense, percebe-se, de uma forma geral, que a literatura escrita por mulheres em Santa Catarina ainda precisa ser muito explorada. Nossa propósito aqui é o de mostrar que elas registraram presença na história da literatura de Santa Catarina, tendo suas obras reconhecidas pela crítica em geral, mas que ainda há muito a ser descoberto nesse universo de escritoras. Contudo, a fim de que esse número se torne expressivo, necessário se faz conhecê-las para que só assim a crítica possa emitir juízo de valor sobre suas obras. Eis o papel deste dicionário: mostrar que existe, em Santa Catarina, muitas mulheres que escrevem, mas que precisam se tornar visíveis.



CAPÍTULO IV

4 METODOLOGIA

A busca pelo conhecimento, movida pela curiosidade, leva o homem a pesquisar. Uma pesquisa é o conjunto de procedimentos sistemáticos que tem como foco a geração de novos conhecimentos ou a reflexão/refutação sobre conhecimentos já existentes. Tais procedimentos são realizados com base no raciocínio lógico que visam encontrar soluções para problemas sugeridos, a partir da utilização de métodos científicos.

Este trabalho caracteriza-se por apresentar uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, e pesquisa de campo com vistas à análise e coleta de dados.

Na pesquisa qualitativa, a realidade é construída a partir do próprio estudo, e o pesquisador possui a função de observar, analisar e interpretar significações do sujeito do estudo, ou seja, ele faz parte do processo de pesquisa a partir de suas observações, percepções e conhecimentos sobre o tema pesquisado. (CANZONIERI, 2010)

A fim de cumprir os objetivos estabelecidos, esta pesquisa é classificada como sendo do tipo exploratória, uma vez que procura fazer um estudo e compreender um fenômeno ainda pouco conhecido, como é o caso da escrita de mulheres em Santa Catarina. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica envolvendo temas como gênero, cultura feminista, canonização literária, produção de dicionários e a História da Literatura Catarinense.

De posse de todo um referencial teórico, partiu-se para a coleta de dados, com o propósito de registrar a presença das vozes das escritoras de ficção em Santa Catarina a fim de dar início à elaboração de um dicionário.

4.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa realizada compreendeu, inicialmente, um levantamento bibliográfico acerca das questões de gênero, envolvendo a marginalização da mulher enquanto sujeito de escritura ficcional, bem como de sua exclusão do cânone literário brasileiro/catarinense. Foi feito também um estudo envolvendo a inserção da vida (intelectual) da mulher na história da Literatura Catarinense, bem como uma abordagem da publicação realizada pelas escritoras dos séculos XIX e XX. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir de material já elaborado como artigos, livros, ensaios, teses e dissertações sobre o assunto.

Para a organização do dicionário a que se propõe, o primeiro passo foi buscar teorias que abordassem a questão “como fazer um dicionário literário?” Como praticamente inexiste uma teoria para esse assunto, a melhor solução encontrada foi pesquisar diretamente nas fontes, a fim de verificar qual seria a melhor organização de um dicionário. Para isso, foi necessária uma busca a inúmeros tipos de organizações literárias, como antologias, e dicionários (dentre eles o de Constância Duarte, Hilda Flores, Nelly Novaes Coelho, Luiza Lobo, Raimundo de Menezes, Zahidé Muzart, Américo Oliveira e Mário Viana, Walter Piazza e Schuma Schumaher), a fim de observar os procedimentos utilizados pelos autores, os critérios de escolha dos verbetes, a forma como eram colocadas as informações, tamanhos, ordem de importância, etc. Tudo isso para comparar dados e procurar organizar o dicionário da forma mais didática possível, uma vez que a intenção é a de que esse material se torne um instrumento de consulta para alunos, professores, investigadores, historiadores, enfim, todos aqueles que se interessem não só pela literatura catarinense em si, como também pelo assunto referente às políticas de gênero que envolvam a condição da mulher catarinense enquanto escritora.

4.2 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu entre os anos de 2008 e 2011 e foi realizada em diferentes locais e de diversas maneiras. O ponto inicial para a pesquisa foi a Academia Catarinense de Letras onde, em conversa

informal com o professor Lauro Junkes, na época presidente da Academia, tomou-se conhecimento de diversas escritoras que, mais tarde, vieram a fazer parte do corpo da pesquisa. Gentilmente, o professor autorizou a fazer uma busca nas prateleiras da biblioteca local. O trabalho era minucioso e exigia paciência, pois como não havia um registro de todas as obras ali presentes, foi necessário verificar livro por livro para encontrar o objeto de pesquisa. Nesse local, o número de obras de autoria feminina encontrado foi muito reduzido. Outros lugares visitados foram a Fundação Catarinense de Cultura e a Fundação Franklin Cascaes onde também se encontrou pouco material sobre o assunto – e isso trouxe uma triste comprovação: não existe um registro ou um controle em nenhum lugar de Santa Catarina (e isso ocorre provavelmente em todos os estados brasileiros) em que sejam registradas as obras as quais são lançadas pelas diversas editoras ou mesmo por publicação dos próprios autores, daí a importância de se reunir em um só local as obras de ficção de escritores (no nosso caso, escritoras) catarinenses.

Após as visitas a esses centros culturais, visitou-se a Academia Josefense de Letras, que fica localizada no Centro Histórico de São José – SC; a atividade de pesquisa nesse local foi praticamente impossível, pois as três vezes em que a pesquisadora foi lá, em diferentes horários, nunca a encontrou aberta. No entanto, foram conseguidos os dados das acadêmicas a partir dos catálogos da Academia. Da Academia de Letras de Biguaçu, localizada no Centro de Biguaçu, também se obteve o contato com as escritoras e seus respectivos dados.

Ainda em 2008, visitou-se a Biblioteca Pública Professor Barreiros Filho, localizada na Rua João Evangelista da Costa, no Bairro de Fátima – Estreito. Pode-se dizer que a maior parte dos dados da pesquisa foram conseguidos nesse local. Tal biblioteca abriga um número bem razoável de obras de Santa Catarina e, ainda, promove eventos culturais sendo, inclusive, sede do Grupo de Poetas Livres.

Em 2009, após uma visita à Feira de Livros, a pesquisadora manteve contato com os poetas da ALIFLOR (Associação Literária Florianopolitana) e graças à gentileza da senhora Janice Pavan, poetisa e secretária da Associação, pôde assistir a uma reunião do grupo, na qual manteve contato com as escritoras, que se mostraram muito atenciosas para com a pesquisa. Graças à intervenção de Janice Pavan, foram obtidos os dados, a partir de e-mails, de outras escritoras que não puderam estar presentes na reunião.

Também nesse mesmo ano, no lançamento da antologia *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009), de Yedda de Castro Goulart, no Shopping Iguatemi, de Florianópolis, a pesquisadora manteve contato com diversas escritoras que estavam no local, bem como conseguiu contatos de e-mails de outras, por indicação das próprias autoras.

A rede mundial de computadores, internet, também foi uma ferramenta valiosíssima para o trabalho; a partir dela, conseguiram-se muitos contatos e informações sobre os autores, Academias, instituições culturais e associações das quais foi extraída uma grande quantidade de material para a pesquisa.

O endereço eletrônico, e-mail, foi outra fonte importantíssima na coleta de dados; a partir dele, entrou-se em contato com diversas escritoras que, gentilmente, cederam seu currículo para colaborar com a pesquisa. Mas, infelizmente, não foi possível conseguir respostas de tantas outras escritoras, pois, muitas delas não responderam às mensagens, provavelmente por motivos variados como mudança de endereço eletrônico ou por pensarem se tratar de vírus e, assim, apagarem as mensagens mandadas, uma vez que vinha de pessoa desconhecida. A poeta Maria das Dores Conceição Langhammer, a Dona Dodô, em um encontro casual com a pesquisadora, a qual lhe relatara sobre a tese, lembrou que havia deletado o e-mail mandado, pensando se tratar de vírus. Apesar de se ter colocado identificação completa sobre a natureza da pesquisa, o endereço de trabalho da pesquisadora, telefone, etc., muitas delas desconfiaram, e algumas até, como a senhora Ilka Bosse, de Blumenau – SC, telefonou à pesquisadora a fim de verificar a seriedade daquele e-mail – a partir daí ela colaborou muito com a pesquisa, indicando-a, inclusive, para outras autoras.

Outra fonte de pesquisa muito importante para a coleta de dados foi a visita a Editoras. Em Florianópolis, essas visitas ocorreram muito mais via internet, pois os responsáveis solicitavam que fossem olhados os catálogos. Assim, foram pesquisados os catálogos das seguintes editoras: Editora da UFSC, Editora Garapuvu, Editora Insular, Editora Mulheres, Editora Moderna, Editora Sophos, Editora Girassol, Editora Secco, Editora Expressão, Editora Letras Brasileiras, Editora Letras Contemporânea, Editora Visual Book, Hermann Baumgarten Editora, de propriedade da escritora Christina Elisa Baumgarten, e Câmara Catarinense do Livro.

No ano de 2010, outras bibliotecas de Florianópolis foram visitadas: a Biblioteca da UFSC, na qual se encontrou um acervo muito pobre da literatura catarinense, a Biblioteca Barca dos Livros, localizada na Lagoa da Conceição, e a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, localizada no Centro de Florianópolis. É válido afirmar que a pesquisa realizada em bibliotecas foi muito minuciosa e demandou um longo período de tempo, uma vez que foi pesquisado livro por livro nas prateleiras do setor de Santa Catarina.

Um acervo particular, gentilmente cedido pela professora orientadora deste trabalho, a professora Zahidé L. Muzart, também foi local de investigação do qual se extraíram vários nomes de escritoras para este trabalho.

Esgotadas as fontes de pesquisa na Grande Florianópolis, partiu-se para viagens particulares a algumas cidades do Estado. Durante o mês de julho, na cidade de Blumenau, foram visitadas a Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller, a Biblioteca Universitária Martinho Cardoso da Veiga, localizada na FURB – Campus I e a Fundação Cultural Blumenau. Também visitaram-se várias editoras, dentre elas, a Hemisfério Sul, de propriedade da escritora Urda Alice Klueger, a qual colaborou muito com os dados deste trabalho, Editora Todolivro, Editora SBN, Editora Vale das Letras e Editora da FURB. Procuramos visitar, ainda, outras editoras em Blumenau, mas o que chamou a atenção foi a falta delas, ou seja, muitas editoras trocaram várias vezes de lugar, não deixaram seus endereços e a vizinhança desconhecia o local para onde teria sido feita a mudança.

Outro ambiente muito importante de pesquisa nessa cidade foi o site da Sociedade Escritores de Blumenau, SEB. Também se procurou visitar a Academia de Letras Blumenauense, mas não foi encontrado seu endereço. Em conversa informal com o escritor e historiador Viegas Fernandes da Costa, da FURB, ele relatou que a Academia não tem endereço fixo, portanto, foi inviável a visita, mas foi possível apreciá-la a partir de endereço eletrônico. Finalmente, na visita à cidade, um local em que se encontrou mais de 20 novas autoras foi nas livrarias que vendem livros usados, os sebos. Em Blumenau, diferente de muitas outras cidades do país, os sebos são muito organizados e a Literatura Catarinense fica em estantes à parte – aliás, existe um acervo de obras catarinenses muito expressivo nesses sebos, um número bem maior que nas bibliotecas da cidade.

Ainda no mês de julho, foram visitadas outras três cidades do sul do estado: Criciúma, Tubarão e Laguna. Em Criciúma, a pesquisadora visitou a Casa da Cultura Professora Neuza Nunes Vieira, a Biblioteca Pública Municipal Donatila Borba e, ainda, a biblioteca da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Infelizmente, também não foi possível visitar a Academia Criciumense de Letras, uma vez que não se conseguiu seu endereço – segundo a bibliotecária, provavelmente eles não possuem uma sede, mas o acesso às escritoras foi obtido graças a uma antologia que possuía endereço e telefones dos autores. Em Tubarão, a visita se deu no Acervo Histórico da cidade, no qual nada foi encontrado, na Biblioteca Pública Municipal Olavo Bilac e na biblioteca da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Também não foi possível conversar com nenhum representante da Academia Tubaronense de Letras, mas os nomes das autoras foram conseguidos a partir de antologias publicadas pela Academia. Já em Laguna, foi realizada uma visita à Biblioteca Pública Municipal Professor Romeu Ulisséa, bem como o Centro Cultural e Social Santo Antônio dos Anjos no qual se fizeram contatos com alguns escritores do local.

Neste ano de 2011, em janeiro, foram visitadas as cidades do planalto catarinense: Lauro Muller, Urussanga, Orleans, São Joaquim e Lages. Dentre esses lugares, o que mais contribuiu para a pesquisa foi Lages. Ao visitar a sede da Associação Lageana de Escritores (ALE), a pesquisadora manteve contato com a vice-presidente e escritora Eva de Lourdes C. da Silva a qual gentilmente transmitiu preciosas informações sobre a ALE e forneceu contato com outras escritoras da cidade. Em Orleans, o contato foi com a presidente da Academia Orleanense de Letras, Sueli Mazzucco Mazzurana, a qual se mostrou muito solícita para com a pesquisa e colaborou a partir do envio de e-mails com informações sobre escritoras locais.

Em fevereiro foram visitadas as cidades de Joinville, Itajaí, Camboriú e Tijucas de onde se extraiu um material significativo para compor o dicionário, especialmente em Itajaí, na Biblioteca Municipal Silveira Júnior. Em Joinville, o contato se deu por intermédio da escritora Rita de Cássia Alves, a qual trabalha na Biblioteca Pública Municipal Prefeito Rolf Colin, que forneceu contatos valiosos com outros escritores locais.

Paralelo a isso, a coleta de dados se deu ainda a partir de buscas em livros e dicionários de mulheres. Foram primordiais para esta pesquisa os livros de alguns críticos, tais como, Celestino Sachet, Lauro

Junkes, Zahidé L. Muzart, Iaponan Soares, Walter Piazza, Silveira de Souza, Schuma Schumaher, Fábio Brüggeman, Regina Carvalho, Afrânio Coutinho, Nelly Novaes Coelho, Arnaldo S. Thiago, Luiz Carlos Amorim, Janete Gaspar Machado, Yedda de Castro Goulart, Hilda Agnes Hübner Flores, Antonio Hohlfeldt, Raimundo de Menezes, Constância Lima Duarte e tantos outros. Não se pode esquecer também das antologias de grupos literários ou das próprias Academias que muito contribuíram para a realização dos verbetes.

4.3 Critérios de seleção

Organizar um dicionário exige que se tenham bem definidos quais os critérios a serem utilizados. O fato de escrever uma obra, que reúna dados os quais normalmente são encontrados de forma esparsa, exige do pesquisador uma orientação sólida, exata, para que ele não se perca em um universo tão grande de informações. E foi assim que se procurou trabalhar nesta pesquisa, tendo os critérios de organização bem delimitados desde o início da coleta de dados. Dessa forma, definiram-se os seguintes critérios de seleção⁸²:

- a) serão incluídas apenas escritoras catarinenses que escrevem literatura em geral ou, no máximo, memórias;
- b) definir-se-ão como “catarinenses” as escritoras que nasceram em Santa Catarina e aqui vivem ou viveram; aquelas que nasceram em Santa Catarina e migraram para outros estados e, ainda, aquelas que optaram por morar em Santa Catarina e aqui permaneceram por algum tempo;
- c) farão parte da pesquisa, dentro da ficção, os seguintes gêneros textuais: conto, romance, crônica, poesia, literatura infantil ou infanto-juvenil, memória e teatro;
- d) as escritoras deverão ter, pelo menos, uma obra de ficção publicada individualmente;

⁸² Aqui cabe uma observação: esses critérios foram definidos para um primeiro momento da tese. No entanto, a partir da publicação do dicionário e de uma possível continuidade da pesquisa por terceiros ou pela própria pesquisadora, tais critérios poderão ser ampliados como, por exemplo, resgatar todas as escritoras catarinenses sem que necessariamente tenham alguma obra publicada individualmente; abranger outros gêneros literários; fazer estudos críticos das obras, etc.

- e) no caso das dramaturgas, elas deverão ter, pelo menos, uma peça representada, sem necessidade de ter sido publicada;
- f) não serão adotados critérios de valores literários institucionalizados, ou seja, as escritoras serão aqui registradas independente de estarem ou não registradas nas histórias da literatura;
- g) as escritoras selecionadas deverão ter nascido a partir do século XVIII.

4.4 Organização – estrutura e apresentação dos verbetes

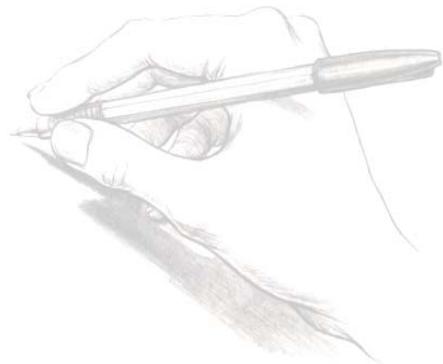
Definidos os critérios de seleção das escritoras, o passo inicial foi pensar nos critérios a serem adotados para a escrita dos verbetes. Assim, estabeleceram-se os seguintes princípios:

- a) Os verbetes serão anotados por ordem alfabética do primeiro nome de cada escritora. Esse critério, mesmo contrariando as regras convencionais de dicionário biográfico, é justificado pelo fato de muitas escritoras a serem aqui “resgatadas” não possuírem um nome importante, de família ou tradicional na Literatura Catarinense ou pelo fato de trocarem seus sobrenomes ao se casar ou, ainda, de perdê-los ao se divorciar ou, também, por estarem fora do “cânone literário”.
- b) A estrutura da apresentação dos verbetes dar-se-á da seguinte forma:
 - nome completo e pseudônimo (se houver), seguido do ano e local de nascimento (e falecimento, se for o caso) da escritora;
 - dados biográficos;
 - iconografia;
 - caracterização do gênero característico da escrita (poesia, conto, crônica, romance, memória, literatura infanto-juvenil, teatro);
 - cronologia das publicações (bibliografia);
 - indicação de onde se encontram dados biobibliográficos das escritoras.

- c) Alguns verbetes ficarão mais extensos que outros. Isso se deve a motivos como falta de dados a respeito da vida e obra de algumas escritoras; em alguns casos, obteve-se acesso somente a uma obra de determinada escritora que sequer possuía indicações de ordem biográfica – e como o objetivo desta pesquisa é o de dar visibilidade às escritoras de Santa Catarina, certos verbetes apresentarão apenas o nome da autora, o título da obra e o gênero textual, sem qualquer referência biográfica.
- d) Procurou-se registrar a maior parte das referências das escritoras as quais foram encontradas na rede mundial de computadores – internet (por exemplo, blogs, academias, associações ou outras entidades virtuais confiáveis), com exceção de endereços eletrônicos, a fim de preservar sua privacidade.
- e) Na bibliografia da escritora, sempre que possível, será citado o ilustrador, o número da edição, o local, a editora, o ano da edição e o número de páginas do livro – em caso de tradução de alguma obra, serão citados também o nome do(a) tradutor(a). O mesmo acontecerá com a bibliografia *sobre* a escritora, acrescentando, apenas, o organizador ou coordenador da obra e o endereço eletrônico em que pode ser encontrada a referência, no caso de dados colhidos em meio eletrônico.
- f) Títulos de livros, jornais, revistas, antologias e peças teatrais, bem como o título da premiação recebida pela autora serão grafados em itálico, enquanto que títulos de poemas, contos e crônicas ficarão entre aspas.
- g) As obras citadas, bem como as antologias das quais a escritora participa serão separadas por ponto e vírgula.
- h) As antologias, sempre que possível, virão acompanhadas da referência bibliográfica.
- i) Os dados duvidosos que compõem as fichas catalográficas das bibliotecas serão colocados entre colchetes. Exemplo: [199-] quando o ano não estiver especificado; e, de acordo com as normas vigentes: [s.n.] quando não indicar o nome da editora;

[s.l.] quando não indicar o local em que foi registrada a obra; e
[s.l.: s.n.] se não houver local nem nome da editora.

- j) Somente a primeira palavra do título estará em letras maiúsculas.



CAPÍTULO V

5 O DICIONÁRIO LITERÁRIO DE ESCRITORAS CATARINENSES

“Diccionario, no eres / tumba, sepulcro, féretro, / túmulo, mausoleo, / sino preservación, / fuego escondido, / plantación de rubíes, / perpetuidad viviente / de la esencia, / granero del idioma.”

Pablo Neruda (1904-1973)

Uma das grandes dificuldades para a realização da presente pesquisa foi encontrar teorias sobre dicionários de literatura (ou até mesmo sobre dicionários em geral). As consultas realizadas pela pesquisadora dão conta quase que exclusivamente de dicionários associados a questões linguísticas tão somente. Assim, foram consultados alguns dicionários⁸³, porém, o que se encontrou foi a forma como eles se apresentam estruturados; teorias que remetem à parte da metodologia em si, o “como elaborar” um dicionário não foram encontradas.

5.1 Dicionário, antologia, enciclopédia

Este tópico possui relevância, uma vez que no início do projeto desta tese havia dúvidas quanto à denominação a ser dada à coleta de

⁸³ E aqui poderiam ser citados o *Dicionário Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake; *Dicionário Aurélio*; *Dicionário Houaiss*; *Dicionário Caldas Aulete*; *Dicionário Literário Brasileiro*, de Raimundo Menezes; *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*, de Nelly Novaes Coelho; *Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*, de Adalzira Bittencourt; *Dicionário prático de literatura brasileira*, de Assis Brasil; *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira*, de Nelly N. Coelho; *Guia de escritoras da literatura brasileira*, de Luiza Lobo; *Dicionário de Mulheres*, de Hilda Flores; *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, de Schuma Schumaher e Érico Brazil; *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, de Américo Oliveira e Mário Viana; *Dicionário de escritoras portuguesas*, de Constâncio Lima Duarte, Conceição Flores e Zenóbia Collares Moreira e tantos outros.

dados referente às escritoras catarinenses, ou seja, inicialmente pensou-se em fazer uma antologia, depois uma espécie de enciclopédia, até se chegar ao que pareceu mais apropriado ao objetivo a que se dispõe tal trabalho: um dicionário literário. Com o propósito de deixar bem clara e argumentada a escolha pelo “dicionário”, traçam-se aqui alguns pontos que diferenciam essas três obras.

A antologia indica uma coleção de textos literários (comentados ou não), selecionados de acordo com determinados critérios e agrupados por temas, autoria ou período⁸⁴. No entanto, ao verificar que apesar de possuir um papel didático, a antologia também constitui meios de institucionalização de autores e textos literários, levando à formação de cânones, a pesquisadora optou pelo *dicionário*, uma vez que o objetivo não era selecionar autoria e obra, mas sim incluir o maior número possível de escritoras de Santa Catarina na pesquisa, sem fazer distinção de literaturas “maiores” ou “menores”, canonizadas ou não.

Mas, para se ter a certeza de que este trabalho resultaria em um dicionário, e para não gerar dúvidas ou contestações sobre a nomenclatura, necessário foi também pesquisar sobre um outro modelo de obra desenvolvida a partir de dicionários: a enciclopédia.

Mesmo que essa noção de compêndio de conhecimento já tivesse sido utilizada há muitos anos, o termo *encyclopédia* começou a ser usado somente no século XVI, mais especificamente, em 1541, na obra *Lucubrationes vel potius absolutissima kyklopaideia* (Basileia, 1541), de Joachimus Fortius Ringelbergius⁸⁵.

A enciclopédia, segundo Eco (1991, p.113), é o conjunto de "todas as interpretações, concebíveis como a biblioteca das bibliotecas,

⁸⁴ Antologia também é sinônimo de coletânea, compilação, miscelânea, florilégio e selecta. A denominação dessas coleções literárias até o século XVIII, de acordo com o E-Dicionário de termos literários (CEIA, 2005) era de “cancioneiro (por exemplo, o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, 1470?-1536), flores, florilégio (*Flores de poetas ilustres de España, dividida en dos libros*, 1605), silva, silvas (*La silva de romances de Barcelona*, 1561), ou romanceiro (Romanceiro, de Almeida Garrett, 1799-1854).”

⁸⁵ Na atualidade, a criação da primeira enciclopédia moderna é atribuída a Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot, que tiveram como colaboradores Rousseau, Voltaire, Montesquieu e outros ensaístas ilustres. Denominada de *Encyclopédie*, ou *dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, a obra foi editada em 1772 e era composta de 33 volumes que versavam sobre os três principais ramos do conhecimento: a Memória (História), a Razão (Filosofia) e Imaginação (Poesia). Tal enciclopédia foi um marco na era do Iluminismo, uma vez que desafiou princípios tradicionais, principalmente em relação à Igreja Católica; seu conteúdo demarcava a destruição das superstições e o acesso ao conhecimento humano, à razão.

onde uma biblioteca é também um arquivo de toda a informação não verbal de algum modo registrada, das pinturas rupestres às cinematecas". No entanto, ela não trabalha com a descrição na sua totalidade, como faz o dicionário; nela, as possibilidades de interpretação são infinitas e implicam continuamente novas segmentações no continuum da realidade. A encyclopédia nada mais é do que uma junção de diversas encyclopédias (parciais) que são constituídas individualmente em um processo interpretativo bem variável. Enquanto conjunto não ordenado de marcas, é passível de ser ordenado parcialmente, sob forma de dicionário, "toda vez que queremos circunscrever a área de consenso dentro da qual um discurso se move." (ECO, 2001, p.133) Assim é o conhecimento encyclopédico, e não apenas o linguístico, que nos permite interpretar de forma conveniente enunciados simples.

Nesse sentido de interpretação, a encyclopédia ultrapassa os limites do dicionário linguístico, pois trabalha com o conhecimento extralinguístico, aquele adquirido a partir da experiência de vida ou a partir do uso de certas expressões da língua.

Assim como os dicionários, as encyclopédias também possuem diferenciação em seus tipos. Existem praticamente dois grupos: o das encyclopédias *genéricas*, ou seja, aquelas que são compostas por uma coletânea de conhecimento geral em todas as áreas (a Encyclopédia Britânica, por exemplo) e as *especializadas*, isto é, aquelas que possuem seu conteúdo voltado especificamente para uma determinada área (Encyclopédia de Medicina, por exemplo).

Outra diferenciação entre dicionário (principalmente os lexicais) e encyclopédia é que o dicionário trabalha, principalmente, sobre o conceito de "palavras" e a descrição de suas definições – mas isso nem sempre significa compreensão do significado para o leitor. Já a encyclopédia não se concentra nas definições de palavras, mas em temas ou disciplinas, associando-os ao conhecimento acumulado sobre o assunto e aprofundando-o⁸⁶.

Quanto ao formato, as encyclopédias, assim como os dicionários, sofreram uma grande transformação no final do século XX, vindo a ser

⁸⁶ É claro que aqui convém lembrar dos dicionários encyclopédicos. Esses tipos de dicionários oferecem uma descrição bem mais completa e uma escolha de entradas selecionadas para transmitir uma gama de conhecimentos muito maior que um dicionário comum. Já com relação à encyclopédia, eles oferecem maior facilidade de utilização, a partir de entradas e resumos em algumas situações e com um volume bem reduzido.

apresentadas em formato de CD-ROM – e daí a utilização de hyperlinks, animações e áudio nas versões digitais que fazem uma diferença enorme se comparados com a tradicional publicação escrita.

Também a internet deu margem à criação de encyclopédias livres, como a *Wikipédia*, por exemplo, que permitem a qualquer pessoa participar da construção delas, corrigindo e completando informações ali contidas. Além disso, há uma vasta fonte de referência a qual pode ampliar o universo da pesquisa, bem como o acesso a consulta em vários idiomas.

Apesar de tantas diferenças entre encyclopédia e dicionário, o que se sabe é que, historicamente, ambos foram criados com o intuito de obter melhorias na informação e na educação. Assim, após o estudo dessas diferenças, optou-se por construir um *dicionário*, uma vez que seus verbetes não se propõem selecionar as escritoras catarinenses por grau de importância. Antes disso, esta pesquisa objetiva realizar uma amostragem do que existe de literatura de ficção escrita por mulheres em Santa Catarina⁸⁷.

⁸⁷ A título de curiosidade, acredita-se ser importante registrar aqui um material que serviu de consulta para essa pesquisa a fim de se ter a certeza da escolha pelo dicionário, em vez de antologia ou encyclopédia: a *Encyclopédia do Almirante*. Tal encyclopédia, denominada outrora de “Encyclopédia de Santa Catarina”, foi escrita pelo almirante Carlos da Silveira Carneiro entre os anos de 1950 e 1960. A obra, doada à Biblioteca Central da UFSC após a morte do autor, “compõe-se de 68 grossos livros de 400 a 550 páginas, de grandes dimensões, encadernados, 29 enormes cadernos de biografias e genealogias, cadernos menores, cadernetinhas; blocos, e pastas e sete cadernos de índices!” (MUZART, 1987) Carioca, mas apaixonado por Santa Catarina, o almirante decidiu criar um documento em que fossem registrados minuciosamente dados sobre aspectos físicos, econômicos, financeiros, políticos, administrativos, sociais e históricos do Estado. Mas é no aspecto cultural, em especial no âmbito da literatura catarinense, que se quer dar aqui um destaque à Encyclopédia do Almirante, onde o autor traz obras que se não fossem publicadas nesse veículo talvez pudessem ter se perdido. É o caso de várias peças de Horácio Nunes Pires, poemas e textos de Cruz e Sousa e de vários outros autores que já serviram como instrumentos valiosíssimos de pesquisa aos estudiosos da literatura catarinense.

5.2 Dicionário, o “pai dos burros”

“O dicionário é o pai dos inteligentes: os burros dispensam-no.”
Mário da Silva Brito (1910)

Um dicionário é uma obra que reúne uma série de vocábulos e suas respectivas informações, explicações, classificação gramatical e pronúncia em ordem alfabética. Essa conceituação é designada aos dicionários de língua, que podem, ainda, incluir outras informações como a sinonímia, paráphrase, semelhança e diferença entre termos, antonímia, hiponímia e hiperonímia (subordinação e superordenação), como também identificar anomalias semânticas, redundância, ambiguidade provocada por homonímia (expressões idênticas com significados distintos). Permite, também, constatar verdades analíticas, concisão, inconsistência, inclusão e implicitação semântica, a partir da relação entre afirmações efetivamente presentes num enunciado. (ECO, 1991, p.84-85)

Esse tipo de dicionário, o mais comum dentre todos os tipos existentes, é conhecido popularmente como “pai dos burros” e muitas reflexões a seu uso têm sido feitas. O escritor José Lins do Rego, na poesia “Um dicionário”, contida na obra *Poesia e vida* (1945) tece o seguinte comentário acerca desse instrumento:

[...] um dicionário deve ser vivo, uma súmula da vida, mais um instrumento de aprendizagem que um objeto de luxo. O chamado ‘pai dos burros’ da expressão do povo tem de ser mesmo paternal, simples, dando-nos o valor e o significado das coisas, sem pretensões, capaz da mais franca intimidade, generoso, fácil. (RAMOS, 1945)

Júlio Camargo, em *A arte do Sofisma*, comenta: “*O dicionário pode ser o pai dos burros, mas só pessoas inteligentes o consultam.*”

Também o escritor Graciliano Ramos, na obra *Linhos tortos* (1962), fala acerca da importância do dicionário: “*O dicionário, em certos meios, é tão desconsiderado como os palavrões obscenos que a crítica pudibunda repele. Contudo não poderíamos trabalhar sem ele, como não poderíamos trabalhar sem couro ou tijolos se fôssemos sapateiros ou pedreiros.*”

Didaticamente, esse tipo de dicionário possui as seguintes funções: apresentar o significado das palavras; indicar a classe gramatical a que elas pertencem, bem como flexões; mostrar ortografia, bem como a separação silábica; exibir a etimologia das palavras, indicando suas origens; contribuir para uniformizar a língua.

Também aqui é importante assinalar que “o dicionário é uma obra de consulta, e não um texto para ser lido do começo ao fim” (REY-DEBORE, 1984, p.63-64), o dicionário é, na verdade, uma obra de referência. Ele é um dos objetos culturais mais usuais e mais conhecidos, e o hábito de consultá-lo deveria ser uma constante em nossos estudos e em nossas escolas.

Não se pode esquecer, ainda, que além do dicionário lexical existem outros tipos de dicionários e, dependendo da função a que se destina, tal instrumento pode atingir diversos níveis e áreas de conhecimento. Diferem do tipo de dicionário lexical, por exemplo, outro tipo bastante comum: o dicionário técnico-científico, que reúne terminologias específicas de uma determinada área científica; dicionário de sinônimos e antônimos, os que definem o significado das palavras aproximando semanticamente os termos correlatos (palavras sinônimas) e significados opostos (palavras antônimas); dicionários etimológicos, que expõem a origem de cada palavra a partir de sua formação e evolução; dicionários analógicos, os que aproximam palavras por campos semânticos ou por analogia a uma ideia; dicionários de símbolos, aqueles que explicam palavras representativas de símbolos na literatura; dicionários bilíngues ou plurilíngues, que explicam o significado dos termos estrangeiros e suas correlações com termos nativos; e tantos outros como dicionário de termos literários, de psicologia, de informática, de mulheres, de provérbios, de gírias, etc.

5.3 Dados históricos

Sobre a origem do dicionário não se possui uma informação precisa. Acredita-se que ele tenha se originado por volta de 2600 a.C., na Mesopotâmia, e que versava sobre nomes de profissões, divindades, objetos de uso comum, etc. No século I, tem-se notícia de que os gregos criaram os *lexicons* a fim de catalogar o uso das palavras na língua grega. Nesse século, Apolônio de Alexandria, gramático grego

conhecido como “O Sofista”, escreveu o “*Léxico das palavras de que se serviu Homero*”. Depois outros dicionários surgiram relatando as palavras e frases ambíguas dos poetas da tragédia e comédia, expondo termos de culinária, sinônimos e outros. “O gramático grego Ateneu, que viveu no século 2, revela em seus escritos a existência de nada menos que trinta e seis dicionários perdidos para nós.” (DANNEMANN, 2006) Também os gregos e os romanos já os utilizavam para informações acerca de termos e conceitos. Mas, curiosamente, não eram organizados em ordem alfabética. Esse sistema ocorreu somente no fim da Idade Média, com os monges, que propunham facilitar a localização dos termos. Assim, surgiu a primeira tentativa de escrever um dicionário bilíngue latim-vernáculo.

Foi entre os séculos 13 e 17, no Renascimento, que surgiram os primeiros dicionários mais próximos do que temos hoje. Essas obras surgiram com a finalidade de traduzir as línguas clássicas para as modernas em função do estudo e entendimento da bíblia. Segundo Dannemann (2006), o religioso italiano Ambrósio Calepino (1438-1511) dedicou sua vida à organização do famoso *Dictionarium*, impresso pela primeira vez na cidade de Régio, em 1502. Essa obra teve várias edições, durante o século XVI, após o advento da imprensa (no século XV), e foi consultada pelos sábios da Europa. Dentre essas publicações, a mais completa é a da Basileia (1590), “que abrange onze línguas, tornando-se tão famoso que o termo *calepino* passou a ser sinônimo de dicionário, da mesma forma como hoje se diz Aurélio no Brasil.”

O primeiro dicionário português, publicado em 1569, por Jerônimo Cardoso, intitulava-se *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* e teve sete edições publicadas até 1694 (paralelo a isso, em 1611, Agostinho Barbosa publica *Dictionarium Lusitano-Latinum*, obra enriquecida por uma quantidade expressiva de vocábulos). O bibliógrafo lusófono Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876), em seu *Dicionário Bibliográfico* (1860), registra, sobre a obra de Jerônimo Cardoso:

Era o primeiro vocabulario d'este genero que se imprimia para subsidio do estudo das linguas latina e portugueza; e por isso mereceu extraordinaria aceitação; o que bem provam as repetidas reimpressões que d'elle se fizeram, ainda depois de apparecer o outro Diccionario de Agostinho Barbosa e até a Prosodia de Bento

Pereira. (SILVA, 1860, vol. IV, p.259 *apud*
DANNEMANN, 2006)

Outros dicionários da língua portuguesa também podem aqui ser citados, dentre eles, o *Vocabulário Português e Latino*, de D. Rafael Bluteau, publicado de 1712 a 1718, em oito volumes e incluindo muitos provérbios; o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1789), de Antonio Moraes Silva, em dois volumes, e com uma segunda edição ampliada em 1813; e, o mais significativo deles, o *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, editado em cinco volumes entre os anos de 1871 e 1874.

No Brasil, a primeira obra que trabalhou o intuito do dicionário foi, na verdade, uma gramática, intitulada “*Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*”, escrita pelo padre José de Anchieta. O livro, escrito em apenas seis meses, e impresso em 1595, em Coimbra, Portugal, era uma espécie de cartilha, de dicionário, que descrevia sistematicamente o papel de uma “língua nova”, o tupi, até então oral, baseado no modelo estrutural do latim. Foi graças a esse estudo de Vieira, que a comunicação entre os missionários e os índios começou a se realizar de forma mais intensa, uma vez que os padres da Companhia de Jesus deveriam aprender a língua da terra em que exerciam sua função eclesiástica.

Dentre os dicionários brasileiros, o primeiro deles foi impresso em 1789, em Lisboa, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Morais Silva. Em 1881, Francisco Julio Caldas Aulete publicou o seu *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, hoje, mais conhecido no Brasil por *Dicionário Caldas Aulete*⁸⁸.

Depois desses, segue uma série de novos autores, como Laudelino Freire (1873-1937), que escreveu o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, apresentado em cinco volumes (1929-1943); Aurélio Buarque de Holanda (1910 - 1989), com o, talvez, mais expressivo da atualidade, *Novo Dicionário da Língua*

⁸⁸ Francisco Julio Caldas Aulete (1826-1878) iniciou o dicionário, mas faleceu quando ainda estava nos verbetes da letra A. Seu trabalho foi continuado e concluído por Antônio Lopes dos Santos Valente (1839-1896) e outros lexicógrafos. A partir da década de 1950, tal dicionário começou a ser impresso por editoras brasileiras e, desde 2008, foi lançada a versão online do Caldas Aulete, o *iDicionário Aulete*, com cerca de 818 mil verbetes, onde é possível realizar consultas gratuitamente.

*Portuguesa*⁸⁹, publicado em 1975; e, ainda, Antônio Houaiss (1915-1986), com seu *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*⁹⁰, publicado em 2001 e, ainda, o *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*⁹¹, publicado pela Editora Melhoramentos.

O que se pode perceber, enfim, é que desde os primeiros dicionários até as atuais bases de dados multimídia em CD-Rom ou online, já existe uma rica tradição lexicográfica detentora da mesma finalidade: fixar (hiper)textualmente a memória linguística de uma comunidade.

As modernas possibilidades de multimídia e o desenvolvimento da intertextualidade permitem o concebimento de dicionários abertos, ou seja, susceptíveis a atualizações e capazes de armazenar dados complementares de diferentes padrões. Nesse sentido, os dicionários enciclopédicos, como a *Britannica online*, por exemplo, têm adquirido um notável desenvolvimento com atualizações globais de consultas ilimitadas a partir da internet.

5.4 A organização e estrutura de um dicionário

Para organizar o dicionário literário a que se propõe esta pesquisa, várias fontes de consulta foram acessadas; no entanto, apesar de não se ter encontrado uma metodologia própria para a confecção de

⁸⁹ Conhecido como o “Dicionário Aurélio”, “Aurelião” ou, ainda “Aurélio”, esse dicionário se tornou um dos mais populares no Brasil, e contém 435 mil verbetes, locuções e definições. Em 1977, foi lançado o *Minidicionário da Língua Portuguesa*, também chamado de “Miniaurélio” ou “Aurelinho”. Em 1989, o autor lançou o *Dicionário Aurélio Infantil* da Língua Portuguesa, com ilustrações de Ziraldo. Também foi lançado o *Dicionário Aurélio Ilustrado*, para crianças, com cerca de 10.000 verbetes e mais de 600 fotos e, recentemente, em 2008, o *Aurelinho*, o dicionário infantil ilustrado da língua portuguesa, com cerca de 3000 verbetes e mais de 400 ilustrações. O dicionário também possui versão online.

⁹⁰ Assim que foi lançado, o *Dicionário Houaiss* foi considerado “o mais completo dicionário brasileiro”, pela revista *Época* e recebeu uma série de elogios das principais revistas e jornais brasileiros. Atualmente, é um dos dicionários mais prestigiados, ao lado do *Dicionário Aurélio* e do *Dicionário Michaelis*. Traz cerca de 228.500 verbetes, 376.500 acepções, 415.500 sinônimos, 26.400 antônimos e 57.000 palavras arcaicas. Possui também uma versão online.

⁹¹ O *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, conhecido popularmente como “Dicionário Michaelis” ou simplesmente “Michaelis”, possui mais de 500.000 definições distribuídas em mais de 200.000 verbetes e subverbetes. Também possui versão online.

uma obra como essa, verificou-se que todas possuem uma organização em comum.

Segundo Fromm (2003), “Os dicionários são compostos de três grandes estruturas: a macroestrutura, a microestrutura e o sistema de remissivas.”

5.4.1 A macroestrutura

A macroestrutura dos dicionários é composta por três partes: as páginas iniciais, a nomenclatura (ou corpo) do dicionário e as páginas finais. (PONTES, 2000, p.56)

A maioria dos dicionários inicia com um prefácio o qual explica sua organização e suas finalidades. Horta Nunes (1998) assinala que o prefácio é um gênero importante na história da lexicografia, uma vez que ele constitui um lugar de reflexão metalinguística sobre o léxico, fazendo com que o dicionário não consista apenas em um conjunto de itens lexicais com definições, mas configure um discurso explicitado sobre a língua, porque é nos prefácios que os lexicógrafos se posicionam diante de questões como: público visado, recorte histórico, nomenclatura, sistema de remissões, citações, exemplos, entre outras.

Mesmo que as informações sobre a língua em seu conjunto sejam objeto dos dicionários gerais, léxicos e enciclopédicos, muitos dicionários especializados, como os de sinônimos, analógicos e etimológicos, trazem um enfoque linguístico ou enciclopédico em vários eixos-temáticos, como direito, psicologia, história, entre outros.

Além desses elementos, é comum verificar nos inícios dos dicionários informações que se mostram fundamentais para a compreensão da obra. Para isso, é apresentada uma lista de siglas e abreviaturas utilizadas e dos sinais de pontuação específicos, bem como uma explicação a respeito de transcrições fonéticas, notas explicativas sobre como usar o dicionário, um formulário ortográfico e, mais recentemente, em virtude do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, realizado a partir do Decreto 6.583 de 29 de setembro de 2008, as novas leis que regem a ortografia no país.

Para o dicionário que se propõe apresentar, foi imprescindível relatar alguns dados importantes para melhor situar o leitor na obra. Assim, o dicionário iniciará com uma apresentação ao leitor, indicando

os objetivos da pesquisa, bem como a forma como ela foi organizada e estruturada, seguido de uma lista de abreviaturas utilizadas no corpo do trabalho.

Nessa parte introdutória, a partir de pesquisas realizadas, verificou-se a importância de valorizar a metodologia do trabalho, uma vez que o dicionário será endereçado a pesquisadores e a estudantes, por isso, a inclusão de informações minuciosas sobre a estrutura e a forma como foi organizado.

Assim, indicou-se o passo a passo para a elaboração do dicionário que iniciou a partir do questionamento sobre qual seria o objeto de pesquisa. A fim de não se perder nesse universo grande da pesquisa, foi necessário estabelecer critérios para a seleção das escritoras que o comporiam. O primeiro critério foi estabelecer o que seria uma escritora “catarinense”. Para isso, foram feitas algumas reflexões como: seria abordado somente o aspecto geográfico? E aquelas que nasceram no estado, mas ficaram pouco tempo por aqui? Como deixar de fora aquelas que adotaram o estado para viver e escreveram seus textos em terras catarinenses?

Como o volume de escritoras era muito grande, foi necessário estabelecer, ainda, outro critério como ter ao menos um livro publicado individualmente ou, no caso das dramaturgas, uma peça representada sem que necessariamente tivesse sido publicada (e aqui a explicação para essa diferenciação é simples: raríssimas foram as dramaturgas que publicaram suas obras e como o propósito da pesquisa era o de registrar o maior número possível de autoras catarinenses, decidiu-se abrir esta exceção para que este segmento não ficasse de fora, uma vez que a quantidade de dramaturgas catarinenses que tiveram suas obras publicadas é quase nula).

Depois dessas explicações metodológicas iniciais, verificou-se, após a pesquisa em alguns dicionários de mulheres, que, como se tratava de um dicionário literário de escritoras catarinenses, seria necessário expor uma parte teórica acerca da condição da mulher enquanto habitante e escritora em terras catarinenses, bem como uma explanação do que seria a literatura catarinense para melhor situar o leitor no contexto da obra.

A segunda parte da macroestrutura dos dicionários é a nomenclatura ou o corpo do dicionário em si. Nessa parte, são apresentadas divisões chamadas “verbetes”. Para este dicionário literário

de escritoras catarinenses, após definidos os critérios, houve a necessidade de se optar pelos elementos que comporiam os verbetes das escritoras e como eles seriam dispostos. Como o propósito aqui sempre foi o de inclusão, o critério de organização dos verbetes foi o mesmo dos dicionários de linguística, ou seja, a partir de ordem alfabética; no entanto, o que o diversificou de muitos outros dicionários biográficos foi o fato de os verbetes terem sido colocados em ordem alfabética do primeiro nome da escritora.

Já na terceira e última parte da macroestrutura estão as páginas finais, geralmente, compostas por anexos, bibliografia, etc. A organização deste dicionário finalizará com um índice geral em que estarão registrados, em uma lista, o nome de todas as escritoras que compõem o dicionário, bem como uma indicação das fontes de consulta utilizadas para a elaboração do mesmo.

5.4.2 A microestrutura

A microestrutura de um dicionário representa um conjunto de informações (paradigmas), que formam o verbete, o qual apresenta as seguintes informações: a palavra-entrada + informações gramaticais, definição, exemplo de uso, marcas de uso e remissivas. Nesse contexto, Andrade (2000) apresenta a microestrutura a partir do enunciado lexicográfico, que é composto de três macroparadigmas. Ei-los:

- a) *Paradigma Informacional* (PI): constituído de abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, etc. E aqui haveria também as diferenças ortográficas, cronológicas e geográficas, a etimologia, níveis de estilo e conotações, atribuição a uma matéria ou especialidade, marcas registradas, denominações oficiais.
- b) *Paradigma Definicional* (PD): onde são descritos os semas ou unidades de significação e a definição do verbete em si.

- c) *Paradigma Pragmático* (PP): aquele que possui informações contextuais como exemplos e abonações (sinônimos, antônimos, parônimos e hipônimos).

Essas divisões existem no dicionário lexicográfico, já em um dicionário literário, o que se tem normalmente é a indicação da palavra-entrada, sua definição e exemplos de uso da mesma. Isso porque um dicionário literário, em geral, apresenta termos literários, teorias da crítica literária e linguística, tendo como foco central palavras usadas para descrever a literatura. Nesse contexto, alguns dicionários cobrem uma ampla gama de temas da literatura, enquanto outros se concentram em gêneros específicos, como, por exemplo, a poesia ou o romance (e descrevem seus termos técnicos) ou, ainda, eixos específicos como a crítica literária. Neste dicionário literário de escritoras, a microestrutura dos verbetes é formada pelo primeiro nome da autora, sua biografia, indicação da iconografia e bibliografia seguidos de fontes de onde foram extraídos os dados para a pesquisa.

5.4.3 O sistema de remissivas

A terceira e última parte da estrutura dos dicionários, as remissivas, estabelecem relações entre os termos, mantendo a coerência semântica. De acordo com Bacellar (2002, p.106-7 *apud* FROMM, 2003), “as remissivas corrigem o isolamento das mensagens no nível da microestrutura (reconstruindo seu campo semântico) e reúnem entradas equivalentes (sinônimos) no nível da macroestrutura.”

O sistema de remissivas é composto por indicações colocadas a fim de que o leitor busque novas informações, no próprio dicionário, que completem seu entendimento acerca de determinada unidade de conhecimento especializada. Assim, na macroestrutura, algumas entradas não possuem uma definição e indicam um verbete que remete o leitor a um outro verbete, no qual se encontra a informação completa. Já no âmbito da microestrutura, a remissiva pode assumir formas como: *V.* (ver), *q.v.* (queira ver), *cf.* (confronte, compare), entre outros.

a) Remissiva “ver”

É utilizada para indicar ao leitor outro verbete em que ele encontrará as informações que deseja. Essa remissiva pode acontecer em diversas situações como: para indicar uma forma léxica mais usual; da forma estrangeira para a vernácula (*soutien/sutiã*); do pseudônimo ao nome real (Maria da Ilha – *V. Antonieta de Barros*).

b) “Queira ver”

É empregada para aconselhar o leitor a consultar outro verbete para complementar as informações. O uso dessa remissiva se dá também quando uma definição de um termo, mesmo que completa, não satisfaz as necessidades de elucidação exigidas pelo leitor.

c) “Confronte”

A remissiva *cf.* também indica ao leitor consultar outro verbete, porém, sem que essa pesquisa seja obrigatória ou muito necessária. Ela possui como objetivo mostrar que existem outras unidades lexicais semelhantes (migração – imigração – emigração).

Um outro aspecto importante referente à estrutura de um dicionário é a forma como ele é apresentado. Nesse sentido, os dicionários dividem-se, basicamente, em duas categorias:

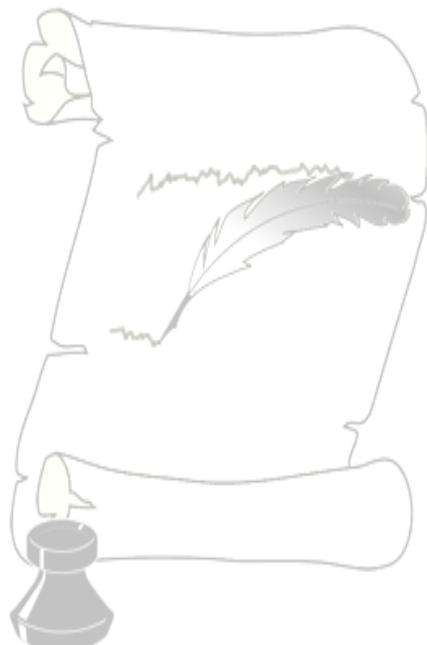
- a) *Semasiológicos* – as entradas são dispostas em ordem alfabética e a microestrutura parte do significante para o significado. São exemplos dessa categoria os dicionários de neologismos, regência, históricos, dicionários de língua em geral e dicionário literário.
- b) *Onomasiológicos* – as entradas são agrupadas por assuntos, matérias ou conceitos; nesse caso, a microestrutura parte do significado para o significante. Como exemplos desse tipo, podemos citar os dicionários ortográficos, de formação de palavras, de colocações, de sinônimos.

Finalmente, pode-se constatar que os dicionários podem apresentar um perfil mais prescritivo, em que se desenvolvem a partir de instruções – o mais usado no meio estudantil – ou, ainda, podem apresentar um

caráter descritivo, como a maioria faz, limitando-se a descrever os vocábulos.

Esses são alguns dos paradigmas adotados para os dicionários em geral. É evidente que, dependendo do tipo de dicionário, outros paradigmas podem ser acrescentados, mas constatou-se que, de uma maneira geral, os dicionários procuram seguir uma estrutura bem parecida, o que ajuda na consulta dos pesquisadores.

Dessa forma, esta pesquisa busca uma maior aproximação possível com os dicionários de mulheres pesquisados, a fim de organizar uma estrutura já familiarizada pelo leitor facilitando, assim, o seu trabalho de investigação.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir e estudar aspectos voltados à mulher na literatura e sua representatividade no tecido social e na ação política tem sido preocupação constante entre a crítica feminista. A partir do momento em que a mulher livrou-se do estigma de “ser incapaz” e lançou-se ao mundo da escrita, subvertendo, assim, valores da sociedade falogocêntrica, deu-se início a uma nova forma de ver e de escrever o mundo. Assim, percebe-se que esse novo olhar perpassa o próprio universo feminino, a partir da escrita de temas voltados ao mundo em que a mulher vivia e mais conhecia, como o ambiente privado da casa, das empregadas, das escravas, espaços, enfim, construídos por seus pais, maridos e senhores, espaços que caracterizavam a harmonia dos laços de família. Falava-se de amor, do cotidiano familiar, de sonhos, temas considerados de exclusividade de almas ingênuas, bobas e sentimentais, como as das mulheres – isso porque, se fossem falar de política ou assuntos relacionados à realidade social correriam o risco de serem ridicularizadas, afinal, escrever sobre assuntos importantes e úteis era coisa para homem. Mesmo iniciando dessa maneira, a mulher provou que era capaz de escrever. E escrever para ela era muito mais do que representar no papel sinais gráficos; escrever significava uma forma de conhecer-se a si mesma e reconhecer-se no Outro, mesmo que esse outro fosse ela própria.

A maior transformação pela qual passou esse tipo de literatura desde os fins do século XIX e, principalmente, no século XX, foi a conscientização da escritora quanto a sua liberdade e autonomia e à possibilidade de trabalhar e criar sua independência financeira – reflexo e manifestação dos novos papéis da mulher na sociedade. Foi aí que houve a mudança, segundo a crítica feminista, da condição “feminina” para a condição “feminista”⁹².

⁹²Virgínia Woolf, na década de 1930, preconizou uma “escrita feminina” que ganhou forma na literatura; essa ideia foi defendida pelas feministas europeias de 1970, época em que as mulheres são incentivadas a considerar todos os aspectos de sua vida pessoal como instâncias politizadas que refletem estruturas sexistas de poder. Em seus textos, a escritora destaca a condição feminina, mostrando as dificuldades da mulher em conquistar seu espaço mediante dificuldades financeiras e do pouco acesso à educação.

Essa “nova mulher” amadureceu sua consciência crítica e transformou sua forma de escrever: de uma escrita lírico-sentimental, de contemplação emotiva, passou a produzir uma literatura ético-existencial, de ação ético-passional seja na ficção, no teatro ou na poesia⁹³.

Nessa nova escrita de mulheres, realizada a partir dos anos 1930, o amor deixa de ser a razão absoluta da vida, da felicidade e cede espaço para questões existencialistas, políticas e filosóficas (isso sem falar que ele passa a ser visto também sob o prisma do erotismo)⁹⁴. Também a própria estrutura do texto em si modifica; novas experiências estilísticas são lançadas: fragmentação narrativa, intertextualidade, o foco narrativo múltiplo, o intenso fluxo-de-consciência, a ausência da estrutura linear, a exploração dos mitos, do esotérico, e muito mais.

Hoje, de acordo com Schmidt (1993, p.178), na verdade não importa “DO QUE se fala, mas principalmente, DO COMO se fala e DE ONDE se fala.” Assim, percebe-se o quanto é importante considerar a formação e a construção literária que teve a mulher, levando-se em conta o contexto social em que essas autoras viviam. Tais considerações levam a entender que o discurso feminino não é inferior, não é uma “literatura menor”, mas uma literatura diferente. Uma literatura que possui um modo de ler o mundo de forma diferente à que se estava

⁹³ A escrita feminina, em um processo natural de evolução, modifica-se também em seu conteúdo. Se, em um momento anterior, às mulheres não era dada a liberdade de mostrar seu íntimo e seu desejo a partir da escrita, aos poucos, vão-se ouvindo ecos de subversão. Uma dessas vozes, citadas nesta pesquisa, é a de Safo que, na Grécia antiga, registrou os primeiros textos eróticos da literatura feminina. No entanto, por viver em uma sociedade falocêntrica, a mulher silenciou-se muitas vezes e somente a partir de fins do século XIX passa a tratar de forma um pouco mais intensa de temas anteriormente permitido somente aos homens.

⁹⁴ No Brasil, a precursora dessa nova temática é Gilka Machado (anos 1915/20), que traz uma poesia inovadora contida em seus versos, apesar de sempre expressar o conflito entre o “pecado” e o desejo de “pureza” – os próprios títulos já marcam a ousadia, a ruptura: *Mulher nua; Meu rosto; Meu glorioso pecado; sublimação*. Nos anos 30, a temática gira em torno do amor e do desejo, porém aliada à natureza para referir-se a esses sentimentos. Nos anos 40, embora a presença da censura, a mulher começa a expor uma temática mais sensual explicitamente (como exemplo, cita-se a escritora catarinense Maura de Senna Pereira). Entre os anos 1950 e 1960, apoiadas pela segunda onda feminista, percebe-se uma maior liberação para se falar em temas como desejo e erotismo, bem como a condição da mulher dentro dessa nova sociedade que lutava por direitos sociais e igualitários e que começavam a frequentar as universidades (aqui não se poderia deixar de citar Myriam Fraga, e Ana Cristina César). A partir dos anos 1970 surgem outros nomes como Edla Van Steen, Lygia Fagundes Telles, Márcia Denser, Hilda Hilst, Nélida Piñon, Ruth Laus, Leatrice Moelmann e tantas outras.

acostumado. A crítica Elôdia Xavier indica que a importância de tais narrativas a partir do olhar feminista está no fato de que existe uma “condição diferente”, um discurso diferente, que é o discurso feminino:

Sabe-se da estreita relação entre linguagem e sujeito, e, portanto, quando uma mulher articula um discurso este traz a marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes (XAVIER, 1991, p.13).

Assim, essa outra maneira de ver o mundo (a partir do olhar feminino), mereceu um olhar e um estudo diferenciado da crítica, pois significava a condição de vida da mulher, que também era diferenciada. As revisionistas tiveram um papel muito importante nesse sentido, tendo em vista que os historiadores do século XX permaneceram dentro dos mesmos paradigmas daqueles do século XIX, centrados no estético e no universal, excluindo, portanto, a produção das mulheres do cânone literário.

A partir desses resgates, em Santa Catarina, emergiram nomes de escritoras (principalmente do século XIX) cujas obras mereceram honrarias pela crítica. No entanto, o que se percebeu, por meio desta pesquisa, foi que a literatura de autoria feminina catarinense necessita, ainda, assegurar o seu espaço próprio dentro do amplo universo literário brasileiro.

Em Santa Catarina, poucas são as escritoras que se destacam no cenário nacional como detentoras dessa mudança, dessas transformações. Aliás, mesmo em território catarinense, pouco se sabe sobre o(a)s autores(as) da terra. A literatura de Santa Catarina parece estar se extinguindo das escolas e da própria Universidade Federal, no curso de Letras. Com todos os seus problemas, o único setor que mantém a valorização é o vestibular, que, ainda, exige que seus candidatos leiam, pelo menos, uma obra de autoria catarinense. Mesmo a crítica literária em Santa Catarina parece ter silenciado. É muito difícil encontrar uma história da literatura catarinense atual – o que se tem são as consagradas *História da literatura catarinense* - 1957 (Arnaldo S.Thiago); *Introdução à história da literatura catarinense* – 1958 (Osvaldo Ferreira de Melo); *A literatura de Santa Catarina* – 1979 (Celestino Sachet); *Presença da poesia em Santa Catarina* – 1979 (Lauro Junkes); e, nos anos 1980, *Literatura Catarinense* – 1982 (Pedro Albeirice); *A literatura catarinense* – 1985 (Celestino Sachet); *A*

literatura catarinense em busca da identidade: o conto - 1985 (Antônio Hohlfeldt – após essa obra, o autor escreveu mais dois volumes: *A literatura catarinense em busca da identidade: o romance* (1994) e *A literatura catarinense em busca da identidade: a poesia* (1997); *a literatura em Santa Catarina – 1986* (Janete Gaspar Machado); *O mito e o rito – 1987* (Lauro Junkes); e *Presença da literatura catarinense - 1989* (Celestino Sachet e Iaponan Soares). Após a década de 1990, pouquíssima publicação tem sido realizada com relação a esse tema⁹⁵, e contribuir para que essa chama não se apague constitui função desta pesquisa, por meio da organização de um *Dicionário literário de escritoras catarinenses*, a qual visou mostrar que mesmo com todas as dificuldades de escrita, as mulheres em Santa Catarina possuem muito o que dizer em suas obras, mas que, por motivos diversos, acabam publicando um número bem inferior do que desejavam. Por isso, é preciso que esses trabalhos de revisão e de recuperação continuem, a fim de que se possam descobrir textos de qualidade que, com certeza, estarão escondidos dentro de alguma gaveta ou em alguma biblioteca.

A partir da pesquisa de campo, para a redação dos verbetes, verificou-se que é preciso um maior incentivo no tocante à edição das obras, uma vez que muitas mulheres têm que financiar seu próprio livro por falta de apoio de editoras ou do próprio poder público (e aqui se lembra novamente do descumprimento da lei 8.759, instituída por Sérgio Grando, a qual prevê o apoio às edições catarinenses). No entanto, a questão do incentivo vai muito além do problema editorial; o que se percebeu durante as visitas às cidades do estado foi que muitas pessoas sequer sabiam onde estava localizada a biblioteca pública de sua cidade e muitas nem sabiam se existia uma biblioteca em seu município. Outra questão foi o difícil acesso a essas bibliotecas ou casa de cultura em algumas regiões; durante o mês de janeiro de 2011, por exemplo, algumas bibliotecas não funcionaram (abandono total pelo poder público), outras abriram somente em um período, outras foram fechadas definitivamente e muitas possuíam quase nada de literatura catarinense.

⁹⁵ Aqui não se poderia deixar de falar sobre a importante contribuição dada à literatura catarinense pelo professor Lauro Junkes, que incansavelmente estudou os escritores da terra, publicando nos jornais e em livros da Academia Catarinense de Letras. Fora isso, as publicações mais atuais foram escritas em 2009: *A nova literatura catarinense - escritores catarinenses* e o grupo literário *A Ilha* (Florianópolis, Ed. A Ilha), escrita por Luiz Carlos Amorim e a antologia *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Florianópolis, Insular: Blumenau, EDIFURB), organizada por Yedda de Castro Bráscher Goulart.

Quanto ao gênero predominante na escrita de mulheres em Santa Catarina, tem-se a poesia em primeiro lugar, seguido da crônica, depois dos contos e da literatura infanto-juvenil e, por último, o romance e a dramaturgia. A esse respeito, Muzart (1995) observa:

Penso que, entre as várias razões para a não canonização das escritoras do século XIX, tem sido muito importante o gênero literário escolhido. Na aceitação de uma mulher escritora, essa questão não foi nada desprezível. Verifica-se que as poetisas são, em geral, aceitas, mesmo que o sejam apenas com benevolência, e que algumas foram respeitadas. Vejamos, por exemplo, Narcisa Amália, que não só foi citada e criticada em sua época como ainda o é, hoje, pelos nossos historiadores, mesmo que incluída entre os menores... O mesmo se pode dizer de Francisca Júlia. Dos gêneros escolhidos pelas mulheres, são as teatrólogas e as romancistas as mais esquecidas. Mulheres, com importante bagagem como Maria Benedita de Bohrmann, que publicou com o pseudônimo de Délia, foram omitidas da historiografia literária por razões que se misturam com o código da moral burguesa! Verificou-se, pois, em levantamento da crítica da época, que as poetisas, desde que dentro dos limites impostos pela sociedade, ao contrário das dramaturgas e romancistas, obtiveram um certo apoio da crítica e algum espaço para sua produção. E isso é facilmente explicável pela temática *nobre* utilizada, flores e mais flores, sentimentos maternais, filiais e outros, sempre dentro do âmbito da Família... Ainda estava longe a poesia de Gilka Machado. (MUZART, 1997, p.90-91)

Em relação à vida intelectual das mulheres catarinenses, percebe-se uma maior atuação literária nas regiões mais desenvolvidas do estado. Desde o século XIX, Florianópolis aparece como a cidade que mais publica livros de mulheres, seguida por regiões como Blumenau, Joinville, Lages e Itajaí. Da análise desta pesquisa, verificou-se que no século XIX várias mulheres participaram da vida intelectual em Santa

Catarina, mas que sua produção era muito mais intensa nos jornais e periódicos. Apenas 07 mulheres tiveram suas obras editadas sob a forma de livros. São elas: Júlia da Costa, Delminda Silveira, Ana Luísa de Azevedo Castro, Castorina Lobo de S. Thiago, Edésia Aducci, Ibrantina Cardona e Raquel Liberato Meyer. Já no século XX, após a Segunda Guerra Mundial e, principalmente, a partir dos anos 1970, incentivadas pela segunda onda do feminismo, a mulher passa a exercer uma maior participação nas letras catarinenses (e isso acontece também no âmbito nacional). Amplia-se o acesso à universidade e, consequentemente, à vida intelectual, bem como ao espaço das publicações. O resultado é um número significativo de mulheres que começam a desenvolver seu lado intelectual a partir de seu modo de ler o mundo. No entanto, esbarram-se na velha problemática de ser sempre a coadjuvante de uma sociedade patriarcal, pela crítica, que parece fazer questão de presentear-lhe com a invisibilidade e o silêncio.

E é justamente um pouco desse silêncio que se pretendeu quebrar a partir da realização deste trabalho. Espera-se que a pesquisa de campo efetuada não tenha um ponto final aqui; antes, que ela seja apenas um marco inicial para o aprofundamento de muitos outros trabalhos que representem a importância de obras de escrita feminina em Santa Catarina. Dar continuidade a esse trabalho de divulgação da literatura catarinense em escolas de Ensino Médio é pretensão da pesquisadora, a partir de projetos construídos junto ao CNPQ e CAPES, com bolsas de estudo aos pesquisadores da rede pública de ensino.

Mediante essa exposição do cenário literário catarinense, encerra-se este trabalho expondo questionamentos que ainda suscitam reflexões: Quais os motivos para a explicação dessa ausência, desse silêncio da crítica e das escritoras catarinenses? Por que um estado com tantas escritoras atuantes no século XIX, século em que a escrita de mulher era vista como algo “ousado”, entra para o século XX com tão poucas escritoras? Por que a ausência de nomes de mulheres catarinenses na literatura brasileira? Questões difíceis, questões que calam...



REFERÊNCIAS DOS CAPÍTULOS I A V

ANDRADE, M.M. Conceituação/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades. In: SILVA, José P. da (Org.). *Semântica e Lexicografia*. IV Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*: os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1991.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

CANZONIERI, Ana Maria. *Metodologia da pesquisa quantitativa na saúde*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.

CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1919.

CASTELO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. v.1 e 2. São Paulo: Edusp, 1999.

CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/A/antologia.htm>. Acesso em: 14 out. 2010.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

COELHO, Nelly N. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COMPAGNON, A. *O Demônio da Teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

COSTA, Cláudia de Lima. O leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias femininas. *Cadernos Pagu*, v.2, 1994, p.141-174.

COSTA, Leila M. *Um olhar feminino sobre a vida e a história – uma leitura de Maldito Amor*, de Rosário Ferré. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2007. 87f.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DUARTE, Constância Lima. Estudos de mulher e literatura: história e cânone literário. In: XAVIER, Elódia et al. (Org.). *VI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Rio de Janeiro: Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura, NIELM, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

DUARTE, Constância L. ; FLORES, Conceição. ; MOREIRA, Z. C.. *Dicionário de Escritoras Portuguesas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. v. 1. 350 p.

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Presença, 1988. 231p.

_____. *Semiótica e filosofia da linguagem*. Trad. de Mariarosaria Fabris e José Luiz Fiorin. São Paulo : Ática, 1991.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, n.17/18, 2001/02, p.9-79.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: *Pós-modernismo e política*. Org. Hollanda, Heloísa Buarque de. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.217-250.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de Mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FROOM, Guilherme. Dicionários em sala de aula: como aproveitá-los bem? *Domínios de linguagem* III, 2003.

GINZBURG, Jaime. O valor estético: entre universalidade e exclusão. In: *Alea: estudos neolatinos*. Rio de Janeiro, vol.10, nº1, jan/jun 2008.

GUILLORY, John. Canon. In: LENTRICCHIA, Frank e MCLAUGHLIN, Thomas (Org.) *Critical terms for literary study*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. p. 223-49.

HARAWAY, Donna. Simians. *Cyborgs and Women*. London: Free Association Books, 1991.

_____. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, v.22, 2004, p.201-248.

HAWKESWORTH, Mary. Confundir el género. *Revista Debate Feminista*, v.20, p.3-48, 1999.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.54-92.

_____. Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HORTA NUNES, José. Resenha de Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Jul./ Dez. nº 2, 1998, p. 93-103.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

JOZEF, B. A Mulher e o Processo Criador (a máscara e o enigma). In: COELHO, Nelly N. et al. *Feminino Singular*. São Paulo: Arquivo Municipal, 1989.

LAMAS, Marta. Usos, dificultades y posibilidades de la categoría ‘género’. In: *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. Org. Lamas, Marta. Mexico: Pueg/UNAM, 1996, p.327-366.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Org. Hollanda, Heloísa Buarque de. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.206-242.

LOBO, Luiza. A Literatura feminina na América Latina. *Revista Brasil de Literatura*, on-line, 1999. Reimp. de idem, Registros do Seplic. Disponível em: www.revistabrasil.org. Acesso em: 05 out. 2010.

MACHADO, Lia Zanotta. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.24-53.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento*. 11 edição. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOHANTY, C. T. Under Western Eyes. In: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS G.; TIFFIN, H. (Org.) *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995.

MOREIRA, Nadilza M. de B. A angústia da criação na autoria feminina, uma questão atual? In: *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. Nadilza M. de B. Moreira e Liane Schneider (Orgs.). João Pessoa: Ideia, 2005. p.233-38.

MUZART, Zahidé. A enciclopédia do Almirante. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 de julho de 1987.

_____. A questão do cânone. In: SCHMIDT, Rita T. (org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Palotti, 1997.

_____. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

NARVAZ, Martha, G. Submissão e resistência: *Explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina*. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005. http://www.msmidia.com/ceprua/diss_marta.pdf

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, v.8, n.2, p.9-41, 2000.

PEDREIRA, J. S. O Retorno do Sujeito: Entre a Crítica Literária, Cultural, Feminista. Santa Catarina: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. 2006. Disponível em:
http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Jailma_Pedreira_06.pdf. Acesso em: 14 jan. 2007.

PERRONE-MOISÉS, L. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PONTES, A. L. Dicionário e leitura. In: *Formação continuada de professores da rede pública – 2ªfase – Português*. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/Fundação Demócrito Rocha/Governo do Estado do Ceará, 2000a, p. 54-64.

QUEIROZ, V. A atividade crítica feminina: alguns pressupostos. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 5, 1995, Natal. Anais... Natal: UFRN: Universitária, 1995.

RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. In: Debate: gênero, trajetórias e perspectivas. *Cadernos Pagu*, v.11, 1998.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas* (crônicas). Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1962.

REGO, José Lins do. *Poesia e vida*. Rio de Janeiro: Ed. Universal, 1945.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, J. Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REY-DEBOVE, Josette. *Léxico e Dicionário*. São Paulo: Alfa/Unesp, 28 (supl.), 1984.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994.

ROMERO, Sylvio. *História da literatura brasileira*. 2^a ed. v.2. Rio de Janeiro: H. Garnier livreiro e editor, 1902.

SACHET, Celestino. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979.

S. THIAGO, Arnaldo de. *História da literatura catarinense*. Rio de Janeiro: [s.n], 1957.

SCHMIDT, Rita T. A mulher como leitora diante da política da literatura. In: *Revista Contexto & Educação*. Rio de Janeiro: Universidade de Ijuí, 3,11 jul./set.1988. p.92-110.

_____. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia H (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1995. p.182-89

_____. Para que crítica feminista? (Anotações para uma resposta possível). In: XAVIER, Elôdia et al. (Org.). *VI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Rio de Janeiro: Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura, NIELM, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

_____. A transgressão da margem e o destino de Celeste. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 7, 1997, Niterói. Anais... Niterói: EdUFF, 1999.

SCHMIDT, Simone Pereira. *Gênero e história no romance português – novos sujeitos na cena contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. v. 1. 215 p.

_____. Como e por que somos feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, v. 12, p. 17-22, 2004.

_____. Cravo, canela, bala e favela. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, v. 17, p. 799-817, 2009.

SCHMIDT, Simone Pereira (Org.); COSTA, C. L. (Org.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004. v. 1. 235 p.

SCHMIDT, Simone Pereira; RAMOS, Tânia R. O. Escritoras Brasileiras do século XIX. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, v. 7, n. 1 e 2, p. 246-250, 1999.

SCHUMAHER, S; BRAZIL, E. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SCOTT, J. W. Gender: A useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, 91(5), 1986, p.1053-1101.

SHOWALTER, E. *A literature of their own. British women novelists from Brontë to Lessing*. New Jersey: Princeton UP, 1985.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico*. In: DANNEMANN, Fernando K. *Dicionários: qual foi o primeiro?* Disponível em: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?idt=114058>. Acesso em: 14 out. 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Difel, 1982.

SPIVAK, G. *A Critique of Postcolonial Reason*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

SUPLICY, M. Prefácio. In: MASSI, M. *Vida de mulheres: cotidiano e imaginário*. Rio de Janeiro. Imago, 1992.

TRINH, T.M. *Women Native Other*, Bloomington: Indiana University Press, 1989.

VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. v.3. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

VIANA, L. H. Por uma tradição do feminino na literatura brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 5, 1993, Natal. Anais... Natal: UFRN, Universitária, 1995.

WANDERLEY, Márcia C. Prosa/Rosa: presença feminina na literatura brasileira pós-64. In: *Revista Gênero*. Niterói, v.1, n.1, 2. sem., 2000, p.21-27.

XAVIER, E. A hora e a vez da autoria feminina: de Clarice Lispector a Lya Luft. In: DUARTE, C.; DUARTE, E. de A.; BEZERRA, K. da C. (Org.) *Gênero e representação na literatura brasileira*. Coleção Mulher & Literatura. Vol. II. Belo Horizonte: Pós Graduação em Letras – Estudos Literários: UFMG, 2002.



FONTES DE CONSULTA PARA O DICIONÁRIO

21 DEDOS DE PROSA. Florianópolis: Associação Catarinense de Escritores; Cambirela, 1980.

A FIGUEIRA. *Primeira antologia poética*. Florianópolis: Ed. A Figueira, 1983.

_____. *Terceira antologia poética*. Florianópolis: Ed. A Figueira, 1995.

_____. *Quarta antologia poética*. Florianópolis: Ed. A Figueira, 1996.

A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinenses publicada de 1980 a 1989. Florianópolis: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990.

A nova poesia brasileira. Rio de Janeiro: Shogun Arte, 1983.

ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. *Antologia*. JUNKES, Lauro (coord.). Florianópolis: ACL, 1991. Coleção ACL, nº1.

_____. *Santa Catarina: escritores e academias. Anais dos eventos culturais da ACL em 2007*. JUNKES, Lauro (coord.). Florianópolis: ACL, 2008. Coleção ACL, nº32.

_____. *Revista*. Florianópolis: ACL, 1995, nº13.

ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU. *Renaçcer da primavera*. Florianópolis: Ed. Papa-Livro, 2001.

ACADEMIA ITAJAIENSE DE LETRAS. *De Itajahy a Itajaí: cem anos de poesia*. FLORIANO, Magru (org.). Itajaí: AIL, 1999. 122p. il.

ACADEMIA ORLEANENSE DE LETRAS. *Mü*. Orleans: ACOL, 2004.

_____. *Nü*. Orleans: ACOL, 2005.

ACADEMIA SÃO JOSÉ DE LETRAS. *Sinfonia poética e prosa*. Florianópolis: Lunardelli, 2001.

_____. *Sinfonia poética e prosa*. São José – SC: ASAJOL, 2008 .

ACADEMIA TUBARONENSE DE LETRAS. *Fragmentos da alma*. Tubarão: Unisul, 2004. 204p.

_____. *Jardim das Letras*. Tubarão: Gráfica e Ed. Humaitá, 2007. 160p.

ALBEIRICE, Pedro. *Literatura catarinense*. Tubarão: Ed. do Autor, 1982).

AMORIM, Luiz Carlos. *Urda e o romance na literatura catarinense*. Disponível em: <http://br.geocities.com/prosapoesiaecia/urdaautores.htm>. Acesso em: 05 jun. 2009.

Antologia Crioula de poetas lageanos – natos e adotivos. Lages: Ed. dos Autores, 1987.

ARENDARTCHUK, Áurea J. Dona Geraldina busca patrocínio para livro. *Jornal A Notícia*, Jaraguá do Sul, 20, novembro, 2002. Disponível em: <http://www1.an.com.br/anjaragua/2002/nov/20/index.htm>

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DOS PROFESSORES. *Fragmentos da memória – antologia*. Florianópolis, 2003.

ASSOCIAÇÃO DOS CRONISTAS, POETAS E CONTISTAS CATARINENSES. *1ª Antologia em prosa e verso*. Florianópolis: Ed.Papa-Livro, 1998.

_____. *1ª Antologia poética*. Florianópolis: ACPCC, 1996.

_____. *4ª Antologia poética*. Florianópolis: ACPCC, 2001.

_____. *5ª Antologia poética*. Florianópolis: ACPCC, 2002.

ASSOCIAÇÃO CHAPECOENSE DE ESCRITORES. *ACHE – prosa e verso: 8ª Antologia da Associação Chapecoense de Escritores*. Chapecó: ACHE, 2002.

ASSOCIAÇÃO LAGEANA DE ESCRITORES. *Nono Carretão de versos e prosas: operários literários – 20 anos da ALE* (Lages, ALE, 2010).

BARBOSA, Márcia Fagundes. *Vivendo além das fronteiras : O Guardaroupa alemão de Lausimar Laus*. 2002. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

_____. *Relações de gênero, raça e poder nas correspondências de imigrantes alemães no Vale do Itajaí*. 2004. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura : ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1993. 253p. (Coleção ACL; nº3).

BEZERRA, Kátia da Costa (org.). *Tirando do baú: antologia de poetas brasileiras do século XIX*. Pedro Leopoldo, MG: Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, 2003. Col. Mulher e Literatura, v.VI.

BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1970. 2v.

Blumenauaçu: antologia de escritores blumenauenses. Blumenau: Cultura em Movimento, 1988.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

BRANCHER, Ana. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1991.

BRASIL, Assis. *Dicionário prático de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

BRASIL, Rodrigo. Maura de Senna Pereira buscou inspiração de sua poesia no também catarinense Cruz e Sousa. *Jornal A Notícia – Anexo*. Disponível em: <http://www1.an.com.br/2003/jul/20/0ane.htm>. Acesso em: 30 mai. 2009.

BRAUN, Andressa. *A Voz das Mulheres em Maura de Senna Pereira, a primeira jornalista catarinense*. Florianópolis, 2004. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho . Disponível em: <http://www.almanaquedacomediacacao.com.br/artigos/1261.html>. Acesso em: 20 mai. 2009.

BRÜGGEDE, Fábio (org.). *15 escritores*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. *18 poetas catarinenses: a mais nova geração deles* Florianópolis: FCC Ed.; Ed. Semprelo, 1991.

CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 2. ed. Laudes, 1970.

CÂNDIDO, Antônio. *A formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CARDOSO, Mirian Rosi. *Estudos culturais e gênero: mulheres na ficção de Urda Alice Klueger*. 2001. 157 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira (org.). *Este humor catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.

_____. *Este amor catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

CARVALHO, Regina (org.). *O novo conto Catarina*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2008.

_____. *Interpretação e resumo do livro “O guarda-roupa alemão”, de Lausimar Laus*. Disponível em:

www.exathum.com.br/area/download.php?tp_arq=horario&cd. Acesso em: 03 mai. 2009.

CHAGAS, Luiz. O prazer da escrita. *Revista Istoé*, 01 nov. 2006.
Disponível em:
http://www.terra.com.br/istoe/1932/cultura/1932_prazer_da_escrita.htm.
Acesso em: 28 mai. 2009.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira (1882/1982)*. São Paulo: Quíron/Brasília, INL, 1984.

Contistas e Cronistas Catarinenses. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979.

Contistas de Blumenau. Florianópolis: Ed. Lunardelli; co-edição Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1979.

Contistas de Blumenau II. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau; Florianópolis: Lunardelli, 1980.

Contos de Professor. Florianópolis: EDEME, 1997.

Contos e poemas: vencedores dos prêmios: “Virgílio Várzea” – contos – 1979 e “Luiz Delfino” – poesias – 1979. Florianópolis: FCC, 1983.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *História da cultura catarinense*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Diário Catarinense, 1997. 236p. il.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1990.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil*. 1996. 138, [156]f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.

DOM PERNETTY, Antoine. Historie d'un voyage aux Isles Malouines, fait en 1763-1764... Traduzido por Carmen Lucia Cruz. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 83.

DUPERREY, Louis Isidore. Voyage autor du monde... Traduzido por Gilberto Gerlach e Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 249.

Donatila Borba: projeto leia e repasse. Disponível em: projetoleiaerepasser.wordpress.com/donatila-borba. Acesso em: 19 nov. 2009.

DRANKA, Renata A. P. *Antonieta de Barros:* trajetórias discursivas. 2003. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – UNISUL. Florianópolis, 2003.

DUTRA, M. A. ; JUNKES, L. (Org.) . *Assembléia das Aves e Outros Poemas*, de Marcelino Antônio Dutra. 1. ed. Florianópolis: Nova Letra/Academia Catarinense de Letras/Associação Catarinense de Imprensa, 2006. v. 1. 124 p.

FILIPAK, Francisco; SICURO, Nélson Antônio. *Antologia do Vale do Iguaçu*. União da Vitória: Fundação Estadual de Filosofia, Ciências e Letras, 1976.

Flagrantes do cotidiano: contos. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; Letras Contemporâneas, 1994.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de Mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

Florianópolis ontem e hoje. Disponível em:
<http://floripendio.blogspot.com/>. Acesso em: 21 out. 2010.

FONTÃO, Luciene. *Nos passos de Antonieta: escrever uma vida*. 2010. Tese (Doutorado em Letras – Teoria Literária) – Centro de

Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Bibliografia anotada – mulher brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1979. vol.1.

_____. *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

GEORGE, David S. In: Prefácio de *No silêncio das nuvens*. São Paulo: Ed. Global, 2001. p. 18.

GOMES, Elizabete Paulina. *Professoras primárias : a construção profissional de alfabetizadoras negras em Florianópolis (1950-1970)*. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2006.

GOULART, Yedda de Castro (Org.). *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Insular; Blumenau, FURB, 2009.

GROTH, Marlise. É assim que Rita de Cássia Alves define o livro “Denúnia de Pétalas”, que exigiu dez anos de preparação. *Jornal A Notícia*, Joinville, 17 out. 2002. Caderno Anexo. Disponível em: <http://www1.an.com.br/2002/out/17/0ane.htm>. Acesso em: 18 nov. 2009.

GRUPO DE POETAS LIVRES. *Primeira antologia: poesia e outros textos*. Florianópolis: GPL, 1999.

_____. *Segunda antologia: contos, crônicas e poesias*. Florianópolis: GPL, 2000.

_____. *Grupo de Poetas Livres – 10 anos*. Florianópolis: Editograf, 2008.

GUERINI, Andréia; WEININGER, Markus. Entrevista com Eglê Malheiros. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v.12, nº12, p.175-180, 2003.

HOHLFELDT, Antonio. *A literatura catarinense em busca da identidade: o conto*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. Coleção Santa Catarina, v. 26.

_____. *A literatura catarinense em busca da identidade: o romance*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis, FCC, Ed. da UFSC, 1994.

HUBER, Walburga. *Saudade e esperança*. Blumenau: Ed. FURB, 1993.

_____. *Marie Luise/Therese Stutzer*. Blumenau: Cultura e Movimento, 2002.

_____. *Deutsche Worte, deutsche Weisen: A literatura dos imigrantes alemães do Vale do Itajaí/SC.*, 2008. Disponível em:
http://www.letras.ufrj.br/liedh/media/docs/art_valb3.pdf. Acesso em: 17 nov. 2009.

JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

_____. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Lunardelli, 1982.

_____. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: Editora UFSC, 1987.

_____. *Antologia*. Florianópolis: Ed. da Academia Catarinense de Letras, 1991.

_____. *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa*. Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992.

_____. A mulher desmascara seus desencontros. In: LAUS, Ruth. (Org.). *Décima Carta*: Laus apenas. Rio de Janeiro: Gráfica Cervantes, 1994.

- _____. Maura de Senna Pereira por ela mesma. *Ô Catarina!*, Florianópolis, p. 04 - 06, 01 nov. 2004.
- _____. *Caminhos do mar: antologia poética açoriano-catarinense*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras/Fundação Aníbal Pires, 2005. 181p.
- JUNKES, L. (Org.) ; PEREIRA, M. S. (Org.) . *Busco a Palavra - Antologia Poética de Maura de Senna Pereira*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985. v. 1. 184 p.

JUSTINO, L. B. . Edla Van Steen: o erótico oscilando entre a permanência e a renovação. In: *XIII Semana de Letras da Universidade Estadual da Paraíba*, 2006, Campina Grande. Anais da XIII Semana de Letras da Universidade. Campina Grande : EDUEP, 2006.

KALCKMANN, Reginalda Eli. *Maura em flor : uma fotobiografia*. 2007. 300 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Lit. Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

KAMITA, Rosana Cássia. *A morte da personagem feminina em D. Narcisa de Vilar, de Ana Luísa Azevedo Castro*. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/12rosanabh.htm>. Acesso em: 11 mar. 2009.

KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Blumenau, FCC.

KOTZEBUE, Otto von. *Voyage of Discovery in the South Sea and to Behring's Straits...* Traduzido por Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 228.

KRETZER, Fabiana. *Delminda Silveira – contos e instantes*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras – Lit. Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

LANGSDORFF, G. H. Von. Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1805 bis 1807. Traduzido por Dolores R. Simões de Almeida. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 163.

Leonor faz 70 anos com obra nova publicada. *Jornal A Notícia*, Florianópolis, 22 mai. 1999. Disponível em:
<http://www1.an.com.br/1999/mai/22/0ane.htm>. Acesso em: 04 jun. 2009.

LESSON, René Primevère. Voyage autour du Monde. Paris. P. Pourrat Frères. Éditeurs 1803. Traduzido por Gilberto Gerlach. In: Berger, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 267.

LINS, Zenilda Nunes (org.). *Contos em família*. Florianópolis, Ed. Garapuva, 2004.

_____. *Contos de professor*. Florianópolis: EDEME, 1997.

_____. *Poemas de professor*. Florianópolis: EDEME, 1997.

LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

LOURENÇO, Camila Morgana . *Retrato Literário - Urda Alice Klueger e o fazer literário*. Itajaí: Editora Univali/Edifurb, 2004. v. 1. 177 p.

MACHADO, César do Canto. *Biografia de catarinenses notáveis*. Florianópolis: Insular, 2001.

MACHADO, Janete Gaspar. *A literatura em Santa Catarina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

_____. *Constantes ficcionais em romances dos anos 70*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

"Marie Luise" romantiza memória teuto-brasileira. *Jornal A Notícia*, Joinville, 13 abr. 2004. Disponível em:
<http://www1.an.com.br/2004/abr/13/0ane>. Acesso em: 16 nov. 2009.

MATTOS, Maria Elena Lamego. *Corações mordidos : imaginação e memória*. 1996. 64 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1986.

MEIRINHO, J.; JAMUNDÁ, T. C. *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina*. Florianópolis: EDEME, 1971.

MELO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à história da literatura catarinense*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1980.

_____ (coord.). *História sócio-cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto: I.H.G.S.C.: Lunardelli, 1991.

MELO, Osvaldo F.; MIGUEL, Salim. *Contistas novos de Santa Catarina*, 1952.

MELO FILHO, Oswaldo F. de. *Introdução à história da literatura catarinense*. Porto Alegre: Movimento, 1980.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MEYER, Rachel Liberato. *Uma menina de Itajaí*. Apresentação de Alfredo Liberato Meyer. Introdução de Tânia Regina Oliveira Ramos. Ed. Mulheres/FCC, Florianópolis, 1999. 140 p.

MORGA, Antônio Emílio (org.). *História das mulheres de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas; Chapecó: Ed. Argos, 2001.

_____. Olhares em desejo: corpos em cobiça. In: *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 44, out. 2010.

MUZART, Zahidé L. Literatura feminina em Santa Catarina. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 03 ago. 1987a. Variedades.

_____. A literatura das descendentes dos alemães (I). *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 ago. 1987b. Variedades.

_____. Escritoras desterrenses. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 ago. 1988a. Variedades.

_____. A desterrense nos relatos dos viajantes. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 22 ago. 1988b. Variedades.

_____. Uma vocação literária: Ibrantina Cardona. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 out. 1988c. Variedades.

_____. Jornal feminino no início do século. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 nov. 1988d. Variedades.

_____. Nos caminhos de Amaline. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 28 nov. 1988e. Variedades.

_____. *As cartas de Júlia da Costa*. Florianópolis, *Diário Catarinense*, 17 ago. 1987, p.6.

_____. *Lendo Júlia da Costa*. Florianópolis: UFSC, *Rev. Teias*, ano I, n.2, dez/1989, p.104-08)

_____. Narrativa feminina em Santa Catarina (do século XIX até meados do século XX). In: *Organon 16 – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 1989. p.227-235

_____. *Artimanhas nas entrelinhas: o paratexto de escritoras do século XIX*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Edeme, 1994, p.263-70.

_____. *Uma precursora: Ana Luísa de Azevedo Castro*. CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. D. *Narcisa de Villar*. 3. ed. Florianópolis: Mulheres, 1997, p.5-15.

_____. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

_____. Delminda Silveira. In: *GT A Mulher na Literatura*, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL). Org. Peônia Viana Guedes & Sandra Regina Goulart Almeida, 2002-2004. Disponível em: http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/delminda_vida.html. Acesso em: 22 nov. 2009.

_____. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004, vol. II.

_____. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009, vol. III.

NUNES, Karla Leonora Dahse. *Antonieta de Barros*: uma história. 2001. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

OLIVEIRA, Américo Lopes; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1967.

OLSEN, JR. Oldemar (org.). *Outros catarinenses escrevem assim*. Blumenau, Ed. Acadêmica, 1979.

_____. *Os contos premiados da FURB*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: FURB, 1986.

Os contos da FURB. Blumenau, Ed. Acadêmica, 1979.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas*: uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

- PEREIRA, Abel (org.). *Primeira Antologia Poética de A Figueira*. Florianópolis: Ed. A Figueira, ago. 1993.
- PEREIRA, Carlos da Costa. *Traços da vida da poetisa Júlia Maria da Costa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- PEREIRA, Francisco José (org.). *Contos de carnaval*. Florianópolis: Garapuva, 1997.
- PIAZZA, Walter F. *Dicionário político catarinense*. Florianópolis: Ed. da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. 636 p. ilust.
- PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. *Palavras e registros*. Florianópolis: ACL, 1993.
- Poetas de Blumenau*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982.
- Poetas e contistas de Blumenau*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989.
- PUFF, Lia C. (Org.). *Uma enteada da natureza*: Gertrud Gross Hering. Florianópolis: Ed. UFSC; Blumenau: Cultura em Movimento, 2000.
- Rachel Liberato Meyer*. Disponível em:
cifrantiga.blogspot.com/2008_09_01_archive.html. Acesso em: 19 nov. 2009.
- RENAUX, Maria Luiza. *O papel da mulher no Vale do Itajaí — 1850-1950*. Blumenau: Editora da FURB, 1995.
- ROCHA, Marjorie Nunes Miranda da. *Três narrativas/o mesmo tema: a imigração alemã nos romances de Lausimar Laus*. 2004. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

- RUFFATO, Luiz (org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: FCC Edições, 1981.
- SACHET, Celestino. *Os três discursos de "Ofélia dos Navios"*: uma tentativa de análise globalizante. 1979. 97 f Trabalho apresentado para o concurso público de professor titular no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, na UFSC.
- _____. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979.
- _____. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.
- SACHET, C.; SOARES, Iaponan. *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1989.
- SACHET et al. (org.). *A mulher catarinense (publicações)*: catálogo da exposição 1990. Florianópolis: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina; UFSC, 1990.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina*. Traduzido por Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- SANTA CATARINA. Prefeitura Municipal de Dona Emma. Disponível em: <http://www.donaemma.sc.gov.br>. Acesso em: 14 abr. 2009.
- SANTOS, Maria de Lurdes R. dos. *A violência urbana na obra ficcional de Edla Van Steen*. 2004. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras-Literatura Brasileira). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.
- S. THIAGO, Arnaldo de. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro: [s.n], 1957.

SARAU ELETRÔNICO - *Gertrud Gross-Hering*. Blumenau: FURB.
 Disponível em:
http://www.bc.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=21&Itemid=33. Acesso em: 17 nov. 2009.

SCHROEDER, Rosa Maria Steiner. *Uma mulher além de seu tempo :*
 Maura de Senna Pereira. 1997. 165f. Dissertação (Mestrado) - Centro
 de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa
 Catarina, Florianópolis, 1997.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres
 do Brasil:* de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,
 2000.

SEIDLER, Carl. Dez Anos no Brasil. Traduzido pelo Gen. Bertoldo
 Klinger In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de
 viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis:
 Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 241.

SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura,
 identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes antropológicos*,
 Porto Alegre, v.10, n. 22, July/Dec. 2004. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200007#back28. Acesso em: 16 nov. 2009.

SILVA, Josefina da. *Antonieta de Barros-Maria da Ilha :* discurso e
 catequese. 1991. 307f Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de
 Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina,
 Florianópolis, 1991.

SILVEIRA DE SOUZA (Org.). *Poesia contemporânea de Santa
 Catarina*. Florianópolis: Garapuvu, 2003.

SOARES, Iaponan. *Uma poetisa do século XIX*. Florianópolis, *Diário
 Catarinense*, 24 out. 1988, p.6.

_____. *Panorama do conto catarinense*. Porto Alegre: Ed. Movimento;
 Instituto Nacional do Livro, 1974.

SOARES, Iaponan et al. (org.). *O romance catarinense: exposição.* Catálogo. Florianópolis: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Departamento de Língua e Literatura Vernáculas – UFSC. Hall da Biblioteca Pública do Estado, 29 de maio a 29 de junho de 1991.

SOCIEDADE ESCRITORES DE BLUMENAU. *Gente que é: contos e crônicas.* Blumenau, Novaletra, 2007.

SOUTO-MAIOR, Valéria A. *Índice das dramaturgas brasileiras do século XIX.* Florianópolis, Ed. Mulheres, 1996.

STEEN, Edla Van (org.). *Erotismo no conto brasileiro.* Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

THIAGO, Castorina Lobo S. "Discurso de posse à cadeira 10 da Academia Catarinense de Letras". In: *Signo.* Florianópolis. n. 7, a. 17, 1984-1985, p. 133-144.

TRACHSLER, Heinrich. Reisen Schicksale und Tragikomische Albenteuer eines Schweizers... Traduzido por Pe. Roberto Hyrobeck. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 324.

Gertrud Gross-Hering. In: TUDO SOBRE ARTES. Disponível em: <http://www.allaboutarts.com.br/default.aspx?PageCode=12&PageGrid=Bio&item=0804L6>. Acesso em: 17 nov. 2009.

Vendaval da Saudade (Antologia). Passo Fundo: Berthier, 1995.

VENUTTI, Fátima (org.). *Estação Catarina: o trem passou por aqui.* Blumenau: Nova Letra, 2009.

VIEIRA, Emanuel M. *Assim escrevem os catarinenses* (contos). São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1976.

VIEIRA, Vilca Marlene. *Uma leitura metafórica d'O guarda-roupa alemão, de Lausimar Laus.* 1978. 209 f. Dissertação (Mestrado em

Letras - Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1978.

WOLFF, Joca (Org.). *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, 264 p. il.)

ZIMMERMANN, Joseane. *Ao sul os desejos: a cidade transfigurada na poesia de Eglê Malheiros*. 1996. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.



ANEXO

ANEXO A – Dicionário de escritoras catarinenses

DICIONÁRIO DE ESCRITORAS CATARINENSES

SUMÁRIO

PREFÁCIO	144
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	147
A LITERATURA EM SANTA CATARINA	149
PRESENÇA DA MULHER EM SANTA CATARINA	152
<i>Vida social: a mulher catarinense aos olhos dos viajantes estrangeiros</i>	152
<i>Vida intelectual: presença da mulher nas letras catarinenses ..</i>	162
VERBETES	168
ÍNDICE GERAL DOS NOMES DAS ESCRITORAS	467
FONTES DE CONSULTA	479

PREFÁCIO

A ideia de fazer um dicionário literário de escritoras catarinenses partiu da professora Zahidé Lupinacci Muzart, em 2007, que apontou para a utilidade acadêmica e cultural de um trabalho como este, inédito, ainda em Santa Catarina e, portanto, necessário àqueles interessados não só na literatura catarinense, como também, em estudos de gênero e representação em literatura escrita por mulheres.

De fato, não é possível encontrar em um só lugar o resultado de uma pesquisa realizada somente com escritoras de ficção (nem com escritores!), nos diversos gêneros, de Santa Catarina. O pesquisador que quiser trabalhar esse mundo terá dificuldades em encontrar fontes de referências. Foi com a intenção de preencher essa lacuna da literatura catarinense que nos dedicamos à apaixonante aventura de organizar este *Dicionário literário de escritoras catarinenses*.

Bem sabemos que organizar um dicionário não é uma das tarefas mais fáceis de se realizar; quando se trata de fazer o intento individualmente, enquanto o comum é o trabalho em equipe, as possibilidades de decisão nos recaem como momentos de extrema responsabilidade, uma vez que sós, teremos maiores propensões ao surgimento de lacunas no âmbito de alguns fatos, fenômenos, datas, autoras ou livros que nos passaram despercebidos. Que nos perdoem as autoras se pesquisamos dados incorretos ou desatualizados sobre elas ou, ainda, aquelas que foram omitidas involuntariamente por nosso desconhecimento; talvez, em um futuro próximo, quando da edição deste dicionário, quando ele “sair” da academia e alçar voos mais altos, por consideramo-lo uma obra *aberta e viva*, tais problemas sejam resolvidos a partir da colaboração espontânea dos leitores ou das próprias escritoras.

Assim, apresentamos este dicionário, resultado de uma pesquisa minuciosa sobre a produção de ficcionistas, memorialistas, contistas, cronistas, poetas e dramaturgas catarinenses, que possui como objetivo principal reunir em um só lugar a maior quantidade possível de informações sobre tais escritoras, independente de valores atribuídos a sua literatura, e servir de referência a pesquisadores da área da cultura em geral. O critério de seleção das autoras foi o mais simplificado possível: que fossem naturalizadas catarinenses, ou que tivessem escolhido Santa Catarina para viver e que possuíssem ao menos uma obra de poesia ou ficção publicada individualmente (no caso das

dramaturgas, abrimos uma exceção: bastava que tivessem escrito uma peça, sem necessidade de publicação, uma vez que o registro desse gênero literário é raro em Santa Catarina⁹⁶).

A coleta de dados para a pesquisa se deu de diversas formas: inicialmente, a partir do contato direto com as autoras, via correio eletrônico, opção muito difícil de ser realizada tendo em vista que muitas delas não nos responderam (e isso ocorreu por vários motivos: ou porque não acreditaram na mensagem enviada, ou nem leram e apagaram o e-mail, ou o endereço eletrônico estava desatualizado ou, ainda, simplesmente porque não quiseram se dar ao trabalho de responder); no entanto, precisamos dizer que muitas delas nos responderam e demonstraram imensa gratidão e contentamento em participar deste trabalho. Com um número ainda bem reduzido de informações, verificamos que a única maneira de tomarmos conhecimento da literatura feminina catarinense e dos vultos de suas mulheres patrícias era pesquisar nos arquivos e bibliotecas de Santa Catarina, indo manusear *in loco* livros, artigos, dicionários, antologias, catálogos e jornais.

As informações obtidas foram organizadas sob a forma de verbetes, os quais apresentam, além dos dados biográficos, o pseudônimo, quando existir, o gênero textual trabalhado pela autora, a indicação da iconografia, a bibliografia da autora (com o local, editora e ano de publicação, e indicações de fontes para estudos sobre as escritoras. É evidente que alguns verbetes ficaram mais extensos, devido ao maior detalhamento da vida e obra da autora; outros, mais curtos, em virtude da pouca informação encontrada e, outros, ainda, contêm somente o título da bibliografia da autora e o gênero a que ela pertence, mas mesmo com essa minúcia de informações, optamos por deixar o seu registro e relatar sua existência no cenário da literatura catarinense (é válido reforçar, ainda, que, por problemas editoriais, muitas obras só possuem o título, não sendo possível informar a data, a editora e nem o local de publicação).

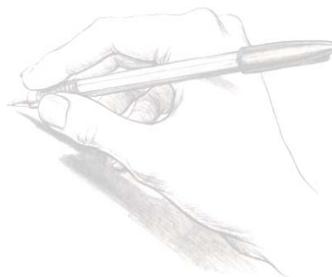
Os verbetes neste *Dicionário literário de escritoras catarinenses* são apresentados na ordem alfabética do primeiro nome da escritora, contrariando as regras de elaboração de dicionários biográficos. Isso ocorre porque optamos pela não atribuição de valores às obras literárias

⁹⁶ Aqui queremos deixar registrado que essas considerações são válidas para esse primeiro momento da tese. No caso de continuação da pesquisa, em um momento posterior, ampliaremos os critérios de inclusão.

ou às autoras e, assim, colocamos em igualdade de condição aquelas escritoras que não possuem nomes de tradição na literatura e nem um sobrenome de família conhecido.

Após a pesquisa, conseguimos registrar informações de 400 escritoras⁹⁷, nascidas desde o século XVIII até os dias atuais. O maior volume de registros se dá a partir da segunda metade do século XX, período pós-Segunda Guerra Mundial, época em que, incentivada pelo feminismo, a produção literária escrita por mulheres toma proporções maiores não só em Santa Catarina, como em todo o Brasil.

Finalmente, resta-nos dizer que este *Dicionário* procurou resgatar e mostrar nomes esquecidos e, portanto, à margem do cânone literário, bem como tornar ainda mais visível a produção de escritoras já consagradas. Por isso, é desejo de nosso trabalho desconstruir o caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas ao longo do tempo, que marcaram tão intensamente nossa cultura e fazer ouvir todas essas vozes há tanto tempo silenciadas. Vozes que não são poucas e que, juntas, ecoam pelas nossas memórias e reproduzem um papel significativo na literatura de Santa Catarina.



⁹⁷ Este Dicionário registra 420 verbetes devido ao fato de colocarmos a remissiva “ver” referente ao nome da escritora e seu pseudônimo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACADEPOL – Academia de Polícia
ACHE – Associação Chapecoense de Escritores
ACL – Academia Catarinense de Letras
ACLA – Academia Catarinense de Letras e Artes
ACLE – Academia Criciumense de Letras
ACOL – Academia Orleanense de Letras
ACP - Associação Catarinense de Professores
ACPCC - Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses
ADL - Academia Desterrense de Letras
AEILIJ-SC – Associação dos Escritores de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina
AESC - Associação Profissional dos Escritores de Santa Catarina
ANPOLL – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística
APEI – Associação de Poetas Independentes de Blumenau
ASAJOL - Academia São José de Letras
CEF – Caixa Econômica Federal
Ed. – Editora
ed . - edição
ETFSC – Escola Técnica Federal de Santa Catarina
FCB – Fundação Cultural de Blumenau
FCC – Fundação Catarinense de Cultura
FEDAVI – Fundação Educacional do Alto Vale do Itajaí
FUOC – Fundação Educacional do Oeste Catarinense
FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau
FURJ - Fundação Educacional da Região de Joinville
GPL – Grupo de Poetas Livres
IHGSC – Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Lit. Inf. – Literatura Infantil
PNLD – Programa Nacional do Livro Didático
PUC – Pontifícia Universidade Católica
Sdp – sem data de publicação
SEB – Sociedade Escritores de Blumenau
SPA – Sociedade dos Poetas Advogados
TRT – Tribunal Regional do Trabalho
UBE – União Brasileira de Escritores

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UnB - Universidade de Brasília
UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense
UNIVILLE - Universidade da Região de Joinville
UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina
URB – Universidade Regional de Blumenau
Vol. - volume



A LITERATURA EM SANTA CATARINA

Definir o que seja literatura catarinense não é uma tarefa das mais fáceis. A própria nomenclatura “literatura catarinense” tem suscitado opiniões diversas entre os críticos, mas o que fica evidente é que não se pode atribuir a uma obra um adjetivo pátrio somente se levando em consideração aspectos meramente geográficos.

De acordo com Junkes (1979, p.20), não existe, por exemplo, uma “poesia catarinense”, uma vez que “toda expressão lírica é expressão individual que tende à universalidade.” Assim, também não existirá um conto ou um romance paulista, fluminense, goiano, mas sim um conjunto de obras que formam a Literatura Brasileira. E, dentro desse contexto, muitas vezes, é possível identificar traços que definem e identificam a literatura de uma certa região do país. No entanto, a literatura de Santa Catarina não possui esse perfil, uma vez que o estado possui habitantes oriundos de muitas partes do Brasil; consequentemente, há uma variedade muito grande de temas e características que formam a literatura aqui produzida.

Como identificar, então, uma obra da literatura de Santa Catarina? Quais os critérios que a definem? Essas perguntas não poderão ser respondidas senão por um viés historiográfico, sociológico, cultural, econômico ou político. O fato é que existe uma literatura escrita em Santa Catarina; existe uma literatura lida em Santa Catarina e existem, em Santa Catarina, escritores que produzem uma literatura, sejam eles nascidos no estado ou não.

A literatura de Santa Catarina não reside no valor isolado de um autor ou de uma obra, mas no conjunto de toda a produção/manifestação de uma forma de ser, de pensar e de agir [...] O que importa não é a escritura da Estética, mas a cultura da Vivência. (SACHET, 1985, p.8)

Dessa forma, percebe-se a necessidade de se levar em conta o conflito social e ideológico que a literatura de Santa Catarina carrega consigo. A falta de apoio tem sido, talvez, uma das maiores causas do silenciamento de muitos dos escritores catarinenses na atualidade. Contudo, as dificuldades nesse aspecto aparecem muito antes disso. As primeiras manifestações da literatura em Santa Catarina datam do século

XIX, mas, com exceção de Cruz e Sousa, raros foram os escritores (e menos ainda as escritoras) reconhecidos fora do estado.

Nossos poetas, via de regra, permaneceram provincianos, embora nem sempre por ausência de méritos. A precariedade de contatos com centros culturais maiores, o restrito âmbito de nossos meios de comunicação social e o problema editorial constituiram, até bem recentemente, obstáculos quase insuperáveis para maior projeção dos poetas e, por que não, dos demais escritores catarinenses. (JUNKES, 1979, p.17)

Esses problemas constituem algumas das principais explicações para as características (ou ausência delas) da produção intelectual do estado. E isso fez com que a literatura de Santa Catarina sempre estivesse atrás da literatura produzida no resto do país – nossa primeira obra, *Assembleia das aves*, de Marcelino Antônio Dutra⁹⁸, escrita em 1847, época em que todo o país já estava vivendo o Romantismo, possui traços da literatura neoclássica. O próprio Cruz e Sousa, maior expoente do simbolismo brasileiro, e um dos únicos a comporem hoje o quadro tradicional da literatura brasileira feito pelos críticos, só começou a ser considerado aqui muito depois de todo o Brasil ter despertado para o seu valor. E assim, consequentemente, os outros períodos literários: o Modernismo chega a Santa Catarina somente na década de 1940, graças à atuação do Grupo Sul, enquanto os grandes centros do país já ouviam murmúrios da influência estrangeira desde o início do século XX. “Não se havia estruturado, até então, um substrato intelectual que possibilitasse uma atualização estética sincronizada com os centros irradiadores e polarizadores de mudanças.” (MACHADO, 1986, p. 24)

Tudo isso é reflexo das condições a que, desde o início da povoação, os catarinenses foram submetidos⁹⁹. Mas, mesmo com essa condição de “ilha cultural”, pode-se dizer que, segundo Machado (1986, p.25), os escritores catarinenses mostraram “características de

⁹⁸ DUTRA, M. A. ; JUNKES, L. (Org.) . *Assembléia das Aves e Outros Poemas*, de Marcelino Antônio Dutra. 1. ed. Florianópolis: Nova Letra/Academia Catarinense de Letras/Associação Catarinense de Imprensa, 2006. v. 1. 124 p.

⁹⁹ A situação cultural e literária era tão ruim que, em 1790, o governo vigente, com o objetivo de incentivar a intelectualização do povo, enviou para cá diversos livros; no entanto, o conteúdo dessas obras se referiam a manuais de agricultura, arquitetura e poemas árcades – esse era o incentivo cultural do governo. (SACHET, 1979)

comprometimento com a época a que se refere, revelando, com fidelidade, nas tendências da arte, as condições intelectuais da sociedade, dos seus artistas e dos consumidores da arte.”, independente de serem criativos ou meros copiadores dos modelos consagrados, como julgam alguns críticos.

O outro agravante relacionado a essas questões é o processo editorial; e essa problemática justifica o fato de grande parte da produção literária catarinense (principalmente a poesia) ter permanecido inédita nos jornais ou outros periódicos ou até mesmo ter sido perdida por causa dessa transitoriedade. A sua transposição para o livro, veículo mais duradouro, era mais difícil de acontecer. Dessa forma, a literatura ficava reduzida a um público da elite, aos que tinham acesso aos periódicos. Esses fatores explicam a dificuldade que muitos organizadores e pesquisadores tiveram/tem para reunir o material que compõe as nossas primeiras manifestações literárias.

Na atualidade, a situação do incentivo cultural modificou-se um pouco, mas está bem longe daquilo a que chamamos de “ideal”. Existe, sim, muita produção intelectual em Santa Catarina, muitos livros prontos para serem publicados (conforme constatamos em nossa pesquisa e em conversas com escritoras), mas que esbarram na falta de apoio. E a literatura em Santa Catarina hoje parece ser produzida a partir de duas vertentes: ou pela sociedade burguesa, basicamente litorânea, aliada à política, ou por iniciativas particulares, espalhadas pelas diversas regiões do estado (raras são as exceções de editoras que apoiam a publicação da escrita de mulheres, por exemplo)¹⁰⁰. Nesta pesquisa, foram encontradas diversas obras de escritoras que financiaram seu próprio livro e, como não passaram pelo crivo editorial, muitas vezes, não nos foi possível obter dados completos referentes à autoria e à obra em si; dados simples como ano ou local de publicação em muitas delas são inexistentes. Esses detalhes são importantíssimos para que se reflita sobre a escrita de mulheres em Santa Catarina, pois é analisando os grupos que compõem uma sociedade que se começa a entender sua literatura.

¹⁰⁰ Essa questão, além de demonstrar o descaso do governo para com a edição de livros de escritores catarinenses, ainda fere a lei 8.759, de 1992, instituída pelo então deputado Sérgio Grando que obriga o estado de Santa Catarina a adquirir livros de autores catarinenses “com a finalidade de municiar as bibliotecas públicas municipais”. Pela lei, os autores nascidos em outros Estados, desde que residentes e domiciliados em Santa Catarina há pelo menos dez anos, também possuem esse direito.

PRESENÇA DA MULHER EM SANTA CATARINA

Vida social: a mulher catarinense aos olhos dos viajantes estrangeiros

A vida doméstica, social e afetiva das mulheres que habitavam a ilha de Santa Catarina, antiga Nossa Senhora do Desterro, desde sua fundação, por Francisco Dias Velho, em 23 de março de 1673, mereceu atenção dos viajantes estrangeiros que por ali passaram entre os séculos XVIII e XIX.

De acordo com a obra *Bibliografia anotada – mulher brasileira*, organizada pela Fundação Carlos Chagas¹⁰¹:

As impressões de viajantes, muitos deles estrangeiros que passaram a visitar o país após a abertura dos portos, as memórias e os diários de estrangeiros que aqui se instalaram, e também de pessoas da terra constituem um abundante material de informação, livre da preocupação de transmitir uma visão oficial dos acontecimentos. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 1979, p.39 *apud* MUZART, 1989, p.227)

O fato é que os viajantes registram, em suas crônicas, elogios significativos às mulheres que, mesmo estando na “desterrada” Desterro, eram comparadas (de forma até superior) em sua delicadeza e simpatia àquelas que habitavam os outros centros do país.

Entre os séculos XVIII e XIX, a literatura destinada a mulheres era resumida a uma série de manuais que as orientavam quanto às regras de etiquetas no meio social, urbano e afetivo. Certamente, aqui na Desterro havia a presença desses manuais, os quais possuíam diversas procedências, pois a elegância no vestir e no viver não escaparam às penas dos cronistas que relatavam as desenvolturas das moças também nos jogos de sedução.

Aliás, diversificada foi a forma desses senhores estrangeiros em relatar a presença da mulher em terras desterrenses. Os relatos eram escritos de acordo com os interesses de cada um. A presença da mulher

¹⁰¹ FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Bibliografia anotada – mulher brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p.39

no espaço público, por exemplo, foi relatada (e pré-julgada!) a partir de muitas visões, sem deixar de incluir aí ordens morais variadas.

O francês Louis Isidore Duperrey¹⁰², em 1822, ao falar sobre a questão de relacionamento social das mulheres, indica que elas “frequentemente fazem amizade com os marinheiros que aportam em suas portas.”¹⁰³ (BERGER, 1984, p.249).

Saint-Hilaire¹⁰⁴, fazendo uma avaliação mais ampla, descreve que:

[As mulheres] não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os cumprimentos que lhes são dirigidos, contrapondo-se com os modos canhestros das mulheres do interior, que ao saírem à rua, caminham com passos lentos umas atrás das outras, sem virarem a cabeça nem para um lado nem para o outro, e sem fazerem o menor movimento. Não acontece o mesmo com as de Santa Catarina. Elas não demonstram o menor embaraço, e às vezes chegam mesmo a ter um certo encanto... [...] quando andam pelas ruas em grupo, colocam-se ao lado umas das outras, não receiam dar o braço aos homens e muitas vezes chegam a fazer passeios pelo campo. (SAINT-HILAIRE, 1979)

De acordo com o olhar dos viajantes, as mulheres que habitavam Desterro eram bonitas, meigas e muito cordiais com os estrangeiros; gostavam de falar sobre o amor e adoravam receber presentes, por mais insignificantes que fossem. Também fazia parte de suas predileções a música, a moda, as reuniões sociais, os passeios, o teatro, os saraus literários e até mesmo as intrigas amorosas que aconteciam nos salões sociais.

¹⁰² Duperrey nasceu em Paris (1786-1865). Foi um grande navegador, explorou a Oceania e, no Brasil, aportou em Santa Catarina onde permaneceu por 14 dias.

¹⁰³ DUPERREY, Louis Isidore. *Voyage autor du monde...* Traduzido por Gilberto Gerlach e Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 249.

¹⁰⁴ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à Província de Santa Catarina*. Itatiaia: EDUSP, 1979.

O naturalista alemão Georg Heinrich von Langsdorff¹⁰⁵ comenta que os fuxicos sociais também se espalhavam por aqui, como se fazia na Europa: “Tão sem importância que possa parecer tal observação, não faltam pequenas intrigas de amor que se espalham aqui.” (LANGSDORFF *apud* BERGER, 1984, p.163). Sobre esse autor, interessante observar seu ponto de vista acerca dos agrados oferecidos às mulheres: “Presentes europeus, mesmo os mais insignificantes, como fitas, brincos, etc., são gratamente recebidos¹⁰⁶.” (LANGSDORFF *apud* BERGER, 1984, p.163). Percebe-se, na inscrição desse cronista, o julgamento que faz dessas mulheres, deixando transparecer sua “fragilidade” moral: os presentes são “gratamente recebidos” e mesmo aqueles “insignificantes” já deixam as mulheres felizes, ou seja, elas se deixam levar pela mínima gentileza dos estrangeiros.

Langsdorff também descreveu as catarinenses:

As representantes do sexo feminino não são feias e entre as mulheres de classe mais alta estão algumas que, mesmo na Europa, teriam motivos para se firmarem como beldades. Na maioria são de estatura média, bem constituídas, de cor castanha, se bem que algumas são muito claras, têm fortes cabelos pretos e olhos escuros e sensuais. (LANGSDORFF *apud* BERGER, 1984 p.163)

Outro ponto interessante na crônica de Langsdorff é a comparação que ele faz entre as mulheres portuguesas e as catarinenses, em relação à socialização:

[...] o belo sexo recebe com muita gentileza os hóspedes e, em geral, não vive retraído ou confinado como na própria terra natal, Portugal, onde as damas

¹⁰⁵ O Barão Georg Heinrich Von Langsdorff (1774-1852) era formado em medicina e foi para Portugal como médico do príncipe Christian de Waldeck quando este assumiu o comando da armada portuguesa. Após a morte do seu protetor, ainda em Portugal, ele passa a exercer sua profissão a serviço das tropas inglesas em guerra com os espanhóis. Introduziu a vacina em Lisboa e dedicou-se ao estudo da história natural. Voltou para a Alemanha em 1802 e navegou ao redor do mundo. Chegou a Santa Catarina a 20 de dezembro de 1803, onde permaneceu até o ano seguinte.

¹⁰⁶ LANGSDORFF, G. H. Von. *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1805 bis 1807*. Traduzido por Dolores R. Simões de Almeida. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p.163.

vivem, durante o ano inteiro, enclausuradas, ou se escondem por detrás das portas e espiam o visitante pelo buraco da fechadura ou pela fenda da porta. (LANGSDORFF *apud* BERGER, 1984 p.163)

O francês Dom Pernetty¹⁰⁷, em 1763, assinala que:

Qual não foi o espanto dos oficiais franceses ao verem chegar, ao salão de danças, várias senhoras. Maior ainda quando notaram quanto eram as damas catarinenses afáveis, desembaraçadas e os acolhiam com grande gentileza¹⁰⁸. (PERNETTY *apud* BERGER, 1984, p.83)

O abade beneditino não deixou de relatar o semblante das mulheres da ilha de Santa Catarina, que eram “muito brancas de pele, apesar do calor do clima. Elas possuem, em geral, olhos grandes e bem puxados, mas de rosto pouco embelezado.” (BERGER, 1984, p.83). A esse comentário, também nos remeteremos novamente a Saint-Hilaire, que parece concordar com Dom Pernetty sobre o que pensa a respeito da beleza feminina:

As mulheres são muito claras; de um modo geral têm olhos bonitos, os cabelos negros e muitas vezes uma pele rosada. Elas não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os cumprimentos que lhes são dirigidos. (SAINT-HILAIRE, 1979, p.173-4)

Uma observação bem curiosa a respeito dos relatos de Saint-Hilaire é a explicação que tece sobre a existência da prostituição na ilha de Santa Catarina. Segundo o cronista, o número de mulheres na ilha se tornou superior ao de homens, tendo em vista que eles optavam pela vida no mar, principalmente temendo o serviço militar obrigatório. Assim, o autor conclui que esse fato de haver mais mulheres que

¹⁰⁷ Antoine Joseph Pernetty chegou a Santa Catarina, em 1763, na expedição de Louis Antoine de Bougainville, célebre navegador francês, que no tempo de Napoleão I foi Senador e Conde.

¹⁰⁸ DOM PERNETTY, Antoine. Historie d'un voyage aux Isles Malouines, fait en 1763-1764... Traduzido por Carmen Lucia Cruz. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 83.

homens e o “exagerado amor das mulheres pelos atavios tornaram a prostituição extremamente comum.” (SAINT-HILAIRE, 1979, p. 175).

Morga (2010, p. 78) chama a atenção para a sequência da narrativa de Saint-Hilaire: de início, descreve “o desembaraço das mulheres e sua preocupação com a beleza, com o vestuário e o gosto pelos atavios” e, ao final, “sugere que a desproporção existente entre o número de homens em relação ao de mulheres e o gosto das mulheres por uma vida de luxo eram os responsáveis pela prática da prostituição em Nossa Senhora do Desterro.” Segundo o autor, mesmo que Saint-Hilaire mostre indícios e causas da prostituição, em momento algum explicita como chegou à conclusão de que a prostituição era comum nesse lugar.

Outro importante estrangeiro que abordou os costumes, a moradia, o jeito de ser e de viver dos catarinenses e das mulheres catarinenses foi Otto Von Kotzebue¹⁰⁹, em 1815. Segundo o viajante,

[...] os bem-humorados habitantes da ilha frequentemente reuniam-se ao redor de nossas tendas, e uma dupla de violino e flauta, o que aumentava a nossa alegria, convidava-os a dançar e cantar, e dando-nos a oportunidade de apreciar a graça com que as meninas dançavam o fandango. (KOTZEBUE *apud* BERGER, 1984, p.228).

Em 1825, chega a Santa Catarina o suíço-alemão Carl Seidler¹¹⁰. A descrição que este navegador faz das mulheres catarinenses mostra-se com teor moralista muito grande e preconceituoso: “[...] foram elas as primeiras a nos saudar, contrariamente aos costumes brasileiros, e com uma amabilidade e olhares tais que bem se podia compreender que os oficiais estrangeiros lhes eram hóspedes bem apreciados.” (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p. 281).

¹⁰⁹ Kotzebue deixou a Rússia em janeiro de 1815, chegou a Santa Catarina, contornou o Cabo Horn, visitou a Ilha da Páscoa, depois foi ao arquipélago de Pomotú, onde ele descobriu muitas ilhas. A expedição de Kotzebue ajudou a conhecer melhor o Pacífico e contribuiu para o aperfeiçoamento dos mapas da costa oeste do Alaska.

¹¹⁰ Carl Friedrich Gustav Seidler foi contratado para o exército imperial destinado à campanha Cisplatina. Seidler esteve no Brasil por dez anos. No que se refere à narrativa de Santa Catarina, ele a inicia com uma viagem de Laguna a Desterro.

A narrativa prossegue, e Seidler anuncia que, para sua infelicidade, seu batalhão fora transferido para o povoado de Armação das Baleias, situado na parte continental. O narrador atribui ao local adjetivos como “cova do inferno” e “desgraçada Armação”. Mas, o ponto máximo da narrativa está quando ele narra uma festa oferecida aos estrangeiros pelos pescadores:

A falar em voz alta, exultantes, os convivas se dispõem em duas fileiras e começa o baile mais indecente que jamais tive a honra de ver [...] As mais repugnantes contrações musculares, obscenidades murmuradas em voz baixa ou cantadas alto ao compasso da música, contatos cadenciados e nojentas concretizações de atitudes dos mais lúbricos desejos, caracterizavam todos os movimentos. (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p.286)

Seidler completa a descrição da cena, tecendo comentários moralistas acerca das atitudes das mulheres:

Uma europeia teria corado de vergonha à contemplação de tais cenas, mas as nossas belas, divertidas filhas de pescadores, parecem que não achavam, apenas sentiam extraordinária cócegas e grande prazer naquele folguedo reles. Naturalmente não tardou que nos sentíssemos em extremo entediados com a coisa, pois nenhum de nós se sentia tentado a tomar parte naquele divertimento imoral, naquele barbaresco dispêndio de esforços, além de que nos sentíamos muito fatigados da penosa cavalgada. (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p.286)

No entanto, o navegador conta que, no dia seguinte, após o “horror” de ter começado novamente aquela orgia, ele e seus amigos, embriagados, foram “ostensivamente provocados pelas damas pescadoras, dentre elas algumas ondinas bem tentadoras, e mais não pudemos resistir.” (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p.287)

A narrativa continua indicando que as mulheres “meio nuas” dançavam

[...] e por mais que fôssemos nos diversos jeitos e trejeitos do corpo, parece que as suarentas brasileiras muito se agradavam de nós [...] a terra tornou-se mar e no turbilhão da ebriedade produzida pela cachaça das sereias do meio dos caniços subiam ao carro de coral a puxar para o fundo, ao voluptuoso leito, o ansioso cavaleiro. (SEIDLER *apud* BERGER, 1984, p.287)

Terminada a festa, Seidler comenta com escárnio e descaso a boa recepção dos catarinenses que os haviam acompanhado até um trecho do caminho: “especialmente entre o pessoal feminino notamos muitas que à despedida tinham os olhos escuros rasos d’água. Pobres ondinas!” O narrador ainda comenta que, no caminho, deram gargalhadas ao lembrar de suas conversas com as “damas pescadoras”.

O que percebemos nessa descrição feita por Carl Seidler, é que, a partir de sua narrativa moralista, certamente, seus leitores ficaram com uma impressão de que as mulheres catarinenses viviam seminuas e em estado de plena orgia – e que se assemelhavam às prostitutas europeias. O que faltou ao navegador foi informar em sua crônica que o contexto em que se deu a narrativa era bem diferente daquele a que estavam acostumados na Europa, daí a fazer uma descrição repleta de julgamento de valores.

Outro cronista que registrou com ênfase a situação da mulher catarinense na Desterro foi o francês René Primevère Lesson¹¹¹. A descrição que faz das mulheres é que “sem serem lindas, são muito agradáveis [...] as moças daqui, com a galanteria inerente a seu sexo, sabem se pôr, mesmo as mais pobres, numa elegância admirável.”(LESSON *apud* BERGER, 1984, p. 267). O viajante indica que elas são muito graciosas e que seus esposos “desconfiados” as faziam cativas.

Também as festas são narradas por Lesson, que assinala questões relacionadas à sedução:

Núbeis desde muito cedo, as jovens estão com a idade de doze ou treze anos engajadas nos laços do himeneu. Elas revelam aos estrangeiros uma

¹¹¹ Lesson (1794 – 1849) foi o naturalista da expedição comandada por Duperrey que aportou em Santa Catarina em 1822.

benevolência que se declarou desde o primeiro vislumbre. É verdade que estes possuem números meios de sedução, e que os presentes temperados com suas palavras apresentam-se de uma forma tão arrebatadora que é difícil resistir. (LESSON *apud* BERGER, 1984, p.268)

Além da questão social, Lesson descreve os costumes domésticos das mulheres catarinenses:

As mulheres de Santa Catarina branqueiam a roupa com a ajuda de um sabão negro fabricado por elas mesmas [...] Sua fecundidade é muito admirável, a julgar pelo número de crianças que se encontra em cada cabana. Os cuidados da maternidade se restringem ao aleitamento, e desde que seus nutridos possam andar, deixam-nos à vontade, rolar na areia, sem nenhum vestimento. (LESSON *apud* BERGER, 1984, p.268)

Em 1828, o suíço Heinrich Trachsler aportou em Santa Catarina. Em sete anos que ficou no Brasil, fez muitos relatos acerca dos habitantes e dá muito destaque às mulheres catarinenses, em vista de um acontecimento consigo e com um amigo.

Já ao chegar à Vila de São Francisco de Laguna, o viajante elogia a recepção dos homens e, inclusive, do “belo sexo” que se encantava com seus cabelos loiros e olhos azuis. Nesse contexto, “entre os homens do batalhão não havia vinte, talvez, que neste breve tempo não arranjassem namoradas entre estas amáveis beldades, e pouco importava aos soldados se eram brancas ou pretas.” (TRACHSLER *apud* BERGER, 1984, p. 324).

Enquanto caminhava com um amigo, viu uma moça na janela que lhe despertou a atenção:

Debruçada a meio corpo fora da janela, avistamos, tomados de encanto e dignos de inveja um opulento e ondeante colo, cuja brancura e volume harmonioso transpareciam velado, traiçoeiramente, por um simples e leve vestido de trabalho caseiro; por aí chegava-se à conclusão dos ricos e viçosos encantos desta

Psique tropical. (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.324)

Fascinados com a beleza da moça, eles resolvem entrar e descobrem mais duas lindas moças na casa, que eram cuidadas pela mãe, uma bondosa viúva. A descrição que o narrador faz das moças é muito interessante, porque ao mesmo tempo que ele as eleva sob a condição de respeito, ele ressalta sua condição de mulher e, portanto, sua condição de sedutoras:

As doces pombinhas mostraram-se realmente afáveis e até confiadas para conosco, mas com muita decência, pois eram filhas de família. Uma vez que eram solteiras, debaixo da vista da mãe, nem por sombra pensar em excessos se podia; elas queriam satisfazer sua curiosidade feminina e introduzir a nós, forasteiros, com cordial liberdade, no santuário familiar. (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.326)

Outro ponto interessante na narrativa de Trachsler é o olhar europeu acerca dos costumes brasileiros. Após a janta, as moças tocaram violão aos estrangeiros e dançaram para eles: “[...] arranjaram um pequeno fandango (dança), onde se exibem a dança predileta das classes populares, o ‘sapateio’ [...] foi a primeira vez que ouvimos chamar de dança esta folia barulhenta [...]” (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.327)

O narrador não pôde deixar de destacar também a graciosidade dos contornos do corpo das moças: “era-nos dada ocasião de apreciarmos largamente as evoluções voluptuosas requeridas pela dança e contemplar demoradamente a perfeita formação de seus corpos, verdadeiras obras magistrais da natureza.” (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.327)

Em oposição a essa atmosfera inebriada pelo vinho, pela sensação de “inocência” passada aos leitores, Trachsler (*apud* BERGER, 1984, p.329) contrapõe essas jovens donzelas com a descrição de “mulheres mundanas”, citadas ao final da narrativa, quando a expedição segue de cavalo a Torres: “As mulheres mundanas seguiram-nos até aqui e teriam acompanhado os soldados ainda mais longe, não fosse dada ordem pelo

coronel de enxotá-las com varas de carregar fuzil.” (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.329).

A partir desse final, poderíamos interpretar que o narrador quer dar um fundo moralizante à obra, mostrando a seus leitores que ele e seu amigo trataram com respeito a quem merecia respeito (as “filhas de família”) e puniram aquelas que eram pecadoras (as “mulheres mundanas”), enxotando-as com varas de fuzis. Assim, a narrativa termina, com o narrador dizendo que a história foi muito benéfica a eles, uma vez que foram “introduzidos inesperadamente na intimidade de uma roda familiar”. (TRACHLER *apud* BERGER, 1984, p.329).

Do que se observa a partir do relato dos viajantes estrangeiros sobre as práticas de sociabilidade, urbanidade e afetividade das mulheres que habitavam a ilha de Santa Catarina e o litoral continental, percebe-se que as desterrenses eram realmente mulheres mais livres que as europeias e, até mesmo, que as mulheres de outros centros do Brasil. Como reforço a essa questão, Muzart (1989) cita palavras de uma “viajante-mulher”, a Baronesa de Langsdorff que, em 1842, no seu diário registra a seguinte opinião acerca das mulheres do Rio de Janeiro:

Muitas vezes, ao avistar mulheres, ainda jovens, numa imobilidade que me parece sobre-humana e num silêncio que me parece eterno, eu me pergunto se essas naturezas já estão mortas, ou se chegaram a viver, mas, para compreender, seria preciso interrogá-las e elas nunca estão dispostas a responder.¹¹² (MUZART, 1989, p.228)

Essa maior liberdade das mulheres desterrenses, em detrimento das de outras partes do país, pode ser a razão de tantas delas terem (ousado e) se lançado no mundo das letras no século XIX, em um lugar ainda muito provinciano como era Santa Catarina, no entanto, em outras regiões, como no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, por exemplo, há um número muito maior de escritoras.

¹¹² *Journal de La Baronne E. Langsdorff relatant son Voyage au Brésil a l'occasion du mariage de S.A.R. le Prince de Joinville 1842-1843*. Les amis de Musées de La Marine, 1954. *Apud* LEITE, Miriam L. Moreira. In: *Vivência – história, sexualidade e imagens femininas*. Fundação Carlos Chagas. Brasiliense, 1980, p.211-212. Esta obra já foi traduzida e publicada (BARONESA E. DE LANGSDORFF. *Diário de sua viagem ao Brasil, 1842-1843*. Trad. de Patricia Chitoni Ramos e Marco Antônio Toledo Neder. Intr. por Miriam Lifschitz Moreira Leite. Co-edição Edunisc, 1999. 328 p.).

Vida intelectual: presença da mulher nas letras catarinenses

De acordo com Muzart (1988a), a mulher desterrense foi incentivada ao mundo das letras e de outras profissões, prova disso é a sua intensa participação nos jornais do século XIX. Em suas pesquisas por esses periódicos, Muzart afirma que “a desterrense teve acesso ao estudo e à cultura.” O jornal *Crespúsculo*, por exemplo, dirigido por Sabbas Costa apoiava abertamente a escrita de mulheres e as incentivava a participar, a escrever e a ler. Assim, não é raro encontrarmos crônicas e poesias dispersas assinadas por mulheres nesses jornais. E aqui se destacam nomes como Ibrantina de Oliveira, Júlia da Costa, Rosa Valente, Delminda Silveira e Ubaldina de Oliveira.

Contudo, apesar dessa participação relevante nos jornais, somente no século XX é que a mulher consegue dirigir o primeiro suplemento literário. Intitulado *Penna, agulha e colher*, com o subtítulo *Jornal de donas e donzelas*; o jornal era dirigido por Zenir Alcêa e trazia conteúdos de cunho católico, receitas de cozinha, poemas, etc, ou seja, temas voltados para as mulheres e escritos por elas mesmas, que assinavam somente o primeiro nome, sem sobrenome ou sob a forma de pseudônimo. (MUZART, 2003).

A essa época destacam-se nomes como o de Edésia Aducci, na dramaturgia, cujas personagens exercem profissões bem diversificadas: professoras, médicas, escritoras, donas de comércio, etc. Nascida no século XIX, em data não precisada, escreveu para o jornal *Penna, agulha e colher*, adaptou e traduziu peças do alemão e do espanhol as quais reuniu mais tarde em livro intitulado *Teatro colegial feminino* (Florianópolis, edição d’*O brasileiro*, 1930/1931, 1951).

Ainda sob a égide do Romantismo, surge em 1858 o primeiro romance de autoria feminina: *D. Narcisa de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo e Castro (1823-1869), escrito aos 16 anos de idade. O romance, assinado com o pseudônimo de Indígena do Ipiranga, foi editado no Rio de Janeiro pela Tipografia de F. de Paula Brito, em 1859 e reeditado em 1990, pela Editora Mulheres, de Florianópolis, organizado por Zahidé L. Muzart com apoio de Fábio Bruggemann, dono da Editora Semprelo. Antes de ser editado em livro, foi publicado no jornal *A Marmota*, do Rio de Janeiro, em capítulos, de 13 de abril a 6

de julho de 1858. O romance, considerado indianista, tem no enredo uma história simples: uma moça de família nobre se apaixona por um índio. Os irmãos da moça não consentem o namoro e passam a perseguir o casal, que foge para a Ilha do Mel, no Paraná. Nesse lugar, após um conflito, o casal é morto em uma gruta pelos perseguidores, mas não sem antes saber que o índio era filho do irmão de Narcisa. Por trás dessa história, a autora ressalta temáticas muito interessantes: a falta de liberdade da mulher, o casamento arranjado, a crítica ao governo português pelo fato de distribuir terras a pessoas que não possuíam a menor vocação para cuidar delas, o preconceito com as camadas menos privilegiadas da população e, particularmente, com o índio.

Os ideais românticos também são encontrados na poesia religiosa de Delminda Silveira (1855-1932), ocupante da Cadeira número 10 da Academia Catarinense de Letras. Seus poemas foram publicados em três livros: *Lises e martírios* (1908); *Cancioneiro* (1914) e *Passos dolorosos* (1932). Nos dizeres de Lauro Junkes (1979, p.53), “Muito intimista, sentimental, às vezes melancólica, e de grande sensibilidade, cantou a natureza da sua terra natal, os apelos da alma religiosa e os anseios de amor e compreensão.”

Outra escritora de participação expressiva na literatura de Santa Catarina do século XIX é Júlia da Costa (1844-1911), a qual colaborouativamente, divulgando poesias e prosas lírico-sentimentais em jornais de Santa Catarina e do Paraná. Júlia da Costa publicou dois livros: *Flores dispersas*, 1^a série (Desterro, Tip. Desterrense, 1867); *Flores dispersas*, 2^a série (Desterro, Tip. de J.A. Livramento, 1868). Segundo a crítica Zahidé Muzart:

Lendo Júlia da Costa, poemas e cartas, meditando sobre sua vida na pequenina São Francisco do Sul, conclui-se que a mediocridade do meio deve ter abafado um espírito ansioso por maior liberdade, maiores realizações e ambições. Encontra-se na sua poesia uma tentativa de liberação dos modelos e de rejeição dos valores impostos. E ela mesma era muito consciente da própria condição de mulher a escrever em um ambiente acanhado e sem ter tido todas as condições de desenvolvimento que seu espírito teria ansiado. [...] Há um motivo quase constante em seus poemas, o das sombras, que pode ser interpretado de muitas maneiras: ora é o amado perdido, ora é

a morte à espreita ou outras tristezas da vida. Os temas da poesia de Júlia da Costa são sempre os da ausência e da perda, da dor de viver, da angústia ou do desejo da morte, da falta de esperança e da solidão. Na procura do cantante, do singelo, do cotidiano, foi dela a mais interessante poesia em Santa Catarina, no século XIX. Poesia que se lê até hoje com prazer. (MUZART, 2000, p. 406)

Dentre as escritoras do século XIX, aqui não poderia deixar de ser lembrado o nome da desterrense Maria Carolina Corcoroca de Sousa (1856-1910) que, apesar de não ter publicado livro, critério desta pesquisa, decidiu-se incluí-la por se tratar de escritora do século XIX, época muito mais difícil para a edição de livros. A poeta publicou sua obra sob o pseudônimo de Semíramis no jornal *Sul-Americano*. Seus poemas apresentavam tendências do Romantismo, mas, em alguns deles já se percebia a influência do Parnasianismo.

Pode-se ver que Maria Carolina refletiu sobre a questão dos direitos da mulher, a educação, a relação entre o sexo e o direito a escrever e publicar, porque tais preocupações, com certa frequência, transparecem nos poemas encontrados. (MUZART, 2000, p. 769).

Com o Realismo/Parnasianismo surgem novos nomes nas letras catarinenses, dentre eles o de Castorina Lobo de S. Thiago (1884-1974). Além de poesias esparsas nos principais jornais e revistas de Florianópolis, Joinville e São Francisco do Sul, publicou os livros de poesia: *Rimas de Outono* (Florianópolis: Imprensa Oficial, 1955); *Clarínadas* (Florianópolis, 1959) e *Aquarela da Ilha de Santa Catarina* (Florianópolis, 1962). Em 1958 foi convidada a ingressar na Academia Catarinense de Letras, Cadeira número 10, como sucessora de Delminda Silveira. A poesia de Castorina Lobo de S. Thiago “pode ser considerada ainda ligada ao Parnasianismo, no seu culto à forma fechada do soneto, geralmente decassílabo e perfeitamente rimado, abordando a temática descritiva de quadros da natureza ou da alegoria humana.” (JUNKES, 1979, p.145).

Mercece destaque, também, a poeta, cronista e dramaturga Donatila Teixeira Borba (1898-1987). Detentora de várias premiações,

colaborou em diversos jornais do país e teve vida intensa no teatro, encenando peças em várias cidades de Santa Catarina. Publicou três obras entre crônicas e poesias: *Áureas Sertanejas* (1943), *Luz e Sonho* (1971) e *Coração* (1979).

Da vida intelectual catarinense, ressalta-se também outras escritoras nascidas no século XIX, como Rachel Liberato Meyer (1895-1959); Ibrantina Cardona (1868-1956); escritoras pertencentes ao regionalismo alemão, Tereza Stutzer (1841-1916), Gertrud Gross-Hering (1879 – 1968) e Emma Deeke (1885-1950), todas assíduas colaboradoras de jornais e revistas em Santa Catarina, em outras cidades do país e, algumas das últimas com publicações na Alemanha.

Já no século XX, surge, em Santa Catarina, a Sociedade Catarinense de Letras (1921) que, mais tarde, viria a se tornar a Academia Catarinense de Letras (1924). Os idealizadores eram Altino Flores, Othon Gama d'Eça e, sobretudo, José Boiteux. Esse grupo fundou a revista *Terra*, que pretendia fazer uma avaliação da literatura dos catarinenses, levando algumas soluções as quais não chegaram a se concretizar na prática. Isso porque os escritores repudiavam as ideias modernistas negando, assim, a inovação, e continuavam a usar os preceitos estéticos do Realismo/Parnasianismo. Raras foram as exceções e, dentre elas, cita-se a catarinense Maura de Senna Pereira (1904 - 1992), eleita como membro da Academia Catarinense de Letras em 1930, onde ocupa a Cadeira número 38. Dedicada à poesia e ao jornalismo, a obra de Maura foi analisada e muito elogiada por vários críticos, como Olegário Mariano, Carlos Drummond de Andrade, Walmir Ayala, Álvaro Moreira e Tristão de Athayde. Nereu Côrrea (*O Estado*, 22 de outubro de 1976) a classificou como “uma das mais altas vozes da poesia feminina em nosso.”

Na década de 1940, segundo Sachet (1985, p.91), surgem três gerações de intelectuais em Santa Catarina: os “antigos”, os quais defendiam o fim do romance com Eça de Queirós e da poesia com Olavo Bilac; os “atuais”, voltados para o magistério e para as atividades profissionais e os “novos”, a chamada Geração de 45.

Entre os “antigos”, a figura feminina que se destaca é a de Antonieta de Barros (1901-1952). Professora, escritora, jornalista e política, foi a única mulher da época a trabalhar com crônicas. Seu livro, *Farrapo de ideias*, escrito em 1937 e publicado com o pseudônimo de “Maria da Ilha”, é uma reunião de suas crônicas publicadas no jornal

República, de Florianópolis. Antonieta foi a primeira deputada negra do Brasil.

A Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, em São Paulo, chega a Santa Catarina somente em 1946, com o chamado “Grupo Sul”, liderado por Salim Miguel e Aníbal Nunes Pires.

Com o advento do Grupo Sul, a partir de 1946, as mudanças há tanto desejadas, tematizadas e questionadas no plano da teoria somente, efetivam-se, operando alterações significativas e quantitativas nas letras do estado. (PEREIRA, 1986, p.32).

O Grupo Sul foi além do processo literário, abrangendo o teatro, as artes plásticas e o cinema. A princípio, suas ideias e obras eram lançadas no jornal *Cicuta*, com uma tiragem de apenas quatro números e, depois, fortaleceu-se com a revista Sul, revista de grande circulação nacional e internacional. Segundo Pereira (1986, p.32), “O Grupo Sul não se preocupou em escrever a história da literatura catarinense. Preocupou-se em fazer a História.” O destaque feminino dessa geração dos “novos” é Eglê Malheiros (1928), poeta, ensaísta, cronista, ficcionista, atriz de teatro, professora, autora de livros infantis e integrante do Grupo Sul, que escreveu, junto a Salim Miguel, o primeiro longa metragem rodado em Santa Catarina, *O preço da ilusão*; mais tarde, escreve o roteiro e adaptação de dois filmes: *A cartomante* (Machado de Assis) e *Fogo morto* (José Lins do Rego).

A chamada “Geração de 45” em todo o país possui um caráter bem diferente da Geração de 22: institui a volta ao soneto; determina o fim do poema-piada; e procura expressar emoção a partir de um intimismo lírico. Em Santa Catarina, segundo Sachet (1985, p.105), não houve essa consciência de Geração de 45, o que aconteceu por aqui foi “a presença de duas gerações pós-modernistas cronologicamente distanciadas no tempo e no espaço.” Assim, em um primeiro momento, destacam-se entre as escritoras os nomes de Maura de Senna Pereira e Lucy Assumpção (1917).

Com a extinção do Grupo Sul, entra em cena um novo movimento literário denominado *Litoral*, na década de 1950. Tal grupo mostrava-se mais moderado, sem agredir os conservadores, mas

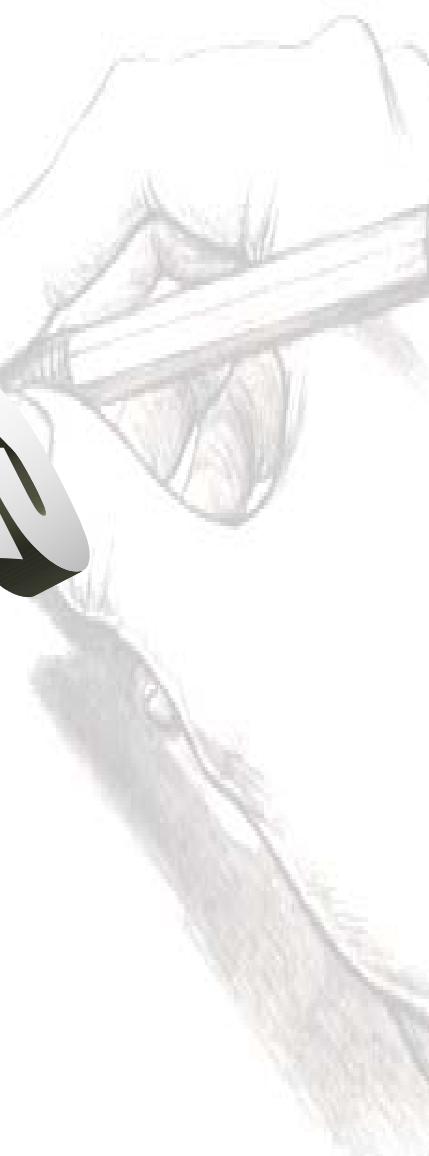
mantendo os ideais modernistas. Nesse grupo, que foi extinto em 1964, não foi registrada a presença de nenhuma escritora catarinense.

De acordo com Sachet (1985), somente após o fim do Grupo Sul foi que a literatura em Santa Catarina se equiparou pela primeira vez à do resto do país. Isso porque os governantes do estado, que eram escritores, poetas e artistas, passaram a incentivar a cultura e a literatura desde os anos 1960. Surgem, então, movimentos como a Catequese Poética, liderada por Lindolf Bell, e o Varal Literário, por Alcides Buss.

A literatura da década de 1970 até a atualidade demonstra uma intensa variedade de tendências temático-formalistas em todos os gêneros. Assim, destacam-se escritoras como Urda Alice Klueger, Lausimar Laus, Apolônia Gastaldi e Edla Van Steen no conto e no romance; Zoraida Guimarães, Vera da Costa Vianna, Eulália Maria Radtke, Beatriz Niemeyer, Rosemary Fabrin, Inês Mafra, Chandal Meireles Nasser, Mila Ramos, Miriam Portela, Liane dos Santos, Edith Kormann, Nini, Ruth Laus, Sylvia Amélia, Leatrice Moelmann na poesia (e algumas no conto); Anamaria Kovács e Amaline Issa no conto; Annair Weirich na crônica; Maria de Lourdes Krieger, Eloí Bocheco, Cristina Marques, Cristina Klein, Rosana Bond, Else Sant'anna Brum e Stela Naspolini na literatura infantil.

Após essa breve abordagem sobre a escrita feminina na poesia e na ficção catarinense, percebe-se, de uma forma geral, que a literatura escrita por mulheres em Santa Catarina ainda precisa ser muito explorada. Nossa propósito aqui é o de mostrar que elas registraram presença na história da literatura de Santa Catarina, tendo suas obras reconhecidas pela crítica em geral, mas que ainda há muito a ser descoberto nesse universo de escritoras. Contudo, a fim de que esse número se torne expressivo, necessário se faz conhecê-las para que só assim a crítica possa emitir juízo de valor sobre suas obras. Eis o papel deste dicionário: mostrar que existe, em Santa Catarina, muitas mulheres que escrevem, mas que precisam se tornar visíveis.

VERBES



A

1. ABÍLIA MACIEL DE ATHAYDE

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poemas de amor ao pequeno príncipe* (Florianópolis, Lunardelli, 1987. 168p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.54).

2. ADRIANA CONSULINSCHI

Nasceu no Rio Grande do Sul, mas adotou Joinville – SC como sua cidade do coração. Publicou poemas na revista *Poemarte*, no suplemento literário *A Ilha*, e em outras revistas e jornais. É membro do Grupo Poemarte.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Gemidos e sussurros* (Joinville, Gráfica Manchester, 1985).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.216); *Gemidos e sussurros* (Joinville, Gráfica Manchester, 1985 - contracapa).

3. ADRIANA DE SOUZA

Nasceu em Lages – SC e mora atualmente em Piçarras – SC. É graduada em Gestão do Lazer pela UNIVALI.

ICONOGRAFIA: *Substrato: o que fica quando o excesso se esvai* (Blumenau, Nova Letra, 2008. 96p. il. - contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Substrato: o que fica quando o excesso se esvai* (Blumenau, Nova Letra, 2008. 96p. il. por Ana Karina de Souza).

FORTUNA CRÍTICA: *Substrato: o que fica quando o excesso se esvai* (Blumenau, Nova Letra, 2008. 96p. il. - contracapa).

4. ADRIANA LUNARDI

Nasceu em Xaxim – SC, em 1964, mas mora no Rio de Janeiro.
É escritora e roteirista de televisão.

GÊNERO: conto

OBRA: *As meninas da Torre Helsinque* (1996); *Vésperas* (2002).

FORTUNA CRÍTICA: *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (Rio de Janeiro: Record, 2004, p.228).

5. ADRIANA VITÓRIO

Participou do grupo Poemarte e tem suas poesias publicadas na revista *Poemarte* e no suplemento literário *A ilha*. Em 1985, a revista *Poemarte* dedicou um número inteiro às obras da poeta, intitulado *Retalhos de emoções*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Retalhos de emoções* (Joinville, Poemarte, 1985); *Gemidos e sussurros* (Joinville, [s.n.], 1985); *À flor da pele* (Joinville, [s.n.], 1990).

FORTUNA CRÍTICA: *À flor da pele* (Joinville, [s.n.], 1990 – apresentação por Luiz Carlos Amorim).

6. AGÍLIA BALLAND CARDOZO

Nasceu em Camboriú – SC, em 1928, onde viveu até os sete anos de idade, quando sua família mudou-se para Itajaí – SC, município vizinho. Estudou até o maior nível de escolaridade oferecido em Itajaí, à época para as mulheres, tendo-se formado professora normalista, profissão que exerceu até aposentar-se, aos 30 anos de serviço.

A autora residiu em Itajaí até o ano de 1970, quando se mudou com a família para Florianópolis – SC, em busca de melhores condições de estudos aos filhos.

GÊNERO: poesia

OBRA: *É bom viver* (Florianópolis, Etnias, 2006. 96p.).

FORTUNA CRÍTICA: *É bom viver* (Florianópolis, Etnias, 2006. 96p. - contracapa).

7. ALAÍDE SARDÁ AMORIM

Nasceu em Biguaçu – SC aos 14 de março de 1909. Exerceu o magistério por mais de 30 anos. Foi Presidente da Associação Catarinense de Professores e Presidente da Casa da Amizade das Esposas dos Rotarianos do Estreito – Florianópolis. Colaborou em jornais catarinenses como: *A Nação*; *Brasil Rotário*; *O elo*; *Folha Catarinense*; *Correio do Povo*.

Participa das antologias *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1979, p.15) e *Vozes Catarinenses*.

Foi classificada em segundo lugar no concurso *Saíde de Ouro na Idade de Ouro*, com o soneto “Envelhecer”.

É sócia atuante da Academia de Contistas, Poetas e Cronistas Catarinenses e membro da Academia de Letras de Biguaçu, onde ocupa a Cadeira número 31.

ICONOGRAFIA: *Contistas e Cronistas Catarinenses*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979, p.15.

GÊNERO: conto, relatos de viagem

OBRA: *Turismo a dois* (relato de viagem - Florianópolis, Ed. da Autora, 1968); *Diário de um agente itinerante* (Rio, Ed. Leitura, 1969).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.337); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.21).

8. ALBERTINA MOREIRA PEDRO

GÊNERO: Lit. infanto-juvenil

OBRA: *Quando os anjos vieram a terra* (Florianópolis, Lunardelli, 1980. 30p.).

9. ALCINDA DE OLIVEIRA FIGUEREDO

Nasceu em Florianópolis – SC, em 31 de dezembro de 1923, mas fixou residência em Itajaí – SC desde pequena. Tempos depois, mudou-se para Piçarras – SC, onde exerceu o magistério durante muitos anos.

ICONOGRAFIA: *Na calada da noite* (Blumenau: Ed. da Autora, 2001. 122p. il.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Na calada da noite* (Blumenau, Ed. da Autora, 2001. 122p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Na calada da noite* (Blumenau: Ed. da Autora, 2001. 122p. il. - contracapa).

10. ALCITA VARELA CORRÊA LEITE

Nasceu em Tijucas – SC aos 21 de maio de 1928. Já morou em diversas cidades brasileiras e atualmente reside em Florianópolis – SC. Sempre

participou de eventos culturais, esportivos e ambientais. Fez curso de oratória e de declamação e é muito conhecida como uma exímia declamadora. É membro da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses (ACPCC) e do Grupo de Poetas Livres, tendo participado de várias antologias.

ICONOGRAFIA:

http://www.poetaslivres.com.br/membros_efetivos.php

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poemas e lembranças* (Florianópolis, Ed. da Autora, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: *Poemas e Lembranças* (Florianópolis, Ed. da Autora, 2008 - contracapa); *Grupo de Poetas Livres – 10 anos.* (Florianópolis, Editograf, 2008, p.97).

11. ALCY IRENE ALVES

GÊNERO: poesia

OBRA: *Pedras e flores de nosso chão* (Passo Fundo, P. Berthier, 1990).

12. ALICE CARDOSO LÚCIO

Nasceu em Tubarão – SC no dia 07 de setembro de 1927. Por ter perdido a mãe aos seis anos de idade, teve uma vida muito difícil, vindo a estudar somente aos 46 anos, época em que foi alfabetizada pelo MOBRAL. Incentivada pela professora, começou a escrever poesias.

Seu livro, *Chama da esperança: pérola negra*, foi lançado em 1978, pelo MOBRAL Central do Rio de Janeiro, e a autora doou nove mil exemplares para as escolas de todo o Brasil.

Alice Lúcio participou de um concurso de poesia promovido pelo MOBRAL, na ocasião da vinda do Papa João Paulo II ao Brasil, do qual foi vencedora. Ganhou uma viagem a Fortaleza e entregou o poema diretamente ao pontífice.

É membro da Academia Sul-Catarinense de Letras de Tubarão, onde ocupa a Cadeira número 11 e fez parte da Comissão Consultiva para resgate da Cultura Negra de Florianópolis.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Chama da esperança: pérola negra* (Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1978. 81p.).

BIBLIOGRAFIA SOBRE A AUTORA: *Chama da esperança: pérola negra* (Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1986. 81p. - contracapa).

13. ALINE BERTOLDO SARTORI

Nasceu em Florianópolis – SC, no dia 02 de novembro de 1981. Faleceu em acidente automobilístico no município de Paraíso do Sul – RS aos 16 anos de idade. Seu livro, póstumo, foi organizado pela mãe, Célia Bertoldo Sartori.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Aline – a voz do coração* (SARTORI, Célia B. (org). Florianópolis, Ed. do Organizador, 1998. 136p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Aline – a voz do coração* (SARTORI, Célia B. (org). Florianópolis, Ed. do Organizador, 1998. 136p. - contracapa).

14. ÁLISSON EMÍLIA DE FREITAS

Nasceu em Lages – SC.

Participa das antologias *Carretão nº6* (Lages, 1993) e *Quando o amor acontece* (Lages, ALE, 2000).

ICONOGRAFIA: *Quando o amor acontece*: antologia literária (Lages, ALE, 2000, p.29).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Perfil poético* (Lages, 1996).

FORTUNA CRÍTICA: *Quando o amor acontece: antologia literária* (Lages, ALE, 2000, p.29).

15. AMALINE ISSA

Nasceu no Rio de Janeiro – RJ, mas vive há muitos anos em Tubarão – SC. É professora universitária. Participa de antologias como *Abertura Poética* (Rio de Janeiro, C.S. Editora, 1965); *Antologia de poetas novos, de contistas e cronistas catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *21 dedos de prosa* (Florianópolis, Associação Catariense de Escritores; Cambirela, 1980); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *Presença da Literatura Infantil e Juvenil em Santa Catarina* (org. por Yedda de Castro Goulart, 2009). É verbete no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (Nelly Novaes Coelho, 2002, p. 378).

GÊNERO: conto

OBRA: *Anotações sobre um testamento* (Rio de Janeiro, Ed. Cátedra, 1972).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.159); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.163-164); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.14); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.41); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.45); *Presença da Literatura Infantil e Juvenil em Santa Catarina* (Florianópolis, Ed. Insular, 2009).

16. ANA BELA S. F. A. MACHADO

Nasceu em Lisboa (Portugal), mas vive em Itajaí há muitos anos. É historiadora e diretora de Patrimônio Histórico e Cultural na Fundação Cultural de Itajaí. Foi presidente da Academia Itajaiense de Letras. Publica suas obras em revistas e jornais. Escreveu uma obra histórica intitulada *Identificação do acervo cultural cidade de Itajaí – vol.1.*

ICONOGRAFIA: *Azul marinho* (Itajaí, Visual, 2001. 47p. - contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Azul marinho* (Itajaí, Visual, 2001. 47p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Azul marinho* (Itajaí, Visual, 2001. 47p. - contracapa).

17. ANA CAROLINA DOS SANTOS

Natural de Brusque – SC.

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Quem escreve nunca está sozinho* (poesia, conto - Blumenau, Odorizzi, 2003. 107 p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Quem escreve nunca está sozinho* (poesia, conto - Blumenau, Odorizzi, 2003. 107 p. - contracapa).

18. ANA DELMAR

GÊNERO: poesia

OBRA: *Risos e lágrimas* ([s.l.: s.n.], [19-]. 68p. il.).

19. ANA ESTHER

Ana Esther Balbão Pithan nasceu em Erechim – RS no dia 21 de março de 1965 e mora atualmente em Florianópolis – SC. É formada em Letras Inglês pela UFRGS e possui mestrado em Literaturas de língua inglesa pela UFSC.

Iniciou seus trabalhos literários em 2004, quando fez exposições das charges do seu personagem de cartunismo *O Pelícano* e publicou o seu primeiro livro de contos, *Terapia Ocupacional, contos*, lançado oficialmente na Feira do Livro de Porto Alegre. É autora, ainda, de vários personagens infantis e para a terceira idade, como a *Boneca Cremilda* e a *Mega Vó*, além de outros que não foram publicados.

Pertence à Associação de Contistas Poetas e Cronistas Catarinenses e participou da *Sexta Antologia da ACPCC*. Atualmente divulga seus trabalhos no jornalzinho *Letras Santiaguenses* – Santiago do Sul – RS; crônicas da personagem Mega, no jornal *Cultura&Lazer* (Florianópolis); no site *Recanto das Letras* (<http://recantodasletras.uol.com.br>) e no seu blog: <http://pelicanaesther.blogspot.com>; a autora participa, ainda, de um site em língua inglesa: [htt://www.booksie.com/Ana_Esther](http://www.booksie.com/Ana_Esther).

ICONOGRAFIA:

<http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=37245>

GÊNERO: Lit. Infanto-juvenil, conto, crônica

OBRA: *Terapia ocupacional* (conto – Florianópolis, Ed. Deletra, 2004. il. da Autora); *A mochileira tupiniquim nas trilhas da nova caledônia* (relato de viagem – Florianópolis, Ed. da Autora, 2005, il. da Autora); *A viagem, o concurso e o vacilo* (Lit. infanto-juvenil – 2005, il. da Autora); *O susto da Cremilda/Scaring Cremilda* (Lit. Inf. Bilíngue Port/Ing – Florianópolis, Ed. da Autora, 2006, il. Júlio Felício); *Cremilda Ecológica/Cremilda Goes Ecological* (Lit. Inf. Bilíngue Port/Ing – Florianópolis, Ed. da Autora, 2006); *Cadê o Cagu?* (Lit. infanto-juvenil – Florianópolis, Ed. da Autora, 2010).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora; <http://pelicanaesther.blogspot.com>; recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=37245.

20. ANA ESTHER BALBÃO PITHAN

Ver Ana Esther.

21. ANA JANETE PEDRI DE ANDRADE LOPES

GÊNERO: lit. Infanto-juvenil

OBRA: *O amiguinho círculo* (Florianópolis, LADESC, 1985).

22. ANA LICE BRANCHER

Nasceu em Santa Catarina. Possui graduação em História pela UFSC (1986), mestrado em Literatura pela mesma um universidade (1993), doutorado em História pela UFRGS (2002) e pós-doutorado em Paris (2007/2008). Atualmente é professora de História no Colégio de Aplicação da UFSC.

Além dos livros de ficção, publicou *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos* (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1999), organizou o volume *História do gosto e outros poemas de Ernani Rosas* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1997) e elaborou (em colaboração) o programa para computador “Movimento sem terra e poderes políticos – a questão de terra no Brasil”.

ICONOGRAFIA: <http://lattes.cnpq.br/9378840772199974>

GÊNERO: romance, poesia, lit. infanto-juvenil

OBRA: *Gugu da barriga verde* (lit. infanto-juvenil – Florianópolis, LADESC, 1985); *Oito sonetos* (poesia – Florianópolis, Ed. da Autora, 1991); *Catarina, a mameluca* (romance – Joinville, Letradágua, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: *A mulher catarinense* – catálogo da exposição (Florianópolis, 1990); *História de Santa Catarina: estudos*

contemporâneos (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1999, p.211);
<http://lattes.cnpq.br/9378840772199974>.

23. ANA LUÍSA DE AZEVEDO CASTRO

Ver Indígena do Ipiranga.

24. ANA MARIA DE SOUZA PACHECO

Nasceu em Orleans – SC, no dia 21 de novembro de 1958. Órfã de mãe aos 10 anos, foi muito maltratada pela madrasta e, devido ao fato de não obedecer à nova esposa do pai, que lhe ordenava roubar, seu castigo era não ir à escola e ficar sem comer. Vendia limão e goiaba para comprar cadernos e lápis. Aos treze anos, abandonou definitivamente a escola e foi trabalhar como doméstica. Ao descobrir que a avó da patroa possuía uma biblioteca, ela começou a trocar faxinas toda semana por empréstimos de livros.

ICONOGRAFIA: *A volta e o destino* (Orleans: [s.n], 2005. 136p.).

GÊNERO: romance

OBRA: *Riqueza amarga* (Orleans, ELO, 1995. 136p.); *A volta e o destino* (Orleans: [s.n], 2005. 136p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A volta e o destino* (Orleans: [s.n], 2005. 136p. - contracapa).

25. ANA MARIA KOVÁCS

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1948, e é radicada em Blumenau – SC, desde 1976. É jornalista, professora universitária aposentada, contista, romancista e escritora de literatura infantil. Formou-se em Comunicação Social e doutorou-se em Letras na UFRJ. Fez o curso de piano no Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro. Como jornalista,

trabalhou no *Correio da Manhã* (RJ, extinto), no *Jornal do Brasil* (RJ) e no *Jornal de Santa Catarina* (SC).

Em fins da década de 1970, mudou-se para Blumenau e passou a lecionar na FURB. Participou da equipe de fundação e dirigiu a *Revista de Divulgação Cultural* (FURB), a revista de divulgação científica *Dynamis* (FURB) e o jornal comunitário *O Caminho*, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, onde trabalhou como jornalista-responsável e editora. Voltou ao *Jornal de Santa Catarina* como colunista em setembro de 2004, e ao *Caminho*, como jornalista-responsável, em março de 2005.

Como professora, atuou na Universidade Federal Fluminense (Niterói/RJ), no Instituto Izabela Hendrix (BH/ MG) e na Universidade Regional de Blumenau (SC). Aposentou-se em dezembro de 1997, a fim de dedicar-se integralmente à produção literária.

Colaborou no *Jornal de Santa Catarina*, com contos e poemas, entre 1979 e 1981; na revista *Blau* (RS) em 1998 e, desde setembro de 2004, passou a integrar o time de colunistas do *Jornal de Santa Catarina*, publicando uma crônica por semana, às quintas-feiras.

Pertence à Academia de Letras Blumenauense, ocupando a Cadeira Emma Deeke. Dentre suas premiações, recebeu duas menções honrosas em concursos nacionais de poesia; uma menção honrosa no concurso *Virgílio Várzea de Contos* (Fundação Catarinense de Cultura, 1983) e 1º lugar no *Concurso Estadual de Contos do Sindicato dos Professores de Santa Catarina* (1986); 1º lugar no gênero poesia e seleção para publicação no gênero conto, no *V Concurso Internacional de Outono* da Editora AG (SP, 2000). Traduziu o conto “Um anjo na escuridão” para o japonês.

Quase toda a sua obra é dedicada à literatura infanto-juvenil. Também está presente em antologias de poesia como: *Poetas de Blumenau* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982); *A nova poesia brasileira* (Rio de Janeiro, Shogun, 1983); *Nova literatura brasileira* (Rio de Janeiro, Shogun, 1983); *Poetas brasileiros de hoje* (Rio de Janeiro, Shogun, 1984); *500 outonos de prosa e verso* (São Paulo, AG Editora, 2000).

Participa, ainda, das seguintes antologias de contos: *Contistas de Blumenau* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1980); *Nova literatura brasileira* (Rio de Janeiro, Shogun, 1984); *Escritores brasileiros de hoje* (Rio de Janeiro Crisalis, 1984); *Poetas e contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989, p.39); *As mais lindas histórias de Natal* (RS, Sinodal, 1998); *500 outonos de prosa e verso* (São Paulo, AG Editora, 2000); *Blumenauaçu 2- antologia de escritores blumenauenses* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, SC, 2000); *Um rio de letras* (Blumenau, 2002); *Blumenauaçu na ponta dos dedos - antologia tátil de escritores blumenauenses* (Blumenau, Cultura em Movimento, 2002); *A árvore da vida* (São Paulo, AG Editora, 2003).

GÊNERO: lit. infanto-juvenil, poesia, conto, crônica, romance

OBRA: *Entre a Terra e o infinito* (conto, ficção-científica – Rio de Janeiro, Shogun, 1985); *Sonhos de criança* (poesia infantil – Belo Horizonte / Santa Catarina, Ed. Nova Safra, 1988); *Bomba relógio* (conto – Blumenau, Ed. da FURB, 1993); *O canto da sereia* (romance juvenil – São Leopoldo, RS, Ed. Sinodal, 1996); *O pinguim que procurava o sol* (literatura infantil – São Leopoldo, RS, Ed. Sinodal, 1998, il. em aquarelado por Marília Pirillo); *O monstro atômico* (romance juvenil - São Leopoldo, RS, Ed. Sinodal, 1998, il. em preto e branco por Paula Mastroberti), *O burrinho que calculava* (lit. infantil – Blumenau, Ed. Hemisfério Sul, 1998), *A história de Blumenau em quadrinhos* (história em quadrinhos - com Rubens C. Belli (desenhos), edição comemorativa dos 150 anos da cidade, Ind.Têxtil Maju, Blumenau, 2000); *Que bicho é esse?* (lit. infantil – Blumenau, Ed. da FURB, co-autoria de Carlos Eduardo Zimmermann, il. de Paulo Cunha, 2001); *As três casas* (lit. infantil – Juiz de Fora, Ed. Franco, 2005); *Coleção ler com prazer* (literatura infantil – Juiz de Fora, 2005); *Viajando com dona poesia* (poesia infantil - 10 volumes, il. da Autora, Blumenau, Ed. Otto Kuhr, 2006), projeto em parceria com a FCC, 2006; *Tecendo memórias* (conto e crônica para a terceira idade – co-autoria de Anete Beatriz Ern, cronista – Blumenau, Fundação Municipal de Cultura de Blumenau, Conselho Municipal de Cultura, com subsídio do Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Blumenau, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: *Poetas de Blumenau* (Fundação Casa Dr. Blumenau, SC, 1982, p.29); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.168); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.63); *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009); *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.31-38); dados fornecidos pela própria autora.

26. ANA MARIA MARQUES

Nasceu em Florianópolis – SC. Licenciada em História pela UFSC (1989) e mestre em História na mesma universidade (1995). É professora de história na Univali e trabalha na área da pesquisa sobre temas que envolvem culturas em especial italiana e açoriana e identidades.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Nova Trento in canto de fé* (Itajaí, Ed. da Univali, 2000. 95p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Nova Trento in canto de fé* (Itajaí, Ed. da Univali, 2000. 95p. - contracapa).

27. ANA MARIA PIMENTAEL CARIONI

Nasceu em Laguna – SC e atualmente vive em Florianópolis – SC. Formou-se no magistério do Colégio Coração de Jesus e lecionou em diversas instituições. É professora e dedica-se à pintura a óleo e desenho a carvão.

Participou de vários concursos literários, dentre eles, o *Primeiro Concurso para a Terceira Idade* (Fundação “Viva Vida”) e o *Segundo Concurso de Conto & Poesia*, patrocinado pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de Florianópolis.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Devaneio* (Florianópolis, [s.n], 1998. 43p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Devaneio* (Florianópolis, [s.n], 1998. 43p. - contracapa).

28. ANA RITA DOS SANTOS LOPES

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *A mais fabulosa confeitaria do mundo* (Florianópolis, LADESC, 1985).

29. ANACLETA MATEUS OLEGÁRIO

Nasceu no dia 16 de janeiro de 1938, em Camboriú – SC. Formada em Contabilidade, exerce o magistério há muitos anos.

ICONOGRAFIA: *Primícias do meu jardim* (Camboriú, Ed. da Autora, [s.d.] - contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Primícias do meu jardim* (Camboriú, Ed. da Autora, [s.d.]).

FORTUNA CRÍTICA: *Primícias do meu jardim* (Camboriú, Ed. da Autora, [s.d.] - contracapa).

30. ANAIR WEIRICH

Nasceu em Chapecó – SC em 02 de novembro de 1951.

Anair Weirich é autora e participante do projeto de cartões postais *Chapecó em Versos* e pertence a vários grupos literários, associações e academias: Associação Chapecoense de Escritores; Academia Parano-Catarinense de Letras (sócia honorária em 2007), onde ocupa a Cadeira 36; União Brasileira de Escritores – seccional SC; Sociedade Escritores de Blumenau; Academia Internacional de Letras Três Fronteiras; Centro de Estudos de Difusão Cultural Romanguera Corrêa; Associação Uruguaiense de Escritores e Editores; Academia Internacional de Ciências Humanísticas; Clube da Poesia de Uruguiana.

A autora colabora com diversos jornais alternativos do país, em cidades como Brasília, Porto Alegre, Florianópolis e Belo Horizonte e participa das antologias: *Palavra descalça* (Lajeado, RS, 1987); *Mil poetas brasileiros* (Porto Alegre, RS, 1988); *Poeta, mostra tua cara* (Nova Prata, RS, 1992); *Agenda alcance 95* (Porto Alegre, RS); *Antologia do adeus* (Rio de Janeiro, RJ, 2000); *Agenda arte 2003* (Curitiba, PR, 2003); *Agenda tribo 2003* (São Paulo, SP, 2003); *Letras do novo milênio* (Rio de Janeiro, Ed. Taba Cultural - conquista do 1º lugar em concurso desta antologia, 2005); *Letras do novo milênio – um rio de letras* (vol. II, SEB, 2005).

Recebeu as seguintes premiações: troféu *Christaldo Rodrigues Lima* (1988); troféu *Personalidade feminina em literatura* (1990); *Destaque profissional do oeste de SC – 9ª edição* (1996); troféu participativo do *Encontro de Escritores em Jaraguá do Sul - SC* (2001); troféu *Homenagem do Dep. de Cultura de Chapecó aos Poetas da ACHE* pelo lançamento da 8ª antologia (2002); prêmio de 1º lugar no Concurso *Letras do Novo milênio* (Rio de Janeiro, Ed. Taba Cultural, 2005).

Além da escrita de ficção, a autora possui os seguintes livros não ficcionais: *Mensagens para um dia melhor* (1999); *Palavras de ânimo para momentos difíceis*; *Agenda mensageira* (2000); *Calendário mensageiro*; *Caixinhas do saber*; *Anjos do saber*; *Sabedorias essenciais* (mensagens – 2002); *Estrela mensageira* (2003); *Santa Paulina: nunca, jamais, desanimar!* (2003); *Correndo para o encontro* (editado por Previne – gestão humana – Blumenau SC); *Seara vida* (editado para a divisão de RH da Seara Alimentos – Seara –SC); *Semanário de orações Santa Paulina* (orações semanais); *Livro lúdico das cores* (mensagens).

A escritora é verbete nos seguintes dicionários: *Dicionário bibliográfico de escritores brasileiros contemporâneos* (Teresina, Piauí, Adrião Neto, 1998); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras – 2002* – org. Nelly Novaes Coelho – Rio de Janeiro – RJ.

ICONOGRAFIA: *Reavivando emoções* (Passo Fundo, Ed. Padre Berthier dos Missionários da Sagrada Família, 1997).

GÊNERO: Lit. infanto-juvenil; poesia; crônica

OBRA: *Melodias do coração; Doce jeito de ser criança* (poesia infantil); *Histórias para enternecer corações* (relatos de viagens, com histórias de fundo moral); *Reavivando emoções* (Passo Fundo, Ed. Padre Berthier dos Missionários da Sagrada Família, 1997); *Poesias do cotidiano* (Passo Fundo, Ed. da Autora, 1998); *As paredes da minha Infância* (poesias – 2000); *Poesias.com.crônicas* (poesia, crônica – 2002); *Filha minha, escute aqui!* (2002); *Pintando poesia* (lit. infantil – 2003); *Melodias do coração* (Xanxerê – SC, Ed. da Autora, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: *Reavivando emoções* (Passo Fundo, Ed. Padre Berthier dos Missionários da Sagrada Família, 1997 - contracapa); <http://anairweirich.blogspot.com>; *Dicionário bibliográfico de escritores brasileiros contemporâneos* (Teresina, Piauí, Adrião Neto, 1998); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (Nelly Novaes Coelho, Rio de Janeiro, 2002, p.62).

31. ANGELA MORAES DE SOUZA

Nasceu no Rio de Janeiro – RJ, mas reside em Florianópolis – SC desde 1979. É formada em Arquitetura pela Universidade Federal Fluminense. É membro da Associação Catarinense de Artistas Plásticos – ACAP. Participou da *1ª Antologia em prosa e verso* (Associação dos cronistas, poetas e contistas catarinenses, Florianópolis, Papa-Livro, 1998); *3ª Antologia* (Associação dos cronistas, poetas e contistas catarinenses, Florianópolis, ACPCC, 2000) e da *4ª Antologia* (Associação dos cronistas, poetas e contistas catarinenses, Florianópolis, ACPCC, 2001).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Palavras nuas* (2002).

FORTUNA CRÍTICA: *5ª Antologia poética* (Florianópolis: ACPCC, 2002, p.32-36).

32. ANNA PAULA MOSER MONGCONÂN

Nasceu em Ibirama – SC em 1990. Desde cedo, destacou-se nas atividades literárias e artísticas, como o teatro, a dança, as declamações e a escrita. As primeiras declamações poéticas surgiram nos últimos anos das séries iniciais, vindo mais tarde tomarem forças resultantes no livro.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poesias com a minha cara, mas que podem ter a sua também* (Ibirama, Ed. Edigrave, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: *Poesias com a minha cara, mas que podem ter a sua também* (Ibirama, Ed. Edigrave, 2006 - contracapa).

33. ANNI BRUNNER

Viveu um período em Blumenau – SC e lá fundou a Editora Krystall-Verlag. Publicou uma revista mensal teuto-brasileira endereçada ao público jovem.

OBRA: *O falcão nobre; A maldição de um momento infeliz; A vida é luta; O palácio branco; Horas solenes; O buquê de flores; A renovação do mundo.*

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.126).

34. ANTONIETA DE BARROS

Ver Maria da Ilha.

35. APOLÔNIA GASTALDI

Nasceu em Indaial – SC, em 09 de fevereiro de 1934. Cursou Pedagogia, exerceu o magistério e lecionou em diversos níveis de ensino e também em diversas disciplinas (Psicologia, Sociologia, Desenho e História da Arte, Ciências Físicas e Biológicas e outras). Possui especialização em Administração Escolar.

Desde criança viveu em um mundo cercado de leitura, tendo ao seu redor livros, textos e pesquisas. O resultado é que ainda adolescente começou a escrever poesias e publicá-las na imprensa catarinense e de outros estados. Foi a primeira catarinense a cursar e concluir o Curso de Educação Física do Paraná. Fez teatro amador e chegou a dirigir alguns grupos.

Iniciou na literatura com a obra *A força do berço*, em 1986, e, em 2005, lançou uma nova edição desse romance, intitulando-o *A força do berço I – a herança*.

Seu poema “Sibilos” foi selecionado para o prêmio *Rodrigues Pacheco de Poesia* e publicado em coletânea.

Manteve, em 1987, uma coluna literária no Jornal *Vale do Norte*, de Ibirama – SC e participa da antologia *Poetas e Contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989).

Em 2005, lança oito livros de uma só vez: *A força do berço* (I, II, III e IV).

A autora também escreveu um romance baseado em fatos reais: *Barra do Cocho*, que narra os 50 anos de colonização dos moradores do Vale do Itajaí, que utilizavam uma balsa para atravessar o rio Itajaí-Açu, entre a Barra do Cocho e a residência da família Odebrecht.

Gastaldi também enveredou pela literatura infanto-juvenil com o livro *Anjos azuis*, o qual aborda problemas vividos pela juventude atual.

O sétimo e oitavo livros lançados em 2005 são de poesia: *Amor*, uma compilação de 39 poemas, e *Mar*, que conta a história de um marinheiro

solitário que, em seu veleiro, navegando em mar aberto, apresenta suas recordações, sonhos, decepções, delírios e medos.

Atualmente leciona na Universidade do Alto Vale do Itajaí. Participa de algumas Academias de Letras, no país e exterior (Academia Anapolina de Letras, Academia Goianense de Letras, The International Academy of Letters of England).

ICONOGRAFIA:

br.geocities.com/prosapoesiaecia/SupIlha100mar07.htm

GÊNERO: poesia, romance

OBRA: *Sibilos* (poesia – [s.l.: s.n.,s.d]); *Panoramas I e II* (poesia - [s.l.: s.n.,s.d]); *Morro dos pelados* (poesia - [s.l.: s.n.,s.d]); *A força do berço I – a herança* (romance - Ed. Diversas, 2005); *A força do berço II – segredos* (romance - Ed. Diversas, 2005); *A força do berço III – sinais* (romance - Ed. Diversas, 2005); *A força do berço IV – regresso* (romance - Ed. Diversas, 2005); *Anjos azuis* (romance juvenil - Ed. Diversas, 2005); *Mar* (poesia – Ed. Diversas, 2005); *Amor* (poesia – Ed. Diversas, 2005); *Barra do cocho* (romance histórico – Ed. Diversas, 2005).

FORTUNA CRÍTICA: *Poetas e contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989, p.89); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.68); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.74); *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

36. ARACELY BRAZ

Nasceu em Joinville – SC, em 25 de maio de 1925. Dedicou-se muito tempo ao magistério e hoje é professora aposentada. Vive atualmente na Praia da Enseada, em São Francisco do Sul – SC. É membro fundador do Grupo Literário *A ilha*.

Participa das seguintes antologias: *Um toque de poesia; Poetas da praça; Poesia viva; Fim de noite; A nova poesia catarinense; Poetas da cidade; Poesia do mar* e outras.

Publicou, ainda, nos jornais *A notícia, Extra, Diário, Jornal de Santa Catarina*, na revista *Poemarte* e suplemento literário *A ilha*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Pedaços de mim* (1990); *Eureka* (1995); *Tela viva* (2007).

FORTUNA CRÍTICA: www.riototal.com.br/coojornal/amorim052.htm.

37. ARITA DAMASCENO PETTENÁ

Nasceu em Florianópolis – SC em 28 de junho de 1932, mas está radicada em Campinas – SP. Seus primeiros estudos foram feitos em Florianópolis, onde trabalhou como taquígrafa na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, de 1951 a 1953. É formada em Letras Anglo-germânicas na PUC de Campinas (1969); em Pedagogia na Faculdade de Ciências e Letras Geraldo Rezende – Suzano – SP (1977) e em Estudos Sociais na mesma faculdade (1981). Mais tarde fez cursos de extensão universitária e especialização nas áreas de jornalismo, linguagem, comunicação, expressão, informação, política, segurança e desenvolvimento, etc.

Trabalhou como professora de português e inglês na rede estadual de ensino. Foi diretora de várias escolas de Campinas. Foi também assessora técnica da coordenadoria de ensino do interior. Em 1989 foi eleita vereadora para a Câmara Municipal de Campinas pelo PTB.

Sua vida literária começou cedo. Ainda adolescente já possuía o hábito de escrever. Colaborou com diversos jornais e revistas, publicando contos, poemas, crônicas e artigos. Também participou apresentando seus textos em solenidades, concursos, encontros literários, congressos e outros eventos culturais.

Arita Damasceno Pettená pertence às seguintes instituições: Casa de Francisca Júlia; Clube Soroptimista Internacional; Academia

Campineira de Letras; Academia Campinense de Letras e Artes; Membro Honorário da Academia Maçônica de Letras; membro correspondente de várias outras Academias; Movimento Poético Nacional; Casa do Poeta de São Paulo; Presidente do Clube dos Poetas de Campinas; Vice-Presidente da Casa do Poeta de Campinas; Diretora Cultural e Vice-Presidente da Associação de Educação o Homem de Amanhã (Guardinha); membro da ABAL, APAMPESP; APEOESP; CPP; Sindicato do Servidor Público de São Paulo; mentora do projeto cultural *3a. Feira*, da Biblioteca Municipal de Campinas. Dentre seus vários projetos, é autora do projeto que criou o Conselho Municipal da Mulher. Recebeu muitos prêmios e distinções diversas, dentre eles, medalha *Carlos Gomes* (Prefeitura de Campinas, 1975; medalha *Governador Pedro de Toledo* – Veteranos de 1932/1976; título de *Cidadania Campineira*, 1971.

ICONOGRAFIA:<http://blogdaarita.blogspot.com/2007/12/precisa-se-arita-damasceno-petten.html>

GÊNERO: poesia, crônica, conto

OBRA: *Cantigas de amor sem fim* (poesia); *Poema de amor maior* (poesia); *Gente que amei... causa que defendi* (crônica); *Nós* (crônica); *Bilhetes para o bicentenário de Campinas* (crônica).

FORTUNA CRÍTICA: *Primeira Antologia Poética de A Figueira* (Florianópolis, Ed. A Figueira, ago. 1993. p.27-32); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.76); <http://blogdaarita.blogspot.com/2007/12/precisa-se-arita-damasceno-petten.html>; *Grupo de Poetas Livres – 10 anos*. (Florianópolis, Editograf, 2008, p.57).

38. ARLENE CORDOVA LISBOA NASCIMENTO

Nasceu em Lages – SC no dia 01 de fevereiro de 1948. Colunista social e jornalista, colaborou com os jornais *A Gazeta*; *Correio Lageano*; *O Sol* e as revistas *Solução* e *Eco* (SC).

Participa das antologias *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Literatura 2º grau – vestibular* (Ed. do Autor, Pedro Albeirice, 1983).

GÊNERO: conto, crônica

OBRA: *Vivência: contos e crônicas* (Lages, Medigraf, 1980. 100p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.50); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.159).

39. ARYANE EVARISTO

Nasceu em Otacílio Costa – SC.

Participou das antologias *Entre sem bater* (SESC) e *Nono Carretão de versos e prosas: operários literários – 20 anos da ALE* (Lages, ALE, 2010).

ICONOGRAFIA: *Nono Carretão de versos e prosas: operários literários – 20 anos da ALE* (Lages, ALE, 2010, p.32).

GÊNERO: poesia

OBRA: À flor da pele.

FORTUNA CRÍTICA: *Nono Carretão de versos e prosas: operários literários – 20 anos da ALE* (Lages, ALE, 2010, p.32).



B

40. BAILARINA DAS LETRAS

Ilka Bosse – Bailarina das Letras - nasceu em Presidente Getúlio – SC, mas mora em Blumenau – SC desde 1966. É formada em Pedagogia – possui duas habilitações, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FURB. Atuou no Magistério Municipal de Blumenau, durante dez anos (1977/1987), quando abraçou com profissionalismo, a missão de ser empresária (comerciante), com sucesso até o presente.

É membro de várias sociedades e academias: Sociedade dos Escritores de Blumenau (2003); Conselho Acadêmico do Clube dos Escritores Piracicaba - SP, onde ocupa a Cadeira número 62 (2004); Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores; membro *Academicus Praeclarus*, do Clube dos Escritores Piracicaba, ocupando a Cadeira número 54 (2005); Academia de Letras Blumenauense, Cadeira número 20 (2005).

Em 2009 recebeu o título de *Persona Mundi* destinado às pessoas que se destacam nas áreas social, cultural e intelectual, no cenário internacional.

Participa das seguintes antologias: *Palavras Azuis (Coleção Prosa&Verso, Vol.3, 2004)*; *Um rio de letras II* (Antologia da SEB – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2004); *Poesia & Prosa da SEB* (Blumenau, 2005); *Um rio de letras III* (Antologia da SEB – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2006); *Poesia & Prosa da SEB* (Blumenau, 2006); *Cadernos do Clube dos Escritores Piracicaba - Vol. VII* (Piracicaba – SP, Ed. Degaspari, 2006); *Histórias de Natal* (Antologia da SEB – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2006); *Contos e crônicas* (2006); *Gente que é: contos e crônicas+Menschen unter Uns: Geschichten und Chroniken* (antologia da SEB – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2007); *Percursos – poesia – SEB 10 anos – Uma história de amor e literatura 1999/2009* (Blumenau, Ed. Nova Letra, 2009).

A poeta possui seus trabalhos publicados nos seguintes sites: http://www.simplesmentebeijaflor.com/menu_ilkabosse.html; Academia

Virtual Sala dos Poetas e Escritores (AVSPE):
<http://www.avspe.eti.br/poetas/ilka.htm>

ICONOGRAFIA: <http://www.seblumenau.org/isneldaweise.htm>

GÊNERO: poesia

OBRA: *O bailar entre letras* (Blumenau, Ed. Nova Letra, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: Sociedade Escritores de Blumenau (<http://www.seblumenau.org/isneldaweise.htm>); dados fornecidos pela própria autora.

41. BEATRIZ MONTENEGRO D'ACAMPORA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Meu canto amanhece* (Florianópolis, Ed. Roteiro, 1967).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.52).

42. BEATRIZ NIEMEYER

Maria Beatriz Niemeyer nasceu em Blumenau – SC, em 26 de maio de 1957. É professora de inglês, trabalha com dança, teatro e literatura. Desde 1971 escreve poesias, tendo obtido dois prêmios de literatura infanto-juvenil. Seu primeiro livro de poemas, *Conjugação*, foi lançado nas cidades de Blumenau, Joinville, Itajaí e Brusque.

Atuou com Lindolf Bell no *Movimento da Catequese Poética*, em 1977, declamando seus poemas em praças públicas de Itajaí. Participa das antologias *Poetas de Blumenau* (Fundação Casa Dr. Blumenau, SC, 1982, p.83) e *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica Blumenau, 1979, p.93-104).

Já cooperou em diversos jornais e revistas literárias de Santa Catarina, do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais. Seus poemas, traduzidos para o inglês e o alemão, possuem menções nos jornais *Brasil Post* (BR) e *Tigerton Chronicle* (EUA). A autora recebeu menção honrosa no II Concurso Nacional de Poesia da revista *Brasília*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Conjugação, poemas* (Blumenau, Edit. do Autor, 1973).

FORTUNA CRÍTICA: *Poetas de Blumenau* (Fundação Casa Dr. Blumenau, SC, 1982); *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica Blumenau, 1979, p.93-104); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.280); *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.18); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.163-64).

43. BELINHA RIBEIRO

Nasceu na cidade de Araranguá – SC. Escreveu desde pequena, mas somente depois de adulta tornou público seu trabalho, declamando a poesia “Planeta Terra”, no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, durante um congresso. Participou de concursos de poesias e crônicas em todo o país, recebendo menções honrosas, homenagens e premiações. Tem se apresentado em promoções de vários estados.

ICONOGRAFIA: *Além das muralhas* (Curitiba: Ed. da Autora, 1999).

GÊNERO: crônica, poesia

OBRA: *Além das muralhas* (Curitiba, Ed. da Autora, 1999).

FORTUNA CRÍTICA: *Além das muralhas* (Curitiba, Ed. da Autora, 1999 - contracapa).

44. BERENICE ROCHA ZABOTT GARCIA

Nasceu em Joinville – SC, a 30 de agosto de 1961. É graduada em Letras, pela UNIVILLE (1982), fez mestrado em Letras pela UFPR (2000) e é Doutoranda da PUC-SP, no programa de Psicologia da Educação, onde pesquisa sobre a importância da extensão universitária na formação acadêmica. Atualmente é professor titular da Universidade da Região de Joinville, ministrando aulas de Teoria Literária e Língua Portuguesa no Curso de Letras, atua como Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários desde o início de 2009. Participa, atualmente, na UNIVILLE, do projeto de pesquisa intitulado “Joinville Literária”, coordenado pela professora Taíza Mara Rauen Moraes.

Fragmentos da noite é o único livro de ficção da autora; mas, ela escreveu, ainda, duas outras obras não ficcionais: *Uma educação pela Infância: Diálogo com o currículo do 1º ano de Ensino fundamental* (Joinville, UNIVILLE, 2009. 141 p.); *Direitos humanos: infância e adolescência - A contribuição da extensão universitária* (Joinville, Editora UNIVILLE, 2008. v. 1. 118 p.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Fragmentos da noite* (Joinville, 1984).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.216); dados fornecidos pela própria autora.

45. BERNADETE DOS SANTOS VIANA

Nasceu em Guaíba – RS e mudou-se com a família para Florianópolis – SC. Em 1966, mudou-se para Porto Alegre – RS onde cursou Jornalismo na PUC. Assim que se formou, foi homenageada pela Prefeitura de Guaíba por ser a primeira jornalista formada na cidade. Nessa época, trabalhou nos jornais *Correio do Povo*, *Zero Hora*, nas rádios *Princesa* e *Porto Alegre*, na capital gaúcha. Em junho de 1972, foi trabalhar no

récem-criado *Jornal de Santa Catarina*, em Blumenau, assumindo logo depois a sucursal de Florianópolis.

Dez anos depois, trabalhou na Assessoria de Imprensa do Gabinete de Planejamento (Gaplan) do governo do Estado e na Agência de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina (Agecom/UFSC), onde se aposentou em 1996.

Atualmente a autora dedica seu tempo ao esporte. É tenista há 15 anos. Já foi a número um do Estado e esteve entre as quatro melhores do Brasil nos últimos quatro anos. Editou o jornal da Federação Catarinense de Tênis (FCT) durante seis anos. Em 2004 tornou-se piloto de Rally.

GÊNERO: romance, memórias

OBRA: *Eu tenho um cavalo zaino – memórias de uma jornalista* (Memórias - Florianópolis, Insular, 2005); *Um boné para o presidente* (romance - Florianópolis, Insular, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: *Eu tenho um cavalo zaino – memórias de uma jornalista* (Florianópolis, Insular, 2005 - contracapa).

46. BETTY BORGES FORTES

Betty Yelda Brognoli Borges Fortes nasceu em Laguna – SC em 1926, mas está radicada no Rio Grande do Sul desde pequena, tendo vivido parte de sua vida no Rio de Janeiro. Cursou o ensino fundamental em Porto Alegre, onde se graduou em Filosofia (PUCRS), Música (UFRGS) e, finalmente, Direito (UFRGS). Fez o doutorado em Direito pela Universidade de Madri (Espanha); especializou-se em Direito Marítimo e Aeronáutico.

É advogada, professora universitária, poeta e biógrafa. Como advogada, atuou nas Justiças Comum e Federal; exerceu o magistério, dando aulas em diversos ramos do Direito na Escola de Pós-graduação da Ordem dos Advogados do Brasil-RS, nas Universidades Ritter dos Reis, de Caxias do Sul e na Escola Oswaldo Vergara da OAB/RS.

Atualmente é membro da UBE/RS e de SP, da Academia Rio-Grandense de Letras e vice-presidente do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul.

Detém Láurea por *Relevantes Serviços ao Magistério Superior*, da Faculdade Ritter dos Reis; medalha *Oswaldo Vergara*, da OAB; grau comendador; destaque da Associação de Mulheres de Carreira Jurídica/1966; fundadora e presidente de honra da Associação Porto-Alegrense de Cidadãs; presidente fundadora do Clube Soroptimista Internacional de POA; primeira Presidente mulher do Rotary Clube de POA/1995-6.

Começou a escrever cedo quando ainda era adolescente. Colaborou em jornais e obteve um rodapé de crítica literária no *Jornal do Dia* (PA), onde divulgava poetas que surgiam (Carlos Nejar, Celso Luft, etc) ou aqueles já consagrados, como Jorge de Lima. Colaborou no *Jornal do Dia*; *Diário de Notícias*; *Correio do Povo*; *Rev. Província de São Pedro*; *Cultura Contemporânea*; *Globo*; *Véritas* (PUC/RS); *Rev. da Academia Rio-Grandense de Letras/1997-98*; *Idade Nova, Estudos* – todos de POA; *Rev. Brasileira de Direito Aeroespacial* e *Rev. Jurídica RJ*; *Il Diritto Aereo/1977* (Roma).

No campo literário, participou, ainda, em: *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*; *Antologia poética* (1981); *Modernidade poética no RS*; *Guia de escritores brasileiros* (SP, 1997); *Caminhada literária* (UBE/RS, 1997).

É verbete no *Dicionário de mulheres*, de Hilda Flores e no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*, de Nelly Novaes Coelho.

GÊNERO: poesia e biografia

OBRA: *Novela Pascal* (poesia – Canoas-RS, 1958); *Orfeu* (drama - Canoas-RS, 1961); *Tempo de Espanha* (poesia - Porto Alegre, 1969); *Cosmódromo* (poesia – Rio de Janeiro, 1973); *Pongetti* (1973); e *Diálogos de Prossérpina e Alcestre* (poesia - 1996); *Arthur Pinto da Rocha: um homem rio-grandense* (biografia – Porto Alegre, 1998). .

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.77-78); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.93-94).

47. BIA NOGUEIRA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Por essa estrada* (Florianópolis, [s.n.], 1993).

48. BRAULINA HELENA DA ROCHA

Nasceu em 01 de abril de 1911 em Porto Belo – SC. Aos 7 anos, mudou-se com a família para Camboriú – SC. Sofreu com uma paralisia infantil, que lhe tomou parcialmente os movimentos do braço esquerdo. Ainda assim, trabalhou para a alta sociedade como costureira e calceira.

GÊNERO: crônica, poesia

OBRA: *Braulina em prosa e verso* (Itajaí, Prefeitura Municipal, 2001. 56p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Braulina em prosa e verso* (Itajaí, Prefeitura Municipal, 2001. 56p. - contracapa).



C

49. CÁCIA LEAL DO NASCIMENTO

Cacilda Leal do Nascimento, ou Cácia, como gosta de ser chamada, nasceu em Lauro Müller no dia 29 de setembro de 1975. Participou de vários concursos de contos.

ICONOGRAFIA: *O pico do inferno* (Florianópolis, Paralelo 27, 1994. 228p.).

GÊNERO: romance, conto

OBRA: *O pico do inferno* (Florianópolis, Paralelo 27, 1994. 228p.).

FORTUNA CRÍTICA: *O pico do inferno* (Florianópolis, Paralelo 27, 1994. 228p. - contracapa).

50. CARLA CALAZANS

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *Kinkin, o pinguim* (Florianópolis, LADESC, 1985).

51. CÁRMEN NEVES

Nasceu em Porto Alegre – RS e é radicada em Criciúma – SC desde 1972. Graduou-se em Gestão de Recursos Humanos, pela Faculdade Michel. É membro da Academia Virtual Brasileira de Letras, onde ocupa a Cadeira número 263.

Participou das seguintes antologias: *Talento feminino em prosa e verso I e II*; *O amor que move o sol e outras estrelas*; *Percepções III*; *As cartas que nunca mandei*; *III^a Antologia do encontro luso-brasileiro de escritores*.

Possui seus trabalhos publicados em sites como:
www.carmenneves.prosaevero.net; <http://soparadizerquenhoumblog.blogspot.com/>; <http://www.avbl.com.br/website/c.htm>; www.recantodasletras.com.br; www.artistasgauchos.com.br; <http://literaturaperiferica.ning.com>

ICONOGRAFIA: www.carmenneves.prosaevero.net

GÊNERO: poesia, lit. infantil

OBRA: *Pensando em ti* (poesia - Porto Alegre, Ed. Palotti, 2000. 64p.); *A magia do farol* (poesia - Criciúma, Ed. Santo Antônio, 2002. 80p.); *Castelo dos desejos* (poesia - Criciúma, Ed. Santo Antônio, 2008. 207p.); *O sapo, a bruxa e a corrente do bem* (lit. infantil – Criciúma, Ed. JC Dias, 2010. 44p.); *Pensando em ti II* (Poemas que libertam a libido) (poesia - inédito, 2010. 100p.).

FORTUNA CRÍTICA: www.carmenneves.prosaevero.net

52. CAROLINE SILVEIRA DE SOUZA RODRIGUES ALVES

GÊNERO: poesia

OBRA: *Minha palavra* (Florianópolis, Papa-Livro, 2002).

53. CASTORINA LOBO DE S.THIAGO

Nasceu em Tubarão – SC em 28 de dezembro de 1884. Foi professora, jornalista e poetisa. Estudou na Escola Normal onde, depois de formada, trabalhou no magistério durante 40 anos.

Desde cedo escrevia na imprensa suas poesias e prosas, mas sua atividade mais intensa deu-se após a morte do marido, Vicente Lobo São Thiago, e de seus vários locais de transferência domiciliar (Rio de Janeiro, Blumenau e Florianópolis). Colaborou com os principais jornais e revistas de Florianópolis, Joinville e São Francisco do Sul.

Seu primeiro livro, *Rimas de outono* foi muito bem aceito pela crítica e adquirido pelo governo para distribuição em escolas públicas do Estado.

Ingressou na Academia Catarinense de Letras, em 1958, como sucessora de Delminda Silveira, ocupando a Cadeira número 10.

Um ano mais tarde publica *Clarinadas*, uma coletânea de poemas relacionada com o primeiro livro editado pela autora.

Dois anos depois, em 1961, foi vítima de uma lesão no nervo ótico, que a fez perder 90% da visão – essa doença a reteve no leito até a data de sua morte, que aconteceu em Blumenau no dia 24 de agosto de 1974.

Em 1962, lançou *Aquarela da ilha de Santa Catarina*, obra que recebeu menção honrosa em concurso promovido pela Academia Catarinense de Letras.

A poesia de Castorina S. Thiago é anti-modernista e trabalha, em geral, com a estrutura do soneto, com rimas e métrica do decassílabo, aproximando-se do Parnasianismo. Seus temas giram em torno da alegoria humana ou de descrições da natureza.

Em Santa Catarina, a Assembleia Legislativa, através do projeto da deputada Simone Schramm (PMDB), concede a Medalha de Mérito Castorina Lobo de São Thiago a professores que se destacaram com trabalhos na área da educação ou que tenham contribuído para seu desenvolvimento. Além disso, a escritora também é homenageada com nome de rua em Florianópolis.

ICONOGRAFIA: <http://www.poetaslivres.com.br/poeta.php?codigo=65>

GÊNERO: poesia

OBRA: *Rimas de Outono* (Florianópolis: Imprensa Oficial, 1955); *Clarinadas* (Florianópolis: [s.n.], 1959); *Aquarela da Ilha de Santa Catarina* (Florianópolis: [s.n.], 1962); *Cruel estigma* (novela inédita); *Meu álbum – versos do coração* (plaquete, manuscrita pela própria autora. Florianópolis, 1946).

FORTUNA CRÍTICA: *História da literatura catarinense* (Rio de Janeiro, 1957); *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.145); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.49); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.46); “Poetisa dos versos outonais” (NASCIMENTO, Cacilda Leal. In: *Ó Catarina!* set., 2001, p.12); *Criada Medalha de Mérito Castorina Lobo de São Thiago.* (Disponível em: [Escritoras brasileiras do século XIX, Florianópolis, Ed. Mulheres; Edunisc, vol. 2, 2004, p.1104-124\).](http://www.poetaslivres.com.br/poeta.php?codigo=65)

54. CATHARINA MARIA AMPEZE COSER

Nasceu em Nova Bassano – RS em 17 de março de 1931, mas reside há muito tempo em Lages – SC.

Iniciou a vida literária aos 58 anos de idade. Participou das antologias *Carretão nº6* (Lages, 1993); *Quando o amor acontece* (Lages, ALE, 2000) e *Nono Carretão de versos e prosas: operários literários – 20 anos da ALE* (Lages, ALE, 2010).

É autora da letra do Hino da Associação Lageana de Escritores e possui várias de suas poesias transformadas em música.

ICONOGRAFIA: *Nunca é tarde para sonhar* (Lages, Prefeitura Municipal, 1998 - contracapa).

GÊNERO: poesia, lit. infantil

OBRA: *Rabisco de um sonho* (poesia - Lages, 1990); *Nunca é tarde para sonhar* (poesia - Lages, Prefeitura Municipal, 1998. 149p. il.); *Ponto positivo da inspiração* (poesia - Lages, 2002); *Paraíso dos animais* (lit. infantil - Lages, 2003); *Expressão poética: cantos e poesias* (poesia - Lages, Pérola, 2005. 129p.); *A natureza pede socorro* (lit. infantil - Lages, [s.d.]); *Doce infância* (lit. infantil - Lages, [s.d.]).

FORTUNA CRÍTICA: *Quando o amor acontece*: antologia literária (Lages, ALE, 2000, p.11).

55. CECÍLIA DI BERNARDI

Nasceu em Santo Amaro da Imperatriz – SC em 14 de março de 1915 e logo veio morar em Florianópolis – SC, depois se mudou para o Rio de Janeiro – RJ. Foi professora de música e fundadora da Academia Santa Cecília, na qual lecionou e foi Diretora. Trabalhou como compositora e musicou algumas de suas poesias, além de participar de várias publicações em revistas e antologias. Membro da Academia Internacional de Letras – RJ e do grupo literário *A Figueira* – SC.

ICONOGRAFIA: *Primeira antologia poética de A Figueira* (Florianópolis, Ed. A Figueira, ago. 1993. p.45).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Reflexos de minha vida* (Florianópolis, Produção da Autora, 1996); *Nas veredas da poesia* (Florianópolis, Produção da Autora, 2001).

FORTUNA CRÍTICA: *Primeira antologia poética de A Figueira* (Florianópolis, Ed. A Figueira, ago. 1993. p.45-50); *Reflexos de minha vida* (Florianópolis, Produção da Autora, 1996 - contracapa).

56. CELESTE LAUS

Nasceu em Tijucas – SC aos 22 de abril de 1911. Aos 13 anos teve sua vida escolar interrompida por problemas de saúde da mãe, da qual teve de cuidar e assumir a casa e os irmãos menores. Aos 17 anos, com a morte da mãe e ainda mais responsabilidade, usava o tempo de sobra para aprender tocar piano e bordar à máquina e fez dos seus bordados uma participação no orçamento doméstico.

Suas tendências artísticas não foram deixadas de lado, participou de vários espetáculos em prosa, verso e canto, sendo dirigida pelo primo,

poeta, jornalista e teatrólogo Guilherme Varella. Seu dom de cantar a fez colaborar também em corais de igrejas. Por ser muito bonita, destacava-se nos bailes do Club 4 de Maio, o mais importante da cidade, e participou nos eventos do Club como declamadora ou cantora.

Celeste nunca casou, queria seguir a vida religiosa, mas a preocupação com os problemas familiares a impediu. Já morou em Porto Alegre, Rio de Janeiro e, em 1987, veio morar em Florianópolis.

A obra de Celeste Laus varia quanto à forma: ora escreve o clássico soneto ora trabalha com versos livres. Quanto aos temas, eles são bem variados: trabalha desde o cotidiano, passa pela religiosidade e vai até a busca dos sentimentos, sempre com profundos questionamentos e reflexões.

Celeste Laus é irmã dos saudosos escritores Harry Laus e Ruth Laus. Participou da coletânea *Shogun Arte*, em 1991, e *Um pedaço de papel*, em 2002.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poemas escolhidos* (Florianópolis, Rio de Janeiro, Ed. da Autora, 1985); *Seleção de poemas* (Florianópolis, Rio de Janeiro, Ed. da Autora, 1989); *Caderno de sonhos* (Florianópolis, Rio de Janeiro, Ed. da Autora, 1990).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990).

57. CÉLIA BISCAIA VEIGA

Nasceu em 19 de agosto de 1959, em Ponta Grossa – PR, mas reside há muitos anos em Joinville – SC. É funcionária do Banco do Brasil e, além de poeta, é atriz e também escreve peças de teatro, tendo algumas já montadas, como: *O despertar* e *Deus dá asas...*

Participou como cronista do jornal *A Notícia* nos anos de 2007 e 2008 e publicou seus poemas em diversos jornais, revistas, rádio e internet.

Atualmente é membro do Grupo Literário *A Ilha*. Participou de antologias como *Poesia: lucidez ou fantasia?*; *Poetas da praça*; *Poesia viva*; *A nova poesia do norte catarinense*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Palavras e exemplos* (volume da Coleção Poesia Viva).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

58. CÉLIA ZEN

Nasceu em São Paulo – SP, no dia 08 de novembro de 1955 e fixou residência em Brusque – SC desde 1974. É formada em Economia.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Presente* (Blumenau, Heck publicações, [200?]).

FORTUNA CRÍTICA: *Presente* (Blumenau, Heck publicações, [200?] - contracapa).

59. CHANDAL MARIA MEIRELLES NASSER

Nasceu em Curitiba – PR no dia 10 de outubro de 1958 e fixou residência em Florianópolis - SC. Formou-se em Biologia pela UFPR, fez mestrado em Genética pela mesma universidade e doutorado na Alemanha. Professora de Biologia na UFSC.

Recebeu o prêmio de Menção Honrosa no concurso *Luís Delfino* (1984). Participou da antologia *18 poetas catarinenses – a mais nova geração deles* (Florianópolis, Semprelo, FCC, 1991).

ICONOGRAFIA: *A alma não encolhe na chuva* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1993. 117p.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Os mil domingos* (poesia – São Paulo, Massao Ohno, 1985. 34p.il.); *Posses e disserções* (poesia - Florianópolis, Sanfona, 1985); *A alma não encolhe na chuva* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1993. 117p.).

FORTUNA CRÍTICA: *18 poetas catarinenses*: a mais nova geração deles (Florianópolis: FCC; Ed. Semprelo, 1991); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.51).

60. CIRCE GAMA D'EÇA TERTSCHITSCH

Nasceu em Florianópolis – SC.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Grades de vidro* (Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1983).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.57).

61. CIRILA DE MENEZES PRADI

Nasceu em Ponta Grossa – PR. É professora e exerceu o magistério em Santa Catarina (Rio Negrinho, Campo Alegre e Joaçaba) por 40 anos. Como Auxiliar de Inspeção, recolheu um vasto material contendo fontes históricas sobre a formação dos núcleos de povoação do Oeste Catarinense ao instituir a Associação *Aonde eu moro*, com o objetivo de cultivar a comunidade em todos os aspectos com vistas ao progresso e à integração da população.

GÊNERO: Romance

OBRA: *Chica-Pelega do Taquaruçu* (Florianópolis, [s.n], 2000. 87p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Chica-Pelega do Taquaruçu* (Florianópolis, [s.n], 2000. 87p. - contracapa).

62. CLARMI REGIS

Nasceu em Campos Novos – SC a 10 de novembro de 1943 e passou a sua infância e adolescência em Joaçaba - SC e toda a vida adulta em Florianópolis – SC. É graduada e possui mestrado em Literatura Brasileira e é doutoranda em Teoria Literária na UFSC. Professora de português, gramática, redação, compreensão de textos e literatura, iniciou no magistério aos 14 anos de idade, trabalhando com grupos que eram preparados para o exame de admissão no antigo ginásial, e lecionou para todos os níveis de ensino, até o superior.

Realiza diversos trabalhos junto ao MEC, à Secretaria Estadual de Educação, ao Colégio de Aplicação, ao Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da UFSC (Nupill) e à Volex. As pesquisas no campo da leitura e hipertexto foram aprofundadas no mestrado em Literatura Brasileira.

Ministra diversos cursos de produção textual, leitura e produção nos meios eletrônicos e elaboração do texto dissertativo e atualmente atua no curso superior. Além de oficinas de leitura e criação literária, proferiu inúmeras palestras sobre leitura e ciberleitura.

Foi uma das organizadoras do encontro “Do livro ao computador – esculpindo textos”, realizado em 2002 na UFSC. No Nupill criou um programa de ensino de “Leitura e literatura – o prazer da leitura”.

Desenvolve trabalhos de ensino em rede e consultorias e ministra cursos de produção textual em instituições diversas (UFSC, UDESC, BESC, JF, TRT).

Ganhou vários prêmios literários e participa de revistas e antologias. Obteve premiação em coletânea de contos e crônicas, de vários autores, editado pelo Colégio Catarinense em 1983; é detentora do troféu *Boi de mamão*, de 1999, conferido pela Câmara Catarinense do Livro, pela obra “Sombras e siluetas”, na categoria contos, publicado pela EdUFSC, dentro da Coleção Ipsilon Litteris.

Além dessa obra, publicou, ainda o conto “Madalena”, editado no número 24 (janeiro de 1999), da *Revista Literária Blau*, de Porto Alegre – RS; o conto “Maria”, publicado na edição de junho de 1999 do *Correio das Artes*, de João Pessoa – PB; e “Velhice”, conto, publicado

na antologia *O novo conto catarina*, org. por Regina Carvalho, EdUFSC, 2008.

Além de textos literários, Clarmi também possui participação em textos técnicos. A autora organizou a publicação da obra *Dez anos de vestibular – UFSC*, em 1991, e coordenou a equipe que elaborou a 1ª edição do livro *Uma escolha mais consciente no vestibular*, em 1989. Integra o livro de estreia da nova Coleção da EdUFSC, Literatura em zero e um: *Caminhos cruzados: informática e literatura*, org. por Adair de Aguiar Neitzel e Alckmar Luiz dos Santos, em 2005, onde aborda, no artigo *Democratização ou exclusão?*, o uso de ferramentas e processos digitais no contexto educacional; a obra *Memorial do PROLER Joinville*, com o texto “Redes de leituras”, editado pela Univille, em 2007; “Encontros de textos”, em *Múltiplas perspectivas em Linguística*, org. por José Sueli de Magalhães e Luiz Carlos Travaglia. ILEEL, Uberlândia, EDUFU, 2008; “O texto no espaço virtual: literatura em rede”, no site <http://www.nupill.org/arq/clarmi.pdf>, em 2002; e “Programa de ensino de leitura e literatura – o Prazer da Leitura”, em rede desde 2002, publicado no site <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/ensino/index.html>.

GÊNERO: conto, crônica

OBRA: *Sombras e Silhuetas* (conto - Florianópolis, Ed. da UFSC, 1998).

FORTUNA CRÍTICA: *O novo conto catarina* (Florianópolis, EdUFSC, 2008).

63. CLÁUDIA IARA VETTER

Nasceu em Blumenau – SC.

Possui seus trabalhos divulgados nos seguintes endereços: <http://www.personificando.blogspot.com/>; <http://riot-act.blogspot.com/>; <http://blogger.com/profile/01854862760715781574>.

GÊNERO: poesia

OBRA: *O retrato da nudez eólica* (Blumenau, [s.n.], 2009).

FORTUNA CRÍTICA: <http://www.personificando.blogspot.com>

64. CLÁUDIA LÚCIA MENEGATI

Nasceu em Curitibanos – SC.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Luzes ao amanhecer* (Passo Fundo, Berthier, 1986. 78p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.57).

65. CLÉOFA HOEPERS

GÊNERO: poesia (religiosa)

OBRA: *Catalográficas vivências* (Joinville, Ed. do Autor, 2002).

66. CLEZIA JUVENTINA DA CUNHA

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Uma mulher vestida de sol* (poesia - Florianópolis, Papa-livro, 1996).

67. CLOTILDE ZINGALI

Nasceu em São Paulo – SP, aos 19 de janeiro de 1966, e mora em Florianópolis – SC há mais de dez anos. É formada em Arquitetura. Faz parte do grupo *Zargata* de poetas de Joinville – SC. Recebeu o Prêmio da Fundação Cultural de Joinville e Governo do Estado, através

do *Edital de Apoio às Artes*, pela obra *Bricolages para geladeira* (2006).

ICONOGRAFIA: *Oco hálito: um agriôce de sabores estampado no céu da boca: poemas e receitas para o dia a dia* (Blumenau, Nova Letra, 2007. 152p.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Bricolages para geladeira* (Joinville, Fundação Cultural de Joinville e Governo do Estado, 2006); *Oco hálito: um agriôce de sabores estampado no céu da boca: poemas e receitas para o dia a dia* (Blumenau, Nova Letra, 2007. 152p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Oco hálito: um agriôce de sabores estampado no céu da boca: poemas e receitas para o dia a dia* (Blumenau, Nova Letra, 2007. 152p. - contracapa).

68. CÓRA LAUS SIMAS

Nasceu em Tijucas – SC em 23 de julho de 1915. Viveu em Curitiba, Laguna, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Itajaí, vindo a casar-se em 1949, na paróquia de São João Batista – SC. Em 1956, transfere-se com a família para Caçador – SC. Com a morte do marido, em 1963, volta a morar em Itajaí e depois em Florianópolis, onde faleceu em 03 de janeiro de 1969.

Córa vem de uma família de onze irmãos, dentre eles os escritores Ruth, Celeste e Harry Laus.

Foi estilista, jornalista, radialista e escritora. Colaborou no *Jornal do povo* de Itajaí e no *Jornal de Caçador*.

Sócio-fundadora do Lions Club de Caçador, escreveu e apresentou programas na rádio *Caçanjurê* no início da década de 1960, e teve presença constante na vida social da cidade.

O livro *A saudade olhada* traz poemas inéditos publicados em Itajaí e Caçador.

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *A saudade olhada* (poesia, crônica – Florianópolis, Ed. Laus, 2003).

FORTUNA CRÍTICA: *A saudade olhada* (Florianópolis, Ed. Laus, 2003 - contracapa).

69. CRISTIANE ELISABETH LONGO

Nasceu em Rio dos Cedros – SC aos 22 de novembro de 1973. Formou-se em Serviço Social pela FURB. Seus poemas foram publicados no *Jornal de Santa Catarina*; *Jornal do Vale* (Timbó); *Boletim Informativo*; *Folha Regional de Timbó*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Esconderijo das almas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1994. 60p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Esconderijo das almas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1994. 60p. - contracapa).

70. CRISTINA KLEIN

Nasceu no Rio Grande do Sul e, atualmente, mora em Blumenau – SC.

GÊNERO: Lit. infantil e infanto-juvenil

OBRA: publicou pela Ed. Todolivro (Blumenau, [200?]): Coleção “Bichinhos travessos”: *O banho de lama*; *O monstrinho*; *Travessuras do gatinho*; *A joaninha*; *Agitação no galinheiro*; Coleção “Bichos divertidos” em 3D: *É um monstro surpresa*; *O pintinho*; *Percival, a lagarta*; Coleção “Dia a dia” divertido: *Hora de brincar do Telmo*; *Hora de dormir do Telmo*; *Hora do banho do Telmo*; *Hora do café da manhã do Telmo*; Coleção “Fofurinhas”: *O cachorrinho*; *O coelhinho*; Coleção “Livrinhos do bebê”: *Insetos ocupados*; *Meu dia*; *Meus animais de estimação*; *Vamos sair*; Coleção “Amigos fofinhos”: *O cavalinho Caio*; *O porquinho Perci*; Coleção “Amiguinhos do mar”: *A estrela do mar*; *O*

cavalo marinho; O golfinho; O polvo; Coleção “Amiguinhos sonoros”: *A porquinha Poli; O cãozinho Dingo; O gatinho Mimoso; O ursinho Bóris;* Coleção “Aprendendo no trenzinho”: *Formas; Cores; Números; Opostos;* Coleção “Livro de rimas”: *Conte rimando; Rimas divertidas;* Coleção “Olhinhos brilhantes”: *Animais aloprados; Fazenda divertida; Mar maluco;* Coleção “Os insetos”: *Bento, a abelhinha; Lúcia, a joaninha; Teka, a aranha;* Coleção “Pequenos passos”: *As palavras: de 12 a 18 meses; As palavras: de 18 a 24 meses; As palavras: mais de 36 meses;* Coleção “Pequenos passos”: *Os animais: de 12 a 18 meses; Os animais: de 18 a 24 meses; Os animais: de 24 a 36 meses; Os animais: mais de 36 meses;* Coleção “Primeiros amigos”: *O cachorrinho; O cordeirinho; O macaquinho; O patinho;* Coleção “Que bicho é??: Alfabeto; Contando bichos; Coleção “Tijolinho”: *Palhacinho;* Coleção “Toque e sinta”: *A tartaruguinha; O coelhinho; O pintinho;* Coleção “Conhecendo”: *Cobras; Mega estruturas; Olimpíadas;* Coleção “Descobrindo valores”: *Amizade; Autoconfiança; Honestidade; Perseverança; Prudência; Respeito; Responsabilidade; Superação; Tolerância; Generosidade. Curiosidades em 3^a dimensão com óculos 3D;* Coleção “Escreva e apague aprendendo”: *O 1, 2, 3; O ABC;* Coleção “Meus pequenos amigos”: *Samba, o cãozinho; Eu já sei escrever com letra cursiva; Eu já sei escrever com letra de forma; Livro estêncil: eu conheço os números; O espaço; As grandes batalhas do século XX; As sete maravilhas do mundo.*

FORTUNA CRÍTICA: Ed. Todolivro (Blumenau - catálogo).

71. CRISTINA MARQUES

Nasceu em São Paulo – SP, no dia 03 de dezembro de 1963, e mora em Blumenau – SC desde 1988. É formada em Letras e Teologia e possui Pós-graduação em Marketing e Gestão de Terceiro Setor.

Atua no mercado editorial há mais de 25 anos, é escritora, empresária do ramo editorial e empreendedora social. É presidente do Instituto Evoluir e criou os projetos *Livro Livre, Futuro Emprendedor* e *Troque Lixo por Livro*. Com este último projeto, ganhou os seguintes prêmios: *Troféu Martinho Bruning* - Sociedade de Escritores de Blumenau (2005); *Revelação Emprendedora* - Câmara da Mulher Empresária de

Blumenau (2005); *Sebrae Mulher Emprendedora Nacional* (2006) e representou o Brasil na Itália (Milão, Turin e Veneza); *Mulher Destaque 2006* - Acib 10 anos da Câmara da Mulher Empresária (2006); *Defensores do Meio Ambiente* - Câmara de Vereadores de Blumenau (2007); *Moção da Câmara de Vereadores de Blumenau*; *Finalista Prêmio Cláudia* (2007) categoria Trabalho Social; *Voto de Aplauso do Senado Federal* (2007); *Prêmio SENAC* categoria Comunicação (2008); *Troféu Gigantes da Ecologia* (2008); *Selo Cultura Viva* - do Ministério da Cultura.

GÊNERO: Lit. infantil e infanto-juvenil

OBRA: *Orações para todos os momentos* (Blumenau, Ed. EKO, 1999); *Clássicos de ouro* – 12 volumes (Blumenau, Ed. Brasileitura, 1999); *Clássicos de ouro* – Volume único (Blumenau, Ed. Todolivro, 1999); *Mini clássicos da Bíblia* - 12 volumes (Blumenau, Ed. Brasileitura, 2000); *No reino da Frutolandia I e II* - 12 volumes cada coleção (em parceria com a nutricionista Ângela Rhod – Ed. Sabida); *Boas maneiras* – 12 volumes (Blumenau, Ed. Brasileitura, 2000); *Palavrinhas mágicas* – 4 volumes – (Blumenau, Ed. Todolivro, 2000); *Educação para o trânsito* (Blumenau, Ed. Brasileitura, 2000); *Mundo encantado de Beto Carreiro* - 12 volumes (Blumenau, Estúdio Criação, 2000); *1001 noites* – Volume único (Belo Horizonte, Ed. Leitura, 2000); *Meio ambiente* – 12 volumes (em parceria com Ivani Butzke – Ed. Novas Ideias, 2000); *2001 - Amiguinhos da Matemática* – 12 volumes (São Paulo, Ed. DCL, 2001); *Clássicos bilingue* (em parceria com Emilio Paiva – Belo Horizonte, Ed. Claranto, 2001); *Doze trabalhos de Hércules* – Volume único (Belo Horizonte, Ed. Leitura, 2001); *Prevenção* (em parceria com Aldo Batista Neto – São Paulo, Sivadi Editorial, 2001); *A vida de Jesus* - 12 volumes (Belo Horizonte, Claranto Editora, 2002); Coleção “Cidadania” – 12 volumes (em parceria com Emilio Paiva e participação especial dos Canarinhos de Petrópolis interpretando os hinos brasileiros – Belo Horizonte, Claranto Editora, 2002); *Parábolas de Jesus* (Blumenau, Estúdio Criação, 2004); *Vamos falar de trânsito* (Blumenau, Estúdio Criação, 2004); *Aprendendo a se cuidar* (em parceria com Aldo Batista Neto – Blumenau, Estúdio Criação, 2004); *Turminha Hortifrutti* - Livro das frutas (em parceria com Alexandra Borba – Blumenau, Estúdio Criação, 2004); *Turminha Hortifrutti* - Livro das verduras e legumes (em parceria com Alexandra Borba – Blumenau, Estúdio

Criação, 2004); *Dicionário das virtudes* (Blumenau, Estúdio Criação, 2004); *Esporte maravilhoso* (14 coleções de 12 volumes cada – uma para cada time de futebol a saber: Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Santos, Vasco, Flamengo, Fluminense, Botafogo, Atlético Mineiro, Cruzeiro, Atlético Paranaense, Coritiba, Grêmio e Internacional – Belo Horizonte, Editora FAPI, 2005); *Cantos e encantos* – 13 volumes (em parceria com Nana Toledo - Blumenau, Estúdio Criação, 2005); *Uma fábula ecológica* (com parceria de Tânia Maria da Silva – Blumenau, Estúdio Criação, 2005); SBN Editora, Blumenau: publicação de 2006 a 2009: Coleção “Histórias bíblicas favoritas”: *A criação; Abraão; Atos dos apóstolos; Daniel e seus amigos; Davi; Elias; Esaú e Jacó; Gideão; Jesus; Jó; João Batista; Jonas; José; Josué; Milagres de Jesus; O dilúvio; Parábolas de Jesus; Paulo; Ressurreição de Jesus; Rute; Salomão; Sansão.* Coleção “Bíblicos de banho”: *A criação; Davi e Golias; Jesus; Jonas; Noé.* Coleção “Crianças da bíblia”: *A serva de Naama; As crianças e Jesus; Davi; Isaac; Jesus Menino; Josias; Miria; Moisés; O menino dos pães e dos peis; Samuel;* Coleção “Falando com Papai do Céu”: *Orações de louvor; Orações diárias; Orações para as refeições; Orações para dormir.* Coleção “Heróis da bíblia”: *Daniel; Davi e Golias; Josué; Moisés; Paulo; Sansão.* Coleção “Jesus para os pequeninos”: *Milagres de Jesus; Nascimento de Jesus; Parábolas de Jesus; Ressurreição de Jesus. Meu livro gigante de quebra-cabeças: crianças da bíblia; Meu primeiro livro de histórias da bíblia: Novo Testamento; Meu primeiro livro de histórias da bíblia: Velho Testamento; Milagres de Jesus; Minha primeira bíblia; Parábolas de Jesus; Quebra-cabeças bíblicos: A arca de Noé; O nascimento de Jesus; Segundo Jesus; A vida de Jesus.* Coleção “Ler, ver e ouvir textos bíblicos”: *A arca de Noé; A criação; Parábolas de Jesus.* Coleção “Porções especiais da bíblia”: *Os 10 mandamentos para crianças; Salmo 23 para as crianças; O sermão da montanha.* Coleção “Valores cristãos”: *Alegria; Amizade; Amor; Bondade; Domínio próprio; Fé; Humildade; Paciência; Paz; Perseverança. História da Páscoa; História de Natal; Atividades bíblicas; Mini histórias do povo de Deus; A arca de Noé e o melhor da bíblia; Bíblia para os mais jovens; Bíblia para crianças; Meu livro interativo de histórias da bíblia;* Editora Todolivro, Blumenau: publicação de 2006 a 2009: Coleção “As mais belas histórias da bíblia”: *A criação; Daniel na cova dos leões; Davi e Golias; Jonas e o grande peixe; José; Milagres de Jesus; Moisés; Nascimento de Jesus; O dilúvio; Parábolas de Jesus; Ressurreição de*

Jesus; Sansão; Coleção “Outras Fábulas” – 10 volumes (Blumenau, 2010); Coleção “Toda Arte” – 10 volumes (Blumenau, Ed. da Autora, 2010); Feito por mim (Blumenau, Ed. do Autor, 2010 il. de Rubens Belli); Em perfeita harmonia (Blumenau, Ed. do Autor, 2010 il. de Rubens Belli); O canto de Ângelo (Blumenau, Ed. do Autor, 2010 il. de Rubens Belli); Aninha (Blumenau, Ed. do Autor, 2010 il. de Rubens Belli); Grafitando por aí (Blumenau, Ed. do Autor, 2010 il. de Rubens Belli); Uma vida derramada em letras (Blumenau, Ed. do Autor, 2010 il. de Rubens Belli); Imaginação (com Nana Toledo – Blumenau, Estúdio Criação, 2005, Il. de Boris); O passarinho (Blumenau, Estúdio Criação, 2010, Il. Monika Papescu); O bambu (Blumenau, Estúdio Criação, 2010, Il. Monika Papescu); A flor (Blumenau, Estúdio Criação, 2010, Il. Monika Papescu); A semente (Blumenau, Estúdio Criação, 2010, Il. Monika Papescu).

FORTUNA CRÍTICA: dados cedidos pela própria autora; Ed. Todolivro (Blumenau – catálogo); Ed. SBN (Blumenau – catálogo).

72. CYNTHIA VALENTE

Nasceu em Florianópolis – SC, em 1974. É formada em Letras com mestrado em Literatura pela UFSC e doutorado em Literatura Hispano-Americana na Universidade de Sevilha – Espanha. É professora no curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso.

ICONOGRAFIA: *Que trazes pra mim?* (Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Que trazes pra mim?* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: *Que trazes pra mim?* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2006 - contracapa).



D

73. DALVA MARIA DE LUCA DIAS

Nasceu em Içara – SC. É pedagoga e lecionou na UDESC. Presidiu o Diretório Municipal do PDT/Florianópolis e o Movimento de Mulheres PDT/SC. Atualmente é empresária e presidente da Fundação Leonel Brizola/SC.

ICONOGRAFIA: *Doces Frutos* (Florianópolis: Ed. Papa-Livro, 2000).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Doces Frutos* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 2000); *Transparências* (Florianópolis, Ed. do Autor, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: *Doces Frutos* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 2000 - contracapa).

74. DALVINA DE JESUS SIQUEIRA

Nasceu em Biguaçu – SC, aos 23 de agosto de 1929. Graduada em Pedagogia com licença plena em Psicologia da Educação, Sociologia da Educação e Pós-Graduada em Administração Escolar, ambos pela UDESC, foi professora nos diversos níveis e Monitora da Ação Gerontológica na UFSC, além de exercer o cargo de Diretora da Primeira UCRE de Florianópolis.

Escritora, artista plástica, costureira, bordadeira, contadora de histórias, radialista e palestrante, Dalvina Siqueira pertence à Academia de Letras de São José, é Presidente da Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu, onde ocupa a Cadeira número 14, é acadêmica da AJASOL, ocupando a Cadeira número 23, sócia correspondente da Academia de Letras Flor do Vale, de Ipaussu – SP e é co-fundadora e presidente da ACPCC.

Participa de várias antologias literárias, dentre elas *Marko Marcovick* (São Paulo); *Primeira e Segunda Antologia Poética* (Florianópolis, ACPCC, 1986); *Contos de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997); *Poemas de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997, p.27-30); *São Miguel da Terra Firme* (Florianópolis, Ed. Letras, 1997); *1ª Antologia em prosa e verso* (ACPCC. Florianópolis, Papa-Livro, 1998); *1ª Antologia da Academia de Letras de São José* (São José – SC); *Um passeio pela grande Florianópolis* (Academia de Letras de Biguaçu. Florianópolis, Papa-Livro); *Poemas de professor; Contos do professor aposentado; São Miguel da Terra Firme; Devaneios de verão* (Florianópolis, Ed. Pallotti); *Sonhos de outono* (Florianópolis, Ed. Pallotti); *Renaecer da primavera* (Florianópolis, Ed. Pallotti); *Aconchego* (Florianópolis, Ed. Pallotti); *Veredas literárias* (Florianópolis, Ed. Paper Printe, 2005); *Fragments da memória* (Antologia da Associação Catarinense de Professores. Florianópolis, 2003, p.15-23); participou do livro do *Duo centésimo quinquagésimo aniversário de São Miguel*.

Obteve primeiro lugar e menção honrosa em concurso de poesia *Viva vida* (1996); troféu *Destaque em educação e Destaque em cultura*, Biguaçu – SC; primeiro lugar na *Fundação Viva a vida* (poesia - 1999); terceiro lugar na *Fundação Viva a vida* (poesia - 1998); segundo lugar na *Fundação Viva a vida* (conto - 1999). Foi colunista da *Folha Catarinense de Biguaçu*.

ICONOGRAFIA: *Sinfonia poética e prosa* (antologia) (Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.187).

GÊNERO: Poesia, conto e crônica

OBRA: *Décimo segundo* (poesia – Florianópolis, Ed. da Autora, 1995); *Constelação* (poesia, Florianópolis, Ed. da Autora, 1997); *Grandes momentos* (poesia, crônica, rezas, benzeduras, simpatias, Florianópolis, Ed. Pallotti, 1998); *Lalinha* (poesia, crônica - Florianópolis, Ed. Pallotti, 1999); *Biguaçu, eu te amo* (poesia - Florianópolis, Ed. Pallotti, 2000); *Biguaçu, eu te amo II* (poesia - Florianópolis, Ed. Pallotti, 2003); *O terceiro sonho* (2007); *Mosaico* (Ed. Letras, 2007).

FORTUNA CRÍTICA: *Poemas de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999,

p.510); *Sinfonia poética e prosa* (antologia) (Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.187); *Poemas de professor* (antologia); dados fornecidos pela própria autora.

75. DANUSA MENEGHELLO

GÊNERO: lit. infanto-juvenil, poesia

OBRA: *A lenda do peixe-boi* (lit. infanto-juvenil – MENEGHELLO, Danusa; BRUGGEMANN, Fábio. Florianópolis, LADESC, 1985); *A terra do passavento* (Florianópolis, LADESC, 1986); *Matizes* (poesia – Florianópolis, Ed. Semprelo, 1990).

76. DARCELI MARIA BISOLÓ

GÊNERO: poesia

OBRA: *Minha voz em poesia* (Seara, Ed. da Autora, 1985. 62p.).

77. DARCI NOGUEIRA

Nasceu em São Francisco do Sul – SC e reside em Joinville – SC. Seus poemas estão publicados em jornais e revistas e em antologias, tais como, *Show das dez em tempo de poesia*; *Um toque de poesia*; *Poetas da praça I e II*; *Poesia viva*; *Poetas da cidade*; *A poesia do norte catarinense*; *Fim de noite* e outras.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Caminhos* (Coleção Poesia Viva).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

78. DEISE ALBERTON

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *Um planeta diferente* (Florianópolis, LADESC, 1986).

79. DELMINDA SILVEIRA

Delminda Silveira de Souza nasceu em Desterro (atual Florianópolis – SC) em 16 de outubro de 1854. Vinda de família tradicional, Delminda era filha de José Silveira de Sousa e de Caetana Xavier Pacheco Silveira. Nunca estudou em escola, sempre teve professores particulares, talvez esse o maior motivo de sua timidez e de sua reclusão; cultivou o hábito da leitura e da reflexão e era estudante de latim e francês. Foi professora de português e francês durante muito tempo em um tradicional colégio católico da cidade, o Colégio Coração de Jesus, ambiente este frequentado pelas moças da alta sociedade florianopolitana.

Delminda Silveira era muito religiosa (daí seus temas girarem em torno do assunto) e nunca se casou. Ingressou na Academia Catarinense de Letras aos 77 anos de idade. Morreu em 12 de março de 1932. Colaborou intensamente com a revista feminina *A Mensageira*, publicando vários poemas, desde 1887, sob o pseudônimo Brasília Silva, e textos em prosa.

A escritora é homenageada com nome de uma escola “Escola de Educação Básica Delminda Silveira” e nome de rua.

Em seus escritos, percebe-se a extrema preocupação que possuía com a educação, a questão da liberação da mulher (dentro dos padrões da época) e o amor à pátria. Segundo o crítico Lauro Junkes (1979, p.53), “*Delminda Silveira de Souza se destacou entre nossos poetas românticos, ao tempo em que ainda não eram dadas à mulher muitas condições de participar da vida intelectual e cultural.*”

Foi autora de uma peça alegórica, de 5 atos, escrita para a semana da Independência; tal peça foi encenada por seus alunos em 1922.

Já a poesia de Delminda Silveira é repleta de um romantismo profundo. Segundo a escritora Zahidé Muzart,

A poesia de Delminda Silveira oscila entre os dois movimentos literários [Parnasianismo e Romantismo], com nítida predominância do Romantismo mais de acordo com a poesia, cujo coração poderia ‘ser maior que o mundo...’ O amor à Pátria, muito ufanista, à Natureza, que frequenta cada poema, o respeito às tradições, o carinho por sua terra e a religiosidade fortemente ancorada no catolicismo, temas aliados a dores íntimas de solidão e rejeição, são as dominantes dessa poesia que ultrapassando movimentos, ideias, guerras, escolas, permaneceu sempre igual! (MUZART, 2000, p.640)

Delminda Silveira teve três livros publicados em vida. São eles: *Lises e martírios* (1908), *Cancioneiro* (1914) e *Passos dolorosos* (1931).

Lises e martírios (1908) apresenta poemas, crônicas e pequenos contos publicados na imprensa antes da virada do século. Segundo Muzart,

[...] é um livro voltado aos sentimentos de amor, saudade e dores íntimas e foi a publicação mais importante de Delminda, compondo-se de 352 páginas e apresentando duas divisões: ‘Poesia’ e ‘Prosa’. Dentro da parte ‘Poesia’ encontram-se ainda subdivisões como ‘Poesias sacras’, ‘Lutuosas’ e ‘Chrisântemos’. A segunda parte, ‘Prosa’, apresenta duas seções ‘Folhas soltas’ com 21 crônicas e ‘Contos de um instante’. Algumas das crônicas de ‘Folhas soltas’ tendem ao poema em prosa. Os contos são todos de amor, amor e morte, e a maior parte deles se passa em lugares e épocas distantes, com um leve tom exótico. (MUZART, 2000, p.638)

Já o segundo livro da autora, *Cancioneiro* (1914), traz “uma ‘coleção de hinos e poesias comemorativas das principais datas nacionais; fábulas, diálogos e poesias diversas para recitar; poesias dedicadas aos mais notáveis catarinenses extintos’. O terceiro livro é todo voltado para o religioso, uma via-sacra em versos.” (MUZART, 2002-2004).

Em 1989, a Editora da UFSC lança uma obra póstuma denominada *Indeléveis versos*, que possui a introdução de Lauro Junkes.

Ainda, de acordo, com a crítica Zahidé Muzart (2000), Delminda Silveira escreveu crônicas, poemas e ensaios nos seguintes jornais e periódicos: *Almanak de Lembranças Luso-Brazileiro*; *Gazeta do Sul*; *Crepúsculo*, SC; *Palavra*, SC; *Polyanthea*, SC; *Sul-Americana*, SC (sob

o pseudônimo Brasília Silva); *Revista Catharinense*, SC; *Anuário de Santa Catarina*, SC; *A Pátria*, SC; *República*, SC; *Almanaque de Santa Catarina*, SC; *A Fé*, SC; *Folha Livre*, SC; *Oásis*, SC; *Revista do Centro Catharinense de Letras*, SC; *Ilha Verde*, SC; *Penna, Agulha e Colher*, SC; *O Exemplo*, RS; *O Corymbo*, RS; *Estrela*, Aracati, CE; *A mensageira*, SP.

O acervo de Delminda Silveira foi deixado aos cuidados do pesquisador José Boiteux e, mais tarde, doado pela família Boiteux à Academia Catarinense de Letras que o mantém; a professora e crítica Zahidé L. Muzart foi quem o organizou.

ICONOGRAFIA: Disponível em:
<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br>

GÊNERO: poesia, crônica, conto, teatro

OBRA: *Lises e martírios* (poesia e prosa – Florianópolis, Gutenberg, 1908); *Cancioneiro* (poesia e prosa - Florianópolis, Livraria Central, 1914); *Brasil* (peça alegórica em 5 atos – Florianópolis, 1922); *Passos dolorosos* (poesia – Kevelaer Renânia, Tipografia de Butzon e Bercker, 1931); *Indeléveis versos* (poesia - Intr. Lauro Junkes, Florianópoli,: UFSC, 1989).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário bibliográfico brasileiro* (BLAKE, A. V. Alves Sacramento. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1893 v.2, p.165); *História da literatura catarinense* (Rio de Janeiro: [s.n.], 1957, p. 251-266); *Sondagens literárias* (Florianópolis: EDEME, 1973, p. 21-25); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis: Lunardelli, 1979, p.48); *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis: Lunardelli, 1979, p. 53-56); *Introdução à história da literatura catarinense* (Porto Alegre: Movimento, 1980); "Discurso de posse à cadeira 10 da Academia Catarinense de Letras" (In: *Signo*. Florianópolis. n. 7, a. 17, 1984-1985, p. 133-144); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.39-40); *Evocando Delminda Silveira* (Florianópolis, Diário Catarinense, 29 set. 1986, p.6); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.18); *Indeléveis, fortes, vivos traços da juventude minha... Delminda Silveira*. (In: *Indeléveis Versos*. Florianópolis, UFSC, 1989, 60 p.); *Delminda Silveira em A Mensageira*

(Florianópolis, Diário Catarinense, 26 jun. 1989, p. 6); *Presença da literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1989, p.60-61); *Enciclopédia de literatura brasileira* (COUTINHO, Afrânia e SOUSA, J. Galante de. Rio de Janeiro, Ministério da Educação; Fundação de Assistência ao Estudante, 1990. V.2, p.1274); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor, UFSC, 1992, p.14); *Delminda Silveira ou uma vida roubada* (Leitura, Maceió, UFAL, jul/dez 1996, n. 18, p. 97-107); *Índice das dramaturgas brasileiras do século XIX* (Florianópolis, Ed. Mulheres, 1996, p.30-31); *Acréscimos e retificações ao Dicionário bibliográfico brasileiro, de Sacramento Blake* (BERGER, Paulo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 158 (395) abr./jun. 1997. p.525); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.506); *Escritoras brasileiras do século XIX* (Florianópolis, Ed. Mulheres, 2000, p.634-649); *Delminda Silveira – contos e instantes* (Florianópolis, UFSC, 2001); *Biografias de catarinenses notáveis* (Florianópolis, Insular, 2001, p.54-55); *Delminda Silveira* (GT A Mulher na Literatura, ANPOLL, disponível em: www.amulhernaliteratura.ufsc.br); *Tirando do baiô: antologia de poetas brasileiras do século XIX* (BEZERRA, Kátia da Costa (org.). Pedro Leopoldo (MG), Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, 2003, p.115-117).

80. DENISE PATRÍCIO

GÊNERO: Lit. infantil

OBRA: *Quem já viu um bugio?* (Blumenau, Ed. da FURB, 1999).

81. DEOLINDA MARIA LAGE

GÊNERO: romance

OBRA: *Um sonho quase real* (Joinville, Ed. do Autor, 1998. 205p.).

82. DÉSPINA SPYRÍDES BOABAID

Nasceu em Florianópolis – SC. Fez Bacharel em Direito na UFSC, ingressou no magistério estadual, lecionando no município de Palhoça. Foi Diretora em Joinville e Lente Catedrática em Blumenau e Florianópolis.

Publicou “In Memoriam” e “Reencontro”, sonetos, na Revista da Academia Catarinense de Letras n.13/95 e artigos pedagógicos no jornal A Notícia, de Joinville. Participa de antologias, dentre elas, *Poemas de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997). Aposentou-se como professora do Instituto Estadual de Educação.

No Rio de Janeiro, fez vários cursos de extensão e aperfeiçoamento na área de pedagogia, psicologia, sociologia educacional e prática de ensino, promovidos pela Associação Brasileira de Educação e pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Militou, com devotamento, por muitos anos, no âmbito da educação, marca que transparece nos seus escritos, na prosa e na poesia.

Em Joinville, exerceu o magistério como diretora de estabelecimento de ensino. Naquela cidade, em parceria com um grupo de professores, fundou a ACP (Associação Cultural de Professores) de Joinville. Aprovada em concurso público estadual, foi nomeada e lecionou sociologia, história e filosofia da educação, de Florianópolis e no Centro Educacional Estadual Pedro II da cidade de Blumenau.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Uma flor com amor* (poesia – Florianópolis, D. Spyriades Boabaid, 2000).

FORTUNA CRÍTICA: *História da Literatura Catarinense* (Rio de Janeiro, [s.n], 1957); *Poemas de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997, p.32-33).

83. DEYSE DE ABREU TEODORO

Nasceu em Ribeirão Preto – SP e mora, atualmente, em Florianópolis – SC.

Pertence à Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas catarinenses e é membro da Academia Catarinense de Letras e Artes.
 Publicou seus poemas em várias antologias e varais literários.
 É co-autora do *Estatuto do Idoso Trocado em Miúdos*, publicado pela UFSC e Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

ICONOGRAFIA: *Fragmentos de emoções* (Florianópolis: Secco, 2007).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Fragmentos de emoções* (Florianópolis, Secco, 2007).

FORTUNA CRÍTICA: *Fragmentos de emoções* (Florianópolis, Secco, 2007 - contracapa).

84. DIDYMEA LAZZARIS DE OLIVEIRA

Nasceu em Itajaí – SC no dia 16 de agosto de 1931. Formou-se em Pedagogia e aposentou-se no magistério.
 Em 1996, publicou o livro de História denominado: *Por um pedaço de terra*, o qual relata a fundação da cidade de Luiz Alves; em 2004, publica *O Navegantes que eu conto*, outro livro histórico. Participou de monografias e concursos literários, obtendo várias premiações. Publicou suas obras em jornais da cidade. É autora do hino do Lions Clube Itajaí – praia e membro-fundadora da Academia Itajaiense de Letras, onde ocupa a Cadeira número 7.

GÊNERO: crônica, poesia

OBRA: *Um momento na vida* (poesia – Itajaí, Ed. do Autor, 2004); *Na ciranda da vida* (Itajaí, Ed. do Autor, 2007. 222p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Na ciranda da vida* (Itajaí, Ed. do Autor, 2007. 222p. il. - apresentação).

85. DINARI TESSARI

Mora em Chapecó – SC. É especialista em Alfabetização e em Atendimento Educacional Especializado. Escritora de literatura infantil, publica seus livros em Braille e Libras. Participou de seleção para antologia infantil e recebeu o prêmio *Selo Qualité Suprême da Academia Parisiense de Literatura Infantil*(França).

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *O fantasma amarelo* (Chapecó, Ed. da Autora, [s.d.]); *As aventuras de Alyssa e Cacá em: O Livro Encantado* (Chapecó, Ed. da Autora, [s.d.]); *O menino do sonho guardado* (bilíngue – português/inglês) (Chapecó, Ed. da Autora, [s.d.]); *O menino do sonho guardado* (bilíngue – português/inglês) (Chapecó, Ed. da Autora, [s.d.]).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora.

86. DINORAH KRIEGER GONÇALVES

GÊNERO: memória

OBRA: *Recordando o passado* (Estúdio Criação, 2005. 88p. il.).

87. DONA DODÔ

Maria das Dores Conceição Langhammer nasceu em Biguaçu – SC no dia 09 de novembro de 1929.

Em 1967, formou-se professora normalista na Escola Normal Cristo Rei, no Rio Grande do Sul. Foi professora em vários municípios de Santa Catarina: Corupá, Mafra, Porto União, Concórdia e Piratuba. Lecionou técnicas comerciais e educação artística nos Colégios de Joinville e Biguaçu, aposentando-se em 1990.

Em 1974, formou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Licenciatura Curta – em Joinville – SC.

Frequenta, atualmente, o Grupo da Melhor Idade no Centro de Convivência do Idoso (CCI) e é acadêmica do Curso Superior de Extensão *Universidade da Vida*, UNIVIDA, na Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI. A escritora é, também, conselheira titular do Conselho Municipal do Idoso e já fez parte dos Grupos de Terceira Idade do SESC e IPESC de Florianópolis.

Participou de diversos concursos literários, recebendo várias premiações e tem trabalhos publicados na imprensa de Itajaí. Há dois anos participa do Concurso *Talentos da Maturidade*, promovido pelo Banco Real. Além disso, atua no teatro, em apresentações artísticas do Grupo da Melhor Idade.

Em 2007, organizou a antologia *Poesias, crônicas e contos: 2005-2007* (Itajaí, Ed. Maria do Cais; Fundação Genésio Miranda Lins).

ICONOGRAFIA: *Dona Dodô: poesias e crônicas* (Itajaí: Prefeitura Municipal: Secretaria do Desenvolvimento Social; Depto. de Atenção ao Idoso, 2002).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Dona Dodô: poesias e crônicas* (Itajaí: Prefeitura Municipal: Secretaria do Desenvolvimento Social; Depto. de Atenção ao Idoso, 2002).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora.

88. DONATILA TEIXEIRA BORBA

Nasceu em Torres – RS, em 15 de dezembro de 1898. Atuou no magistério na cidade em que nasceu e depois mudou-se para Araranguá – SC, onde atuou como professora primária e, em 1944, como bibliotecária vindo a aposentar-se em 1955. Sua primeira obra literária foi editada em 1943, um pequeno livro intitulado *Áureas Sertanejas*, com prefácio do Almirante José Henrique Boiteaux.

Colaborou em seminários como “Tribuna Criciumense” e “O Independente”, de Criciúma. Tem suas poesias publicadas no *Jornal*

Correio do Povo, de Porto Alegre. Charadista, colaborou com as seguintes revistas: *Eu sei Tudo*, RJ (1954); *Charadista Enigmático Carioca*, RJ (1953 a 1965); *Seleções Recreativas*, RJ (1953 a 1965); *A esfera* (1ª Revista de palavras cruzadas de Florianópolis); *Charadismo, Revista do Globo*, PA; *O Enigma*, SP (1950 a 1975).

É autora de diversos hinos de clube de serviços e de entidades assistenciais, não só de Criciúma como de outras cidades.

Sua vida no teatro foi intensa: aos seis anos de idade, estreou no teatro amador, representando o estado do Rio Grande do Sul. Dedicou-se grande parte da sua vida ao teatro, encenando peças em todas as cidades onde residiu: Torres, São João do Sul, Araranguá e Criciúma. Nessa última cidade, levou em cena a comédia *Casca Grossa*.

Por sua intensa atividade em Criciúma, desde os idos de 1944, foi alvo de inúmeras distinções, entre elas: diploma *Destaque* 1968 – Criciúma Clube e *Gazeta do Sul*; diploma de honra ao mérito *Valores da Terra do Carvão* – City Clube e *Crônica Social*; diploma *Mãe do Ano* – Sociedade Rádio Eldorado Catarinense e *Crônica Social*; diploma *Mãe Simbólica* – Associação dos Advogados de Criciúma, Clube União de Trovadores, Secção de Criciúma (1971); medalha de ouro *MOBRAL*.
Donatila Borba faleceu no dia 20 de Março de 1987 em Criciúma.

OBRA: *Áureas Sertanejas* (1943); *Luz e Sonho* (crônicas e poemas - Canoas, Ed. La Salle, 1971 - com prefácio do Almirante José Henrique Boiteau); *Coração* (crônicas e poemas - Criciúma, Ed. da Autora, 1979 – com prefácio de Aryovaldo Machado e José Pimentel).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.52); *Donatila Borba* (Disponível em: projetoleiaerepasser.wordpress.com/donatila-borba).

89. DORA DUARTE

Dora Duarte, pseudônimo de Maria Auxiliadora Duarte, nasceu em João Pessoa – PB no dia 08 de janeiro de 1951, mas reside em Florianópolis – SC desde 2003. Autodidata, voltou à escola somente aos 49 anos de idade e fez todo o ensino fundamental e médio.

Dora Duarte é poeta, escritora e contadora de história - fez o curso de Contadora de Histórias pela NET/UFSC, em 2005. É associada da ALIFLOR desde 2009 e possui seus trabalhos divulgados no seguinte endereço: cidorinha7.blogspot.com.

ICONOGRAFIA: <http://aliflорfpolis.blogspot.com/>

GÊNERO: poesia, conto, lit. infantil

OBRA: *A menina que não sabia que podia sonhar* (lit. infantil, 2010).

FORTUNA CRÍTICA: <http://aliflорfpolis.blogspot.com/>

90. DORA RIBEIRO

GÊNERO: poesia

OBRA: *Começar é o fim* (Florianópolis, FCC, 1990, 60p.).

91. DORACI LEITE MORAES

Nasceu em São Paulo – SP. Formou-se em auxiliar de enfermagem e está há dez anos em Florianópolis – SC, onde vive, de maneira humilde, com o marido, no Morro da Nova Descoberta, próximo ao Morro da Cruz.

Doraci é muito doente, sofre de artrite e quase não consegue andar. Mas, quando está inspirada, pede que lhe tragam um banquinho, coloca-o entre as pernas e começa a escrever suas poesias. A publicação de seu romance foi muito custosa, uma vez que a autora é muito pobre e não tem dinheiro para fazer publicações.

ICONOGRAFIA: www1.an.com.br/2002/nov/06/0ane.htmv

GÊNERO: poesia, romance

OBRA: *Uma casa na colina* (romance - Florianópolis, Insular, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: *A Notícia* (Joinville, 06/11/2002, Anexo, disponível em: www1.an.com.br/2002/nov/06/0ane.htmv).

92. DORALICE ROSA DE SOUZA SILVA

Nasceu no Sertão do Imaruim, São José – SC, em 17 de outubro de 1930. Cursou apenas até o 3º ano primário e foi costureira durante 30 anos. Aos 67, matriculou-se no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da UFSC e lá começou a interessar-se por literatura.

Participou de dois concursos de crônicas promovidos pelo NETI, em 2002 e em 2005 e ficou entre as primeiras colocadas.

Faz parte do Grupo de Poetas Livres, onde já participou de duas antologias. Também contribui com o periódico *Ventos do Sul*, que circula atualmente em quatro países. É também membro da Academia Catarinense de Letras e Artes e faz teatro amador no Theatro Adolpho Melo, em São José.

ICONOGRAFIA: *Casa de barro: poesia para corações* (São José, Ed. da Autora, 2005).

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Casa de barro: poesia para corações* (poesia, crônica – São José, Ed. da Autora, 2005).

FORTUNA CRÍTICA: *Casa de barro: poesia para corações* (São José, Ed. da Autora, 2005 - contracapa); *Grupo de Poetas Livres – 10 anos*. (Florianópolis, Editograf, 2008, p.49).

93. DUNIA DE FREITAS

Dúnia de Freitas Toaldo nasceu em Lages – SC, em 10 de janeiro de 1943 e radicou-se em Joinville - SC. É formada em História e trabalha como professora universitária de Ciências Sociais na Fundação Educacional da Região de Joinville, onde exerceu a função de chefe do Departamento de Ciências Sociais, de coordenadora do Setor de Assuntos Culturais e coordenadora do Laboratório de História Oral.

Em 1975, junto ao poeta Alcides Buss, fez parte do grupo que criou a revista literária *O Cordão*. Em seguida, participou da criação do opúsculo mensal *Viva a poesia* (FUERJ) e, ainda, do projeto *Varal literário permanente*, de 1986 a 1987.

Além de pertencer a várias associações culturais, a autora atuou, também, em coletâneas, como *Show das 10 em tempos de poesia* e *Folhetos poéticos* (Joinville, Edições Ipê).

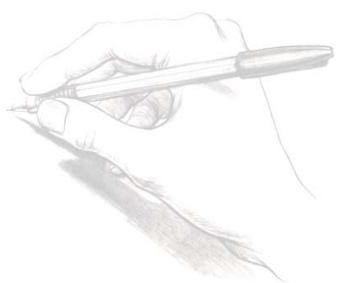
Segundo a crítica de Lauro Junkes (na contracapa do livro *Seis canções*), Dunia Toaldo “é poeta essencialmente lírica, devassando tanto seu mundo interior pessoal, como o cultivo do sonho, como os embates duros com a realidade social, denunciando desilusoriamente as injustiças opressororas.”

GÊNERO: poesia

Rastos ([s.l.: s.n.], 1980); *Abracadabra* (Joinville, Ed. da Autora, 1983. Ilustração de Índio Negreiros e apresentação de Harry Laus); *Seis canções* (Joinville, Ipê, 1986); *Ipê* ([s.l.: s.n.], [19-]); *Danada* (Joinville, Ed. Ipê, 1990. 66p.); *À beira de mim na madrugada azul* (Joinville, Letradágua, 2004. 88p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.215); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.48); *Dicionário crítico de*

escritoras brasileiras: 1711-2001 (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.168-169).



E

94. EDÉSIA ADUCCI

Nasceu em Florianópolis – SC, cidade em que sempre viveu, em data não encontrada (sabe-se apenas que foi no século XIX). Foi professora, jornalista, tradutora e teatróloga.

Colaboradora do jornal feminino *Pena, agulha e colher*, publicado em Florianópolis, entre 1918-19, com adaptações e traduções de várias peças teatrais do espanhol e do alemão, posteriormente reunidas e publicadas em livro.

Sua obra *Teatro colegial* inclui as peças: *Criada contra a vontade; Vaidade curada; Contenta-te com o que és; A varinha mágica; Criadas aristocráticas; A vacina milagrosa; Um espírito importuno*.

GÊNERO: dramático (teatro)

OBRA: *Teatro colegial feminino* (traduzido e adaptado – Florianópolis, edição d'*O brasileiro*, 1930/1931, 1951(?)).

FORTUNA CRÍTICA: *História da literatura catarinense* (Rio de Janeiro, 1957); *Encyclopédia de literatura brasileira* (Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1990, p.158); *Índice das dramaturgas brasileiras do século XIX* (Florianópolis, Ed. Mulheres, 1996, p.31).

95. EDILENE TEREZINHA KNABBEN

GÊNERO: poesia

OBRA: *Só quem ama se vê no espelho da eternidade* (Itajaí, Ed.da Autora, 1987).

96. EDITH K. POLTRONIERI

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *Pituka* (Florianópolis, LADESC, 1985).

97. EDITH KORMANN

Nasceu em Brusque – SC em 20 de março de 1921. Formou-se em Letras, em 1938, e foi professora em diversos níveis, diretora escolar, inspetora escolar, contista, diretora de teatro, poeta, pesquisadora e artista plástica, trabalhando com pintura, desenho e tapeçaria. Bacharel em Teatro e Licenciada em Arte Dramática, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URGS) e tem especialização na área na Alemanha (onde estudou técnica vocal, técnicas dramáticas aplicadas ao ensino e cultura cinematográfica) e Argentina (onde estudou a expressão corporal). Participou e coordenou muitos grupos de teatro em todo o Estado.

Colaborou em várias antologias de contos e poesias, dentre elas, *Os contos da FURB* (Blumenau, Acadêmica, 1979); *Contistas de Blumenau - I e II* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, 1980); *Contistas e cronistas catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Nova poesia brasileira* (Rio de Janeiro, Shogun Arte, 1985); *Poetas e contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989).

A autora foi professora de artes cênicas no curso de Educação Artística da FURB; participou e promoveu festivais de teatro, seminários, encontros de artes e congressos no Brasil e exterior. Dirigiu peças teatrais e atuou como atriz em Porto Alegre. Foi fundadora do Grupo Teatral Phoenix, da FURB e da Federação Catarinense do Teatro Amador.

Além de obras de ficção, Edith Kormann é autora de inúmeros livros e artigos sobre teatro, educação e história, publicados principalmente em *Blumenau em Cadernos*. Em 2000 lecionou no curso “Santa Catarina no Século XX”, patrocinado pelo IHGSC, com a história do teatro em Santa Catarina no período. Em 1996 lançou a importante obra em 4 volumes *Blumenau, arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*, que estuda a história da cultura regional. Dentre seus artigos, todos na área da história cultural, salientam-se uma série de biografias

sob o título “Figuras do presente e estudos sobre Timbó” (Contexto Sócio-Cultural Artístico, 1988); “Neue Deutsche Schule” (Escola Nova Alemã, 1985); “Musokkapellen, Festas, Salões, Bailes”.

Falava alemão, lia e escrevia em letras góticas. Foi, ainda, sócia da União Brasileira dos Escritores e da Associação Catarinense de Escritores. Em 1999, participou da criação da Sociedade Escritores de Blumenau (SEB).

Dentre suas premiações, destacam-se o *Concurso de contos* (FURB, 1978); título *Mulher destaque na Educação* (Clube Soroptimistas de Blumenau, 1992); título de *Cidadã Blumenauense* (Câmara Municipal de Blumenau, 1993); título de *Dama do Teatro Catarinense* (Departamento de Cultura; Grupo Teatral Phoenix da FURB, com o espetáculo "Ave Phoenix" pelos vinte anos do Grupo, 1994); homenagem com o *Brasão de Blumenau*, na área de Educação e Literatura (Prefeitura Municipal, 1995); medalha de mérito cultural *Cruz e Sousa* (Conselho Estadual de Cultura, Florianópolis, 1999). A autora faleceu em 2001.

ICONOGRAFIA: IHGSC
[\(http://www.ihgsc.org.br/bolethistotiador50.htm\)](http://www.ihgsc.org.br/bolethistotiador50.htm)

GÊNERO: teatro, conto, poesia, biografia

OBRA: *Teatro na educação artística: 1º grau* (biografia - Florianópolis, Lunardelli/UDESC, 1978); *O maestro Geyer e o período áureo do teatro Carlos Gomes* (Blumenau, 1985); *Destinos* (conto – Blumenau, Ed. do Autor, 1986); *Realidade? Ficção?* (conto – Blumenau, Ed. do Autor, 1996); *Blumenau: arte, cultura e histórias de sua gente* (4 volumes – [S.l.: s.n.], [19-]); *Minha veia poética* (poesia – Blumenau, Heck Publicações, 1997. il.); *A imigrante* (Blumenau, Odorizzi, 1998).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.270); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.289); *Poetas e Contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989, p.35); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte;

UFSC, 1990); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.173).

98. EDLA VAN STEEN

Edla Lucy Wendhausen Van Steen nasceu em Florianópolis – SC, em 1936, mas vive há quase quarenta anos em São Paulo – SP. Seu pai era belga e cônsul-honorário da capital catarinense, e ela é casada com o historiador e crítico teatral Sábato Magaldi.

Atriz, jornalista, radialista, escritora e crítica de artes, publicou mais de vinte livros entre contos, romances, entrevistas, peças de teatro, livros de arte, traduções e adaptações.

A fortuna crítica da autora é extensa e tem merecido elogios de vários críticos brasileiros, como Celestino Sachet, Lauro Junkes, Nelly Novaes Coelho, Antonio Hohlfeldt, Antônio Carlos Secchin, Fausto Cunha, Telenia Hill, David George, entre outros, além da crítica e da imprensa estrangeira, como *Washington Post Book World*, *Kirkus Reviews* e *Publishers Weekly*.

A participação da escritora em associações culturais e antologias é notável: *Chame o ladrão* (contos policiais - Edições Populares, 1978); *O conto da mulher brasileira* (Vertente Editorial, 1978); *O papel do amor* (São Paulo, Ed. Hamburg, 1978); *Erotismo no conto brasileiro* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980); *21 dedos de prosa* (Florianópolis, CES e Cambirela Editores, 1980); *Pelo telefone* (São Paulo, Edição especial Telesp, 1981); *A posse da terra – Escritor brasileiro hoje* (Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1983); *O prazer é todo meu* (Rio de Janeiro: Editora Record, 1984); *Criança brinca, não brinca?* (São Paulo, Rhodial, Livraria Cultura, 1985); *Espelho mágico* (Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1985); *Histórias de amor infeliz* (Rio de Janeiro: Editorial Nôrdica, 1985); *Contos eróticos femininos* (seleção de Márcia Denser para a Editora Record — Rio de Janeiro, 1985); *Contos paulistas* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988); *Memórias de Hollywood* (São Paulo, Livraria Nobel, 1988); *Este amor catarina*

(Florianópolis, Editora da UFSC, 1996); *Uma situação delicada e outras histórias* (São Paulo, Lazuli e SESC, 1997); *Brasil: receitas de criar e cozinhar* (São Paulo, Bertrand Brasil, 1997); *Onze em campo e um banco de primeira* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998); *Os cem melhores contos brasileiros do século* (São Paulo: Editora Objetiva, 2000); *Melhores contos* (Rio de Janeiro, Ed. Global, 2006 – Seleção de Antonio Carlos Secchin).

É detentora de vários prêmios nas áreas de cinema, teatro e literatura: como atriz do filme *Garganta do diabo*, ganha o prêmio de interpretação *Roberto Rossellini* (Itália, 1959); prêmio *Molière e Mambembe* (melhor autor, 1989); *APCA*, de revelação de autor pela peça *O último encontro*; prêmio *Coelho Neto* (Academia Brasileira de Letras, 1992); prêmio *Nacional Pen Club*, por *Madrugada* e prêmio *Nestlé de Literatura Brasileira*, categoria autor consagrado, por *Cheiro de amor*.

Foi redatora de publicidade. Ao lado de Tereza Nazar, em 1972, fundou a galeria de arte Múltipla, especializada em obras de arte em série; dessa experiência em arte, publicou *Marcelo Grassmann – 70 anos* (São Paulo, Edição de Arte Aplicada, 1995); *Poetas da forma e da cor* (São Paulo, Edição de Arte Aplicada, 1997).

A autora realizou diversas entrevistas com escritores, as quais publicou em dois volumes intitulados *Viver & escrever* (Porto Alegre, L&PM Editores, 1981).

É a única autora brasileira a ter quatro livros publicados nos Estados Unidos, que mereceram excelentes críticas da imprensa estadunidense: *A bag of stories* (conto - antologia e tradução de David George. USA: Latin American Literary Review Press, 1991); *Village of the Ghost Bells* (romance - tradução de *Corações mordidos*, de David George USA: Texas University Press, 1991); *Early mourning* (romance - Tradução de *Madrugada*, de David George. USA: Latin American Literary Review Press, 1997); *Scent of love* (conto - seleção e tradução de David George. USA: Latin American Literary Review Press, 2001).

Edla também publicou alguns de seus contos em antologias nos EUA e Europa, dentre as quais destacam-se: *Nowe opowiadana brazylijskie* (Krakow, Polônia, 1982); *The literary review* (Summer USA, 1984); *Brazilian literature* (Latin American Literary Review Press, USA,

1986); *Erkundungen* (Verlag Volk und welt Berlin, Alemanha, 1988); *Sudden fiction international* (W.W. Norton & Company/New York, Londres, 1989); *Der lauff der sonne in den gemässigten zonen* (Edition Dia, Alemanha, 1991); *One hundred years after tomorrow* (Indiana University Press, Bloomington, Indianópolis, USA, 1992); *Something to declare* (Selections from International literature, Oxford University Press, Toronto, Canadá, 1994); *Das grosse Brasilien-Lesebuch* (Goldmann Verlag, Alemanha, 1994).

Dentre as traduções e adaptações literárias, Edla Van Steen publicou duas obras: *Aula de canto* (antologia de contos de Katherine Mansfield. São Paulo, Global Ed., 1984); e *O médico e o monstro* (romance de R. L. Stevenson. São Paulo, Ed. Scipione, 1987).

No teatro, traduziu várias peças entre as décadas de 1980 e 1990: *O encontro de Descartes com Pascal*, peça de Jean Claude Brisville (montada em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1987, 1988, com Ítalo Rossi e Daniel Dantas/montagem dirigida por Jean-Pierre Miquel); *O doente imaginário* (peça de Molière, 1986, montagem de Moacyr Góes, com Ítalo Rossi no papel-título, 1996, Impressões do Brasil Editora, 1996); *Três anãs* (*Annie Wobler* - peça de Arnold Wesker, 1987); *Max Jacke wie Hose* - peça de Manfred Karge, em colaboração com Sonya Grassmann, montagem de Walderez de Barros, 1990); *Solness, o construtor* (peça de Henrik Ibsen, montagem do Grupo TAPA, com Paulo Autran, 1988, 1989); *As parceiras* (*Annabela et Zina* - peça de Claude Rullier, 1990); *Senhorita Julia* (peça de A. Strindberg, montagem dirigida por William Pereira, 1991, com Andrea Beltrão e José Mayer); *Strip-Teases* (peça de Joan Brossa, com a colaboração de Sylvia Wachsner, 1993, montagem de Daniel Dantas, 2000); *Cala a boca e solte os dentes* (*Lips together teeth apart* - peça de Terence McNally, em parceria com Sonia Nolasco, 1994); *Encontro no supermercado* (peça de Shula Meggido, 1993, montagem da atriz Tereza Raquel, 1995); *Da manhã à meia-noite* (peça de Georg Kaiser, em parceria com Sonya Grassmann, 1993); *A Última carta* (peça de Nicolas Martin, montagem dirigida por Gianni Ratto, 1994); *A dama do mar* (peça de H. Ibsen, 1996, montagem dirigida por Ulysses Cruz); *Vida no teatro* (peça de David Mamet, 1996, montagem dirigida por Francisco Medeiros, com Umberto Magnani); *Três irmãs* (peça de A. Tchecov,

1998, montagem dirigida por Enrique Diaz, com Maria Padilha, Cláudia Abreu e Júlia Lemmertz).

Desde a publicação do primeiro romance, *Cio* (1965), as obras da escritora sempre foram muito elogiadas pela crítica, devido a seu estilo, sempre com narrativas “labirínticas” e situações em que a ambiguidade prevalece. Quanto à temática adotada, percebem-se elementos comuns em muitas de suas obras, tais como, a solidão, a memória, a onipotência da morte e o cruzamento entre um texto realista e o absurdo. Em seus personagens, verifica-se um interesse grande pelos masculinos, mas é nos femininos que sua atenção maior se concentra e, com eles, relatos de angústia, desespero e agonia, que os tornam enigmáticos. Para Nelly Novaes Coelho, em seu *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002, p.176), os personagens de Edla apresentam problemas existenciais expressos em forma de quebra-cabeças que acabam se encaixando aleatoriamente: “Em seu universo perambulam vidas frustradas pela solidão interior, por um cotidiano limitado, amputado de calor humano, seres perdidos em si mesmos ou arrastados em situações turvas, de um erotismo mórbido.”

Celestino Sachet (1985) classifica as obras de Edla como ficção urbana de caráter psicológico, “Edla Van Steen se preocupa com o íntimo das pessoas.”

Os últimos livros de Edla Van Steen, *No Silêncio das nuvens* (2001) e *A ira das águas* (2004) também acentuam o desencanto com o mundo, a decepção com a sociedade e as limitações impostas à mulher.

Com muitos livros publicados, Edla dirige também sete coleções da Editora Global: *Melhores Contos*; *Melhores Poemas*; *Melhores crônicas*; e quatro séries infanto-juvenis. Em entrevista à *Revista Istoé*, publicada em novembro de 2006¹¹³, a autora afirma que já está rumando para a oitava coleção, que vai se chamar *Roteiro da poesia brasileira*, “uma antologia que reunirá meio milênio de poemas”.

Edla van Steen é membro do PEN Clube do Brasil. Atualmente vem se dedicando ao canto; participa do grupo “Sem Compromisso” e faz

¹¹³ CHAGAS, Luiz. O prazer da escrita. *Revista Istoé*, 01 nov. 2006. Disponível em: <http://www.terra.com.br>. Acesso em: 28 mai. 2009.

miniaturas, pequenos cenários, tendo exposto algumas de suas obras na Galeria Arte Aplicada, em São Paulo.

ICONOGRAFIA: www.klickescritores.com.br

GÊNERO: conto, romance, literatura infanto-juvenil, peça teatral

OBRA: *Cio* (conto - São Paulo, Ed. Von Schmidt, 1965); *Memórias do medo* (romance - São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1974); *Antes do amanhecer*, (conto - São Paulo, Ed. Moderna, 1977); *Corações mordidos* (romance - São Paulo, Global Editora, 1983); *Até sempre* (conto - São Paulo, Global Editora, 1985); *Manto de nuvem* (Lit. infanto-juvenil - São Paulo, Ed. Companhia Nacional, 1985); *Mina de ouro* (teatro - inédita, 1989); *O último encontro* (teatro - São Paulo, Ed. Artenova, 1991); *Madrugada* (romance - Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1992); *Cheiro de amor* (conto - São Paulo, Global Editora, 1996); *Por acaso* (Lit. infanto-juvenil - São Paulo, Global Editora, 1996); *A mão armada* (teatro - São Paulo, Ed. Caliban Editorial, 1996); *Amor de estrela* (teatro - inédita, 1999); *O gato barbudo* (Lit. infanto-juvenil - São Paulo, Global Editora, 2000); *Bolo de nozes* (teatro - Belo Horizonte, Hamdan Editora, 2000); *O presente* (Lit. infanto-juvenil - São Paulo, Global Editora, 2001); *No silêncio das nuvens* (conto - São Paulo, Global Editora, 2001); *A ira das águas* (conto - São Paulo, Global Editora, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.142); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura catarinense em busca da identidade: o conto* (Porto Alegre, Ed. Movimento; Brasília, INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985); *Corações mordidos: o espelho e a colagem* (Florianópolis, Rev. Travessia, 1985); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.15, 96-99); *Corações mordidos: Imaginação e memória* (Florianópolis, UFSC, 1986 – Dissertação de Mestrado); *A literatura catarinense nos anos 80:* catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989 (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.62); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.524-25); Os cem

melhores contos brasileiros do século (seleção de Ítalo Moriconi, Editora Objetiva — Rio de Janeiro, 2000); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Ed., 2002, p.175-177); *A violência urbana na obra ficcional de Edla Van Steen* (Florianópolis, UFSC, 2004 – Dissertação de Mestrado); *Edla Van Steen: o erótico oscilando entre a permanência e a renovação* (Campina Grande – PB, EDUEP, 2006 - artigo).

99. EDLTRAUD ZIMMERMANN FONSECA

Nasceu em Ilhota – SC, em 31 de dezembro de 1934. Viveu grande parte de sua vida no Rio e em São Paulo, e mora atualmente em Indaial – SC. Participou de mais de dez antologias. Colaboradora dos jornais *A Gazeta do Vale*; *Jornal de Santa Catarina* e *Jornal de Indaial*.

Em 1993, recebeu uma homenagem com a medalha cultural *Revista Brasília* e, em 1994, com a medalha *Poeta D. Almeida Victor*, também na Capital Federal.

Em 1982, teve sua novela *Jornada de amor* adaptada pela Rede Globo de Televisão para o programa “Caso Verdade”.

Pertence à UBE – SP e possui vários livros inéditos.

GÊNERO: conto, poesia, literatura infantil, biografia, história, novela

OBRA: *Jornada de amor* (novela - São Paulo, Pannartz, 1981. 80p.); *Quando o outono chegar* (crônicas – São Paulo, Pamaritz, 1981. 75p.); *Portas que se abrem* (autobiografia – São Paulo, Paulinas, 1984. 233p.); *Quero estar com você agora* (contos e poesia – Blumenau, Ed. da Autora, 1988. 52p. Il.); *Ternuras em contos e poemas* (contos, poesia – Blumenau, Ed. da Autora, 1989. 74p.); *Indaial – cidade das plantas e das flores* (histórico – 1992); *Localidade Braço do Baú* (1997); *Memórias de D. Edi* (1999); *Ramalhete de rosas vermelhas* (2001); *Prazer em conhecê-lo* (biografias – 2002); *Vidas vividas* (depoimentos – 2003).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.88-89); *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

100. EDNA DOMENICA MEROLA

Nasceu em São Paulo – SP, em 1953, e atualmente reside em Florianópolis – SC. Graduada em Letras, pela Universidade de São Paulo (1974), em Psicologia pela Universidade São Marcos (1979) e em Pedagogia pela Faculdade Capital (1983). Especialista em Letras, pela Universidade São Marcos, *Fernando Pessoa e a problemática da criação poética* (1976) e *Simbolismo: uma estética do efeito* pela Universidade São Marcos (1975); possui, ainda, especialização em Formação de Psicoterapeutas, pelo Instituto Brasileiro de Psicodrama (1984) e mestrado em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos (2004). Exerceu o magistério no ensino básico e no superior, foi coordenadora pedagógica, supervisora escolar e psicoterapeuta. Pertence à ALIFLOR.

GÊNERO: poesia, conto, autoajuda

OBRA: *Aquecendo a produção na sala de aula* (autoajuda – São Paulo, Ed. Nativa, 2000); *Recados para Rebeca e...* (autoajuda – Florianópolis, Ed. Brado, 2009).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora.

101. EDNA GAIDZINSKI BASTOS

Nasceu em Criciúma – SC aos 15 de janeiro de 1943. Formada em História da Música, frequenta a oficina literária do CALLP – Centro de Atendimento à Literatura e à Língua Portuguesa.

Mereceu menção honrosa no segundo concurso literário *Cidade de Criciúma*, com o poema “Pauliceia – Tributo a Mário de Andrade”.

Integra o grupo de poetas da coletânea *Poemas de oito faces*, lançada pelo CALLP, em 1996.

É membro da Academia Criciumense de Letras, onde ocupa a Cadeira número 11.

ICONOGRAFIA: *Palavra liberta* (Criciúma, [s.n.], 1998).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Palavra liberta* (Criciúma, [s.n.], 1998).

FORTUNA CRÍTICA: *Palavra liberta* (Criciúma, [s.n.], 1998 - contracapa).

102. EGLÊ MALHEIROS

Eglê Malheiros da Costa Ávila Miguel nasceu em Tubarão – SC, em 1928, e mudou-se para Florianópolis - SC ainda pequena; hoje reside com o marido, o escritor Salim Miguel em Biguaçu - SC.

Poeta, ensaísta, cronista, ficcionista, atriz de teatro, professora e autora de livros infantis, Eglê Malheiros, estudou Letras, formou-se em Direito pela UFSC (apesar de nunca ter exercido a profissão de advogada) e é mestre em Comunicação pela UFRJ. Foi professora de História, concursada.

Desde cedo, a autora manifestou seu interesse pela vida política e literária. Participou e ainda participa ativamente de movimentos culturais em Florianópolis. Fez parte do Grupo Sul (1948 – 1958), o grupo de poetas jovens que trouxe o Modernismo para Santa Catarina, em constantes lutas contra a poesia tradicional catarinense e foi co-fundadora e editora da revista *Sul* (Florianópolis, 1948-58) e da revista *Ficção* (Rio de Janeiro, 1976-79) que divulgou o nome de autores consagrados e que promoveu a arte do conto no Brasil, no final da década de 1970.

Em suas atuações, sempre deixou clara a sua independência e a luta pela liberdade de pensamento e de ação. Em entrevista a um jornal local ela disse: “Hoje, quando vejo as jovens usufruindo respeito e liberdade, defendo a consciência das lutas de afirmação femininas. O desconhecimento torna essas conquistas superficiais, porque só o conhecimento da história permite dar raiz e profundidade aos avanços”.

A obra literária de Eglê Malheiros vai muito além da poesia; ela escreveu roteiros de filme, peças de teatro, contos, poemas, criação e crítica de literatura infantil. Em 1998, o Grupo Pesquisa Teatro Novo

exibiu a peça *Vozes veladas*, baseada em texto homônimo de Eglê Malheiros, em comemoração aos 137 anos de nascimento do poeta Cruz e Sousa. Junto com Salim Miguel, escreveu roteiro e argumento de *O preço da ilusão*, primeiro longa-metragem em Santa Catarina. Com Salim Miguel e Marcos Farias fez adaptação e roteiro de *A cartomante*, de Machado de Assis, e *Fogo morto*, de José Lins do Rego.

A autora também trabalha com traduções. Traduziu diversas obras literárias e técnicas do inglês, francês, alemão, espanhol e italiano uma diversidade de textos. Eis algumas de suas traduções: *A coragem de ser* (de Paul Tillich, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1967 – inglês); *Reação e mudança* (de Carl Oglesby e Richard Shaul, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968 – inglês); *Imigrantes para o café* (de Thomas H. Holloway, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984 - inglês); *Como combater a tortura* (relatório do Colóquio Internacional de Genebra, UFSC e OAB, 1986 – inglês); *A mulher eunuco* (de Germaine Greer, Rio de Janeiro, Lidor - inglês); *Knulp* (de Hermann Hesse, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira – alemão); traduziu do francês verbetes (principalmente de História) para a Encyclopédia Delta-Larousse e do inglês para a Encyclopédia Mirador; regularmente artigos e contos do inglês, francês, alemão, espanhol e italiano para as revistas *Paz e Terra*, *Civilização Brasileira*, *Pais e filhos*, *Tendência* (Empresas Bloch) e *Ficção*, bem como para o Boletim da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Eglê foi colaboradora e tradutora das encyclopédias *Delta Larousse* e *Mirador*. Foi diretora, secretária e assessora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Participou de muitos congressos e seminários sobre comunicação ou literatura para crianças e jovens, bem como ministrou cursos sobre o assunto. Tem publicado contos, ensaios e artigos em jornais, revistas e suplementos literários. Manteve uma coluna no Jornal *Diário Catarinense* e participa de antologias como *21 dedos de prosa* (Florianópolis, Associação Catariense de Escritores; Cambirela, 1980); *Este humor catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *Este amor catarina* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1996) e *13 Cascaes* (Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 2008).

ICONOGRAFIA:

<http://www.umdedodeprosa.cce.ufsc.br/arquivos/43/livreto.pdf>

GÊNERO: poesia, literatura infanto-juvenil, conto, crônica, teatro

OBRA: *Manhã* (poesia - Florianópolis, Ed. Sul, 1952); *Desça, menino* (literatura infanto-juvenil - Curitiba, Criar Edições, 1985); *Vozes veladas* (teatro - Porto Alegre, Ed. Movimento, 1996); *Cruz e Sousa - poemas* – organização, notas e seleção (Florianópolis, Centenário Morte de Cruz e Sousa, 1998); *Os meus fantasmas* (infanto-juvenil - Porto Alegre, Ed. Movimento, 2002) .

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.117); *A literatura catarinense* (1985); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.18); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis, Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.30); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis, FCC: Paralelo 27, 1993, p.151); *Ao sul os desejos: a cidade transfigurada na poesia de Eglê Malheiros* (Florianópolis, UFSC, 1996 – dissertação de mestrado); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.306); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.179); *Entrevista com Eglê Malheiros* (Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC, 2003); *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.41-42).

103. ELI HEIL

Eli Malvina Diniz Heil nasceu em Palhoça- SC, em 1929. Sua infância e juventude foram vividas no município vizinho, Santo Amaro da Imperatriz e hoje vive em Florianópolis - SC. Formou-se professora de Educação Física, profissão que adotou antes de se dedicar totalmente às artes.

Pintora, desenhista, ceramista, escultora e tapeceira autodidata, iniciou sua produção artística em 1962. Nessa época, desenha animais e pinta paisagens de morros com casas, utilizando camadas espessas de tinta e cores saturadas. Em 1963, realiza sua primeira mostra individual, em Florianópolis. Nesse ano, o crítico e historiador da arte João Evangelista de Andrade Filho (1931) publica um ensaio sobre a obra da artista e a expõe em Brasília. Ainda nos anos 1960, começa a desenvolver objetos

tridimensionais - aplica bonecos de pano na superfície da tela e, em seguida, cria seres imaginários com materiais diversos como cerâmica, cimento, madeira, argamassa e plásticos derretidos. Expõe individualmente no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC/USP, em 1966, a convite do historiador Walter Zanini (1925). Dois anos depois, passa a expor em países europeus. Participa da 1^a Bienal Latino-Americana de São Paulo, em 1978, e da seção de Arte Incomum da 16^a Bienal Internacional de São Paulo, em 1981. O Museu de Arte de Santa Catarina - Masc realiza uma mostra retrospectiva de sua obra em 1982.

A artista cria, em 1987, *O Mundo Ovo de Eli Heil*, na capital catarinense, onde monta seu ateliê e um espaço para exibição permanente de sua produção. Em 1994, é inaugurada oficialmente a Fundação O Mundo Ovo de Eli Heil.

Das exposições que Eli Heil participou, destacam-se: Individuais no Museu de Arte de Santa Catarina, 1963, 1966, 1969, 1971, 1973, 1974, 1982, 1984, 1986, 1990, 1999, 2003; Individual no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 1966; Individual no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, 1968; Pintores do Brasil, Paço das Artes, São Paulo, 1969; Salão Beauregard, Genebra, 1971; Panorama da Pintura Brasileira - 1922 a 1971, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1971; Sala Especial na Brasil Plástica 72, Fundação Bienal de São Paulo, 1972; Arte Brasil Hoje - 50 Anos Depois, na Galeria Collectio, São Paulo, 1972; III Triennale de L'Art Insitic, Bratislava, 1972; Individuais na Galerie L'Oeil de Boeuf, Paris, 1973, 1977, 1978, 1984, 1987; Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1976; Bienal Latino-Americana de São Paulo, 1978; Bienal Internacional de São Paulo, 1981; Retrospectiva no Museu de Arte de Brasília, 1986; Exposição Inaugural do Museu "O Mundo Ovo de Eli Heil", 1987; Brasil: 100 Anos de Arte Moderna, Museu Nacional de Belas Artes, 1993; Exposição Inaugural da Sala Permanente de Eli M. Heil - Collection Cérès Franco, Lagrasse, 1994; Sala Especial no VII Salão Victor Meirelles, Museu de Arte de Santa Catarina, 2000; Désirs Bruts, Espace Culturel André Malraux, Paris, 2004.

Eli Heil se lança no mundo literário no ano 2000, com a publicação da obra de poemas e desenhos intitulada *Vomitando Sentimentos*.

ICONOGRAFIA:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1615&cd_item=14&cd_idiom=ma=28555

GÊNERO: poesia

OBRA: *Vomitando os sentimentos* (Florianópolis, Fundação O Mundo Ovo de Eli Heil, 2000. 144p. il.).

FORTUNA CRÍTICA:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1615&cd_item=14&cd_idiom=ma=28555; <http://www.elihel.org.br/>

104. ELIANA CAMARGO MOREIRA

Nasceu em Belém – PA aos 20 de junho de 1973. Cursou Letras na UNIPLAC, atua como professora de língua portuguesa em Correia Pinto – SC e dirige o grupo teatral *Cheiro de Arte*. Colaboradora do jornal *O povo* (SC) e da revista *Mundo Jovem* (RS).

Eliana C. Moreira recebeu o prêmio de destaque cultural de Correia Pinto (1988), com a publicação da obra *Vida presente de amor*. Pertence à Associação Lageana de Escritores.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Vida presente de amor* (Caxias do Sul, RS, Paulinas, 1988. 56p.); *O outro lado* (Caxias do Sul, Paulinas, 1991. 64p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.154).

105. ELIANA PONTES

Nasceu em São Paulo – SP, mas mora em Florianópolis – SC desde 1992.

Participou de três coletâneas literárias: *Impressões I* (1985); *Impressões II* (1986) e *Impressões III* (1987). Em 1994 foi premiada com a poesia “Casa Vazia”, no concurso literário do Hospital Infantil Joana de Gusmão, promovido pela Secretaria Estadual de Saúde junto à Universidade Federal de Santa Catarina. De 1995 a 2000 foi colaboradora na revista *Muzika*. Em 2001, inicia seu projeto “Incentivo à leitura nas escolas” abrangendo as escolas estaduais de Florianópolis.

ICONOGRAFIA: *Floripa em versos* (Florianópolis, IOESC, 2001. p.52).

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Um coração aberto em Florianópolis* (Florianópolis, Ed. da Autora, 2000); *Floripa em versos* (Florianópolis, IOESC, 2001. 54p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Floripa em versos* (Florianópolis, IOESC, 2001. p.53 - contracapa).

106. ELIANE DEBUS

Eliane Santana Dias Debus nasceu em Sombrio – SC no dia 20 de julho de 1966 e reside atualmente em Florianópolis – SC. Possui mestrado em Lit. Brasileira pela UFSC (1996) e doutorado em Teoria da Literatura pela PUC-RS (2001). É professora do Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro de Educação, da UFSC e trabalha como pesquisadora na área de Literatura Infantil e Juvenil, leitura e formação de professores. É membro do Grupo de Estudos Literatura Infantil e Educação para a Literacia (LIBEC), da Universidade do Minho, Braga/Portugal e membro da AEILIJ-SC.

Colabora sistematicamente em vários boletins de literatura infantil e juvenil e sites eletrônicos, entre eles: *O Balainho* – boletim de literatura

infantil e juvenil; www.dobrasdaleitura.com, www.docedeletras.com, www.asadapalavra.com.br.

Possui artigos publicados em revistas científicas e livros e escreveu as obras *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido* (Florianópolis, UFSC/UNIVALI, 2004); *Festaria de brincança: a leitura literária na educação infantil* (São Paulo, Ed. Paulus, 2006) e *A literatura infantil e juvenil de língua portuguesa: diálogos do Brasil e d'álém mar* (Blumenau, Ed. Nova Letra, 2008).

Obteve as seguintes premiações: 3º lugar no *Concurso de Contos e Poesia* da Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari (1986); 1º lugar no *VII Concurso Literário para alunos da FUCRI*, com o conto “A vagabunda” (1989); menção honrosa no *VII Concurso Literário para alunos da FUCRI*, com a poesia “Eterna Busca” (1989); menção honrosa no *VII Concurso Literário para alunos da FUCRI*, com a crônica “Doce ausência” (1989); menção honrosa no *IV Concurso Nacional de Contos - Revista Brasília* (1991); prêmio revelação literária no *Concurso In Verso*, Palco Habitasul (2005); o mérito de Altamente Recomendável pela obra *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, da FNLIJ- Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (2005); mérito de Altamente Recomendável para o livro teórico *Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil*, pela FNLIJ- Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (2007).

GÊNERO: Lit. infanto-juvenil

OBRA: *O medo e seus segredos* (Juiz de Fora, Ed. Franco, 2008, il. de Bruno Grossi).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora.

107. ELIANE TEREZINHA GABIATTI

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *Caroline e o amor à natureza* (Ipurimirim, Prefeitura Municipal, [198-]).

108. ELISABETE ARAÚJO LEONETTI

Nasceu em Porto Alegre – RS. De família catarinense, chegou a Florianópolis – SC, onde fez o curso de Letras na UFSC. É poeta e artista plástica.

Participou esparsamente em alguns jornais e colabora em algumas antologias, como, *Poesias, contos e crônicas* (Instituto Estadual do Livro , Porto Alegre, 1973); *Poeta do sonho e realidade* (Ed. da Associação Nacional dos Fiscais de Contribuições Previdenciárias, Brasília, 1992); *Essa nossa estrada-história fiscais II* (Ed. da Associação Nacional dos Fiscais de Contribuições Previdenciárias, Brasília, 1994).

É detentora de algumas premiações, dentre elas, o primeiro lugar no *Primeiro Concurso Universitário da UFSC* (1973); menção honrosa no prêmio *Apesul de Revelação Literária* (1978); terceiro lugar no *III Concurso de contos eróticos da Revista Status* (1992); menção honrosa no *Concurso Talento Literário 92*, da ANFIP (1992); segundo lugar no *II Concurso Literário Cidade de Criciúma* (1996); primeiro lugar no *Concurso Talento 97*, promovido pelo INSS/SC.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Descrição dos universos* (Florianópolis, FCC, 1998. 32p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Descrição dos universos* (Florianópolis, FCC, 1998. 32p. - contracapa).

109. ELISABETE VERÔNICA TOMÉ

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *Fresquinhas e vaidosas* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1995); *Vivinha para sempre* (Florianópolis, LADESC, 1986).

110. ELLEN CRISTA DA SILVA

Nasceu em Blumenau – SC. É formada em Letras – Alemão e possui mestrado em Linguística pela UFSC. Atualmente leciona na UnB. Publicou artigos em revistas em território nacional e no exterior, além de ter participado na elaboração e editoração de periódicos informativos em diversas instituições. Foi premiada em diversos concursos e pertence à Sociedade Escritores de Blumenau.

ICONOGRAFIA: <http://www.seblumenau.org/EllenCristadaSilva.htm>

GÊNERO: romance

OBRA: *Yanka: a fuga da guerra e o refúgio no Brasil* (Florianópolis, Ed. Insular, 2007. 176p.).

FORTUNA CRÍTICA: Sociedade Escritores de Blumenau (<http://www.seblumenau.org/isneldaweise.htm>).

111. ELLY HERKENHOFF

Nasceu em Joinville – SC em 1906. Aos 22 anos, mudou-se para o Espírito Santo e, depois, para o Rio de Janeiro onde trabalhou e estudou. Em 1972, retorna a Joinville, onde viveu até seu falecimento em 2004. Elly Herkenhoff é uma das mais importantes intelectuais de Joinville. Foi professora, historiadora e tradutora (traduziu vários livros para o alemão). Como historiadora, escreveu: *Era uma vez um simples caminho e História da imprensa de Joinville*.

Não publicou em livros. Seus poemas e contos foram publicados em língua alemã no anuário *Serra-Post Kalender* e no jornal *Brasil-Post*. Em 2006, a escritora Regina Colin organizou uma coletânea das obras da autora, publicou e traduziu-as em uma obra chamada: *Anno Dazumal: contos e poemas Elly Herkenhoff*.

GÊNERO: conto, poesia

OBRA: *Anno Dazumal: contos e poemas Elly Herkenhoff* (Regina Colin (Org.). Joinville, Ed. Letradágua, 2006. 127p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Anno Dazumal: contos e poemas Elly Herkenhoff* (Regina Colin (Org.). Joinville, Ed. Letradágua, 2006 - contracapa).

112. ELOAH ROCHA MONTEIRO DE CASTRO

Nasceu no Rio de Janeiro – RJ no dia 16 de julho de 1953. Formada em Arquitetura pela UFF, é professora de arquitetura e urbanismo da UFSC e artista plástica. Participa das antologias *O professor é um poeta* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1989) e *18 poetas catarinenses – a mais nova geração deles* (Florianópolis, Semprelo, 1991).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Espelhos* (Florianópolis, Semprelo, 1990. 12p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.61).

113. ELOÍ ELISABETH BOCHECO

Nasceu em Campos Novos – SC, residiu muito tempo em São José – SC e atualmente mora em Bombinhas - SC. Professora aposentada, graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (RS), pós-graduada em Metodologia de Leituras.

Iniciou na literatura em 1988 escrevendo crônicas no “Caderno de Cultura” do Jornal *A Notícia*, de SC. É responsável, junto com a educadora Zenilde Durli, pelo jornal de literatura infanto juvenil, *O Balainho* – publicado pela Universidade do Oeste de SC. Faz parte do Conselho Consultivo da Revista Eletrônica *Dobras da Leitura*. Atua em diversos projetos de acesso ao livro e dinamização da leitura e em 2000 publicou o livro teórico para educadores: *Poesia infantil: o abraço mágico* (Florianópolis, Ed. Argos, 2000).

A obra de Eloí Bocheco é destinada a crianças e adultos, sejam estes pais ou educadores. A autora ganhou diversos prêmios em sua carreira literária, dentre eles, prêmio *Boi-de-mamão*, de melhor livro infantil (Câmara Catarinense do Livro, 1998), com a obra *Uni... Duni... Téia*; prêmio *Leia Comigo!*, (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil/RJ, 2003), pelo relato ficcional *Não vá embora, Clarice!*; prêmio *Mario Quintana*, com a obra *Beatriz em trânsito* (2005) - em 2006, a obra foi selecionada para o catálogo oficial da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique - *Catálogo White Ravens*, para o *Catálogo de Bolonha/Feira Del Libro per Ragazzi/Itália* e para o *Acervo Básico FNLIJ*; prêmio *Literatura para Todos* do Ministério da Educação – MEC (2006), com o livro *Batata cozida, mingau de cará*; a obra “Pedras Soltas” foi selecionada pela Academia Catarinense de Letras como livro do ano – na categoria crônicas (2007); e prêmio *LGE de Literatura Infantil*, da Editora LGE/SP, para o livro *Casa de Consertos* (2008). Além destes, a obra *O Pacote que tava no pote* foi selecionada para o PNLD - do Governo de São Paulo.

ICONOGRAFIA: Disponível em:
<http://www.blogger.com/profile/00354815394208759941>

GÊNERO: literatura infantil, poesia infantil, crônica

OBRA: *Uni... Duni... Téia* (lit. infantil - Florianópolis, Papa-Livro, 1998); *A de amor - a de abc* (lit. infantil - Florianópolis, Papa-Livro, 1999); *Ô de casa* (lit. infantil - Florianópolis, Grifos, 2000, il. Gisele Santos); *O pacote que tava no pote* (lit. infantil - São Paulo, Ed. Paulinas, 2005, il. Mari Ines Piekas); *Beatriz em trânsito* (lit. infanto-juvenil – Porto Alegre, Ed. Nova Prova, 2006 e Ed. Dimensão, 2007, Il. João Lins); *Pedras soltas* (crônica – Florianópolis, Ed. da UFSC, 2006); *Contra feitiço, feitiço e meio* (lit. infantil - São Paulo, Ed. Paulinas, 2006, il. Mari Ines Piekas); *A chave que o vagalume alumiou* (lit. infantil - São Paulo, Ed. Paulinas, 2007, il. Mari Ines Piekas); *Batata cozida, mingau de cará* (lit. infantil – tradição oral: poesia, folclore, Ministério da Educação, 2006, Xilogravuras de Tati Rivoire); *Gaitinha tocou, bicharada dançou* (lit. infantil - Florianópolis, Ed. Paulinas, 2008); *Histórias pra boi não dormir* (lit. infantil - textos do nonsense– Juiz de Fora, Ed. Franco, 2008); *Não vá embora, Clarice* (Rio de Janeiro - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Publicado no

Jornal *Notícias da FNLIJ* – nº 2, vol. 24/ fev. 2003); *Jardim de brinquedo* (lit. infantil - São Paulo, Ed.Paulinas, 2009, ilust. Walther Moreira Santos – no prelo); *Casa de consertos* (lit. infantil - Brasília, Ed. LGE, 2009 – no prelo – os originais desta obra foram premiados em um concurso dessa editora).

FORTUNA CRÍTICA: *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.43-48); *A nova Literatura Catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

114. ELSE SANT'ANNA BRUM

Nasceu em Joinville – SC, em 15 de agosto de 1936, local em que mora até hoje. É formada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras pela FURJ, fez pós-graduação em Língua Portuguesa pela UFPR. Trabalhou como professora de 1º Grau, como bancária, em vários bancos do país, e na Secretaria Municipal de Educação de Joinville. Participa do Grupo Literário “A Ilha”, onde publica vários poemas.

Else Sant’Anna Brum já publicou em diversas revistas, jornais, antologias e na internet. Atualmente suas histórias são publicadas mensalmente no Caderno *AN Escola*.

Foi premiada no concurso *Histórias para a Infância Catarinense* com a obra *Miguelito Pirulito*.

GÊNERO: poesia, lit. infanto-juvenil

OBRA: *Miguelito Pirulito* (lit. infanto-juvenil - Blumenau, Ed. Eko, 1986); *Cri-Cró* (lit. infanto-juvenil - Blumenau, Ed. Eko, 1992); *Retetéu* (lit. infanto-juvenil - Blumenau, Ed. Eko, 1994); *Serelepe* (lit. infanto-juvenil - Joinville, Ed. Movimento e Arte, 1997); *Hóspedes do coração* (poesia, Florianópolis – A Ilha, coleção poesia viva, 2007).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009); <http://br.geocities.com/prosapoesiaecia/elselitinfantil.htm>; “Leitores homenageiam escritora – autora de livros infantis visita escola” (<http://www.an.com.br/2002/out/12/0cid.htm>); dados fornecidos pela própria autora.

115. EMANUELI DIMON MASSUCCO

Nasceu em Orleans – SC em 1981.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Anatômico* (Orleans, Ed. Coan, 2007. 140p. il).

FORTUNA CRÍTICA: *Anatômico* (Orleans, Ed. Coan, 2007. 140p. il. - contracapa).

116. EMÍLIA ARAÚJO LOPES

GÊNERO: poesia

OBRA: *Ciranda de versos* (poesia – Lages, Prefeitura Municipal, [19-]. 58p.); *Espelhos d'alma* (Lages, Pérola, [19-]).

117. EMMA DEEKE

Emma Maria Rischbieter Deeke nasceu em Blumenau – SC a 07 de junho de 1885. Aos 19 anos, casou-se com o agrimensor José Deeke, funcionário da "Sociedade Colonizadora Hanseática" com sede em Hamônia (atual cidade de Ibirama – SC), onde o jovem casal estabeleceu residência. Dona Emma, como era conhecida, foi uma exemplar mulher no lar e na sociedade. Participava constantemente de atividades caridosas a hospitais, igrejas, escolas, associações culturais e esportivas. Colaborou em diversos jornais e revistas, publicando contos e poemas.

Em 1922, escreve *Liebe und Pflicht* (Amor e dever), romance publicado na íntegra no *Kalender für die Deutschen in Brasilien*. Nessa obra, Emma Deeke conta uma história da adaptação dos alemães à nova pátria. “O significado é simples: imigrantes e descendentes são cidadãos brasileiros e amam a nova terra onde construíram uma vida nova, mas

permanecem apegados à sua origem, costumes e língua materna.” (SEYFERTH, 2004, p.22).

De acordo com a pesquisadora Valburga Huber (2008), Emma Deeke, assim como Gertrud Gross-Hering e Tereza Stutzer pertencem ao segundo momento do regionalismo alemão. Como característica dessa geração, tem a expressão do

[...] desejo crescente de integração à nova terra, num sentimento de afeto sempre maior por essa terra que ela deseja louvar com uma literatura própria. É a geração que quer ter uma literatura própria, que é produzida numa outra realidade e traz em seu cerne duas culturas: a alemã e a brasileira. Por isso ela expressa não só o ‘Deutschum’, mas sim o ‘Deutsabrasilianertum’, ou seja o patrimônio cultural teuto-brasileiro. A sua imagem do Brasil ainda é edêlica, mas o paraíso construído é muito exaltado e ele tem a sua cultura e literatura próprias. Têm-se consciência do processo de aculturação e busca-se preservação da cultura ancestral, sobretudo a língua. (HUBER, 2004, p.38)

Viúva desde 1931, Emma Deeke faleceu em Blumenau em 10 de abril de 1950. Em sua homenagem, em 15 de junho de 1962, foi criado o Município de Dona Emma, localizado no Alto Vale do Itajaí – SC.

GÊNERO: poesia, conto, romance

OBRA: *Amor e dever* (romance, 1922).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.127); *A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade* (Porto Alegre, *Horizontes Antropológicos*, 2004); Prefeitura Municipal de Dona Emma (Disponível em: <http://www.donaemma.sc.gov.br>).

118. ERIKA MARTINS FLESCH

Nasceu na Ucrânia – Rússia, em 1925, e chegou ao Brasil em fevereiro de 1930. Viveu quatro anos em Witmarsun – SC, fundada por imigrantes teuto-russos e, em 1935, veio para Blumenau – SC. Estudou

violino desde os 9 anos de idade, atuou sob a batuta do maestro Geyer até 1950, quando casou com Alfonso Maria Flesch. Fez incursões pela música, desenho e poesia. Tem livros infantis publicados pelo Moravia Verlag de Viena – Áustria. Traduziu e adaptou poesias e textos, entre eles “O Imigrante”, “Viva o Ministro” e “Valéria”, obra inacabada de Heinz Geyer, e ainda várias composições isoladas. Colaborou até 1956 com o jornal *Luzeiro Mariano* e com o programa radiofônico *Os sinos anunciam*, com crônicas semanais. Foi co-fundadora do Movimento Social e Educacional Feminino de Blumenau, que deu origem à implantação dos Centros Sociais do Município. Integrou o coral misto do Centro Cultural “25 de julho”. Participou da Associação Feminina de Blumenau.

GÊNERO: poesia, lit. infantil

OBRA: *Viver é lutar* (1945).

FORTUNA CRÍTICA: *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)* (KORMANN, Edith, FCC, p.71).

119. ERNA PIDNER

OBRA: *Falando de corações* (Joinville, Ed. Poemarte, 1985).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.216).

120. ESMERALDA NELSON PONTE RIBEIRO

GÊNERO: poesia

OBRA: *Ilha de Sant Malo* (Curitiba, A.M. Cavalcant, 1979. 141p.).

121. ESTHER LAUS BAYER

Nasceu em Tijucas – SC no dia 3 de outubro de 1902. Foi a primeira normalista de sua cidade (formou-se normalista pela Escola Normal Catarinense – Florianópolis, 1918). Exerceu o magistério público em Tijucas e Brusque até 1923. Participou ativamente na política estadual e federal, tendo sido presidente da Ala Udenista Feminina de Tijucas. Foi radialista durante sete anos, mantendo programas recreativos e educacionais em emissoras de Itajaí, Joinville, Indaial e Lages.

Esther Laus foi redatora e colunista de vários jornais. Aos 75 anos ainda participava nos jornais *Diário de Santa Catarina* (Blumenau – SC); *Jornal do Povo* (Itajaí); *Revista Luso-Brasileira* (Florianópolis) e *Diário de Montes Claros* (MG).

Ganhou vários prêmios literários, inclusive em Buenos Aires, no concurso *Ronda de Sonetos* da Revista *República de las Letras*; 1º lugar no concurso literário promovido pelo Rotary Club da cidade de Itajaí – SC.

A escritora possui três livros ainda inéditos: *Pétalas de poesia; Devaneios e Sombras*.

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Poesia e crônica* (Org. por Ruth Laus et al. – Itajaí, Fundação Genésio Miranda Lins, Prefeitura Municipal, Secretaria da Educação, 2002. 166p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Poesia e crônica* (Org. por Ruth Laus et al. – Itajaí, Fundação Genésio Miranda Lins, Prefeitura Municipal, Secretaria da Educação, 2002. p. 5-7).

122. EULÁLIA HORVATH

Olindina Eulália Horvath nasceu em Imbituba – SC.

ICONOGRAFIA: *Pensamentos e poemas: vivências e alegria* (Florianópolis, Ed. do Autor, 1988. 100p.)

GÊNERO: poesia

OBRA: *Pensamentos e poemas: vivências e alegria* (Florianópolis, Ed. do Autor, 1988. 100p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Pensamentos e poemas: vivências e alegria* (Florianópolis, Ed. do Autor, 1988. 100p. - contracapa).

123. EULÁLIA MARIA RADTKE

Nasceu em Gaspar – SC em 06 de maio de 1949 e mudou-se para Blumenau – SC ainda pequena, onde cursou até o ginásio; trabalhava na lavoura e depois como fandeira na indústria TEKA. Estudou, fez cursos profissionalizantes, foi para São Paulo, onde atuou como um dos líderes do movimento da *Catequese Poética Paulista*, na década de 1960 e, atualmente, mora em Curitiba – PR. É membro da Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina.

Poeta, teatróloga, jornalista, compositora e cenógrafa, escreve música e produz catálogos de exposições de artes plásticas nas décadas de 1970 e 1980, em Blumenau.

Nessa época, envereda-se para a poesia; aliás, ainda adolescente já possuía seus poemas publicados na imprensa. Desde 1972 publica em jornais e revistas literárias de várias partes do país e até do exterior, dentre eles, *Jornal de Santa Catarina*; *Diários Associados*; *O Estado*; *Cogumelo Atômico*; *O Acadêmico*; *Cordão*; *Geração, Curitiba*; *Abertura Cultural, Rio*; *Tribuna da Imprensa, Rio*; *Destaque*, Suplemento Literário do *Estadão* de Minas; *Suplemento Literário de Minas*; *Jornal de Blumenau*; *Revista Ollinkraft, Lages*; *Literaçú, Blumenau; Rua XV*; *Jornal do Comércio, Recife*; *O popular, Brasília*; *UPES, Curitiba*.

Participa das antologias *Contos e poemas* (1979); *Contistas de Blumenau* (Florianópolis, Lunardelli, 1980); *Contistas e cronistas catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica, 1979); *Poetas de*

Blumenau (Fundação Casa Dr. Blumenau, SC, 1982, p.95); *Poetas de Blumenau, Contos e poemas* (Florianópolis, FCC, 1983).

Recebeu diversos prêmios, dentre os quais se podem destacar: menção honrosa da Prefeitura de Itajaí – SC (1973), ao concorrer ao Concurso de Poesia; menção honrosa no II Festival de Inverno de Itajaí (1974); prêmio *Lausimar Laus*, obtendo o 1º lugar no concurso de poesias, em (1976); prêmio *Ferreira Gullar*, em concurso nacional no Paraná (1978); prêmio *Delfino* – Fundação Catarinense de Cultura (1979); prêmio *Quarta Noite da Poesia Paranaense* – Fundação Teatro Guaíba (1983); prêmio *Mario Quintana* – Alegrete, RS (1984); prêmio *Shogun Editora* – Rio de Janeiro (1985); prêmio *Concurso Nacional de Poesia pela Paz* (conjunto de sete poemas gravados em bronze e granito em exposição a céu aberto, em Cachoeiro do Itapemirim, ES (19860; menção honrosa no prêmio *Manuel Bandeira*; Concurso Nacional de Poesia da Academia Teresopolitana de Letras, RJ (1986).

Eulália Radtke foi considerada por Celestino Sachet (crítico da ACL) como a “grande revelação da poesia catarinense de 1980”. Seus poemas são “curtos, concisos e líricos”, como já definiu Lindolf Bell, sempre ligados à busca humana em si mesmo e no próximo. A construção dos poemas é muito bem trabalhada, incluindo a linguagem repleta de metáforas, e a estrutura é a contemporânea.

Em 1980, Eulália lança seu primeiro livro *Espiral*, poemas voltados para a questão existencial, interior, uma volta ao eu, a afirmação do ser.

Seu próximo livro, *O sermão das sete palavras*, marca sua “maturidade existencial e poética”, nos dizeres da crítica Nelly Novaes Coelho:

*[Sobre o livro] Espiral – sequência de poemas-sínteses de uma intensa vivência existencial, voltada para o outro, como parte essencial do eu. Poesia de alta linhagem, a de Eulália chegou à forma de livro pelo estímulo de Lindolf Bell que, ao conhecer os originais escritos ao longo de anos, descobriu neles a marca da poesia autêntica. [...] No livro seguinte, *O sermão das sete palavras*, aprofunda-se a visão de mundo que energiza sua poesia anterior [...] esta nova recolha poética revela a maturidade existencial e poética atingida pela autora.*
(COELHO, 2002, p.204)

Paralelo a essa atividade poética, a autora desenvolve outras atividades culturais: em 1977, junto a Lindolf Bell, participa do Movimento da *Catequese Poética*; de *Murais* (tapumes pintados por crianças de escolas públicas), ao lado de Paulo Leminski e outros; em 1979, realiza, na FURB, a exposição “*Fotopoemas*”, junto ao fotógrafo Ingo Penz; faz encenações e outras atividades artísticas junto a outros escritores.

ICONOGRAFIA: *O sermão das sete palavras* (Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura; Brasília: Thesaurus, 1986).

GÊNERO: poesia

OBRA: *As travessias* (Blumenau, Ed. do Autor, 1977); *Espiral, poemas* (Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, Edições, 1980); *O sermão das sete palavras* (Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura; Brasília, Thesaurus, 1986); *Três poemas* ([S.l.: s.n.], [19-]).

FORTUNA CRÍTICA: *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.283); *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica Blumenau, 1979, p.156-64); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.202); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.19); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.47); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.57); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.203-206).

124. EVA DE LOURDES CÂNDIDO DA SILVA

Nasceu em Cambará do Sul – RS, mas reside em Lages – SC desde 1968. Formou-se em Letras e possui pós-graduação na área. Professora aposentada, lecionou em escolas públicas e particulares de Lages.

Organizou concursos literários e coletâneas poéticas, como, *Arte em palavras* (Colégio Industrial) e *Meio ambiente* (SENAI de Lages) e publicou artigos e poesias em jornais locais. Participa da *Caderneta poética* nº 02 e *Operários literários* nº 09 da ALE, da qual é sócia e colaboradora desde 2006 e atualmente é vice-presidente.

ICONOGRAFIA: *Reolhares do tempo: prosa e poesia* (Lages, Grafine, 2010. 150p. il. de Marilda Wolff - contracapa).

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Reolhares do tempo: prosa e poesia* (Lages, Grafine, 2010. 150p. il. de Marilda Wolff).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora; *Reolhares do tempo: prosa e poesia* (Lages, Grafine, 2010. 150p. il. de Marilda Wolff - contracapa).

125. EVELISE SCHWEITZER

Nasceu em Alfredo Wagner – SC. É pintora e escritora e também compõe músicas sacras. Participa da 5^a Antologia da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses.

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *A fadinha azul* ([s.n.], [s.l.], [s.d.]).

FORTUNA CRÍTICA: 5^a *Antologia poética* (Florianópolis: ACPCC, 2002).



F

126. FABIANA DE OLIVEIRA SANDRI

Nasceu em Itajaí – SC onde atualmente reside, após ter passado grande parte da vida em Florianópolis – SC. Cursou Economia Social na UFSC, Comunicação Social Jornalismo na UNISUL e Língua Francesa, na Alliance Française. É membro suplente do Conselho Municipal de Cultura.

Escreveu para diversos jornais em Santa Catarina e ingressou nas Academias de Letras de Biguaçu, onde ocupa a Cadeira número 18 e Academia Itajaiense de Letras, Cadeira número 26.

Recebeu o *Prêmio Franklin Cascaes de Literatura* – categoria crônica/versão, com “Preto Luís” e “Pão de açúcar” (1996) e o *Prêmio Revelação Catarinense*, dado pela Academia Catarinense de Letras.

ICONOGRAFIA: *Dança da canoa* (Florianópolis: Ed. Papa-Livro, 1997).

GÊNERO: romance, crônica, poesia

OBRA: *Extermina-se mundo meu* (romance – Florianópolis, Ed. da Autora, 1987); *Dança da canoa* (romance – Florianópolis, Papa-Livro, 1997); *Do lado de dentro: romance e fragmentos* (romance - Blumenau, Nova Letra, 2005).

FORTUNA CRÍTICA: *Dança da canoa* (Florianópolis, Papa-Livro, 1997 - contracapa).

127. FABIANA GUIMARÃES BEDUSCHI

Nasceu em Blumenau – SC no dia 22 de novembro de 1976, mas transferiu-se para Vacaria – RS, onde veio a falecer em 30 de maio de 1991.

ICONOGRAFIA: *Deuses adolescentes* (Florianópolis, Papa-Livro, 1992. 24p. il.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Deuses adolescentes* (Florianópolis, Papa-Livro, 1992. 24p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Deuses adolescentes* (Florianópolis, Papa-Livro, 1992. 24p. il. - contracapa).

128. FÁTIMA DE LAGUNA

Fátima de Laguna, pseudônimo de Maria de Fátima Barreto Michels, nasceu em Laguna – SC, em junho de 1952.

Poeta e cronista, a autora tem se mostrado divulgadora da cultura catarinense. Professora aposentada, tem na fotografia seu grande hobby. Seus trabalhos aparecem publicados em vários jornais, revistas, antologias e em portais na internet, como o *Rio Total*.

Fátima de Laguna é editora da revista *Mirandum*, da Confraria de Quintana em Santa Catarina.

Participou da antologia *Mudanças e permanências* – contos e poemas, do Grupo de Escritores Lagunenses Carrocel das Letras.

ICONOGRAFIA:

<http://www.riototal.com.br/coojornal/fatimalaguna1.htm>

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Tecidas manhãs* (poesia – coleção Poesia Viva).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

129. FÁTIMA VENUTTI

Nasceu em Osasco – SP, em 1965, e reside em Blumenau – SC desde 2002. É formada em Letras, escreve desde os 11 anos e possui textos premiados em diversos concursos literários.

É coautora e organizadora de antologias da Sociedade Escritores de Blumenau – SEB e membro da Academia Catarinense de Letras e Artes, onde ocupa a Cadeira número 11. Participa da antologia *Estação Catarina: o trem passou por aqui* (2009) e *Gente que é: contos e crônicas* (SEB, Nova letra, 2007). Todas as suas obras são bilíngues (português/espanhol).

GÊNERO: poesia, conto, crônica

OBRA: *Último beijo* (poesia – Blumenau, Ed. THS Arantes, 2007); *Terceiro apito* (conto e crônica – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: *Estação Catarina: o trem passou por aqui* (Blumenau, Nova Letra, 2009).

130. FÊ LUZ

Ver Liluah.

131. FELÍCIA HATZKY SCHÜTZ

Nasceu em Beusingsen, perto de Soest-Westfalia, Alemanha, em 30 de maio de 1917. Veio para o Brasil em 1924, com seus pais, Felix Hatzky e Emma Kirchhoff Hatzky. Seus primeiros estudos aconteceram em Palhoça – SC. Formou-se professora em 1934 na Escola Normal Catarinense (hoje Faculdade de Educação) em Florianópolis.

Casou-se em 1938 e foi morar em Taquaras – SC, município de Rancho Queimado, lugar em que mora até hoje.

Em 1939 naturalizou-se brasileira. Exerceu funções públicas e comunitárias: foi vereadora do município de Rancho Queimado de 1976 a 1982, tendo sido, por dois anos, presidente da Câmara; foi, ainda, a primeira presidente da Associação Comunitária do Distrito de Taquaras, e presidente da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de Taquaras durante oito anos.

Em 1997 traduziu as memórias de sua mãe, manuscritas em alemão gótico em seis cadernos de duzentas folhas, concluindo o livro *Emma Hatzky: uma mulher do século passado*.

GÊNERO: memória

OBRA: *Emma Hatzky: uma mulher do século passado* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2000. 604p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Emma Hatzky: uma mulher do século passado* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2000. 604p.).

132. FERNANDA CIRIMBELL DA LUZ

Ver Liluah/ Fê Luz.

133. FERNANDA MAZZUCCO MAZZURANA

Nasceu em Orleans, no dia 08 de novembro de 1978. É filha da escritora Sueli Mazzucco Mazzurana. Apesar da pouca idade, já ocupa a presidência da entidade cultural de Orleans (Associação Orleanense dos Amantes das Letras e das Artes (AOALA)) e possui alguns trabalhos publicados.

ICONOGRAFIA: *Poemas de idade média* (Orleans: Elo, 1993. 57p.)

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poemas de idade média* (Orleans: Elo, 1993. 57p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Poemas de idade média* (Orleans, Elo, 1993. 57p. - contracapa)

134. FERNANDA MOROSO

Nasceu em Ponte Serrada – SC. Aos 13 anos, mudou-se para Itajaí – SC onde iniciou sua carreira literária e se formou em Letras pela Universidade do Vale do Itajaí. Aos 24 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro para ser atriz.

Fernanda é atriz, modelo, poeta, escritora, roteirista, produtora e professora de TV e Teatro.

Ingressou na literatura, ao ser premiada entre os 15 primeiros lugares no concurso realizado pela Associação dos Magistrados Catarinenses (2000), com o conto “Fio gasto”. Participou de outros concursos como *AMC – Literária e Um feito de sentidos* (crônicas).

Em 2003, ingressou na Academia Itajaiense de Letras, ocupando a Cadeira número 34.

Possui um site onde publica seu trabalho: fernandamoroso.blogspot.com.

ICONOGRAFIA: *Contos de um policial* (Blumenau, Nova Letra, 2008 – contracapa).

GÊNERO: conto, poesia, crônica

OBRA: *Um feito de sentidos* (Itajaí, Oficina Comunicações Ed., 2001. 42p.); *Eu e você: um grande amor* (poesia – Itajaí, [s.n.], 2002); *Amor Proibido* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Caminhos do Sul* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *De volta para casa* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *A última saudade* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Tempestade* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Segredos do Tempo* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Feliz Natal* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2002); *Nas entrelinhas do mar* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *As ordens do amor* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Saudade Perdida* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *É Permitido Sonhar* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Na Canção do Tempo* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Pensamentos* (Itajaí, Ed. Alternativa, 2003 – livro de bolso); *Caminhos do sul* (Itajaí, 2003. 32p.); *Construção* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Despertar* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de

tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Guia dos Ventos* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Traços de Chão* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Portal* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Sem Fronteiras* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Os sentimentos de todos os dias* (poesia – Itajaí, [s.n.], 2004); *Da cor do mar* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Perto de você* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Hora Marcada* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Das folhas dos ventos* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Nos vôos da imaginação* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Quase Doce* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, 2004); *Felicidade Sempre* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Anjos da Terra* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Criação* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Recomeçar* (conto, crônica, poesia - Série “Um pouco de tudo para todos lerem”, Itajaí, [s.d.]); *Diário de crônicas e outras histórias* (crônica, conto – Itajaí, [s.n.], 2005); *Diário de crônicas e outras histórias; Contos de um policial* (Blumenau, Nova Letra, 2008. 86p.).

FORTUNA CRÍTICA: fernandamoroso.blogspot.com; *Contos de um policial* (Blumenau, Nova Letra, 2008 – contracapa).

135. FÍDIAS TELES

GÊNERO: poesia

OBRA: *Estilhaços poéticos* (Mafra, SC, Ed.NOSDE, 2003).

136. FRANCIAНЕ MACIEL DUTRA

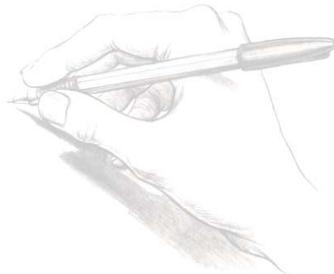
Nasceu em 02 de junho de 1988 em São José – SC. Desde pequena interessa-se pela literatura; seu primeiro conto, “O gato Napoleão”, foi escrito quando cursava a 4^a série do primário.

É membro do Grupo de Poetas Livres de Florianópolis e da AEILIJ-SC. Participa de antologias, como: 1^a Antologia do GPL, *Poesias e outros Textos* (Edeme, 1999); *Presença da Literatura Infantil e Juvenil em Santa Catarina* (org. por Yedda de Castro Goulart, 2009).

GÊNERO: Lit. Infanto-juvenil, conto

OBRA: *Uma Noite Alucinante* (Lit. Infanto-juvenil – contos - Florianópolis, Ed. do Autor, 1999).

FORTUNA CRÍTICA: *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.53-55); http://aeilijsc.autonomia.g12.br/?page_id=132.



G

137. GELKA MARIA DA SILVA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Coração inquieto* (poesia – Lages, Prefeitura Municipal, [198-]. 59p.).

138. GERALDINA DA SILVA PEREIRA

Nasceu em São Francisco do Sul – SC, em 05 de abril de 1929, mas reside em Jaraguá do Sul – SC há 55 anos. Foi professora, operária, funcionária pública e benzedeira. Participou de antologias como *A nova poesia do norte catarinense* e publicou poemas em revistas e jornais, tais como, o Suplemento literário *A Ilha; Evolução e Informação*.

ICONOGRAFIA:

<http://www1.an.com.br/anjaragua/2002/nov/20/index.htm>

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Além da vida* (poesia, conto - Edição da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Jaraguá do Sul, 1995); *Velhos novos caminhos* (poesia - Ed. da Autora, 1997).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova Literatura Catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009); Jornal *A notícia Jaraguá* (<http://www1.an.com.br/anjaragua/2002/nov/20/index.htm>).

139. GERDA IMAGUIRE

Gerda Charlotte Auguste Imaguire nasceu em Bad-Liebenstein Thüringen, Alemanha, no dia 01 de agosto de 1929. Formou-se como enfermeira parteira em Brandenburg (1954). Veio para o Brasil em 1956 com um contrato de 5 anos para trabalhar na maternidade Elsbeth

Köhler, em Blumenau, posteriormente mudou-se para Florianópolis – SC.

ICONOGRAFIA: *No silêncio da noite* (Florianópolis, Ed. Gráfica Record, 1999, p.5).

GÊNERO: memória

OBRA: *No silêncio da noite* (Florianópolis, Ed. Gráfica Record, 1999. 110p.).

FORTUNA CRÍTICA: *No silêncio da noite* (Florianópolis, Ed. Gráfica Record, 1999, p.5).

140. GERTRUD GROSS-HERING

Gertrud Walli Tony Hering nasceu em Dresden, na Alemanha, em 06 de maio de 1879 e chegou a Blumenau – SC, com os pais, quando tinha um ano de idade e nessa cidade morou por quase toda a sua vida. Era filha de Hermann Hering (um dos fundadores das indústrias Hering) e de Minna Foerster Hering. A família tornou-se uma das mais prósperas no ramo industrial do Vale do Itajaí. Aqui no Brasil, os Hering pertenciam à burguesia alemã e começaram sua vida como comerciantes e, depois, industriais.

Foi alfabetizada pelos irmãos e sua vida burguesa permitiu-lhe acesso a uma vida cultural muito clássica e diversificada. Aos quatro anos de idade já estava alfabetizada e com seis anos escreveu sua primeira peça teatral como diversão para a família e vizinhos. Ingressou na escola aos dez anos de idade, mas já era profunda conhecedora da base dada pelos professores. Em 1906 casou-se com Richard Gross.

Gertrud Gross-Hering escreveu romances brasileiros de expressão alemã, poesias, contos e peças de teatro; além disso, foi jornalista e pesquisadora, tudo como autodidata. Toda sua obra foi originariamente publicada em alemão e, inclusive, alguns de seus contos foram publicados em revistas alemãs.

Em 1913, publica seu primeiro romance *Durch Irrtum zur Wahrheit* (*Através de erros à verdade*), sob a forma de folhetim no jornal de Blumenau *Der Urwaldsbote* (*Mensageiro do sertão* - que pertencia a seu tio, G. Arthur Koehler). Esse romance conta a história de

[...] dois jovens imigrantes que chegam ao Vale, com o propósito de se fixarem como colonos. Um deles, cheio de pretensões de inovador, fracassa completamente, ao passo que o outro, adaptando-se ao meio, procede com ponderação e cautela, vence todas as dificuldades e se torna feliz. (SACHET, 1985, p.126).

Em 1930, publica *Aus Kinder werden Leute* (*Crianças tornam-se adultas*).

Simplificando essa narrativa, aí está traçada a odisséia de um jovem desde sua Tatutiefe até uma grande cidade brasileira, e seu retorno à Heimat (a "colônia alemã"). [...] o herói sai de uma linha colonial distante e do convívio com famílias alemãs para obter emprego em Blumenau, deslocando-se pouco depois para Santos em busca de melhores oportunidades de trabalho. Nesse percurso aprende a falar português, assume a condição de brasileiro, porém, e sobretudo, descobre-se teuto-brasileiro no contraste com a sociedade abrangente — seja em Santos, ou nas cidades por onde passou (Itajaí, onde conheceu negros e mulatos, e Curitiba). O círculo se completa com o retorno a Blumenau após o enfrentamento de uma epidemia de febre amarela em Santos, e o casamento com uma amiga de infância. (SEYFERTH, 2004)

Entre 1937 e 1951, devido à repressão sofrida na época do Estado Novo, durante o governo de Getúlio Vargas, que instituiu a campanha de nacionalização a qual proibia publicações em idiomas estrangeiros, Gertrud, que só escrevia em alemão, deixa de publicar. Somente em 1954, a autora volta com o romance *Der Weg Der Frau Agnes Bach*, obra em que aborda como temática o período da II Guerra Mundial e as consequências da repressão sofrida pelo povo do Vale do Itajaí. Segundo Lya Puff¹¹⁴:

¹¹⁴ HERING, Gertrud Gross. *Uma enteada da natureza* / Gertrud Gross Hering; tradução, pesquisa, introdução, bibliografia e notas:

Gertrud resistiu à política de nacionalização e suas consequentes pressões, prevalecendo em sua obra os traços linguísticos de sua formação essencialmente alemã, reforçada por décadas de isolamento. Suas obras revelam uma das faces das múltiplas influências que compõem a formação cultural brasileira; elas contestam o hábito de falar em cultura brasileira no singular, como se existisse uma uniformidade ou uma unidade que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do nosso povo. (HERING, 2000, p.21)

A obra de Gertrud Gross-Hering, romances, contos e poemas, foi publicada inicialmente em jornais de Blumenau e da Alemanha (a autora colaborou também no jornal de São Paulo *Brasil Post*), para depois ser editada como livro pela Tipografia e Livraria Blumenauense. Apenas dois de seus contos foram traduzidos para o português: *Uma enteada da natureza* (que originalmente integra o livro de contos *Frauenschicksale*, de 1932) e *Os dois irmãos* (publicado originalmente no Boletim Brasil/Alemanha, em 1954), ambos reunidos no livro *Uma enteada da natureza* (2000), organizado pela pesquisadora Lia Carmen Puff.

Gertrud Gross-Hering, a pioneira da literatura feminina em Blumenau-colônia, no início do século XX, morreu em Blumenau, em 1968.

ICONOGRAFIA: <http://www.bc.furb.br>

GÊNERO: poesia, romance, conto, teatro

OBRA: *Dur Irrtum sur Wahrheit*, 1913 (romance – *Através de erros à verdade* – Blumenau, G.A. Koehler, 1922); *Aus Kindern Werden Leute*, 1930 (romance -*Crianças se tornam homens* – Blumenau, G.A. Koehler, 1934); *Frauenschicksale* (conto - *Destinos de mulher* – 1932); *Vereinte Kräfte*, 1933 (romance - *A união faz a força*, 1950); *Dei Verbannung des Marchens* (teatro - *O exílio da lenda*), 1936; *Der Sonnenhof*, 1951 (romance - *O sítio do sol*, 1950); *Neue Wege*, 1952 (romance - *Nova Pátria*); *Der Wege der Frau Agnes Bach*, 1954 (romance - *O caminho da Sra. Agnes Bach* – Curitiba, IP, 1954); *Und Dann Kam Die Lösung*,

Lia Carmen Puff. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Cultura em Movimento, 2000, p.21.

1956 (romance - *Então veio a solução*, s.d.); *Ruck Gratwanderer*, 1957 (romance - *Ruch, o peregrino* – Blumenau, Tipografia Blumenauense, s.d.); *Wenn Der Wind Darüber Geth...*, 1957 (romance - *E quando o vento passa no que já foi* – Blumenau, Tipografia Blumenauense, 1957); *Verschlungene Wege*, s.d. (romance - *Caminhos entrelaçados*, s.d.); *Elise Lingen, Ein Stießkind der Natur* (conto - *Um enteado da natureza*), *Mutter Wantken* (conto - *Mãe Wantken*); *Das Kronlein* (conto - *A pequena coroa*); *Peter Grotmanns Erbschaft* (conto - *A herança de Peter Grotmanns*); *Sylvester Glocken* (conto - *Sinos de São Silvestre*).

FORTUNA CRÍTICA: Desenvolvimento da indústria blumenauense. In: *Álbum do Centenário de Blumenau* (HERING, Ingo. Blumenau, Ed. de Festejos, 1950); *Boletim do Instituto Cultural Brasil-Alemanha* (Florianópolis, 1958, n.1); *Grande Encyclopédia Delta Larousse* (Rio de Janeiro, Delta, 1973); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.259); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.126); *Saudade e esperança*. (Blumenau, Ed. da FURB, 1993); *Blumenau arte, cultura e as histórias de sua gente 1850-1950* (KORMANN, Edith. Florianópolis, Ed. da Autora, 1995); *O papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1890* (RENAUX, Maria Luiza. Blumenau, FURB, 1995); *Uma enteada da natureza*: Gertrud Gross Hering (PUFF, Lia Carmen (org.). Florianópolis, Ed. UFSC; Blumenau, Cultura em Movimento, 2000); *O papel da mulher no Vale do Itajaí — 1850-1950* (Blumenau, Editora da FURB, 1995); *Gertrud Gross-Hering* (Blumenau, FURB. Disponível em: <http://www.bc.furb.br>); *Gertrud Gross-Hering* (Disponível em: <http://www.allaboutarts.com.br>); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.226); *Gertrud Gross-Hering* (PUFF, Lia Carmen. In: *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis, Ed. Mulheres; Edunisc, vol. 2, 2004, p.860-63).

141. GIANE ELENICE FISCHER

Nasceu na cidade de Maravilha – SC em 04 de junho de 1964, vindo a residir em Lages – SC em 1975. É relações públicas da Associação Planaltina de Artistas Plásticos – APAP, membro do grupo literário *O carretão* e do Centro de Artes Elusa Bianchini Araújo. Tem suas poesias publicadas no jornal *Correio Lageano*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Corações divididos* (Lages, ACS, 1988. 83p.); *Secretamente Iruama* (Lages, ACS, [198-]. 86p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina*: síntese informativa (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.57).

142. GILKA MARIA DA SILVA

Gilca Corrêa da Motta Silva nasceu em Curitiba – PR no dia 19 de maio de 1936, mas radicou-se em Lages – SC após casar-se. Escreve poesias e trabalha com pintura em telas. Foi presidente da Associação dos Artistas Plásticos de Lages.

Como artista plástica, já participou de mais de 100 mostras coletivas e 12 individuais em Santa Catarina e outros estados, inclusive na Capital Federal. Suas obras estão espalhadas pelo Japão, Itália, França, Alemanha, Estados Unidos e em dezenas de cidades catarinenses e de outros estados. A artista trabalha com o Cubismo.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Coração Inquieto* (Lages, Prefeitura Municipal, 1989. 59p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Coração Inquieto* (Lages, Prefeitura Municipal, 1989 - contracapa); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis, FCC, Paralelo 27, 1993, p.221-22).

143. GIOVANA TEREZINHA DA SILVA

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *O sonho de Juvenal* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1991); *El sueño de Juvenal* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1993).

144. GLACIR PRADE

Glacir Medeiros Prade e Domingues da Silva nasceu no dia 20 de setembro de 1958 em Timbó – SC . Formada em Direito pela FURB, com especialização em Direito Tributário e Civil, pertence à União Brasileira de Escritores e Ordem dos Advogados de SC e SP.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Sons e ventos* (São Paulo, Ed. do Escritor, 1988); *Sete poemas* (São Paulo, Ed. do Escritor, 1989).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.222).

145. GLADYS M. G. TEIVE

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *A baleia da praia da Armação* (Florianópolis, LADESC, 1985); *Doroteia e o vento sul* (Florianópolis, LADESC, 1986).

146. GLÓRIA MARIA ALVES FERREIRA CRISTOFOLINI

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *Chico Preguiça* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1994).

147. GRAZIELLA RODRIGUES CABRAL BORGES DE OLIVEIRA

Nasceu em Laguna – SC no dia 22 de novembro de 1972.

ICONOGRAFIA: *Inha* (Florianópolis, Insular, 2002 - contracapa).

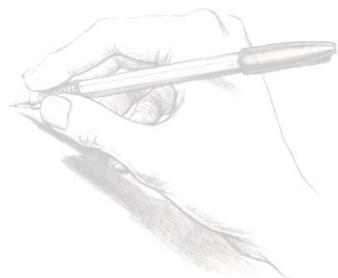
GÊNERO: poesia

OBRA: *Inha* (Florianópolis, Insular, 2002. 40p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Inha* (Florianópolis, Insular, 2002 - contracapa).

148. GUIOMAR BELTRÃO FERREIRA

Ver Rosa Branca.



H

149. HELEN FRANCINE

Helen Francine Marin Thives nasceu em Lages – SC em 1982. Formou-se em Jornalismo na UNIVALI, é palestrante doutrinária e integrante do GRITE (Grupo Independente de Teatro).

ICONOGRAFIA: *Feito anjo* (Itajaí, UNIVALI, 2000. 111p. - contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Feito anjo* (Itajaí, UNIVALI, 2000. 111p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Feito anjo* (Itajaí, UNIVALI, 2000. 111p. - contracapa).

150. HELENA CAMINHA BORBA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Alegoria de amor* (Florianópolis, IOESC, 1971).

151. HELENA NORONHA

Maria Helena Vieira Pires Noronha nasceu em Alpiarça, uma vila portuguesa junto ao Rio Tejo no dia 23 de fevereiro de 1941. Estudou na Universidade de Lisboa e é diplomada em Filologia Anglo-Germânica. Viveu durante dez anos em Angola, acompanhando o marido. A África com seus mistérios, crenças e religiões a impressionaram tanto que já considerava Angola como sua pátria adotiva e musa inspiradora da maior parte de seus poemas. Foi forçada a emigrar desse país em virtude da guerra que devastou Angola, pouco antes de sua independência. No Brasil, veio para Florianópolis – SC, em 1975 onde vive atualmente. Fez o mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (1980),

licenciou-se em Arte-Educação, no Centro de Artes da UFSC (1998) e é professora de inglês nessa mesma universidade.

Colaboradora de jornais de Portugal e Angola e revistas *Ilha do Desterro* e *Teias* (UFSC). Apaixonada por fotografias, já realizou diversas exposições.

GÊNERO: poesia

OBRA: *África. Adeus* (Florianópolis, UDESC, 1979, il. C. Pires); *Bric-à-brac no mar* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1982); *O eco das rosas* (Florianópolis, 1985); *O orgasmo da lua* (Florianópolis, Copyflo, 2003. 68p.il.); *Memórias das areias: texturas* (Florianópolis, Fundação Boiteux, 2005. 41p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.49); *África. Adeus* (Florianópolis, UDESC, 1979 – contracapa); *Memórias das areias: texturas* (Florianópolis, Fundação Boiteux, 2005. 41p. – contracapa).

152. HELENA PIRES DE MORAES

Nasceu em Curitibanos – SC, mas reside em Lages desde os seis anos de idade. Membro da Associação Lageana de Escritores, participa de várias antologias da ALE e do caderno *Entre sem bater* (SESC).

ICONOGRAFIA: *Nono Carretão de versos e prosas: operários literários – 20 anos da ALE* (Lages, ALE, 2010, p.66).

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Há uma luz no fim do túnel* (Lages, Ed. da Autora, 2006. 80p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Há uma luz no fim do túnel* (Lages, Ed. da Autora, 2006 - contracapa).

153. HELOÍSA DALLANHOL

Nasceu em Santa Catarina. É jornalista desde 1986, quando iniciou sua carreira no Jornal *O Estado* (de Florianópolis). Fez uma série de trabalhos na UFSC, chegando a ser diretora da Agência de Comunicação. Publicou 261 reportagens em jornais norteamericanos, além de centenas de artigos na imprensa espanhola, holandesa e brasileira. No exterior, realizou mestrado e doutorado em Jornalismo. Reside atualmente na Holanda.

GÊNERO: romance

OBRA: *Quinze ilhas em um ano* (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2002).

FORTUNA CRÍTICA: *Quinze ilhas em um ano* (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2002 – contracapa).

154. HERALDA VICTOR

Nasceu em Araranguá – SC no dia 01 de fevereiro de 1962. Formou-se em Pedagogia e possui pós-graduação em Fundamentos Educacionais. É membro do Grupo de Poetas Livres, da ALIFLOR e ocupa a Cadeira número 14 da Academia Catarinense de Letras e Artes .

Participa de doze antologias em algumas cidades do país; faz parte do projeto “Viajando com Poesia”, poemas publicados em ônibus da grande Florianópolis; projeto “Doce Poema”, com poemas impressos nos sacos de pães; “Poesia na Praça”, poemas pirografados nos bancos das praças e, ainda, publica suas obras em revistas e jornais, além dos sites: <http://www.caestamosnos.org/Autores/Heralda.htm>; www.poetaslivres.com.br; http://poetasdobrasil.blogspot.com/2010_04_09_archive.html; <http://aliflorfpolis.blogspot.com/>.

ICONOGRAFIA: www.poetaslivres.com.br

GÊNERO: poesia, conto, lit. infantil

OBRA: *Quando as estrelas mudam de lugar* (em parceria com Marcello Ricardo Almeida – relato em prosa e verso – Florianópolis, Editograf, 2005. 136p.); *Travessia de ilusões* (poesia – Florianópolis, 2007); *Nos degraus do silêncio* (poesia); *Atrás de um por-do-sol* (poesia).

FORTUNA
<http://aliflorfpolis.blogspot.com>

CRÍTICA:

[www.poetaslivres.com.br;](http://www.poetaslivres.com.br)

155. HERMELINDA IZABEL MERIZI

Ver Nini.

156. HIAMIR POLLI

Nasceu em Florianópolis – SC. Estudou Comunicação na Escola Superior de Administração e Gerenciamento (ESAG). Massoterapeuta, redatora, poetisa, promotora de eventos e vendas. É membro da UBE-SC; sócia fundadora do Grupo de Poetas Livres; e pertence à Academia Desterrense de Letras, onde ocupa a Cadeira número 18.

Participou da *Mini Antologia Poética Mosaico* do Estado do Pará (1998), da *1ª Antologia do Grupo de Poetas Livres*, da *1ª Antologia em Prosa e Verso* (ACPCC, Florianópolis, Papa-Livro, 1998) e da *4ª Antologia* (ACPCC, Florianópolis, ACPCC, 2001).

Suas poesias estão publicadas em vários jornais e, também, circulam no Núcleo de Transporte Coletivo de Florianópolis com o projeto *Viajando com poesia*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Oceano de segredos* (1988).

FORTUNA CRÍTICA: *5ª Antologia poética* (Florianópolis, ACPCC, 2002, p.89-93).



I

157. IBRANTINA CARDONA

Ibrantina Froidevaux de Oliveira Cardona nasceu em Nova Friburgo – RJ aos 11 de novembro de 1868. Em virtude de o pai ser um capitão e herói da Guerra do Paraguai, morou em várias cidades do país, dentre elas Pelotas e Jaguarão – RS, cidades em que a autora desenvolveu muito seus dons de escrita, depois se mudou para Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis – SC, onde publicou muito em jornais, com o sobrenome de solteira, Ibrantina Oliveira, mudaram-se, ainda, para Niterói – RJ e Jaboticabal – SP.

Em Florianópolis, Ibrantina colaborou muito com os jornais, *A palavra*; *Polianteia* e *Crepúsculo*, entre os anos de 1888 e 1889. No Rio de Janeiro, publicou seus poemas no jornal *A estação* (1897-1898) e em São Paulo, em *A mensageira* (1897-1900).

Em sua poesia, o mar recebe destaque especial, como reminiscências de Desterro e de Niterói.

Em 1888, ao completar vinte anos, o jornal *Crepúsculo* publicou na primeira página inteira uma homenagem à escritora, com seus poemas e relatos de autores tecendo elogios e admiração a Ibrantina. Dentre esses autores estava Francisco Cardona, poeta com que Ibrantina trocava correspondência pelo jornal e com quem viera a casar, em 1891, a contragosto do pai (Ibrantina, na época, já morava em Jaboticabal quando fugiu de casa para casar com Cardona, que estava em Campinas – SP, pois o pai queria que ela casasse com um tenente-coronel).

O casal se muda para Mogi-Mirim em 1900, onde viveria por mais de cinquenta anos. A escritora morreu em São José do Rio Pardo em 23 de dezembro de 1956.

Ibrantina Cardona foi membro da Academia Fluminense de Letras de Niterói, sócia do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, da Associação Paulista de Imprensa de São Paulo e da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, sócia honorária da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Francisco e da Academia de Letras de Nova Friburgo.

Segundo a crítica Zahidé Muzart,

Ibrantina Cardona foi uma mulher invulgar que dedicou sua vida às letras e deixou uma obra consistente e abundante. Possuía, seguramente, vocação séria para a poesia. Infelizmente, sucumbiu ao mundo masculino e quis cantar como um homem. O tipo de poesia que ela realizou está dentro da “arte pela arte” – poesia fria e querendo ser perfeito objeto de contemplação estética. [...] a examinar de perto sua poesia, vê-se que se ela tivesse deixado de obedecer ao sucesso junto à crítica e permitido fluir mais livremente sua sensibilidade, teríamos hoje o seu nome bem lembrado em nossa literatura, e não integrando a legião dos desconhecidos. (MUZART, 2004, p.437)

GÊNERO: poesia

OBRA: *Plectros* (poesia - 1897); *Heptacórdio* (poesia - 1922); *Kleópatra* (poesia trágica e histórica - 1923); *Primavera de amor* (poesia lírica - 1935); *Asas rubras* (poesia, 1939); *Cosmos* (poesia - 1951).

FORTUNA CRÍTICA: COELHO, *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.271-72); *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia* (Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, vol. II, p.429-63).

158. IEDA INDA

Ieda Zeli Werner Inda nasceu em Santa Maria – RS no dia 11 de outubro de 1942, viveu em Uruguaiana – RS, em Porto Alegre – RS e em Petrópolis – RJ. Arquiteta e contista, adotou Florianópolis – SC como morada desde 1976. Foi assessora de Letras da FCC e colaborou com os suplementos culturais dos jornais *O Estado de Minas* (MG) e *Correio do Povo* (RS).

Participou das seguintes antologias: *Os melhores contos brasileiros de 1973* (Porto Alegre, Ed. Globo, 1974); *Os melhores contos de 1974* (Porto Alegre, Ed. Globo, 1975); *Assim escrevem os gaúchos* (São Paulo, Ed. Alfa-Omega); *A literatura catarinense* (Florianópolis,

Lunardelli, 1985); *Este amor catarina* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1996); *Contos de carnaval* (Florianópolis, Garapuvu, 1997).

GÊNERO: conto, novela, romance

OBRA: *O arquiteto ou o encantamento da sexta-feira santa* (conto – Porto Alegre, Ed. Movimento/ Instituto Estadual do Livro, 1973); *O cavalo persa* (conto - Porto Alegre, Ed. Movimento, 1979); *As amazonas segundo Tio Hermann* (novela - Porto Alegre, Ed. Movimento, 1981); *Baguala - romance de rédeas e rendas* (romance – Porto Alegre, Ed. Movimento, 1982); *Peão da rainha vermelha* (novela – Porto Alegre, Movimento, 1989).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.163); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.111-12).

159. ILKA BOSSE

Ver Bailarina das Letras.

160. ILSE MARIA PAULINO GOMES

Nasceu em Lages – SC. Licenciada em Letras com pós-graduação em Didática e Metodologia de Ensino. Possui poesias publicadas nos jornais *Correio do Vale*; *Hora de Santa Catarina*; *Vozes de Canelinha* ; *Antologia de Poetas Brasileiros Contemporâneos*; *Revista Ventos do Sul*, do Grupo de Poetas Livres.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Cotidiano*; *A um rio chamado Tijucas*; *O que é belo*.

FORTUNA CRÍTICA:

<http://www.poetaslivres.com.br/poeta.php?codigo=327>

161. INDÍGENA DO IPIRANGA

Indígena do Ipiranga, pseudônimo de Ana Luísa de Azevedo Castro, nasceu em São Francisco do Sul – SC em 1823. Foi romancista, professora, diretora escolar e membro da Sociedade Ensaios Literários. De acordo com Jerônimo Simões (*apud* MUZART, 2000, p.250-51),

Nada sabemos de exato sobre sua família e infância; é certo, porém, que teve uma esmerada educação, preparando-se para o ensino primário particular, mister em que a vemos bem jovem ainda entregar-se com dedicação. Vindo para o Rio de Janeiro, aqui casou-se e tempos depois estabeleceu um colégio de instrução primária e humanidades para meninas, na direção do qual, exercida por longos anos, deu provas de talento e capacidade como preceptora, em face de ótimos resultados colhidos pelas educandas que lhe eram confiadas. De seu colégio, muitas jovens saíram habilitadas para o magistério público e muitas outras, que são hoje distintas senhoras e mães de família, ali receberam educação e instrução.

Escreveu um romance, denominado *D. Narcisa de Vilar*, publicado por Paula Brito, no Rio de Janeiro, em 1859, e reeditado em 1997, pela Editora Mulheres, de Florianópolis, organizado por Zahidé L. Muzart e com apresentação de Marisa Lajolo.

O romance *D. Narcisa de Vilar*, antes de ter sido publicado em livro, assim como outras obras da época, foi publicado em folhetins no Jornal *A marmota*, do Rio de Janeiro, de 13 de abril a 6 de julho de 1858. Tanto no livro quanto no jornal, a autora se escondeu sob o pseudônimo de Indígena do Ipiranga – atitude muito comum entre as mulheres escritoras do século XIX.

D. Narcisa de Vilar

traz uma história muito romântica de amores proibidos e uma forte ligação com antigos mitos [...] O enredo, com suas complicações românticas, não perde em peripécias para alguns dos romances da época e pode ser considerado indianista pelo tema e pelo enfoque das personagens [...] Em D. Narcisa de Vilar, veremos aparecer fortemente a voz feminina da narradora. Entre os temas mais importantes, sobressaem a

crítica à falta de liberdade da mulher, e seu casamento como negócio. É um romance sobre a opressão da mulher pela família e pela sociedade e sobre a escravidão dos índios pelos colonizadores. Aliados, portanto, aparecem os temas de denúncia do machismo e do racismo. A escritora escolhe os oprimidos como sua principal temática: a mulher e o índio. (MUZART, 2000, p.252-54)

Além do romance, Ana Luísa de Azevedo Castro publicou poemas no jornal *A marmota*, em 1860, escreveu uma *Alegoria ao sete de setembro*, em 1866, e pronunciou um discurso publicado na *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*, Rio de Janeiro, nesse mesmo ano.

Ainda, de acordo com a crítica Zahidé Muzart,

Em 1874, o crítico A. de Almeida, em longo artigo sobre a poesia de Júlia da Costa, detém-se sobre a relação 'mulher/literatura' e cita muitos nomes de escritoras, conclamando a mulher para que escreva, para que estude, para que apareça. Entre as várias mulheres citadas, encontramos Indígena do Ipiranga e seu romance D. Narcisa de Vilar. (MUZART, 2000, p.251)

Ana Luísa de Azevedo Castro morreu no Rio de Janeiro, em 22 de janeiro de 1869, aos 46 anos de idade.

GÊNERO: poesia, romance, discurso

OBRA: *D. Narcisa de Vilar*. (romance - *A Marmota*, 1860; Paula Brito, Rio de Janeiro, 1859 - e reeditado pela Editora Mulheres, Florianópolis, 1997); *Alegoria ao Sete de Setembro* (discurso - lido na sessão de 7 de setembro de 1866, na Sociedade Ensaios Literários e publicado na *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*, Rio de Janeiro, 1866).

FORTUNA CRÍTICA: "Necrologia". (SIMÕES, Jerônimo. In: *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 674-6, 31 out. 1872); "Carta à Exma. Sra. D. Guiomar Torrezão". (In:*Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*. Rio de Janeiro, 31 maio 1873); *Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil* (BITTENCOURT, Adalzira. Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1970. v.2. p.294); "Duas escritoras e um problema de autoria".

(SOUSA, J. Galante de. In: *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979, p.217-220); "Narrativa feminina em Santa Catarina (do século XIX até meados do século XX)". (MUZART, Zahidé. *Organon* [Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul], Porto Alegre, v. 16, n. 16, p. 227-235, 1989);); "A ficção catarinense (Um breve relato)" (SACHET, Celestino. In: *Ô Catarina!*, Florianópolis, n. 12, p.30-31, mar. 1995); "Uma precursora: Ana Luísa de Azevedo Castro". (MUZART, Zahidé. In: CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. 3. ed. Florianópolis: Mulheres, 1997, p.5-15); "Pequena história de um encontro." (SOARES, Iaponan. In: CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. 3. ed. Florianópolis: Mulheres, 1997, p.132-5); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.115); *Escritoras brasileiras do século XIX* (Florianópolis, Ed. Mulheres, 2000, p.250-263); *Ana Luísa de Azevedo Castro* (GT A Mulher na Literatura, ANPOLL, disponível em: www.amulhernaliteratura.ufsc.br). *A morte da personagem feminina em D. Narcisa de Vilar, de Ana Luísa Azevedo Castro* (KAMITA, Rosana Cássia. disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/12rosanabh.htm>); *Biografias de catarinenses notáveis* (Florianópolis, Insular, 2001, p.100-101); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.56).

162. INÊS BERNNS

Nasceu em Jaraguá do Sul – SC no dia 17 de fevereiro de 1957. Cursou Psicopedagogia Religiosa e Atualização Missiológica. É membro da Associação de Poetas e Escritores Independentes de Jaraguá do Sul.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Último sentimento* (Bocaína, SP, ArtNosde, 1989. 53p.); *Encontro marcado* (Bocaína, ArtNosde, 1989. 79p.); *Meta* (Bocaína, ArtNosde, 1990. 59p.); *Sou assim: mulher* (Bocaína, ArtNosde, 1990. 75p.); *Eis-me aqui* (Bocaína, ArtNosde, 1990. 63p.); *Acredite* (Bocaína, ArtNosde, 1990. 49p.); *Caminhos d'África* (Bocaína, ArtNosde, 1990. 57p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.41-42).

163. INÊS CARMELITA LOHN

Nasceu em Taquara, no município de Santo Amaro da Imperatriz – SC, no dia 8 de outubro de 1954. Filha de agricultores, durante a infância trabalhou na roça e não teve oportunidade de terminar os estudos. Mesmo assim, nunca abandonou o gosto pela leitura. Em 1972, mudou-se para Florianópolis – SC, onde começou a exercer a profissão de costureira. Aos 49 anos, entrou para a vida artística e, um ano depois, retornou aos estudos regulares, vindo a fazer o curso de Contadores de Histórias da Maturidade, em 2004, oferecido pelo NETI, projeto da UFSC. Foi nessa época que escreveu sua primeira obra *Retalhos: contos e histórias*, publicado em 2005.

A escritora e atriz desenvolve projetos ligados à leitura, cultura, arte e lazer. Poeta, contista, cronista e romancista, Inês Carmelita Lohn participa de três antologias e varais literários no Estado. Recebeu prêmios por sua obra, chegando a ganhar o primeiro e o quarto lugar em concursos literários do NETI, em 2006 e 2007 respectivamente.

É membro da ACPCC e da Academia Alcantarensse de Letras ACALLE.

A escritora possui dois blogs: letrasnacartola.blogspot.com; celeirodeletras.blogspot.com e tem sua obra publicada em dois sites: Recanto das letras - recantodasletras.uol.com.br e na Câmara Catarinense do Livro - www.cclivro.org.br

ICONOGRAFIA: recantodasletras.uol.com.br

GÊNERO: conto

OBRA: *Retalhos: contos e histórias* (Florianópolis, De Letra, 2005. 128p.); *Flores e cicatrizes* (romance – Florianópolis, Ed. da Autora, 2010); *Rafael – o grito de alerta* (romance - Florianópolis, Ed. da Autora, 2010).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora; recantodasletras.uol.com.br.

164. INÊS MAFRA

Nasceu em Brusque – SC, mas reside em Florianópolis – SC. Já foi verdureira, professora e trabalhou na Biblioteca Pública de Brusque. É mestre em Literatura pela UFSC.

Atuou no expressivo movimento nas artes, conhecido como alternativo ou independente, com repercussão em várias outras cidades brasileiras, nos anos 70. Editora do Jornal *Cogumelo Atômico* e *Visor* e da revista mimeografada *Flama*. Além disso, foi premiada em diversos concursos públicos e tem contos e poesias publicados em vários jornais e revistas.

Participa das antologias *Os contos da FURB* (Blumenau, Ed. Acadêmica, 1979); *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica Blumenau, 1979); *21 dedos de prosa* (Florianópolis, Associação Catariense de Escritores; Cambirela, 1980); *Antologia do Varal Literário* ([S.I.]: CES e Cambirela Editores, 1980); *Este amor catarina* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1996); *O novo conto catarina* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2008).

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Dança de cabeça* (narrativas – Florianópolis, FCC, 1981); *Cristal* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1993).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.284); *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica Blumenau, 1979, p.186-94); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense* publicada de 1980 a 1989 (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.42).

165. INÊS ROANI

Inês Roani Cardoso nasceu em Carazinho – RS no dia 2 de março de 1958. É técnica em contabilidade e jornalismo, foi funcionária da Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste - SC e hoje se dedica somente à literatura. É deficiente física de nascença e sobrevive da venda de seus livros.

Inês Roani é membro da ACHE - Associação Chapecoense de Escritores onde é Conselheira Fiscal; também é membro Honorário do Clube Internacional da Boa Leitura; Academia de Letras de Uruguaiana; Associação Uruguaiense de Escritores e Editores; Clube da Poesia de Uruguaiana; Academia Literária do Extremo Oeste de SC, onde ocupa a Cadeira número 6, e Academia Internacional de Letras.

Tem trabalhos publicados em diversos jornais e revistas e chegou a ter uma coluna, chamada “Literatura e Sociedade”, no extinto jornal *A voz da fronteira*.

Em 1977, participou da Antologia *Cajusmo*, de São Miguel do Oeste, onde classificou dois poemas. Dois anos depois, em 1979, lançou seu primeiro livro, *Quando o verão chegar*. Em 1982, recebeu o troféu *Jovem Revelação* na Poesia pela ESCARJ Rio de Janeiro, pela publicação do livro *Faces da vida*.

ICONOGRAFIA: Passos lentos (Passo Fundo: Ed. Berthier, 1986).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Quando o verão chegar* (Passo Fundo: Ed. Berthier, 1979); *Faces da vida* (Passo Fundo: Ed. Berthier, 1982); *Passos lentos* (Passo Fundo: Ed. Berthier, 1986); *Rastos restos e rostos; Eu, você e o mar; Vendaval da saudade; Lágrimas de uma boneca; Coletânea Comemorativa ao 30 anos da Poesia de Inês Roani*" (2009).

FORTUNA CRÍTICA: *Vendaval da Saudade* (Antologia) (Passo Fundo: Berthier, 1995); <http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=67457>; http://www.felic.com.br/felic7/ec_inesroani.htm;

<http://portugessh.wikispaces.com/>; *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis, FCC, Paralelo 27, 1993, p.56).

166. INÊS TOSCAN

GÊNERO: romance

OBRA: *Os anos da grande fadiga* (Florianópolis, Bernúncia, 1997. 310p. il.).

167. IRENE BONIN DE LA PUENTE

Nasceu em Santa Catarina, mas vive atualmente em São Paulo. É formada em Letras pela Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ, e em Psicologia pela PUC de Campinas, onde também fez estudos de pós-graduação. Formou-se em Psicanálise no CPCamp. Ex-professora e psicoterapeuta.

GÊNERO: conto

OBRA: *Tive um sonho* (Blumenau, Edifurb, 2003. 218p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Tive um sonho* (Blumenau: Edifurb, 2003. 218p. – contracapa).

168. IRENE RITZMANN HUSMANN

Nasceu no Rio de Janeiro – RJ aos 03 de fevereiro de 1920. Foi professora de língua portuguesa e piano, radialista em Rio Negrinho – SC, tradutora de alemão e primeira pianista da Orquestra Municipal de São Bento do Sul – SC.

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *Um dia na vida do sol* (Florianópolis, LADESC, 1985); *Historinhas da vovó Irene* (Curitiba: Ed. Cyros, 1988. 53p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis, FCC, Paralelo 27, 1993, p.110).

169. ÍRIS FÁDEL

Nasceu em Porto Belo – SC, mas mudou-se para o Distrito Federal, onde colaborou na Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes do Ministério da Educação e Cultura. Foi professora.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Páginas da vida* (Rio de Janeiro, Ed. À noite, 1956. 85p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Páginas da vida*. (Rio de Janeiro, Ed. À noite, 1956. 85p. – contracapa).

170. IRMÃ GERTRUDE MARQUES

Nasceu em Curitiba – PR aos 13 de junho de 1938, mas fixou residência em Florianópolis - SC. Foi professora em Colégios de Congregação das Irmãs da Divina Providência, lecionou Direito Canônico no Instituto Teológico de Santa Catarina e cooperou no Tribunal Eclesiástico Regional de Santa Catarina como juíza adjunta.

ICONOGRAFIA: *Diálogo com a Trindade* (São Paulo, Ed. Paulinas, 2000. 139p. il.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Ao encontro do sol; orações e ensaios poéticos* (Florianópolis, Ir. G. Marques, 1996. 145p. il.); *Diálogo com a Trindade* (São Paulo, Ed. Paulinas, 2000. 139p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Ao encontro do sol; orações e ensaios poéticos* (Florianópolis, Ir. G. Marques, 1996. 145p. il. – contracapa).

171. ISABEL CRISTINA VIANA

Nasceu no dia 06 de janeiro de 1966, em Criciúma – SC. Estudou Enfermagem e Obstetrícia na Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina – FESSC.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Coisas da vida* (Florianópolis, Associação Catarinense de Fundações Educacionais; Tubarão, UNISUL, 1989, 56p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Coisas da vida* (Florianópolis, Associação Catarinense de Fundações Educacionais; Tubarão, UNISUL, 1989, 56p. - contracapa).

172. ISABEL MIR

Nasceu em 1951, na cidade de Lorca – Espanha, mas está radicada no Brasil desde 1960 e reside há seis anos em Indaial – SC. É graduada em História com especialização em Turismo pela FURB e fez mestrado em Educação e Cultura pela UDESC. Trabalhou como professora e pesquisadora da arte e da cultura popular brasileira na FURB.

É escultora, gravurista, escritora, membro do Conselho Municipal de Cultura (Indaial – SC), da Sociedade de Escritores de Blumenau e da Associação dos Artistas Plásticos (Timbó – SC).
Como artista plástica, já realizou várias exposições em muitas cidades do país.

Como escritora, publicou vários artigos e é detentora de prêmios, como: projeto *Poesias brasileiras* (prêmio nacional Ebrahim Ramadan, São José do Rio Preto-SP, 2006); menção honrosa nível nacional em *Poema* no 10º prêmio (Missões – RS, 2007); classificação em *International Art Competition - NAFA* (2006).

Participou de diversas antologias e projetos: *3ª Antologia da poesia brasileira* (Ed. ThArantes: São Jose do Rio Preto-SP, 2006); *projeto Pão & Poesia* (Blumenau, Ed. Cultura em Movimento/ FCB, 2007); *III antologia Concurso Internacional Mulheres que Escrevem* (2007); *Antologia poética virtual* – (Portal de Cultura Prosa em Verso, 2007). Os trabalhos da autora estão publicados também em seu site: www.isabelmir.com.br.

ICONOGRAFIA: <http://www.seblumenau.org/isabelmir.htm>

GÊNERO: poesia, ficção

OBRA: *Lendas e causos de SC* (com Maria José Ribeiro - Blumenau, Ed. Nova Letra, 2004. Vol. I); *Lendas e causos de SC* (com Maria José Ribeiro - Blumenau, Ed. Nova Letra, 2005. Vol. II).

FORTUNA CRÍTICA: www.isabelmir.com.br,
<http://www.seblumenau.org/isabelmir.htm>

173. ISAURA DE FREITAS

Nasceu em Araquari – SC no dia 22 de outubro de 1956.

ICONOGRAFIA: *Refúgio de emoções* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Refúgio de emoções* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992. 80p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Refúgio de emoções* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992 - contracapa).

174. ISNEIDA WEISE

Nasceu em Ibirama-SC e atualmente vive em Blumenau - SC. Formada em Direito e em Letras, pela FURB, escreveu seus primeiros poemas ainda na infância, sendo que atualmente vem se dedicando ao estudo e práticas do soneto e do haicai.

É membro da Sociedade dos Escritores de Blumenau, da Sociedade dos Poetas Advogados de SC e participa como consulesa da entidade Poetas Del Mundo.

Tem textos publicados na antologia *Prosa & Verso I, II, III e IV* e na antologia *Um rio de letras II e III* (Antologia da SEB – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2004 e 2006). Participa do projeto *Pão e Poesia* (Blumenau, Ed. Cultura em Movimento/ FCB), publicando ainda em jornais, revistas e murais e também em sites da Internet e blogs.

Seu primeiro livro solo, *AguAlento*, nasceu dentro da Universidade com o texto que dá nome ao livro. A obra é uma coletânea de poemas breves, com os quais a poeta reinicia um ciclo de sua vida interrompido quando das cheias do rio Itajaí Açu, em 1983 , ciclo este que terá continuidade com a publicação de sonetos, haicais e tercetos, já em elaboração.

ICONOGRAFIA: <http://www.seblumenau.org/isneldaweise.htm>

GÊNERO: poesia

OBRA: *AguAlento* (Blumenau, Nova Letra, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: Blog da autora (<http://agualento-isneldaweise.blogspot.com/>); Sociedade Escritores de Blumenau (<http://www.seblumenau.org/isneldaweise.htm>).

175. ITA REGINA TELES HERDE

Nasceu em Lages – SC no dia 18 de novembro de 1934. Foi professora e fundadora da Associação Lageana de Escritores, entidade a qual pertence. Colaboradora do *Correio Lageano*.

GÊNERO: poesia, conto, crônica

OBRA: *Paisagem serrana: poesias e prosas* (poesia, conto – Lages, Pérola, 1985. 56p.); *Contos do sul: poesias épicas e prosas* (poesia, crônica - Lages, Prefeitura Municipal de Lages, [198-]. 75p.); *Primavera na serra: poesias, prosas e relatos históricos* (conto, crônica, relato - Itapema, Papelaria Itapema [s.d.]); *Álbum de história* (poesia, conto – Lages); *Flores do verde pampa* (poesia, conto - Itapema, SC, Digicard, [200-]. 46p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.58).

176. IVANA COLDEBELLA

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *O senhor zero* (Blumenau, Livraria Alemã/ Ed. Eko, [s.d.]).

177. IVONARA FERNANDA MADRUGA

Nasceu no dia 04 de janeiro de 1996, em Lages – SC.

ICONOGRAFIA: *Viagem nas histórias e poesias* (Lages, Ed. da Autora, 2007. – contracapa).

GÊNERO: conto, poesia

OBRA: *Viagem nas histórias e poesias* (Lages, Ed. da Autora, 2007. 42p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Viagem nas histórias e poesias* (Lages, Ed. da Autora, 2007. – contracapa).

178. IVONE DAURA DA SILVA

Nasceu em Araranguá – SC em 1951, mas reside em Lages – SC desde 1974. Professora habilitada em pré-escolar.

Recebeu o troféu *Memória Lages* (C.A. Eventos, 2004), pela obra *O mundo de Ales*. Participou da antologia da ALE, com contos e poesias. Pertence à Associação Lageana de Escritores (ALE).

ICONOGRAFIA: *Momentos* (poesia – Lages, 2007 - contracapa).

GÊNERO: romance, poesia

OBRA: *O mundo de Ales* (romance – Lages, 2003); *Mistérios da vida* (romance – Lages, 2005); *Momentos* (poesia – Lages, 2007).

FORTUNA CRÍTICA: *Momentos* (poesia – Lages, 2007 - contracapa).

179. IVONE FERRAZ WOSGRAUS

Nasceu em Videira – SC. É escritora, escultora, ceramista e pintora. Participe de diversas exposições de artes e algumas antologias. Sua pré-estreia na literatura aconteceu em 1998, na antologia *O sonho*; participa também da antologia literária da *Casa do Novo Autor* (São Paulo, Litteris Ed., 1999). Foi premiada pela Ed. Abril com dois contos, publicados na revista *Manequim*, possui muitos contos e poesias inéditos e é verbete na obra *Indicador Catarinense de Artes Plásticas* (Florianópolis, Ed. FCC).

GÊNERO: romance

OBRA: *Lágrimas no olho d'água* (romance – Florianópolis, Lunardelli, 2000).

FORTUNA CRÍTICA: *Lágrimas no olho d'água* (Florianópolis, Lunardelli, 2000 - contracapa).

180. IVONE MARIA PIRES

OBRA: *Pétalas esparsas* (Piçarras, Ed. da Autora, 1981).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.53).

181. IVONETE VIANA CIRIMBELL

GÊNERO: romance

OBRA: *Ato de penitência indevido* (Florianópolis, Ed. do Autor, 1987).

182. IZABEL HESNE MARUM

Nasceu em Nova Europa – SP no dia 23 de junho de 1944, mas reside atualmente em Florianópolis – SC. Artista Plástica autodidata, cursou História da Arte no Museu Brera de Milão, Itália (1970) e no Museu Jeu Du Paume, em Paris, França (1970). É membro da Academia Catarinense de Letras e Artes (ACLA), onde ocupa a Cadeira número 25 e associada da ALIFLOR desde setembro de 2003.

GÊNERO: conto, poesia, lit. infantil

OBRA: *A luna da lua* (lit. infantil, 2003); *A bruxinha que virou sereia* (lit. infantil, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: <http://aliflorfpolis.blogspot.com/>

183. IZABEL PAVESI

Ver Izabella Pavesi.

184. IZABELLA PAVESI

Izabella Pavesi, pseudônimo de Izabel Pavesi, nasceu em Botuverá – SC no dia 05 de novembro de 1954. Descendente de imigrantes italianos, morou também em outras cidades, como, Blumenau – SC, São Paulo – SP, Miami, EUA e Florianópolis – SC, local em que reside atualmente. Em 1976, ingressou na Faculdade de Ciências 1º Grau Matemática, na FURB, mas não a completou. Nesse ano, publicou suas poesias no jornal dessa Instituição, denominado *O Acadêmico*. Atualmente faz graduação em História na Univali- SC, estuda no Círculo Italiano Brasileiro (Florianópolis), pesquisa a imigração.

É membro de Poetas del Mondo, com sede no Chile, e W.P.S. – World Poets Society, com sede na Grécia e Sócia da Sociedade Escritores de Blumenau/SC. Participa como co-autora de várias antologias e também colabora em algumas delas, como: *Um rio de letras III* (Antologia da SEB – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2006) e *Projeto pão e poesia III* (Blumenau, Ed. Cultura em Movimento/ FCB).

Izabel Pavesi é também ilustradora. Em 1994 ilustrou o livro (capa e contracapa) *Autoestima – a vida em harmonia*, de autoria do Dr. Ivo Fachini.

A escritora recebeu as seguintes premiações: medalha de terceiro lugar no 7º Concurso de Foto Meio Ambiente Catarinense, *Natureza Preservada* (1990); premiada no Festival da Canção da APCEF/SC, em Florianópolis, como autora da canção *Miragens*, musicada por Amilcar da Silva, e tendo ambos como vocalistas (1991); troféu de 1º lugar no 1º Concurso de Artes Visuais da APCEF/SC – Fotografia, em Santa Catarina (1994); menção honrosa, no Concurso Estadual de Poesias e Crônicas da APCEF/SP, com a crônica intitulada “Correndo... atrás do tempo” (2001); recebeu a *Comenda das Letras Catarinenses* (2006).

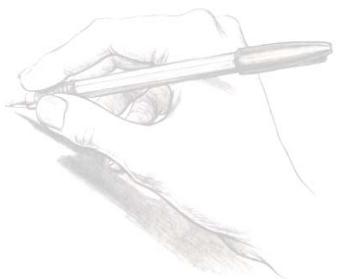
Possui seus trabalhos expostos no seu próprio site: www.izabellapavesi.net.

ICONOGRAFIA: <http://www.seblumenau.org/izabellapavesi.htm>

GÊNERO: romance

OBRA: *O último gerente* (Blumenau, Ed. Nova Letra, 2004. 157p.).

FORTUNA CRÍTICA: *O último gerente* (Blumenau, Nova Letra, 2004. 157p. – contracapa);
<http://www.seblumenau.org/izabellapavesi.htm>;
www.izabellapavesi.net.



J**185. JADE GANDRA DUTRA MARTINS**

Nasceu em Florianópolis – SC.

GÊNERO: romance

OBRA: *Tempo de guerrilha* (São Paulo, Ed. Alfa Ômega, 1997. 202p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Tempo de guerrilha* (São Paulo: Ed. Alfa Ômega, 1997. 202p. - contracapa).

186. JANDIRA D'ÁVILA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Sempre mulher* (Florianópolis, Lunardelli, 1980. 96p.)

187. JANDIRA DELAMBERT FILIZZOLA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Distinta: modo de viver* (São José, Ed. Canarinho, [19--]. 170p.).

188. JANETE GASPAR

Nasceu em Tubarão – SC no dia 11 de maio de 1962.

ICONOGRAFIA: *Vislumbres* (Criciúma, Ed. da Autora, [198-]).

GÊNERO: poesia, lit. infantil, autoajuda

OBRA: *As três irmãs* (Lit. infantil - Criciúma, Ed. Ribeiro, [198-]. 38p.); *Vislumbres* (poesia - Criciúma, Ed. da autora, [198-]); *Exemplos e fatos da vida real* (autoajuda, Ed. da autora, [198]).

FORTUNA CRÍTICA: *Vislumbres* (Criciúma, Ed. da autora, [198] - contracapa).

189. JANICE CARDOSO DE BITTENCOURT PAVAN

Nasceu em Imbituba – SC em 01 de março de 1948, onde viveu até os seis anos de idade, depois residiu em outras cidades catarinenses como Siderópolis e Florianópolis e fixou residência nesta última. Formeou-se em Magistério e exerceu durante muitos anos a carreira.

Escreve desde os 15 anos. De 1999 a 2005 dedicou-se à pintura, óleo sobre tela, tendo feito, nesse período, 23 exposições, sendo 15 coletivas e 8 individuais.

É membro da ALIFLOR, onde exerce a função de presidente desde 2008. Em 2005, tornou-se membro da ACLA, ocupando a Cadeira número 24.

Participa da Antologia *Contos de Professor* (Florianópolis, EDEME, 1997, p.55).

Recebeu menção honrosa pelo conjunto de poemas “Multidão”, “Prazer”, “Alma”, “Clímax” e “Ai de mim” no Concurso do Instituto Internacional da Poesia (Porto Alegre – RS); 4º lugar pelo poema “Climático” e 5º lugar pelo poema “Tuas mãos” no IIº Concurso *Arnaldo Prohmann de Poesia* (São Mateus do Sul – PR).

ICONOGRAFIA: *Paixão-mulher* (Florianópolis, Ed. da Autora, 2008. 128p. il.)

GÊNERO: poesia, lit. infanto-juvenil (ficção e poesia)

OBRA: *Amor-criança* (lit. infanto-juvenil - Florianópolis, Ed. da Autora, 1990); *Luz no jardim* (lit. infanto-juvenil - Florianópolis, Papa-Livro, 1993); *Bicho-homem* (poesia – Porto Alegre, Ed. da Autora, 2000); *Paixão-mulher* (poesia - Florianópolis, Ed. da Autora, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: *Contos de Professor* (Florianópolis, EDEME, 1997, p.55); *Paixão-mulher* (Florianópolis, Ed. da Autora, 2008. 128p. il. - contracapa); dados fornecidos pela própria autora.

190. JAQUELINE BOABAID

Jaqueleine Boabaid Vieira nasceu em Curitiba – PR no dia 20 de junho de 1963. Assessora de imprensa do Centro Social dos Cabos e Soldados da Polícia Militar de SC, onde é responsável pelo jornal *Desempenho*. Colaborou com a revista *Contos & Poemas* (SC).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Um cheiro de vida verde* (Florianópolis – SC, Edições Bernúncia, 1985).

FORTUNA CRÍTICA: *Um cheiro de vida verde* (Florianópolis, Edições Bernúncia, 1985 - contracapa); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis, FCC, Paralelo 27, 1993, p.246-47).

191. JAQUELINE BULOS AISENMAN

Nasceu em Laguna, aos 11 de março de 1961.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Pedaços de mim e coisas assim* (Laguna, [s.n], 1990).

FORTUNA CRÍTICA: *Pedaços de mim e coisas assim* (Laguna, [s.n], 1990 - contracapa).

192. JELENA STOPANOVSKI RIBEIRO

Nasceu em Linz a.d. Donao, na Áustria, e veio para o Brasil em 1949. É graduada em Letras pela FURB/FEDAVI – Rio do Sul – SC.

Trabalhou em diversos cargos públicos como técnico-administrativa, foi professora, consultora educacional da Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina e secretária da Escola Profissional Feminina Jorge Lacerda, em Florianópolis. Voluntária na Associação Catarinense de Professores, faz parte da Diretoria atual, no Departamento de Relações Públicas, responsável pela composição do jornal da ACP.

Em 2001 participou do concurso promovido pela Fundação Catarinense de Cultura e foi uma das seis escolhidas e premiadas no *Edital de Letras*, com o romance *A noite em que os céus se abrem* (2001).

Participa da Antologia *Fragments da memória* (Antologia da Associação Catarinense de Professores. Florianópolis, 2003, p.40-45).

GÊNERO: Romance

OBRA: *A noite em que os céus se abrem* (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2001. 94p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A noite em que os céus se abrem*. (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2001. 94p. - contracapa).

193. JONILDA WAGNER

Nasceu em Lages – SC. Formada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, morou em várias cidades do Brasil e do exterior.

ICONOGRAFIA: WAGNER, J. *Encanto* (Florianópolis, Ed. Insular, 2000).

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Encanto* (poesia bilíngue – crônica, Florianópolis, Insular, 2000).

FORTUNA CRÍTICA: *Encanto* (Florianópolis: Ed. Insular, 2000 - contracapa).

194. JOSEFINA SOUZA ROSA

Nasceu em Ilhota, Itajaí – SC. Foi assessora da presidência da Academia Catarinense de Letras, membro atuante da ACPCC de Florianópolis e da Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu – SC, onde ocupa a Cadeira número 21.

ICONOGRAFIA: *Redoma de cristal* (Florianópolis, Ed. da Autora, 2000).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poemas de gaveta* (Florianópolis, Ed. da Autora, [199-]); *Sonhos, apenas sonhos* (Florianópolis, Ed. da Autora, 1998); *Redoma de cristal* (Florianópolis, Ed. da Autora, 2000).

FORTUNA CRÍTICA: *Poemas de gaveta* (Florianópolis, Ed. da Autora, [199-] - contracapa).

195. JOSETTE MARIA SCHWOLK

GÊNERO: poesia

OBRA: *Dança das musas* (Curitiba, Ed. da Autora, 1957. 60p.)

196. JUCELI CARLA ELY

Nasceu no dia 25 de julho de 1981 no Rio Grande do Sul, mas mudou-se para São Lourenço do Oeste – SC em 1995. Era deficiente física. Faleceu em 1998.

GÊNERO: ficção

OBRA: *Confusões em Capirabá e outras histórias* (Chapecó, [s.n], 1996); *Nascida para sofrer* (Chapecó, Grifos, 1999. 140p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Nascida para sofrer* (Chapecó, Grifos, 1999. 140p. – contracapa).

197. JUCILÉA TATIANA NONES SCHAADE

Nasceu em Timbó – SC no dia 25 de junho de 1976. É integrante da Sociedade dos Escritores de Blumenau e escreve crônicas para jornais locais.

ICONOGRAFIA: *Momentos* (Timbó, Ed. da Autora, 2002. 96p. il.).

GÊNERO: poesia, romance, crônica

OBRA: *Os caminhos do destino* (romance - Timbó, Ed. da Autora, 2001. 120p.); *Momentos* (poesia - Timbó, Ed. da Autora, 2002. 96p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Momentos* (Timbó, Ed. da Autora, 2002. 96p. il. - contracapa).

198. JULIA MARIA DA COSTA

Júlia Maria da Costa nasceu em Paranaguá – PR em 1º de julho de 1844, mas mudou-se para São Francisco do Sul – SC em 1870, onde viveu grande parte de sua vida. Era filha do paranaense Alexandre José da Costa e da catarinense Maria Machado da Costa. Após a morte do pai, ela e a mãe foram morar em São Francisco do Sul, onde ficou até sua morte em 12 de junho de 1911.

Em 1871, a escritora casa-se, por imposição familiar, com o Comendador Costa Pereira, homem rico, chefe do Partido Conservador e trinta anos mais velho. Sua grande paixão foi o poeta Benjamin Carvoliva, cinco anos mais novo. Com ele, ela trocou muitas correspondências, as quais ela sugere uma fuga, uma vez que já era casada. Mas, o poeta nunca se mostrou pronto a realizar tal intento.

A partir dai, os poemas de Júlia da Costa se tornam cada vez mais desesperançados, cada vez mais melancólicos [...] Passou a escrever febrilmente, passou a frequentar mais e mais serões e

festas. Passou a pintar os cabelos de negro em um época em que somente meretrizes e artistas o faziam, a pintar o rosto a usar muitas joias, a receber muito em seu casarão e a se tornar uma lenda na pequena cidade que muito se orgulhava de sua poetisa... A partir daí, a nova mulher Júlia da Costa vai levar uma vida febricitante: festas, campanhas políticas, publicações inúmeras em jornais e revistas. (MUZART, 2000, p.403)

Júlia da Costa colaborou em diversos jornais e revistas, publicando suas poesias, divulgações líricas em prosa e novelas-em-folhetim (crônicas sociais), em que falava sobre as festas e a moda, sob os pseudônimos de “Sonhadora”, “Americana” entre outros. Sua participação literária na imprensa se dá no jornal paranaense *Itiberé* e nos catarinenses: *O Mercantil; O Conservador; Gazeta de Joinville; A União; O Despertador; A Regeneração; Opinião Catharinense; Correio da Tarde; O Artista; O Estado; Joinvilese e Beijaflor.*

Com o auxílio do padre e escritor Joaquim Gomes de Oliveira Paiva, de Desterro, publicou dois livros: *Flores dispersas - 1^a série*, e *Flores dispersas - 2^a série*.

Sobre *Flores Dispersas*, recebeu a seguinte crítica elogiosa de Elisiário Quintanilha:

Flores Dispersas é o prelúdio de um íntimo poema de coração, cujos primeiros contos são doces e belos como as primeiras melodias da harpa eólea perpassando por entre as grutas de alcantilados rochedos. Da alma de uma menina ou moça, as primeiras flores que se dispersam, se nos vêm dizer que lá há, por entre os folguedos de uma vida inocente, lá no coração, um jardim de outras flores cujo perfume embriaga os sentidos, que estes não desprendam porque são recônditos segredos da moça-poeta, também, porque sejam os pródomos de uma vigorosa inteligência, nos vem anunciar um perene manancial de tesouro na poesia. (QUINTANILHA, *O Despertador*, 12 e 22 de abril, 1867).

Após a morte do marido, Júlia começou a se fechar em seu casarão, “acreditava-se perseguida pelos seus concidadãos, vendo o riso e o escárnio em cada um que a olhasse. Nessa velhice solitária, Júlia da

Costa enlouquece e se fecha no casarão, por oito anos, dele só saindo para o cemitério.” (MUZART, 2000, p.404).

Mas, durante o tempo em que permaneceu trancada no casarão, planejou escrever um romance (do qual não se tem notícia) e, para isso, desenhou painéis enormes com papel de seda coloridos e goma arábica.

Segundo a crítica Zahidé Muzart,

A vida de Júlia Maria da Costa tem feição cinematográfica. Não obedece aos padrões vigentes para a mulher brasileira do século XIX. Inteligente e independente, sucumbe ao amor-paixão pelo poeta Benjamin Carvoliva. Essa paixão e o abandono se tornam a marca da poesia de Júlia da Costa. Em seus poemas, verdadeiros lamentos, busca a razão e o consolo para uma vida tão cheia de solidão. (MUZART, 2000, p. 405).

Zahidé, ainda, compara a poesia de Júlia da Costa com a poesia de Casimiro de Abreu:

Tal como no poeta, os seus temas são saudade – da cidade natal, da família, da infância – a natureza e o amor. [...] De Casimiro de Abreu, Júlia da Costa herda a musicalidade e o ritmo. Tal como ele, desdenha o verso branco e o soneto. Um outro ponto de contato entre os dois poetas está no uso que fazem, ambos, da teoria burguesa do amor romântico. Segundo ela, os aspectos mais carnais só se podem manifestar com muita delicadeza, com muitos subentendidos. (MUZART, 2000, p. 408).

Para Domingos Carvalho da Silva¹¹⁵ (1959), “A arte poética de Júlia Maria da Costa oscila entre o romantismo arrebatado de Gonçalves Magalhães e a temática fúnebre de Soares de Passos (poeta português ultra-romântico).”

A obra de Júlia da Costa foi reeditada e publicada em *Poesias completas* (Curitiba, edição do Centro de Letras do Paraná, 1913); *Um século de poesia - poetisas do Paraná* (Curitiba, Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1959 - essa edição traz os dois primeiros livros publicados mais

¹¹⁵ SILVA, Domingos Carvalho da. *Vozes femininas da poesia brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959.

Flores Dispersas - 3a Série e Bouquet de violetas); Traços da vida da poetisa Júlia da Costa, ensaio crítico e antologia, de Carlos da Costa Pereira (Florianópolis, FCC Ed.,1982).

ICONOGRAFIA:

http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/juliadaCosta_vida.html

GÊNERO: poesia

OBRA: *Flores dispersas*, 1^a série (Desterro, Tip. Desterrense, 1867); *Flores dispersas*, 2^a série (Desterro, Tip. de J.A. Livramento, 1868).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário bibliográfico brasileiro* (BLAKE, A. V. Alves Sacramento. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1893 v.2, p.242); "Julia da Costa - A Poetiza" (Florianópolis, *O Despertador*, 18 jan. 1867); "Flores dispersas - Poesias de D. Júlia Maria da Costa" (QUINTANILHA, José Elisiário. *O Despertador*. Florianópolis, 12 e 22 abr. 1867); *O Conservador* (ALMEIDA, Júlia da Costa de. Florianópolis, 7, 11, 14, 18 e 21 mar. 1874); *O Paraná mental* (COELHO, Mariana. Curitiba, Typ. da Livraria Econômica, 1908); "Crônica" (CORREIA, Leocádio. *Diário da Tarde*. Curitiba, 15 jul. 1911); *Antologia Paranaense* (RODRIGO JÚNIOR, e PLAISANT, Alcebíades. Curitiba, Livraria Mundial, 1938, t. I, p. 223-7); *Nova história da literatura brasileira*. (BITENCOURT, Liberato. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Colégio 28 de Setembro, 1945, V. III, p. 289); *Vida de Júlia da Costa* (LIMA, Rosy Pinheiro. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953); *História da Literatura Catarinense* (JÚNIOR, Rodrigo e PLAISANT, Alcebíades. Rio de Janeiro: [s. n.], 1957, p. 417-32); *História da literatura catarinense* (Rio de Janeiro, [s.n.], 1957, p.417-32); *Dicionário mundial de mulheres notáveis* (OLIVEIRA, Américo Lopes; VIANA, Mário Gonçalves. Porto, Lello & Irmão Editores, 1967, p. 289); *Dicionário bibliográfico do Paraná* (MOREIRA, Júlio Estrela. Curitiba, Imprensa Oficial do Estado, 1960, p.468); *Dicionário bibliographico brazileiro, 1883-1902* (BLAKE, Augusto Victorio Sacramento. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1970, v.5, p.242, edição fac-similar); *Catálogo coletivo de literatura, história e geografia do Paraná* (Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1972, p.52); *Sondagens literárias*. (FLORES, Altino. Florianópolis, EDEME, 1973, p.68-9); *Pioneiras do Brasil* (NICOLAS,

Maria. Curitiba, Estado do Paraná, 1977); *Dicionário literário brasileiro* (Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p.211-12); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.42); *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.48-50); *Introdução à história da literatura catarinense* (Porto Alegre, Movimento, 1980, p.51-5); *Traços da vida da poetisa Júlia da Costa* (PEREIRA, Carlos da Costa. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982); *A literatura catarinense* (Florianópolis: Lunardelli, 1985, p.36-7, 293, 312); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.19,30); "As cartas de Júlia da Costa". (MUZART, Zahidé Lupinacci. Florianópolis, *Diário Catarinense*, 17 ago. 1987, p.6); "Uma poetisa do século XIX". (*Diário Catarinense*. Florianópolis, 24 out. 1988, p.6); "Lendo Júlia da Costa" (MUZART, Zahidé Lupinacci. *Teias*. ano I, n.2. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, dez/1989, p.104-8); *Presença da literatura catarinense* (SOARES, Iaponan. Florianópolis, Lunardelli, 1989, p.51); "Lendo Júlia da Costa" (In: GOTLIB, Nádia Batella (org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v.3, p.143-48); "Artimanhas nas entrelinhas: o paratexto de escritoras do século XIX". (MUZART, Zahidé Lupinacci. *Boletim do GT A mulher e a literatura* n. 4. ANPOLL, 1990, p. 110-22); *Encyclopédia de literatura brasileira* (COUTINHO, Afrânia e SOUSA, Galante de. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1990, p.473); *Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná* (CAROLLO, Cassiana Lacerda. Curitiba, Livraria do Chaim/ Banestado, 1991. p.106-09); *A literatura de Santa Catarina*: síntese informativa (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.14); "Artimanhas nas entrelinhas: o paratexto de escritoras do século XIX" (FUNCK, Susana Bornéo (org.) *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis, EDEME, 1994, p.263-70); "Acréscimos e retificações ao Dicionário bibliográfico brasileiro, de Sacramento Blake" (BERGER, Paulo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 158 (395) abr./jun. 1997. p.525); "Júlia da Costa" (In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. (Florianópolis, Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 1999. p.401-23); "Júlia da Costa" (SCHUMAHER,Schuma e BRAZIL, Érico Vital. In: *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000. p.304); "Júlia da Costa, a rosa do tufão batida..." (In: MUZART, Zahidé L. (org.). *Poesia – Júlia da Costa*. Curitiba,

Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p.15-22); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.310); *Tirando do baú: antologia de poetas brasileiras do século XIX* (BEZERRA, Kátia da Costa (org.). Pedro Leopoldo (MG), Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, 2003, p.172-174).

199. JULIANA WOSGRAUS

Nasceu em Videira – SC, mas vive há muito tempo em Florianópolis. É formada em Engenharia Elétrica pela UFSC. Exerceu a função de analista de sistemas, animadora cultural, artista plástica, colunista e gerente de artes plásticas da Fundação Catarinense de Cultura.

No cinema de animação, realizou os curtas *O voo da bailarina; Palco* e *Tubarões voadores*. Fez alguns comerciais para televisão e, na TV Anhatomirim (TVE/SC), dirigiu o programa *Olhar Catarinense*. Foi diretora de vídeo e presidente da Associação Catarinense de Artistas Plásticos (ACAP) e diretora da Casa da Alfândega.

É membro fundador da UBE/SC e colunista de jornais há mais de 20 anos. Desde 1995 assina coluna própria no jornal *Diário Catarinense*. Artista plástica autodidata com propostas elétricas a neon, instalação e objeto, participou de várias exposições coletivas no sul do país e apenas uma individual, em Florianópolis. Possui verbetes nos livros *Indicador catarinense de artes plásticas* (Ed. FCC) e *O cinema em Santa Catarina* (EDUFSC e Embrafilme); assinou o prefácio do livro *A água da tua bandeira*, do professor Teobaldo Costa Jamundá, membro da Academia Catarinense de Letras.

ICONOGRAFIA: *À luz da lua: deitada, em pé, encaracolada* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2002).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Miscelânea* (poesia – Florianópolis, Ed. Prometheus Libertus, 1994, il. de Ovídio Vieira, Renato dos Anjos, Makoto Saito e Esterina); *À luz da lua: deitada, em pé, encaracolada* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2002).

FORTUNA CRÍTICA: *À luz da lua: deitada, em pé, encaracolada* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2002 - contracapa).

200. JUREMA XAVIER FISCHER

ICONOGRAFIA: *Quero sentir que estou vivendo* (Florianópolis: Papa-Livro, 2003).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Quero sentir que estou vivendo* (Florianópolis, Papa-Livro, 2003).

201. JUSSARA BITTENCOURT DE SÁ

Nasceu em Tubarão – SC. É licenciada em Letras português/inglês (1984) e especialista em Literatura Brasileira, pela UNISUL; mestre em Letras (2000) e doutora em Literatura (2005), pela UFSC.

Trabalhou em diversos órgãos públicos, é professora de estética e arte regional do mestrado em Ciências da Linguagem; coordenadora do grupo de pesquisa *O artista e o seu lugar*; professora de teoria e literaturas brasileira e portuguesa; orientadora de dissertações de mestrado em Ciências da Linguagem, monografias dos Cursos de Letras, Publicidade e Propaganda e Secretariado Executivo. É membro da Academia Tubaronense de Letras, onde ocupa a Cadeira número 04.

Participou de diversas antologias, dentre elas, *Momento literário: poesia e prosa* (2002); *Fragmentos da alma* (2004); *Cazuza no vídeo – o tempo não pára* (2006) e *Jardim das Letras* (2007).

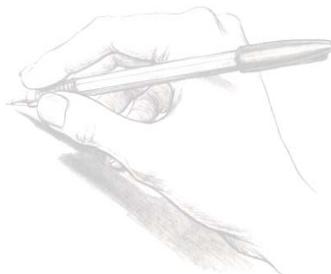
A autora realizou, ainda, outras publicações não ficcionais: *Episteme* (1997) “A teoria em boas novas: ensaio sobre a música de Cazuza sob a ótica da ironia. *Linguagem em Discurso* (2001): “Uma passagem em Um trem para as estrelas; diálogo entre a canção e o Rizoma”. *Associação Brasileira de Literatura Comparada – UFSC*: Mulher e

Literatura – UFMG (2001) “Caminho para o Desmundo: entre o desejo e o interdito”. *Linguagem em discurso* (2003) “Sensações e razão na floresta do alheamento”.

GÊNERO: crônica, conto, ensaio, poesia

OBRA: *Fragmentos da alma: prosa e verso* (Tubarão, Copiart, 2004. 200p.); *Palavras contadas* (2006); *Os amores-perfeitos* (poesia - Tubarão, Humaitá, 2007); *O tempo e a margarida* (poesia - Tubarão, Humaitá, 2007); *A orquídea-solidão* (poesia - Tubarão, Humaitá, 2007); *O jasmâneiro* (conto - Tubarão, Humaitá, 2007); *A camélia e a ponte* (conto - Tubarão, Humaitá, 2007); *Vendo a banda passar* (conto - Tubarão, Copiart, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: *Jardim das Letras* (Tubarão, Gráfica e Editora Humaitá, 2007. p.42); currículo lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4771370U0>.



K

202. KÁTIA REBELLO

Nasceu em Florianópolis – SC no dia 23 de agosto de 1961. Graduou-se em Biblioteconomia, possui especialização em Educação, mestrado em Literatura e doutorado em Teoria Literária pela UFSC. Estreou na literatura com a participação na *Antologia do varal literário* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1983). Em 1988 recebeu o *Prêmio Virgílio Várzea* da Fundação Catarinense de Cultura com o romance *A casa da praia*.

GÊNERO: romance

OBRA: *A casa da praia* (Florianópolis, FCC, 1988); *Homicídio em dó maior* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1996); *Coincidência!* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1999); *Em nome da arte* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 2000); *Olhos de vidro* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 2001); *Por falar em fantasma* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 2005).

FORTUNA CRÍTICA: *A casa da praia* (Florianópolis, FCC, 1988 - contracapa); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.444).



L

203. LAIR LEONI BERNARDONI

Nasceu em São Francisco do Sul – SC, em 1938. É fotógrafa de renome internacional. Suas obras já foram expostas em várias cidades do Brasil e nos mais importantes centros culturais do mundo, como a Galeria Debret, em Paris, o Centro Cultural San Martín, em Buenos Aires, e no Palazzo Pamphilli, em Roma, além de outras capitais como Washington, Atenas, Ottawa, Madri, Viena e Nova Iorque. Três de suas obras fazem parte do acervo do Museé Français de la Photographie.

Sua única obra literária, *Girassol, giralua*, possui apresentação de Lindolf Bell, Pasquale Cipro Neto e do cronista Sérgio da Costa Ramos.

ICONOGRAFIA: *Girassol, giralua* (Joinville, Letra d'água, 2000. 164p. il. - contracapa).

GÊNERO: relatos de viagem

OBRA: *Girassol, giralua* (Joinville, Letra d'água, 2000. 164p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Girassol, giralua* (Joinville, Letra d'água, 2000. 164p. il. - contracapa).

204. LARISSA MELO DE FREITAS

Nasceu em Florianópolis – SC em 1972.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Fábrica de amor* (Florianópolis, Papa-Livro, 1996. 70p. il.)

FORTUNA CRÍTICA: *Fábrica de amor* (Florianópolis, Papa-Livro, 1996. 70p. il. – contracapa).

205. LARISSA POETA DE MELLO

ICONOGRAFIA: *Contextualizando sentidos* (Florianópolis, EDEME, 2005. 112p. il.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Contextualizando sentidos* (Florianópolis, EDEME, 2005. 112p. il.).

206. LAURITA MOURÃO

GÊNERO: Romance

OBRA: *À mesa do jantar* (Rio de Janeiro, Nôrdica, 1979, 295p.); *Alice do quinto diedro* (Rio de Janeiro, Nôrdica, 1980. 222p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.70).

207. LAUSIMAR LAUS

Lausimar Maria Laus nasceu em Itajaí - SC no dia 16 de abril de 1916, mas viveu por mais de 40 anos no Rio de Janeiro - RJ. Na década de 1930, muda-se para Florianópolis, onde se formou normalista pelo Instituto de Educação em 1936. Mais tarde, transfere-se para o Rio de Janeiro, local em que fez uma carreira brilhante na área do jornalismo, da educação e da ficção.

Na cidade do Rio de Janeiro, trabalhou no Ministério da Educação e Saúde e ingressou no magistério público no ano de 1944.

Sua estreia na literatura foi com a literatura infantil. Em 1948, publica seu primeiro livro, *Histórias do mundo azul*. Nos anos de 1950 intensificou suas atividades nas áreas da ficção e do jornalismo, nessa época, publicou seu livro de poesia, *Confidências*. Em 1952, obteve o prêmio de segundo lugar no concurso da Academia Brasileira de Letras, categoria teses. O resultado desse prêmio foi a publicação do livro de ensaios, em 1953, *O romance regionalista brasileiro*. Nesse mesmo ano, publicou *Brincando no Olimpo* e, em 1958, o livro de contos *Fel da*

terra. Ainda por essa época, escreveu para diversos jornais e revistas literárias modernistas, incluindo o *Grupo Sul*, o principal movimento literário que trouxe o Modernismo para Santa Catarina. Em *Introdução à História da Literatura Catarinense*, Osvaldo Ferreira de Melo, menciona Lausimar Laus como uma “agregada” aos modernistas do Grupo Sul: “Da geração modernista ou dela próximos, mas sem se terem integrado diretamente aos movimentos de renovação temos: [...] Zedar Perfeito da Silva (história, ficção), Nereu Corrêa (crítica)[...] Lausimar Laus (ficção)”.

Lausimar Laus, nas décadas de sessenta e setenta, fez várias viagens de estudo ao exterior e exerceu o magistério, atuando como professora de português e alemão, chegando a trabalhar na Universidade Federal Fluminense. Como jornalista, em 1962, trabalhou como correspondente da revista *Manchete* para uma série de reportagens na Alemanha; em 1965, publicou a obra sobre observações de viagem e crônicas, intitulada *Europa sem complexos*. Em 1966, foi para os EUA, a convite do governo americano, e ficou três meses estudando o sistema educacional daquele país. Mais tarde, volta para a Europa, principalmente Espanha, e publica uma série de reportagens intitulada *Na rota do vasto mundo*.

Em 1970, Lausimar publica seu primeiro romance, *Tempo permitido*, cujo prefácio foi de Rachel de Queiroz. Cinco anos depois, publica aquela que vem a se tornar sua obra de maior repercussão: *O guarda-roupa alemão*. Um ano depois, em 1976, recebe o prêmio *Odorico Mendes* da Academia Brasileira de Letras pela melhor tradução do ano em língua portuguesa para o livro de Alain Robbe-Grillet intitulado *Projeto para uma revolução em Nova York*. Além desta obra, traduziu, ainda, *Boy*, de Christine de Rivoyer e *As cobaias*, de Ludvuk Voulk.

Em 1977, sob orientação de Afrânio Coutinho, defende a dissertação de mestrado, *O mistério do homem na obra de Drummond*, a qual transforma em livro no ano seguinte. Nesse mesmo ano, recebe o troféu “Barriga Verde”, concedido pelo *Jornal de Santa Catarina*, por seu serviço de divulgação da literatura no estado. Publicou, ainda, o livro de ensaios *A presença cultural da Alemanha no Brasil*.

No âmbito acadêmico, Lausimar fez licenciatura em Letras Clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, mestrado em Literatura Brasileira, pela UFRJ e doutorado em Estudos Hispânicos Contemporâneos, pela Faculdade de Letras da Universidade de Madrid. Fez cursos de especialização nas áreas de Informação e Documentação Espanhola, pela Escola Oficial de Jornalismo, em Madri, e de Direito Espanhol e Hispano-americano, pelo Instituto de Cultura Hispânica, também em Madri.

Na área jornalística, prestou serviços para órgãos importantes da imprensa nacional; atuou como cronista na revista *O Cruzeiro*, durante muito tempo; por quinze anos foi redatora da revista *Manchete*; trabalhou, ainda, no *Jornal do Brasil* (Suplemento do Livro), *O Globo*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Correio do Povo* (Caderno de Sábado), *Diário Carioca*, *Revista Presença*, além de contribuir nos suplementos literários de *O Estado de São Paulo* e *O Estado de Minas Gerais*.

A contribuição de Lausimar atingiu também a área musical: possui vários de seus poemas musicados por Aristides M. Borges e gravados com o selo da RCA/VICTOR. A música que obteve maior sucesso foi gravada com o título: *Tenho pensado tanto em ti*.

No âmbito da ficção, como já foi observado, a produção de Lausimar Laus é bem diversificada: poesia, conto, literatura infantil, ensaio, crônica de viagem e romance.

Fel da terra (1958) é uma obra que possui onze contos, de temática variada: superstição, questão racial, sexualidade entre negros e brancos e até dois contos que se passam na Europa, além disso, já neste primeiro livro de ficção, observa-se a forte atenção que a escritora dá às personagens femininas, tendência que vai se confirmar e aprofundar nas outras obras, especialmente nos romances, o gênero que mais se destaca na produção da autora. Lausimar escreveu três obras desse gênero, das quais publicou apenas duas, a última foi póstuma: *Tempo permitido* (1970), *O guarda-roupa alemão* (1975), obra que lhe rendeu o título de “Personalidade do ano em literatura” e *Ofélia dos navios* (1983), todos eles envolvendo a temática da colonização germânica no Vale do Itajaí, contextualizando-a no cenário político, econômico e cultural da época.

Por esse motivo, a autora é classificada por Celestino Sachet (1985) como escritora pertencente ao regionalismo alemão em Santa Catarina, junto a outros escritores como, Urda Alice Klueger.

Tempo permitido (1970), seu primeiro romance, traz como personagens principais Luísa e Celina, duas estudantes brasileiras em Madrid. O mundo universitário e situações como a sexualidade e a experiência de vida marcam o romance, principalmente com o desejo de liberdade de Luísa e com as angústias de Celina, detentora de uma educação muito repressora e que, por causa disso, busca entender o presente através das reminiscências do passado, no ambiente da colonização germânica no Vale do Itajaí.

O guarda-roupa alemão (1975), o livro mais conhecido da autora, trabalha a história de uma família de imigrantes alemães que mora em Blumenau. O personagem central, Homig, o último descendente da família Ziegel, é quem narra a história. Homig fica em frente ao guarda-roupa, uma peça importante do mobiliário e já considerado como um integrante da família, e possui como tarefa abrir a gaveta do guarda-roupa que traz um grande segredo de família. Através dessa função, o personagem reconstitui toda a história das gerações dos Ziegel.

Ofélia dos navios (1983), o romance póstumo de Lausimar Laus, tem como cenário o Vale do Itajaí, na época da Segunda Guerra Mundial. A autora explora temas como a crise econômica causada pela guerra, os conflitos de gerações estabelecidos pela rigidez dos germânicos, o surgimento de diversos povos, como, os italianos, açorianos e japoneses em Blumenau, e a consequente miscigenação ocorrida no Vale do Itajaí a partir dessa época.

Além desse vasto currículo, a autora participou de várias antologias, dentre elas, *Este amor catarina* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1996) e da coletânea *panorama do conto catarinense* (1974).

Lausimar Laus morreu aos 63 anos de idade, vítima de infarto fulminante, no dia três de outubro de 1979.

ICONOGRAFIA: Disponível em: www.ruthlaus.blogspot.com

GÊNERO: poesia, conto, literatura infantil, ensaio, crônica de viagem e romance

OBRA: *Histórias do mundo azul* (lit. infantil – Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1948); *Brincando no Olimpo* (lit. infantil – Rio de Janeiro, Oficinas do “Jornal do Brasil”, 1953); *Confidências* (poesia - [S.l.: s.n, 195-]); *O sonho de Candoquinha* (lit. infantil – Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1955); *Aventuras do Zé Colaço* (lit. infantil – Rio de Janeiro, Pongetti, [s.d]); *Fel da terra* (conto - Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1958); *Europa sem complexos* (crônica de viagem - Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1965); *Tempo permitido* (romance - Rio de Janeiro, Cia Ed. Americana, 1970); *O guarda-roupa alemão* (romance - Rio de Janeiro, Pallas; Brasília, INL, 1975); *Ofélia dos navios* (romance - Florianópolis, Lunardelli, 1983).

FORTUNA CRÍTICA: *Uma leitura metafórica d'O guarda-roupa alemão, de Lausimar Laus* (Florianópolis, UFSC, 1978 – dissertação de mestrado); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.149); *Os três discursos de "Ofélia dos Navios"*: uma tentativa de análise globalizante (Florianópolis, 1979 – apresentação de trabalho); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.16, 66-69); *O mito e o rito* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1987); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.62); *A literatura catarinense em busca da identidade: o romance* (Porto Alegre, Movimento; Florianópolis, FCC, Ed. da UFSC, 1994, p.119-39); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.268); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.325-326); *Vivendo além das fronteiras : O guarda-roupa alemão de Lausimar Laus* (Florianópolis, UFSC, 2002 – dissertação de mestrado); *Três narrativas/o mesmo tema: a imigração alemã nos romances de Lausimar Laus* (Florianópolis, UFSC, 2004 – dissertação de mestrado); *Relações de gênero, raça e poder nas correspondências de imigrantes alemães no Vale do Itajaí* (Florianópolis, UFSC, 2004 – dissertação de mestrado).

208. LEATRICE MOELLMANN PAGANI

Nasceu em Florianópolis – SC, em 1925. Graduou-se em Direito pela UNB e é mestre em Literatura Brasileira pela UFSC. Foi Lente Catedrático de Língua e Literatura Vernáculas do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis e trabalhou no serviço público como auxiliar administrativo e taquígrafa durante longo tempo.

É membro da Academia de Letras de Biguaçu, da Academia Catarinense de Letras, da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, da Federação das Academias de Letras do Brasil (RJ), da União Brasileira de Escritores – SC, da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil, da Academia Catarinense de Filosofia, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Sócia Honorária do Instituto dos Advogados de Santa Catarina.

Participa de várias antologias, dentre elas, *Poesia contemporânea de Santa Catarina* (Florianópolis: Garapuvu, 2003, p.91). Publica em revistas e jornais, poesias, contos, crônicas, ensaios, discursos, prefácios e orelhas, trabalhos históricos e de genealogia.

É detentora dos seguintes prêmios e homenagens: troféu *Boi-de-Mamão* (Câmara Catarinense do Livro, com o romance *Gatos ariscos*, 1999); *Senadora da Cidade de Florianópolis* (Fundação Senadinho – SPQF, 2001); troféu *Manezinho da Ilha* (Florianópolis, 2003); patronese da 18ª Feira do Livro de Florianópolis (2003); eleita “Princesa dos poetas catarinenses” (2003); homenageada com uma placa contendo a inscrição de um poema de sua autoria, intitulado “A Praça Esteves Júnior”, na praça de mesmo nome (Prefeitura de Florianópolis, 2004); prêmio literário internacional Maestrale-San Marco *Marengo D’Oro* (Gênova, Itália, 2004).

Leatrice Moellmann integrou o projeto *Relicário Latino*, uma antologia de poetisas contemporâneas, coordenado pela Fundação Cultural Franklin Cascaes e pela Prefeitura Municipal de Florianópolis (tal Projeto envolve várias prefeituras brasileiras e também países do Mercosul, como Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia).

A autora declama suas próprias poesias em vários recitais no Brasil e no exterior e é verbete no *Dicionário de mulheres* (Hilda Agnes Hübner Flores, Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.348) e na *Encyclopédia*

de Cultura Brasileira (Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, Editora Global. São Paulo, 2º vol., p.1094).

Leatrice Moellmann recebeu apreciações críticas consagradoras, dentre outros, de Maura de Senna Pereira, Nereu Corrêa, Silvia Amélia, Celestino Sachet, Lauro Junkes, Zahidé Muzart, Antônio Houaiss e Pizarro Drummond, tendo este último mostrado que ela pode ser caracterizada como neomodernista no momento inicial da geração de 45.

ICONOGRAFIA: *Confissões de amor* (Florianópolis, Associação de Amigos do Arquivo Público – SC/ IOESC, 1987); *Sedução* (Florianópolis, Academia Catarinense de Letras, 2004).

GÊNERO: poesia, romance, ensaio, conto, crônica

OBRA: *Confissões de amor* (poesia - Florianópolis, Associação de Amigos do Arquivo Público – SC/ IOESC, 1987); *Em busca de ti* (poesia - Rio de Janeiro, GBAG Editora, 1990); *A obra inédita de Carlos de Faria e a Guerrilha Literária em Santa Catarina* (ensaio – Florianópolis, Ed. da UFSC/ FCC Edições, 1994); *Poemas de Leatrice (opúsculo de poesia)* (Florianópolis, Ed. da Autora, 1997); *Depois do verão* (poesia - Florianópolis, Academia Catarinense de Letras, 1997); *Gatos ariscos* (romance – Florianópolis, Insular, 1998); *Amor nos anos 90* (poesia - Florianópolis, Papa-Livro, 1999); *Anita Garibaldi: uma trajetória de amor* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Casa Civil, 2000); *Harpia, a bruxa* (conto - Florianópolis, Insular, 2004); *Sonetos de Leatrice* (dobradura - Florianópolis, Ed. do Autor, 2004); *Sedução* (Florianópolis, Academia Catarinense de Letras, 2004); *Uma rosa* (poesia - Florianópolis, Insular, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense nos anos 80*: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989 (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.348); *Poesia contemporânea de Santa Catarina* (Florianópolis, Garapuva, 2003, p.91); *Grupo de Poetas Livres – 10 anos*. (Florianópolis, Editograf, 2008, p.89).

209. LEDA MROWINSKI

Nasceu em Ijuí – RS e viveu nesta cidade até os 24 anos. Posteriormente, radicou-se em Vitória – ES e finalmente em Balneário Camboriú – SC. Bancária aposentada, Leda publicou quatro livros que já possuem entre 2 e 8 edições. É membro das Academias de Letras de Balneário Camboriú e Itajaí.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Traços d'alma* (Vitória – ES, [s.n], 1992); *Mercador de versos* (Blumenau, Nova Letra, 1995. 120p.); *Emoções* (Blumenau, Nova Letra, 1996. 118p.); *Seresteiro de rimas* (Blumenau, Nova Letra, 2003).

FORTUNA CRÍTICA: *Mercador de versos* (Blumenau, Nova Letra, 2004. p.10).

210. LEILA JANETE WUERGES

GÊNERO: poesia

OBRA: *Sutis linguagens dos silêncios: manual prático de ajuda* (Blumenau, Novaletra, 2006. 72p. il.).

211. LELIA A. DE CAMARGO

Nasceu em Lages – SC aos 28 de fevereiro de 1941. Colaboradora dos jornais *Diário Catarinense*, *Correio Lageano* e *O Jornal* (PR). É membro da Associação Lageana de Escritores.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Cirandando* (Lages, Ed. Gráfica, Pérola, 1989. 92p.); *Sonho sonhado* (Lages, Ed. Gráfica, Pérola, 1990. 92p.), *Baú de guardados* (poesia, crônica – Lages, Pérola, 1992. 41p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Sonho sonhado* (Lages, Ed. Gráfica, Pérola, 1990. 92p. - contracapa); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.55).

212. LENA MARIA DA ROSA

GÊNERO: romance

OBRA: *Elos de amor* (Lages, Prefeitura Municipal, 1988. 128p.).

213. LEONARDA DA SILVA FERNANDES

Nasceu em Criciúma – SC no dia 09 de março de 1949, onde viveu até casar-se. Após o casamento, foi morar no Balneário Rincão – SC e trabalhou como costureira durante muitos anos.

GÊNERO: poesia

OBRA: *O grito da consciência* (Içara - SC, Otomar Gráfica e Editora, 2005. 140p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *O grito da consciência* (Içara – SC, Otomar Gráfica e Editora, 2005. 140p. il. – contracapa).

214. LEONOR LEZAN

Nasceu em Mafra – SC em 13 de dezembro de 1915. Estudou em Curitiba – PR, lugar em que se formou pela Escola Normal. Trabalhou como professora, técnica de educação e, mais tarde, como supervisora de ensino do MEC.

Sua estreia literária foi em 1964, com *O vendedor de bolas coloridas*, obra que reúne poesia e contos infantis. Três anos depois, publica o livro de poesias intitulado *Matriz de primavera*.

GÊNERO: poesia, lit. infantil

OBRA: *O vendedor de bolas coloridas* (lit. infantil – Curitiba, Ed. Artes Gráficas, 1964); *Matriz de primavera* (poesia – Curitiba, Ed. Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1967).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário literário brasileiro* (Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p.362); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.279); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.343).

215. LEONOR SCLiar-CABRAL

Nasceu em Porto Alegre – RS em 20 de maio de 1929. É formada em Direito pela UFRGS (1963), licenciada em Letras pela PUC-RS (1968), doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo - USP (1977) e pós-doutorada pela Universidade de Montréal. Atualmente é professora titular concursada aposentada pela UFSC, na qual possui o título de *Professor Emeritus*.

É poeta, advogada, pesquisadora, professora universitária e contribui intensamente em movimentos culturais no Brasil e exterior. Desenvolveu inúmeras pesquisas, principalmente no campo de línguas, linguística, informática e ensino. Pesquisadora do CNPq desde a década de 1970, atualmente é coordenadora do Grupo de Pesquisa Produtividade Linguística Emergente, alimentando o banco mundial de dados CHILDES com dados do Português do Brasil em transcrição fonética e áudio. Possui dezenas de trabalhos publicados, além de vários artigos no Brasil e exterior sobre processamento linguístico. Ultimamente vem se dedicando à prevenção ao analfabetismo funcional, com a proposta do método: *Alfabetização: aprendizagem neuronal para as práticas sociais de leitura e escrita*.

Foi eleita, em julho de 1991, em congresso realizado na Univ. de Toronto, Presidente da *International Society of Applied Psycholinguistics*, ISAPL, reeleita para mais um mandato na Universidade de Bolonha/Cessena e é atualmente Presidente de Honra. É membro do Comitê da IASCIL (International Association for the Studies of Child); do Comitê da Linguagem na Criança da IALP; do

Conselho Editorial do *International Journal of Psycholinguistics*; de *Cadernos de Estudos Lingüísticos*; das revistas *Letras de Hoje* (fundadora), *Revista da ABRALIN* entre outros.

Atuou como presidente da União Brasileira de Escritores em Santa Catarina (1995-1997) e presidiu a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), no biênio (ag. 1997 - jul.1999); é a primeira coordenadora do GT de Psicolinguística da ANPOLL, reeleita por mais um mandato.

Leonor Sciar obteve os seguintes prêmios e títulos: melhor aluna do Instituto Linguístico Latinoamericano (Universidad de la República República Oriental del Uruguay, 1966); prêmio *Esso de Literatura* (Esso do Brasil, 1967); *Notorio Saber* (UFSC, 1980); homenagem prestada pela Presidente da ASLHA, Prof. K. G. Butler aos International leaders in *Speech-Language Pathology and Audiology* (Seattle, Washington, USA, American Speech Language Hearing Association, 1996); *Presidente de honra* (International Society of Applied Psycholinguistics (ISAPL), 1997); medalha de mérito *Cruz e Sousa* (Fundação Catarinense de Cultura, 1998); *Investigando a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Sciar-Cabral, Loni Grimm Cabral e José Moraes* (orgs.) (Florianópolis, Editora Mulheres, 1999); homenagem do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC - comemoração dos 10 anos do Programa e da Instalação do doutorado em Linguística (Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2003); indicação para concorrer à categoria de melhores livros de Educação - 46ª Edição do Prêmio *Jabuti* 2004 (Câmara Brasileira do Livro, 2004); *Professor Emeritus* (UFSC, 2006); projeto *Um dedo de prosa*, cartão de prata (Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, 2007).

No campo da literatura, estreou com a obra *Sonetos* em 1987. No entanto, foi com as obras *Romances e canções sefarditas*¹¹⁶ (1990) e

¹¹⁶ O termo “sefarad” indica o nome da Península Ibérica em hebraico; já os termos “sefarditas” ou “sefardim” são variantes de adjetivo pátrio referentes aos judeus provenientes da Espanha, que emigraram em virtude da expulsão determinada pelos reis católicos em 1492, falando o ladino ou judeu-espanhol, dotados de rica cultura e trágica história.

Memórias de Sefarad, (1994), que Leonor atingiu a sua maior arte poética. Nos dizeres de Nelly Novaes Coelho:

É em Memórias de Sefarad que a poeta condensa, em alta temperatura poética, todo o acervo lírico colhido em suas peregrinações e trabalhado em anos de pesquisa. Em belíssima edição (ilustração do artista plástico Rodrigo de Haro), na qual a essencialidade das palavras dialoga com a substancialidade das imagens, esta obra resgata a riqueza da língua judaica que se desenvolveu na Península Ibérica. (COELHO, 2002, p.344).

Em 1998, Leonor Sciar lança *De senectude erótica*, obra madura em que a autora, segundo o Jornal *A Notícia* (1999), “celebra o erotismo de um modo a deixar no limbo, soterradas para sempre, as apelações televisivas da atualidade.” Nesse Livro, a própria Leonor afirma que se despiu para escrevê-lo, que foi preciso muita coragem para quebrar os diversos tabus. Isso porque a temática é muito nova na literatura brasileira: o erotismo na mulher madura, aquela que está no limiar entre a juventude e a velhice. A obra foi produzida em edição bilíngue (português/francês), com versão de Marie Hélène Torres.

Ainda em 1998, traduz a obra *Poesia espanhola do século de ouro*, escrevendo a introdução e notas (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1998). No ano seguinte, traduz a obra de Jorge Luis Borges, *O outro, o mesmo* (trad. Poética, In J.L. Borges, *Obra Completa* - São Paulo, Globo, 1999) incluída no segundo volume das obras completas do escritor argentino. Este trabalho fez com que a autora fosse a Israel para falar, na Universidade de Telavive, sobre a influência da cabala nesse trabalho de Borges. Outro trabalho de tradução que mereceu destaque foi *Cruz e Sousa, o poeta do desterro* (versão poética para o francês com Marie-Hélène Torres das legendas do filme de Sylvio Back - Rio de Janeiro, Sete Letras, 2000). Para Leonor, “Traduzir o barroco espanhol, o Borges de *El outro, el mismo* e passar para o francês Cruz e Sousa têm sido quase como enfrentar os mesmos desafios estéticos dos autores, buscando as soluções equivalentes na língua de chegada.”(BRÜGGEMANN, 2004, p.15)

Em 2006, Leonor publica *O sol caía no Guaíba*, uma coletânea de odes e sonetos cuja temática são vivências da autora desde a infância no Rio Grande do Sul.

Participa de algumas antologias, dentre elas, *Poesia contemporânea de Santa Catarina*. (Florianópolis: Garapuvu, 2003, p.97) e *15 escritores* (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2004).

Leonor Sciliar, além de obras de ficção, possui inúmeros artigos e participações em eventos e publicações no Brasil e no exterior, e publicou, ainda, os seguintes livros: *Desvendando discursos: conceitos básicos* (Florianópolis, Editora da UFSC, 2008 – em participação com Cármem Rosa Caldas Coulthard); *ISAPL Bulletin* (Florianópolis, CCE/UFSC, 1992 a 2006. 13 números – em participação com Tatiana Slama Cazacu, Renzo Titone e Stefania Stame); *Princípios do sistema alfabetético do português do Brasil* (São Paulo, Contexto, 2003); *Guia prático de alfabetização, baseado em princípios do sistema alfabetético do português do Brasil* (São Paulo, Contexto, 2003); *Ilha do Desterro - Unity and diversity in communication* (Florianópolis, Editora da UFSC, 2002); *ABRALIN Programa II Congresso Nacional 25/02 a 27/02/99* (Florianópolis, EDUFSC, 1999); *Boletim Informativo da União Brasileira de Escritores UBE-SC* (Florianópolis, UFSC, 1996); *Banco de dados em aquisição da linguagem do sujeito Pá* (Pittsburgh: Child Language Data Exchange System CHILDES, 1994. v. 3 – com Giovanni Secco); *LINX Psycholinguistique de la parole*. 29. ed. (Nanterre, Université Paris X Nanterre, 1993); *Introdução à Psicolinguística* (São Paulo, Ática, 1991); *Distúrbios da Comunicação* (nº especial de Cadernos do CED. 15. ed. Florianópolis, Editora da UFSC, 1990); *O método contextual dinâmico aplicado a poemas de Fernando Pessoa* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1989); *Reading: Creative and automatic processes* (Org. Nº Especial de Ilha do Desterro. Florianópolis, Editora da UFSC, 1989); *Psicolinguística Edição Monográfica da Ilha do Desterro* (Org. Florianópolis, Editora da UFSC, 1988); *As ideias linguísticas de Mário de Andrade* (Florianópolis, Editora da UFSC, 1986); *Análise de Cartilhas* - edição monográfica da revista Roteiro (VI. ed. Joaçaba, Editora da UNOESC, 1985); *Narratividade em crianças e os processos de leitura* (Brasília, INEP, 1983); *Adaptação ao português do Teste M1-Alpha de André Roch Lecours e respectivo protocolo* (com Ana Maria Soares Barbosa - Montreal, Guggenheim Foundation, 1981); *Introdução à Linguística* (Porto Alegre, Globo, 1973); *Em Busca da Poesia* (Porto Alegre, PUCRGS, 1967). Atualmente, prepara a publicação em 5 línguas dos sonetos Sagração do alfabeto.

ICONOGRAFIA:

http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/leonor_sclar_cabral.html

GÊNERO: poesia

OBRA: *Sonetos* (Florianópolis, NoaNoa, 1987); Romances e canções sefarditas: séc. XV ao XX (São Paulo, Massao Ohno, 1990); *Memórias de Sefarad* (Florianópolis, Athanor, 1994); *De Senectute Erotica* (São Paulo, Massao Ohno, 1998, edição bilíngue com trad. francesa por Marie-Hélène Torres); *O sol caía no Guaíba* (Porto Alegre, Bestiário, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999); *Leonor faz 70 anos com obra nova publicada* (*Jornal A Notícia*, Florianópolis, 22 mai. 1999); *Poesia contemporânea de Santa Catarina* (Florianópolis, Garapuvu, 2003, p.97); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (Nelly Novaes Coelho, 2002); *15 escritores* (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2004).

216. LIANE DOS SANTOS

Nasceu em Itajaí – SC em 24 de julho de 1953, mas reside no Rio de Janeiro – RJ. Formada em Jornalismo pela PUC-RS, frequentou o curso de Letras da UFRJ. Entre os anos 1960 e 1970 atuou como repórter e redatora em jornais e revistas de Porto Alegre e de outros estados. Em 1978, participou do *International Writing Program* (Iowa/EUA).

GÊNERO: poesia, literatura infantil

OBRA: *Primeiro ato* (poesia - Porto Alegre, Ed. Garatuja, 1977); *Verão* (poesia - Porto Alegre, Ed. Movimento, 1980); *Luz da noite* (poesia - Rio, Ed. Trote, 1985); *Casa e primeiro ato* (poesia – Rio de Janeiro, Blocos, 1991. 112p.); *Mimi reinventa o mundo* (lit. infantil - 2005); *Há um mar no verbo amar* (poesia - Letra Capital, 2007).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.196); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.19); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinenses publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.481); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.348).

217. LIANE FLORES

Ver Lizzi.

218. LIENE COLLAÇO PAULO

Nasceu em Laguna – SC, em 1927, mas veio para Florianópolis – SC em 1945. É uma das fundadoras da Academia de Letras de Palhoça. Participou de vários concursos literários e obteve as seguintes premiações: 1º lugar no *Concurso Estadual de Contos de Natal*, com o conto “Neste Natal, não chorarei” (Prefeitura Municipal de Itajaí, 1980) - esse conto foi publicado na revista *Contos e Novelas*, nº 6 (*Revista Catarinense de Ficção*); 2º lugar no curso de Atualização para a Mulher (1980), com o conto “Rosalinda dos tempos outros”; 1º lugar no curso de Atualização para a Mulher (1981), com o conto “As telhas de luar encantado”; 3º lugar no *Concurso Estadual de Contos* (Fundação “Viva Vida”), com a obra *Sabor de amora*; menção honrosa no *Concurso Nacional Mario Quintana*, (Academia Sul de Letras de Pelotas – RS, 1997), com o conto “O sonho de Bonifácio”.

ICONOGRAFIA: *Balada do pensamento* (PAULO, L.C. Florianópolis: Ed. Insular, 2003 – il. de Carlos Meira).

GÊNERO: conto

OBRA: *Amanhã é Natal* (Florianópolis, Ed. do Autor, 1997, il. Hassis); *Sabor de amora* (Florianópolis, Ed. Insular, 2000); *Balada do pensamento* (Florianópolis, Ed. Insular, 2003 – il. de Carlos Meira).

FORTUNA CRÍTICA: *Amanhã é Natal* (PAULO, L.C. Florianópolis, Ed. do Autor, 1997).

219. LILUAH

Nasceu em Araranguá – SC em 1976 e reside em Florianópolis – SC desde 1982. Bacharel em Artes Plásticas – Pintura e Gravura pela UDESC.

A autora foi premiada pelo Edital de apoio à criação e à produção / Letras 2000 da Fundação Catarinense de Cultura, com o livro *Dormir Pedra/Acordar Passarinho*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Dormir pedra, acordar passarinho* (Florianópolis, Ed. Letras Contemporâneas, 2000); *Pequenas quinquilharias para colecionadores precoces* (Florianópolis, FCC, 2002).

FORTUNA CRÍTICA: *Dormir pedra, acordar passarinho* (Florianópolis, Ed. Letras Contemporâneas, 2000 - contracapa).

220. LIZZI

Liane Nara Flores Minuzzi nasceu em Porto Alegre – RS aos 22 de fevereiro de 1949, mas reside em Florianópolis - SC. Formada pelo Instituto de Letras e Artes da PUC – RS, com especialização em Língua Francesa. Colaboradora dos jornais *Zero Hora* (RS); *João de Barro* (CEF) e *Jornal da Caixa* (DF). Participa da antologia *Os bruxos* (Florianópolis, CEF, 1990).

GÊNERO: poesia

OBRA: *O grande ausente* (Porto Alegre, Ed. Movimento, 1980. 101p.); *A outra face* (Porto Alegre, Ed. Movimento, 1983. 80p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.153).

221. LORENA MARIA TOMASI CHIARADIA

Nasceu em Caxias do Sul – RS no dia 31 de outubro de 1934, mas reside em Florianópolis – SC desde 2002. É membro da ALIFOR.

ICONOGRAFIA: <http://aliflorfpolis.blogspot.com/>

GÊNERO: conto, poesia

OBRA: *10 Contos e 10 presentes para você* (conto); *A hiena, contos e poemas* (poesia, conto).

FORTUNA CRÍTICA: <http://aliflorfpolis.blogspot.com/>

222. LORREINE BEATRICE PETTERS

Nasceu em Blumenau – SC, em 6 de julho de 1988. É formada em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela FURB. A autora escreve desde criança; iniciou na vida literária aos sete anos de idade. Em 1999, foi classificada no XX Concurso Nacional de Poesias, promovido pela Revista *Brasília*, com o poema “Meditação” e, em 2000, com o poema “Quando a primavera chegar”. Hoje realiza “contação” de histórias em livrarias, escolas e eventos literários.

É membro fundadora da Sociedade Escritores de Blumenau e da Sociedade Amigos da Biblioteca. Participou de diversas antologias, como: *Sociedade Escritores de Blumenau: Um rio de letras*, volumes I, II e III (2002, 2004, 2006); *Histórias de natal* (SEB); *Coleção Prosa e Verso* (Projeto “Palavras Azuis”, 2002 a 2005, volumes I a IV); coletânea do *IV Festival de Poesia* (SEERJ, RJ); coletânea *Poesia do Brasil* (vol. 4); Projeto Cultural Sur (2006) e *Gente que é: contos e crônicas* (Blumenau, SEB, Novaletra, 2007).

ICONOGRAFIA: www.seblumenau.org/lorreinebeatrice.htm

GÊNERO: poesia, lit. infantil

OBRA: *Aprendiz* (poesia - 2001); *Plenitude* (poesia - 2003); *Colorindo a imaginação* (lit. Infantil - 2003); *Bosque da quimera* (lit. Infantil - 2007); *Relicário: verso e prosa* (poesia, prosa – Blumenau, Odorizzi, 2007).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009); Sociedade Escritores de Blumenau (www.seblumenau.org/lorreinebeatrice.htm).

223. LOURA ANTUNES VERONEZI

GÊNERO: ficção

OBRA: *Amada família* (Tubarão, da Autora, 2004. 220p.).

224. LOURDES MARIA EGER JUNCKS

GÊNERO: poesia

OBRA: *Simplesmente momentos* (Biguaçu, Ed. da Autora, 2000. 80p.).

225. LUANA VON LINSINGEN

Nasceu em Florianópolis – SC e vive em Santo Antônio de Lisboa, distrito localizado ao noroeste da Ilha, desde seu nascimento. É graduada em Ciências Biológicas pela UFSC e mestre em Educação Científico-Tecnológica na mesma Instituição. Membro efetivo da AEILIJ-SC.

Começou a trabalhar com literatura infantil em 1997, ano de lançamento de seu primeiro livro, *A casa de Hans Kunst*; ainda na faculdade, publicou mais duas obras: *O botão grená*, em co-autoria com Rosana Rios (obra selecionada para o PNLD/SP 2002 e pela Secretaria

Municipal de Educação do RJ), e *A Mansão de Quelícera* (livro que serviu de texto-base para RPG educacional sobre História da Arte – UDESC). Publicou, ainda, três contos em jornais locais “Comer: verbo impulsivo” (2001), e “Eu, vestibulando” (2003), pelo jornal da *Associação dos Moradores de Santo Antônio de Lisboa/AMSAL*, e “Tropeços em nossas idiossincrasias”, pelo jornal *O Canudo*, do Diretório Central de Estudantes da UFSC (2004).

Além de ficção, escreveu, também, artigos na área da educação voltados para a literatura infantil, como “Feios, nojentos e perigosos: os animais e o Ensino de Biologia através da literatura infantil ficcional” (Atas do V Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências - ENPEC, Bauru, SP, 2005) e “A literatura infantil no ensino de Biologia: um estudo de uma coleção de livros para crianças” (em parceria com Vivian Leyser. Ijuí: Atas do III EREBio-Sul -Encontro Regional de Ensino de Biologia – Região Sul, 2008).

A escritora possui um site em que publica seus trabalhos: www.luana.tracaletras.com.br

GÊNERO: lit. Infanto-juvenil, conto

OBRA: *A casa de Hans Kunst* (lit. infanto-juvenil - São Paulo, Saraiva, 1997); *O botão grená* (lit. infanto-juvenil - co-autoria com Rosana Rios. São Paulo, Saraiva, 2000); *A mansão de Quelícera* (lit. infanto-juvenil – Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2001).

FORTUNA CRÍTICA: http://aeilijsc.autonomia.g12.br/?page_id=351

226. LUCÉRIA APARECIDA PINTO DE ARRUDA

Nasceu em Lages – SC no dia 12 de outubro de 1962.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Além das lágrimas há um horizonte* (Lages, Prefeitura Municipal, [198-]. 94 p.).

227. LUCIA HELENA PEREIRA

OBRA: *Arauto à moda antiga* (Blumenau, Ed. da Autora, 1983).

BIBLIOGRAFIA SOBRE A AUTORA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.53);

228. LÚCIA MARTINS

Nasceu em Pomerode – SC no dia 09 de outubro de 1945. Morou, estudou e trabalhou em diversas cidades brasileiras e hoje mora em Ituporanga – SC. Formou-se em Pedagogia – Administração Escolar e é especialista em Administração e Supervisão Escolar. Exerceu o magistério durante alguns anos, ocupou diversos cargos na educação: coordenadora de ensino, diretora de escola e supervisora técnica da merenda escolar na região de Joinville e Rio do Sul – SC. Depois de aposentada, prestou concurso e reingressou como administradora escolar, na Escola Básica Roberto Moritz, em Ituporanga, local em que trabalha ainda hoje.

Escritora, pintora, atriz e dançarina, Lúcia Martins participou de diversas atividades culturais em Santa Catarina como criadora, participante e jurada, convidada na cidade de Ituporanga e outros municípios: fez diversas apresentações como bailarina; participou do Teatro Amador, em Jaraguá do Sul – SC; expôs sua pintura em quadros que obtiveram premiação na cidade de Jaraguá do Sul

A escritora é membro correspondente da Academia Cachoeirense de Letras de Cachoeiro de Itapemirim – ES desde 2005 e pertence ao Conselho Acadêmico do Clube dos Escritores de Piracicaba – SP, onde ocupa a Cadeira número 24. Recebeu as seguintes premiações e homenagens: foi outorgada com uma *Representación de Movimento Cultural aBrace* – Montevideo; faz parte de uma seletiva de 84 novos autores premiados com medalhas, escolhidos entre 1989 candidatos que participaram do *V Concurso Nacional de Literatura da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias*; recebeu a medalha do mérito legislativo *Matias Gil Sens*, em reconhecimento aos relevantes

serviços prestados que contribuíram para o engrandecimento da comunidade Ituporanguense (2007).

Participa das seguintes antologias nacionais e internacionais: *Antologia de poesias, contos e crônicas* (São Paulo, Salão Internacional do Livro, Scortecci editora, 1999); *Uma odisséia* (antologia de poesias contos e crônicas, Scortecci Editora, 2001); *Livre pensador* (antologia de poesias, contos e crônicas, São Paulo, 2004); *Antologia Literária Internacional* (Rio de Janeiro, Del'Secchi, Vol. XII, 2002, a XVIII, 2008); *Antologia do amor maior* (Academia Internacional de Letras, 2003); *Entresiglos 2, Selección de poesía de autores contemporáneos* (Brasília, aBrace-Bianchi Editores, Pilar, Montevideo, 2002); *Círculo de poesía* (Edición bilíngue 5 - Brasília, aBrace-Bianchi Editores, Pilar, Montevideo, 2004); *Rapsódias – Selección de poesía contemporânea* (Brasília, aBrace-Bianchi Editores, Pilar Montevideo, 2006); *Letras de Babel 3* - antologia multilíngue (Brasília, aBrace-Editora-Montivideo, 2007); *Letras Contemporâneas/6* (RS, Igaçaba Produções Culturais, 2003); *Letras Contemporâneas/7* (RS, Igaçaba Produções Culturais, 2004); *Letras Contemporâneas/8* (RS, Igaçaba Produções Culturais, 2005); *IV Antologia Internacional Palavras no 3º Milênio* (São Paulo, Phoenix Editora, 2004); *VI Antologia Internacional Palavras no 3º Milênio* (São Paulo, Phoenix Editora, 2007); antologia do V concurso *Grandes Nomes da Nova Literatura Brasileira* – Edição Comemorativa aos 450 anos da cidade de São Paulo (São Paulo, Phoenix Editora, 2005); *Artez*, antologia literária e artística vol. V (Org. Marcelino Rodrigues de Pontes, São Paulo, 2004); *Alquimia poética*, I Concurso Literário (São Paulo, Nau Meireles Editorial, 2004); *Revista da Academia Cachoeirense de Letras*, ES (2005); *Revista da Academia Cachoeirense de Letras* (ES, 2007); *Brasil Literário* (RS, 2006); *Poemas, crônicas e contos* (Florianópolis, Governo do Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Administração, Diretoria de Gestão de Atos Oficiais, Coordenação da Semana do Servidor Público, SEA/DGAO, Concurso Literário para Servidor Público, 2006); *Revista Acadêmica* (Órgão Oficial da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias, Ano XI, Número XXI, fev./mar. 2008).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Coisas minhas... agora tuas* (Florianópolis, Papa-Livro, 1998); *Minhas reflexões* (Rio do Sul-SC, Editora Nova Era, 2003); *Ainda Minhas...* (Rio do Sul-SC, Editora Nova Era, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: *Coisas minhas... agora tuas* (Florianópolis, Papa-Livro, 1998 - contracapa); dados fornecidos pela própria autora.

229. LUCY ASSUMPÇÃO

Nasceu em Joinville – SC em 17 de julho de 1917, mas morou no Rio de Janeiro por muito tempo.

Publicou poesias e contos em vários jornais do país. Participou de *Abertura Poética* (Rio de Janeiro, C.S. Editora, 1965), *Antologia de Poetas Novos e de Contistas e Cronistas Catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Cuidando do que é nosso* (Rio de Janeiro, SESC, 1980); *Antologia Mitavaí* (Rio de Janeiro, Mitavaí, 1986); *Histórias Verdes* (Rio de Janeiro, Memórias Futuras, 1990). Pertence à UBE e recebeu o prêmio *Fernando Chinaglia de Poesia* (UBE, RJ, 1978).

Os poemas de Lucy Assumpção possuem versos livres e muito curtos, muitas vezes, sendo constituídos de uma única palavra. Seus temas giram em torno da solidão, da condição humana como um todo e da transitoriedade da vida. Seus versos são tão melodiosos que algumas de suas poesias foram musicadas pelo maestro José Siqueira, em 1977.

ICONOGRAFIA: *Contistas e Cronistas Catarinenses*. Florianópolis: Lunardelli, 1979, p.20.

GÊNERO: conto, crônica, poesia e literatura infantil.

OBRA: *Estágios* (poesia - Rio, Ed. Nôrdica/ INL, 1979); *Embates* (poesia - Florianópolis, FCC Ed., 1981); *Canto de Plantonista* (poesia - Rio, Ed. Nôrdica, 1983); *Do que foi antes* (poesia - Rio, Ed. Nôrdica, 1984); *Coração verde* (literatura infantil – Rio, José Olympio, 1979).

FORTUNA CRÍTICA: *A Literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.264); *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.108); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense* publicada de 1980 a 1989 (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.48); *A mulher catarinense – catálogo da exposição* (Florianópolis, 1990); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002).

230. LUIZA DA SILVA

Nasceu em Capivari de Baixo – SC no dia 22 de maio de 1954. Ainda pequena, mudou-se para Criciúma - SC e depois voltou para Capivari de Baixo, onde optou por ser professora.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Luta e coragem* (Tubarão, Ed. da Autora, [19--]).

FORTUNA CRÍTICA: *Luta e coragem* (Tubarão, Ed. da Autora, [19--] - contracapa).

231. LUÍZA TRAMONTIN

Nasceu em Meleiros – SC. Fez licenciatura curta em Ciências, Matemática e Pedagogia: Orientação Educacional. Trabalhou na Fundação Catarinense do Bem Estar do Menor, na Fundação Catarinense de Educação Especial e na Delegacia do Ministério da Educação e do Desporto.

Foi premiada em vários concursos literários.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Antes do fim* (Rio de Janeiro, Litteris Ed., 2000. 96p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Antes do fim* (Rio de Janeiro, Litteris Ed., 2000. 96p. – contracapa).



M

232. MARA PAULINA ARRUDA

É professora e escritora. Formada em Educação Física pela UNOESC – Chapecó – SC. Participou de várias antologias de literatura, com contos e poemas.

A obra de Maria Paulina Arruda é formada de pequenos relatos que muitas horas se confundem com poemas (uma espécie de prosa poética muito curta). Os temas variam entre situações de miséria, passagens, analfabetismo, fome, seca, esperança e vida.

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Laços do diário* (conto - Chapecó, Ed. Grifos, 1998).

FORTUNA CRÍTICA: *Laços do diário* (Chapecó, Ed. Grifos, 1998 - contracapa).

233. MARCELINA MARIA MORSCHEL

Nasceu em Iomerê – SC, em 1949, mas reside em São Paulo - SP. É professora, cronista, romancista, escritora de lit. infanto-juvenil, organista.

Cursou Pedagogia, especialização em Música e Psicologia Infantil. Dirigiu educandário e coordenou a Associação Brasileira das Agências de Viagem de SP.

Obteve primeiro lugar em concurso de crônicas e contos (Itapeva, SP, 1995). Participa da antologia *Em Revista 22 anos* (1998).

GÊNERO: crônica, romance, lit. infanto-juvenil

OBRA: *Anima mea* (romance - São Paulo, 1987); *Exercício de solidão* (romance – São Paulo, 1998); *Dia de chuva* (lit. inf. – São Paulo, 1998); *A nuvem chorona* (lit. inf. – São Paulo, [19-]).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.358).

234. MÁRCIA DE OLIVEIRA

Márcia Cristina da Silva Oliveira nasceu em São Gonçalo – RJ no dia 05 de abril de 1968. Formou-se em Estudos Sociais pela UNISUL em 1990. É professora e colabora com o jornal *Conselho e Comunidade* e revista *Força Jovem* (SC). Participa da antologia *Mil poetas brasileiros* (Porto Alegre, Carré, 1991) e obteve menções honrosas de 3º e 4º lugares no *Concurso Nacional de Poesia Internacional* (Porto Alegre).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Duas faces em verso* (Imaruí, SC, Lex Graf, 1991. 40p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.167).

235. MÁRCIA KONDER

Nasceu no dia 01 de junho de 1946, em Ipanema – RJ, e veio para Florianópolis – SC aos 15 anos de idade, onde fixou residência. É formada em Letras pela UFSC e exerceu o magistério durante alguns anos.

Em 1985, deixou o magistério para dedicar-se ao teatro, participando de diversos grupos e peças, dentre as quais, destacam-se *Um dia de Mariah*, *outro de Broch Star* e *Mariah almeja Hollybrush*, pelo grupo teatral Severo e sua Troupe, e *As peripécias de Juquinha*, pelo grupo teatral Iluminado. No teatro, dramatizou muitos dos seus poemas, criando personagens.

Começou a expor seus poemas nos Varais Literários da UFSC e Praça XV, junto ao poeta Alcides Buss.

ICONOGRAFIA: *Flor de Lis* (Florianópolis, Crifasemar, 2000. 47p. il.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Flor de Lis* (Florianópolis, Crifasemar, 2000. 47p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Flor de Lis* (Florianópolis, Crifasemar, 2000. 47p. il. - contracapa).

236. MÁRCIA REIS BITTENCOURT

Nasceu em Canelinha – SC em 26 de dezembro de 1971. Graduou-se em Letras – Língua Portuguesa pela UFSC.

Possui trabalhos divulgados em vários meios de comunicação: *Folhinha do Sagrado Coração de Jesus* (Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2003); *Folha Regional* (São João Batista – SC); *Usina de Informações* (Tijucas – SC); *Novo Jornal* (Nova Trento – SC); jornal *Impacto* (São João Batista); jornal *Paróquia Santana Falando* (Canelinha); *O marinheiro* (jornal que circulava nas portas dos banheiros da UFSC); *Revista Família Cristã* (São Paulo); *A voz de São João Batista* (São João Batista); jornal *Colégio Estadual Professora Minervina Laus* (Canelinha); jornal *A região do Vale do Rio Tijucas* (Tijucas); *Juventude Boletim da Pastoral da Juventude do Brasil* (São Paulo); revista *Névoa* (Passo Fundo); revista *Mundo Jovem* (Porto Alegre); revista *Sopa de Siri* (Itajaí).

ICONOGRAFIA: *Noite cheia de estrelas* (Balneário Camboriú, Elf, 2004).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Noite cheia de estrelas* (Balneário Camboriú, Elf, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: *Noite cheia de estrelas* (Balneário Camboriú, Elf, 2004 - contracapa).

237. MÁRCIA SILVINO

Nasceu em São Paulo – SP, mas mora em Blumenau – SC há mais de vinte anos.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Cheiro de paixão* (Florianópolis, Ed. Beija-Flor, 1998. 94p. il.); *Sonhos de amor* (Brasília, Thesaurus, 2000. 108 p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Cheiro de paixão* (Florianópolis, Ed. Beija-Flor, 1998. 94p. il. - contracapa).

238. MARGARET IRAÍ

Nasceu em Itapema – SC. Publica seus trabalhos em jornais, como *Jornal de Santa Catarina*, *Informação*, *Gazeta do Norte*, *Manchete Catarinense*, *Jornal do Vale* e em revistas, como, *Poemarte*, *Viva a poesia* e outras.

Participa de várias antologias: *Um toque de poesia*, *Poetas da Praça*, *Poesia viva*, *Fim de noite*, *A nova poesia catarinense*.

A autora publicou somente um livro e o outro, *Ecos da alma*, está no prelo.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Fera azul* (poesia – coleção Poesia Viva).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

239. MARIA APARECIDA NASCIMENTO

ICONOGRAFIA: *Crônicas com amor* (Itajaí, Ed. da Autora, 1987 - contracapa).

GÊNERO: crônica

OBRA: *Crônicas com amor* (Itajaí, Ed. da Autora, 1987).

240. MARIA APARECIDA WOLFF CARDOSO

Nasceu em São Joaquim – SC em 1965, mas reside em Canela – RS. Possui ensino médio e cursos de oficina literária. Tem exposições coletivas de pintura. É escritora, poeta, pintora e auxiliar de escritório.

GÊNERO: poesia, novela

OBRA: *Noiva do Sol* (poesia - Porto Alegre, 1993); *Sonhos de um poeta* (poesia - Porto Alegre, 1995); *Aventuras do destino* (novela - Porto Alegre, 1997).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.103).

241. MARIA ÁSSIMA FADEL DUTRA

Ver Mariana.

242. MARIA AUXILIADORA DUARTE

Ver Dora Duarte.

243. MARIA CRISTINA RADKE

Nasceu em Blumenau – SC no dia 11 de agosto de 1951. É formada pela PUC – PR e atua como professora de línguas portuguesa e inglesa, educação artística e história da arte no Paraná.

Integra a *Sala Autores da Terra*, da Biblioteca Pública Municipal Scharffenberg de Quadros e Poesia em bronze (São José dos Pinhais – PR). Foi diretora da Secretaria da Cultura de São José dos Pinhais (1993-96). Colabora desde os anos 1980 em jornais da área de educação e cultura. É membro do SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e da UBE – SC.

Participa das antologias: *Poesia contemporânea brasileira* (Rio de Janeiro, Shogun Arte, 1986); *A poesia pede passagem* (Curitiba, Imprensa Oficial, 1988); *Laureis vol. IV* (São Paulo, Scortecci, 1989); *Contos e crônicas* (São José dos Pinhais, Curitiba, Secretaria Municipal de Cultura Lítero-Técnica, 1989); *Os poetas* (Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura, 1991); *Griphos* (São José dos Pinhais, Secretaria Municipal de Cultura, 1992).

A autora obteve os seguintes prêmios literários: prêmio *Torneira poética* (Academia Paranaense de Letras *José de Alencar*, 1986); prêmio *Scortesi de poesia* (São Paulo, 1988); *Cidade de São José dos Pinhais (PR) 300 anos de História* (1990); prêmio *Helena Kolody (PR)* (1990); prêmio *Cidade de Piraquara (PR)*, (1991); *Griphos* (Secretaria Municipal São José dos Pinhais – PR, 1992).

GÊNERO: lit. infanto-juvenil, romance, teatro, conto

OBRA: *Aldeia Grim-Grim* (São José dos Pinhais, Secretaria Municipal de Cultura, 1985); *A casa de Luarca* (teatro infantil - 1990); *Pan, o feiticeiro* (teatro infantil - 1990); *Sombras e sobras do nazismo* (narrativa – Ed. Jornal Tribuna de São José, 1985); *Rapsódias de Gidah* (narrativa – Ed. Jornal Tribuna de São José, 1985); *Carrossel* (narrativa – Ed. Jornal Tribuna de São José, 1987); *As monjas do sol* (conto – 1989); *Plíyyo, o extraterreno* (lit. infanto-juvenil - Curitiba, Secretaria do Estado da Cultura do PR, 1992); *O milagre das sementes vermelhas* (romance – Blumenau, Cultura em Movimento, 2002. 128p).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.194); *O milagre das sementes vermelhas* (Blumenau, Cultura em Movimento, 2002 - contracapa).

244. MARIA DA GLÓRIA JESUS DE OLIVEIRA

Nasceu em Laguna – SC, em 1943. Cursou Direito na PUCRS (1976). Em Porto Alegre foi monitor penitenciário e auxiliar judiciário do Tribunal Regional de Trabalho. Promotora de Justiça concursada (1982), atuou nas Comarcas de Arroio Grande, S. Vitória do Palmar,

Encantado, Cachoeirinha e São Jerônimo, no RS, aposentando-se em 1988. Participa de *Palavras* (Porto Alegre, 1999).

GÊNERO: romance, poesia, conto

OBRA: *Despertar* (poesia - Porto Alegre, 1996); *Ninho de pedra* (romance – Porto Alegre, 1998); *Contos transeuntes* (conto - Porto Alegre, Ed. Evangraf, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.386).

245. MARIA DA ILHA

Antonieta de Barros nasceu no dia 11 de julho de 1901 em Florianópolis – SC. Foi professora, escritora, jornalista e política. De origem humilde, filha de uma lavadeira, tornou-se órfã de pai muito cedo. Formou-se na Escola Normal Catarinense, hoje Instituto Estadual de Educação (IEE), em 1921. Foi professora de português e psicologia e lecionou nos colégios Coração de Jesus e Dias Velho, Escola Complementar, anexa ao Grupo Escolar Lauro Müller, e no IEE. Além disso, fundou e dirigiu o “Curso Particular Antonieta de Barros”, um curso para alfabetizar crianças carentes, em sua própria residência, que funcionou de 1922 a 1964, na rua Fernando Machado, número 32, no Centro de Florianópolis.

Em 1933 foi nomeada professora da Escola Complementar Lauro Müller. Em 1934 foi efetivada como professora da Escola Normal Catarinense. Trabalhou no Colégio Coração de Jesus, de Florianópolis – SC, de 1937 a 1945. Em 1944 foi nomeada diretora do Instituto de Educação e Colégio Dias Velho e ali permaneceu até princípios de 1951, quando se aposentou.

Como jornalista, iniciou seus trabalhos em 1922, com a fundação do jornal *A Semana*. Dirigiu a revista *Vida Ilhoa* (1930) e, sob o pseudônimo de Maria da Ilha, escreveu diversos artigos para o jornal *A República* e logo após, passou a escrever crônicas para o jornal *O Estado* até sua morte, em 28 de março de 1952, sempre com a epígrafe

“Farrapos de Ideias”. Os textos de Antonieta de Barros abordavam temáticas polêmicas, principalmente aquelas ligadas aos desmandos políticos, à educação, ao preconceito racial e à condição feminina. Antonieta costumava dizer que não era feminista, mas pregava que a mulher deveria deixar de ser um bibelô nas mãos dos homens; deixar de ser o sexo frágil.

Em 1934, aos 34 anos, a convite de Nereu Ramos, importante político da época, para integrar a chapa do Partido Liberal, lança-se ao cargo de Deputada Estadual, representando a mulher catarinense. Venceu as eleições e foi a primeira mulher, em Santa Catarina, a participar do processo constituinte no estado e a primeira deputada negra do Brasil. Na Constituinte, foi relatora dos capítulos de Educação e Cultura e do Funcionalismo. Apresentou Projeto de Lei criando o Concurso de Carreira para ingressar no Magistério Estadual. Atuou nesse cargo até o ano de 1937, quando o então presidente Vargas determinou o fechamento do Congresso Nacional e das Assembléias Legislativas.

Em agosto desse mesmo ano (1937), publicou a primeira edição de um livro de crônicas, *Farrapos de Ideias*, o mesmo título de sua coluna em *A República*. A renda do livro foi destinada ao abrigo dos filhos de leprosos da Colônia Santa Tereza, conhecido como "Filhos de Lázaro".

Após o fim da Ditadura, Antonieta de Barros se candidatou pelo Partido Social Democrático e foi eleita novamente em 1947, como primeira suplente. Continuou lutando pela valorização do magistério, defendeu os professores e a implantação de concursos públicos para a categoria; sugeriu formas de escolhas de diretores e defendeu a concessão de bolsas para cursos superiores a alunos carentes.

Durante sua vida, Antonieta destacou-se como uma mulher corajosa ao expressar suas ideias dentro de um cenário que não permitia a valorização e a livre expressão da mulher. Assim como sua irmã, a professora Leonor de Barros, empresta seu nome para Escolas e logradouros públicos. Em homenagem a essa ilustre pessoa, deram seu nome ao túnel de Florianópolis, que liga o Centro ao Sul da ilha e a medalha concedida anualmente pela Assembléia Legislativa a mulheres com relevantes serviços prestados em defesa dos direitos da mulher catarinense.

Antonieta de Barros faleceu no dia 18 de março de 1952, aos 51 anos.

ICONOGRAFIA: *Dicionário político catarinense* (Florianópolis, Ed. da Assembleia Legislativa, 1985, p.71).

GÊNERO: crônica

OBRA: *Farrapo de ideias* (Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1937).

FORTUNA CRÍTICA: *História da literatura catarinense* (Rio de Janeiro, [s.n], 1957); *Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil* (BITTENCOURT, Adalzira. Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1970. v.2. p.400-01); *Antonieta de Barros* (MEIRINHO, J.; JAMUNDÁ, T. C. *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina*. Florianópolis, EDEME, 1971); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.269); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *Dicionário político catarinense* (Florianópolis, Ed. da Assembleia Legislativa, 1985, p.71); *Antonieta de Barros – Maria da Ilha*: discurso e catequese (Florianópolis, UFSC, 1991 – Dissertação de Mestrado); *A literatura de Santa Catarina*: síntese informativa (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.27); “Antonieta de Barros” (SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. In: *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000. p.83); *Antonieta de Barros*: uma história (Florianópolis, UFSC, 2001 – Dissertação de Mestrado); *Biografia de catarinenses notáveis* (Florianópolis, Insular, 2001); *Antonieta de Barros: trajetórias discursivas* (Florianópolis, Unisul, 2003 – Dissertação de Mestrado); *Professoras primárias: a construção profissional de alfabetizadoras negras em Florianópolis (1950-1970)* (Florianópolis, UFSC, 2006 – Dissertação de Mestrado); *Nos passos de Antonieta: escrever uma vida* (Florianópolis, UFSC, 2010 – Tese de Doutorado).

246. MARIA DA LUZ

Nasceu em Catalão – GO no dia 28 de maio de 1954, mas reside em Florianópolis desde 1997. É formada em Letras Modernas e exerce o cargo de magistério desde os 17 anos de idade.

É ensaísta, memorialista, romancista, cronista, contista, poeta e produtora cultural; suas obras oscilam entre o romântico e o realista, retratando o cotidiano. Pertence à ALIFLOR.

Maria da Luz é membro da União Brasileira de Escritores de Goiás, membro efetivo da AVSPE (Academia Virtual – Sala dos Poetas e Escritores), membro acadêmico do Projeto Cultural ABRALI, além de várias entidades culturais e sociais.

Possui um verbete no *Dicionário biobibliográfico de Goiás*, de Mário Ribeiro Martins (Rio de Janeiro, 1999); participa da antologia *Estante do escritor goiano*, do Serviço Social do Comércio e é recomendada nos livros *Letras anapolinas; Jornalistas, poetas e escritores de Anápolis; Estudos literários de autores goianos e Escritores de Goiás*, de Mário Ribeiro Martins.

Seus textos estão divulgados nos seguintes endereços eletrônicos:
www.centelhasdeamor.com.br; www.avspe.eti.br/biografia/MariadaLuz.htm; www.ligia.tomarchio.nom.br/ligia_amigos_MariadaLuz.htm.

ICONOGRAFIA: www.centelhasdeamor.com.br

GÊNERO: romance, poesia, memória, crônica, conto

OBRA: *Castelo destruído* (romance - Goiânia, Ed. Cultura Goiana); *Império dos desejos* (Goiânia, Ed. Kelps); *O vendedor de ilusões* (romance - São Paulo, Ed. Scortecci); *Centelhas de amor* (poesia - São Paulo, Ed. Scortecci, 2008); *A filha do cerrado* (romance - São Paulo, Ed. Scortecci, 2009).

FORTUNA CRÍTICA: Dados fornecidos pela própria autora.

247. MARIA DAS DORES CONCEIÇÃO LANGHAMMER

Ver Dona Dodô.

248. MARIA DE FÁTIMA BARRETO MICHELS

Ver Fátima de Laguna.

249. MARIA DE FÁTIMA HAMMES

ICONOGRAFIA: *Essência do ser* (Blumenau, Ed. Odorizzi, 1997. 70p - contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Essência do ser* (Blumenau, Ed. Odorizzi, 1997. 70p).

250. MARIA DE FÁTIMA JOAQUIM

Reside em Joinville - SC desde 1982. Publicou seu trabalho em diversos jornais, como *Extra*; *Manchete Catarinense*; *Jornal do Vale*; *Informação*; em revistas, como, *Poemarte* e do suplemento literário *A Ilha*.

Participa de várias antologias, tais como, *Poetas da Praça I e II* (Joinville); *Poesia viva* (Joinville, Ed. A Ilha); *Poetas da Cidade* (Joinville), *Fim de noite*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Pedra falsa* (poesia – coleção Poesia Viva, 2007).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

251. MARIA DE FÁTIMA MARTINS BAUMGÄRTNER

Mora em Blumenau – SC. É pedagoga e atua há 20 anos na área educacional, tendo exercido diversos cargos. Foi professora no Ensino Fundamental e Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, desenvolvendo diversos projetos na área de informática, letramento e alfabetização. Atualmente, trabalha na biblioteca Princesa Isabel, da E.B.M Pastor Faulhaber, em Blumenau, onde desempenha projetos de leitura e pesquisa, além de contar histórias, colaborar com o jornal da escola e manutenção de um blog que registra as atividades desenvolvidas por profissionais e alunos em bibliotecas da Rede Municipal.

Participa de inúmeros programas na TV e rádio, congressos, conferências e seminários como cursista e palestrante (literatura, educação e projetos pedagógicos). Escreve diariamente, divulgando seus textos em jornais e revistas, bem com em sites educacionais. Sua prática pedagógica é fundamentada no sócio-interacionismo de Vigotski.

Maria de Fátima Martins Baumgärtner é sócia fundadora da Sociedade Escritores de Blumenau. Foi integrante do Movimento de Estudos Literários – MEL, de Blumenau. Obteve o troféu de prata pelo 2º lugar no concurso de poemas *Reservaer/AVBL* (2003).

Participa de diversas antologias: antologia *Palavras Azuis* (Itajaí, SC, Coleção Prosa&Verso, Vol.1 ao Vol.4, 2003 a 2005); revista *Palavras Azuis* (Itajaí, SC, Ed. Alternativa, Nº 0-ago. 2004); revista *Palavras Azuis* (Itajaí, SC, Ed. Alternativa, Nº 1-jun. 2005); revista *Palavras Azuis* (Itajaí – SC, Ed. Alternativa, Nº 2-ago. 2005); projeto “*Pão e Poesia*” (Blumenau, Ed. Cultura em Movimento/ FCB, Vol.I); projeto “*Pão e Poesia*” (Blumenau, Ed. Cultura em Movimento/ FCB, Vol.III); *Gigantes 2006 – Apaixonados pelo Brasil* (projeto “Letras Catarinenses”, 2006); *Um rio de letras I* (Antologia da SEB – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2002); *Um rio de letras II* (Antologia da SEB – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2004),

A autora participa também de antologias virtuais e e-books: antologias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores, como, *Livro de Ouro da poesia contemporânea* (www.camarabrasileira.com/ouro1.htm - fev.

2005); *Antologia de poetas brasileiros contemporâneos* 15º vol. (www.camarabrasileira.com/pc15.htm - fev. 2005); *Antologia de contos de autores contemporâneos* 6º vol. (www.camarabrasileira.com/ac6.htm - mar. 2005); *Antologia de poetas brasileiros contemporâneos* 27º vol. (www.camarabrasileira.com/pc27.htm - mai. 2006); *Antologia de poetas brasileiros contemporâneos* 41º vol. (www.camarabrasileira.com/poemasselecionados41a.htm - mar. 2008); *Os mais belos textos de Natal* (www.camarabrasileira.com/belostextosdenatal.htm - nov. 2007); *Antologia Palavras verdes* (www.camarabrasileira.com/sobreviver.htm - mar. 2008); Antologia virtual do portal *Cá estamos nós*, nº 3 (<http://www.caestamosnos.hpg.ig.com.br>); e-books AVBL (www.ebooks.avbl.com.br/biblioteca2/lv1/concursopoemas/c14.htm); ensaio poético - *Natureza - Vida - Universo - Humanidades* (<http://www.ebooks.avbl.com.br/biblioteca1/avbl.htm>, 2005); ensaio poético - *pequenas histórias em atos...* (<http://www.ebooks.avbl.com.br/biblioteca1/lv1/pequenashistorias/28> - ©Copyright 2004); *Ensaio Poético - A vida como ela é* (<http://www.ebooks.avbl..com.br/biblioteca1/avbl.htm>, 2008).

Maria de Fátima Baumgarten possui, ainda, participação no livro de Christina Baumgarten, *Sua Majestade, o Itajaí-Açu - memória, lembranças e heranças de um rio* (Florianópolis, HB Editora, 2008).

A produção da autora, seja na área educacional seja na área literária, é intensa e seus trabalhos podem também ser encontrados nos seguintes links dos quais é autora ou participa:

<http://www..partes.com.br/poesias/mfhammes/otempo.asp>;
<http://bibliotecaleituraepesquisa.blogspot.com/>.

GÊNERO: poesia, conto, memória

OBRA: *Essência do ser* (Blumenau, Ed. Odorizzi, 1997).

FORTUNA CRÍTICA:

<http://www.seblumenau.org/fatimambaumgartner.htm>

252. MARIA DE FÁTIMA VANZUITA DOS SANTOS

Nasceu na cidade de Itajaí – SC no dia 14 de fevereiro de 1962.

ICONOGRAFIA: *Despir-te* (Palhoça, Ed. Papa-Terra, 2008. 83p. – contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Despir-te* (Palhoça, Ed. Papa-Terra, 2008. 83p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Despir-te* (Palhoça, Ed. Papa-Terra, 2008. 83p. – contracapa).

253. MARIA DE LOURDES KRIEGER

Nasceu em Brusque – SC e mora atualmente em Florianópolis – SC. É formada em Letras pela FURB e fez pós-graduação em Linguística, na UFSC. Desde cedo, dedicou-se ao magistério, lecionou no ensino básico, médio e fundamental em Brusque e em Florianópolis, no Colégio de Aplicação da UFSC e na Escola Técnica Federal de Santa Catarina (antigo CEFET, hoje, Instituto Federal de Santa Catarina). Lecionou durante dezessete anos na UFSC, no Centro de Comunicação e Expressão, nas disciplinas de língua portuguesa e literatura infantil.

Participa de várias antologias, ganhou diversos prêmios: prêmio *Cruz e Sousa*, pela obra *Lembranças* (1978); menção honrosa no prêmio *Luís Jardim*, da União Brasileira dos Escritores, por duas vezes, com as obras *Recordações de um agente secreto* (mais de dez edições publicadas) e *Ana levada da breca*; duas menções honrosas no Concurso de Literatura Infantil, promovido pela então Secretaria de Educação e Cultura e no prêmio *Escrita da Literatura*, da revista *Escrita* (São Paulo), com a obra *Um amigo muito especial* (mais de dez edições); indicação de “Altamente recomendável para o jovem” (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ), com as obras *Nos ombros fortes de papai* e *Vovó quer namorar*.

Além de obras de ficção, a autora escreveu livros didáticos: *Português pré/pós vestibular* (org. com Adair Araújo, Lauro Junkes e Sidney Gaspar de Oliveira, 1980); *Português: leitura e redação* (org. com Sidney Gaspar de Oliveira, 1983); *Português: prática de redação* (org. com Sidney Gaspar de Oliveira, 1984); *Desmistificando a redação* (org. com Sidney Gaspar de Oliveira e Salma Ferraz, Ed. Pallotti, 1997).

GÊNERO: literatura infanto-juvenil, romance, conto, crônica

OBRA: *Coleção “Primavera”* (obras para o ensino básico – 4 volumes – São Paulo, Ed. do Brasil, 1969); *O natal do pastorzinho* (lit. infantil – Florianópolis, Lunardelli, 1975); *O destino de redondinho* (lit. infantil – Florianópolis, Lunardelli, 1975); *Leleco e os ovos de Páscoa* (lit. infantil – Florianópolis, Lunardelli, 1975); *Comunicação e Expressão* (conto; crônica – Florianópolis, Lunardelli, 1976); *Brincando de olhar estrelas* (lit. infantil – Porto Alegre, Kuarup, 1977); *Lembranças* (romance – Florianópolis, FCC, 1990); *Recordações de um agente secreto* (lit. infanto-juvenil, São Paulo, Brasiliense, 1979); *Um amigo muito especial* (lit. infanto-juvenil - São Paulo, Brasiliense, 1981); *Uma família tão comum* (lit. infanto-juvenil, São Paulo, Brasiliense, 1983); *Dona onça da floresta* (lit. infanto-juvenil, Florianópolis, FCC, 1983); *O gato que não sabia miar* (lit. infantil - Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984); *Nos ombros fortes de papai* (lit. infantil – Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985); *Vovó quer namorar* (lit. infanto-juvenil - São Paulo, FTD, 1990); *Ana levada da breca* (lit. infanto-juvenil - São Paulo, Moderna, 1990); *Segredos do coração* (lit. infanto-juvenil - São Paulo, Moderna, 1991); *Irmão-sanduiche.* (lit. infanto-juvenil - 3 ed. São Paulo, Moderna, 1993 - coleção “Girassol”); *O monstro que mora em mim* (lit. infanto-juvenil - Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996 - série “Cambalhota”); *Brincando de olhar as estrelas.* (lit. infanto-juvenil - 3 ed., Porto Alegre, Kuarup, 1997 - coleção “Poesia no Quintal”).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.185); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa*

(Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.71); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.261); *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.67-70).

254. MARIA DE LOURDES SCOTTINI HEIDEN

Nasceu em Ilhota – SC no dia 19 de março de 1962, mas vive em Blumenau – SC há mais de 20 anos. É formada em Letras pela FURB e leciona português há 15 anos. Elaborou com os alunos da E.B.M. Vidal Ramos, local em que trabalha, dois livros de poesia intitulados *Poeta Aprendiz* (2005/2006). Participou da antologia *Um rio de letras* (Antologia da SEB – Blumenau, Ed. Nova Letra, 2002) e 2º volume da coleção “Prosa e verso” (2003). Ocupa a Cadeira número 24 da Academia de Letras Blumenauense.

ICONOGRAFIA: <http://www.seblumenau.org/mariadelourdes.htm>

GÊNERO: poesia, romance, lit. infanto-juvenil

OBRA: *Crutsana: os defensores da natureza* (Blumenau, Eko, 1989); *Eu amo a natureza* (Blumenau, EKO, [19-]); *A praia poluída* (Blumenau, EKO, [19-]); *Quem sou eu?* (poesia – Blumenau, Ed. Odorizzi, 2001); *A Casa do Monte* (romance – Blumenau, Ed. da Autora, 2004); *Alfavida – alfabeto da vida* (lit. infanto-juvenil – Blumenau, Ed. da Autora, 2004); *História de um rio* (lit. infanto-juvenil – Blumenau, Ed. da Autora; ELETROSUL, 2006); *Pedra no lago* (poesia – Blumenau, Ed. Odorizzi, 2006); *Memórias de uma caçadora de estrelas* (poesia – Blumenau, Ed. Cultura em Movimento, 2007); *A carta de Betina* (lit. infanto-juvenil, Blumenau, Ed. da Autora, [200-]); *A tela da vida* (romance – Blumenau, [s.n.], [200-]); *Semeando versos* (poesia – Blumenau, [s.n.], 2007 – em parceria com as filhas Gabrielle e Marina).

FORTUNA CRÍTICA: *A Casa do Monte* (Blumenau, Ed. da Autora, 2004, p.77); <http://www.seblumenau.org/mariadelourdes.htm>

255. MARIA DE LOURDES ZUNINO DUARTE

Nasceu no município de São João Batista – SC, em 05 de julho de 1930. Começou seus estudos em Jaraguá do Sul – SC e terminou em Nova Trento – SC. Após o casamento, fez o Curso de Magistério no Colégio em Tijucas – SC.

Foi professora e pertence à Academia de Letras de Biguaçu, ocupando a Cadeira número 35. É também fundadora da Academia Desterrense de Letras, Cadeira número 6, onde foi eleita para o cargo de vice-presidente.

Participa do grupo de contadores de história *Pirulitos e balões*; é sócia atuante da ACPCC.

Concorreu no concurso literário da terceira idade da *Fundação Viva a Vida*, com o conto “Borboleta sem cor” (1^a ed.); “A bruxa” (3^a ed.) e a crônica “A menina triste” (3^a ed.).

Suas poesias e contos foram publicados em jornais de Santa Catarina; participa de diversas antologias, dentre elas, *Primeira Antologia Poética* (Florianópolis, ACPCC, 1986) e *1^a Antologia em prosa e verso* (ACPCC, Florianópolis, Papa-Livro, 1998).

GÊNERO: lit. infantil, conto, crônica

OBRA: *O Encanto* (lit. Infantil); *Lendas ilhoas e catarinas* (conto - Academia de Letras de Biguaçu); *Era uma vez* (conto - Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 2003).

FORTUNA CRÍTICA: *Primeira antologia poética* (Florianópolis, ACPCC, 1986).

256. MARIA DO CARMO TRIDAPALLI FACCHINI

Nasceu em Brusque – SC em 13 de junho de 1959.

Poeta e escritora, é membro do Clube Literário de Brasília, da Academia de Letras de Governador Celso Ramos, onde ocupa a cadeira número 36, membro fundadora do Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente de Canelinha, membro correspondente do Grupo de Poetas Livres de Florianópolis, membro fundadora e Presidente da Academia de Letras do Brasil (ABL) para o Município de Nova Trento. É diretora do *Circolo*

Trentino di Nova Trento e diretora da *Compagnia di Teatro Dialletale Anima Trentina*.

Possui seus trabalhos publicados em diversos jornais da região do Vale do Rio Tijucas, dentre eles, *Jornal do Vale*; colunista da página “Fatos e relatos”, de São João Batista; revista *Vegas*, coluna social de São João Batista; jornal *O município dia a dia de Brusque*, onde assina a coluna “Gente”; *Novo Jornal “Nova Trento”*; *Mensageiro do Vale*, de São João Batista; e, em parceria com Ilse Maria Paulino Gomes e Márcia Reis Bittencourt, edita o jornal cultural *Vozes de Canelinha*.

Participa de várias antologias, dentre as quais, pode-se citar: *Palavra descalça* (1988); *Poesia e liberdade* (1989); *Poesia vida, poesia e natureza*, (1989); *IX Antologia de Poetas e Escritores do Brasil*; *Alvorada de inverno*; *Encontros da primavera* (2007); *Cantos*; *Encantos de Canelinha*. Organizou a antologia *Vozes Poéticas*, reunindo autores neotrentinos.

Em novembro de 2005, publicou seu primeiro livro de contos, poemas e crônicas, intitulado *Prelúdio poético*.

GÊNERO: conto, poesia, crônica

OBRA: *Prelúdio poético* (conto, poesia, crônica – 2005); *Encontros da primavera* (2007 - Academia de Letras de Governador Celso Ramos); ...*Com liberdade às borboletas!* (conto, poesia, crônica – 2009).

FORTUNA CRÍTICA: academiaalbsc.blogspot.com/.../Maria-do-carmo-tridapalli-facchini.html; http://www.alesc.sc.gov.br/portal/imprensa/leitor_noticia.php?codigo=18424

257. MARIA DO NASCIMENTO MARÉS

Nasceu na cidade de Nereu Ramos – SC, no dia 21 de maio de 1937, depois se mudou para Mafra – SC e, após a morte do marido, passou a residir em Itajaí – SC onde vive até hoje. Participa de projetos para a terceira idade.

ICONOGRAFIA: *Encontros com a vida* (Itajaí, Prefeitura Municipal; Secretaria de Desenvolvimento Social; Departamento de Apoio ao Idoso, 2004. 66p. il. - contracapa).

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Encontros com a vida* (Itajaí, Prefeitura Municipal; Secretaria de Desenvolvimento Social; Departamento de Apoio ao Idoso, 2004. 66p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Encontros com a vida* (Itajaí, Prefeitura Municipal; Secretaria de Desenvolvimento Social; Departamento de Apoio ao Idoso, 2004. 66p. il. - contracapa).

258. MARIA ELENA LAMEGO MATTOS

Nasceu na Bahia, no dia 13 de agosto, mas é radicada em Florianópolis – SC desde 1976. Formou-se em Letras pela UFSC, possui mestrado em Literatura Brasileira pela mesma universidade e doutorado na UFRGS. Atuou como professora na UFSC e na UFRN. Participa de associações literárias, é membro efetivo do Grupo de Poetas Livres e da ALIFLOR e publica seus poemas em revistas, periódicos e antologias de escritores catarinenses. Foi eleita membro da Academia São José de Letras em 2010.

ICONOGRAFIA: <http://aliflorfpolis.blogspot.com>

GÊNERO: poesia

OBRA: *Portal* (Ed. Somar, 2009).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora.

259. MARIA FRANCISCA SECCO

Nasceu em Sertão – RS no dia 17 de novembro de 1951. Frequentou os cursos de Filosofia e Estudos Sociais na UFSC.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Voo livre* (Florianópolis, Ed. da Autora, 1983. 71p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.53).

260. MARIA GERALDA SOPRANA DIAS

Nasceu em Meleiro – SC em 1958 e reside em Florianópolis – SC desde 1978, época em que ingressou no Curso de Letras na UFSC.

Foi premiada no *II Expoletra* (Sindicato dos Trabalhadores da UFSC, 2000) e na coletânea *Via Verso* (Secretaria de Cultura de Ourinhos, SP, 1998).

ICONOGRAFIA: *Matéria-prima* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2002. 52p.).

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Matéria-prima* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2002. 52p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Matéria-prima* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2002. 52p. - contracapa).

261. MARIA HELENA VIEIRA PIRES SECCO

Ver Helena Noronha.

262. MARIA JARLETE GUIMARÃES

Nasceu em Imbituba – SC em 16 de setembro de 1941. Foi professora e economista e trabalhou em diversos órgãos públicos de Santa Catarina. Possui especialização em Planejamento de Recursos Humanos na área de Educação (1976/77) – OEA / Governo do Estado / UDESC; Administração e Auditoria Aplicada ao Controle Externo para Tribunais de Contas – 1993/94; monografia na área de Orçamento Governamental – específico da Secretaria de Educação (1995).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Ser além do ser* (Florianópolis, Ed. da autora, 2001).

FORTUNA CRÍTICA: *Ser além do ser* (Florianópolis, Ed. da autora, 2001 - contracapa).

263. MARIA LÚCIA NASCIMENTO CAPOZZI

Nasceu em Joinville – SC.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Espelho de mim* (Joinville, Ed. Burity, 1991); *Álbum de retratos* (Joinville, Ed. Burity, 1994. 111p. il.).

264. MARIA LUIZITA LUCIANI

Nasceu em Lages - SC.

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Acordes Noturnos* (Lages, Prefeitura Municipal, 1986).

FORTUNA CRÍTICA: *Acordes Noturnos* (Lages, Prefeitura Municipal, 1986).

265. MARIA MADALENA LEHMKUHL ALTHOFF

Nasceu em Águas Mornas – SC. Formada em Letras pela Universidade de Bagé – RS. Foi professora em Criciúma. Fez o Curso Superior de Guerra em 1994, possuindo a carteira da Associação dos Diplomandos da Associação da Escola Superior de Guerra “CEPE” – Ciclo de Estudo de Política e Estratégia. Cursou a Universidade Alternativa pela UNESC.

Participou da coletânea *Cem poemas do CALLP* (2001) e de *Fragments da Memória*, coletânea de contos da ACP (2003). Faz parte do Clube dos Amigos de Letras, Brasil, em Barra Bonita – SP, integrando a coletânea de poemas publicada em 2003.

ICONOGRAFIA: <http://www.clubeletras.net/749.html>

GÊNERO: poesia

OBRA: *Suave evasão* (Criciúma, Centro de Atendimento à Literatura e à Língua Portuguesa, 2001); *Sonhos dispersos* (Criciúma, Centro de Atendimento à Literatura e à Língua Portuguesa [200?]).

BIBLIOGRAFIA SOBRE A AUTORA:
<http://www.clubeletras.net/749.html>

266. MARIA MERCEDES MINETTO

Nasceu em Caxambu do Sul – SC.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Reflexos* (poesia – Porto Alegre, Nova Dimensão, 1987. 39p.); *Ternura* (poesia – Caxambu do Sul, Ed. do Autor, 1985. 50p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.57 - contracapa).

267. MARIA ODETE OLSEN

Nasceu em Indaial – SC em 1953.

Além de escritora, é jornalista profissional. Formada em Ciências Sociais pela UFSC, iniciou o Curso de Ciências Biológicas e a Faculdade de Ciências Jurídicas de Blumenau pela FURB, mas não terminou. Atualmente cursa pós-graduação em Direitos Humanos – CESUSC – Florianópolis.

Participa de várias antologias, entre elas *Contistas e cronistas catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Os contos da FURB* (Blumenau, Ed. Acadêmica, 1979); *Poetas de Blumenau* (Fundação Casa Dr. Blumenau, SC, 1982, p.87); *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica, 1979; *Contistas de Blumenau II* (Florianópolis, Lunardelli, 1980); *Poetas de Blumenau* (Blumenau, 1982); *Contos e poemas* (Florianópolis, FCC, 1983).

Recebeu premiação no Concurso Estadual de Contos *Virgílio Várzea* (Florianópolis, FCC, 1979) e prêmio da FCC (Florianópolis, 2002), com a obra *Poemas infames – sentimentos e algumas impropriedades*.

Além de escritora, Maria Odete é, principalmente, jornalista. Seu primeiro trabalho no telejornalismo se deu em 1977, quando atuou como radialista na Rádio Blumenau; em 1980 inicia como repórter da Sociedade Rádio Blumenau, onde apresenta o programa Universideias na TV Coligadas de Blumenau; em 1981 inicia como repórter na RBS – TV de Blumenau/SC, onde se destaca como apresentadora, editora e coordenadora do Telejornal Bom Dia Santa Catarina e, mais tarde, em 1986, exerce as mesmas funções no Telejornal Jornal do Almoço da RBS-TV de Florianópolis; nesta última função, ganhou o Prêmio Top de Marketing 90; em 1994, criou, produziu e apresentou na RBS-TV o Programa *As Catarinenses*, com o objetivo de valorizar a mulher de Santa Catarina nos mais diversos setores seja cultural, artístico, político e empresarial. Em 1995, trabalhou com a criação, produção e apresentação (na RBS-TV) do Programa *Conexão Santa Catarina*, para valorização dos nossos talentos. Entre os entrevistados escritores como Edla Van Steen, Salim Miguel e Eglê Malheiros, os cineastas Sílvio Back e Rogério Sganzerla, dentre outros. Em 1999, participa da criação,

coordenação e apresentação do *Programa Educação e Cidadania* que até hoje vai ao ar semanalmente aos sábados na TV-BV (Band/SC) das 19h às 19h e 20min; criou também, em 2004 o *Programa Dia-a-Dia com Maria Odete*, que ia ao ar todos os dias das 8h às 8h e 30min na TV-BV (Band/SC) falando sobre temas como saúde, moda e comportamento.

ICONOGRAFIA: educacaoecidadania.com.br/blog/?p=1340

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Sem rimas e sem razão* (poesia - Florianópolis, Paralelo 27, 1991); *Poemas infames – sentimentos e algumas impropriedades* (poesia - Florianópolis, Ed. Insular, 2002).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.280); *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica Blumenau, 1979, p.252-63); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.49); dados fornecidos pela própria autora.

268. MARIA SÉRGIA P. PASSOS

Nasceu no oeste catarinense. Formou-se em Pedagogia com habilitação em Educação Especial e fez pós-graduação na área de Educação. Atua como professora no ensino especial.

ICONOGRAFIA: *A dupla face da vida* (Florianópolis, Insular, 2005. 72p. – contracapa).

GÊNERO: ficção, autoajuda

OBRA: *A dupla face da vida* (Florianópolis, Insular, 2005. 72p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A dupla face da vida* (Florianópolis, Insular, 2005. 72p. – contracapa).

269. MARIA SYLVIA CARNEIRO

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *A lenda das cores* (Florianópolis, LADESC, 1986).

270. MARIA TERESINHA DHEBATIM

Nasceu em Florianópolis – SC, em 1956.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Depois de ontem... a vida sem meias verdades* (Florianópolis, Dhebatim Editora, 2000); *As muitas faces de um sujeito chamado eu* (Florianópolis, Dhebatim Editora, 2000).

FORTUNA CRÍTICA: *Depois de ontem... a vida sem meias verdades* (Florianópolis: Dhebatim Editora, 2000 - contracapa).

271. MARIA VILMA NASCIMENTO CAMPOS

Nasceu em Brusque – SC aos 17 de agosto de 1934.

Fundadora e presidente-perpétuo do Grupo de Poetas Livres, membro e fundadora da UBE/SC, idealizadora da ACPCC e membro da Academia São José de Letras.

Participa de várias Antologias e de todos os projetos do Grupo de Poetas Livres. Possui poemas publicados em Brasília, São Paulo, Recife e Curitiba.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Meu entardecer – um punhado de poemas* (Ed. da Autora, 2000); *Mulher* (Taió, 1979. 20p.); *Devaneios*; *Infantes somos*.

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.55); *Meu entardecer – um punhado de poemas* (Ed. da Autora, 2000 - contracapa).

272. MARIANA

Mariana, pseudônimo de Maria Ássima Fadel Dutra, nasceu em Porto Belo – SC, em 22 de abril de 1905, mas viveu a maior parte de sua vida nas cidades catarinenses de Jaraguá do Sul e em Joinville, local em que faleceu em 1998. Conhecida como “a Vó Mariana”, a autora atuou até o fim da vida, com mais de noventa anos. Chegou a ser chamada pelo crítico Luiz Carlos Amorim de “a nossa Cora Coralina”.

Participou de diversas antologias, dentre elas, *Um toque de poesia; In natura; Poetas da Praça I e II; Poesia viva e A nova poesia do norte catarinense*. Publicou ainda em revistas, como, *Poemarte* e *A Ilha*, e nos seguintes jornais: *Extra; Manchete Catarinense; Evolução; e Jornal do Vale*.

A autora participou, ainda, de programas radiofônicos na Rádio Cultura de Joinville, apresentado pelo comunicador e poeta Sólón Schil, no programa intitulado *Fim de noite*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Caminhantes da minha rua* (1986); *Sonhar e viver* (1988); *Folhas ao vento* (1993).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova Literatura Catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009); www.riototal.com.br/coojornal/amorim090.htm.

273. MARIANA KLUEGER

Mariana Klueger nasceu no dia 31 de julho de 1945, na cidade de Lontras, na época, município de Rio do Sul – SC. Ainda bebê mudou-se para Blumenau – SC onde morou até se casar. Depois, mudou-se para Curitiba – PR e, mais tarde, foi para o continente africano, local em que morou por cerca de 25 anos, em oito países, de onde ela escreveu suas histórias.

Fez o Curso de Turismo no Instituto Blumenauense de Ensino Superior (IBES) em Blumenau. Mariana é irmã da escritora blumenauense Urda Alice Klueger.

GÊNERO: memórias

OBRA: *...e assim se passaram dois anos. (No doce interior da África)*. (Blumenau, Hemisfério Sul, 2000); *Os aromas do deserto* (Blumenau, Hemisfério Sul, 2002).

FORTUNA CRÍTICA: *Os aromas do deserto* (Blumenau, Hemisfério Sul, 2002 – contracapa).

274. MARILDA DE FÁTIMA BARROS

GÊNERO: poesia

OBRA: *Momentos para recordar* (Lages, Prefeitura Municipal, 1987. 90p.); *Poemas e poemas do meu corpo e da minha alma* (Lages, Prefeitura Municipal, 1991. 90p. Il. por Fernando Cannella Pedemonte).

275. MARILDA WOLFF

Nasceu em Lages – SC, em 08 de novembro de 1957.

É poeta, artista plástica e restauradora.

Recebeu diversos prêmios literários e menções honrosas na área da literatura. Possui cursos de aperfeiçoamentos. Desenvolve projetos de pesquisa voltados à arte.

Já fez diversas exposições, dentre elas, três individuais: ... *E os anjos disseram: sim!* (2002), *Alma sem Roupa*, (2003) e *O que sobrou do almoço* (2004 e 2005). Participa da antologia *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (org. por Yedda de Castro Goulart, 2009, p.71-73).

ICONOGRAFIA: Museu Thiago de Castro
(<http://mtclages.blogspot.com/>).

GÊNERO: poesia, lit. infanto-juvenil, conto

OBRA: *Plantando desejos* (lit. infanto-juvenil - 2005. 18p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009); http://aeilijsc.autonomia.g12.br/?page_id=158; Museu Thiago de Castro (<http://mtclages.blogspot.com/>).

276. MARILENE B. DE OLIVEIRA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Talvez amor...* (Curitiba, Artes Gráficas Elma, 1989. 59p.).

277. MARÍLIA CRISPI DE MORAES

Nasceu em Santa Catarina. É professora.

Gênero: lit. infanto-juvenil

OBRA: *As aventuras dos três primos* (Florianópolis, Ed. da Autora, 1988); *A longa viagem de Splin* (Florianópolis, Ed. da Autora, 1990).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.74).

278. MARILU PERES RAMOS

Nasceu em Bagé – RS. É técnica em Análise de Sistemas – ACEI. Pertence ao Grupo de Poetas Livres, Academia Flor do Vale de Ipaussu (SP), membro fundadora da ACPCC e da Academia Desterrense de Letras, onde ocupa a Cadeira número 18.

Participou das Antologias *Poesia e Outros Textos* (Grupo de Poetas Livres) e *A Figueira*. Publicou poesias nos jornais *Estro* (Brasília);

Poetike (Brasília); *A Figueira e Cosmorama* (Florianópolis); revista *AMORCGLP*, da Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis.

ICONOGRAFIA:

<http://www.aclasc.com.br/Raiz/academicos/marilu.html>

GÊNERO: poesia, narrativa filosófica, crônica

OBRA: *As telas de minhas vidas* (crônica, poesia - 2001).

BIBLIOGRAFIA SOBRE A AUTORA: *As telas de minhas vidas* (2001 - contracapa); *5ª Antologia poética* (Florianópolis: ACPCC, 2002, p.119-23).

279. MARINA PINA MUGNAINI

Nasceu em São Paulo – SP, em 24 de março de 1922. Morou em Curitiba – PR e radicou-se em Santa Catarina em 1966, primeiro em Criciúma, depois em Itajaí. Professora primária, orientadora educacional, pianista, professora de música, escritora e poeta. Faleceu em 1991, na cidade de Itajaí.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Convite* (Blumenau, Ed. Odorizzi, 1999. 60p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Convite* (Blumenau, Ed. Odorizzi, 1999. 60p. il. - contracapa).

280. MARITA DEEKE SASSE

Nasceu em Florianópolis – SC, em 22 de novembro de 1937 e foi para Blumenau – SC ainda criança. Licenciou-se em Letras pela FURB (1971); fez mestrado na UFSC (1980) e doutorado na UFRJ (1993) com a tese “Mulheres no espelho - aspectos da narrativa de autoria feminina”.

Inicia sua prática de magistério em 1967, na cidade de Blumenau. Lecionou até 1982, na Escola Barão do Rio Branco, no Conjunto Educacional Pedro II e no Colégio Franciscano Santo Antônio atuando na área de Língua e Literatura Portuguesa. Por quinze anos, a partir de 1983, regeu a cátedra de português e literatura portuguesa e teoria literária na FURB.

A autora trabalha temas, tais como, mitologia, simbologia, ritos, folclore, regionalismo, cultura, psicanálise entre outros. Em seus escritos, estabeleceu relações entre filosofia, antropologia e literatura inspirada por um eixo poético. Possui diversos contos e ensaios publicados em jornais e revistas literárias, além de livros infantis.

Participa de várias antologias, dentre elas, *Poetas e contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989).

Recebeu os seguintes prêmios: 4º lugar no Concurso Nacional de Contos - prêmio *Álvaro Moreyra* (1965); 2º lugar no *Concurso Estadual de Biografias* (Departamento de Cultura da Secretaria do Governo, 1971); menção honrosa no Concurso Estadual de Conto – prêmio *Virgílio Várzea* (1978); *II Concurso de Histórias – LADESC* (Governo do Estado de Santa Catarina, 1985). Em maio de 2001, em sua homenagem, foi fundado o “Centro Comunitário de Educação Infantil Marita Deeke Sasse”, em Blumenau.

GÊNERO: Literatura infantil, crítica

OBRA: *Blumenau, sua história* (Florianópolis, Lunardeli, 1980); *Uma família feliz* (lit. Infantil - Florianópolis, LADESC, 1986); *Oktoberfest – A festa da cerveja* (Rio de Janeiro, Ultraset, 1991); *A poética do mito* (Org.) (Blumenau, Letra Viva, 1995); *Entre o leão e o unicórnio* (lit. Infantil - Blumenau, Hec Publicações, 1998).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.175); Marita Deeke Sasse (<http://www.academialetrasblumenauense.com>); *Poetas e contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989, p.53); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense* publicada de 1980 a 1989 (Florianópolis, Secretaria de

Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.73).

281. MARLENE DE FÁVERI

Nasceu em Meleiros – SC aos 16 de dezembro de 1959. Formada em Ciências Sociais pela UFSC e possui pós-graduação em Didática do Ensino Superior pela UNIVALI.

Co-fundadora do Grupo de Poetas e Escritores Mario Quintana de Itajaí – SC, do qual faz parte e pertence à Associação Movimento Verde Navegantes (SC). Editou o *Ultrajornal*; colaboradora dos jornais *Diário do Litoral*; *Jornal do Povo*; *Jornal do Vale* e *Ultrajornal*, dentre outros. Participou da antologia *Crônicas – Extensão rural – reflexão sobre os 35 anos de um trabalho* (Florianópolis, AFA, 1991). Recebeu menção honrosa do Instituto de Poesia Internacional (1990); foi destaque no XI Concurso Nacional de Poesia, Revista *Brasília* (1990); menção honrosa no Concurso de Crônicas (Florianópolis, AFA, 1991).

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Santo corpo* (poesia – Itajaí, 1989).

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.84-85).

282. MARLENE RUCINSKI

Nasceu em Porto União – SC, aos 06 de agosto de 1950. Formou-se professora normalista, cursou a Faculdade de Letras, na cidade de Caçador – SC, fez pós-graduação e depois se tornou professora nessa mesma Faculdade. Exerceu o magistério por 30 anos.

Publicou seu trabalho em esparsos periódicos locais. Seu livro *Manhãs de abril e noites de novembro* traz uma série de poemas que retratam os sentimentos humanos e aspectos do cotidiano.

ICONOGRAFIA: *Manhãs de abril e noites de novembro* (Balneário Camboriú, Ed. do Autor, 1999).

OBRA: *Manhãs de abril e noites de novembro* (Balneário Camboriú, Ed. do Autor, 1999).

FORTUNA CRÍTICA: *Manhãs de abril e noites de novembro* (Balneário Camboriú, Ed. do Autor, 1999 – contracapa).

283. MARLETE GUEDES DE MELLO

Nasceu em Florianópolis – SC.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Partilhas* (1987)

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis, Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.59).

284. MARLI UHLMANN PORTES

Marli Bernadete Uhlmann Portes nasceu em Mafra – SC no dia 11 de junho de 1941. É formada em Letras pela PUC - PR.

Sócia fundadora e presidente em três gestões do Centro Paranaense Feminino de Cultura – Seção Rio Negro.

Tem seus poemas publicados em jornais e revistas, como *Evolução* (São Bento do Sul); *Jornal do Vale* (Jaraguá do Sul); suplemento *A Ilha* (Florianópolis).

Participa das seguintes antologias: *Nossos poetas* (Gráfica Ed. Riomafrense Ltda, 1994); *A nova poesia do norte catarinense* (Ed. A Ilha, São José – SC); *175 Anos da Imigração Alemã para Rio Negro* (Ed. Nosde, Mafra – SC, 2007).

Marli Uhlmann obteve o 1º lugar no Concurso de Poesias de Rio Negro, PR, com o poema “Contraponto”.

GÊNERO: poesia, romance

OBRA: *Sempre é meu coração* (poesia – Curitiba, HD Livros, 1966); *Bola de neve* (romance – Curitiba, HD Livros, 2000).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009); dados fornecidos pela própria autora.

285. MARLY DE PAULLA

Nasceu em São Paulo, mas vive em Santa Catarina há mais de 20 anos e hoje mora em Itajaí – SC. Formada em Comunicação Social pela PUC/RS, atuou em diversos veículos de comunicação em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Atualmente trabalha na Biblioteca Cídio Sandri, em Itajaí.

ICONOGRAFIA: *Retalhos poéticos* (Itajaí, Ed. da Autora, 2000 - contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Retalhos poéticos* (Itajaí, Ed. da Autora, 2000).

FORTUNA CRÍTICA: *Retalhos poéticos* (Itajaí, Ed. da Autora, 2000 - contracapa).

286. MARTA CRISTINA FUSTÉ PADRÓS

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poemas e penas: o ir além/ El ir más allá* (bilíngue port./esp. – Florianópolis, Ed. da UFSC, 2003. 66p. il. Paulo Cezar Gobbi).

287. MARTA MARTINS DA SILVA

Nasceu em São Paulo – SP no dia 01 de novembro de 1953. Formou-se em Biblioteconomia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e em Letras pela Fundeste; possui pós-graduação em Metodologia de Ensino pela UFSC, Pré-Escola pela UDESC e Administração Hospitalar pela Fundação São Camilo (SP). É proprietária da Livraria e Distribuidora Cuca Fresca em Florianópolis.

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *Maricota e Cocota* (São Paulo, Edicon; Florianópolis, Cuca Fresca, 1984. 16p.); *Semana suada* (SILVA, M.M. & MOREIRA, Marcelo. Belo Horizonte, Migulim, 1986. 12p.); *Maria Mania* (São Paulo, Loyola, 1988. 24p.); *Histórias sem nome ou pra quem tem macaquinhos no sótão* (Florianópolis, Cuca Fresca, 1988. 24p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.72).

288. MATILDE DO RUSSIL CHMILUK OLSEN

Nasceu em Timbó Grande – SC. É formada em Pedagogia pela UnC de Canoinhas – SC e mestrandra do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul, Tubarão – SC.

É membro da Academia Paranocatarinense de Letras de Mafra – SC. Participa da antologia *Fragments da memória* (Antologia da Associação Catarinense de Professores. Florianópolis, 2003, p.128-37).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Sementes de girassol* (2002).

FORTUNA CRÍTICA: *Fragments da memória* (Antologia da Associação Catarinense de Professores. Florianópolis, 2003, p.128).

289. MAURA DE SENNA PEREIRA

Considerada a maior expressão feminina da literatura catarinense, Maura de Senna nasceu em Florianópolis – SC em 10 de março de 1904, mas foi para o Rio de Janeiro – RJ, cedo, na década de 40, e viveu lá até sua morte.

Em 1933, mudou-se para Porto Alegre – RS para viver com o marido, porém, oito anos depois fez o que muitas mulheres não tiveram coragem de fazer na sua época: separou-se do marido. Ao voltar para Florianópolis, viu todas as portas se fecharem para ela: não conseguiu emprego nem no magistério – começou a dar aula cedo para ajudar no sustento da família de 10 irmãos – nem no jornalismo, devido à sua condição de “mulher separada”.

Resolveu ir ao Rio de Janeiro, onde, logo em seguida, foi morar com o poeta e humanista mineiro Almeida Cousin, o verdadeiro amor de sua vida, como ela própria descreve em seus poemas. Maura já havia publicado os textos do poeta mineiro na seção “Domingo Literário”, do jornal *República*, em Florianópolis.

Em 1942, passa a viver com o escritor e intensifica sua produção poética e jornalística. A partir dessa época, ela transgride novamente seu tempo: passa a abordar o aspecto sexual das mulheres em suas obras.

Maura foi eleita para a Academia Catarinense de Letras em 1930, aos 26 anos; foi a primeira brasileira a se tornar uma imortal. O ambiente da Academia era o mais tradicionalista possível; os resquícios do tardio Parnasianismo ainda eram muito fortes naquela sociedade, mas a poeta sempre se mostrou inclinada ao Modernismo. De acordo com Lauro Junkes, presidente da ACL, nem no início de sua carreira Maura adotou a postura Parnasiana. Bertolino (1994, p.32), tem a mesma opinião:

'Cântaro de ternura' tem versos brancos e livres, sem qualquer relação com o formalismo parnasiano. Somente em 'Poemas do Meio Dia', livro de 1949, quando já morava no Rio de Janeiro há praticamente uma década, é que vamos encontrá-la trabalhando, às vezes, com a métrica tradicional e, ainda assim, sem os ranços parnasianos.

Seu primeiro livro, *Cântaro de ternura*, publicado em 1931, ainda na capital catarinense, possui 18 poemas em prosa que representam as programações do amor em busca da plenitude, os cantos da solidão em busca do amor, que é o sentido de sua vida. O livro possui influência do Simbolismo de Cruz e Sousa, do Modernismo e até mesmo da Bíblia (especialmente da parte do “Cântico dos Cânticos”). Mas, é válido lembrar que, apesar de Maura ser considerada a precursora do Modernismo em Santa Catarina, quem realmente trouxe o Modernismo para cá foi o Grupo Sul, no final dos anos 1940.

De acordo com Brasil (2003),

Maura foi uma revolucionária também por suas ideias político-sociais avançadas e seu feminismo arrojado em plena década de 20, quando o sexo feminino ainda tinha um papel subalterno na sociedade. Na época que começou a lecionar, ainda na adolescência, havia uma restrição legal às mulheres professoras de se casarem. Logo a escritora colocou-se à frente de movimento para pôr fim à lei que ‘negava o amor e a maternidade às professoras’. Foi o começo de uma luta pelos direitos da mulher, pela democracia, pelas minorias, pelos oprimidos, em favor do divórcio, da liberdade de imprensa, de uma nova moral. Anos antes, em 1925, aos 21 anos, já havia publicado o primeiro artigo feminista da história de Florianópolis. Nele, pedia que as mulheres burguesas, muito confinadas em casa, se educassem e ocupassem novos espaços na sociedade. Em outra ocasião, saiu em defesa de uma mulher presa por roubo, escrevendo uma carta aberta ao interventor local, pedindo sua libertação.

Em 1949, Maura lança seu segundo livro de poesias, *Poemas do meio-dia*. Mas é somente a partir de *Círculo sexto*, publicado em 1959, que sua obra começa a se voltar para a temática social.

Três anos depois, em 1962, lança seu *País de Rosamor*, merecendo grande destaque da crítica, incluindo a de Carlos Drummond de Andrade, que diz:

País de Rosamor: que nome mais belo para um país, e que país mais belo do que esse? Por sua poesia, fui transportado até ele,

e nele encontrei sua presença amiga, (...) capaz de criar um mundo mais delicado no mundo em que vivemos.

É com *A dríade e os dardos*, lançado em 1978, que Maura firma definitivamente seu papel na literatura do país, principalmente após ter sido criticada por grandes nomes da literatura nacional. Sobre essa obra, Pinheiro Neto escreveu: *A dríade e os dardos* é simplesmente um grande livro, e sua autora, a mais catarinense dos catarinenses, “a Maura de Santa Catarina.”

Essa obra é considerada por muitos como a obra maior de Maura de Senna, foi ainda objeto de análises de Olegário Mariano, Carlos Drummond de Andrade, Walmir Ayala, Álvaro Moreira e Tristão de Athayde que, ao analisar a obra, qualificaram a autora como “A cigarra catarinense” e “Voz poética catarinense”.

Além de marcar uma forte presença na literatura, Maura teve uma significativa presença no jornalismo literário de Florianópolis, Porto Alegre e Rio de Janeiro, onde assinou colunas especializadas. Segundo a jornalista Andressa Braun (2004), Maura de Senna publicou seu primeiro texto no jornal por causa de um desafio lançado por José Acrísio, redator do jornal *O Elegante*, de Florianópolis, que publicou um artigo provocando as mulheres a escreverem no jornal. Ela escreveu sob o pseudônimo de Alba Lígia, mas alguns meses depois a verdadeira autoria foi descoberta.

Em Santa Catarina, além de *O Elegante*, Maura também escreveu no jornal *República*. Já na capital carioca, ela fundou um dos primeiros suplementos femininos publicados em jornais brasileiros, na *Gazeta de Notícias*, no suplemento denominado “Mulher”. A partir daí começou a escrever artigos de cunho feminista, reivindicando direitos como o voto e o trabalho fora de casa. Maura escreveu, ainda, sobre um assunto pouco comentado na época: o despertar de uma consciência ecológica. No Rio de Janeiro, Maura trabalhou, ainda, nos jornais *A Noite*, *A Manhã* e *Vida*. De suas reportagens surgiram obras como *Alguns discursos e O parto sem dor*.

Em 1980, publica *Despoemas*, um livro de 23 páginas; um ano depois, em 1981, lança *Cantiga de Amiga*. Em 1984, aparece *Poemas-Estórias*, um misto de poesia, conto, fábula narrativa e fábula poética. Seus

últimos livros, *Sete poemas de amor* e *Busco a palavra*, foram lançados em 1985.

Participa de várias antologias, dentre elas, *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica Blumenau, 1979); *International Poetry* (1983); *International Poetry* (1984); antologia bilíngue (port. e inglês) lançada pela UFSC; *Poesia contemporânea de Santa Catarina* (Florianópolis, Garapuva, 2003, p.173).

A autora escreveu especialmente para a revista *Travessia* (UFSC), cuja temática era a literatura escrita por mulheres. Em junho de 1985 colaborou com a Revista de Caracas *Arbol de Fuego*, uma revista que publica poemas do Brasil, Colômbia, Cuba, Espanha, França e Venezuela.

Maura de Senna Pereira morreu no Rio de Janeiro aos 88 anos e recebeu seu devido reconhecimento: além de ter sido escolhida para a Academia Catarinense de Letras, a autora recebeu prêmios como a Medalha Anita Garibaldi, a mais importante condecoração oficial civil outorgada pelo Governo de Santa Catarina, tornou-se membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e teve seu nome dado a uma unidade escolar instalada na parte continental de Florianópolis e edificada sobre pedra fundamental lançada em 28 de dezembro de 1959.

ICONOGRAFIA: Disponível em:
<http://mauradesennapereira.blogspot.com>

GÊNERO: poesia, crônica, ensaio

OBRAS: *Cântaro de Ternura* (poemas em prosa - Florianópolis, Livr. Moderna, 1932); *Discursos* (ensaio - Porto Alegre, Ed. da Autora, 1936); *Poemas do meio-dia* (poesia - Rio de Janeiro, Ed. Brumlick, 1949); *O parto sem dor* (ensaio - Rio, D. Simões, 1957); *Círculo sexto* (poesia - Rio de Janeiro, Ed. Simões, 1959); *País de Rosamor* (poesia - Florianópolis, Ed. do Livro de Arte, 1962); *Nós e o mundo* (crônica, resenhas e artigos - Rio de Janeiro, Livr. São José, 1976); *Verbo solto* (conferências - Rio, Cosmos, 1976); *A dríade e os dardos* (poesia - Rio, Livr. São José, 1978); *Despoemas* (poesia - Rio, Ed. Achiamé, 1980); *Cantiga de amiga* (poesia - Rio, Ed. Achiamé, 1981); *Poemas-estórias*

(Rio, Ed. Achiamé, 1984); *Sete poemas de amor* (Florianópolis, Ed. Sanfona, 1985); *Busco a palavra* (poesia - Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1985); *Poesia reunida e outros textos* (poesia – Florianópolis, Academia Catarinense de Letras, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: *História da literatura catarinense* (Rio de Janeiro, [s.n], 1957); *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.189); *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica Blumenau, 1979, p.266-76); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *Busco a palavra - antologia poética de Maura de Senna Pereira* (Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.20); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.25); *Viagens com Maura:* ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira (Florianópolis, ACL, 1993); *Uma mulher além de seu tempo: Maura de Senna Pereira* (Florianópolis, UFSC, 1997 – Dissertação de Mestrado); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.408-409); *Biografia de catarinenses notáveis* (Florianópolis, Insular, 2001, p.142); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.485); *Poesia contemporânea de Santa Catarina.* (Florianópolis: Garapuva, 2003, p.173); *A voz das mulheres em Maura de Senna Pereira, a primeira jornalista catarinense* (Florianópolis, 2004); *Maura de Senna Pereira por ela mesma* (Florianópolis, 2004); *Maura em flor:* uma fotobiografia (Florianópolis, UFSC, 2007 – Dissertação de Mestrado); *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

290. MILA RAMOS

Zelândia Ramos dos Anjos é o nome de Mila Ramos. Nasceu em Tijucas – SC em 25 de junho de 1932 e mudou-se para Joinville – SC em 1966, onde vive até hoje. É formada em Letras, pela UNIVILLE, e possui especialização em Linguística pela mesma faculdade. Exerceu o magistério em todos os níveis de ensino, ocupou o cargo de secretária de cultura de Joinville, acumulando, ainda, o cargo de presidente da Fundação Cultural de Joinville.

Poeta, cronista, roteirista e produtora de programas de rádio e TV, a autora começou a trabalhar com literatura após ganhar o prêmio de segundo lugar no concurso nacional de *Poesia sertaneja* promovido pela RBS e a Editora Lunardelli, com o poema “Benzedura”, passando a figurar na *Antologia nacional de poesia sertaneja*. Em 1985, foi convidada pela mesma editora a lançar seu primeiro livro *Pé de vento* e passou a assinar com o apelido da mãe, Mila Ramos.

Seus poemas foram publicados em vários jornais e revistas de Santa Catarina e de outros Estados, nas décadas de 1970 e 1980; recebe críticas elogiosas de muitos críticos literários do Brasil e de Portugal, e a sua poesia era sempre ouvida diariamente no *Programa Show das Dez*, da Rádio Cultura de Joinville, o mesmo programa que editou três antologias de escritores joinvilenses (*Show das dez – Em tempo de poesia I-II-III/1983/1984/1987*) nas quais Mila está presente. Atualmente publica crônicas às segundas-feiras no jornal *Notícias do Dia*, de Joinville.

A vida literária lhe rendeu também vários prêmios, dentre eles, a medalha de honra ao mérito *Cultural*, da Câmara Municipal de Tijucas, SC (2002); medalha de mérito *Educacional*, da Assembleia Estadual de SC (2007); homenagem da Bronze Fundição Tupy SA, na comemoração de seus 50 anos; homenagem do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, na comemoração de seus 90 anos; troféu *Festival de Dança de Joinville*, da Prefeitura Municipal de Joinville (2008).

ICONOGRAFIA: *Maria-sem-vergonha*. (Joinville: Movimento e Arte, 2001. 80p. il.).

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Sete sumos* (Florianópolis, Ed. Sanfona, 1985); *Pé de vento* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *Seis ecos lógicos* (Joinville, Ed. Ipê, 1987); *Seis fantasias na madrugada* (Joinville, Ed. Ipê, 1987); *Na grande noite dos girassóis* (Joinville, Ed. Ipê, 1987); *Em surdina* (Joinville, Ipê, 1989); *Terra nossa de cada dia* (crônica, poesia - Joinville, Ed. Ipê, 1989); *Tons e Semitons* (Joinville, Ipê, 1991); *Ernte* (poemas vertidos para o alemão - Joinville, Ipê, 1995); *Maria-sem-vergonha* (Joinville, Movimento e Arte, 2001. 80p. il./ Rui Arsego). Publicou, ainda, as obras *Joinville – flores, festas e trabalho* (Ed. Mares do Sul, 1998); *Filhos da terra querida* (sobre sua terra natal: Tijucas – Florianópolis, Ed. Insular, 2000).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.48); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, p.24); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.491).

291. MILENE S. CORRÊA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Singradura: poesias* (Florianópolis, Bernúncia, 1985. 39p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.197).

292. MILKA LORENA PLAZA CARVAJAL

Nasceu em Concepción – Chile, mas com 12 anos veio com sua família morar no Brasil. É formada em Processamento de Dados pela Faculdade Rui Barbosa em Salvador-Ba, e estudante de Artes Visuais na UDESC. Naturalizada brasileira, participou em vários grupos culturais. Foi diretora cultural da Associação Brasil-Chile onde teve a oportunidade de coordenar o grupo “Los Copihues”, de danças folclóricas chilenas apresentando-se em hotéis, consulados e centros culturais.

Pertence à ALIFLOR e coordena a oficina literária *Letras no Jardim* – criação literária. Ganhou concurso literário com o conto “Noite de sexta-feira” publicado pela editora AG de São Paulo. Além disso, foi diretora e co-produtora do curta infantil *O besouro e o beijaflor* que participa do festival *Animamundi* o qual acontece no Rio de Janeiro. A escritora é co-produtora da obra *Manual do contador de história* e escreve também textos para teatro, além de ilustradora de capas de livros e de livros; também trabalha com tradução de textos espanhol-português, português-espanhol.

GÊNERO: conto, poesia, romance

OBRA: *Condomínio* (lit. infantil – Florianópolis, Ed. da Autora, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: dados cedidos pela própria autora.

293. MIRIAM APARECIDA DA ROCHA

Nasceu em Itajaí – SC, no dia 05 de maio de 1968, e mora em Joinville - SC desde pequena. É formada em Educação Artística pela UNIVILLE e pós-graduada pela mesma universidade em Educação Infantil e Séries Sociais.

É membro da AEILIJ-SC e participa da antologia *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (org. por Yedda de Castro Goulart, 2009).

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *Uma casa no meio da rua* (Blumenau, Ed. Hemisfério Sul, 2003); *O lápis e a menina* (Ed. Letras Brasileiras).

FORTUNA CRÍTICA: http://aeilijsc.autonomia.g12.br/?page_id=167; *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.75-79).

294. MIRIAM PORTELA

Miriam Leite da Costa Portela nasceu no dia 03 de outubro de 1954 em Florianópolis-SC, passando, desde 1973, a residir em São Paulo - SP. É formada na Escola de Comunicação e Artes da USP e exerceu a função de jornalista. Já atuou na TV Cultura, como repórter e programadora de assuntos, e depois na TV Bandeirantes. Tem sua empresa própria e fornece artigos para jornais e revistas de São Paulo.

Iniciou suas atividades literárias aos 13 anos de idade. Recebeu menção honrosa no concurso literário *Mulheres entre Linhas* (Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, 1985), pela poesia “Na última estação”.

ICONOGRAFIA: *No fundo dos olhos* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1992).

GÊNERO: poesia

OBRA: *O continente possuído* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1987); *Doces rios do medo* (Massao Ohno Editor); *No fundo dos olhos* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1992).

FORTUNA CRÍTICA: *O continente possuído* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1987 - contracapa); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis, Ed. do Autor, UFSC, 1992, p.52); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis, FCC, Paralelo 27, 1993, p.188).

295. MIRNA NÉZIA ROMANI

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *O gato mimoso* (Ipumirim, Prefeitura Municipal, [198-]).

296. MÔNICA CRISTINA PIRES NORONHA

Nasceu em Lisboa, Portugal, a 30 de junho de 1966, mas dois meses depois foi para Angola, onde viveu até os oito anos de idade. Veio para o Brasil com quase nove anos, vivendo, desde então, em Florianópolis – SC. É filha da escritora Helena Noronha. Formou-se em Psicologia na UFSC e fez doutorado na Inglaterra.

Foi premiada duas vezes em concursos literários para estudantes dos estabelecimentos de ensino de 2º grau dependentes da UFSC, publicadas na *Revista Discente* (nº6, p.14-15, 1982; e nº9, p.44-45).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Como cresce uma menina* (Florianópolis, [s.n.], 2004).

FORTUNA CRÍTICA: *Como cresce uma menina* (Florianópolis, [s.n.], 2004 - contracapa).

297. MYBEL

GÊNERO: poesia

OBRA: *Devaneio* ([S.l.: s.n.], [19-]. 91p.).



N

298. NADIR HELENA DE BASTOS

Nasceu em Florianópolis – SC no dia 23 de março de 1957. Formou-se em Letras Português e Inglês pela UFSC e atua no magistério. Ocupa a Cadeira número 19 da Academia São José de Letras e é membro da ACPCC.

Participa de várias antologias, dentre elas, *1ª antologia poética* (Florianópolis, ACPCC, 1986) e *1ª antologia em prosa e verso* (ACPCC, Florianópolis, Papa-Livro, 1998).

É detentora de duas medalhas e dois diplomas de honra ao mérito na licenciatura curta e na licenciatura plena e recebeu a comenda de *Mérito Cultural Josefense* (Câmara dos Vereadores de São José, 2002).

ICONOGRAFIA: *Sinfonia poética e prosa* (Antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.159).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Sendo mãe solteira* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1989), *A casa das alamandas amarelas* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1997); *Ruas* (Florianópolis, Ed. Insular, 2003).

FORTUNA CRÍTICA: *5ª Antologia poética* (Florianópolis, ACPCC, 2002, p.131-34); *Sinfonia poética e prosa* (Antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.159).

299. NADIR VITOR DA SILVA

Nasceu em Florianópolis – SC no dia 30 de março de 1940. Formou-se na Escola Técnica de Contabilidade de SC e é funcionária pública aposentada da Secretaria da Administração do Estado de Santa Catarina. É associada da ALIFLOR desde 2008.

ICONOGRAFIA: <http://aliflorfpolis.blogspot.com/>

GÊNERO: poesia

OBRAS: *Minha vida com os anjos* (2001); *Anjos, devoção, invocação e comunicação* (2005).

FORTUNA CRÍTICA: <http://aliflорfpolis.blogspot.com/>

300. NANA TOLEDO

Nana Toledo atualmente mora em Blumenau – SC. É cantora, compositora, escritora, educadora e especialista em musicoterapia. Ministra oficinas de musicalização para crianças e adultos e é professora de canto popular. Cresceu numa família de músicos. Aos sete anos, estudou piano e só depois descobriu o violão e o canto popular. Dona de uma longa carreira que acumula prêmios nacionais e estaduais, tanto na música como na educação, seu repertório abrange diversos estilos, entre eles grandes clássicos da música popular brasileira.

Lançou o CD *Língua Enlinguizada* e tem editado livros, voltados para o público infantil, entre eles a coleção “Cantos e Encantos” e “Poeminhas Ecológicos”. Em 2008, editou *Fim de tarde*, uma produção independente com canções próprias que misturam estilos como MPB, pop e bossa-nova e refletem a personalidade da Nana enquanto artista e ser humano. Tem parcerias com outros músicos da região sul do Brasil e participou de shows e gravações com Luiz Vicentini, Mazinho da Silva, Juliana Muller e Carlos Cajé. Atualmente, se apresenta em eventos, realiza cursos e workshops, conta e canta histórias infantis, trabalha em estúdio com produções e gravações.

É sócia e diretora da "Ilumina"- assessoria pedagógica e ensino de artes e cultura. Em 2002, Nana recebeu das mãos do Presidente da República e do Ministro da Educação o prêmio de *Incentivo à Educação Fundamental*, (Fundação Bunge e MEC), com o projeto "Viva a Música", realizado com crianças da rede municipal de ensino de Blumenau/SC.

A autora publica seus trabalhos nos seguintes endereços:

www.nanatoledofimdetarde.blogspot.com;
www.nanatoledo.com/lingua; www.myspace.com/nanatoledo.

FORTUNA CRÍTICA: www.nanatoledofimdetarde.blogspot.com

301. NARA SENA

Nasceu em Florianópolis – SC, mas radicou-se em São Paulo - SP. Fez graduação, mestrado e doutorado na USP e lecionou na Escola de Enfermagem.

ICONOGRAFIA: SENA, N. *Amor à ilha* (Florianópolis, Ed. Insular, 1999 - contracapa).

GÊNERO: romance

OBRA: *Amor à ilha* (Florianópolis, Ed. Insular, 1999, il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Amor à ilha* (Florianópolis, Ed. Insular, 1999 - contracapa).

302. NATÁLIA RAMOS

Nasceu em Benedito Novo – SC no dia 25 de dezembro de 1950. Possui graduação em Letras pela UNISUL e pós-graduação em Pedagogia: Métodos e Técnicas de Ensino e em Literatura Brasileira.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Energia* (Florianópolis, Ed. Vozes, 1987. 196p.).

303. NEDI TEREZINHA LOCATELLI

Nasceu em Ipumirim – SC no dia 15 de março de 1966. Trabalha há muitos anos com atividades culturais em seu município. Está integrada ao Centro Cultural Prefeito Félix Bonissoni e ao Departamento Cultural

da CNEC, onde participa na organização da área do pró-memória, de oficinas literárias, da Feira do livro, coordenação da Biblioteca do Pequeno Leitor, entre outros.

Ganhou em primeiro lugar no concurso sobre a *História do Contestado*, em 1984, com a poesia “Herdeiros”.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Única certeza* (Seara, Tipografia Oeste, 1984); *Rebentos* (Florianópolis, AESC, 1988).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.53); *Rebentos* (Florianópolis, AESC, 1988 - contracapa); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.51-52).

304. NEIDA ROCHA WOBETO

Nasceu em Canoas – RS no dia 01 de fevereiro de 1954, e residiu em Blumenau – SC por cerca de 30 anos. Possui graduação em Letras (formou-se aos 50 anos) e fez pós-graduação em Língua Portuguesa pela FURB. Realiza oficinas de poesias nas escolas.

É membro-fundadora da SEB, associação da qual também foi presidente. Participa do Clube dos Escritores de Piracicaba; União Brasileira de Escritores; Casa do Poeta Riograndense; Casa do Poeta Santanense; Rede de Escritoras Brasileiras; Associação Escritores e Ilustradores de Literatura Infanto-Juvenil; Academia de Letras Blumenauense, onde ocupa a cadeira nº 14; Associação Gaúcha de Escritores Independentes.

Participa em mais de 60 antologias. É detentora de diversos prêmios dentre eles: menção honrosa do concurso de conto sobre *animais da APA*, com o poema “Ilusão” (1999); menção honrosa do 1º Concurso *Poemas da CAPOSAN*, com o poema “Meus medos” (1999); destaque

especial no *1º Concurso de Poemas da CAPOSAN* pelo conjunto das obra: “Uma mulher de muitos homens”, “Meus medos” e “Cobranças” (1999); menção honrosa no *IV Concurso Internacional de Prosa* (Mogi das Cruzes, SP, 2000); menção honrosa da *Sociedade Escritores de Blumenau* (2002); troféu *Coruja* (Clube Escritores Piracicaba, SP, 2002), com o poema: “Teu chamado”; 3º lugar do *Concurso Piracicaba*, com o poema “Viagem astral” (2003); destaque *Literatura Infantil* da Sociedade Escritores de Blumenau (2003); menção honrosa no *VI Concurso Nacional e Internacional de Contos e Poesia Nuno A. Pereira* (Rio de Janeiro, 2004), com o poema “Por que sou poeta”; *moção de louvor* (Câmara Vereadores Blumenau, SC, 2005); troféu *Gigantes em Blumenau* (2006); *Comenda Letras Catarinenses* (2006); 1º lugar *Concurso poemas nos ônibus*, em Gravataí - RS com o poema “Cachecol” (2006); menção honrosa *II Concurso Nacional de Poesias da Academia Itajubense Letras*, com o poema “Viver solitário” (2008); troféu *Coruja* - 2º lugar na Categoria Especial no *X Concurso Nacional de Poesias do Clube dos Escritores de Piracicaba – SP*, com o poema "Internet da natureza" (2008); menção honrosa no prêmio literário *Cidade de Porto Seguro 2008*, com a crônica “Carta a minha neta adulta (conversa de mulher para mulher)” (2008); premiada no *IV Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus de Poesia/2008* com o poema “Reencontro de almas” (2009); em 2009, foi votada por unanimidade para receber o título de mérito literário *Francisco Lagreca*, autorizado pela Lei 4426/98, alterada pela Lei 4923/2000, que instituiu no município de Piracicaba os diplomas e lâureas do Clube dos Escritores Piracicaba, pelo muito que tem feito pela literatura e pela cultura, nestes últimos dez anos que tem participado como acadêmica do clube.

A autora possui um site onde publica sua obra: www.neidarocha.com.br.

ICONOGRAFIA: www.neidarocha.com.br

GÊNERO: conto, crônica, lit. infantil

OBRA: *Contrônicas* (conto, crônica – São Paulo, Ed. CN Editoria, 2000); *Sentimomentos* (poesia – São Paulo, Ed. CN Editoria, 2002); *Sinto muito amor* (CD de poemas, 2002); *Danilo, sua mochila e seus amigos* (lit. infantil – Blumenau, Ed. NovaLetra, 2002); *Minha não*

metade (poesia – Blumenau, Ed. Odorizzi, 2005); *Ephemérides* (poesia – Xanxerê – SC, Ed. News Print, 2007); *Danilo, su mochila y sus amigos* (espanhol/português – lit. infantil – Porto Alegre, 2010); *Artigo definido* (crônicas de reflexão: autoajuda – Porto Alegre, Ed. Alternativa, 2010).

FORTUNA CRÍTICA: *Contistas e cronistas catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Os contos da FURB* (Blumenau, Ed. Acadêmica, 1979); *Outros catarinenses escrevem assim* (Blumenau, Ed. Acadêmica Blumenau, 1979); *Contistas de Blumenau - I e II* (Florianópolis, Lunardelli, 1980); *Contos e poemas* (Florianópolis, FCC, 1983); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *Primeira antologia poética* (Florianópolis, ACPCC, 1986); *Contos de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002); *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.81-84); *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009); http://aeilijsc.autonomia.g12.br/?page_id=169; Academia de Letras Blumenauense (<http://www.academiadeletrasblumenauense.com/membros.htm>); dados fornecidos pela própria autora.

305. NEIDE DE CÁSSIA VIEIRA

Nasceu em Lages – SC a 30 de maio de 1966. Tem seus poemas publicados na *Antologia crioula de poetas lageanos – natos e adotivos* (Lages, Ed. dos Autores, 1987).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Tropa lembrança: poemas crioulos* (Porto Alegre, Martins Livreiro, 1986. 92p. il.); *Teatina liberdade* (Porto Alegre, Martins Livreiro, 1986. 71p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Antologia crioula de poetas lageanos – natos e adotivos* (Lages, Ed. dos Autores, 1987).

306. NEIDE MARIA DE SOUSA MOREIRA ARECO

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *O pintalho* (Florianópolis, LADESC, 1985).

307. NEIDI RODRIGUES

Nasceu em Ituporanga – SC no dia 20 de novembro de 1939, depois se mudou para Pato Branco – PR e atualmente mora em Florianópolis – SC.

Escritora, desenhista e pintora autodidata, fez cursos no NETI da UFSC. Como pintora e desenhista, participou de várias exposições com quadros em óleo sobre tela e giz pastel, bem como com desenhos em nanquim e crayon.

Como escritora, participou da antologia *20 anos do NETI* (Florianópolis, UFSC) e de vários concursos de poesia. Para escrever seu livro, *Bruxas e magia na ilha de Santa Catarina*, realizou pesquisa durante quatro anos.

Integra a ACPCC e é fundadora da Associação dos Contadores de Histórias de Florianópolis.

ICONOGRAFIA: *Bruxas e magia na ilha de Santa Catarina* (Florianópolis, Insular, 2005. 144p. il. - contracapa).

GÊNERO: poesia, crônica, lit. folclórica

OBRA: *Bruxas e magia na ilha de Santa Catarina* (lit. folclórica - Florianópolis, Insular, 2005. 144p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Bruxas e magia na ilha de Santa Catarina* (Florianópolis, Insular, 2005. 144p. il. - contracapa).

308. NEUSITA LUZ DE AZEVEDO CHURKIN

Nasceu em Canto dos Ganchos (Governador Celso Ramos – SC). É formada em Letras Português-Inglês pela UFSC. Exerceu atividades no magistério e em outros cargos públicos.

Colaborou com jornais e revistas da grande Florianópolis. Participou de antologias de projetos como “Doce poema” (poesias nos sacos para pães) e “Viajando com poesia” (cartazes-adesivos com poesias nos ônibus de Florianópolis). É membro efetivo do Grupo de Poetas Livres de Florianópolis e da Academia de Letras de Governador Celso Ramos.

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Mensagens para uma vida melhor* (poesia de autoajuda – Florianópolis, Gráfica Continente [19-]); *Cantando meu chão: tributo a Canto dos Ganchos* (poesia, conto - Florianópolis, Ed. do Autor, 2002).

FORTUNA CRÍTICA: *Mensagens para uma vida melhor* (Florianópolis, Gráfica Continente, [19-] - contracapa); *Grupo de Poetas Livres – 10 anos*. (Florianópolis, Editograf, 2008, p.73).

309. NEUZA MARIA SANTOS DE SOUZA

Nasceu no Rio de Janeiro – RJ. Cursou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória – PR. É professora.

ICONOGRAFIA: *Traços de mulher* (Lages, Prefeitura Municipal, [19-] - contracapa).

OBRA: *Traços de mulher* (Lages, Prefeitura Municipal, [19-]); *Nuances do pensamento* (Lages, Prefeitura Municipal, [19-]. 102p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Traços de mulher* (Lages, Prefeitura Municipal, [19-] - contracapa).

310. NÍDIA MARIA ALBINO DE BEM

Nasceu em São Joaquim – SC. É formada em Direito pela UFSC. Escreve desde a adolescência e já ganhou prêmios e condecorações por sua obra. Seu primeiro poema editado fez parte da seleção promovida pelo *1º Concurso Literário Nacional Poesia Sertaneja* (Ed. Lunardelli, Florianópolis). Participou de várias antologias poéticas e recebeu da Câmara dos Vereadores de São José a comenda de *Mérito Cultural Josefense*. É membro representante da Cadeira número 13 da Academia São José de Letras.

ICONOGRAFIA: *Sinfonia poética e prosa* (Antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.111.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Amor em prosa e verso* (poesia – Minas Gerais, Ed. Alba, [19-]); *Canto de alforria* (Florianópolis, Paralelo 27, 1996. 88p.)

FORTUNA CRÍTICA: *Amor em prosa e verso* (Minas Gerais, Ed. Alba, [19-]) - contracapa).

311. NINI

Nini, pseudônimo de Hermelinda Izabel Merizi, nasceu em São José – SC em 17 de novembro de 1928. Foi professora primária, bordadeira, costureira, criveira, comerciante e artista plástica autodidata. Já compôs algumas letras de músicas e começou a pintar em 1973; suas telas refletem flores e peixes de cores vibrantes. Realizou mais de 200 exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior e ganhou muitos prêmios tanto na pintura como na arte literária, dentre eles, o troféu *Revelação na Poesia* (1987). Participou de várias antologias, tanto de crônicas como de poesias. É membro da Academia São Evangelista da Barra de Biguaçu e da Academia São José de Letras. Recebeu críticas elogiosas de diversos escritores, dentre eles, Nelly Novaes Coelho:

Como poeta, estréia em livro com Sempre é bom sonhar, poemas que expressam a visceral comunhão mantida pela poeta com os

seres e coisas que fazem parte de seu mundo muito amado. Volume que, em belíssimas telas abrem caminho para os poemas, este mereceria uma edição de luxo, à altura da beleza visual de suas ilustrações e do humanismo espontâneo que alimenta sua poesia. Qualidades que se repetem no livro seguinte, Janela d'alma, e confirmam a grande fonte da criação plástica ou poética de Nini: o amor... em sua mais funda vivência. (COELHO, 2002, p.517)

ICONOGRAFIA: *Sempre é bom sonhar* (São José, Ed. da Autora, 1981).

GÊNERO: poesia, crônica, conto

OBRA: *Sempre é bom sonhar* (poesia - São José, Ed. da Autora, 1981); *Janela d'alma* (poesia - São José, Ed. da Autora, 1982); *Fragments de um sonho que ainda não acabou* (poesia - São José, Ed. da Autora,); *Meu destino é sonhar* (poesia - São José, Ed. da Autora); *Momentos de sonhos* (poesia - São José, Ed. da Autora, 1995); *Sonhar é navegar* (poesia - São José, Ed. da Autora, 1998); *Sonhar é dar asas ao coração* (poesia, conto, crônica - São José, Ed. da Autora, 1999); *Sonhar é não sentir o tempo passar* (poesia, conto, crônica - São José, Ed. da Autora, sdp); *O sonho não pode acabar* (poesia, conto, crônica - São José, Ed. da Autora, 2002); *Não podemos deixar de sonhar* (poesia, conto, crônica - São José, Ed. da Autora, 2003).

BIBLIOGRAFIA SOBRE A AUTORA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.51); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.517).

312. NOÊMIA LUÍZA DA SILVA

Nasceu no dia 15 de março de 1921 em Canto Grande – SC. Atuou como professora alfabetizadora até 1984, época em que se mudou para Itajaí – SC.

ICONOGRAFIA: *Noêmia: um exemplo* (Prefeitura Municipal; Secretaria do Desenvolvimento Social; Depto. de atenção ao Idoso, 2004. 46p. il. - capa) .

GÊNERO: crônica

OBRA: *Noêmia: um exemplo* (Prefeitura Municipal; Secretaria do Desenvolvimento Social; Depto. de atenção ao Idoso, 2004. 46p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Noêmia: um exemplo* (Prefeitura Municipal; Secretaria do Desenvolvimento Social; Depto. de atenção ao Idoso, 2004. 46p. il. - capa).

313. NORMA BRUNO

Nasceu em Florianópolis – SC em 1954. É formada no curso de História, pela UFSC e fez especialização em Moderna Gestão Empresarial e Empreendedorismo. Atualmente, trabalha como professora na Universidade Estadual de Santa Catarina.

A autora pertence ao grupo literário *A Ilha* e faz parte da *Confraria de Quintana*. Publica seus trabalhos em jornais e revistas e também em portais da internet, como o *Rio Total*.

ICONOGRAFIA: *A minha aldeia* (Florianópolis: Papa-Livro, 2004 – contracapa).

GÊNERO: crônica

OBRA: *A minha aldeia* (crônica – Florianópolis, Papa-Livro, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009 - contracapa).

314. NORMA MÔNICA SABEL

Nasceu em Gaspar – SC, em 1948 e faleceu aos 30 anos de idade. Foi homenageada com nome de escola na cidade em que nasceu (E.E.B. Norma Mônica Isabel).

GÊNERO: poesia

OBRA: *A outra face* (Aparecida, SP, 1984 – póstuma).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.472).



O**315. OLGA MARIA PIZETTI**

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Confluências*, poemas e crônicas (Palmas, Faculdade de Filosofia, 1978).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.53).

316. OLGA REGINA ZIGELLI GARCIA

Nasceu em Florianópolis – SC. É formada em Enfermagem, fez o mestrado em Ciências da Enfermagem e é docente do Departamento de Enfermagem da UFSC onde desenvolve conteúdos relacionados à saúde da mulher.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Traição: renascendo através do processo de vivenciar a dor* (Florianópolis, Papa-livro, 1999).

FORTUNA CRÍTICA: *Traição: renascendo através do processo de vivenciar a dor* (Florianópolis, Papa-livro, 1999 - contracapa).

317. OLINDINA EULÁLIA HORVATH

Ver Eulália Horvath.

318. ONDINA ROSILENE FORTES TONDELLO

Ver Rosilene Tondello.

319. OSMARINA MARIA DE SOUZA

Nasceu em Florianópolis – SC, aos 17 de novembro de 1929.

Foi fundadora e primeira secretária da ACPCC; fundadora e segunda secretária da Academia São José de Letras (Cadeira número 24); fundadora da Academia de Letras de Biguaçu (Cadeira número 20); fundadora e primeira secretária da Academia Desterrense de Letras (Cadeira número 10); fundadora da UBE/SC; fundadora e responsável pelas primeiras edições do informativo COSMORMA; e primeira secretária da Associação dos Monitores da Ação Gerontológica.

Tem trabalhos publicados em diversas antologias, dentre elas, *Pensamentos meus*; *Grandes momentos*; *III e IV Antologia de A Figueira* (1995-1996); *I e II Antologia Poética* (Florianópolis, ACPCC, 1986 e 1988); *Enlace de poetas da Sociedade de Cultura Latina* (1997, RJ); *II Antologia da Fundação Viva Vida* (Governo do Estado, SC, 1997 – 3º lugar em concurso de crônicas); *I Antologia de prosa poética* (Academia São José, 1998); *I Antologia em prosa e verso* (ACPCC, Florianópolis, Papa-Livro, 1998). Participa de jornais alternativos como *Folha da Tarde*; *O Clipe* (Pelotas – RS); *Cosmorama*; *A Figueira*; *Trinta Réis* (Florianópolis); *Estro* (Brasília).

ICONOGRAFIA: *Sinfonia poética e prosa* (Antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.197.).

GÊNERO: poesia, memória

OBRA: *Nossas memórias* (memória – Florianópolis, Ed. da UFSC, com Marlene Luzia Scheidt); *Divagando* (poesia – Florianópolis, Ed. da UFSC, 2000); *Relicário de saudades* (Florianópolis, Papa-Livro, 2004. 117p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.520-21); *Sinfonia poética e prosa* (Antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.197).



P

320. PALOMA

GÊNERO: poesia

OBRA: *História de Eva do princípio ao fim* (Blumenau, Ed. da Autora, 1988. 192p.).

321. PATRÍCIA ALAMINI RAMOS

Nasceu em Criciúma – SC, aos 29 de dezembro de 1984.

OBRA: *Olhos no espelho* (Criciúma, [s.n.], 1999. 141p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Olhos no espelho* (Criciúma, [s.n.], 1999. 141p.).

322. PATRICIA ANGÉLICA DUTRA

GÊNERO: teatro, lit. infantil

OBRA: *O ABC do sonho; Dorinha e a gotinha de orvalho; O herói do farol; Você e a ciência; A busca; O pequeno reformador; Seis peças infantis* (Florianópolis, UDESC, 1976).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.175).

323. PATRÍCIA DE FÁTIMA ALTHOFF

Ver Patrícia Philippi

324. PATRÍCIA HOFFMANN

Patrícia Claudine Hoffmann nasceu em São Paulo – SP, em 1975, mas mora em Joinville – SC desde 1981. Fez o curso de Letras na UNIVILLE.

Obteve as seguintes premiações literárias: 1º lugar no *Concurso de Poesia Lindolf Bell* por dois anos consecutivos (1999 e 2000); 1º lugar no 6º Prêmio Escriba de Piracicaba – SP (2000); 1º lugar no Concurso Nacional de Poesia Cidade de Blumenau (2000).

Integra o grupo Zaragata de Poetas.

ICONOGRAFIA: *Água confesssa* (Joinville, Letra d'água, 2001. 76p. - contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Água confesssa* (Joinville, Letra d'água, 2001. 76p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Água confesssa* (Joinville, Letra d'água, 2001. 76p. - contracapa).

325. PATRÍCIA PHILIPPI

Patrícia de Fátima Althoff nasceu em Florianópolis – SC no dia 30 de novembro de 1964. É dissidente do curso de Filosofia da UFSC, capista e ilustradora de livros. Participa da antologia *18 poetas catarinenses*: a mais nova geração deles (Florianópolis, FCC Ed.; Ed. Semprelo, 1991).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Mimos mamas* (Curitiba, Fundação Cultural, 1988); *Bobagens em drágeas e alguns véus para vestir* (Florianópolis, Ed. Semprelo, 1990).

FORTUNA CRÍTICA: *18 poetas catarinenses*: a mais nova geração deles (Florianópolis, FCC, Ed. Semprelo, 1991); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis, FCC, Paralelo 27, 1993, p.182-83).

326. PAULINA SOBOTKA

Nasceu em Porto União – SC, em 29 de junho de 1950, morou por mais de trinta anos na cidade de Capinzal – SC, lugar em que exerceu a profissão de magistério e de secretária, e reside hoje em Tangará – SC, onde é escrivã de polícia e poeta. É formada em Técnico em Contabilidade e Pedagogia e possui especialização em Administração Escolar na FUOC. Formou-se também em Escrivã de Polícia na ACADEPOL, em Florianópolis – SC. Começou a escrever poesias em 1983.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Amar é sofrer* (1989); *Poesias para seus dias* (Tangará, [s.n.], [19-]).

FORTUNA CRÍTICA: *Poesias para seus dias* (Tangará, [s.n.], [19-]).



R

327. RACHEL LIBERATO MEYER

Nasceu em Itajaí – SC, em 17 de maio de 1895. Pertencia a uma das famílias mais tradicionais da cidade; era filha do industrial Mário Pereira Liberato e Elvira do Canto Liberato. Casou-se em 1917, com Ernesto Meyer, e, em 1923, fixou moradia em Florianópolis – SC.

A autora não era muito dada a festividades. Não gostava de viajar nem de sair; sua vida era voltada a casa e à família. Adorava a leitura; leu Machado de Assis, Rachel de Queiroz e muitos outros escritores brasileiros, mas tinha predileção pelos autores portugueses antigos, e pelos romances de costume. De acordo com depoimento do filho da escritora, Alfredo Liberato Meyer, na apresentação da obra *Uma menina de Itajaí*:

Sentimental e romântica, não conheceu o tédio e o conformismo tão comuns entre os que passam juntos uma existência inteira. [...] Depois de viúva, passava a maior parte do dia no quintal e no jardim, de que, tanto seu pai gostara. ‘Minha vida agora é aqui’ disse à irmã Judith, ‘porque era aqui que ele gostava de estar’. Não pôde, nunca, ir ao cemitério, e só conheceu o túmulo do marido no dia 24 de março de 1959, levada pelos filhos e parentes, e lá repousam os dois, definitivamente. (MEYER, *Uma menina de Itajaí*, 1999 - prefácio).

Rachel Liberato Meyer faleceu em Florianópolis em 1959. Em 1961, foi publicado por seus filhos o seu livro de crônicas intitulado *Uma Menina de Itajaí*, mais tarde, em 1999, foi reeditado pela Ed. Mulheres/FCC, Florianópolis, com nota editorial de Zahidé Muzart; apresentação de Lausimar Laus; prefácio de Alfredo Liberato Meyer e introdução de Tânia Regina Oliveira Ramos.

GÊNERO: crônica

OBRA: *Uma menina de Itajaí* ([s.l.: s.n.], 1961. 104p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.305); *Uma menina de Itajaí* (Florianópolis, Ed. Mulheres/FCC, 1999); Rachel Liberato Meyer (Disponível em: cifrantiga.blogspot.com/2008_09_01_archive.html); *Raquel Liberato Meyer* (RAMOS, Tânia R. de Oliveira. Florianópolis, Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004, vol. II, p.1025-39).

328. RAQUEL FURTADO

Mora em Blumenau – SC. Cursou Economia e Sociologia na FURB, foi presidente da Associação Blumenauense de Teatro Amador, assessora cultural da Fundação de Cultura e professora de história e sociologia da Rede SOS de Ensino. A autora iniciou-se na literatura nos anos 80 divulgando seus primeiros textos em publicações estudantis e no *Jornal de Santa Catarina*. De 1995 a 1996 foi responsável pelo protocolo e cerimonial da Câmara Municipal de Blumenau.

Participa da coletânea *Poetas e contistas de Blumenau* (1989); coletânea *Blumenália poética* (1992); *Poetas independentes* (org. pela APEI); organizou a antologia *Sul Azul* poetas de Blumenau. Ocupa a cadeira nº 16 da Academia de Letras Blumenauense.

GÊNERO: conto, poesia

OBRA: *Contos & poemas* (conto, poesia - Blumenau, Ed. da Autora, 1989); *TempOrais* (poesia - Blumenau, Ed. da Autora, 1994).

FORTUNA CRÍTICA: *TempOrais* (Blumenau, Ed. da Autora, 1994 - contracapa).

329. RAQUEL RÉGIS ÁVILA

GÊNERO: lit. Infantil

OBRA: *Renata Cara de Batata* (Florianópolis, LADESC, 1986).

330. REGINA CARVALHO

Lecionou nos cursos de Letras e Jornalismo da UFSC. Neta de Tito Carvalho e sobrinha de Almiro Caldeira.

GÊNERO: poesia

OBRA: *O sim da poesia* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1993).

FORTUNA CRÍTICA: *O sim da poesia* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1993 – contracapa).

331. RITA DE CÁSSIA ALVES

Nasceu em Joinville – SC, é funcionária pública, dedicou-se ao magistério e atualmente trabalha na Biblioteca Pública Municipal Prefeito Rolf Colin, em Joinville. Pós-graduada em Letras e Pedagogia, a escritora também é uma das integrantes do grupo *Zaragata*, uma agremiação que se dedica ao estudo e à pesquisa da língua portuguesa, da poesia e suas possibilidades. Foi por meio desse grupo que ela participou dos projetos “Poesia em trânsito” (poesia afixada na porta dos coletivos) e “Pão com poesia” (poemas impressos em sacos de pão) e participa também de vários projetos culturais na cidade de Joinville, como o “Programa Leia Joinville”.

Recebeu as seguintes premiações: 5º lugar no Concurso Nacional de Poesia *Lindolf Bell* (2001); 3º lugar no 1º *Festival aberto de poesia falada*; 1º lugar no *Prêmio Barueri de literatura* (Barueri – SP); 2º lugar no 16º *Festival de poemas de Cerquilho* (Cerquilho – SP); 1º lugar no II *Concurso Nacional de Poesia José Gonçalves/ Sociedade dos Poetas Vivos e Afins* (Natal – RN); selecionada no concurso promovido pela Fundação Cultural de Joinville (FCJ), com a obra *Denúncia de pétalas*.

ICONOGRAFIA: *Denúncia de pétalas* (Joinville, Ed. Letradágua, 2001).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Simplesmente vida* (Joinville, Ed. da Autora, 1982); *Espaço do coração* (Joinville, Ed. da Autora, 1984); *Denúncia de pétalas* (Joinville, Ed. Letradágua, 2002); *Ensaio de pérolas* (Itajaí, Fundação Cultural de Itajaí, 2004. 41p.); *Pele submersa* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2005. 60p.).

FORTUNA CRÍTICA: Dados cedidos pela própria autora; *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.216); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.20); É assim que Rita de Cássia Alves define o livro “Denúnia de Pétalas”, que exigiu dez anos de preparação (*Jornal A Notícia*. <http://www1.an.com.br/2002/out/17/0ane.htm>); *Denúncia de pétalas* (Joinville, Ed. Letradágua, 2002 - contracapa).

332. RITA DE CÁSSIA PETROSKI

Nasceu em Orleans no dia 06 de outubro de 1968 e faleceu aos 29 anos, em 11 de fevereiro de 1997.

Possui publicações na série *Sinos de Orleans*, na revista local *ELO* e nos livros da ACOL. Ocupa a cadeira número 12 da Academia Orleanense de Letras.

ICONOGRAFIA: *Poemas de amor e dor* (Orleans, Ed. do Autor, 2006. 106p.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poemas de amor e dor* (Orleans, Ed. do Autor, 2006. 106p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Poemas de amor e dor* (Orleans, Ed. do Autor, 2006. 106p.).

333. RITA RAFAEL

Nasceu em Tubarão – SC em 1960. Escreve desde cedo, mas só a partir de 1977 é que começou a arquivar seus poemas. Morou em diversas regiões do país e colaborou com alguns jornais do Estado e fora dele. Participou da antologia *Poesia Sertaneja* (Florianópolis, Lunardelli, 1984) e da coletânea *Flagrantes do cotidiano: contos* (Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes; Letras Contemporâneas, 1994), com o conto “O meritíssimo”. Fez parceria no samba enredo da Escola de Samba Vila Izabel de Laguna – Carnaval de 1988.

ICONOGRAFIA: *Da sedução da intimidade do mundo* (Florianópolis, Ed. CEPEC, 1988 – contracapa).

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Da sedução da intimidade do mundo* (Florianópolis, CEPEC, 1988.).

FORTUNA CRÍTICA: *Da sedução da intimidade do mundo* (Florianópolis, CEPEC, 1988 - contracapa).

334. RITA VALÉRIA DEBIASE

GÊNERO: poesia

OBRA: *Pedaços de mim* (Florianópolis, Ed. da Autora, 1984. 58p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.53).

335. ROSA BRANCA

Rosa Branca, pseudônimo de Guiomar Beltrão Ferreira, nasceu na cidade de Tibagi – PR, no dia 25 de agosto de 1924, mas fixou residência em Joinville – SC. Foi professora e colaboradora de várias

publicações em periódicos como: *Gazeta do povo; Jornal de São José dos Pinhais e A Notícia.*

GÊNERO: poesia

OBRA: *Glicínias de agosto* (1985); *Centenário de Gilberto Gutierrez* (1988); *Joinville - cidade das flores* (Curitiba, Ed. Lítero-técnica, 1991).

FORTUNA CRÍTICA: *Joinville - cidade das flores* (Curitiba, Ed. Lítero-técnica, 1991 – contracapa).

336. ROSA DE LIMA LEIDENS

Reside atualmente em Balneário Camboriú - SC.

GÊNERO: lit. infantil

OBRA: Coleção “SOS”: *Ambulância; Bombeiros; Polícia* (Blumenau, Editora Todolivro – SBN, [200-]); Coleção “Meios de transporte”: *Avião Bisito; Navio Navenic; Ônibus Binus; Trem Tobibo* (Blumenau, Editora Todolivro – SBN, [200-]); Coleção “Família feliz”: *Filho Poemito; Mamãe Poesia; Poemito: a ciranda das letras – as consoantes; Poemito: a ciranda das letras – as vogais; Poemito cria atividades divertidas – cores, formas, números* (cadernos 1, 2, 3, 4); *Poemito e o teatro dos números – números de 0 a 10; Poemito e o teatro dos números – números de 1 a 5; Poemito e os anjos da natureza – ecologia; Poemito e os sentidos do nosso corpo – os cinco sentidos* (Blumenau, Editora Todolivro – SBN, [200-]); Coleção “Animais da fazenda”: *A galinha Coroca; O patinho Pipo; O porquinho Pitoco; A vaca Pintosa* (Blumenau, Editora Todolivro – SBN, [200-]); Coleção “Animais do zoo”: *Elefante; Girafa; Leão; Macaco* (Blumenau, Editora Todolivro – SBN, [200-]); *Meu amigo dinossauro* (Blumenau, Editora Todolivro – SBN, [200-]); *A bíblia e a vida de Jesus* (Blumenau, Brasileitura, [200-]).

FORTUNA CRÍTICA: (Blumenau, Editora Todolivro – SBN, - catálogo).

337. ROSA DE LOURDES VIEIRA DA SILVA

Nasceu em Itajaí – SC em 06 de agosto de 1933. É formada em Letras, fez mestrado em Literatura Brasileira e em Literatura Portuguesa e atuou no magistério por muito tempo.

É membro da Academia Itajaiense de Letras, onde ocupa a Cadeira número 3.

Iniciou sua vida literária escrevendo contos e crônicas para alguns jornais. Em um deles, o *Jornal do Povo*, manteve uma coluna semanal por seis anos, “A Crônica da Cidade”, apresentada diariamente na *Rádio Clube de Itajaí*; trabalhou também na *FM do Litoral*, na divulgação de suas crônicas diárias sobre literatura e temas culturais em geral.

GÊNERO: conto, crônica, romance

OBRA: *Alma de seda* (conto - 1980); *A última gaivota* (romance - Itajaí, Comissão Municipal de Cultura, 1983); *O rei do peixe frito* (crônica – Itajaí, Ed. da Univali, [s.d.]); *Contos de natal* (conto - Itajaí, Ed. da Univali, 1999. 258p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.147); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.570).

338. ROSA DE SOUZA

Nasceu em Lisboa, Portugal, no dia 07 de abril de 1946, estudou em Paris, morou nos Estados Unidos e atualmente vive em Florianópolis – SC. Estudou contabilidade, mitologia, filosofia e história; escreveu poesias e ensaios os quais publicou em várias revistas americanas.

É membro da AEILIJ-SC, da ALIFLOR e da ACLA. Suas obras são publicadas de forma impressa ou a partir de áudio livros. A escritora divulga seus textos nos sites <http://clubecaiubi.ning.com/profile/RosaDeSouza>; <http://ecosdapoesia.net/index/r.htm>; <http://muraldosescritores.ning.com/profile/RosaDeSouza>; www.avpb.olga.kapatti.nom.br/avpb_home.html

ICONOGRAFIA: <http://aliflорfpolis.blogspot.com/>

GÊNERO: lit. infanto-infantil

OBRA: *Pergunte a seus sonhos* (São Paulo, Ed. Ibrasa, 2006); *Testículos habet et bene pendentes* (áudio livro – São Paulo, Ed. Audiolivro, 2007); *O segredo além do pensamento* (áudio livro – São Paulo, Ed. Audiolivro, 2007); *Testículos habet et bene pendentes* (livro impresso - São Paulo, Editora Ibrasa, 2008); *O segredo além do pensamento* (livro impresso - EUA, Amazon.com, 2008); *Pergunte a seus sonhos* (áudio livro – São Paulo, Ed. Audiolivro, 2008); *As aventuras de Jiro, Flé e Flá* (áudio livro – São Paulo, Ed. Audiolivro, 2008); *Reino meu* (áudio livro – São Paulo, Ed. Audiolivro, 2008); *Edouard* (USA, Amazon.com, 2009); *A beleza da espera* (USA, Amazon.com, 2009).

FORTUNA CRÍTICA: <http://aeilijsc.autonomia.g12.br>; dados fornecidos pela própria autora; <http://aliflорfpolis.blogspot.com/>

339. ROSA GODOI

Nasceu em São Miguel do Oeste – SC em 24 de maio de 1962 e mora em Campo Bom desde 1983. Cursou Pedagogia na FEEVALE. É funcionária do Município de Campo Bom - SC desde 1985.

Foi uma das fundadoras da ALVALES – Academia Literária do Vale e da POEVALE – Casa do Poeta do Vale, em Novo Hamburgo - RS. Fundou em Campo Bom a POEBOM - Casa Literária do Poeta de Campo Bom, em 2000, onde foi presidente por cinco anos, realizando seu grande sonho de abrir portas para novos talentos na área da Literatura lançando a coletânea poética *Retratos e Alma*. Fez parte do corpo de jurados do primeiro e segundo prêmio literário promovido pelo jornal *A Gazeta* de Campo Bom, onde tem a participação especial com os poemas: “Arjuna” e “Filosofia de um filho do Sol”. É membro da AEILIJ-SC e participa da antologia *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (org. por Yedda de Castro Goulart, 2009).

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *Antologia das cidades brasileiras* (Rio de Janeiro, Shogum Artes); *Raio de sol* (poesia); *Naika, a estrelinha* (lit. Infanto Juvenil); *Um novo amanhã* (Academia Literária); *O Vale Neon* (Academia Literária); *Dimensões paralelas* (POEVALE); *Essência da alma* (POEVALE); *Retratos e alma* (POEBOM).

FORTUNA CRÍTICA: http://aeilijsc.autonomia.g12.br/?page_id=175; *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.97-103).

340. ROSA PASQUAL

GÊNERO: crônica

OBRA: *Elo colorido* (crônica – Blumenau, Ed. Presença, 1978. 63p).

341. ROSANA BOND

Nasceu em Curitiba – PR, morou em Florianópolis - SC e retornou à capital paranaense em 1992 onde está até hoje. Iniciou cedo a carreira de jornalista. Foi repórter, colunista e editora em vários órgãos de imprensa do país – como *O Estado de S. Paulo*; *Folha de S. Paulo*; *Folha de Londrina*; *Jornal da Bahia*; *Jornal de Brasília*; *RBS-TV*; *O Estado*; *Correio do Povo*; *Tribuna da Bahia*. Foi colaboradora eventual em *O Globo*, revistas *Planeta*; *Sala de Aula*; *Veja*; *IstoÉ*; e correspondente internacional da agência noticiosa Apia-Cencos, do México.

Na década de 1990, tornou-se pesquisadora nas áreas de história e geografia e começou a escrever livros paradidáticos e ficções para o público infanto-juvenil. É membro da AEILIJ-SC; participa de várias antologias, dentre elas *Contistas e cronistas catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979) e *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (org. por Yedda de Castro Goulart, 2009).

ICONOGRAFIA: <http://www.atica.com.br/entrevistas/?e=149>

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *Nicarágua: a guerra não acabou* (jornalivro – Curitiba, Editora jornal O Estado do Paraná, 1981); *Nicarágua: a bala na agulha* (São Paulo, Ed. Ícone, 1985); *Sendero luminoso: fogo nos Andes* (Goiânia, Ed. Ruptura, 1991); *A civilização inca* (São Paulo, Ed. Ática, 1993); *A crise do mundo socialista* (São Paulo, Ed. Ática, 1994); *Antártida* (São Paulo, Ed. Ática, 1995); *Oriente Médio* (São Paulo, Ed. Ática, 1995); *O caminho de Peabiru* (Campo Mourão, Ed. Fundação Cultural de C. Mourão, 1996); *A magia da árvore luminosa* (São Paulo, Ed. Ática, 1997); *Japão* (colaboração na parte ficcional - São Paulo, Ed. Ática, 1997); *A saga de Aleixo Garcia, o descobridor do império inca* (Florianópolis, Ed. Insular e Fund. Franklin Cascaes, 1998); *Crescer é uma aventura* (São Paulo, Ed. Ática, 2002); *Peru: do império dos incas ao império da cocaína* (Rio de Janeiro, Coedita, 2004); *A civilização inca* – edição reformulada e ampliada (São Paulo, Ed. Ática, 2004); *A saga de Aleixo Garcia, o descobridor do império inca* – edição reformulada e ampliada (Rio de Janeiro, Coedita, 2005); *Japão* (colaboração na parte ficcional) – edição reformulada – (São Paulo, Ed. Ática, 2005).

FORTUNA CRÍTICA: http://aeilijsc.autonomia.g12.br/?page_id=177; *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.105-13).

342. ROSANA TEODORO

Nasceu em Florianópolis – SC em 05 de julho de 1968. É cantora e poetisa. Pertence ao grupo literário *A Ilha* e publicou nas revistas *Poemarte*; *A Ilha* e *Viva a poesia*. Seus poemas também foram expostos em jornais, como, *Extra*; *Manchete Catarinense*; *Evolução*; *Do Vale*. A autora participou de várias antologias, como, *Um toque de poesia*; *Poetas da praça*; *Poesia viva*; *A nova poesia catarinense*; *Fim de noite*.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Sempre Contigo* (Florianópolis, Edições A Ilha, 1985).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

343. ROSANE MAGALY MARTINS

Nasceu em Blumenau – SC. É escritora, terapeuta somática, advogada com abordagem holística e pós-graduada em Gerontologia. Especialista em Direito Civil, possui formação em Conscienciologia, Radiestesia, em Eneagrama e Terapia Floral. É também jornalista, foi editora do *Jornal de Santa Catarina* e Assessora de diversas ong's na Região do Médio Vale do Itajaí – SC.

Fundadora do movimento *Poetas Independentes* (Fundação Cultural de Blumenau – SC, 1988) na década de 1980, leva a poesia interligada à arte, música e dança para locais inusitados. Ocupa a Cadeira número 18 na Academia de Letras Blumenauense e integra a Sociedade dos Escritores de Blumenau, além disso, ocupa a Cadeira número 19, na Academia Catarinense de Letras e Artes – ACLA.

Recebeu premiações em diversos concursos literários e tem publicações em inúmeras coletâneas literárias em todo o país e no exterior; seu poema multimídia “Mantrash”, produzido em parceria com Alexandre Venera dos Santos, foi inserido no acervo virtual do Museu de Arte Contemporânea de Nova Iorque em 2004. Participa das antologias *Poetas e contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989); *Poema minuto* (Fundação Casa Dr. Blumenau, 1991); *O advogado e a literatura – poesia de advogados* (OAB/SC, Ed. 2000); *Crônicas de advogados* (OAB/SC, Ed., 2001); *Um rio de letras* (Ed. Nova Letra / Sociedade dos Escritores de Blumenau, 2002); *Sociedade dos Poetas Advogados* (Florianópolis, SPA/SC, 2005); *Estação Catarina: o trem passou por aqui* (Blumenau, Nova Letra, 2009).

Na área da dramaturgia foram apresentadas as peças de sua autoria: *Veias cativas* (1986); *Funesta noite* (1992) e *Cio das feras* (2002), todas no Teatro Carlos Gomes, Blumenau – SC.

Rosane Magaly Martins é idealizadora e presidente do *Instituto ame suas rugas* que atua com projetos sociais em prol do envelhecimento

ativo, qualidade de vida e longevidade. É uma das organizadoras e coautora dos livros *Ame suas rugas: viver e envelhecer com qualidade* (2006); *Ame suas rugas: aproveite o dia* (2007) e *Ame suas rugas: pois há muito o que viver* (2008).

ICONOGRAFIA: *Poemas para além do tempo* (Blumenau, HB Ed., 2005. 144p.)

GÊNERO: poesia, teatro

OBRA: *Fel do cio* (poesia – Blumenau, Ed. Baungarten, 1987); *Poemas para além do tempo* (português/inglês - Blumenau, HB Ed., 2005. 144p.); *Diário de uma aborrecente* (2007) e *Martins ao cubo* (livro-arte, 2008).

FORTUNA CRÍTICA: *Poetas e contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989, p.127); *Poemas para além do tempo* (Blumenau, HB Ed., 2005. 144p.); *Sociedade dos Poetas Advogados* (Florianópolis, SPA/SC, 2005, p.223-31).

344. ROSÂNGELA BORGES

Nasceu em Joinville – SC, no dia 01 de outubro de 1969. É professora e, desde cedo, escreve poesia. Tem publicado seus poemas em diversos jornais, revistas e antologias e pertence ao grupo literário *A Ilha* desde os 13 anos de idade. A partir do ano de 2005, aventurou-se pelos caminhos na literatura infantil e obteve grande êxito, tendo suas edições esgotadas em pouco tempo.

GÊNERO: poesia, literatura infantil

OBRA: *Conversa de bichos* (poesia infantil – Minas Gerais, Franco Editora, 2005); *Limpeza na gaveta* (poesia infantil – Minas Gerais, Franco Editora, 2005, Coleção Bambolê); *Canção nua* (poesia - Florianópolis, Ed. A Ilha, 2007, Coleção Poesia Viva).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

345. ROSÂNGELA VERÔNICA DOS SANTOS

Nasceu em Santa Catarina. É licenciada e bacharel em Ciências Sociais pela UFSC; possui mestrado em Sociologia Política. É socióloga, pesquisadora e professora universitária.

Escreveu diversos artigos para os jornais *Diário Catarinense*, *O Estado*, *A Notícia*; *Jornal de Santa Catarina* e possui muitas publicações em revistas especializadas.

Além de ficção, escreveu também *Silicose ocupacional: a face da problemática social*, pela Editora LTR/SP.

GÊNERO: romance

OBRA: *Vivências nos mundos do trabalho* (Florianópolis, Papa-Livro, 2000. 153p.).

BIBLIOGRAFIA SOBRE A AUTORA: *Vivências nos mundos do trabalho* (Florianópolis, Papa-Livro, 2000 - contracapa).

346. ROSANI APARECIDA SCHIAVINI

Nasceu em Itá – SC.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Liberdade de pensamento* (1987)

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.60).

347. ROSELI BROERING DOS SANTOS

Mora em São José – SC. Possui graduação em Letras - Português (2001) e mestrado em Literatura Brasileira (2007) pela UFSC. É poeta, fotógrafa e professora de literatura. Participou de vários concursos de

poesia pelo país e recebeu premiações, dentre elas o *II Prêmio Noite e Poesia de Tatuí* (ASSETA - Faculdades de Tatuí – SP, 2001).

ICONOGRAFIA: fatenp.com.br

GÊNERO: poesia

OBRA: *O deserto do será* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1987).

FORTUNA CRÍTICA: *O deserto do será* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1987 - contracapa).

348. ROSELI GALLET

GÊNERO: teatro

OBRA: *O bicho come-come... e o dia em que a mata escureceu* (teatro – In: *Dramaturgia: I Concurso Estadual*, Florianópolis, FCC, 1982. p.135-161); *O mundo do brilho* (teatro – In: *Dramaturgia: II Concurso Estadual*, Florianópolis, FCC, 1983. p.39-74).

349. ROSELI SCHUTEL

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *A laranja bailarina* (Florianópolis, LADESC, 1985).

350. ROSILAINE MARTINS

GÊNERO: poesia

OBRA: *Adolescente: sonhos e poemas* (Florianópolis, Papa-Livro; ETFSC, [19-]).

351. ROSILENE TONDELLO

Ondina Rosilene Fortes Tondello (Rosilene Tondello) nasceu em Laguna – SC . É formada em Letras Português - Inglês pela UFSC e exerceu o magistério durante algum tempo. Atualmente é docente na Fundação Logosófica de Florianópolis, membro da Academia de Letras de Biguaçu, onde ocupa a Cadeira número 17, pertence à ACPCC e à AEILIJSC . Participa, também, da antologia *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (org. por Yedda de Castro Goulart, 2009).

GÊNERO: Lit. infanto-juvenil

OBRA: *A força do afeto* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1996); *Marcelo e a evolução do universo* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1997); *Criança: 7 poemas para viver; A defesa do forte* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1999, il. de Francisco Mibielli); *Sementes da paz* [20-]).

FORTUNA CRÍTICA: http://aeilijsc.autonomia.g12.br/?page_id=173; *5ª Antologia poética* (Florianópolis: ACPCC, 2002, p.142-45); *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.89-95).

352. RUTE MARIA COELHO AMORIM

Nasceu em Jaguaruna – SC aos 28 de abril de 1948, onde passou toda a sua infância. Na adolescência morou em Laguna – SC e, aos vinte anos, fixou moradia em Florianópolis – SC. Atuou como professora de didática da língua portuguesa e como diretora de ensino na UDESC. É mestre em Linguística pela UFSC. Participou do projeto de implantação da Escola Polivalente de Florianópolis, vindo mais tarde a ocupar o cargo de diretora da mesma.

ICONOGRAFIA: *Coração cigano* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1996 – contracapa).

GÊNERO: romance

OBRA: *Coração cigano* (Florianópolis, Papa-Livro, 1996. 92p.); *Coração presente* (Florianópolis, Papa-Livro, 1997. 144p.); *Coração esperança* (Florianópolis, Ed. do Autor, 2000. 156p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Coração cigano* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 1996 - contracapa).

353. RUTH DE FARIAS CORAL

GÊNERO: Lit. Infantil

OBRA: *Amigos inseparáveis* ([s.n.], [s.l.], [s.d.]).

354. RUTH LAUS

Nasceu em Tijucas – SC em 25 de janeiro de 1920, mas fixou residência no Rio de Janeiro - RJ desde 1952. Além de escritora, foi assessora de artes plásticas, decoradora e crítica de arte. Realizou diversos estudos artísticos dentro e fora do país e colaborou várias vezes com movimentos culturais, produzindo e apresentando encontros artísticos.

É descendente de imigrantes alemães que se estabeleceram na região no início do século 19. Foi alfabetizada por sua irmã mais velha, a professora primária Judith - Ruth Laus estudou no Grupo Escolar Cruz e Sousa, de Tijucas, e na Escola Normal Anexa. Dos 15 aos 16 anos fazia a Coluna Social do Jornal Tijucano *O Binóculo*.

Em 1936 foi para Passo Fundo – RS, onde, durante sete anos, teve aulas-práticas, diárias de administração de empresa, relações públicas e vitrinista.

Em 1943, partiu para Porto Alegre – RS, e lá se formou em aulas práticas (curso completo) de Secretariado.

A partir de 1952 passa a residir no Rio de Janeiro e inicia seus estudos de Museologia (MEC), Composição e Análise Crítica (MAM), História da Arte e Estética (Instituto de Belas Artes) e História Comparativa da Música e Artes Visuais (Escola Nacional de Belas Artes). Quatro anos depois funda e dirige a Galeria Villa Rica, onde promove intenso

movimento artístico-cultural, abrindo espaço para novos talentos que mais tarde se tornariam grandes nomes das artes plásticas.

Em 1957, estreia coluna de artes plásticas em *O jornal*, Rio de Janeiro, onde permaneceu por um bom tempo. Assinou colunas na revista *Gam e Leitura*. Produziu, dirigiu e apresentou o programa *Studium* na extinta TV Continental sobre arte e artistas.

Entre 1961 a 1991 realizou diversas viagens pelo mundo (Europa, Oriente Médio, EUA, América do Sul e Central) pelo Itamaraty, nas quais demonstrou seu interesse cultural através de suas artes, proferindo palestras sobre arte brasileira. Entre as décadas de 1960 e 1970 publicou dois livros voltados à decoração: *Decoração – nem módulo nem Mafuá* (Rio de Janeiro, Ed. Leitura, 1966) e *Decoração brasileira* (Rio de Janeiro, Ed. Tecnoprint, 1977).

Quando Harry Laus, seu irmão, morreu, em 1992, Ruth passou a se dedicar à reedição de sua obra literária e organizou-a em: *A décima carta – Laus. Apenas*. (Rio de Janeiro, Ed. Egeu Laus, 1994).

Ruth Laus recebeu os seguintes prêmios: prêmio *Academia Catarinense de Letras*, pela obra *A décima carta*; prêmio *Alejandro José Cabassa*, pelo livro *Relações* (Rio de Janeiro, UBF); medalha *Harry Laus* (Rio de Janeiro, UBE), pela edição da obra inédita de Harry Laus; verbete no *Dicionário de artes plásticas* (Roberto Pontual); *Dicionário brasileiro de artistas plásticos* (Instituto Nacional do Livro – MEC); *Dicionário da escritora brasileira* (São Paulo); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre); *Indicador catarinense de artes plásticas* (Santa Catarina); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis); *Encyclopédia de literatura brasileira – Vol II* (Rio de Janeiro); *Antologia de contos tchecoslovacos*, tradução do espanhol (Rio de Janeiro, Ed. Leitura, [s.d.]); *História da arte carioca* (Rio de Janeiro, Frederico de Moraes). Recebeu títulos das seguintes entidades: *Association International des Critiques d'Art* (sede Paris); *Asociación Latinoamericana de Artes Visuales* (sede Buenos Aires); *União Brasileira de Escritores - RJ* (Rio de Janeiro); *União Brasileira de Escritores – SC* (Florianópolis).

A autora deixou o Rio de Janeiro aos 80 anos e voltou para a sua terra natal, onde faleceu aos 87 anos, no dia 12 de setembro de 2007, em Tijucas (SC), no hospital em que estava internada, vítima de um AVC.

ICONOGRAFIA: Disponível em: <http://ruthlaus.blogspot.com>

GÊNERO: romance, conto

OBRA: *Viagem ao desencontro* (romance – Rio de Janeiro, Ed. Leitura, 1972); *Presença de Thalia* (romance – Rio de Janeiro, Ed. Egeu Laus, 1989); *Relações* (conto – Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1994); *Viagem ao desencontro* (romance - Porto Belo, Ed.Laus, 1999); *Interlúdio* (narrativa - Rio de Janeiro, Ed. Cervantes, 2000); *Villa Rica: um tempo feliz* (Florianópolis, Ed. Mulheres, 2005).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.157); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.160); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.68); *A mulher desmascara seus desencontros* (In: *Décima Carta*: Laus apenas. Rio de Janeiro, 1994); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.269); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.575-576).

355. RYANA GABECH

GÊNERO: poesia

OBRA: *A data invisível do poema* (Blumenau, Nova Letra, 2006. 72p.).

S

356. SALETE BUENO

Salete Aparecida Bueno Oliveira Fochezatto (Salete Bueno) nasceu em Monte Castelo - SC. Aos 18 anos foi morar em Lages – SC, onde trabalhou como babá e empregada doméstica. Após casar-se, foi morar em Campo Belo do Sul – SC, lugar em que começou a escrever suas histórias. É membro da AEILIJ-SC e participa das antologias *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (org. por Yedda de Castro Goulart, 2009) e *Nono Carretão de versos e prosas: operários literários – 20 anos da ALE* (Lages, ALE, 2010).

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *As Aventuras de Billy*; *As Aventuras de Billy II - A Jornada*.

FORTUNA CRÍTICA: *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.115-21); *Nono Carretão de versos e prosas: operários literários – 20 anos da ALE* (Lages, ALE, 2010, p. 104-06); http://aeilijsc.autonomia.g12.br/?page_id=345.

357. SALETE HOLSKE

Nasceu em Lages – SC, mas reside há muito tempo em Florianópolis. Tem seus poemas publicados no suplemento literário *A Ilha* e em jornais, como, *Extra*; *Manchete Catarinense*; *A Notícia*, e participa das seguintes antologias: *Poetas da praça* (Joinville); *Poesia viva* (Joinville, Ed. A Ilha); *Fim de noite e A nova poesia catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2008).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Percurso* (poesia – Coleção Poesia Viva).

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

358. SALMA FERRAZ

Salma Ferraz de Azevedo Oliveira é formada em Letras pela Faculdade Hebraico Brasileira Renascença de Letras de São Paulo, possui especialização em Literatura Brasileira e Literatura Infantil pela UFRJ. Fez mestrado em Literatura Portuguesa, pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, e doutorado em Letras Literatura Portuguesa nessa mesma instituição. Cursou o pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (2008).

Atualmente é professora Titular de Literatura Portuguesa da UFSC em Florianópolis e atua na pós-graduação de Literatura com a linha de pesquisa Teopoética – Os estudos comparados entre Teologia e Literatura.

No mundo acadêmico, possui experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia, atuando principalmente nos seguintes temas: lit. portuguesa - José Saramago, teologia, bíblia, literatura, Madalena, Judas, Diabo, contos, criação literária e lit. portuguesa. Dirige o NUTEL, Núcleo de Estudos comparados entre Teologia e Literatura sediado na UFSC, em Florianópolis – SC.

É crítica e ensaísta com inúmeros artigos publicados e autora de vários livros de crítica literária.

Já recebeu diversos prêmios por sua literatura, dentre eles: *XXX Concurso Literário de Contos, FEMUP*, “O capote” (Fundação Cultural de Paranavaí, 1998); *II Concurso Nacional Literário da Primavera*, pela obra *Em nome do Homem* (1998); *Concurso Nacional de Literatura - Crônicas Paranaenses* (Secretaria do Estado e da Cultura do Paraná, 1999); *I Concurso Nacional de Contos Mosaico* (1999); *Concurso Nacional e Internacional em LP de Contos Poeta Nuno Álvaro Pereira* (Editora Valença, 1999); *XXXI Concurso de Contos, FEMUP*, “A sacerdotisa de Baco” (Fundação Cultural de Paranavaí, 1999); *II Prêmio Missões*, “O sobrenome da rosa” (RS, Igaçaba Produções Culturais, 1999); *II Prêmio Missões - Conto “O sobrenome da rosa”* (Roque Gonzales, RS - Igaçaba Produções Culturas, 1999); *Colar Mérito Literário* (Academia de Letras e Ciências de São Lourenço, Academia de Letras de São Lourenço, 1999); *XXXIV Festival de Música (FEMUP)*

e Poesia e XXX Concurso de Contos “A sacerdotisa de Baco” (Fundação Cultural de Paranavaí, 1999); XXXI Concurso Literário de Contos, FEMUP, “As camélias de Vila Miel” (Fundação Cultural de Paranavaí, 2000); prêmio Cataratas (Fundação Cultural de Paranavaí, 2000); Festival de Arte, categoria conto, ANDES (2000); troféu Boi de Mamão, “Na terceira margem da história” (Câmara Catarinense do Livro, 2000); IX Concurso Nacional de Contos - prêmio Ignácio Loyola Brandão, “A felicidade é azul” (Prefeitura Municipal de Araraquara, 2000); prêmio Péricles de Moraes (União Brasileira dos Escritores, 2004); Concurso de Contos Paulo Leminski (UNIOESTE, 2005); prêmio Franklin Cascaes de Literatura (Fundação Cultural de Florianópolis - Franklin Cascaes, 2005).

Além de livros de ficção, Salma Ferraz também escreveu obras técnicas, como, *Desmistificando a redação* (co-autoria – Florianópolis, UFSC, 1997); *Ensaios: Fernando Pessoa, Eça e Saramago* (São Paulo, Cone Sul, 1998); *O jeitinho brasileiro de Sherlock Holmes* (Blumenau, Furb, 1998); *O rei leão e a memória do mundo* (Blumenau, Furb, 1998); *A sagrada luxúria de criar* (Porto Alegre, Edipuc, 1999); *O quinto evangelista* (Brasília, UNB, 1999); *O (des)evangelho Segundo José Saramago* (Brasília, UNB, 1999. 152 p.); *Na terceira margem da história* (Blumenau, Furb, 1999); *Dicionário machista* (Londrina, Campanário, 2002); *As faces de Deus na obra de um ateu* (Juiz de Fora, EUFJF, 2004); *No princípio era Deus e Ele se fez poesia* (Rio Branco, Ed. Universidade Federal do Acre, 2008. v. 1. 353 p.); *Literatura Portuguesa I.* (Florianópolis, UFSC, 2008. v. 1. 181p.).

ICONOGRAFIA: <http://lattes.cnpq.br/4595764016473074>

GÊNERO: conto

OBRA: *Em nome do Homem* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. 78 p.); *O ateu ambulante* (Blumenau – Ed. da FURB, 2000); *A ceia dos mortos* (Florianópolis, Ed. da Autora, 2007. 74p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A ceia dos mortos* (Florianópolis, Ed. da Autora, 2007 – contracapa).

359. SANDRA LOSEKANN

GÊNERO: poesia

OBRA: *Raízes aéreas* (Porto Alegre, Movimento, 1984. 62p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.196).

360. SELMA FRANZOI DE AYALA

É formada em Letras, pela Universidade Regional de Bagé – RS e especialização em Letras pela UFPR em convênio com a Univille.

Além de poeta, é tradutora e professora. Possui seus trabalhos publicados em jornais e revistas, inclusive no exterior – alguns de seus poemas foram traduzidos para o italiano, espanhol e inglês.

Trabalhou na fundação da Associação de Poetas Independentes de Jaraguá do Sul nos anos 1990.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Alma boêmia*

FORTUNA CRÍTICA: *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009); www.riotal.com.br/coojornal/amorim246.htm.

361. SILDA THEREZA

Silda Thereza Carbonera nasceu em Carazinho – RS aos 09 de dezembro de 1934, mas reside atualmente em Lages – SC. Manteve coluna cultural de 1978 a 1982; publica contos e poemas no jornal *Correio Lageano*, colaborou com a revista *O Carretão* (SC); participa de várias antologias pela ALE da qual foi presidente e ajudou na fundação. É membro atuante da ALE, participa do Centro de Artes de Lages e da Casa da Cultura de Lages.

ICONOGRAFIA: *Doces mistérios: prosa e poesia* (Lages, Pérola, 1995. p.34).

GÊNERO: poesia, conto, crônica

OBRA: *Nossos caminhos: poesias, contos & crônicas* (Lages, Medigraf, 1981. 81p.); *De cujas sandálias não sou digna* (Lages, Medigraf, 1983. 61p.); *Passageiros do tempo* (Lages, Pérola, 1989. 58p.); *Doces mistérios: prosa e poesia* (Lages, Pérola, 1995. 36p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *De cujas sandálias não sou digna* (Lages, Medigraf, 1983 - contracapa).

362. SILVIA BRUM

GÊNERO: Lit. infanto-juvenil

OBRA: *A palavra mágica* (Florianópolis, LADESC, 1985).

363. SILVIA GIOSO

GÊNERO: teatro

OBRA: *Aguardia* (In: *Dramaturgia: III Concurso Estadual*, Florianópolis, FCC, 1984. p.51-78).

364. SIMONE LUIZA BALDISSARELI

Nasceu em Ipumirim – SC aos 02 de setembro de 1969. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo na UFSC. Colaborou com a publicação do periódico *Integração infantil*, de Impumirim.

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *Cuidado, cidade* (Florianópolis; Ipumirim, Prefeitura Municipal, 1987. 24p.)

FORTUNA CRÍTICA: *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis, FCC, Paralelo 27, 1993, p.38).

365. SIRLANE MELO BRÜGGE MANN

Nasceu em Lages – SC em 15 de junho de 1961.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Secreta solidão* (Florianópolis, Garapuvu, 1999. 72p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Secreta solidão* (Florianópolis, Garapuvu, 1999. 72p.).

366. SIRLENE S. DE AMORIM

Nasceu em Florianópolis – SC aos 06 de setembro de 1980, mas ainda pequena mudou-se para Imbituba – SC, cidade em que mora até hoje.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Luz* (Florianópolis, ETEFSC, 1995. 62p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Luz* (Florianópolis, ETEFSC, 1995. 62p.).

367. SISSY DÂUM

Nasceu em Lages – SC. Possui pós-graduação em Orientação Educacional, atuou na Imprensa como colunista dos jornais *O Regional* (Joaçaba) e *Diário do Litoral* (Itajaí) e como radialista, sob o pseudônimo de Tina Martinez, na Rádio Cidade de Brusque e na Sociedade Rádios Araguaia de Brusque. Foi membro da Associação Brusquense de Poesia e Artes – Aspas.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Realce* (Brusque, Ed. da Autora, 1988), *Roda Viva* (Brusque, Ed. da Autora, 1990).

FORTUNA CRÍTICA: *Realce* (Brusque, Ed. da Autora, 1988).

368. SÔNIA RÉGIS

Nasceu em Santa Catarina – SC, mas reside em São Paulo – SP. Ficcionista memorialista, ensaísta, professora universitária, pesquisadora, crítica literária, tradutora, Sônia é formada em Letras e Teoria Literária. Colabora intensamente na grande imprensa e no meio universitário.

Estreou como ficcionista em 1994, com a obra *O brontossauro azul ou aritmética progressiva*.

Segundo Nelly Novaes Coelho, *O brontossauro azul ou aritmética progressiva* é

[...] um título estranho que, só ao longo da leitura, se nos revela em toda sua dolorosa significação: a da agressão humilhante a um eu ansioso por ser conhecido e aceito como alguém, mas que é continuamente frustrado em seus anseios de comunhão e de amor. (COELHO, 2002, p.592).

GÊNERO: ficção, memória

OBRA: *O brontossauro azul ou aritmética progressiva* (1994).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.592).

369. SONIA RIPOLL LOPES

Nasceu em Alegrete – RS no dia 31 de julho de 1949, mas vive em Florianópolis há alguns anos. É formada em Letras – Português/Francês, pela Faculdade de Filosofia e Letras de Alegrete.

Contista, poeta e teatróloga, participa como membro efetivo do Grupo de Poetas Livres, da ALIFLOR dos CAPCC, do grupo Literário Letras no Jardim e da Academia de Letras de Palhoça.

Dedica-se à dança, ao canto e à pintura óleo sobre tela. É fundadora e coordenadora do grupo teatral *Amor Cristiano*.

Publica seus trabalhos em diversos jornais e revistas: jornal *Hora de Santa Catarina*; *Diário de Coqueiros* e jornal *Palavra Palhocense*. Participa, também, de várias antologias, como *Antologia dos Escritores Contemporâneos* (Rio de Janeiro, Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2008); *Antologia da ALIFLOR* (Florianópolis, Nova Letra, 2010); revista *Ventos do Sul* (nº 30, 31, 32, 33 - anos 2008 e 2009); revista *Vozes de Canelinha* (2008); revista *Viva Cultura de Varginha* (Varginha – MG, 2010).

ICONOGRAFIA: *A quem amo* (Florianópolis, ED. Imaginar o Brasil, 2007. 68p. il.).

GÊNERO: conto, poesia, teatro

OBRA: *A quem amo* (poesia - Florianópolis, ED. Imaginar o Brasil, 2007. 68p. il.); *Ainda choro* (poesia - Rio de Janeiro, Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2010); *A flor e o passarinho* (teatro); *Diálogo inseguro* (teatro); *Kiki honesto* (teatro); *A travessura de Xexé* (teatro).

FORTUNA CRÍTICA: Dados fornecidos pela própria autora.

370. STELA MARIA NASPOLINI

Ver Tia Stela.

371. SUELI RODRIGUES BITTENCOURT

Nasceu em Orleans – SC, mas vive em Florianópolis desde os sete anos de idade. Professora de didática aposentada pelo Instituto Estadual de Educação de Florianópolis – SC. Idealizou, formatou e coordena o projeto “Paz e Poesia”. Pertence ao Grupo de Poetas Livres. Tem suas poesias e crônicas publicadas em jornais e revistas de Florianópolis e de São Paulo.

Sueli, além de escritora, foi pioneira na criação de cursos de educadoras pré-escolares em Santa Catarina. Criou jardins de infância em Santa Catarina e em São Paulo, criou também o IBE - Instituto de Babás Educadoras (SP), considerada a 1^a escola de babás no mundo. A autora lançou seu primeiro livro aos 86 anos de idade, uma obra que faz todos refletirem sobre suas atitudes perante a sociedade.

ICONOGRAFIA: <http://www.poetaslivres.com.br/poeta.php?codigo=53>

GÊNERO: poesia, crônica

OBRA: *Suavize seu viver e sim ou não? Por quê?* (poesia, crônica – Orleans, Ed. da Autora, 2006); *Suavize seu viver – reflexões em prosa e verso* (poesia, crônica – Orleans, Ed. da Autora, [19-]).

FORTUNA

CRÍTICA:

<http://www.poetaslivres.com.br/poeta.php?codigo=53>; *Grupo de Poetas Livres – 10 anos*. (Florianópolis. Editograf, 2008, p.85).

372. SUELI TEREZA MAZZUCO MAZURANA

Nasceu em Urussanga – SC e reside em Orleans – SC. Professora de português, inglês, espanhol e italiano, foi por três vezes presidente da Academia Orleanense de Letras, a segunda mais antiga do Estado de SC. É graduada em Letras Português, Inglês e Espanhol, pela UNISUL, possui especialização em Língua Portuguesa e Inglesa, mestrado e doutorado em Literatura Brasileira pela UFSC. É escritora, roteirista e diretora de teatro. Pertence à Associação Catarinense de Escritores e à AEILIJ-SC. É co-autora das 33 edições da Revista ELO. Participa de diversas antologias, tais como, *Série sinos de Orleans; Série da*

Academia Orleanense de Letras; O professor é um poeta e Antologia do varal literário. Ganhou os seguintes prêmios literários: prêmio *Guilhermino César*, de poesia (Faculdade de Ijuí - RS, com o poema “Elegia a Cecília Meireles”); prêmio *21 Dedos de Prosa* (FCC); e prêmio *UNISUL*, de contos.

A obra de Sueli Mazurana busca na paisagem de sua cidade a inspiração para sua poesia. A autora participa de diversas atividades culturais: foi uma das fundadoras do Movimento Cultural de Orleans; ajudou a fundar o coral italiano *Stele Alpine*, do qual foi por duas vezes presidente e por duas vezes vice-presidente; uma das fundadoras da Academia Urussanguense de Letras; idealizadora e titular do programa radiofônico italiano semanal *Va Pensiero*.

Exerce, ainda, outras atividades: foi uma das fundadoras do Grupo Ecológico Ativista Sul-catarinense (GEASC); militante do Movimento de Mulheres Campesinas (MMC); candidata a cargo eletivo; membro fundador do Fórum Social e das entidades não-governamentais do Município de Orleans; membro da Associação dos Descendentes Friulanos de Urussanga; filiada ao SINTE; participante do Congresso Estadual das Academias e Associações de Escritores de SC.

ICONOGRAFIA: *Tempo de querer* (Florianópolis, FCC/ IOESC, 1982).

GÊNERO: poesia, lit. infanto-juvenil, conto, crônica, romance

OBRA: *Tempo de querer* (poesia - Florianópolis, FCC/ IOESC, 1982); *Antes rir do que chorar* (Sátira brasileira/humor - Gráfica Miranda - Orleans, 2005); *Tia Sula e cia* (lit. infanto-juvenil - Orleans, Ed. do Autor, 2006).

No prelo: *Gianella, minha história (quase) verdadeira* (romance)

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.286); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.216); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.21); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.48); dados cedidos pela própria autora.

373. SULAIR MARIA DE SOUZA

Nasceu em Laguna – SC, em 1955.

GÊNERO: romance

OBRA: *Destino cigano* (romance – Porto Alegre, 1987); *Diário de Elisa* (romance – Porto Alegre, 1987); *A pensão do reencontro; Sonhos de areia; Lembranças de Josefa; Além do arco-íris*.

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.521).

374. SUSAN HELENA DE SOUZA SILVEIRA

Nasceu em Blumenau – SC.

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: Coleção “Amiguinhos ursos”: *O passeio da ursinha Tuta* (Blumenau, Todolivro, 2005); *O ursinho Cacá vai à escola* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *O ursinho Leco vai ao médico e ao dentista* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *O ursinho que adora brincar* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Amiguinhos Assustadores* – Maleta (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Livro de pano do bebê: orações para dormir e brincar* (Blumenau, Brasileitura, [200-]); Coleção “Duendes”: *Duende amigo* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Duende arquiteto* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Duende mágico* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Duende protetor* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Duende travesso* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Duendes brincalhões* (Blumenau, Todolivro, 200?); *Duendes capitães* (Blumenau, Todolivro, [200-]). Coleção “A magia das fadas”: *Fada alva* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Fada azul* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Fada das luzes* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Fada das mil cores* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Fada dourada* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *Fada verde* (Blumenau, Todolivro, [200-]); *O mundo encantado das fadas*,

duendes e gnomos (com Roberto Belli – Blumenau, Todolivro, [200-]); *O mundo iluminado das fadas* (Blumenau, Todolivro, [200-]).

FORTUNA CRÍTICA: Editora Todolivro (Blumenau - catálogo).

375. SUSANA NUNES

GÊNERO: poesia

OBRA: *Lembranças de outrora* (Tubarão, Ed. da Autora, 2008. 64p. il.).

376. SUZANA ALBINO FRANÇA

Nasceu em Lages – SC no dia 25 de maio de 1962. É médica veterinária e já trabalhou em alguns cargos do Estado.

ICONOGRAFIA: *Gosto da chuva do mundo* (Lages, Prefeitura Municipal, 1988. 63 p. il. - contracapa.).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Gosto da chuva do mundo* (Lages, Prefeitura Municipal, 1988. 63p. il.).

FORTUNA CRÍTICA: *Gosto da chuva do mundo* (Lages, Prefeitura Municipal, 1988. 63p. il. - contracapa).

377. SUZANA MAFRA

Nasceu em Brusque – SC, em julho de 1966. Graduou-se em Biblioteconomia e é mestre pela UFSC. Trabalha atualmente na Biblioteca Pública de Brusque, onde criou o Mural Permanente de Poesia. Foi cronista semanal do jornal *A Notícia* entre maio de 2006 e fevereiro de 2009, na seção *Anexo*. Participa de várias coletâneas, dentre elas, *Conto e poesia: 3º Concurso literário* (Florianópolis, Sinergia,

1999); *Poetando e contando* (Jaraguá do Sul, APEIJAS, 2000); *Espelhos da língua*: antologia do “1º. Prêmio Cidade de Blumenau”; *Concurso de conto e poesia* (Blumenau, Cultura em Movimento, 2001); *Conto e poesia: 4º. Concurso literário* (Florianópolis, Sinergia, 2002); *A UFSC na minha história: 40 anos de UFSC – 33 crônicas* (Florianópolis, EDUFSC, 2002); *Um rio de letras: antologia de verso e prosa. Sociedade Escritores de Blumenau* (Blumenau: Nova Letra, 2002); *A inspiração de Antonieta de Barros - Prêmio Franklin Cascaes de Literatura: poesia* – (Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 2003); *Conto e poesia: 5º. Concurso literário* (Florianópolis: Sinergia, 2005); *O novo conto catarina* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 2008). A autora publicou também nas revistas *Babel*, de janeiro a dezembro de 2003, e *Magma*, em dezembro de 2008.

Suzana é detentora do prêmio *Franklin Cascaes*, 2001, e prêmio *Palco Habitásul*, poesia, 2006. Obteve menção honrosa no prêmio *Hernâni Cidade*, Portugal, 2007 e foi finalista do concurso da Editora Rocco “*Uma carta para Clarice*”, 2007.

Atualmente, a autora mantém o blog www.borboletrasnoquintal.blogspot.com, o qual foi destaque na revista *Bons Fluidos*, de junho de 2008.

ICONOGRAFIA: <http://borboletrasnoquintal.blogspot.com>

GÊNERO: poesia

OBRA: *Borboletras: poemas curtos que voam* (Florianópolis, EDUFSC, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: <http://borboletrasnoquintal.blogspot.com>; dados fornecidos pela própria autora.

378. SYLVIA AMÉLIA

Nasceu no Rio de Janeiro – RJ em 03 de março de 1914, mas veio ainda pequena para Florianópolis – SC. É formada em Jornalismo, Direito e Técnico de Administração; também se formou em Letras no Colégio Coração de Jesus. Atuou como professora, advogada e consultora jurídica de instituições. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura de

SC nos anos de 1978 a 1990; trabalhou nas câmaras de Letras e Ciências Humanas, havendo ocupado a presidência do órgão de 1988 a 1990.

Escreveu crônicas, poesias, artigos políticos, reportagens e estudos biográficos e participou de diversos jornais e revistas de Santa Catarina. Participa de várias antologias, dentre elas *Poemas do meu caminho: antologia poética* (Florianópolis, Academia Catarinense de Letras, 1993); *Poemas de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997, p.73-78).

É membro da Academia Catarinense de Letras onde ocupa a Cadeira número 26; é membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de SC; delegada da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB) em SC e sócia de outras entidades culturais no estado e no país.

A partir dos anos de 1930 passa a colaborar regularmente na imprensa catarinense (*A República*; *Diário da Tarde*; *O Estado*, etc.). Como jornalista militante, foi redatora e manteve colunas culturais em jornais, com os nomes literários de Aivlys e Silviamelia. Como poeta, iniciou-se publicando na imprensa e em antologias. Seu primeiro livro foi *Poemas no Tempo*, em 1985.

As poesias e crônicas de Silviamélia abordam temas saudosistas, o cotidiano, paisagens humanas, dramas sociais, referências à ilha de Florianópolis: o vento sul, as rendeiras, a cultura em geral, o sol, a praia, tudo isso numa linguagem simples, cheia de ritmo e sonoridade. Seus poemas possuem ressonâncias do parnasianismo pomposo de Bilac. A autora participou de diversas atividades culturais: integrante do grupo de trabalho para a reforma do ensino em SC (1965); simpósio sobre povoamento e colonização de SC (1975); grupo de trabalho para a implantação do Museu Histórico (1977).

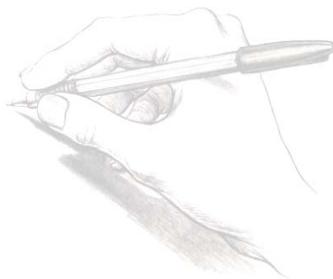
É também autora de obras não ficcionais: *A taquigrafia em Santa Catarina* (1939); *A técnica comercial e processos de propaganda* (1942); *A natureza jurídica da convenção coletiva do trabalho* (1955); *Livros de ajebiana* (1979); *Ajebianas de sul a norte* (1988).

ICONOGRAFIA: Disponível em: www.acl-sc.org.br

ESTILO: poesia, crônica

OBRA: *Poemas no tempo* (Florianópolis, Ed. Sanfona, 1985); *Poemas do meu caminho: antologia poética* (Florianópolis, Academia Catarinense de Letras, 1993. 80p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário literário brasileiro* (Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p.226); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.604).



T

379. TALITA DANTA DE CAMPOS

Nasceu em Santa Catarina.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Passos na estrada, poemas e um pouco de filosofia* (Florianópolis, Ed. Edeme, 1980); *Os livros; Sentimentos; Ser poeta; Porque sou mística; Espírito e alma*.

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.50).

380. TAMARA KAUFMANN

Nasceu na Rússia, em 1936, e veio para o Brasil aos 12 anos de idade. Exerceu cargos executivos de secretária e assistente.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Santa Catarina entre linhas e poemas* (Itajaí – FUNCULTURAL, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: *Santa Catarina entre linhas e poemas* (Itajaí – FUNCULTURAL, 2006 - contracapa).

381. TÂNIA REGINA DOS ANJOS

Nasceu em Florianópolis – SC aos 22 de julho de 1958. Graduou-se em Pedagogia na UFSC e trabalhou em vários cargos públicos da Capital Catarinense.

Em 1978 participou com dez poemas na publicação do livro *Embruão*; em 1982 fez sua primeira publicação individual intitulada *Razão maior*, poemas sobre a ilha de Florianópolis.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Embrião* (Florianópolis, UFSC, Casa Civil, 1978); *Razão maior* (1982); *De bar em mar* (Florianópolis, UFSC, 1987).

FORTUNA CRÍTICA: *De bar em mar* (Florianópolis, UFSC, 1987 - contracapa); *A mulher catarinense – catálogo da exposição* (Florianópolis, 1990); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.39).

382. TÂNIA RODRIGUES

Nasceu em Blumenau – SC. Formou-se em Direito, pela FURB. Atua como jornalista desde 1987 no *Jornal de Santa Catarina*, como editora assistente do caderno *Arte* e como repórter, assinando artigos sobre arte no caderno *Lazer*, no mesmo jornal.

Em 1991, apresentou a mostra “Projetando poesia”, que consistiu na divulgação, em vídeo, de 16 poetas nascidos e radicados em Blumenau, quando também foi lançado um opúsculo contendo os 32 textos projetados.

Em 1994, co-editou, com o poeta Douglas M. Zunino, o jornal *Artefatos* de arte e cultura, divulgando a produção artística blumenauense dentro e fora do Brasil (a edição desse jornal motivou o projeto “Sarau” promovido em ambientes públicos e particulares).

Participou da antologia *Poetas de Blumenau* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau); *Poetas brasileiros* (Shogun, 1985); *Poetas independentes* (Blumenau, APEI, 1988); *Labirinto poético* (Blumenau, 1991); *Blumenália poética* (Blumenau, Lauro Lara Ed., 1992); e *Sul-azul – poetas blumenauenses* (Blumenau, Ed. Letra Viva, 1995). Ganhou o 1º lugar no *Concurso de poesias para universitários* (Blumenau, FURB, 1982).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Espontânia* (Blumenau, Cultura em Movimento, 1999. 60p).

FORTUNA CRÍTICA: *Espontânia* (Blumenau, Cultura em Movimento, 1999. p.5-7).

383. TATIANA APARECIDA FERREIRA

Nasceu em Florianópolis – SC, no dia 13 de maio de 1984. A autora sofre de uma doença cuja cura ainda é desconhecida, a Lúpus Eritmatoso Sistêmico e toma 21 tipos de remédio.

Sua obra, apresentada por Celestino Sachet, é um relato de sua história e do apoio que recebe dos outros na luta contra a doença.

ICONOGRAFIA: *Minha luta continua* (Florianópolis, Ed. da Autora, [s.d.] - contracapa).

GÊNERO: crônica

OBRA: *Minha luta continua* (Florianópolis, Ed. da Autora, [s.d.]).

FORTUNA CRÍTICA: *Minha luta continua* (Florianópolis, Ed. da Autora, [s.d.] - apresentação).

384. TELMA GUILHERMINA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Só tesão* (Florianópolis, Ed. da Autora, [199-]. 48p. il.).

385. TELMA LÚCIA FARIA SARDÁ

Nasceu em Florianópolis – SC, aos 29 de dezembro de 1957. É formada em Letras pela UFSC, tendo sua especialização em Psicopedagogia pela UNISUL. Trabalhou como professora de literatura e redação do Colégio Catarinense e como revisora de textos na UFSC. Obteve o 3º lugar no I Concurso Internacional da Academia Internacional de Ciências, Letras, Artes e Filosofia do Rio de Janeiro para *Obras Publicadas entre 1988 e 89*.

Ocupa a Cadeira número 25 da Academia São José de Letras e a Cadeira número 29 da Academia de Letras de Biguaçu.

Participa da coletânea *Flagrantes do cotidiano: contos* (Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes; Letras Contemporâneas, 1994), com o conto “Uma estória da ilha de Santa Catarina”.

ICONOGRAFIA: *Sinfonia poética e prosa* (Antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.205).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Corpo submerso* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1988); *Poemando* (poesia em parceria com José Antônio de Souza – Florianópolis, Ed. da UFSC, 1990); *Ex corde* (poesia – Florianópolis, Ed. da UFSC, 1994); *Anjo solidão* (Florianópolis, Ed. Secco, 2007).

FORTUNA CRÍTICA: *Sinfonia poética e prosa* (Antologia da Academia São José de Letras, São José - SC, 2004, p.205); www.poetaslivres.com.br/poeta.php?codigo=264; *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.55).

386. TERCÍLIA AURORA DE SOUZA

Nasceu no município de Paulo Lopes – SC, aos 06 de junho de 1944. Aos sete anos veio para Florianópolis junto à família composta de cinco irmãos, em busca de uma vida melhor.

Trabalhou na lavoura, casou-se cedo, em um convento do Morro das Pedras, em Florianópolis, teve oito filhos.

Aos 26 anos começou a trabalhar fora para ajudar no sustento da família. Atuou como camareira de hotel e depois na Fucabem, como costureira. Após dez anos, comprou uma máquina de costura e foi trabalhar por conta própria. Hoje trabalha com artesanatos e expõe seus produtos em uma feira da Lagoa da Conceição – Fpolis – SC.

ICONOGRAFIA: *Em busca da felicidade* (Florianópolis, Ed. Insular, 2007 - contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Em busca da felicidade* (Florianópolis, Ed. Insular, 2007. 56p.).

FORTUNA CRÍTICA: *Em busca da felicidade* (Florianópolis, Ed. Insular, 2007. 56p. - contracapa).

387. TEREZA SIMAS AGUIAR

GÊNERO: poesia

OBRA: *Tríade da incomunicação* (Curitiba, Ed. Barddal, 1983. 142p.).

388. TEREZINHA LASAROTTO PARISOTTO

Nasceu em Joaçaba – SC, no dia 20 de novembro de 1941.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Pingos de esperança* (Anchieta – SC, [s.n.], [19-]).

FORTUNA CRÍTICA: *Pingos de esperança* (Anchieta – SC, [s.n.], [19-] - contracapa).

389. TEREZINHA MANCZAK

Terezinha de Jesus Manczack nasceu em Santa Cecília – SC no dia 17 de dezembro de 1952, mas é radicada em Blumenau – SC desde 1980. É decoradora de interiores, com atualização superior pela FURB e instrutora de tecelagem artesanal. Atualmente, integra a Câmara da Mulher Empresária da ACIB (Associação Empresarial de Blumenau). Foi aclamada a Embaixadora da Paz pelo Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix (Suíça/França, 2010).

Cronista, poeta, tecelã, editora e produtora cultural. Participa de diversas atividades literárias: integra o Movimento de Estudos Literários (MEL); é Cônsul do Estado de Santa Catarina da Associação Internacional de Poetas del Mundo; sócia fundadora e 2^a tesoureira da Associação

Internacional de Poetas del Mundo; sócia fundadora e ex-presidente da Sociedade Amigos da Biblioteca; sócia fundadora e ex-presidente da Sociedade Escritores de Blumenau; vice-coordenadora do III Encontro de Escritores Luso- Brasileiros (Blumenau, 2008); integrante do Conselho Municipal de Cultura (2010); coordenadora Geral do 1º Congresso Internacional de Poetas del Mundo (Blumenau, 2011).

Além disso, participou de mais de 20 antologias e organizou as seguintes antologias, todas pela Gráfica e Editora Nova Letra, de Blumenau: *Espelhos da língua (Concurso Internacional de Conto e Poesia)*, da Sociedade Escritores de Blumenau, 2000); antologia *Palavras azuis* (Coleção Prosa&Verso, Vol.1, 2002); antologia *Palavras azuis* (Coleção Prosa&Verso, Vol.2, 2003); antologia *Palavras azuis* (Coleção Prosa&Verso, Vol.3, 2004); *Um rio de letras II* (Antologia da SEB, 2004); antologia *Palavras azuis* (Coleção Prosa&Verso, Vol.4, 2005); *Hai-Kais em setembro* (Coletânea de haicais, 2007); antologia *Palavras azuis* (Coleção Prosa&Verso, Vol.5, 2008); *III Antologia do Portal CEN* (2008).

Terezinha Manczak ganhou os seguintes prêmios literários: troféu *FANG* (prêmio *Gigantes*, Blumenau, 2005); *Comenda Letras Catarinenses* (Prêmio *Gigantes*, Blumenau, 2006); *poeta honoris causa* (Clube Brasileiro da Língua Portuguesa , Belo Horizonte, 2009); troféu *Personalidade Sui Generis* (II Social Meeting, 2010).

ICONOGRAFIA: <http://poetasdobrasil.blogspot.com/2010/04/terezinha-manczak-tecela-poeta-cronista.html>

GÊNERO: poesia, crônica, conto

OBRA: *Resgate da emoção* (poesia - Casa Dr. Blumenau, 1990); *Céu de Sagitário/antes e depois da paixão* (poesia, crônica - São Paulo, Scortecci Editora, 2006).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora.

390. THAISE WOLFF

GÊNERO: romance

OBRA: *A magia da floresta de Esiahat – a grande guerra* (Florianópolis, Papa-Livro, 2004. 118p. il.).

391. THERESE STUTZER

Therese Stutzer nasceu em 14 de maio de 1841, em Ilsenburg, no Harz, Alemanha. Seu pai era um famoso artesão em ferro, tendo sido o construtor da usina siderúrgica de Ilsenburg, até hoje existente. Therese viveu em Blumenau – SC e em São Paulo. Era casada com Gustav Stutzer, pastor evangélico e também escritor. Therese e Gustav viveram no Brasil por duas décadas, a maior parte do tempo em Blumenau. Suas obras tiveram repercussão na Alemanha, onde foram editadas.

Possivelmente chamaram a atenção do público alemão porque são narrativas que têm um componente exótico, não só relativo à natureza brasileira e sua ‘exuberância’, mas também à própria vida peculiar dos imigrantes na difícil situação pioneira. (SEYFERTH, 2004)

Em 2004, a Editora Cultura em Movimento, publica a obra *Marie Luise*, livro bilíngue que integra o projeto “Memória Literária do Vale do Itajaí”, da Fundação Cultural de Blumenau (FCB).

A obra, assinada pela imigrante alemã Therese Stutzer, com organização, tradução e introdução de Valburga Huber, tem como pano de fundo a história de amor da personagem Marie Luise, retratando a vida que pulsa na colônia alemã de Blumenau e cercanias, no século 19. Há também citação a fatos da imigração e colonização, e de acontecimentos e disputas políticas. (Jornal *A Notícia*, Joinville, 2004).

A vida de Therese Stutzer foi relatada pelo marido, numa quase autobiografia intitulada *Meine Therese* (Minha Teresa), editada na Alemanha, pela editora Wollermann, e teve uma tiragem de 29 edições.

GÊNERO: conto; novela

OBRA: *Ein Jahr in der Heide – Um ano no mato* (Alemanha, H. Wollermann, 1925, 5^a Ed.); *Am Rande des brasilianischein Urwaldes – A orla da mata virgem brasileira* (1924, 10^a Ed.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979, p.259); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.127); *A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade* (Porto Alegre, *Horizontes Antropológicos*, 2004 – www.scielo.br); *Marie Luise/Therese Stutzer* (Blumenau, Cultura e Movimento, 2002).

392. THEREZA SILDA CARBONERA

GÊNERO: poesia, conto, crônica

OBRA: *Nossos caminhos*: poesias, contos e crônicas (Lages, Medigraf, 1980. 81p.); *De cujas sandálias não sou digna* (poesia – Lages, Medigraf, 1982. 61p.); *Passageiros do tempo* (poesia – Lages, Pérola, 1984. 58p.).

393. TIA STELA

Nasceu em Florianópolis – SC no dia 30 de abril de 1942. Possui licenciatura em Pedagogia pela UFSC e pós-graduação em Educação Pré-Escolar pela UDESC. Foi professora da UDESC e coordenadora da Educação Pré-Escolar do Ministério da Educação. Idealizou o projeto de Capacitação de Educadores Infantil, em curso em 19 municípios do estado do Ceará. Colaborou com o encarte infantil do jornal *O Estado* (SC).

Além de obra de ficção, escreveu *Recado para gente grande* (história – Florianópolis, LADESC, Pró-Criança, Associação de Defesa dos Direitos da Criança, 1987. 32p.)

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *Florianópolis conta sua história para as crianças* (Florianópolis, Ed. da Autora, 1976. 37p.).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985, p.175); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.74); *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis, FCC, Paralelo 27, 1993, p.160).



U

394. URDA ALICE KLUEGER

Nasceu em Blumenau – SC em 16 de fevereiro de 1952. Iniciou o Curso de Economia, mas não terminou e formou-se em História pela FURB. Foi funcionária durante muitos anos da CEF, na qual se aposentou. Urda é escritora e historiadora e lecionou a disciplina de história para os ensinos fundamental e médio. Trabalhou pouco tempo como editora.

Iniciou seus trabalhos na imprensa catarinense com suas crônicas e participando de antologias, dentre as quais, podem-se citar *Contistas de Blumenau I e II*, *Contistas e cronistas catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Poetas e contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989); *Este amor catarina* (Florianópolis, Ed. da UFSC, 1996); *Contos de carnaval* (Florianópolis, Garapuva, 1997). Colaborou, também, em diversos jornais e revistas. Já foi cronista do *Diário Catarinense*, de Florianópolis, e publicou cento e cinquenta crônicas no jornal *A Notícia*, de Joinville, aproximadamente cento e trinta no jornal *Expresso das Nove*, de Açores, Portugal.

Em 1979, estreou como romancista, com a obra *Verde Vale*; após dois anos, em 1981, lança *As brumas dançam sobre o espelho do rio*. Em 1983, publica *No tempo das tangerinas* e logo depois, em 1986, *Vem, vamos remar*, todos eles envolvendo a temática das enchentes de Blumenau e da colonização germânica no Vale do Itajaí.

Verde Vale, o primeiro grande sucesso da autora, com sucessivas edições, nas palavras de Lauro Junkes,

é o livro das origens de Blumenau, o livro do desbravamento, da luta, da coragem, da decisão e persistência dos alemães que acreditaram no Dr. Blumenau, deixaram sua pátria, e vieram construir, com seu sacrifício e dedicação, a colônia que teria o nome do fundador e se transformaria numa das cidades mais marcantes e progressistas do Estado. (JUNKES, 1987, p.290)

O romance, que possui um período de tempo entre a metade do século XIX até inícios do século XX, relata a saga dos primeiros colonizadores alemães de Santa Catarina, mais especificamente a trajetória da família de Humberto Sonne, desde a Alemanha até o Brasil.

Em *As brumas dançam sobre o espelho do rio*, Urda trabalha, além do alemão, um outro elemento étnico: o descendente de açoriano. O início da narrativa se dá no Vale do Itajaí, mas, dessa vez, com personagens pescadores e colonos que vivem à beira-mar, na constante luta pela sobrevivência e tem seu desfecho na Ilha de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis). A narrativa tem como personagens um grupo de pescadores que foge do Império, por não querer atuar na Guerra do Paraguai. Assim, eles habitam às margens do rio Itajaí e permanecem isolados do mundo durante seis anos, até que pudessem regressar à terra de origem.

O terceiro romance, *No tempo das tangerinas*, é uma continuidade de *Verde Vale*. Aqui prossegue a saga da família Sonne, mas agora com seus descendentes, no universo da colonização germânica no Vale do Itajaí. A narrativa mostra as angústias do povo em meio à Segunda Guerra Mundial, questões sobre misturas de raças e problemas políticos na época da Ditadura, mas sempre com a beleza da vida florescendo a despeito de tudo: "A guerra nunca acabava, mas o tempo das tangerinas voltava sempre."

Vem, vamos remar, segundo a crítica, em geral, é um livro complicado de ser classificado quanto ao gênero: "Não tem ingredientes de romance, mas também não é conto, como consta na ficha catalográfica. Trata-se de uma narrativa fortemente apoiada na realidade verídica, mas apresentada através de sensibilidade humano-artística." (JUNKES, 1987, p.296) Essa obra faz uma amostra das enchentes de Blumenau vividas pessoalmente pela autora.

A produção de Urda continua: em 1988, publica a novela *Te levanta e voa*, uma obra não mais voltada para a linha de ficção histórica, que possui como personagens jovens que saem em busca de si mesmos, convivendo com o amor e com a dor.

Em 1994, Urda publica *Cruzeiros do Sul*, uma obra muito bem conceituada pela crítica, que faz um retorno à ficção histórica e mostra a saga dos antepassados dos catarinenses, desde a chegada dos portugueses e suas relações com os índios, até os dias atuais. É o livro que mostra a formação do povo catarinense, a partir das sucessivas pesquisas históricas da autora.

Urda lança, ainda, *Recordações de amar II em Cuba*, em 1995, um livro sobre relatos de viagem. Nele, a autora nos mostra uma Cuba um pouco diferente daquela lendária, comunista, “de vermelho”. A partir de suas observações, ela faz o relato de uma gente culta e amigável que aprendeu a conviver dentro de um sistema bloqueado economicamente pelos Estados Unidos, um povo que aprendeu a plantar alimentos, diversificou a agricultura e superou o fantasma da pobreza.

Urda Klueger envereda também pela literatura infanto-juvenil. Sua primeira incursão nessa área se dá em 1998, com a obra *A vitória de Vitória*. Através da personagem Vitória, uma colher de prata que vive intensas aventuras durante muitos anos na Europa e no Brasil, a autora mostra para as crianças a necessidade que temos da convivência em sociedade, a importância do ato de ler e valores como solidariedade, honestidade, amizade e respeito.

Entre Condores e Lhamas, o segundo livro de relatos de viagem, foi lançado em 1999, pela editora da escritora, a Hemisfério Sul. Nele, Urda mostra toda a trajetória de ida e volta a Machupichu, no Peru, saindo do Brasil até a chegada a Blumenau. Essa obra não é uma mera narrativa, ela possui elementos de um romance: personagens, enredo, trama, etc.

Em 2001, aparece o livro de memórias, *Crônicas de Natal e Histórias da Minha Avó* em que a autora resgata, com doçura, o verdadeiro clima de Natal da infância de muitas pessoas, com direito à montagem da árvore, ao cozimento de comidas deliciosas, à fabricação de bolachas, etc. Um ano depois, a autora escreve a obra *No tempo da bolacha Maria*, uma coletânea de crônicas memorialistas que abrangem as décadas de 1950 a 1970. No ano seguinte, em 2003, lança *Amada América*, livro de crônicas que a autora fez sobre suas viagens pela América Latina.

Em novembro de 2005, Urda lança a obra *Histórias d'álém mar*, outra seleção de crônicas de viagem.

A partir dessa época, Urda começa a trabalhar com pesquisas sobre os antigos moradores de Santa Catarina (os sambaquianos), entre dois mil e seis mil anos atrás. Desse trabalho resultou o romance *O povo das conchas, em 2004*. Segundo o historiador e escritor Viegas Fernandes da Cunha, com essa nova obra, Urda consegue

mostrar a antiguidade, a diversidade e a riqueza das pessoas que há mais de 4 mil anos já andavam por aqui, que nestas terras sepultaram seus mortos e que nos legaram alguns vestígios das suas culturas preservados sob nossos pés. Ao narrar a história de Jorgu, Sanira, Calexo e tantos outros personagens que há quatro milênios organizaram suas vidas sobre uma montanha de conchas, que hoje chamamos de sambaqui, no litoral catarinense, Urda entrelaça ficção e arqueologia, arte e ciência, emoção e razão para compor, a partir dos fragmentos de um passado que se anuncia nas peças dos museus e nas pistas dos sítios arqueológicos, uma história repleta de humanidade, de descobertas e de paixão.

Em 2006, a escritora lança a crônica de viagem intitulada *Viagem ao umbigo do mundo*, na qual relata uma viagem que fez, de moto, a Cusco, no Peru.

Nos primeiros meses de 2007, publicou *Encontro com a infância*, uma coletânea de crônicas que abordam temas relacionados aos tempos de infância da escritora no Vale do Itajaí.

Urda Klueger é membro da Academia Catarinense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da União Brasileira de Escritores e da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil.

A obra de Urda A. Klueger é classificada como pertencente ao Regionalismo Alemão Catarinense (SACHET, 1985, p.123). Isso porque a autora trabalhou seus primeiros romances com a história da colonização alemã do Vale do Itajaí. Abordando uma prosa poética, suas obras misturam mito e realidade através das narrativas dos primeiros habitantes do Vale do Itajaí. O cenário é o campo, e os personagens, homens e mulheres incansáveis mediante cenas de repressão humana e

de fúrias da própria natureza, como as enchentes ocorridas nessa região que devastavam tudo, mas que os alemães conseguiam recuperar os bens perdidos. Com um estilo todo próprio, Urda parece produzir uma narrativa de “contos de fada”, porém, com uma realidade muitas vezes cruel em que a natureza e o homem estão sempre em contato.

As obras de Urda ultrapassaram as fronteiras da escrita. Em 2006, a cineasta Mara Salla lançou o filme *Por causa do Papai Noel*. O roteiro do filme foi inspirado no livro *Crônicas de Natal e Histórias de minha avó*, de Urda Klueger. Nele, a autora conta um fato de sua infância: um acidente de bicicleta que a fizera ficar de cama por algum tempo. Nesse período, a mãe lhe trazia muitos livros e Urda viajava com os personagens a ponto de trazê-los para o seu mundo real; de acordo com o filme, resulta daí a aproximação da autora com os livros. Mara Salla também menciona a obra *Verde Vale* no filme. *Por causa do Papai Noel* foi o Trabalho de Conclusão do Curso de Cinema e Vídeo da UNISUL, rodado e finalizado em película 35 mm. A obra recebeu prêmios em mostras pelo Brasil: troféu de melhor ficção e prêmio de melhor atriz.

ICONOGRAFIA: *No tempo das tangerinas* (Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1983).

GÊNERO: romance, novela, conto, relato de viagem, crônica e lit.infanto-juvenil

OBRA: *Verde Vale* (romance - Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1979); *As brumas dançam sobre o espelho do rio* (romance - Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1982); *No tempo das tangerinas* (romance - Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1983); *Vem, vamos remar* (conto longo - Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1986); *Te levanta e voa* (novela - Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1988); *Cruzeiros do Sul* (romance histórico - Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1994); *Recordações de amar II em Cuba* (relato de viagem - Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1995); *A vitória de Vitória* (romance infantil – Blumenau, Ed. Hemisfério Sul Ltda, 1998); *Entre condores e lhamas* (relato de viagem - Blumenau, Ed. Hemisfério Sul Ltda, 1999); *Crônicas de Natal e Histórias da minha avó* (memórias - Blumenau, Ed. Hemisfério Sul Ltda, 2001); *No tempo da bolacha Maria* (crônica memorialista - Blumenau, Ed. Hemisfério Sul Ltda, 2002);

Amada América (crônicas de viagem - Blumenau, Ed.Hemisfério Sul Ltda, 2003); *O povo das conchas* (paradidático sobre sua pesquisa pré-histórica (sambaquianos) - Blumenau, Ed.Hemisfério Sul Ltda, 2004); *Histórias d'álém mar* (crônica de viagem – Blumenau, Hemisfério Sul, 2005); *Viagem ao umbigo do mundo* (crônica de viagem - Blumenau, Ed.Hemisfério Sul Ltda, 2006), *Encontro com a infância* (crônica – Blumenau, Hemisfério Sul, 2007).

FORTUNA CRÍTICA: *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.17, 62-63); *Poetas e contistas* (Blumenau, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989, p.27); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.64); *A literatura catarinense em busca de identidade: o romance* (Porto Alegre, Movimento; Florianópolis, FCC, Ed. da UFSC, 1994, p.201-18); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999); *Estudos culturais e gênero: mulheres na ficção de Urda Alice Klueger* (Florianópolis, UFSC, 2001 – Dissertação de Mestrado); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.629); *Retrato literário – Urda Alice Klueger e o fazer literário* (Itajaí, Ed. Univali; Ed. FURB, 2004); *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.129-36); *A nova literatura catarinense* (Florianópolis, Ed. A Ilha, 2009).

V

395. VALDÍVIA PEREIRA MAFRA

Nasceu em Florianópolis – SC no dia 08 de abril de 1933. É funcionária aposentada da Secretaria do Estado da Administração, onde exerceu, dentre outros cargos de relevância, a direção de pessoal. Em 1988, integrou-se ao NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) da UFSC. Concluiu o curso de Monitor da Ação Gerontológica em 1992, onde desenvolve trabalhos voluntários. É sócia fundadora da AMAQ – UFSC, exercendo a função de secretária; é membro da diretoria do Clube da Terceira Idade de Santa Catarina e vice-presidente da Comissão Regional do idoso da microrregião da grande Florianópolis.

ICONOGRAFIA: *Memorial em verso e prosa* (Florianópolis, ETFSC, 1995).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Memorial em verso e prosa* (Florianópolis, ETFSC, 1995).

FORTUNA CRÍTICA: *Memorial em verso e prosa* (Florianópolis – ETFSC, 1995).

396. VALÉRIA GONÇALVES

Nasceu em Florianópolis – SC. É servidora pública estadual.

ICONOGRAFIA: *Adolescência aos quarenta anos* (Florianópolis, Ed. Papa-Livro, 2000 - contracapa).

GÊNERO: romance

OBRA: *Adolescência aos quarenta anos* (romance – Florianópolis, Papa-Livro, 2000).

FORTUNA CRÍTICA: *Adolescência aos quarenta anos* (Florianópolis, Papa-Livro, 2000 - contracapa).

397. VANDA LÚCIA SENS SCHÄFFER

Nasceu em Taquaras, município de Rancho Queimado – SC. Estudou como interna em Angelina – SC, onde se dedicou à literatura e à música. Sua carreira literária teve início com contos infantis. É membro da Academia São José de Letras, onde ocupa a Cadeira número 5 e também da Academia de Letras de Biguaçu. Em 2002 recebeu da Câmara dos Vereadores de São José a comenda de *Mérito Cultural Josefense*.

Participa de antologias poéticas, dentre elas, *Primeira Antologia Poética* (Florianópolis, ACPCC, 1986) e *1ª Antologia em prosa e verso* (ACPCC, Florianópolis, Papa-Livro, 1998).

ICONOGRAFIA: *Sinfonia poética e prosa* (antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.59).

GÊNERO: conto, poesia, lit. infantil

OBRA: *A dança das flores* (lit. infantil - São Paulo, Ed. Paulus, 1995); *Minha alma em folhas* (poesia – 2003).

FORTUNA CRÍTICA: *5ª Antologia poética* (Florianópolis, ACPCC, 2002, p.158-162); *Sinfonia poética e prosa* (Antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.59).

398. VANI TEREZINHA LOCATELI

GÊNERO: lit. infantil

OBRA: *O coelho preguiçoso* (Ipumirim, Prefeitura Municipal, [19-]).

399. VANILDA TENFEN MEDEIROS VIEIRA

Graduou-se em Filosofia pela UFSC. Professora de filosofia, educação artística, psicologia e sociologia. Foi Secretária da Educação do município de Palhoça entre 1989 e 1992. É esposa do escritor e acadêmico João Alfredo Medeiros Vieira. Ocupa a cadeira número 11 da Academia de Letras de Palhoça e participa do grupo de esposas dos membros da Academia Catarinense de Letras, desde 2005.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Quadrinhas* (Florianópolis, LEDIX, 1990).

FORTUNA CRÍTICA: *Quadrinhas* (Florianópolis, LEDIX, 1990).

400. VENINA DE BEM QUEIROZ

Nasceu em Laguna – SC, em 1937. Escritora, poetisa, professora e funcionária federal da saúde; trabalhou com excepcionais.

GÊNERO: poesia, conto, biografia

OBRA: *A ex-freira que se tornou espírita* (autobiografia – Porto Alegre, 1995); *Natureza luminosa* (poesia – Porto Alegre, 1995); *Jogral* (conto – Porto Alegre, 1995); *A asa azul do anjo* (poesia – Porto Alegre, 1997).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.436).

401. VERA DA COSTA VIANNA

Nasceu em Itajaí – SC em 29 de novembro de 1916. Filha do desembargador Gil Costa, mora há muito tempo em Porto Alegre – RS, onde exerceu o magistério e cooperou com o *Jornal Correio do Povo*. Destaca-se por sua intensa atividade intelectual na Academia Literária Feminina, na Associação Porto-alegrense de Cidadãs e na Associação Cristã Feminina.

Recebeu críticas de vários especialistas de literatura, dentre eles, Lauro Junkes:

A poesia de Vera C. Viana revela profundo sentimento de compreensão pela humanidade, uma constante busca da verdade, do amor, da ternura e da felicidade, a par de um senso de religiosidade sincera. Cultiva tanto o verso livre como o de métrica tradicional, inclusive com a rima, sendo o próprio soneto uma de suas preferências. (JUNKES, 1979, p.230).

GÊNERO: crônica, poesia

OBRA: *Na presença da vida* (Florianópolis – Ed. Estado de Santa Catarina – SC, 1968).

FORTUNA CRÍTICA: *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.554); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.636).

402. VERA D'ÁVILA

Vera Maria dos Santos d'Ávila nasceu em Herval – SC, mas está em Santa Catarina há mais de trinta anos. Cursou Letras e trabalha como professora.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Tábua de esmeralda* (Orléans, Ed. do Autor, 2006. 250p).

FORTUNA CRÍTICA: *Tábua de esmeralda* (Orléans, Ed. do Autor, 2006, p.7).

403. VERA DE BARCELLOS

Vera Regina da Silva de Barcelos nasceu em Florianópolis – SC, mas reside atualmente em Belo Horizonte - MG. Artista plástica, escultora, poetisa e compositora musical, especializou-se como Educadora Especial. Atualmente atua como compositora musical, escritora, artista plástica e escultora autodidata com exposições no Brasil e no exterior. Iniciou sua carreira literária em 1996.

Integra o quadro de várias instituições literárias, entre elas a ACPCC; Academia de Letras de Biguaçu; Academia Desterrense de Letras e Academia de Letras de São José, onde ocupa a Cadeira número 34; é membro correspondente da Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul e da Academia Poética da Escola Municipal Vila Felipe de Petrópolis – RJ; Academia Petropolitana de Letras Raul de Leoni e membro titular do Clube dos Escritores de São Paulo.

Colabora em sessenta e cinco jornais no país, participou de vários concursos literários nos quais recebeu prêmios de primeiro lugar em 1997, terceiro lugar em 2000 e várias premiações na categoria destaque especial, menções honrosas, prêmios de edição e outras honrarias em nível nacional.

Participa de sessenta e três coletâneas (1998-2004) e possui quarenta e cinco obras a serem lançadas nos próximos anos, contendo poesias, haicais, breves histórias infantis e crônicas.

ICONOGRAFIA: *Sinfonia poética e prosa* (Antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.259).

GÊNERO: poesia, lit. infanto-juvenil

OBRA: *Adolescência poética; Na busca... o encontro!; Lembranças, Na luz..., a dor da saudade tua!* (Florianópolis, Ed. INICIAC, 1997); *Cores poéticas em seu coração* (Florianópolis, Ed. INICIAC, 1997); *A ratinha vaidosa* (lit. infanto-juvenil – co-autoria de Hugo Bessonni. Belo Horizonte, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: 5^a *Antologia poética* (Florianópolis, ACPCC, 2002, p.163-67); *Sinfonia poética e prosa* (antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.259).

404. VERA MARIA SILVESTRE CRUZ

GÊNERO: lit. infanto-juvenil

OBRA: *Uma sociedade interessante* (Florianópolis, LADESC, 1985).

405. VERA REGINA BAIÉRLE

É formada em Estudos Sociais pela Universidade de Caxias do Sul e em Serviço Social pela UFSC. É poeta, escritora e artista plástica. Dedica-se à pintura de óleo sobre telas, executa estudos livres em astronomia, esoterismo e sociologia. Sócia fundadora e primeira presidente do Lions Clube Florianópolis Bela Figueira.

ICONOGRAFIA: *Alquimia: telas e poemas* (Florianópolis, Ed. do Autor, 1998 - contracapa).

GÊNERO: poesia

OBRA: *Alquimia: telas e poemas* (poesia – Florianópolis, Ed. do Autor, 1998).

FORTUNA CRÍTICA: *Alquimia: telas e poemas* (Florianópolis, Ed. do Autor, 1998).

406. VERA TEZZA

Vera Lourdes Tezza Francisco Costa nasceu na Barra do Rio Novo – Orleans – SC, local em que passou a infância e iniciou-se nas primeiras letras. Atualmente mora em Curitiba – PR, onde trabalha como secretária na ELETROSUL da Regional do Paraná.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Simples como a flor do campo* (Orleans, Mazzuranna, 2000. 81p).

FORTUNA CRÍTICA: *Simples como a flor do campo* (Orleans, Mazzuranna, 2000. 81p - contracapa).

407. VERA VIRGÍNIA VIEIRA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poemas: mensagens da alma que o sofrimento doente acalma.* (São José, Ed. da Autora, 2000).

408. VILCA MARLENE MERÍZIO

Nasceu em Brusque – SC. Graduou-se em Letras, possui mestrado pela UFSC e doutorado em Literatura Portuguesa Contemporânea pela Universidade dos Açores, Portugal, com a tese: “*Mater ou Femina: as personagens femininas da ficção narrativa de David Mourão Ferreira*”.

Professora aposentada da UFSC, é membro da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa e da Associação Catarinense de Artistas Plásticos. O conjunto de poemas “Desculpas”, “Apagamento” e “Preconceito” recebeu menção honrosa no prêmio *Franklin Cascaes de Literatura-poesia/ 95*, e foi publicado em *Poesilha*, Florianópolis. Coordenou o Programa Cultural Açores-Santa Catarina/ 96 para o Festival do Mar. É membro da Academia São José de Letras (Cadeira número 24), e da Academia de Letras de Biguaçu, (Cadeira número 22). Participa de antologias, dentre elas, *Primeira Antologia Poética* (Florianópolis, ACPCC, 1986).

A autora foi idealizadora e coordenadora do PORTEPRÁ I e II (Programa de Orientação Teórico-Prática aos Professores de 1º e 2º graus). Escreveu também *Redação: uma experiência de ensino-aprendizagem* (Prêmio Redação/ MEC 1979).

ICONOGRAFIA: *Sinfonia poética e prosa* (antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.175).

GÊNERO: poesia, conto

OBRA: *Quase que de corpo inteiro* (poesia - Florianópolis, Ed. do Autor, 1996); *Açores... de memória* (conto - Florianópolis, Ed. da Autora, 2004. 102p).

FORTUNA CRÍTICA: *Sinfonia poética e prosa* (antologia da Academia São José de Letras, São José-SC, 2004, p.175).

409. VILMA BAYESTORFF

Nasceu em Florianópolis – SC aos 08 de julho de 1932.

Em 1995, formou-se monitora da Ação Gerontológica no NET/UFSC. Sócia fundadora da UBE/SC; fundadora e presidente da ACPCC; fundadora, acadêmica e vice-presidente da Academia São João Evangelista da Barra de Biguaçu; fundadora, acadêmica e vice-presidente da Academia Desterrense de Letras.

Poeta, contista, escritora infantil e contadora de história.

Em 1997, ganhou o primeiro lugar no *Concurso literário para a terceira idade* com o conto “A traça”, e neste mesmo concurso, em 1998, obteve o segundo lugar com o conto “O caçador de estrelas”.

Em setembro de 1998, recebeu o troféu *Fundação viva a vida*; em outubro desse mesmo ano, recebeu uma placa de Mérito das Entidades ACPCC, Academia Desterrense de Letras, Academia São José de Letras, Academia São João Evangelista da Barra de Biguaçu, Academia Catarinense de Letras, Grupo Poetas Livres, Amigos da Biblioteca Barreiros Filho – Estreito, por seus serviços e cultura.

GÊNERO: conto, poesia, lit. infantil

OBRA: *Contos que contei* (Porto Alegre, Pallotti, 1999. p.79); *O empinador de pipas* (Florianópolis, Ed. da Autora, 1994).

BIBLIOGRAFIA SOBRE A AUTORA: *Contos que contei* (Porto Alegre, Pallotti, 1999 – contracapa).

410. VIVIANE ROUSSENQ

GÊNERO: poesia

OBRA: *Batom* (Rio de Janeiro, Shogun, Ed. e Arte, 1986).



W

411. WILMA OLIVEIRA SOUZA

GÊNERO: romance

OBRA: *O fugitivo* (Criciúma, Gráfica Líder, [19-]. 83p).



Y

412. YEDDA DE CASTRO BRÄSCHER GOULART

Nasceu em Lages – SC, mas vive em Florianópolis – SC. É licenciada em Letras Inglês/Português pela Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras da UNIPLAC, mestre em Letras pela UFSC, com concentração em Literatura Brasileira. Foi coordenadora do Departamento de Língua e Literatura Vernácula do Instituto Estadual de Educação, onde criou o *Jornal Veredas* (já extinto) que anunciaava informações sobre aquela Instituição.

Participa com poesias, crônicas e ensaios em várias revistas, jornais, antologias e concursos, como: *Travessia* – revista de Literatura do Curso de Pós-Graduação da UFSC; *Teias* – revista lítero-cultural do Departamento de Língua e Literatura Vernácula da UFSC; *Veredas Culturarte* – revista da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Piauí; *Agora* – revista do Arquivo Público de Santa Catarina; *A ilha* – suplemento literário; *A Figueira* – Prosa e Verso; e jornais como *O Estado* (Florianópolis); *Correio Lageano* e *Revista Visão* de Lages.

Colabora com *O Balainho*, boletim de literatura infantil e juvenil do Centro de Ciências da Educação, Humana e Letras da UNOESC. Representa em Santa Catarina a AEILIJ. Atua também em diversos seminários de literatura em Universidades de Letras e Pedagogia, como palestrante, e tem trabalhado com seus livros em escolas públicas e particulares. Conquistou, em 1980, o prêmio de 1º lugar com o conto “A janela” e honra ao mérito, no mesmo ano, com o conto “O casarão”, no concurso de contos promovido pela Associação Médica de Santa Catarina, no curso *Atualização da mulher* para cujo encerramento proferiu palestra na Assembleia Legislativa do Estado.

Organizou a antologia *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009).

Além de obras literárias, Yedda de Castro produziu o roteiro da animação *Aventuras na Ilha da Magia*, com a participação de Aline e Rubens Belli, premiado pela Fundação Catarinense da Cultura, em

2002. Este curta metragem foi exibido em 15 comunidades da Ilha de Santa Catarina, dentro do projeto “Cinema para quem quer cinema”.

GÊNERO: lit. infantil, conto, crônica, ensaio, poesia

OBRA: *Aventuras na Ilha da Magia* (4^a edição – 4000 exemplares – lit. infanto-juvenil - Florianópolis, Ed. Insular, 1996); *Aventuras na serra* (lit. infanto-juvenil - Florianópolis, Ed. Insular, 1997); *Mosaico* (poesia - Florianópolis, Ed. Insular, 2000); Coleção *Ursinhos Companheiros* (4 volumes - lit.infantil – Blumenau, Ed. Todolivro, 2002); *A felicidade se conquista com gentileza* (comportamento - Florianópolis, Ed. Insular, 2003); *Vidal Ramos Junior – um lageano, uma paixão* (biografia/história – Florianópolis, Ed. Insular, 2004).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.223); *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.143-148).

413. YONE GIANNETTI FONSECA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Mulher* (Florianópolis, FCC, 1981. 56p).



Z**414. ZAHIDE LUPINACCI MUZART**

Nasceu em Cruz Alta – RS no dia 14 de julho de 1939, mas reside em Florianópolis há muitos anos. Cursou Letras na PUCRS/1961; música na UFRGS, 1966; especialização em Literatura francesa, pela Maison de France, Rio de Janeiro, 1962, onde recebeu o diploma para o ensino do francês no exterior; doutorado em Estudos Latino-Americanos em Toulouse, 1970, e pós-doutorado em Paris, 1984.

Professora universitária, pesquisadora, ensaísta, editora e escritora de literatura infanto-juvenil. É professora titular (aposentada) da UFSC, continua atuando como voluntária no curso de Pós-graduação em Literatura dessa Universidade; pesquisadora 1-A do CNPq e trabalha na linha de pesquisa Literatura e Mulher.

Foi co-fundadora e coordenadora da revista *Travessia* (1980-93); coordenou por dois anos o Grupo de Trabalho *A Mulher na Literatura*, da ANPOLL; é sócia da Associação Internacional de Lusitanistas, da ANPOLL e da ALFRS; coordenou o Curso de Pós-graduação em Literatura, UFSC, durante quatro anos; participa do conselho editorial das revistas: *Brasil/Brazil; Revista de Estudos Feministas; Signótica; Verbo de Minas; Plural/Pluriel; Anuário de Literatura*. Participa da Coordenação do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC) e da Coordenação Editorial da *Revista Estudos Feministas*(CCE-CFH/UFSC).

Em colaboração com a Biblioteca Pública de Florianópolis, organizou várias exposições em torno à temática da literatura, tais como “Machado de Assis”, 1989; “Dez anos sem Lausimar” 1989 em homenagem à escritora Lausimar Laus; “Os anos 80 na Literatura em Santa Catarina”, 1990; “Periódicos antigos” 1990; “A mulher catarinense”, 1991; Cruz e Sousa: no centenário de Broquéis e Missal, 1993. Idealizou e editou a Série “Memória Literária - Santa Catarina” da Editora da UFSC; coordenou o primeiro Seminário Fazendo Gênero (UFSC, 1994).

Recebeu a medalha do Mérito Cultural *Cruz e Sousa* (Governo do Estado de Santa Catarina); prêmio *Destaque* (Academia Catarinense de

Letras) e prêmio *Homenagem do Fazendo Gênero* (UFSC, Seminário Internacional Fazendo Gênero 7).

Colaborou nos seguintes jornais e revistas: *Correio do Povo*, *Organon, Brasil/Brazil* e *Letras de Hoje* de POA; *O Estado, Diário Catarinense, A Notícia* e *Ô Catarina* de Florianópolis; *Revista de História da Biblioteca Nacional*; *Leitura de Maceió*; *Revista Brasil de Literatura*, internet; *Cultura Vozes, Cadernos Literários, Labrys, Cult, Gazeta do Povo, Diário de Cultura*.

Possui participação em: *História de Florianópolis* (1991); *Holdemar Menezes, literatura e resistência* (1992); *Anais do I Sem. Sul da ABRALIC* (1993); *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura* (1994); *Clarice Lispector: an annotated bibliography* (1993, New York); *Anais do V e do VI Sem. Mulher e Literatura* (Natal, 1995 e UFRJ, 1996); *Actas do II Congresso intern. O rosto feminino da expansão portuguesa* (Lisboa, 1996); *Anais do II Encontro nacional de acervos literários brasileiros* (PUCRS, 1996); *RS: cultura, história, literatura* (Porto Alegre, 1996); *Transformando identidades* (Porto Alegre, 1997); *Histórias da literatura: teorias, temas e autores* (Porto Alegre, 2003); *Estudos feministas* (UFSC, 2003); *Presença literária* (2005-08, ALFRS); *Discurso histórico narrativa literária* (UNICAMP, 1998).

Organizou as obras literárias: *Cadernos I e II: anais do III Sem. Nac. Mulher e Literatura* (UFSC, 1989 c/ Susana B. Funk); *Cruz e Souza: poesia completa* (1992); *Tempo e andanças de Harry Laus* (1993); *Cartas de Cruz e Souza* (1993); *Fazendo gênero* (1996); *Poesia de Júlia Costa* (2001); *Refazendo nós: ensaio sobre mulher e literatura* (Florianópolis, 2004, c/ Izabel Brandão); *Escritoras brasileiras do século XIX*, volumes I, II e III; *Mariana Coelho: A evolução do feminismo* (Imprensa Oficial do Gov. do Paraná, 2002); Ana Luísa de Azevedo Castro. *D. Narcisa de Villar*; Madeleine Pelletier: *Memórias de uma feminista*; *Diário da Baronesa de Langsdorff*; Mme Van Langendonck, *Uma colônia no Brasil*.

Com o objetivo de recuperar parte da produção da mulher brasileira no século XIX, em 1996, fundou em Florianópolis a Editora Mulheres, juntamente com Susana Bornéo Funk e Elvira Sponholz que

permaneceram por dois anos nesse trabalho conjunto. A Editora Mulheres tem reeditado um número importante de publicações das escritoras do século XIX como *Mulheres ilustres do Brasil* de Inês Sabino, romances de Júlia Lopes de Almeida, Maria Benedita Bormann, Maria Firmina dos Reis, Inês Sabino, Carmen Dolores, Emília Freitas, Andradina de Oliveira, a poesia de Rita Barém de Melo, o teatro de Maria Ribeiro, e outras autoras.

Em 2008, decidiu voltar-se à obra de ficção e publicou *Uma casa sem cor*, dirigida ao público infanto-juvenil.

GÊNERO: Lit infanto-juvenil

OBRA: *Uma casa sem cor* (Florianópolis, Ed. Mulheres, 2008. il. de Márcia Cardeal. 28p).

FORTUNA CRÍTICA: dados fornecidos pela própria autora; *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999).

415. ZAIDA MARIA PACHECO

Nasceu no dia 30 de janeiro de 1964 em Tubarão – SC. Estudou somente até o 2º ano do Ensino Médio, mas sempre gostou muito de poesia e chegou a vencer concursos na escola e fora dela. Devido a dificuldades financeiras, teve de parar de estudar para ajudar a família e somente 31 anos depois realizou seu maior sonho: o de publicar um livro.

Atualmente, seus poemas são lidos em rádios e, alguns deles, publicados em jornais.

GÊNERO: poesia

OBRA: *Doam-se sonhos coloridos* (Tubarão, Ed. da Autora, 1995).

FORTUNA CRÍTICA: *Doam-se sonhos coloridos* (Tubarão, Ed. da Autora, 1995).

416. ZELÂNDIA RAMOS DOS ANJOS

Ver Mila Ramos

417. ZÉLIA DE ANDRADE LEMOS

Nasceu em Curitibanos – SC em 01 de novembro de 1925.

Sua vida literária começa na década de 1950, quando começa a colaborar na imprensa de sua região, publicando poesias, contos e artigos da atualidade brasileira.

Trabalhou como jornalista, memorialista e pesquisadora e desde cedo se interessou pelas histórias de sua terra, de sua gente, divulgando-os por escrito ou através de programas de rádio – trabalhou na *Rádio Coroado* de Curitibanos.

Seu interesse pela pesquisa rendeu-lhe dois livros publicados que lhe garantiram distinções e votos de louvor de órgãos oficiais. É membro da Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina.

GÊNERO: poesia, conto, memória

OBRA: *História dos fanáticos em Santa Catarina* (memórias – 1966 – colab. de Alfredo de Oliveira Lemos); *Curitibanos na história do Contestado* (romance histórico – 1977).

FORTUNA CRÍTICA: *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.657).

418. ZENILDA NUNES LINS

Nasceu em Florianópolis – SC em 09 de abril de 1933. É formada em Pedagogia e possui especialização em Ciências Sociais e Educação Comunitária. É professora aposentada da UDESC. Foi diretora geral da Fundação Casa dos Professores de Santa Catarina – FUCAPRO, tendo instituído o projeto “Valorização do professor aposentado”.

Escreveu a história de três entidades ligadas à educação: Faculdade de Educação – Projeto e realidade, 1988 (2^a Ed, 1999); ACP – Sucesso e

consolidação, 1995 (2^a Ed., 2002); e FUCAPRO – História e dimensão social, 1996.

Participou de diversas coletâneas e antologias: *Conto e poesia* (1993); *Antologia dos grandes escritores do Cone Sul* (Rio de Janeiro, Ed. Litteris); organiza as antologias *Histórias de professor* (1996); *Poemas do professor* (1997); *Contos de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997); *Antologia Poética A Figueira* (1998); *Antologia em versos nº 16* (do Movimento Poético em São Paulo, 1988); *Antologia Pórtico* (do Grupo Cultural Pórtico, 1999); 1º Concurso literário do SINERGIA: *Um passeio pela grande Florianópolis* (1999); *Antologia dos grandes escritores do Cone Sul* (Ed. Litteris, 2000); *Sonhos de outono* (2000); *Antologia Terceiro Milênio* (da Sociedade Cultural Latina do Brasil, 2001); *Renascer da primavera* (2001); *Devaneios de verão* (2002); *Fragmentos da memória* (Antologia da Associação Catarinense de Professores. Florianópolis, 2003, p.15-23) e *Contos em família* (Florianópolis, Ed. Garapuvu, 2004).

Colabora na revista *da Academia Catarinense de Letras*, revista *A Figueira* e *Antologia de versos do movimento poético de SP*. Pertence à Academia de Letras de Biguaçu, à Sociedade de Cultura Latina de Santa Catarina e é sócia fundadora da UBE/ Santa Catarina.

Recebeu o prêmio *Revelação 1998* da Academia Catarinense de Letras, pelo livro *Rosas e violetas*.

ICONOGRAFIA: *Rosas e violetas* (Florianópolis, Ed. da Autora, 1998 – contracapa).

GÊNERO: conto, poesia

OBRA: *Ondas rendilhadas* (poesia – 1997); *Rosas e violetas* (conto – Florianópolis, Ed. da Autora, 1998); *Contos de outono* (conto – 2004).

FORTUNA CRÍTICA: *Poemas de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997, p.91-97); *Dicionário de mulheres* (Porto Alegre, Nova Dimensão, 1999, p.283); *Presença da literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (Blumenau, FURB; Florianópolis, Insular, 2009, p.149-155).

419. ZORAIDA HOSTERMANN GUIMARÃES

Nasceu em Florianópolis – SC em 11 de dezembro de 1925. É formada pelo Curso Normal e ingressou no magistério oficial.

Professora, poeta, contista e cronista, já colaborou em vários jornais e revistas dentro e fora de Santa Catarina. Pertence ao Movimento Poético Nacional de São Paulo; é membro correspondente da Academia Cristã de Letras de São Paulo; da Academia Paraibana de Poesia; da Academia Uruguaiana de Letras; da Academia de Letras Três Fronteiras; foi também fundadora e presidente da Academia de São José de Letras, sócia fundadora da ACPCC, sócia fundadora da União Brasileira de Escritores (SC) e faz parte da União Brasileira de Escritores de Santa Catarina.

Participa de inúmeras antologias, dentre elas, *Contistas e cronistas catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Primeira antologia poética* (ACPCC, Florianópolis, 1986); *Poemas de professor* (Florianópolis, EDEME, 1997, p.98-103); *1ª antologia em prosa e verso* (ACPCC, Florianópolis, Papa-Livro, 1998) e outras.

Recebeu diversos prêmios por sua obra, dentre eles, o 5º lugar no Concurso Anual do Livro (Academia Paraibana de Poesia, 1976) pela obra *Folhagerando*;

1º lugar no concurso promovido pelo jornal *Correio da Poesia* (João Pessoa) com a obra *Semeadura*; 1º lugar no *Concurso estadual de poesia* (Fundação Vida / UFSC, 1996) e o prêmio *Maricota* de literatura catarinense (Federação das Academias Catarinenses de Letras). Foi homenageada com o título de “Senadora da Cidade de Florianópolis” (Fundação do Senadinho S.P.Q.R., em 2001); recebeu a outorga da comenda medalha *Antonieta de Barros* (Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 2004); menção de *Congratulação* (Câmara Municipal do Rio de Janeiro), pelas reconhecidas realizações na trajetória literária.

ICONOGRAFIA: *Sinfonia poética e prosa* (antologia da Academia São José de Letras, São José – SC, 2004, p.69).

GÊNERO: poesia e crônica

OBRA: *Folhagerando* (poesia e crônica – Tubarão, Ed. da Autora, 1975); *Semeadura* (poesia – Florianópolis, Lunardelli, 1979); *Ainda há sol atrás da montanha* (poesia – Florianópolis, Lunardelli / TV Eldorado, 1980); *A dança da vida* (poesia – Florianópolis, Lunardelli / Lions Club Trindade, 1983); *Na passarela do tempo* (poesia – Florianópolis, Ed. Riomer, 1997), *Lampejos do farol interior* (literatura para meditação – Ed. Autores Catarinenses, 1996); *Um pilar de luz no cosmo* (biografia de Huberto Rohden – Florianópolis, Lunardelli, 2000); *Motivação* (literatura para meditação – Florianópolis, Ed. do Autor, 2001).

FORTUNA CRÍTICA: *Presença da poesia em Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura de Santa Catarina* (Florianópolis, Lunardelli, 1979); *A literatura catarinense* (Florianópolis, Lunardelli, 1985); *A literatura em Santa Catarina* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p.21); *A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989* (Florianópolis, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990); *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa* (Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992, p.48); *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001* (São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.661).

420. ZULEIDE MEDEIROS GARCIA

GÊNERO: poesia

OBRA: *Poemas a ninguém* (poesia - Florianópolis, Insular, 1999. 96p).



ÍNDICE GERAL DOS NOMES DAS ESCRITORAS

1	ABÍLIA MACIEL DE ATHAYDE
2	ADRIANA CONSULINSCHI
3	ADRIANA DE SOUZA
4	ADRIANA LUNARDI
5	ADRIANA VITÓRIO
6	AGÍLIA BALLAND CARDOZO
7	ALAÍDE SARDÁ AMORIM
8	ALBERTINA MOREIRA PEDRO
9	ALCINDA DE OLIVEIRA FIGUEREDO
10	ALCITA VARELA CORRÊA LEITE
11	ALCY IRENE ALVES
12	ALICE CARDOSO LÚCIO
13	ALINE BERTOLDO SARTORI
14	ÁLISSON EMÍLIA DE FREITAS
15	AMALINE ISSA
16	ANA BELA S. F. A. MACHADO
17	ANA CAROLINA DOS SANTOS
18	ANA DELMAR
19	ANA ESTHER
20	ANA ESTHER BALBÃO PITHAN
21	ANA JANETE PEDRI DE ANDRADE LOPES
22	ANA LICE BRANCHER
23	ANA LUÍSA DE AZEVEDO CASTRO
24	ANA MARIA DE SOUZA PACHECO
25	ANA MARIA KOVÁCS
26	ANA MARIA MARQUES
27	ANA MARIA PIMENTAEL CARIONI
28	ANA RITA DOS SANTOS LOPES
29	ANACLETA MATEUS OLEGÁRIO
30	ANAIR WEIRICH
31	ÂNGELA MORAES SOUZA
32	ANNA PAULA MOSER MONGCONÂN
33	ANNI BRUNNER
34	ANTONIETA DE BARROS
35	APOLÔNIA GASTALDI

36	ARACELY BRAZ
37	ARITA DAMASCENO PETTENÁ
38	ARLENE CORDOVA LISBOA NASCIMENTO
39	ARYANE EVARISTO
40	BAILARINA DAS LETRAS
41	BEATRIZ MONTENEGRO D'ACAMPORA
42	BEATRIZ NIEMEYER
43	BELINHA RIBEIRO
44	BERENICE ROCHA ZABOTT GARCIA
45	BERNADETE DOS SANTOS VIANA
46	BETTY BORGES FORTES
47	BIA NOGUEIRA
48	BRAULINA HELENA DA ROCHA
49	CÁCIA LEAL DO NASCIMENTO
50	CARLA CALAZANS
51	CÁRMEN NEVES
52	CAROLINE SILVEIRA DE SOUZA RODRIGUES ALVES
53	CASTORINA LOBO DE S.THIAGO
54	CATHARINA MARIA AMPEZE COSER
55	CECÍLIA DI BERNARDI
56	CELESTE LAUS
57	CÉLIA BISCAIA VEIGA
58	CÉLIA ZEN
59	CHANDAL MARIA MEIRELLES NASSER
60	CIRCE GAMA D'ECA TERTSCHITSCH
61	CIRILA DE MENEZES PRADI
62	CLARMI REGIS
63	CLÁUDIA IARA VETTER
64	CLÁUDIA LÚCIA MENEGATI
65	CLÉOFA HOEPERS
66	CLEZIA JUVENTINA DA CUNHA
67	CLOTILDE ZINGALI
68	CÓRA LAUS SIMAS
69	CRISTIANE ELISABETH LONGO
70	CRISTINA KLEIN
71	CRISTINA MARQUES
72	CYNTHIA VALENTE
73	DALVA MARIA DE LUCA DIAS

74	DALVINA DE JESUS SIQUEIRA
75	DANUSA MENEGHELLO
76	DARCELI MARIA BISOLO
77	DARCI NOGUEIRA
78	DEISE ALBERTON
79	DELMINDA SILVEIRA
80	DENISE PATRÍCIO
81	DEOLINDA MARIA LAGE
82	DÉSPINA SPYRÍDES BOABAID
83	DEYSE DE ABREU TEODORO
84	DIDYMEA LAZZARIS DE OLIVEIRA
85	DINARI TESSARI
86	DINORAH KRIEGER GONÇALVES
87	DONA DODÔ
88	DONATILA TEIXEIRA BORBA
89	DORA DUARTE
90	DORA RIBEIRO
91	DORACI LEITE MORAES
92	DORALICE ROSA DE SOUZA SILVA
93	DUNIA DE FREITAS TOALDO
94	EDÉSIA ADUCCI
95	EDILENE TEREZINHA KNABBEN
96	EDITH K. POLTRONIERI
97	EDITH KORMANN
98	EDLA VAN STEEN
99	EDLTRAUD ZIMMERMANN FONSECA
100	EDNA DOMENICA MEROLA
101	EDNA GAIDZINSKI BASTOS
102	EGLÊ MALHEIROS
103	ELI HEIL
104	ELIANA CAMARGO MOREIRA
105	ELIANA PONTES
106	ELIANE DEBUS
107	ELIANE TEREZINHA GABIATTI
108	ELISABETE ARAÚJO LEONETTI
109	ELISABETE VERÔNICA TOMÉ
110	ELLEN CRISTA DA SILVA
111	ELLY HERKENHOFF

112	ELOAH ROCHA MONTEIRO DE CASTRO
113	ELOÍ ELISABETH BOCHECO
114	ELSE SANT'ANNA BRUM
115	EMANUELI DIMON MASSUCCO
116	EMÍLIA ARAÚJO LOPES
117	EMMA DEEKE
118	ERIKA MARTINS FLESCH
119	ERNA PIDNER
120	ESMERALDA NELSON PONTE RIBEIRO
121	ESTHER LAUS BAYER
122	EULÁLIA HORVATH
123	EULÁLIA RADTKE
124	EVA DE LOURDES CÂNDIDO DA SILVA
125	EVELISE SCHWEITZER
126	FABIANA DE OLIVEIRA SANDRI
127	FABIANA GUIMARÃES BEDUSCHI
128	FÁTIMA DE LAGUNA
129	FÁTIMA VENUTTI
130	FÊ LUZ
131	FELÍCIA HATZKY SCHÜTZ
132	FERNANDA CIRIMBELL DA LUZ - LILUAH / FÊ LUZ
133	FERNANDA MAZZUCCO MAZZURANA
134	FERNANDA MOROSO
135	FÍDIA TELES
136	FRANCIANE MACIEL DUTRA
137	GELKA MARIA DA SILVA
138	GERALDINA DA SILVA PEREIRA
139	GERDA IMAGUIRE
140	GERTRUD GROSS-HERING
141	GIANE ELENICE FISCHER
142	GILKA MARIA DA SILVA
143	GIOVANA TEREZINHA DA SILVA
144	GLACIR PRADE
145	GLADYS M. G. TEIVE
146	GLÓRIA MARIA ALVES FERREIRA CRISTOFOLINI
147	GRAZIELLA RODRIGUES CABRAL BORGES DE OLIVEIRA
148	GUIOMAR BELTRÃO FERREIRA – ROSA BRANCA

149	HELEN FRANCINE
150	HELENA CAMINHA BORBA
151	HELENA NORONHA
152	HELENA PIRES DE MORAES
153	HELOÍSA DALLANHOL
154	HERALDA VICTOR
155	HERMELINDA IZABEL MERIZI
156	HIAMIR POLLI
157	IBRANTINA CARDONA
158	IEDA INDA
159	ILKA BOSSE
160	ILSE MARIA PAULINO GOMES
161	INDÍGENA DO IPIRANGA
162	INÊS BERNNS
163	INÊS CARMELITA LOHN
164	INÊS MAFRA
165	INÊS ROANI
166	INÊS TOSCAN
167	IRENE BONIN DE LA PUENTE
168	IRENE RITZMANN HUSMANN
169	ÍRIS FÁDEL
170	IRMÃ GERTRUDE MARQUES
171	ISABEL CRISTINA VIANA
172	ISABEL MIR
173	ISAURA DE FREITAS
174	ISNEIDA WEISE
175	ITA REGINA TELES HERDE
176	IVANA COLDEBELLA
177	IVONARA FERNANDA MADRUGA
178	IVONE DAURA
179	IVONE FERRAZ WOSGRAUS
180	IVONE MARIA PIRES
181	IVONETE VIANA CIRIMBELL
182	IZABEL HESNE MARUM
183	IZABEL PAVESI
184	IZABELLA PAVESI
185	JADE GANDRA DUTRA MARTINS
186	JANDIRA D'ÁVILA

187	JANDIRA DELAMBERT FILIZZOLA
188	JANETE GASPAR
189	JANICE CARDOSO DE BITTENCOURT PAVAN
190	JAQUELINE BOABAID
191	JAQUELINE BULOS AISENMAN
192	JELENA STOPANOVSKI RIBEIRO
193	JONILDA WAGNER
194	JOSEFINA SOUZA ROSA
195	JOSETTE MARIA SCHWOLK
196	JUCELI CARLA ELY
197	JUCILÉA TATIANA NONES SCHAADE
198	JULIA MARIA DA COSTA
199	JULIANA WOSGRAUS
200	JUREMA XAVIER FISCHER
201	JUSSARA BITTENCOURT DE SÁ
202	KÁTIA REBOLLO
203	LAIR LEONI BERNARDONI
204	LARISSA MELO DE FREITAS
205	LARISSA POETA DE MELLO
206	LAURITA MOURÃO
207	LAUSIMAR LAUS
208	LEATRICE MOELLMANN PAGANI
209	LEDA MROWINSKI
210	LEILA JANETE WUERGES
211	LELIA A. DE CAMARGO
212	LENA MARIA DA ROSA
213	LEONARDA DA SILVA FERNANDES
214	LEONOR LEZAN
215	LEONOR SCLiar-CABRAL
216	LIANE DOS SANTOS
217	LIANE NARA FLORES MINUZZI
218	LIENE COLLAÇO PAULO
219	LILUAH
220	LIZZI
221	LORENA MARIA TOMASI CHIARADIA
222	LORREINE BEATRICE PETTERS
223	LOURA ANTUNES VERONEZI
224	LOURDES MARIA EGER JUNCKS

225	LUANA VON LINSINGEN
226	LUCÉRIA APARECIDA PINTO DE ARRUDA
227	LUCIA HELENA PEREIRA
228	LÚCIA MARTINS
229	LUCY ASSUMPÇÃO
230	LUIZA DA SILVA
231	LUÍZA TRAMONTIN
232	MARA PAULINA ARRUDA
233	MARCELINA MARIA MORSCHEL
234	MÁRCIA DE OLIVEIRA
235	MÁRCIA KONDER
236	MÁRCIA REIS BITTENCOURT
237	MÁRCIA SILVINO
238	MARGARETE IRAÍ
239	MARIA APARECIDA NASCIMENTO
240	MARIA APARECIDA WOLFF CARDOSO
241	MARIA ÁSSIMA FADEL DUTRA
242	MARIA AUXILIADORA DUARTE
243	MARIA CRISTINA RADKE
244	MARIA DA GLÓRIA JESUS DE OLIVEIRA
245	MARIA DA ILHA
246	MARIA DA LUZ
247	MARIA DAS DORES CONCEIÇÃO LANGHAMMER
248	MARIA DE FÁTIMA BARRETO MICHELS
249	MARIA DE FÁTIMA HAMMES
250	MARIA DE FÁTIMA JOAQUIM
251	MARIA DE FÁTIMA MARTINS BAUMGÄRTNER
252	MARIA DE FÁTIMA VANZUITA DOS SANTOS
253	MARIA DE LOURDES KRIEGER
254	MARIA DE LOURDES SCOTTINI HEIDEN
255	MARIA DE LOURDES ZUNINO DUARTE
256	MARIA DO CARMO TRIDAPALLI FACCHINI
257	MARIA DO NASCIMENTO MARÉS
258	MARIA ELENA LAMEGO MATTOS
259	MARIA FRANCISCA SECCO
260	MARIA GERALDA SOPRANA DIAS
261	MARIA HELENA PIRES NORONHA
262	MARIA JARLETE GUIMARÃES

263	MARIA LÚCIA NASCIMENTO CAPOZZI
264	MARIA LUIZITA LUCIANI
265	MARIA MADALENA LEHMKUL ALTHOFF
266	MARIA MERCEDES MINETTO
267	MARIA ODETE OLSEN
268	MARIA SÉRGIA P. PASSOS
269	MARIA SYLVIA CARNEIRO
270	MARIA TERESINHA DHEBATIM
271	MARIA VILMA NASCIMENTO CAMPOS
272	MARIANA
273	MARIANA KLUEGER
274	MARILDA DE FÁTIMA BARROS
275	MARILDA WOLFF
276	MARILENE B. DE OLIVEIRA
277	MARÍLIA CRISPI DE MORAES
278	MARILU PERES RAMOS
279	MARINA PINA MUGNAINI
280	MARITA DEEKE SASSE
281	MARLENE DE FÁVERI
282	MARLENE RUCINSKI
283	MARLETE GUEDES DE MELLO
284	MARLI UHLMANN PORTES
285	MARLY DE PAULLA
286	MARTA CRISTINA FUSTÉ PADRÓS
287	MARTA MARTINS DA SILVA
288	MATILDE DO RUSSIL CHMILUK OLSEN
289	MAURA DE SENNA PEREIRA
290	MILA RAMOS
291	MILENE S. CORRÊA
292	MILKA LORENA PLAZA CARVAJAL
293	MIRIAM APARECIDA DA ROCHA
294	MIRIAM PORTELA
295	MIRNA NÉZIA ROMANI
296	MÔNICA CRISTINA PIRES NORONHA
297	MYBEL
298	NADIR HELENA DE BASTOS
299	NADIR VITOR DA SILVA
300	NANA TOLEDO

301	NARA SENA
302	NATÁLIA RAMOS
303	NEDI TEREZINHA LOCATELLI
304	NEIDA ROCHA WOBETO
305	NEIDE DE CÁSSIA VIEIRA
306	NEIDE MARIA DE SOUSA MOREIRA ARECO
307	NEIDI RODRIGUES
308	NEUSITA LUZ DE AZEVEDO CHURKIN
309	NEUZA MARIA SANTOS DE SOUZA
310	NÍDIA MARIA ALBINO DE BEM
311	NINI
312	NOÊMIA LUÍZA DA SILVA
313	NORMA BRUNO
314	NORMA MÔNICA SABEL
315	OLGA MARIA PIZETTI
316	OLGA REGINA ZIGELLI GARCIA
317	OLINDINA EULÁLIA HORVATH
318	ONDINA ROSILENE FORTES TONDELLO
319	OSMARINA MARIA DE SOUZA
320	PALOMA
321	PATRÍCIA ALAMINI RAMOS
322	PATRICIA ANGÉLICA DUTRA
323	PATRÍCIA DE FÁTIMA ALTHOFF
324	PATRÍCIA HOFFMANN
325	PATRÍCIA PHILIPPI
326	PAULINA SOBOTKA
327	RACHEL LIBERATO MEYER
328	RAQUEL FURTADO
329	RAQUEL RÉGIS ÁVILA
330	REGINA CARVALHO
331	RITA DE CÁSSIA ALVES
332	RITA DE CÁSSIA PETROSKI
333	RITA RAFAEL
334	RITA VALÉRIA DEBIASE
335	ROSA BRANCA
336	ROSA DE LIMA LEIDENS
337	ROSA DE LOURDES VIEIRA DA SILVA
338	ROSA DE SOUZA

339	ROSA GODOI
340	ROSA PASQUAL
341	ROSANA BOND
342	ROSANA TEODORO
343	ROSANE MAGALY MARTINS
344	ROSÂNGELA BORGES
345	ROSÂNGELA VERÔNICA DOS SANTOS
346	ROSANI APARECIDA SCHIAVINI
347	ROSELI BROERING DOS SANTOS
348	ROSELI GALLET
349	ROSELI SCHUTEL
350	ROSILAINE MARTINS
351	ROSILENE TONDELLO
352	RUTE MARIA COELHO AMORIM
353	RUTH DE FARIAS CORAL
354	RUTH LAUS
355	RYANA GABECH
356	SALETE BUENO
357	SALETE HOLSKE
358	SALMA FERRAZ
359	SANDRA LOSEKANN
360	SELMA MARIA FRANZOI DE AYALA
361	SILDA THEREZA
362	SILVIA BRUM
363	SILVIA GIOSO
364	SIMONE LUIZA BALDISSARELI
365	SIRLANE MELO BRÜGGEMANN
366	SIRLENE SILVEIRA DE AMORIM
367	SISSY DÂUM
368	SÔNIA RÉGIS
369	SONIA RIPOLL LOPES
370	STELA MARIA NASPOLINI
371	SUELI RODRIGUES BITTENCOURT
372	SUELI TEREZA MAZZUCO MAZURANA
373	SULAIR MARIA DE SOUZA
374	SUSAN HELENA DE SOUZA SILVEIRA
375	SUSANA NUNES
376	SUZANA ALBINO FRANÇA

377	SUZANA MAFRA
378	SYLVIA AMÉLIA
379	TALITA DANTA DE CAMPOS
380	TAMARA KAUFMANN
381	TÂNIA REGINA DOS ANJOS
382	TÂNIA RODRIGUES
383	TATIANA APARECIDA FERREIRA
384	TELMA GUILHERMINA
385	TELMA LÚCIA FARIA SARDÁ
386	TERCÍLIA AURORA DE SOUZA
387	TEREZA SIMAS AGUIAR
388	TEREZINHA LASAROTTO PARISOTTO
389	TEREZINHA MANCZAK
390	THAISE WOLFF
391	THERESE STUTZER
392	THEREZA SILDA CARBONERA
393	TIA STELA
394	URDA ALICE KLUEGER
395	VALDÍVIA PEREIRA MAFRA
396	VALÉRIA GONÇALVES
397	VANDA LÚCIA SENS SCHÄFFER
398	VANI TEREZINHA LOCATELI
399	VANILDA TENFEN MEDEIROS VIEIRA
400	VENINA DE BEM QUEIROZ
401	VERA DA COSTA VIANNA
402	VERA D'ÁVILA
403	VERA DE BARCELLOS
404	VERA MARIA SILVESTRE CRUZ
405	VERA REGINA BAIÉRLE
406	VERA TEZZA
407	VERA VIRGÍNIA VIEIRA
408	VILCA MARLENE MERÍZIO
409	VILMA BAYESTORFF
410	VIVIANE ROUSSENQ
411	WILMA OLIVEIRA SOUZA
412	YEDDA DE CASTRO BRÄSCHER GOULART
413	YONE GIANNETTI FONSECA
414	ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART

415	ZAIDA MARIA PACHECO
416	ZELÂNDIA RAMOS DOS ANJOS
417	ZÉLIA DE ANDRADE LEMOS
418	ZENILDA NUNES LINS
419	ZORAIDA HOSTERMANN GUIMARÃES
420	ZULEIDE MEDEIROS GARCIA



FONTES DE CONSULTA PARA O DICIONÁRIO

21 DEDOS DE PROSA. Florianópolis: Associação Catarinense de Escritores; Cambirela, 1980.

A FIGUEIRA. *Primeira antologia poética*. Florianópolis: Ed. A Figueira, 1983.

_____. *Terceira antologia poética*. Florianópolis: Ed. A Figueira, 1995.

_____. *Quarta antologia poética*. Florianópolis: Ed. A Figueira, 1996.

A literatura catarinense nos anos 80: catálogo da produção literária de autores catarinense publicada de 1980 a 1989. Florianópolis: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; UFSC, 1990.

A nova poesia brasileira. Rio de Janeiro: Shogun Arte, 1983.

ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. *Antologia*. JUNKES, Lauro (coord.). Florianópolis: ACL, 1991. Coleção ACL, nº1.

_____. *Santa Catarina: escritores e academias. Anais dos eventos culturais da ACL em 2007*. JUNKES, Lauro (coord.). Florianópolis: ACL, 2008. Coleção ACL, nº32.

_____. *Revista*. Florianópolis: ACL, 1995, nº13.

ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU. *Renascer da primavera*. Florianópolis: Ed. Papa-Livro, 2001.

ACADEMIA ITAJAIENSE DE LETRAS. *De Itajahy a Itajaí: cem anos de poesia*. FLORIANO, Magru (org.). Itajaí: AIL, 1999. 122p. il.

ACADEMIA ORLEANENSE DE LETRAS. *Mü*. Orleans: ACOL, 2004.

_____. *Nü*. Orleans: ACOL, 2005.

ACADEMIA SÃO JOSÉ DE LETRAS. *Sinfonia poética e prosa*. Florianópolis: Lunardelli, 2001.

_____. *Sinfonia poética e prosa*. São José – SC: ASAJOL, 2008 .

ACADEMIA TUBARONENSE DE LETRAS. *Fragments da alma*. Tubarão: Unisul, 2004. 204p.

_____. *Jardim das Letras*. Tubarão: Gráfica e Ed. Humaitá, 2007. 160p.

ALBEIRICE, Pedro. *Literatura catarinense*. Tubarão: Ed. do Autor, 1982).

AMORIM, Luiz Carlos. *Urda e o romance na literatura catarinense*. Disponível em: <http://br.geocities.com/prosapoesiaecia/urdaautores.htm>. Acesso em: 05 jun. 2009

Antologia Crioula de poetas lageanos – natos e adotivos. Lages: Ed. dos Autores, 1987.

ARENDARTCHUK, Áurea J. Dona Geraldina busca patrocínio para livro. *Jornal A Notícia*, Jaraguá do Sul, 20, novembro, 2002. Disponível em: <http://www1.an.com.br/anjaragua/2002/nov/20/index.htm>

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DOS PROFESSORES. *Fragments da memória – antologia*. Florianópolis, 2003.

ASSOCIAÇÃO DOS CRONISTAS, POETAS E CONTISTAS CATARINENSES. *1ª Antologia em prosa e verso*. Florianópolis: Ed.Papa-Livro, 1998.

_____. *1ª Antologia poética*. Florianópolis: ACPCC, 1996.

_____. *4ª Antologia poética*. Florianópolis: ACPCC, 2001.

_____. *5ª Antologia poética*. Florianópolis: ACPCC, 2002.

ASSOCIAÇÃO CHAPECOENSE DE ESCRITORES. *ACHE – prosa e verso: 8ª Antologia da Associação Chapecoense de Escritores*. Chapecó: ACHE, 2002.

ASSOCIAÇÃO LAGEANA DE ESCRITORES. *Nono Carretão de versos e prosas: operários literários – 20 anos da ALE* (Lages, ALE, 2010).

BARBOSA, Márcia Fagundes. *Vivendo além das fronteiras : O Guardaroupa alemão de Lausimar Laus*. 2002. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

_____. *Relações de gênero, raça e poder nas correspondências de imigrantes alemães no Vale do Itajaí*. 2004. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura* : ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1993. 253p. (Coleção ACL; nº3).

BEZERRA, Kátia da Costa (org.). *Tirando do baú: antologia de poetas brasileiras do século XIX*. Pedro Leopoldo, MG: Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, 2003. Col. Mulher e Literatura, v.VI.

BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1970. 2v.

Blumenauaçu: antologia de escritores blumenauenses. Blumenau: Cultura em Movimento, 1988.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

BRANCHER, Ana. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1991.

BRASIL, Assis. *Dicionário prático de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

BRASIL, Rodrigo. Maura de Senna Pereira buscou inspiração de sua poesia no também catarinense Cruz e Sousa. *Jornal A Notícia – Anexo*. Disponível em: <http://www1.an.com.br/2003/jul/20/0ane.htm>. Acesso em: 30 mai. 2009.

BRAUN, Andressa. *A Voz das Mulheres em Maura de Senna Pereira, a primeira jornalista catarinense*. Florianópolis, 2004. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho . Disponível em: <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1261.html>. Acesso em: 20 mai. 2009.

BRÜGGEMANN, Fábio (org.). *15 escritores*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. *18 poetas catarinenses: a mais nova geração deles* Florianópolis: FCC Ed.; Ed. Semprelo, 1991.

CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 2. ed. Laudes, 1970.

CÂNDIDO, Antônio. *A formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CARDOSO, Mirian Rosi. *Estudos culturais e gênero: mulheres na ficção de Urda Alice Klueger*. 2001. 157 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira (org.). *Este humor catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.

_____. *Este amor Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

CARVALHO, Regina (org.). *O novo conto Catarina*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2008.

_____. *Interpretação e resumo do livro “O guarda-roupa alemão”, de Lausimar Laus*. Disponível em:

www.exathum.com.br/area/download.php?tp_arq=horario&cd. Acesso em: 03 mai. 2009.

CHAGAS, Luiz. O prazer da escrita. *Revista Istoé*, 01 nov. 2006.
Disponível em:
http://www.terra.com.br/istoe/1932/cultura/1932_prazer_da_escrita.htm.
Acesso em: 28 mai. 2009.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira (1882/1982)*. São Paulo: Quíron/Brasília, INL, 1984.

Contistas e Cronistas Catarinenses. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979.

Contistas de Blumenau. Florianópolis: Ed. Lunardelli; co-edição Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1979.

Contistas de Blumenau II. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau; Florianópolis: Lunardelli, 1980.

Contos de Professor. Florianópolis: EDEME, 1997.

Contos e poemas: vencedores dos prêmios: “Virgílio Várzea” – contos – 1979 e “Luiz Delfino” – poesias – 1979. Florianópolis: FCC, 1983.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *História da Cultura catarinense*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Diário Catarinense, 1997. 236p. il.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1990.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil*. 1996. 138, [156]f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.

DOM PERNETTY, Antoine. Historie d'un voyage aux Isles Malouines, fait en 1763-1764... Traduzido por Carmen Lucia Cruz. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 83.

DUPERREY, Louis Isidore. Voyage autor du monde... Traduzido por Gilberto Gerlach e Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 249.

Donatila Borba: projeto leia e repasse. Disponível em: projetoleiaerepasser.wordpress.com/donatila-borba. Acesso em: 19 nov. 2009.

DRANKA, Renata A. P. *Antonieta de Barros*: trajetórias discursivas. 2003. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – UNISUL. Florianópolis, 2003.

DUTRA, M. A. ; JUNKES, L. (Org.) . *Assembléia das Aves e Outros Poemas*, de Marcelino Antônio Dutra. 1. ed. Florianópolis: Nova Letra/Academia Catarinense de Letras/Associação Catarinense de Imprensa, 2006. v. 1. 124 p.

FILIPAK, Francisco; SICURO, Nélson Antônio. *Antologia do Vale do Iguaçu*. União da Vitória: Fundação Estadual de Filosofia, Ciências e Letras, 1976.

Flagrantes do cotidiano: contos. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; Letras Contemporâneas, 1994.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de Mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

Florianópolis ontem e hoje. Disponível em: <http://floripendio.blogspot.com/>. Acesso em: 21 out. 2010.

FONTÃO, Luciene. *Nos passos de Antonieta: escrever uma vida*. 2010. Tese (Doutorado em Letras – Teoria Literária) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Bibliografia anotada – mulher brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1979. vol.1.

_____. *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

GEORGE, David S. In: Prefácio de *No silêncio das nuvens*. São Paulo: Ed. Global, 2001. p. 18.

GOMES, Elizabete Paulina. *Professoras primárias : a construção profissional de alfabetizadoras negras em Florianópolis (1950-1970)*. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2006.

GOULART, Yedda de Castro (Org.). *Presença da Literatura Infantil e Juvenil em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Insular; Blumenau, FURB, 2009.

GROTH, Marlise. É assim que Rita de Cássia Alves define o livro “Denúnia de Pétalas”, que exigiu dez anos de preparação. *Jornal A Notícia*, Joinville, 17 out. 2002. Caderno Anexo. Disponível em: <http://www1.an.com.br/2002/out/17/0ane.htm>. Acesso em: 18 nov. 2009.

GRUPO DE POETAS LIVRES. *Primeira antologia: poesia e outros textos*. Florianópolis: GPL, 1999.

_____. *Segunda antologia: contos, crônicas e poesias*. Florianópolis: GPL, 2000.

_____. *Grupo de Poetas Livres – 10 anos*. Florianópolis: Editograf, 2008.

GUERINI, Andréia; WEININGER, Markus. Entrevista com Eglê Malheiros. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v.12, nº12, p.175-180, 2003.

HOHLFELDT, Antonio. *A literatura catarinense em busca da identidade: o conto*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. Coleção Santa Catarina, v. 26.

_____. *A literatura catarinense em busca da identidade: o romance*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis, FCC, Ed. da UFSC, 1994.

HUBER, Walburga. *Saudade e esperança*. Blumenau: Ed. FURB, 1993.

_____. *Marie Luise/Therese Stutzer*. Blumenau: Cultura e Movimento, 2002.

_____. *Deutsche Worte, deutsche Weisen: A literatura dos imigrantes alemães do Vale do Itajaí/SC.*, 2008. Disponível em:
http://www.letras.ufrj.br/liedh/media/docs/art_valb3.pdf. Acesso em: 17 nov. 2009.

JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

_____. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Lunardelli, 1982.

_____. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: Editora UFSC, 1987.

_____. *Antologia*. Florianópolis: Ed. da Academia Catarinense de Letras, 1991.

_____. *A literatura de Santa Catarina: síntese informativa*. Florianópolis: Ed. do Autor; UFSC, 1992.

_____. A mulher desmascara seus desencontros. In: LAUS, Ruth. (Org.). *Décima Carta*: Laus apenas. Rio de Janeiro: Gráfica Cervantes, 1994.

_____. Maura de Senna Pereira por ela mesma. *Ô Catarina!*, Florianópolis, p. 04 - 06, 01 nov. 2004.

_____. *Caminhos do mar*: antologia poética açoriano-catarinense. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras/Fundação Aníbal Pires, 2005. 181p.

JUNKES, L. (Org.) ; PEREIRA, M. S. (Org.) . *Busco a Palavra - Antologia Poética de Maura de Senna Pereira*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985. v. 1. 184 p.

JUSTINO, L. B. . Edla Van Steen: o erótico oscilando entre a permanência e a renovação. In: *XIII Semana de Letras da Universidade Estadual da Paraíba*, 2006, Campina Grande. Anais da XIII Semana de Letras da Universidade. Campina Grande : EDUEP, 2006.

KALCKMANN, Reginalda Eli. *Maura em flor* : uma fotobiografia. 2007. 300 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Lit. Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

KAMITA, Rosana Cássia. *A morte da personagem feminina em D. Narcisa de Vilar, de Ana Luísa Azevedo Castro*. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/12rosanabh.htm>. Acesso em: 11 mar. 2009.

KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Blumenau, FCC.

KOTZEBUE, Otto von. *Voyage of Discovery in the South Sea and to Behring's Straits...* Traduzido por Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 228.

KRETZER, Fabiana. *Delminda Silveira – contos e instantes*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras – Lit. Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

LANGSDORFF, G. H. Von. *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1805 bis 1807*. Traduzido por Dolores R. Simões de Almeida. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 163.

Leonor faz 70 anos com obra nova publicada. *Jornal A Notícia*, Florianópolis, 22 mai. 1999. Disponível em:
<http://www1.an.com.br/1999/mai/22/0ane.htm>. Acesso em: 04 jun. 2009.

LESSON, René Primevère. *Voyage autour du Monde*. Paris. P. Pourrat Frères. Éditeurs 1803. Traduzido por Gilberto Gerlach. In: Berger, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 267.

LINS, Zenilda Nunes (org.). *Contos em família*. Florianópolis, Ed. Garapuvu, 2004.

_____. *Contos de professor*. Florianópolis: EDEME, 1997.

_____. *Poemas de professor*. Florianópolis: EDEME, 1997.

LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

LOURENÇO, Camila Morgana . *Retrato Literário - Urda Alice Klueger e o fazer literário*. Itajaí: Editora Univali/Edifurb, 2004. v. 1. 177 p.

MACHADO, César do Canto. *Biografia de catarinenses notáveis*. Florianópolis: Insular, 2001.

MACHADO, Janete Gaspar. *A literatura em Santa Catarina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

_____. *Constantes ficcionais em romances dos anos 70*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

"Marie Luise" romantiza memória teuto-brasileira. *Jornal A Notícia*, Joinville, 13 abr. 2004. Disponível em:
<http://www1.an.com.br/2004/abr/13/0ane>. Acesso em: 16 nov. 2009.

MATTOS, Maria Elena Lamego. *Corações mordidos : imaginação e memória*. 1996. 64 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1986.

MEIRINHO, J.; JAMUNDÁ, T. C. *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina*. Florianópolis: EDEME, 1971.

MELO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1980.

_____(coord.). *História sócio-cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto: I.H.G.S.C.: Lunardelli, 1991.

MELO, Osvaldo F.; MIGUEL, Salim. *Contistas novos de Santa Catarina*, 1952.

MELO FILHO, Oswaldo F. de. *Introdução à história da literatura catarinense*. Porto Alegre: Movimento, 1980.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MEYER, Rachel Liberato. *Uma menina de Itajaí*. Apresentação de Alfredo Liberato Meyer. Introdução de Tânia Regina Oliveira Ramos. Ed. Mulheres/FCC, Florianópolis, 1999. 140 p.

MORGA, Antônio Emílio (org.). *História das mulheres de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas; Chapecó: Ed. Argos, 2001.

_____. Olhares em desejo: corpos em cobiça. In: *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 44, out. 2010.

MUZART, Zahidé L. Literatura feminina em Santa Catarina. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 03 ago. 1987a. Variedades.

_____. A literatura das descendentes dos alemães (I). *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 ago. 1987b. Variedades.

_____. Escritoras desterrenses. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 ago. 1988a. Variedades.

_____. A desterrense nos relatos dos viajantes. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 22 ago. 1988b. Variedades.

_____. Uma vocação literária: Ibrantina Cardona. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 out. 1988c. Variedades.

_____. Jornal feminino no início do século. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 nov. 1988d. Variedades.

_____. Nos caminhos de Amaline. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 28 nov. 1988e. Variedades.

_____. *As cartas de Júlia da Costa*. Florianópolis, *Diário Catarinense*, 17 ago. 1987, p.6.

_____. *Lendo Júlia da Costa*. Florianópolis: UFSC, Rev. Teias, ano I, n.2, dez/1989, p.104-08)

_____. Narrativa feminina em Santa Catarina (do século XIX até meados do século XX). In: Organon 16 – *Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 1989. p.227-235

- _____. *Artimanhas nas entrelinhas: o paratexto de escritoras do século XIX*. FUNCK, Susana Bornéo (org.). *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Edeme, 1994, p.263-70.
- _____. *Uma precursora: Ana Luísa de Azevedo Castro*. CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. D. Narcisa de Villar. 3. ed. Florianópolis: Mulheres, 1997, p.5-15.
- _____. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.
- _____. Delminda Silveira. In: *GT A Mulher na Literatura*, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL). Org. Peônia Viana Guedes & Sandra Regina Goulart Almeida, 2002-2004. Disponível em: http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/delminda_vida.html. Acesso em: 22 nov. 2009.
- _____. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004, vol. II.
- _____. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009, vol. III.
- NUNES, Karla Leonora Dahse. *Antonietta de Barros: uma história*. 2001. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- OLIVEIRA, Américo Lopes; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1967.
- OLSEN, JR. Oldemar (org.). *Outros catarinenses escrevem assim*. Blumenau, Ed. Acadêmica, 1979.
- _____. *Os contos premiados da FURB*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: FURB, 1986.

Os contos da FURB. Blumenau, Ed. Acadêmica, 1979.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

PEREIRA, Abel (org.). *Primeira Antologia Poética de A Figueira.* Florianópolis: Ed. A Figueira, ago. 1993.

PEREIRA, Carlos da Costa. *Traços da vida da poetisa Júlia Maria da Costa.* Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

PEREIRA, Francisco José (org.). *Contos de carnaval.* Florianópolis: Garapuvu, 1997.

PIAZZA, Walter F. *Dicionário político catarinense.* Florianópolis: Ed. da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. 636 p. ilust.

PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. *Palavras e registros.* Florianópolis: ACL, 1993.

Poetas de Blumenau. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982.

Poetas e contistas de Blumenau. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989.

PUFF, Lia C. (Org.). *Uma enteada da natureza:* Gertrud Gross Hering. Florianópolis: Ed. UFSC; Blumenau: Cultura em Movimento, 2000.

Rachel Liberato Meyer. Disponível em:
cifrantiga.blogspot.com/2008_09_01_archive.html. Acesso em: 19 nov. 2009.

RENAUX, Maria Luiza. *O papel da mulher no Vale do Itajaí — 1850-1950.* Blumenau: Editora da FURB, 1995.

ROCHA, Marjorie Nunes Miranda da. *Três narrativas/o mesmo tema: a imigração alemã nos romances de Lausimar Laus.* 2004. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) - Centro de

Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

RUFFATO, Luiz (org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: FCC Edições, 1981.

SACHET, Celestino. *Os três discursos de "Ofélia dos Navios"*: uma tentativa de análise globalizante. 1979. 97 f Trabalho apresentado para o concurso público de professor titular no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, na UFSC.

_____. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979.

_____. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.

SACHET, C.; SOARES, Iaponan. *Presença da Literatura Catarinense*. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1989.

SACHET et al. (org.). *A mulher catarinense (publicações)*: catálogo da exposição 1990. Florianópolis: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina; UFSC, 1990.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem a Curitiba e Santa Catarina. Traduzido por Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

SANTA CATARINA. Prefeitura Municipal de Dona Emma. Disponível em: <http://www.donaemma.sc.gov.br>. Acesso em: 14 abr. 2009.

SANTOS, Maria de Lurdes R. dos. *A violência urbana na obra ficcional de Edla Van Steen*. 2004. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras-Literatura Brasileira). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

S. THIAGO, Arnaldo de. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro: [s.n], 1957.

SARAU ELETRÔNICO - *Gertrud Gross-Hering*. Blumenau: FURB. Disponível em:
http://www.bc.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=21&Itemid=33. Acesso em: 17 nov. 2009.

SCHROEDER, Rosa Maria Steiner. *Uma mulher além de seu tempo : Maura de Senna Pereira*. 1997. 165f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciencias Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SEIDLER, Carl. Dez Anos no Brasil. Traduzido pelo Gen. Bertoldo Klinger In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 241.

SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.10, n. 22, July/Dec. 2004. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200007#back28. Acesso em: 16 nov. 2009.

SILVA, Josefina da. *Antonieta de Barros-Maria da Ilha* : discurso e catequese. 1991. 307f Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

SILVEIRA DE SOUZA (Org.). *Poesia contemporânea de Santa Catarina*. Florianópolis: Garapuvu, 2003.

SOARES, Iaponan. *Uma poetisa do século XIX*. Florianópolis, *Diário Catarinense*, 24 out. 1988, p.6.

_____. *Panorama do conto catarinense*. Porto Alegre: Ed. Movimento; Instituto Nacional do Livro, 1974.

SOARES, Iaponan et al. (org.). *O romance catarinense: exposição*. Catálogo. Florianópolis: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Departamento de Língua e Literatura Vernáculas – UFSC. Hall da Biblioteca Pública do Estado, 29 de maio a 29 de junho de 1991.

SOCIEDADE ESCRITORES DE BLUMENAU. *Gente que é: contos e crônicas*. Blumenau, Novalettra, 2007.

SOUTO-MAIOR, Valéria A. *Índice das dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 1996.

STEEN, Edla Van (org.). *Erotismo no Conto Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

THIAGO, Castorina Lobo S. "Discurso de posse à cadeira 10 da Academia Catarinense de Letras". In: *Signo*. Florianópolis. n. 7, a. 17, 1984-1985, p. 133-144.

TRACHSLER, Heinrich. Reisen Schicksale und Tragikomische Albenteur eines Schweizers... Traduzido por Pe. Roberto Hyrobeck. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 324.

Gertrud Gross-Hering. In: TUDO SOBRE ARTES. Disponível em: <http://www.allaboutarts.com.br/default.aspx?PageCode=12&PageGrid=Bio&item=0804L6>. Acesso em: 17 nov. 2009.

Vendaval da Saudade (Antologia). Passo Fundo: Berthier, 1995.

VENUTTI, Fátima (org.). *Estação Catarina: o trem passou por aqui*. Blumenau: Nova Letra, 2009.

VIEIRA, Emanuel M. *Assim escrevem os catarinenses* (contos). São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1976.

VIEIRA, Vilca Marlene. *Uma leitura metafórica d'O guarda-roupa alemão, de Lausimar Laus.* 1978. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1978.

WOLFF, Joca (Org.). *Indicador catarinense de escritores* (Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993, 264 p. il.)

ZIMMERMANN, Joseane. *Ao sul os desejos: a cidade transfigurada na poesia de Eglê Malheiros.* 1996. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

